

Claudio Ribeiro Huguet

ADOLESCENTES POBRES E O TRÁFICO DE DROGAS
EM FAVELAS DO RIO DE JANEIRO: APROXIMAÇÃO
SOCIOLOGICA E PSICANALÍTICA AO PROBLEMA

Tese apresentada ao Departamento de
Ciências Sociais da ENSP - FIOCRUZ
como parte dos requisitos para
obtenção do título de doutor em Saúde
Pública.

Orientadora: Karen Mary Giffin

Departamento de Ciências Sociais
Escola Nacional de Saúde Pública - FIOCRUZ

Rio de Janeiro, agosto de 2005

- Aos adolescentes
que puderam
confiar e falar:
- Vitor,
- Diogo,
- Theo,
- Wellington
- E Ronaldo e
- Ao meu filho
Lucca (pela
paciência de
esperar)

AGRADECIMENTOS

- Ainda às adolescentes Natalia, Elena, Ivna, Renata e Claudia por poderem também acolher-me no abrigo, por confiarem e poderem falar.
- A meus pais, pelo permanente apoio.
- A meus irmãos Clarissa, que acabou envidando esforços circunscrevendo o mesmo tema, Priscila pela leitura atenta e sugestões de melhoria, e Guilherme, pelo apoio moral.
- Ao Lucca, meu filho, fonte de inspiração.
- À Karen Giffin pela compreensão e ousadia no acolhimento desta orientação e comprometimento em sua luta por uma sociedade mais justa.
- A Vivianne Caldas Beserra pelo apoio em momentos difíceis.
- Ao CNPq pela bolsa oferecida durante quatro anos.
- Ao Dr. Jorge Volnovich, que colaborou informalmente na orientação, através de produtivas conversas, debates e sugestões.
- A(o) técnico(a) que mediou minha entrada no abrigo.
- À Diretora do abrigo que acreditou na proposta, defendendo-a.
- Ao Secretário de Assistência Social, que também acreditou na idéia.
- A todos os funcionários (técnicos e não técnicos) do abrigo que puderam acolher-me e ajudar no meu trabalho sempre que puderam, não medindo esforços para tal. Agradecimento especial à equipe da cozinha pelos gostosos almoços que compartilhei com adolescentes e profissionais.
- Ao apoio obtido no espaço de supervisão clínica, especialmente a Maria Inês Tozatto, bem como à...
- Eliane Dalmácio, pelo interesse demonstrado, rapidez no retorno.
- A todos que, de uma forma ou de outra, contribuíram através do diálogo para o esclarecimento ou aprofundamento de temas relacionados a este trabalho.

Primeiramente, tio, um trabalho digno. Certo? Uma chance no mercado de trabalho, e também um bom estudo, e também uma... Uma família, né? Que família dá mais moral aos jovens. [*O que você acha que pode atrair um jovem a entrar para o tráfico?*] Em primeiro lugar, a amizade, tá ligado (...), segundo lugar o dinheiro fácil, dinheiro fácil, em terceiro lugar, a diferença, são as três coisas que levam o moleque mais pra vida do crime e tem outra coisa também...

(...)

O filho quer ser o que o pai é. Não é? Se o pai é mecânico, (...) ‘quando crescer vou ser mecânico!’, se o pai é motorista, ‘vou ser igual meu pai, quando crescer vou ser motorista!’, se o pai é o maior bandidão, maior traficante, (...) ‘vou ser igual a meu pai, vou ser traficante!’, sabe como é que é né a criança vai crescendo vendo aquilo, ainda por cima sem o pai, que morreu também na vida do crime (...).Acaba entrando também ‘Váa!’, aí ele pode também daqui em diante arrumar outra mulher, constituir vários filhos e também acabar morrendo igual à situação do pai dele...

(...)

(...) O moleque não teve uma chinfra, não teve uma chance, não teve escola, trabalho, (...) mas se o moleque for guerreiro, não for um teleguiado, se for assim, tipo assim, cabeça feita, moleque inteligente, pô, ele com certeza vai procurar um outro jeito de arrumar dinheiro: catando ferro, camelô, vender refrigerante na praia, várias paradas, entendeu?

Diogo (16 anos), abrigado.

RESUMO

Propusemo-nos neste trabalho a alcançar uma compreensão mais profunda das circunstâncias, processos e motivações (inconscientes, inclusive) envolvidas na aproximação de adolescentes pobres, moradores de favelas fluminenses, ao tráfico de drogas. Neste sentido apresentamos conceitos que consideramos relevantes como os de declínio da função paterna, desfiliação, totalitarismo do consumo, estereótipos de gênero, como os hipermachistas, ligados à cultura de violência, crítica a mensagens ideológicas, dentre outros. Posteriormente, seguindo roteiro inspirado em nossas questões e nos conceitos, fizemos entrevistas semi-estruturadas profundas com cinco jovens em situação de abrigamento. Dentre os cinco, quatro estiveram envolvidos no tráfico de drogas trazendo informações importantes sobre suas vidas, sobressaindo-se nestes relatos, o modo como a violência fez parte de suas vidas desde muito cedo, eles na condição de vítimas. Suas reações às vivências da infância e adolescência mostraram como estas feridas que foram abertas, banhadas em um caldo de cultura ligado aos valores do crime organizado – parte do qual circunscrevemos sob o nome de *cultura de comando*, participam de complexa trama de fatores que contribuem para engendrar respostas igualmente ou mais violentas (se é que é possível comparar). Sob o nome *cultura de comando* percebemos um conjunto diferenciado de leis, valores, modo de comunicação, comportamentos, arte (em especial músicas), organização hierárquica, modo de exercício do poder, dentre outros elementos, estabelecido nas favelas cariocas sob domínio de facções do tráfico de drogas, e disseminando-se para outros espaços da cidade, especialmente através dos mais jovens. Percebemos ainda a poderosa e nefasta contribuição do uso de drogas para tornar cíclica a inserção do jovem no crime.

Palavras-chave: Jovens Pobres em Favelas; Compreensão Sócio-Psicanalítica; Identidade Masculina; Tráfico de Drogas; Desfiliação.

ABSTRACT

We aimed to achieve a profound knowledge of the circumstances, process, and motivations (including the unconscious ones) involved in the process where poor adolescents living in the slums of Rio de Janeiro get involved with drug dealing. Following this purpose we discuss some ideas as the decline of the function of the father, *defiliation* (Castel), new forms of totalitarianism, as the one of the consumerism, gender stereotypes, especially the hyper-macho one and their contribution to a culture of violence. In the sequence we talked to five adolescents in a government shelter situation, using semi structured interviews inspired by our main questions and by the ideas of the authors we presented formerly. Of these five, at least four have been involved with drug dealing, bringing important information about their lives, of which we would like to point out the way in which violence has been present since the very early years, in the victim condition. Their reactions to what they suffered in their childhood and adolescence show how these wounds, still open, and in touch with a cultural concoction connected to the values of the organized crime – part of which we decided to call *commando's culture* – compose a complex set of factors that contribute to produce equally or even more violent responses. By *commando's culture* we detect a detached set of aspects: laws, values, forms of communication, patterns of behaviors, art (especially funk music), hierarchical organization, forms of commanding, among other elements, established in Rio de Janeiro's slums under control of the drug dealers, and spreading to other spaces in the cities, through youngsters. We also point out the powerful and destructive contribution of drug abuse to turning the participation of youngsters in crime cyclical and almost compulsory.

Key words: Poor Youngsters of Favelas; Socio-Psychoanalytic approach; Masculine Identity; Drug Dealing; Defiliation.

SUMÁRIO

PREÂMBULO: CENA DE ABERTURA

INTRODUÇÃO.....	01
I. JUSTIFICATIVA.....	06
I.1. ALGUNS INDICADORES DO GENOCÍDIO FRATRICIDA LIGADO AO TRÁFICO DE DROGAS	06
I.2. MUDANÇAS NA FAMÍLIA E ANÁLISE PRELIMINAR DO TRÁFICO NESTE CONTEXTO	08
II. CONCEITOS, AUTORES E TEMAS RELEVANTES AO OBJETO	10
II.1. O PONTO DE VISTA DA ESCOLA DE FRANKFURT – DECLÍNIO DO PAI, DECLÍNIO DA FAMÍLIA	10
II.2. ADOLESCENTES POBRES E SUA VULNERABILIZAÇÃO DIANTE DO TRÁFICO DE DROGAS	22
II.3. UMA HISTÓRIA DE DESFILIAÇÃO	28
II.4. INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA EM UM MUNDO DO CONSUMO	32
II.5. CONSUMO, IDEOLOGIA	34
II.6. GÊNERO E IDEOLOGIA	37
III. OBJETIVOS	42
IV. CAMPO EPISTEMOLÓGICO E MÉTODOS.....	46
IV.1. EPISTEMOLOGIAS	46
IV.2. IDEOLOGIAS	53
V. O CAMPO: MÉTODOS E TÉCNICAS NA APROXIMAÇÃO AO CAMPO.....	60
V.1. VICISSITUDES DE UMA PESQUISA DE CAMPO: EM BUSCA DA PALAVRA DOS JOVENS	62
V.1.1. <i>CONTEXTUALIZAÇÃO DO AMBIENTE</i>	66
V.1.2. <i>UMA APRESENTAÇÃO... AO PRÉDIO</i>	69
V.2. CONVERSANDO COM OS JOVENS: APRESENTANDO-ME AO GRUPO	70
V.2.1. <i>PONTO DE ANCORAGEM NA INSTITUIÇÃO</i>	70

V.2.2. <i>ENTRADA EM CAMPO: GRUPO DE APRESENTAÇÃO E ACORDO DE REGRAS DE CONVIVÊNCIA: UM EXEMPLO</i>	71
V.2.3. <i>O PRIMEIRO GRUPO; DE APRESENTAÇÃO</i>	73
V.3. OS GRUPOS FOCAIS	77
V.3.1. <i>RÁPIDA APRESENTAÇÃO DAS CONTRIBUIÇÕES DE UM GRUPO FOCAL PARA A PESQUISA</i>	79
V.4. A ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA: UMA CONVERSA QUE SE ALONGA	86
V.4.1. <i>MUDANÇAS NO DESENHO DO ROTEIRO DE ENTREVISTAS</i>	87
VI. DESCRICAO DOS DADOS E ALGUMAS PONTUAÇÕES.....	90
VI.1. VISADA SOBRE UMA UMA FAMÍLIA QUE FALTA EM UMA SOCIEDADE DESIGUAL	90
VI.1.1. <i>WELLINGTON: PAI PRESENTE, PORÉM</i>	93
VI.1.2. <i>DIOGO: VIVÊNCIA DA FOME FÍSICA E VONTADE DE SABER</i>	96
VI.1.3. <i>THEO: UMA VIDA ATRAVESSADA PELA MORTE</i>	99
VI.1.4. <i>RONALDO: DE MÃOS EM MÃOS – A CIRCULAÇÃO INFORMAL DE CRIANÇAS</i>	102
VI.1.5. <i>VITOR: DO ORFANATO AO ABRIGO E AO...</i>	106
VI.2. INFÂNCIA.....	110
VI.2.1. <i>INFÂNCIAS PERDIDAS?</i>	110
VI.2.2. <i>NA ESCOLA</i>	112
VI.2.3. <i>CRIAÇÃO: PRENDER OU SOLTAR?</i>	116
VI.2.4. <i>A PRIMEIRA REGULARIDADE INEQUÍVOCA: OS MAUS TRATOS</i>	120
VI.3. ADOLESCÊNCIA	125
VI.3.1. <i>FAMÍLIAS QUE NÃO CONTÉM: A SAÍDA DE CASA</i>	126
VI.3.2. <i>JOVENS SOLTEIROS, SEM FILHOS, E SUAS INCURSÕES PELOS MUNDOS DO TRABALHO</i>	129
VI.3.3. <i>AMIGOS E REDE: AMIGO MESMO, SÓ DEUS</i>	134
VI.3.4. <i>DEIXANDO DE SER CRIANÇA</i>	141
VI.3.5. <i>ADOLESCÊNCIA: CATALISA-DOR</i>	144
VI.4. AS QUESTÕES DE GÊNERO NO CONTEXTO SOCIAL DOS ENTREVISTADOS.....	146
VI.4.1. <i>NOTAS PRELIMINARES SOBRE A IDENTIDADE MASCULINA DOS ENTREVISTADOS</i>	147
VI.4.2. <i>NAMORANDO: O APELO DO TRÁFICO</i>	153
VI.4.3. <i>APRENDENDO SOBRE SEXO, VIVENDO O SEXO</i>	158
VI.4.4. <i>GRAVIDEZ ADOLESCENTE</i>	161
VI.5. IDENTIFICAÇÕES	163
VI.5.1. <i>DO PAI</i>	164

VI.5.2. <i>A AVÓ E O TRAFICANTE</i>	167
VI.5.3. <i>MARCAS N'ALMA</i>	176
VI.6. <i>FAMÍLIA: FRAGMENTOS E FALTA DE EXPECTATIVAS – ORIGEM E FUTURO</i>	179
VI.7. <i>IDENTIDADE NO CONTEXTO DO TRÁFICO</i>	183
VI.7.1. <i>OBJETOS A CONSUMIR, CORPOS CONSUMIDOS</i>	184
VI.7.2. <i>DISSOLUÇÃO DA, – THINNER, COLA, LOLÓ, MACONHA, COCAÍNA ('QUANDO A DROGA É BOA, TU NÃO VÊ MAIS NADA')</i>	189
VI.7.3. <i>MASCULINIDADE ESTEREOTIPADA</i>	196
VI.7.4 <i>INVISÍVEL / FALADO E DESEJADO / FORAGIDO / ? / OS JOVENS E SEUS VALORES</i>	202
VI.8. <i>NOS TERRITÓRIOS DO TRÁFICO DE DROGAS</i>	218
VI.8.1. <i>TERRITÓRIOS COMANDADOS – A TERRITORIALIZAÇÃO PELO TRÁFICO</i>	219
VI.8.2. <i>RELAÇÕES INTER-PESSOAIS NO TRÁFICO E COM A COMUNIDADE: MAIS MEDO QUE RESPEITO</i>	236
VI.8.3. <i>TRÁFICO E OS ENTREVISTADOS: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A (IM) POSSIBILIDADE DE ESCOLHA DOS JOVENS</i>	251
VI.8.4. <i>A BUSCA POR UM NOVO CAMINHO. VOLTAR AO CRIME? APENAS SE NADA MAIS TIVEREM A PERDER</i>	273
VI.8.4.1. <i>NOTA SOBRE POSSIBILIDADES E IMPOSSIBILIDADES DE ACESSO AO INCONSCIENTE</i>	281
VI.9. <i>INSTITUIÇÕES</i>	286
VI.9.1. <i>ALGUMAS PALAVRAS SOBRE INSTITUIÇÕES</i>	287
VI.9.2. <i>O SER POLÍTICO: CIDADANIA PERDIDA OU NUNCA CONSTRUÍDA. É POSSÍVEL RECUPERAR / CONSTRUIR?</i>	299
VII. <i>DISCUSSÃO: FILIADOS, DESFILADOS: O PARADOXO DA SOCIABILIDADE NO TRÁFICO DE DROGAS</i>	302
VIII. <i>CONCLUSÃO</i>	310
BIBLIOGRAFIA	316
ANEXO 1 - GRUPO DE APRESENTAÇÃO: ROTEIRO E RELATO	328
ANEXO 2 - GRUPO FOCAL: ROTEIRO E RELATO DO PRIMEIRO GRUPO	331
ANEXO 3 - ROTEIRO DE ENTREVISTA	344
ANEXO 4- SONHOS E PESADELO DE THEO	349

PREÂMBULO: CENA DE ABERTURA

Sábado, seis e meia da tarde em uma rua calma, próxima à entrada de um dos muitos morros cariocas. Saindo de carro, começamos a descer a ladeira. Vem correndo em nossa direção um grupo de crianças, algumas delas, as conhecemos de vista. Misturado com o fim do grupo de crianças vem um grupo de garotos mais velhos. No lusco-fusco do entardecer só é possível perceber que portam armas quando um deles brande algo metálico, acenando e reclamando do farol do carro, como se fôssemos obrigados a saber identificar rapidamente a aproximação de um grupo armado. Obrigados a saber que temos que apagar imediatamente os faróis em compulsória cumplicidade. Eles agora não querem ser vistos. Querem a proteção da noite que vem chegando. Nem sempre é assim.

Dez minutos depois vemos um menino de oito ou dez anos, correndo pela calçada, olhando para frente e para trás, aparentando nervosismo, o corpo frágil e magro retesado. Com suas pequenas mãos simula uma arma de fogo e atira na direção dos colegas que vêm correndo atrás. Dez minutos após a passagem do grupo de adolescentes armados, as crianças que os precediam encenam a troca de tiros que desta vez não aconteceu. Quem são estas crianças? Como é a vida delas? Quem são os adolescentes? E como são suas vidas?¹

¹ Reportagem do Jornal O Globo do dia 26 de março de 2005 traz como título: “Meninos da Rocinha brincam de guerra entre facções” e menciona a substituição da tradicional brincadeira de polícia e ladrão pela de simulação de invasão de traficantes em áreas rivais. As crianças fingem invadir um morro vizinho, dominado por outra facção. Tal prática mostra como o tráfico atinge profundamente a subjetividade das crianças (CÁSSIA, C. em reportagem de O Globo de 26 de março de 2005).

INTRODUÇÃO

Iniciamos este trabalho, no capítulo I referindo às muitas estatísticas que têm demonstrado um significativo aumento da mortalidade de adolescentes e jovens do sexo masculino, pobres, de cor e moradores de favelas, vilas (pobres) e periferias de grandes metrópoles, como Rio de Janeiro, São Paulo e Recife.

Refinando um pouco os dados e fazendo algumas correlações preliminares percebemos que tais taxas de mortalidade adquiriram um ritmo de aumento mais significativo a partir da década de 80. Este período coincide com a consolidação de uma organização criminosa chamada Comando Vermelho que esteve à frente da distribuição e venda no Brasil da cocaína colombiana que passava a ser enviada em quantidade crescente para nosso país. Os homens usados na operacionalização, especialmente na ponta de venda, eram os mesmos que começaram a inflar as taxas de mortalidade, ainda crescentes. A entrada de jovens para o tráfico de drogas vem então, cada vez mais, passando a ser assunto de competência e necessária atenção também da saúde pública.

Acompanhamos a seguir, na segunda seção do capítulo I, de forma exploratória, algumas mudanças na família brasileira contemporânea, especialmente quando contrastamos a influência dos responsáveis sobre a própria prole com a importância que assume o tráfico de drogas nas favelas do Rio de Janeiro. O espaço que este vem ocupando tem alcançado não apenas o imaginário de crianças e jovens de tais locais como também interferido de forma irreversível no cotidiano dos moradores.

Pudemos então repensar os processos sociais inerentes ao redesenho das famílias com o aumento da presença da forma familiar “mulher com filho sem cônjuge” na sociedade brasileira. Para além dos aspectos subjetivos e inconscientes da ausência da figura paterna, percebemos os efeitos deletérios da obrigação da retirada também da mãe destes lares: obrigada a trabalhar para sustentar o grupo familiar, sem contar com o apoio social ou estatal.

No capítulo II apresentamos alguns autores e conceitos que consideramos relevantes para este trabalho. Recorremos inicialmente às idéias de alguns pensadores da Escola de Frankfurt, em especial Adorno e Horkheimer em sua ousada empreitada interdisciplinar. A partir das análises feitas pela Escola de Frankfurt sobre mudanças no trabalho e na família, vislumbramos a possibilidade de correlacionar dois momentos históricos e geográficos diferentes a partir do diálogo entre estas análises e o conceito de desfiliação de Castel, apresentado na seção II.3. Enquanto os primeiros referiam à saída do pai do seio da família

para trabalhar como assalariado, com conseqüente declínio de sua imponência e importância simbólica e esfriamento afetivo no seio da família, Castel (1991) abordou simultaneamente as conseqüências nefastas da degradação não apenas dos vínculos do indivíduo com o trabalho, mas também dos seus vínculos sociais em geral, levando-o à crescente isolamento. Ainda no âmbito da Escola de Frankfurt, recorreremos às contribuições mais recentes de Honneth (2003a), especialmente ao binômio *invisibilidade e reconhecimento*.

A partir dos conceitos trabalhados por estes autores reasseguramo-nos da importância de perguntar aos jovens que entrevistáramos sobre suas ligações sociais e familiares, e sobre o que pensavam em relação a trabalho, família, e de modo mais específico, sobre seus pais e o como definiam um pai.

Na seção II.2 retomamos trabalho anterior (Huguet, 1999) onde se analisou a ausência ou desqualificação subjetiva do pai em famílias chefiadas por mulheres associando-se a busca de identificações fora da família, como, por exemplo, as identificações com jogadores de futebol, e identificações com traficantes que adquiriam visibilidade nos locais em que vivem os jovens.

Discutimos se poderíamos estar diante de uma antecipação da socialização secundária, em função – pinçando um elemento dentre vários outros prováveis e importantes – da construção de uma matriz identificatória insuficiente em algumas famílias. Segundo Freud (1923) a identificação ao pai é formadora da matriz identificatória, base para as demais identificações com outras figuras importantes. Um avanço em relação ao trabalho anterior (Huguet, 1999) foi a complexificação da análise, pela inclusão do viés de gênero ampliando a possibilidade de olhar para este sujeito complexo por diversas faces.

Se por um lado, os conceitos apresentados dentro da perspectiva de gênero na seção II.6, com as contribuições Zaluar (1993), Leon (1994), De Lauretis (1987), Anyon (1984), Giffin et al (2002), Barker (2000), dentre outros, nos ajudaram a formular perguntas sobre gênero, namoro e sexualidade, por outro lado, os conceitos trabalhados por autores da Escola de Frankfurt, como Adorno e Horkheimer (1944) e Fromm (1967) e na seção II.2 nortearam-nos na criação de perguntas que nos ajudassem a ter notícias sobre como funcionavam as identificações de nossos jovens: quem seriam, por exemplo, seus modelos de identificação?

Ao longo deste processo algumas correlações produtivas foram sendo costuradas: dentre outras correlações, associamos as idéias de Fromm (1967) sobre a internalização acrítica de determinadas lideranças à *inundação* sofrida pelos jovens diante de determinado conjunto de valores ligados ao que chamaremos de *cultura de comando*. Ainda na seção II.1 vimos que as idéias de Zizek (1990) contribuíam para a compreensão deste processo: Zizek

identificou a invasão subjetiva sofrida pelas pessoas por “novos totalitarismos”, como o totalitarismo do consumo, que “toma” o indivíduo através da internalização por este de imperativos superegóicos. De Mitscherlich (1967), por outro lado, e também de forma complementar, retivemos suas idéias acerca do processo de *invisibilização do pai*.

Ao final da seção II.1, dando continuidade ao esforço de reunir algumas chaves de compreensão complementares entre si, recorreremos a Pellegrino (1987) que teceu considerações sobre o pacto edípico e o pacto social, apontando para o fato social recorrente de o segundo pacto não referendar o primeiro, deixando assim de legitimá-lo. Sem o cumprimento do “pacto social”, conforme o descreveu Pellegrino, tornar-se-ia difícil sustentar toda a gama de abandonos pulsionais associados ao “pacto edípico”.

Passando a refletir sobre a instituição do tráfico de drogas em si, nos perguntamos na seção II.2 até que ponto não poderíamos pensá-lo como um microsistema totalitário? Calligaris (1991) nos ajuda a refletir neste sentido ao apresentar suas idéias sobre a sedução operada pelos sistemas totalitários.

Na seção II.4 vemos com Castro (1998) e outros autores como o paradigma do consumo vai gradativamente substituindo o lugar da produção em importância a partir da segunda metade do século XX. Segundo Castro (ibid.) é a partir deste processo que as mercadorias passam a veicular informações sobre os sujeitos que as ostentam. Comunicar estas informações passa a ser existencialmente importantes para este novo indivíduo.

Acompanhamos com Thompson (1995), na seção II.5 o modo como procura resgatar o conceito ideologia. A partir daí apresenta suas reflexões sobre o que chamou de mediação, sua importância para os fluxos planetários de divulgação de informação e marcas e para a hegemonização do consumo, indo, neste sentido – a partir de um olhar diferente – ao encontro das idéias de Castro (1998).

Adentrando o campo do gênero, na seção II.6, vimos com Anyon (1984) como os processos de acomodação e resistência aos estereótipos estão sempre em viva tensão. Giffin et al (2002), por outro lado, destacam como pôde-se aos poucos perceber, a partir da criação e multiplicação dos grupos femininos de reflexão, o lugar da mulher como construção social à serviço da manutenção de determinados estereótipos.

Em relação às ideologias do gênero masculino, vemos que a hipervalorização de aspectos como atividade, assertividade e agressividade a serem exercidos “contra” outros homens, mulheres e sociedade em geral estaria na origem de muitas situações de violência, o que tem sido demonstrado por alguns trabalhos, dentre os quais destacamos a pesquisa feita por Giffin et al. (2002) com grupos de homens de uma favela do Rio de Janeiro.

Nestes grupos, através da realização de encontros semanais entre os homens por um período de seis meses foi possível primeiro perceber a existência, e depois acompanhar a desconstrução de algumas características estereotipadas: observou-se, por exemplo, a diminuição do recurso automático à violência (algumas vezes armada) para a solução dos conflitos, entre os homens do grupo (Lopes et al., 2001).

Mencionamos também ao fim da seção II.6 a pesquisa feita por Meirelles (1988) a partir da qual a autora demonstra como o tráfico tem recriado as relações sociais nas favelas enfraquecendo significativamente as possibilidades de associativismo nas mesmas.

No capítulo III apresentamos nosso objetivo principal de chegar a uma compreensão mais aprofundada dos processos psíquicos e sociais envolvidos na aproximação de um número crescente de crianças e adolescentes pobres do Estado do Rio de Janeiro ao tráfico de drogas. Entendemos que estes processos ocorrem inseridos em complexa trama de fluxos que incluem desde aspectos microssociológicos a fatores macroestruturais passando tanto por determinações inconscientes como por aspectos individuais, materiais e circunstanciais.

A partir desta compreensão derivamos o intuito (objetivos secundários) de que os resultados da pesquisa possam ser aproveitados para subsidiar as políticas públicas relacionadas direta ou indiretamente a estas crianças e adolescentes. Propomos, por exemplo, em nossa conclusão, no capítulo VIII, profunda mudança no modelo de capacitação dos agentes sociais que lidam com eles. Enfatizamos a importância de multiplicar grupos de reflexão, como, por exemplo, aqueles de diálogo sobre a condição masculina (o que é ser homem hoje?). Indicamos a necessidade de criação de outros tipos de grupos para que crianças e adolescentes vejam resguardados ou criados espaços em que possam ter liberdade de pensamento, liberdade de reflexão, liberdade de expressão, abrindo uma brecha, um ponto de fuga em relação ao discurso monocórdio que por vezes pode ser observado em áreas dominadas por comandos e facções.

No capítulo IV traçamos as linhas gerais acerca do campo epistemológico por onde transitamos e sobre os métodos utilizados para a pesquisa e análise. Mencionamos, por exemplo, Alanen (1999), autora que defende o reconhecimento sociológico das crianças como grupo social. Assim como as mulheres já foram um dia invisibilizadas, estão hoje invisibilizadas as crianças e adolescentes pobres. Assim como percebemos a falta de diálogo nas famílias e nos abrigos, percebemos falta de integração entre os saberes. Neste sentido propusemos uma análise integrada protagonizada basicamente por dois campos principais: sociologia e psicanálise. Pois acreditamos que se o problema enfocado é transdisciplinar e

multifacetado, como são os sujeitos, urge lançarmos um olhar também transdisciplinar e multifacetado sobre este sujeito (objeto) complexo.

Como exemplo do que pretendemos neste trabalho, citamos Olivier Douville (2004) quando diz que mesmo sendo (nós todos) sujeitos do inconsciente, não deixamos de ser seres da cultura ou de ser cidadãos de uma determinada cidade (sujeitos sociais). Desta forma procuramos dar especial atenção em nossa escuta às formações do inconsciente que pudemos vislumbrar nos discursos, comportamentos e sonhos dos jovens. Nossa implicação e engajamento são com a transformação social e com a luta contra as opressões, nos vendo assim afinados à análise crítica da sociedade. Com relação aos métodos utilizados, recorreremos basicamente a entrevistas semi-estruturados procurando permitir que os entrevistados lançassem um olhar sobre si mesmos.

Com relação à análise do que pudemos observar, embora não tenhamos chegado a fazer desconstruções pormenorizadas das mensagens ideológicas encontradas, mantivemos uma linha analítica geral em que privilegiamos o olhar de Thompson, autor que empreendeu detalhado estudo sobre como funcionam as formas simbólicas, sobre como são criadas e transmitidas as mensagens ideológicas – normalmente a serviço da perpetuação de relações assimétricas de poder e dominação.

Thompson apresentou o método de hermenêutica profunda para fazer o movimento inverso abrindo possibilidades de desconstruir estas mensagens, sempre as contextualizando sócio-historicamente. Tomamos como exemplo de uma das mensagens ideológicas a serem desconstruídas, a que defende sub-repticiamente – ou às vezes abertamente – o extermínio de jovens pobres envolvidos (ou não) em atos infracionais: “seria melhor se não estivessem” é a frase que traduz esta mensagem.

Se Thompson (1995) recorre a processos como auto-reflexão e auto-transformação, Giffin et. al. (2002), mencionam a possibilidade de os entrevistados lançarem sobre si próprios um olhar perguntador sobre si mesmos e sobre a realidade que os cerca, inspirados no pensamento de Paulo Freire.

Descrevemos no capítulo V o passo a passo de nossa pesquisa de campo. Foi realizada em um abrigo no Estado do Rio de Janeiro através de, basicamente, entrevistas semi-estruturadas profundas com cinco adolescentes do sexo masculino. Exercitamos sempre o acolhimento de suas palavras, receios, desejos, decepções, raivas, buscando a possibilidade de desnaturalizar o lugar que eles vêm ocupando, através de um exercício de estranhamento do familiar. Sob este modo de trabalho ganha importância a interpretação dada ou confirmada

pelo próprio sujeito da pesquisa. Destes cinco jovens, quatro estiveram envolvidos em atividades ligadas ao tráfico de drogas.

Destacamos a capacidade dos jovens de já apresentarem no momento da realização das entrevistas algum distanciamento em relação à atividade que desenvolveram no tráfico. É parte fundamental deste trabalho a preservação da identidade dos entrevistados bem como dos técnicos e do abrigo escolhido para se fazer a pesquisa. Por isso todos os nomes próprios foram trocados, bem como foram parcialmente descaracterizadas algumas situações específicas que pudessem expor a identidade dos jovens.

O pesquisador apresentou-se à instituição, aos funcionários e aos jovens, e foi relatando na seção V.1 como foi a aproximação ao grupo, a conquista da confiança dos jovens, nos grupos de apresentação e nos grupos focais – tarefa nem sempre fácil – para passar depois à atividade das entrevistas propriamente ditas. No capítulo VI descrevemos os dados, articulando nossos resultados com alguns dos principais conceitos apresentados, fechando o trabalho nos capítulos VII e VIII, com uma discussão em que retomamos o conceito de desfiliação de Castel (1991) seguida de uma conclusão onde apresentamos nossas percepções, conclusões e recomendações.

I. JUSTIFICATIVA

I.1. ALGUNS INDICADORES DO GENOCÍDIO FRATICIDA LIGADO AO TRÁFICO DE DROGAS¹

A crescente participação de crianças, adolescentes e jovens no crime organizado, em especial no tráfico de drogas em grandes metrópoles como Rio de Janeiro, São Paulo e Recife tem sido visibilizada por muitas estatísticas que têm demonstrado a gravidade do problema da mortalidade infanto-juvenil ligada a homicídios por armas de fogo especialmente entre os mais pobres.

¹ Não apenas fraticida já que existe um grande número de jovens que é executado ou que morre em troca de tiros com a polícia. Existe também um número bem menor de policiais que morre em ação, sendo que muitas vezes tal morte não é no estrito cumprimento do seu dever como policial, mas resultado da quebra de algum acordo firmado com criminosos. No fim, se pensarmos que as origens sociais de policiais e traficantes muitas vezes é semelhante, poderíamos manter a designação fraticida.

Tomemos o exemplo trazido por Vermelho (1997): desde a década de 80, o homicídio tem sido a principal causa de morte entre adolescentes (sexo masculino) e homens jovens de 15 a 24 anos nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo. Zaluar (1993), por sua vez, relatou que, comparando-se com a média geral de mortalidade brasileira, de quatro homens para cada mulher, na faixa dos 15 aos 19 anos morrem oito “homens” para cada “mulher”, sendo que em alguns Municípios pobres (com áreas de favela) da área metropolitana do Rio de Janeiro a relação chega aos preocupantes 15 “homens” mortos para cada “mulher”.

Zaluar correlacionou outra variável importante, contribuindo para uma melhor compreensão destes dados, ao relatar que a partir de 1987 os homicídios intencionais ultrapassaram as mortes por acidentes de trânsito, superando-as, em 1994 em 30%, e continuando em sentido ascendente. As principais vítimas? Adolescentes do sexo masculino e homens jovens de cor precocemente evadidos do sistema escolar. Szwarcwald e Leal (1998) ajudaram a descrever a evolução destes índices ao relatarem que no período entre 1980 e 1995 a mortalidade de jovens de sexo masculino entre 15 e 19 anos por armas de fogo teve um crescimento anual médio de 9,1%. Entre jovens do sexo masculino na faixa entre 20 e 24 anos o crescimento médio foi de 7% no mesmo intervalo. Tais dados demonstram também como os mais jovens vêm se tornando mais vulneráveis ano a ano.

Ao indagarmos que processos, comportamentos e fatos sociais podem estar associados a estas altas taxas de mortalidade por homicídios de jovens pobres entre 15 e 24 anos deparamos com a crescente entrada de adolescentes pobres para o trabalho no tráfico de drogas, muitos dos quais acabam matando e morrendo de forma violenta.

Giffin e Cavalcanti (1999) analisaram três trabalhos sobre adolescentes pobres e meninos de rua no Rio de Janeiro e em São Paulo (Paiva, 1994; Barker e Loewenstein, 1997; Childhope, 1997), percebendo que “o tráfico de drogas reforça os padrões de violência: a polícia extermina traficantes e inocentes, os jovens são vítimas de assalto e abuso sexual e as meninas também começam a adotar comportamentos violentos”. As autoras destacaram a importância deste tema, sugerindo que seja mais pesquisado, principalmente quando associado à precarização do trabalho e ao desemprego na sociedade de consumo (Giffin e Cavalcanti, 1999). O presente trabalho propõe-se também a responder a este desafio.

I.2. MUDANÇAS NO TRABALHO E NA FAMÍLIA E ANÁLISE PRELIMINAR DO IMPACTO DO TRÁFICO NESTE CONTEXTO²

É nesta sociedade que vai sendo minada pela precarização do trabalho e pelo desemprego a atingir especialmente os mais jovens que os bens de consumo passam a ser cada vez mais valorizados dentro da idéia de ter (coisas) para ser (alguém reconhecido, visível). Dentro deste contexto destacam-se dois fenômenos intrinsecamente ligados: são pais desempregados ou que têm colocação precária no mercado de trabalho que não poderão oferecer aos filhos tais bens de consumo. Se os pais não conseguem trabalho, os jovens (prole), pouco qualificados, terão ainda menos chances de conseguir empregos razoáveis. Na outra ponta – e aprofundando a tensão causada pelo fenômeno descrito acima – observamos que a massificação e a radicalização do apelo ao consumo operados pelos agentes do mercado, e veiculados principalmente através da mídia, acabam reforçando o status de tais bens como necessários para uma existência plena, logo, profundamente e universalmente desejados.

Em determinadas situações e momentos percebe-se que os próprios pais deixam de ser, com preocupante frequência, alvo dos anseios identificatórios dos filhos³. Sobre este aspecto Velho (1996:20) argumentou que os jovens rejeitavam o tipo de vida dos pais e avós, trabalhadores modestos muitas vezes oprimidos por uma série de privações. Neste mesmo sentido, Zaluar (1981) já dizia que os jovens de classes populares acabavam por formar, a partir das suas experiências e da observação da vida de seus pais, uma visão negativa do trabalho, associando-o à escravidão e à *coisa de otário* – como verbalizou o jovem entrevistado: “como fazê-los, portanto, admirar e tomar por modelo o pai que se curva a esta árdua rotina, à exploração e ao autoritarismo? *Seus heróis são outros.*” (Zaluar, 1981:9, grifos nossos)⁴.

² Estudos mais aprofundados e extensos sobre a família brasileira foram desenvolvidos em trabalho anterior (Huguet, 1999:18-32), contemplando de modo mais detido as famílias monoparentais formadas por mulher com filho sem cônjuge.

³ Os pais, e especialmente para este estudo, o pai, são trabalhadores de estratos pobres que ganham baixos salários ou proventos incertos, muitas vezes ligados ao trabalho informal. Em entrevista piloto apareceu o sentimento de que estes trabalhadores seriam “*pela saco*”. Perguntei ao jovem de 16 anos o que significava *pela saco*. Respondeu que era otário, *mané*. O jovem disse ainda: *todo garoto da favela pensa dessa forma e admira os traficantes*. Esta entrevista com jovem ex-traficante foi transcrita como anexo 1, e baseia-se em material de campo colhido a partir de visitas a diferentes favelas da Zona Oeste do Estado do Rio de Janeiro.

⁴ A partir dos relatos de nossos sujeitos de pesquisa temos como repelir afirmações generalizadoras neste sentido, já que todos mostraram posições diferentes no que concerne à valorização tanto do trabalho legal, como

Barcellos (2003), em sua investigação jornalística sobre o tráfico de drogas no morro Dona Marta, relatou que muitos jovens não apenas eram fascinados pelas figuras dos bandidos conhecidos, como *Cabeludo*, imitando seus modos de vestir, de usar o cabelo, como também chegavam a aguardar durante anos a possibilidade de trabalharem mais efetivamente no tráfico de drogas. É o caso *Pardal*⁵ descrito por Barcellos (2003): já vinha prestando serviços ao tráfico desde os sete anos e via esta atividade como emprego. Tendo convivido com o pessoal da boca desde criança, enquanto trabalhava como olheiro ou avião⁶, ficou três anos na lista de espera para o trabalho de segurança do tráfico.

Tal característica foi comprovada pela pesquisa realizada por Dowdney (2003) e sua equipe em diversas favelas do Rio de Janeiro utilizando técnicas que iam das *surveys* a entrevistas semi-estruturadas e grupos focais. Relatou o autor que as crianças e adolescentes têm que “andar” com os traficantes primeiro, para depois pedir a um “amigo” que já esteja trabalhando para intermediar sua entrada (ibid., 127). Todos teriam que pedir para entrar.

Convergindo com nossas idéias em relação à idealização de crianças e adolescentes a figuras de alguns traficantes, Dowdney (2003) entendeu que os rapazes identificam-se muito mais com as facções do que as moças (ibid., 182). A identidade dos jovens, mesmo dos não envolvidos, acaba então se definindo “pela afiliação à facção local, mesmo que seja apenas pela situação geográfica” (ibid., 184). Neste sentido, muitos jovens chegam a confundir a identidade da comunidade em que vivem com a facção que domina o espaço, como se a facção fosse a própria comunidade (ibid., 183).

Vivemos um momento de aceleração dos processos de fragmentação social, que atingem o processo de construção da identidade no âmbito familiar. A crise da autoridade paterna – elemento importante destes processos de fragmentação – não é de hoje, tendendo, porém, a agravar-se com as mais recentes transformações na esfera do trabalho, e com a cada vez mais prolongada ausência da mãe no cotidiano de muitos lares brasileiros, tendo ela que trabalhar para sustentar a família.

da família, mostrando-se ávidos pela oportunidade de um trabalho legal, mesmo que por salários pequenos. Demonstraram também grande valorização da família, acusando o choque gerado pela ausência ou por dificuldades com os pais.

⁵ Outro jovem morador do Morro Santa Marta, descrito por Barcellos (2003), com o apelido trocado.

⁶ Muitos começavam com trabalhos intermitentes e que não significavam um envolvimento profundo com o movimento, mormente o trabalho de avião e olheiro.

II. CONCEITOS, AUTORES E TEMAS RELEVANTES AO OBJETO

II.1. O PONTO DE VISTA DA ESCOLA DE FRANKFURT - DECLÍNIO DO PAI, DECLÍNIO DA FAMÍLIA

Alguns dos principais autores da Escola de Frankfurt⁷ promoveram, em tempos de grande inquietude intelectual, uma articulação entre os processos econômico-sociais e os psíquico-afetivos, costurando também dois campos do conhecimento, a sociologia e a psicanálise. Segundo eles, o declínio do pai – enquanto figura responsável pela perpetuação dos ideais – teve efeitos sociais desagregadores, tornando os jovens da Alemanha⁸ de então vulneráveis a quaisquer lideranças forte, independentemente das idéias defendidas por tais lideranças. É no seio desta família, que consideram decadente e fragmentada, que estes autores buscam a explicação para a grande adesão dos jovens, principalmente na Alemanha da primeira metade do século XX, aos movimentos totalitários.

Prosseguindo em suas articulações entre o social e o familiar, estes autores elegeram as mudanças sócio-culturais e econômicas e a reorganização do trabalho como os elementos de partida para discutir, dentre outras questões, o estatuto do complexo de Édipo, que consideravam como uma das mais importantes contribuições freudianas. Problematizaram tal conceito, procurando atualizá-lo para que servisse de chave para a compreensão dos novos tempos. Canevacci⁹ (1976) destacou que as conclusões da Escola de Frankfurt apontavam para a decadência da antiga força do pai, o qual teria perdido as condições para operar seu papel de agente de castração (em relação aos filhos) – fundamental para o desenlace do Complexo de Édipo – esmagado que estava pela expansão do poder social e econômico que

⁷ Segundo Wiggerhaus (2002:689 [1986]) convém chamar Escola de Frankfurt o período da primeira Teoria Crítica quando o Instituto de Pesquisas Sociais foi dirigido primeiro por Horkheimer e depois por Adorno. A designação *Teoria Crítica* inclui um conjunto mais amplo de tempo e intelectuais e serviria para designar “um pensamento que se destina à destruição da dominação e se mantém dentro de uma tradição marxista aberta a numerosos contatos, cujas variantes vão do estilo de pensamento anti-sistêmico e ensaísta de Adorno ao projeto horkheimeriano de uma teoria interdisciplinar da sociedade” (ibid.). Dentro deste modo de ver, destacamos como novo representante da Teoria Crítica ligada à tradição frankfurtiana, a obra de Alex Honneth, em especial quando costura os conceitos de *invisibilidade* e *reconhecimento*. Tais conceitos não foram “descobertos” em tempo hábil para serem aproveitados em toda sua potência neste trabalho, mas mostram-se promissores para a delicada e importante tarefa interdisciplinar de abordar com profundidade, sensibilidade e abrangência a invisibilidade atual de um sem número de brasileiros, a começar por um dos primeiros desdobramentos de seu pensamento, a noção de autoconfiança intrinsecamente ligada à idéia de reconhecimento.

⁸ Embora tenham centrado sua análise sobre os jovens da Alemanha, tal análise seria válida para todos os jovens que viam suas vidas e a de seus pais mudarem a partir da nova realidade trazida pela Revolução Industrial.

⁹ Autor que posteriormente voltou-se à antropologia cultural, tendo sido lançado recentemente (2001) em português o seu *Antropologia da Comunicação Visual*, pela DP&A Editora.

viria consumir e substituir a função paterna (ibid., 33). Desempenhar o papel de agente da castração na prática, no dia-a-dia, equivale, de acordo com a visão freudiana (Freud, 1924, especialmente pp. 220 e 221), a impor limites à ligação do filho com a mãe, para que ele possa se liberar em certa medida destes laços fundantes que já teriam cumprido sua função estruturante, estando preparado para enfrentar de forma mais autônoma as atribuições cotidianas. Embora tenhamos clareza de que ver a realidade sócio-familiar sob o prisma do Complexo de Édipo pode ser interpretado como a opção por uma visão machista e conservadora (cf. Benjamin, 1988: 48-50)¹⁰, e possamos perceber como a constituição dos sujeitos hoje ocorre de formas muito mais complexas, a visão freudiana do Édipo impregnou de tal modo a forma de se ver a família na sociedade moderna ocidental que a discussão destes conceitos continua sendo fundamental.

Adorno e Horkheimer (1969 [1956])¹¹ delineiam dois momentos sócio-econômico-políticos diferentes. No primeiro momento, durante a vigência do liberalismo burguês, os patriarcas, que gozavam de considerável sucesso econômico, eram capazes de inspirar simultaneamente temor e fascínio na prole, que os tomava como modelos para forjarem suas próprias instâncias morais e ir formando suas consciências. Com as mudanças principalmente na esfera da produção e do trabalho que foram minando a época do apogeu do liberalismo (Polanyi, 1944), principalmente na Alemanha, a capacidade do pai se oferecer como modelo identificatório aos filhos teria sido afetada e diminuída.

Segundo Adorno e Horkheimer (1956), o “congelamento” das relações pessoais e afetivas seria uma das conseqüências das mudanças nas estruturas econômicas e na organização do trabalho, fato que traria conseqüências importantes ao desenvolvimento psíquico e identitário dos filhos. Os autores diagnosticavam uma progressiva perda por parte da família de sua recém-conquistada função de locus privilegiado de afetividade, e propiciadora maior dos processos de socialização:

¹⁰ Jéssica Benjamin se / nos pergunta por que o modo tradicional de diferenciação, através de movimento linear até a separação com a internalização de objetos (e da lei do pai) vem se sustentando por tanto tempo? Para ela uma resposta possível seria pelo medo de que o balanço entre dependência e independência possa ser uma ameaça à independência (em especial do adolescente e adulto homem), além de que talvez não se pudesse suportar a tensão paradoxal do *ser com o outro*. Para a autora, com a intensificação do conflito entre dependência e independência, o psiquismo abandonaria a potencialmente criativa tensão do paradoxo em prol da oposição mais simples entre as duas posições, polaridade que restituiria o balanço ao *self* (palavra mantida do texto da autora) e lançaria as condições para definir o *self* em seu movimento de distanciamento de qualquer dependência. Estariam assim também estabelecidas as pré-condições para a dominação, já que os opostos não podem ser integrados, um sendo desvalorizado, enquanto o outro fica investido de toda a importância (ocorreria um *splitting*). Ver também Huguet (1999, capítulo 4.3 [Jéssica Benjamin – psicanálise e feminismo: a desconstrução do Édipo e a importância do pai]).

¹¹ Principalmente o capítulo 9, La Familia de *La Sociedad – Lecciones de sociologia*, pp. 130 a 148.

(...) e eles já não desfrutam do calor daquele segundo seio materno ao qual se pôde comparar a família em certas épocas e em certos extratos da sociedade. É difícil pôr em dúvida que o inconsciente infantil reaja a tais variações e que a vida emotiva dos filhos sofra um congelamento na atmosfera agora fria da família. *O difundido fenômeno da delinqüência juvenil é indicativo do estado atual da família como tal.* (Adorno e Horkheimer, 1956, pp.142-143, grifos nossos, tradução minha).

O patriarca, outrora forte, poderoso e honrado, deparava então com a dura percepção de sua falibilidade, fato que exercia efeito paradoxal sobre os filhos. Não tendo como perceber a opressão social que se impunha sobre eles e sua família, os jovens passavam a sentir-se culpados por seus insucessos, atribuindo-os a suas próprias fraquezas. Diante disso abriam-se duas possibilidades: podiam sentir-se fracassados, inferiores, estruturalmente fragilizados; ou, por outro lado, a crise podia ajudar em sua própria construção enquanto seres humanos dignos, devendo, para que esta alternativa concretizasse-se, contar com a ajuda de suas mães, sendo capazes de suportar os sentimentos de auto-acusação e a fragilidade de sua auto-estima. Neste caso poderiam tornar-se indivíduos mais livres e capazes tanto de escolher, como de suportar a possibilidade de errarem, sem terem que viver sob a ilusão e pressão da idéia de infalibilidade e onipotência¹² tão conhecidas dos patriarcas.

A debilidade do pai em sua inserção social estaria associada com a radicalização da concorrência e da livre empresa no processo de progressiva substituição das manufaturas familiares minando antigas referências e regularidades (Weber, 1947)¹³. Polanyi (1944:51) carrega mais nas tintas em sua descrição dizendo que eles são triturados nos *moinhos satânicos* (do capitalismo racional) sendo transformados de homens em massa. Seria

¹² Sobre a idéia de onipotência parece profícuo ver a abordagem de Benjamin (1988:152) sobre o tema.

¹³ Max Weber autor de um dos mais importantes livros do século passado, senão o mais importante, *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*, nos ajuda a entender como se processaram estas mudanças. Ele cita como exemplo de tradicionalismo (ligado ao modo de vida das manufaturas familiares) a vida de um produtor de um dos ramos da indústria têxtil. Embora se trate de um negócio capitalista, o *ethos* era tradicionalista, o modo de vida, a taxa de lucro, a quantidade de trabalho, a forma de regular as relações de trabalho, o círculo de fregueses e a forma de atrair outros. Até o momento que sem grandes transformações em termos de equipamentos, alguém decidiu fazer diferente, chamando tecelões para serem seus operários, procurando eliminar o intermediador, e passando a visitar e procurar cativar os clientes de forma mais personalizada, diminuindo preços e aumentando as vendas. Em pouco tempo quem não fizesse o mesmo estaria fora do mercado. Fortunas foram assim feitas e reinvestidas inteiras no negócio (Weber, 1947:35-36), sendo que, por outro lado: “Quem não adaptar seu modo de vida às condições do sucesso capitalista deverá ficar arruinado ou pelo menos não pode ascender” (ibid., 38). Assim o autor escreve as primeiras manifestações da racionalização dos modos de produção.

originalmente este processo, com todas as suas implicações, ressonâncias e conseqüências sociais, políticas, econômicas, afetivas, culturais e éticas que, segundo Adorno e Horkheimer (1956), afetou de forma íntima o equilíbrio psico-moral familiar. Estes autores foram levados então a sugerir uma modificação na passagem pelo complexo de Édipo: os filhos descobriam mais precocemente do que nos tempos precedentes¹⁴ que o pai não mais personificava de forma tão inquestionável valores como força, justiça e bondade como acreditavam antes. Não podiam assim dispor da proteção psicológica necessária à manutenção dos antigos processos identificatórios (Adorno e Horkheimer, 1956:144). Pelo contrário, viviam em uma situação que podemos pensar como de *desidealização* do pai e da família. Podemos pensar que se iniciava neste momento (pelo menos em termos da história recente) um processo que se radicalizaria chegando a seu melancólico anticlímax nos dias de hoje que poderia ser melhor traduzido por um importante conceito trabalhado por Castel (1991), a *desfiliação*. Acreditamos ainda que pudemos observar a desfiliação como marca indelével nossos sujeitos de pesquisa, estando, segundo nossa compreensão ligada à insistência da apresentação de comportamentos frequentemente anti-sociais.

Para Adorno e Horkheimer (1956:144-145), onde havia um poder sólido e inquestionável – chegando mesmo às marcas do despotismo – *ficaram* resíduos, meros restos de algo grandioso que desmoronava levando consigo a confiança do filho na força do pai, que se transformava aos seus olhos em algo mais abstrato do que real, a ponto de ser comum na Alemanha depois da segunda guerra comentar-se o vazio de valores com que os filhos deixavam as famílias. Podia-se ver nas fotos os rostos infantis e adolescentes envelhecidos, privados de sonhos e de esperança, com exceção de alguns, como mostra um dos filmes do cineasta sueco Ingmar Bergman¹⁵.

Preocupados em aprofundar a compreensão acerca dos fenômenos totalitários, que chocaram o mundo moderno, Adorno e Horkheimer entenderam que os jovens, rejeitando o pai da realidade, agora considerado fraco e inconsistente, acabam levados a buscar um pai mais poderoso e forte, tendendo a buscar algo como um super-pai, e se submetendo nesta busca tanto aos poderes coletivos, como a qualquer outra força capaz de prover a tão desejada sensação de proteção e satisfação narcisista (Adorno e Horkheimer, 1956:145).

¹⁴ Anteriores ao processo de Revolução Industrial e organização racional do trabalho na Alemanha (Weber, 1947), tomados aqui como marco geral sem pretensão de precisão histórica.

¹⁵ *O Ovo da Serpente*, 1979, roteiro e direção: minha apreensão de uma das mais fortes cenas do filme em trabalho anterior: “(...) antes do início das ações militares nazistas existia um profundo vazio no olhar de homens e mulheres, (...) entrecortada apenas pelo brilho de revolta e ódio nos olhos dos mais novos, que viriam a fornecer a energia para movimentar as engrenagens da máquina de guerra nazista. Depois da guerra, e da derrota da Alemanha, pouco restou, inclusive para os mais jovens” (Huguet, 1999:53).

Tanto Canevacci (1976), como Zizek (1990), consideram, cada um a seu modo, que a obra de Erich Fromm – um dos pensadores da Escola de Frankfurt que mais contribuiu para aproximar psicanálise e marxismo – *pode ser dividida* em dois momentos distintos: inicialmente ele está de acordo com os princípios frankfurtianos, ajudando a consolidar os pilares teóricos da Escola; já em seu exílio nos EUA, passou a empreender um revisionismo culturalista acrítico da obra freudiana, colocando-se ele mesmo no alto de um ilusório distanciamento meta-histórico, postura que a própria Teoria Crítica tanto evitou adotar e denunciou em diversos momentos.

O primeiro Fromm postula que o superego constitui-se pela identificação dos filhos com os genitores através da internalização dos preceitos e das proibições, processos identificatórios que na família patriarcal são dirigidos, segundo o autor, principalmente ao pai. Constituir-se-ia desta forma não só o superego, mas o próprio sujeito revestido dos atributos da moralidade e do poder. Se até este ponto os argumentos de Fromm¹⁶ estão de acordo com as teorizações freudianas (Freud, 1923), a principal inovação proposta por Fromm na aplicação da teoria psicanalítica está ligada ao caráter cíclico de realimentação que o processo de projeção¹⁷ pode assumir quando diversas figuras de autoridade passam a ser investidas com as características de cada superego individual¹⁸.

E quais seriam as conseqüências disso? Uma super-idealização destas figuras de autoridade¹⁹ acabaria por impedir que este sujeito que está a projetar suas próprias características tenha qualquer possibilidade de um olhar crítico em relação à figura de autoridade ‘escolhida’, o que leva a apostas incondicionais e a um total assujeitamento em relação às mesmas. Esta é uma importante convergência entre Fromm e Adorno e Horkheimer, já que estes dizem que os jovens identificar-se-ão com quaisquer líderes que bastarão parecer poderosos para que sejam escolhidos como modelo, independentemente de seus valores e dos conteúdos de suas idéias. Fromm complementa o as idéias deles ao pensar os processos intra-psíquicos (e inconscientes) envolvidos nesta eleição ou aceitação acrítica de “líderes”.

¹⁶ In Canevacci, 1976. *Dialética da Família*. Pp.165-175. Tradução brasileira de *Dialettica della Famiglia*. Retirado de Sexpol. Florença, Guaraldi: *L'autorità e la famiglia*. 1969.

¹⁷ Ver também Adorno e Horkheimer ([1944]1985: 176 e seguintes).

¹⁸ Provavelmente Fromm baseou-se em *Psicologia de Grupo e Análise do Ego* (Freud 1921). Neste trabalho Freud apresenta as explicações para a identificação com uma pessoa com quem não temos vinculação libidinal anterior: ela é colocada no lugar de nosso ideal de ego (que é parte de nosso superego) estabelecendo-se com ela uma identificação vertical, da qual emanam identificações horizontais com os outros que elegeram aquele mesmo líder como seu ideal de ego.

¹⁹ Semelhante ao que pode ser observado na análise de Freud do processo do apaixonar-se (1921, *Estar Amando e Hipnose*) onde os apaixonados idealizam a figura amada a ponto de incorrerem em distorções cognitivas em relação às características do par, tendendo a aumentar as positivas ou neutras e a não ver os defeitos.

Neste modo de identificação postulado por Freud (1921:135-136), é possível que um grande número de indivíduos eleja uma determinada pessoa ou grupo como líder, mantendo entre si significativo grau de coesão devido a um importante nível de transferência horizontal. A força que prevalece, porém, é a da transferência vertical, de modo que tanto na polícia secreta nazista, como dentro da hierarquia do tráfico de drogas, é possível ordenar com sucesso que pessoas de níveis hierárquicos mais baixos executem de imediato outros do mesmo nível, mesmos havendo vínculo social entre elas.

Pode então ocorrer que as características reais das autoridades mencionadas por Fromm (1976) e Adorno e Horkheimer (1956), dentro de um contexto de intensa projeção, poderão ser vistas como ideais, independentemente do que realmente são. Um bom exemplo para isso é dado por Albert Speer (1977), quando relata que durante quase todo o tempo de convívio com Hitler, ele dificilmente via os graves defeitos de caráter do Führer, que passou a identificar tão claramente depois do desmoronamento do Reich. O perigo deste jogo de projeção e introjeção é de que quando a autoridade externa é idealizada ela é novamente internalizada, iniciando-se um movimento cíclico no qual o superego adquire extrema eficácia e severidade, tornando-se uma duplicação do próprio poder externo agora interiorizado, com domínio quase absoluto sobre os processos psíquicos (Fromm, 1967, p.168).

Neste perigoso jogo de realimentação a capacidade crítica acaba sendo perdida, pois a consciência, uma vez alterada, passa a ser formada também a partir do que deveria ser criticado, mas que foi internalizado sem nenhuma mediação, ou seja, o objeto, o ideal que deveria ser analisado de forma crítica passa a fazer parte do próprio aparato para julgar, enfraquecendo assim sua característica de proteção contra mensagens que em situação normal colidiriam com os princípios éticos do sujeito (Fromm, 1967, p.169). Para este autor, o caso da submissão dócil à liderança autoritária – *que freqüentemente marca as práticas sociais em contextos de desigualdade e dominação – ocorreria de forma privilegiada na concomitância de duas circunstâncias: indivíduos cujos superegos estejam alterados, constituídos em grande parte pela autoridade externa (um líder, uma liderança, um partido monolítico) interiorizada, aliada a uma autoridade externa que corresponda, em certa medida, à personificação do superego do indivíduo médio (ibid., 171). Fromm cita ainda outros fatores que favoreceriam o processo de submissão à qualquer autoridade: a esperança de vantagens materiais, o desejo de ser amado e elogiado (e o conseqüente sentimento de satisfação), além idéia de que será possível a consumação de relações objetais sexuais, principalmente de caráter homossexual inconsciente.*

O estado de coisas descrito acima significa para Fromm (1967) a deturpação da função social da família, substituída por uma função ideológica que passaria a transmitir um formato específico de estrutura psíquica desejada para formar ou deixar inalterado um determinado modelo de sociedade.

Fromm atentou para o fato de que a relação entre pais e filhos, da qual depende significativamente o desenrolar do complexo de Édipo, era mediada em grande parte pelos constrangimentos sociais circunstanciais, sendo, pois, diferente em uma família camponesa ou operária – que, por necessidade, aguarda ansiosa pelo momento de pôr os filhos para trabalhar, sob uma perspectiva utilitarista e de hostilidade intergeracional – quando se a compara à relação existente em uma família burguesa, na qual normalmente se desejará um filho por outros motivos, como a realização pessoal dos pais, motivos afetivos, religiosos, dentre outros, sem que grandes pressões no que concerne à contribuição produtiva e financeira sejam imputadas à prole quando comparamos com o primeiro caso (Fromm, 1976:173-174). Consideramos importante esta diferenciação entre tipos diversos de famílias em diferentes situações sócio-econômico-culturais na medida em que também acabamos por analisar a partir dos adolescentes um tipo de família com determinada especificidade. Devemos ressaltar, porém, que embora nos dias atuais a família de classe média alta e alta possa ter maiores expectativas que a família rural ou operária em relação aos filhos, freqüentemente priva-os do estofo afetivo necessário, valendo-se muitas vezes do mecanismo das delegações para a criação dos mesmos (Camerini, 1996:58 e Corso, 1997:173), com a freqüente alegação de falta de tempo.

Mitscherlich²⁰ foi professor de psicologia social na Universidade de Frankfurt e enquanto psicanalista, sagrou-se Diretor do Instituto Sigmund Freud também em Frankfurt. Identificado às idéias de um projeto interdisciplinar da Escola de Frankfurt, debruçou-se também sobre as macro transformações sociais inerentes à passagem à sociedade organizada, procurando compreender as mudanças e a nova função da(s) família(s) em um mundo que se reorganizava deixando para trás as pequenas unidades de produção. Segundo o autor, com a complexificação dos meios de produção de bens e dos modos de reprodução social, agora mais diretamente – *embora não tão claramente*, devido ao efeito mistificador de toda boa ideologia – a serviço do capitalismo, observava-se um progressivo desaparecimento do pai –

²⁰ In Canevacci, 1976. Tradução brasileira (*Dialética da Família*), pp.236-243. Retirado de *una società senza padre*, 1970. Original em alemão (1963). Também consultada versão francesa: *Vers la société sans pères*, 1969, traduzida do original alemão, pp.156-165.

enquanto símbolo – na sociedade tardo-burguesa circunscrito pela crescente divisão entre o mundo de trabalho e o mundo familiar.

Mitscherlich defendeu a idéia de que quanto maior se tornava a complexificação do desenvolvimento da sociedade, maiores eram os momentos de ausência do pai, surgindo inclusive, como função autônoma a figura do professor, que para este autor representará *os momentos de ausência do pai* (Mitscherlich, 1967:236-237)²¹. Segundo ele, para que a criança pudesse iniciar suas primeiras aspirações à autonomia e à iniciativa, formando um ego equilibrado – base para as formas futuras de comportamento – a mãe deveria proporcionar durante os primeiros anos de vida do bebê todos os recursos afetivos capazes de garantir-lhe um sentimento de *confiança primordial* (Mitscherlich, 1976:237). Neste período de vida as primeiras relações intersubjetivas estariam fortemente marcadas pelos processos de introjeção inconsciente, com a interiorização maciça dos modelos de ação dos pais. Estes objetos primitivos introjetados deveriam unir-se de forma harmoniosa à forma mais ou menos imitativa do comportamento dos modelos, na medida em que os filhos vão diferenciando-se e os eventos psíquicos integrando-se. Porém, segundo o autor, modos compulsivos de reação e ação poderiam ser gerados nos casos menos favoráveis, em que as introjeções primitivas permanecessem isoladas, sem integrar-se em um conjunto razoavelmente equilibrado (Mitscherlich, 1967: p.237).

O conceito de “pai invisível” para Mitscherlich não se referia a um pai-Deus, nem a um pai morto, e menos ainda a um pai que não casou com a mãe dos filhos ou que se separou. Neste momento o autor tocava em um tema tão sutil quanto importante ao referir-se a um pai que, mesmo existindo concretamente e sendo presente, decaía pelo próprio esmaecimento de sua imagem no que concerne a sua função educativa e como modelo. Sua figura de outrora, de um pai ativo e operante, acabava apagando-se, perdendo as cores vivas de outrora. A reação dos filhos a esta perda oscilava entre angústia e agressividade, passando a dirigir ao pai sentimentos opostos aos anteriores, dentre os quais sobressaíam o ódio e a repulsa (Mitscherlich [1967] pp.237-238).

Para explicar tais sentimentos de filhos adolescentes, Mitscherlich recorreu à teoria psicanalítica de base kleiniana, afirmando que este adolescente não pôde dar os passos, ou receber o afeto que lhe permitisse fazer o que é constituinte da própria condição humana: introjetar objetos bons e realizar a integração posterior destes com os objetos maus para

²¹ Se nos basearmos da análise feita por Ariès (1981:11 [1960]), seria mais preciso refletir sobre um *retorno* a tais formas de delegação dos papéis paternos, bastante comum nas famílias extensas do período medieval na Europa.

chegar a algum objeto completo. Neste processo avançar-se-ia de uma fase cindida (esquizo-paranóide), pela qual todos devemos passar, a uma fase de maior integração, que é chamada por Melanie Klein de fase depressiva (Klein, 1982: 216-240 [1952]).

Inovando ao recorrer a um conhecido filme de Buñuel²² como material de análise²³, Mitscherlich, entendeu que o único modelo encontrado por um dos adolescentes protagonistas foi o de heróis lendários fortes e destemidos, que tudo podiam²⁴, sem temerem nem a própria morte. Tais identificações fantasísticas não impunham ao jovem nenhum limite. Muito pelo contrário, Mitscherlich mostrou que estes heróis permitiam ao adolescente do filme ficar imaginariamente a salvo do abandono materno e paterno, considerando-se invulnerável mesmo frente este intransponível desamor básico. Imaginariamente invulnerável, vejamos bem.

Entendemos que quando o autor disse que todas as aptidões que poderiam ter se desenvolvido acabam dirigidas para estas fantasias, que permitiriam a projeção de uma auto-imagem de onipotência e indestrutibilidade, ele referia-se a um investimento objetal da libido em imagens que se colam ao próprio ego, ainda infantil, que ficava, pois, impedido de sair de um processo de reinvestimento narcísico da libido.

Ocorreria então nesta situação a prevalência dos processos psíquicos primários²⁵ e das experiências alucinatórias, diagnóstico que Mitscherlich estendeu a Hitler e seus seguidores, que teriam começado a compartilhar fantasias de invencibilidade, tendo sido a palavra, em Hitler, progressivamente substituída pelo grito, de natureza pré-verbal (Mitscherlich, 1967: 240).

A técnica de trabalho artesanal que vinha historicamente sendo passada de pai para filho, de transformação das matérias-primas da natureza, de enorme peso na complementação do processo de socialização dos filhos, acabou sendo gradualmente desvalorizada e perdida com a complexificação das formas, agora industriais, de trabalho, que deixavam de ser imediatamente apreensíveis ao homem. Tal estado de coisas acabava gerando uma lacuna na

²² *Los Olvidados*. México. 1950.

²³ Levemos em conta que o filme mencionado procurava retratar uma realidade social, logicamente que em sua própria linguagem imagética.

²⁴ O que nos remete a figura lendária do *Jíbaro* que inspirava e alimentava os jovens porto-riquenhos em suas ações e associações violentas no Harlem Leste (ver Bourgois, 1995), que podiam ser melhor compreendidas sob o prisma da *street culture* em que viviam imersos e que tinha em tal figura um de seus alicerces e inspirações. O *Jíbaro*, como retomaremos adiante, era o rude camponês que resistia, espingarda de caça em punho, à sedução e aliciamento do capitalismo norte-americano, dirigindo-se a áreas rurais cada vez mais isoladas e ermas de Porto Rico.

²⁵ Ver Plastino (2001:48,49 e cap. III) para compreender a evolução do tratamento dado por Freud (1920) aos processos primários, passando a entendê-los a partir da segunda tópica como não ligados a aspectos regredidos do funcionamento psíquico.

formação e orientação passadas de pais para filhos: os pais já não podiam explicar tudo sobre o mundo para os filhos, porque muito deste novo mundo escapava à sua própria compreensão. A divisão do trabalho em etapas, a separação entre moradia e local de trabalho e a passagem de produtor independente à condição de empregado, foram decisivas tanto para o esvaziamento da autoridade, como para a diminuição do poder paterno (Mitscherlich, 1967:241). Caía ainda, e na mesma velocidade em que se dava o progresso tecnológico, a hierarquia dos velhos ordenamentos sociais, afetando principalmente as famílias, principais bases de sustentação destes ordenamentos, sendo os aspectos da sociabilidade e dos processos de subjetivação irremediavelmente atingidos (Mitscherlich, 1967:243).

Aproveitando a menção de Mitscherlich ao declínio das famílias enquanto bases dos antigos ordenamentos sociais, ressaltamos que grande parte do que os teóricos da Escola de Frankfurt sustentaram em relação ao pai vale para a família com um todo. Podemos dizer que o pai é tomado por eles como um analisador²⁶ privilegiado para demonstrar este processo, que é na verdade o processo geral de desarticulação e fragmentação da instituição família, processo que atinge primeiro, e com maior força, o pai. Hodiernamente as estatísticas dão maior visibilidade à sua saída das famílias. Consideramos o enfraquecimento do pai e sua saída das famílias, com o conseqüente crescimento do número das chamadas famílias de mulheres com filho sem cônjuge, como um analisador da fragmentação e fragilização da instituição família em si.

Zizek (1990) – afinado à postura crítica dos pensadores de Frankfurt – traz importantes contribuições para a compreensão do declínio do pai e da família²⁷, bem como faz a transposição do olhar crítico de então para a sociedade atual, ao seu modo muito particular. Neste sentido, deve-se considerar que quando o superego, agora prenhe dos *novos totalitarismos*, como, por exemplo, o da sociedade de consumo, incide diretamente sobre o id, ocorre uma manipulação muito mais profunda e perigosa.

Tal processo é explicado por Zizek através de um termo criado primeiramente por Marcuse: a dessublimação repressiva (ver Zizek, 1990:21 e ss.). Nesta o ego perde seu poder de mediação²⁸, tornando-se, em grande parte, inconsciente, compulsivo e automático, passando a funcionar de forma análoga ao id, e não se tornando por isso um ego liberto da

²⁶ *Analisador* é um conceito central no institucionalismo, refere-se a qualquer dispositivo, artificial ou espontâneo que possa ajudar a revelar conflitos e processos não tão claramente perceptíveis. É utilizado aqui de forma menos técnica, como uma informação que revela muitas outras, não tão aparentes (ver, por exemplo, Barenblitt 1992:152).

²⁷ Para esta análise Zizek recorreu frequentemente à obra de Russel Jacoby, Autor de *Social Amnesia: A Critique of Contemporary Psychology from Adler to Laing* (1975), que oferece elementos para os esclarecimentos de muitas questões relativas à Teoria Crítica.

²⁸ Zizek refere-se ao *ego*, *id* e *superego*, como *eu*, *isso* e *supereu*.

repressão, já que os potenciais pulsionais estão sendo manipulados, sem mediação do próprio ego, de forma direta e imediata.

Recorrendo agora a Adorno, Zizek (1990) menciona a *revogação da lei interna*, já que o sujeito – premido por uma obediência automática, que deixa entrever a regressão narcísica de seu ego – deixa-se levar por uma correnteza que diz: ‘goza!’. E o sujeito aceita este comando e tudo faz para *apenas gozar*. O ego neste ponto terá já perdido a capacidade de intermediar. Antônio Quinet²⁹, importante autor dentro da psicanálise lacaniana, introduz algumas questões relevantes: se o Nome-do-Pai³⁰ está deslocado, se está no lugar errado, como no consumo, por exemplo, que tipo de lei simbólica será “emanada” para as famílias e transmitida aos filhos?

E qual será a possibilidade de a mãe operar esta mediação? Poderia ela filtrar a força da incidência do consumo dentre outras invasões de sentido – ideológicos, prenes de valores imediatistas e superficiais – ou ainda: poderá sustentar algum ideal diferente, ressonando ainda os antigos valores, outrora transmitidos aos filhos, formadores de identidades mais generosas e solidárias? Dados atuais sobre famílias pobres indicam dificuldades concretas nesta capacidade de resistência, já que se tem registrado, dentre outras dificuldades de ordem social, que muitas vezes a necessidade da mãe trabalhar colide com as necessidades de cuidados dos filhos.

O psicanalista brasileiro Hélio Pellegrino (1987) implica-se neste grande problema social, dando um exemplo de como a psicanálise pode debruçar-se sobre os fatos sociais de forma bastante clara e produtiva. Este autor argumenta que quando os cidadãos participam com seu trabalho na dinâmica da interação social, devem ter em troca as mínimas condições de dignidade em suas vidas. Estas condições deveriam (ou devem) ser providas pela outra parte, a sociedade. Ou seja, as concessões pulsionais feitas quando da dissolução do complexo de Édipo – *pacto edípico* – no qual haveria uma *renúncia pulsional devida a uma interdição garantida pela entrada da e na Lei do Pai*, que permite e equivale, de certa forma, à *Lei da Cultura*; estas concessões precisam ser honradas por um subsequente *pacto social* (ibid., pp.200,201).

²⁹ Antônio Quinet em trabalho apresentado durante o VII Encontro Brasileiro do Campo Freudiano – As Novas Formas do Sintoma - Clínica - Ciência - Sociedade. São Paulo, 18 a 20 de Abril de 1997. Sem mais referências no momento.

³⁰ Nome-do-Pai (ver Lacan, J, 1963, Seminário Os Nomes-do-Pai) é um dos conceitos centrais na teoria lacaniana. Devido a sua riqueza, profundidade, multiplicidade e complexidade, não vamos nos aprofundar agora na sua apresentação, sem, no entanto deixar de marcar sua relevância para a discussão ora proposta. Remeto os leitores para uma discussão introdutória em Huguet (1999:49-54).

Quando isso não ocorre, quando o segundo pacto – que ratificaria e reforçaria o primeiro – não é cumprido, em virtude do que Pellegrino chamou de “sociopatia grave”, que inclui a situação cada vez mais freqüente entre os mais jovens de falta de emprego, pode ocorrer a destruição do significante paterno internalizado, devido à ruptura em nível inconsciente do primeiro pacto (edípico). A destruição deste importante significante – que do ponto de vista da psicanálise entendemos como a lei internalizada – permitiria a emergência das pulsões do id, sem nenhum represamento, libertando assim impulsos pré-edípicos parricidas, delinqüentes, dentre outros. O resultado é a produção e manutenção do que o autor chamou de uma *guerra civil crônica* dentro da sociedade (Pellegrino, 1987, pp.202, 203).

As idéias de Benjamin (1988) permitem pensar um contraponto para as idéias de Pellegrino, mesmo se não pudermos concordar inteiramente com elas. Como vimos acima (nota 11), ela propôs um novo modo de ver o psiquismo e os modos de subjetivação do homem, e consideramos úteis suas advertências para o fato de que antes da intervenção do pai edípico não pode – e não deve – existir só onipotência, destrutividade e negação da realidade. Levando em conta esta ressalva de Benjamin poderíamos ser tentados a dizer que talvez Pellegrino (1987) esteja excedendo-se em seu modo de caracterizar a destrutividade do período pré-edípico; bem como quando analisa, recorrendo a conceitos psicanalíticos, a própria sociedade³¹. É mergulhado nela que contextualiza e compreende as irrupções de violência dentro de um panorama que chama a todos nós que a compomos, à responsabilidade. Salientamos, no entanto, que esta ressalva em nada diminui a importância do seu alerta para a gênese dos processos de manutenção da desigualdade estrutural e fragmentação social, com os conseqüentes e violentos fenômenos disruptivos no / do tecido social. Historiar onde começam tais fenômenos é de extrema importância.

Em consonância com Pellegrino (1987), Castel (1991), mostra como muitas vezes os indivíduos não têm os *mínimos* necessários a sua *mínima* constituição enquanto sujeitos dignos. Neste sentido, embora entendamos que as idéias aqui expostas por Pellegrino não possam servir como explicação que justifique as irrupções de violência na sociedade, compreendemos também que elas são um precioso alerta para a percepção da necessidade de uma multilateralidade nas relações que se estabelecem no dia-a-dia das sociedades, que têm se tornado, ao contrário, cada vez mais opressoras dos indivíduos, refinando cada vez mais suas formas de tomá-lo, sua força de trabalho, seu corpo, seus desejos, sua alma. Como veremos a seguir.

³¹ Processo que é chamado de psicanálise em extensão: toda vez que ela é utilizada para análises de fenômenos sociais fora da relação psicanalista – paciente / supervisando (cf. Souza, 1991).

II.2. ADOLESCENTES POBRES E SUA VULNERABILIZAÇÃO DIANTE DO TRÁFICO DE DROGAS³²

Em trabalho anterior³³ foram aventadas, dentre outras hipóteses, a de que, principalmente nas famílias de mulheres com filhos sem cônjuges e naquelas em que a figura do pai apresentava-se desqualificada (por alcoolismo, violência doméstica, abandono moral, dentre outras formas) os filhos homens tenderiam a buscar identificações fora da família com figuras de destaque, que poderiam ir do jogador de futebol que alcançou sucesso, ao traficante, que demonstra possuir poder, dinheiro, fama, acesso fácil a mulheres.

Quando observamos estes fenômenos familiares sob o prisma da formulação freudiana segundo a qual a identificação com o pai será fundante da lei simbólica nos sujeitos e matriz para todas as identificações que se seguirão (Freud, 1976:45 e 52 [1923]), os pensamos como potencialmente desestruturantes para a prole. Mesmo que a primeira identificação continue sendo ao pai, quando este ainda está presente, ela tenderá a perder sua força devido à rápida queda do apelo identificatório mencionado acima. A este momento corresponderia uma crescente busca por outras identificações (ver também Freud, 1976:capVII [1920b³⁴]), movimento que poderíamos pensar como uma antecipação da socialização secundária pensada por Berger e Luckman (1967:184) como “interiorização de submundos³⁵”. O que nos preocupa nesta situação é a possibilidade de que a matriz identificatória, ou seja, a primeira

³² Segundo Cruz Neto et al. (2001) quando se fala em tráfico de drogas no Rio de Janeiro deve-se entender “(...) as relações que envolvem a distribuição mercantil e ilícita de cocaína e maconha” (ibid., 43). O termo narcotráfico passou a ser usado normalmente para dar uma dimensão internacional ao sistema de tráfico. Este termo importado do inglês *narcotic* refere-se a substâncias que provocam alterações do estado de consciência produzidas a partir do ópio e de seus derivados como a heroína, a morfina e a codeína (Tancredi apud Cruz Neto et al., 2001:44). As convenções internacionais e a legislação brasileira classificam os remédios derivados da papoula (de onde se extrai o ópio) como narcóticos ou entorpecentes, drogas que produzem sono ou torpor, sendo que especificamente a legislação brasileira engloba – *equivocadamente* – *cocaína e maconha*, que têm efeitos diferentes e mesmo contrários ao dos narcóticos, sob o conjunto *entorpecentes* (que em nossas leis seriam qualquer substância capaz de determinar dependência física ou psíquica) (Silva apud Cruz Neto et al., 2001:44-45). O funcionamento da cocaína, de modo oposto ao das substâncias entorpecentes, produz fenômenos motores, enquanto a maconha intensifica a sensibilidade (Rocha apud Cruz Neto et al. 2001:44). Deste modo Cruz Neto e demais autores alertam para a inadequação do termo *narcotráfico* e escolhem como termo mais acertado, mesmo que provisório, *tráfico de drogas*.

³³ HUGUET, C., 1999. *A Constituição da Lei nas Famílias Chefiadas por Mulheres*. Dissertação de Mestrado, Rio de Janeiro, PUC - RJ. Ver pp. 110,111. Os primeiros parágrafos desta seção estão referidos a este trabalho num esforço de apenas pontuar qual foi o percurso que desemboca na presente pesquisa.

³⁴ A letra b foi acrescentada aqui por nós para facilitar a consulta à bibliografia, discriminando entre dois textos do mesmo ano.

³⁵ Na acepção genérica da palavra, como microuniversos.

identificação ao pai não tenha sido suficientemente consolidada para guiar de forma saudável as identificações posteriores.

Percebemos a inclusão do viés de gênero no estudo da aproximação dos jovens aos traficantes e ao comércio ilegal de drogas como avanço teórico profícuo, no sentido de ampliarmos o campo conceitual para olharmos de forma abrangente um sujeito eminentemente complexo em suas ações reações e hesitações. A família de mulher com filhos sem cônjuge reinscreve-se agora, para nós, como elemento em um processo muito maior: o de fragmentação, de desconstrução da família, processo que tem se acelerado nos últimos vinte anos no qual a mãe vê-se premida a também ausentar-se do lar.

Outra hipótese que oriunda do trabalho anterior explorava a possibilidade de conceber-se a organização do tráfico de drogas como um microsistema totalitário³⁶. A este respeito, Luiz Eduardo Soares (Soares et al, 2005 e conversas com o autor) traz elementos relevantes ao afirmar que não seria adequado pensar as organizações criminosas do Rio de Janeiro (Comando Vermelho em especial, e Terceiro Comando) como referentes de organização, logística e integração exemplares, bem como não apresentariam a comunicação eficiente e completa que por vezes é atribuída às mesmas. O autor concorda em caracterizar estas organizações como autoritárias e tirânicas.

Reperguntamos então se não poderíamos pensar na existência de uma dispersão de grupos referenciados a uma idéia e suposto eixo central (como, por exemplo, o Comando Vermelho com seu Estatuto (Amorim, 2003:438-441³⁷), palavras de ordem (*paz, justiça e liberdade*) e líderes mais representativos). E que estes grupos acabam assemelhando-se a grupos com características totalitárias? As respostas de nossos sujeitos de pesquisa pareceram corroborar esta hipótese.

Recorremos às idéias formuladas por Calligaris, em seu “A sedução totalitária” (1991) como um caminho para fazer uma analogia entre a adesão dos indivíduos neuróticos comuns ao nazismo na Alemanha de 1933 e os jovens que hoje no Rio de Janeiro acabam “soldando-se” aos comandos.

De acordo com nossos dados é necessário fazer aqui uma distinção entre o jovem que está caminhando sobre a tênue linha que separa o jovem “trabalhador” do jovem “traficante”.

³⁶ Para maiores informações sobre sistemas totalitários e totalitarismo ver Arendt (1949). De acordo com Altoé (1990:246,247), as crianças que vivem em instituições totais, como a antiga FUNABEM e outras semelhantes que a sucederam, procurarão em sua maioria novas instituições totais, ao saírem das primeiras. De acordo com minha concepção, o tráfico de drogas como microsistema totalitário, prestar-se-ia a “adotar” estes jovens, tendo características também de instituição total (Cf. Goffman, 1961).

³⁷ Este Estatuto é atribuído ao Comando Vermelho. Para o autor, apresentar algumas imprecisões e fatos que não batem com a história, seria verdadeiro.

Diferentemente do que esperávamos encontrar, vimos que muitos jovens podem apresentar idas e vindas em relação ao trabalho no tráfico, não “entrando de vez”, ao ponto de só sair morto ou preso. Ou seja, existe uma permeabilidade nesta fronteira, o que nos serve de alerta para a condenação maniqueísta muito comum entre nós: ‘é traficante!’ ou ‘era traficante!’ quando já está morto ou preso (e por isso merecendo o destino). Falamos aqui do jovem que já conhece o que é o trabalho no tráfico e todo o horror a ele inerente. Jovem que foi perdendo todos os seus vínculos sociais e afetivos, e que entra ou volta ao trabalho do tráfico afirmando que nada mais tem a perder.

A incapacidade de o neurótico enfrentar a realidade da castração e de suportar o sofrimento que daí advém o faz alienar sua subjetividade, se deixando submeter e instrumentalizar na busca de uma promessa de completude (Calligaris, 1991:110-111). Deixa-se cooptar através de uma soldagem a alguma instituição total. Seria uma “saída perversa da neurose” (ibid., 112). Abdicando de suas singularidades enquanto sujeitos, alienando-as, seria possível construir um “*semblante* de saber paterno” que então de impossível de saber (o saber paterno), passaria a sabido e compartilhado. O grupo teria então uma fantasia comum como prêmio, ao custo de transformarem-se os sujeitos em *instrumentos* deste saber (ibid.) e desta miragem de poder.

Percebemos as características compartilhadas entre a estrutura de grupos de traficantes de drogas e sistemas totalitários como pontos de sustentação da analogia entre eles. Destacamos, dentre outras o uso de políticas do terror e promessas; a restrição de liberdades (do direito de ir e vir e de se comunicar livremente, por exemplo); o recurso à prática das punições exemplares (a morte é castigo freqüentemente utilizado para quem contraria algumas regras dos grupos), incluindo a prática de mutilações, e sem direito ao contraditório; ainda o apelo e recrutamento dos jovens, mais dóceis e moldáveis (com estratégias próprias para isso e a preocupação dos traficantes mais antigos com a imagem que é passada aos mais jovens: “temos que dar exemplo para os amigos mais jovens que estão chegando na organização”)³⁸; e as estratégias de provisão (“grandes” traficantes podem prover a comunidade, enquanto pequenos traficantes podem prover suas namoradas, suas famílias, e seus próprios desejos de consumo), incluindo a substituição da consciência crítica com a inscrição ou reafirmação de valores (ideológicos) interessantes à instituição (tanto ao tráfico, como ao sistema totalitário).

³⁸ Estatuto da união do PCC (Primeiro Comando da Capital) de São Paulo com o CV (Comando Vermelho) do Rio de Janeiro, encontrado na Casa de Custódia Bangu 5 em setembro de 2002. Este documento teria sido oficializado em 12/02/2002 constituindo-se em um código de ética para nortear e unificar as práticas dos bandidos dos dois Estados (fonte: jornal EXTRA, de 22 de setembro de 2002).

Dowdney (2003:55) menciona que se por um lado as facções possam prover serviços que o Estado não provê, estas exercem um controle tirânico sobre a comunidade, baseado em “reciprocidade forçada”. Para Rodrigues (1994), citado por Minayo e Souza (1999:14), o narcotráfico tem características de instituição totalitária: impõe pelo terror o seu poder, impedindo que a comunidade se organize enquanto organização civil.

Retomando as idéias dos autores que procuram descrever as origens, circunstâncias, contextos, processos e vicissitudes da irrupção da violência, observamos que os caminhos tomados por Adorno e Horkheimer (1956) e Pellegrino (1987) para explicar a passagem à delinqüência não são excludentes, nem entre si, nem em relação à hipótese que apresentamos, podendo, pelo contrário, ser vistos como complementares. Adorno e Horkheimer (ibid.) apontam, dentre outros elementos, que se poderia atribuir ao congelamento dos afetos dentro da família a difusão do fenômeno da delinqüência. Conhecendo suas idéias, acrescentamos que não é apenas isso, o que está bem claro em seu texto; ocorreria também um esvaziamento moral no seio das famílias, um esvaziamento / substituição de valores, e de liderança, que passaria a ser buscada em outros lugares. Logo, dar-se-ia duplo processo atingindo a forma de se efetuar a transmissão dos valores, e de construção da identidade, que é através do afeto, e atingindo também o conteúdo, que são os valores em si, parecendo chegar-se à seguinte equação: já não existem os meios – afeto – para transmitir o que já não se tem – os antigos valores, de honestidade, justiça, generosidade, dentre outros. Qual o resultado possível neste contexto?

Vazio.

Vimos que Pellegrino, partindo da metapsicologia psicanalítica, chegava a uma avaliação sócio-jurídica: é feito um pacto na vida dos indivíduos, que ele chamou de pacto edípico, em que cada indivíduo abre mão de extravasar suas pulsões livremente, para se adequar à vida social, seguindo de perto as idéias do criador da psicanálise em um de seus mais importantes textos sociais, *O Mal-Estar na Civilização* (Freud, 1930).

Este pacto, segundo Pellegrino, teria que ser referendado por um pacto social em que são *partes contratantes* o trabalhador e o Estado (pai). Se o Estado não retribui ao trabalhador as condições para que possa trabalhar e viver dignamente este pacto não pode ser confirmado, retroagindo ao pacto anterior, anulando-o e lançando o indivíduo de volta a uma existência pulsional, pré-simbólica.

Ressaltamos ainda a semelhança entre este indivíduo que não pode trabalhar dignamente e a categoria descrita por Castel (1991:25-26) que circunscreve aquele indivíduo – *o indigente apto*, chamado anteriormente de *indigente válido* – considerado apto ao

trabalho pelo Estado que, deste modo, não lhe dá acolhida, não lhe franqueando o direito aos benefícios da seguridade estatal, embora seja, pelo lado do mercado, rechaçado por rígido corporativismo que excluía o trabalho “livre”.

Expulso do campo, mormente pelo processo de *cercamento dos campos*, este indivíduo, outrora trabalhador rural, não apenas era rechaçado pelo mercado de trabalho, como vimos acima, como era vedada a sua mobilidade profissional e geográfica. Acabava assim por recair sobre este *apto-para-o-trabalho-que-não-trabalha* (Castel, 1991:26) a mão pesada da criminalização e repressão, procurando-se imputar-lhes a responsabilidade por sua condição, como pôde ser visto através de levantamento dos processos por vagabundagem³⁹ de então (ibid. ver nota 3, p.26). Tratava-se da tentativa do Estado de dar uma solução burocrática para *aquilo que sobrava* dos processos de passagem ao trabalho organizado. Visava, porém, o impossível: “colocar no trabalho aqueles que de todas as maneiras estavam excluídos do trabalho” (ibid., 27).

O indivíduo descrito por Pellegrino (1987), que não consegue obter o referendo social do pacto que fez intra-familiarmente, e o descrito por Castel; podemos considerá-los, por aproximação, ambos como representação do mesmo indivíduo, ainda sem lugar no mundo de hoje⁴⁰.

Se o mundo do trabalho formal e legal não o aproveita, alguém acaba fazendo-o. Neste momento, voltando aos objetivos desta pesquisa, deparamos com outro elemento deste dramático jogo que coloca a vida de crianças e adolescentes em risco: o tráfico de drogas. Nossa hipótese se aproxima a de Pellegrino quando afirmamos que a identificação ao traficante se processa de forma não madura, envolvendo a instância conceituada em psicanálise como ego-ideal⁴¹. É uma identificação regredida em relação à que ocorre em nível de ideal de ego, aproximando-se conceitualmente pelo caminho do narcisismo ao estado em

³⁹ “Declaramos vagabundos e gentes vadias aqueles que não têm profissão nem ofício, nem endereço certo, nem lugar para subsistir e que não são reconhecidos pelas pessoas dignas de fé que não podem certificar-se de sua boa vida e costumes” (Ordem real de 21 de agosto de 1701, cujo teor foi retomado de forma aproximada no código napoleônico. Em Castel, 1991:27, ver especialmente nota 5).

⁴⁰ O que nos remete às idéias trabalhadas por Arendt (2000:300-336 [1949]) acerca do apátrida (que nos países em que vieram a morar era apenas uma anomalia legal não prevista na lei regular do país) (ibid., 311). O apátrida era (é) um homem sem pátria, tão fora-da-lei que, por definição, não está previsto nela, ficando completamente à mercê do manejo arbitrário da polícia (ibid., 317), que procurava diminuir seu número (dos apátridas) no país, não hesitando em recorrer a medidas ilegais para isso. Esta pode ser a primeira condição para seguir na desumana trajetória rumo à superfluidade que envolve a desconstrução do homem enquanto homem, passando pelos diversos registros: pertencimento pátrio, físico, moral, jurídico, individualidade. No fim do processo este homem desumanizado pode marchar (como nos campos de concentração nazistas e soviéticos) ordeiramente para a própria morte e nem esta será reconhecida. Será apenas mais um corpo anônimo em vala comum.

⁴¹ Para esta discussão sobre narcisismo, ego-ideal e ideal de ego, ver Costa (1988:109-136, 1991:93-103).

que a pulsão, de qualidades violentas, é vivenciada como sem limites, na fase pré-edípica, como postula Pellegrino (1991).

Voltando a Adorno e Horkheimer (1969), principalmente em relação aos valores praticados nas famílias, acreditamos que na grande maioria das famílias dos sujeitos desta pesquisa estão presentes valores capazes de contribuir para a boa construção da lei interna dos jovens, bem como existe afeto para a transmissão destes valores.

Retomamos, porém, a utilidade da analogia ao quadro preocupante descrito por estes autores quando percebemos que existe uma conjuntura de condições sócio-econômico-ideológicas e culturais capaz de embaralhar os valores considerados positivos, com outros que poderíamos pensar como negativos, podendo, por exemplo, haver em certa medida a desqualificação do trabalho legal, como sendo *coisa de otário*⁴². Confluindo com esta forma de pensar, observa-se que mensagens ideológicas têm sido veiculadas insistentemente e em escalas cada vez mais abrangentes com sentidos conflitantes em relação aos dos antigos valores de que falavam Adorno e Horkheimer (1969), o consumismo, sendo alçado a totem maior de nossos tempos, levando os jovens a pensarem e afirmarem que o *cara legal* é aquele que consome tais e tais marcas.

Em segundo lugar, entrando um pouco mais na especificidade da família brasileira contemporânea, vemos que o pai é atingido em cheio no seio da família, muitas vezes degradando-se, chegando mesmo a sair ou a ser expulso de casa, o que ocorre principalmente e de forma mais dramática entre as famílias mais pobres (Scott, 1990; Durham, 1982). Depois a mulher / mãe é atingida, tanto pelo que foi um dia considerado uma das grandes vitórias dos movimentos de libertação da mulher – conquistar seu espaço no mundo do trabalho – hoje revisto, como uma muitas vezes excruciante “dupla jornada”.

Nesta jornada de trabalho dobrada, a mulher tem acrescentada às tarefas do mundo doméstico da casa, a hiper-exploração sofrida no trabalho no mundo da rua, sendo a necessidade econômica das famílias a determinar cada vez mais a saída da mulher / mãe de casa para o trabalho remunerado (Giffin et al., 2000). Os pais⁴³ vão ficando cada vez mais ausentes ou impermanentes dentro das famílias. A ausência de ambos traduzindo-se em filhos deixados com vizinhos, com um irmão um pouco maior, com a TV (principal veículo de mensagens ideológicas voltadas a valores como o consumismo, por exemplo), ou deixados

⁴² Desqualificação que não foi corroborado por nossos dados. Muito pelo contrário...

⁴³ Usado aqui em contraste com mães.

mesmo à própria sorte, como mostram estatísticas de programas de proteção à criança e ao adolescente contra violência doméstica⁴⁴.

Na hora de buscarem alguma renda própria – seja pela necessidade de sobrevivência, ou pelo desejo de consumir supérfluos – os jovens não encontram oportunidades de trabalho, fato que é largamente atribuído a deficiências deles e não a tendências excludentes da escola e do mercado de trabalho. Deste modo, começam as dificuldades em um dos eixos apontados por Castel (1991) como fundamental para o pleno pertencimento social, o eixo do trabalho.

II.3. UMA HISTÓRIA DE DESFILIAÇÃO

Castel (1991) fornece-nos importante subsídio para a compreensão do quadro de desagregação da família em termos históricos, mostrando como o indivíduo⁴⁵ vai sendo atingido por um duplo movimento de precarização do trabalho e gradativo isolamento social: ele costura seu argumento em torno dos eixos trabalho e vínculos sociais mostrando como os trabalhadores vão sendo simultaneamente atingidos em um processo que percorre várias etapas, indo da *zona da integração* (estável no emprego com sólida rede de contatos sociais) às *zonas de vulnerabilidade*, caracterizada por precariedade no trabalho e fragilidade relacional, para finalmente chegar ao que chamou de *zona de desfiliação*, caracterizada pela ausência de trabalho e isolamento social das pessoas e por que não dizer, de famílias e gerações inteiras (ibid., p.30). Seriam para o autor os dois eixos, um eixo de trabalho e outro de relação social, que dão (ou não) sustentabilidade aos indivíduos.

⁴⁴ ABRAPIA, por exemplo, indica que entre os 1169 casos atendidos entre 1998 e 1999, 49% foram de negligência dos responsáveis em relação aos filhos. Informação disponível na página da Internet: http://www.abrapia.org.br/homepage/dados_sobre_violencia/dados_sobre_violencia_domestica.html.

⁴⁵ Castel baseia seu estudo basicamente sobre os trabalhadores operários franceses, que formavam os famosos bairros operários, historiando um pouco as principais mudanças desde a década de 60, que apresenta como importante divisor de águas para este trabalhador e suas famílias. Apresenta dados do RMI, que faz parte da Seguridade Social francesa, e que protege o trabalhador através de Renda Mínima de Inserção, mostrando que entre dezembro de 1988 a dezembro de 1989 os que recorriam ao RMI eram mão-de-obra útil (mas desempregados) (77%), sem cônjuge (75% de homens sós, 18% de famílias monoparentais com mulheres à frente), em idade ativa e mal domiciliados, 70% sem alojamento próprio, vivendo, por exemplo, sós em alojamentos de emergência ou albergados gratuitamente (74% dos homens). Retoma adiante a estatística para mostrar como estão de fato na zona de desfiliação (Castel, 1991:45-46): os dados brutos demonstram que 76% dos beneficiários do RMI estão sem cônjuge (isolamento) e 77% são inativos (desemprego) de longa data (estão há entre um e três anos sem emprego). Em um mundo globalizado acreditamos rico e produtivo o recurso a este estudo para refletir sobre problemas brasileiros ligados à família e ao trabalho (ou falta ou precariedade do mesmo). É possível perceber, como veremos, diversos pontos de convergência entre as duas realidades, e a adequação de reflexões e conceitos propostos por Castel para pensar a realidade brasileira.

Castel (1991:35,36) descreve o crescimento internacional de novas formas de trabalho flexibilizado, como, por exemplo, o trabalho por tempo determinado, apontando que, sendo estas novas formas de contratos as responsáveis pelas novas contratações, logo haveria um movimento não apenas de manutenção / crescimento de uma *periferia precária*, mas também a *desestabilização dos estáveis* na medida em que se observa a aceleração na rotatividade da mão-de-obra. Este seria então um dos elementos importantes no fluxo de precarização no eixo trabalho.

Paralelamente a esse processo, Castel mostra como ia processando-se a fragilização do eixo das relações, dentro, inclusive, das próprias famílias: “dispõe-se de numerosos índices objetivos que autorizam levantar a hipótese de uma transformação da estrutura familiar, indo no sentido do seu empobrecimento enquanto vetor fundamental de inserção relacional” (Castel, 1991:39). No início dos anos 60 Castel considerava que a família parecia comportar-se bem, o que podia ser lido por diversos índices⁴⁶, como os de casamentos, fecundidade, divórcios, dentre outros. Houve um processo que culminaria no início dos anos 60 de melhoria e estabilização de vários indicadores, sendo que alguns setores falavam inclusive em um “emburguesamento” da família operária. Em determinado momento, na metade desta década, tudo se reverte: A taxa de casamento cai pela metade. Os divórcios triplicam, aumentando também o número de outras formas de organização familiar, com os concubinatos, nascimentos “ilegítimos⁴⁷” e de famílias monoparentais (genitor sem cônjuge com filhos), aumentando o número de casas de uma só pessoa.

Para Castel (1991:40) não se trataria do fim da família, mas o fim da grande família, “com o que implicava de amplas redes de sociabilidade, de suportes afetivos cruzados e, eventualmente, de ajuda econômica”. Se por um lado vai fortalecendo-se a idéia da família como refúgio diante de um mundo insensível⁴⁸ (ibid., p.41), por outro lado a família tornava-se também gueto, podendo ficar, ela mesma, isolada, em especial aquelas cujo capital social já era limitado, de modo que vai se tornando comum a família restrita que não tem colaterais, sem a possibilidade de aberturas importantes para as relações sociais e profissionais.

O autor salienta ainda que, dentro deste contexto, as famílias monoparentais, de modo geral, tendiam a ter horizontes ainda mais limitados (ibid.). Fazendo um paralelo com a realidade brasileira, tratar-se-ia da progressiva desconstrução do suporte que Roberto Da

⁴⁶ O autor aqui se refere basicamente à família francesa “média” no início desta década.

⁴⁷ Hodiernamente a legislação brasileira proíbe que qualquer criança receba este denominação, constituindo uma forma de discriminação não mais aceita por nossas leis, em especial o ECA.

⁴⁸ Idéia também defendida e problematizada por Christopher Lasch (1977), principalmente em seu *Refúgio num Mundo sem Coração — A Família: Santuário ou Instituição Sitiada?*

Matta (1987:134,135) chamou de rede de relações de uma família dentro de uma sociedade, que teria inclusive mecanismos de compensação a, por exemplo, a saída do pai de uma família (momento em que se passa a descrevê-la como família monoparental).

Castel descreve ainda como mudanças nas políticas habitacionais foram mais um golpe contra os operários na França, levando à maior fragilização e mesmo rompimento dos vínculos sociais e das redes solidárias de auto-proteção que haviam criado em face das grandes dificuldades enfrentadas em termos de salários, instabilidade frente aos custos da sobrevivência diária⁴⁹.

Em relação ao tradicional bairro operário, Castel (1991), mais recentemente, acredita que o “caldeirão cultural” vigente, onde ferviam a consciência e união de classe e um forte sentimento de identidade tenderá a reconstituir-se mesmo se os moradores do bairro forem submetidos à urbanização selvagem, que pode significar mudá-los de lugar, através, principalmente do advento dos grandes conjuntos habitacionais.

Compreendemos, no entanto, que a experiência na Argélia tem mostrado justamente o contrário. Castel a seguir recorre a Dubet⁵⁰ que descreve o que ocorreu com jovens de uma pequena vila operária: a destruição do vínculo social a atingir subúrbios que estariam à deriva: “as comunidades populares foram arrebatadas nos grandes conjuntos, os caminhos de mobilidade e da reprodução do estatuto dos pais se fecharam e a consciência de classe que fornecia uma representação geral e ‘positiva’ de uma situação de dominação está ausente do universo dos jovens” (Dubet, 1987:95, apud Castel, 1991:44).

Afinado às idéias de Dubet, Castel enumera diversos determinantes negativos de identidade entre os jovens mencionados por Dubet:

(...) maus desempenhos escolares, desqualificação profissional, ocupação penosa do espaço nestas zonas sinistradas do grande subúrbio, ser estrangeiro em relação às instituições sócio-culturais, sindicais e políticas locais e estar em conflito permanente com os representantes da lei e da ordem. Estes jovens com *trajetórias cassadas*

⁴⁹ Bourdieu (1977:111 e ss.) descreveu um fenômeno ocorrido na Argélia dos anos 60, que tem alguns pontos em comum com o descrito por Castel (1991): funcionários, proletários e subproletários argelinos foram *realojados* de favelas para apartamentos modernos. Neste momento perderam grande parte do suporte das redes de relacionamento social e de solidariedade, aqueles que recebiam menores salários tendendo ao isolamento, enquanto os empregados melhor remunerados nos setores mais modernos que contavam com maiores perspectivas, sentiam-se tendo mais privacidade e cada vez mais identificados à condição de burgueses (processo de emburguesamento). Somavam a esse processo novas dificuldades trazidas pelo fato de estarem longe de pontos com maior infra-estrutura (comércio, escola, etc.), dificuldades para pagarem aluguéis mais altos e que recaíram sobre apenas um chefe de família, diferentemente de como ocorria nas habitações multifamiliares nas favelas.

⁵⁰ F. Dubet, 1987, *La Galère: jeunes em survie*, Paris: ed. Fayard, p.95.

(não propriamente delinquentes, mas um pouco vadios, um pouco toxicônomos, um pouco desempregados, mas por vezes trabalhadores), que só um rótulo, estigmatizante designa (“nós, nós somos da Courneuve” ou dos Minguettes, ou de uma Chicago qualquer) não podem dispor antecipadamente de um “plano” que ultrapasse o instante, ou alguns dias (Castel, 1991:44).

Para Castel (1991) o que estes jovens acabam mostrando é que a desfiliação deixa de ser apenas um estado, passando a ditar uma nova maneira de ser, como um “ethos”. É vivida de modo peculiar pelos jovens na sua relação com o tempo “simultaneamente eterno e fugidivo, com um passado muito fino”, em virtude de pouco ter sido a eles transmitido em âmbito familiar, ou pela escola, e mesmo em termos culturais. E o que torna as reflexões de Castel sobre eles especialmente preocupante é o fato deste autor não ver muitas possibilidades para eles, “pois não existem mais que frágeis suportes em que possam atar neles uma trajetória: *no future*” (Castel, 1991:44). O que lhes resta então? Pergunta o autor.

Restam o tédio, derrisão, pequenas artimanhas, ou as pequenas caças, andanças pela cidade e as rondas noturnas, o perambular, a vagabundagem no mesmo lugar e sem horizonte, e, por vezes, a viagem da toxicomania, que se consagra como experiência total e totalmente desterritorializante *onde o corpo solitário que goza e se destrói é o único suporte para “fixar” o sentido e bloquear a deriva.* (Castel, 1991:44-45, grifos nossos).

O autor termina estas reflexões mencionando seu desejo de recolocar a questão em perspectiva dinâmica, mais em termos de processos que de estados, escolhendo por isso as palavras precariedade, vulnerabilidade e desfiliação no lugar de falar em pobreza, marginalidade, desvio e exclusão, evitando-se assim o dualismo e com o intuito de melhor instrumentar ações para que se possa intervir “antes que a instabilidade das situações se congele em destino”. Tal intervenção, segundo o autor deveria ocorrer tanto no plano preventivo com medidas mais gerais para fazer frente ao crescimento da zona de vulnerabilidade, como no nível de reparação procurando devolver aos desfiliados o mínimo de possibilidade de (re) integração na sociedade. Para ele a lei sobre a Renda Mínima de Inserção seria um importante passo neste sentido.

Não podemos deixar de registrar, no entanto, que as explosões de violência em Paris e arredores em outubro e novembro de 2005, 26 anos depois da publicação da pesquisa de Castel mostram um acirramento das tensões até um ponto de ruptura institucional em que a raiva, o grito e o ato desesperado sobrepuseram-se à aceitação passiva da condição de segunda classe reservada aos operários, a todo tipo de trabalhadores pouco ou nada especializados, e aos desempregados em si, a maioria de ascendência argelina ou marroquina, explodindo em chamas. O estopim das ondas de violência teria sido a morte de dois jovens que foram eletrocutados acidentalmente em uma subestação de energia elétrica ao quando procuravam esconder-se de uma perseguição policial⁵¹.

Ressaltamos a possibilidade de ver uma continuidade entre períodos e países muito diferentes pela via de um mesmo vazio de valores. Percebemos nos dados, reflexões e análises trazidas por Castel (1991) e pelos autores a que recorreu, como Dubet (1987), importantes pontos em comum com as idéias de Adorno e Horkheimer (1969 [1954]) em especial quando estes e aqueles referiram-se ao fato de os filhos já não levarem quase nada de casa, de suas famílias, ficando de certa forma em suspensão, vulneráveis a serem tomados, a seguirem algo sem muito questionamento crítico. Podiam seguir tanto ser um líder tirânico, como ocorreu no primeiro momento histórico, ou enveredarem neste segundo momento histórico (da década de 80 até os dias atuais, fins de 2005) pelo dogmatismo religioso, ou pela perambulação em grupos sem muito rumo ou certezas, com recurso eventual ao prazer efêmero das drogas culminando na atual irrupção coletiva de violência contra um sistema que os discrimina sem dar-lhes muita chance. Nos dois momentos vivia-se, vive-se as conseqüências de importantes mudanças sócio-econômicas ligadas às diversas etapas do capitalismo.

II.4. INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA EM UM MUNDO DO CONSUMO

Um dos elementos importantes nos problemas descritos acima por Castel é a falta de acesso de grandes contingentes de trabalhadores ao mundo do consumo em um mundo que passa a valorizar cada vez mais as pessoas pelo que elas têm, pelos símbolos (comprados) que portam e pelas insígnias que ostenta. Cremos que um dos componentes da crescente

⁵¹ Cf. O Globo, 05/11/2005, p. 39 (Violência já atinge outras cidades da França) e O Globo, 06/11/2005, p. 38 (Onde Paris é Miserável e entrevista com Karim Amellal – A França optou por fechar os olhos).

sentimento de vazio e exclusão vivenciada por aqueles trabalhadores remonta à invisibilidade, principalmente social, que passam a experimentar de forma cada vez mais nítida. Em uma aproximação ao nosso objeto, recorremos agora ao modo como Castro (1998) aborda esta questão quando referida principalmente a crianças e adolescentes.

Castro (1998) recorre às contribuições de Jameson (1993), Vattino (1988) e Baudrillard (1993), autores que perceberam que a partir da segunda metade do século XX a lógica da cultura de consumo começou a deslocar a antes intocável centralidade da produção. Neste processo “As mercadorias passaram ao status de veiculadoras de algum tipo de informação a respeito daqueles sujeitos que as ostentam” (Castro, 1998:56).

Segundo Weber (1947) as religiões protestantes inculcaram na mente das pessoas durante muito tempo a idéia de que o que ela produz em sua passagem pela terra, a sua *obra* terrena era o mais importante e o que garantiria seu *bom lugar* no mundo transcendente. Então, voltando a Castro, esta certeza vai pendulando para o oposto da máxima protestante, passando a ser o que a pessoa consome a mostrar quem ela é no mundo, nos grupos que frequenta e nas interações sociais em seu dia-a-dia. Torna-se índice simbólico – positivo – da posição social ocupada pelo sujeito. Logo, podemos dizer que a cultura do consumo “fundamenta-se em práticas sociais relacionadas não somente ao ato de adquirir bens, mercadorias e experiências, como também à *criação e perpetuação de desejos em relação ao que não se tem*” (Castro, 1998:57-58, grifos meus).

Sob tal perspectiva, esta mudança assume tamanha importância que a realidade social vai sendo, cada vez mais, construída e regulada de acordo com os movimentos da cultura de consumo. Dentro deste contexto, mostrar-se atual e “na moda” são eficazes indicadores de inserção e reconhecimento social. A partir daí podemos dimensionar melhor o limbo em que é jogado, de acordo com Castel, aquele que não preenche os requisitos necessários nem para estar entre os indigentes inaptos para o trabalho. Estes últimos ao menos se encaixam em algum conjunto, por pior que ele seja, e tem direito, ao menos em teoria, à seguridade estatal, estando contemplado pela *zona da assistência* (Castel, 1991:26-27).

Ser um indigente considerado apto para o trabalho significa estar sujeito a dois mandamentos inconciliáveis: - *vai trabalhar vagabundo, porque você tem saúde e capacidade para isso* diz o Estado, enquanto o mercado de trabalho que não o absorve diz: - *não tem vaga, o que você está fazendo aqui?* Comparamos o sujeito jogado neste limbo à situação de muitos adolescentes pobres das favelas. Cidadania para estas pessoas? Consideramos difícil, já que vige a idéia de uma cidadania construída pela participação nas práticas do consumo. (Canclini apud Castro, 1998:60-61).

As práticas de consumo são vistas por Castro (1998) como mais invasivas ainda, ao encurtarem, pela sedução e apelo que as caracterizam, o caminho para proporcionar visibilidade e reconhecimento à criança, causando curto-circuito no processo demorado de identificação com os mais velhos, baseado na promessa de recompensa futura, evadindo desta forma o árduo processo de formação das identidades, com todas as transformações que pressupõe (ibid., p. 63).

Sendo um dos maiores divulgadores destas *coisas* (bens de consumo) *capazes de capacitar os sujeitos*, a TV pode assim romper com a idéia de trajeto baseado no trabalho para a transformação de crianças e adolescentes em adultos (lenta e laboriosa), já que as modalidades identificatórias promovidas pela cultura televisiva concorrem para que este apelo (identificatório) transfira-se para um crescimento desmedido do aqui e agora (Castro, 1998:71). Assim terminamos esta sessão com as palavras de alerta da autora:

(...) os valores da cultura de consumo e os efeitos da pedagogização midiática tem solo para se tornarem hegemônicos e enfraquecerem a estrutura da cidadania das sociedades modernas. Tais efeitos podem se tornar devastadores na medida em que os valores do trabalho e do esforço pessoal se tornem descartáveis e considerados sem importância. (Castro, 1998:72).

II.5. CONSUMO, IDEOLOGIA

Vimos com Castro (1998) a importância histórica e de alcance planetário da passagem do eixo da produção ao eixo do consumo e se os autores aos quais Castro recorreu falavam em uma cultura de consumo, estaremos então inevitavelmente também no campo das ideologias. Para fazermos uma aproximação a dois elementos intrinsecamente ligados ao que tem significado o consumo em nossa sociedade moderna recorreremos a Thompson (1995).

A primeira contribuição deste autor se dá no sentido de uma “recuperação” do importante conceito de ideologia, propondo uma concepção crítica da ideologia. Respondendo a uma literatura sociológica que considera a ideologia como um “cimento social que conseguiria estabilizar as sociedades, unindo conjuntamente seus membros e propiciando-lhes valores e normas coletivamente compartilhados” (Thompson, 1995:17) defende a posição de

que não existe evidência suficiente para sustentar a tese de que certos valores e crenças sejam compartilhados por todos ou mesmo pela maioria de determinada sociedade industrial moderna, as quais diferem sobremaneira das sociedades holísticas, onde a noção do todo predomina sobre o individual de forma mais marcada⁵².

Em sentido oposto, este autor, em sua reformulação do conceito de ideologia⁵³, retoma seu caráter contundente de ferramenta de profunda crítica social para fazer frente, por exemplo, ao ocultamento / naturalização de relações de poder e de dominação. Além disso, critica a prática de se pensar tal conceito exclusivamente em relação às formas instituídas de poder no Estado moderno. Logo, defende a idéia, ampliando a abrangência da discussão, de que a ideologia está em todo lugar, representada pelas relações de poder (desiguais), inclusive no dia-a-dia das pessoas, da casa ao grupo de amigos. Para ele, cada vez mais as experiências pessoais cotidianas estão sendo mediadas por sistemas técnicos de produção e transmissão simbólicas (Thompson, 1995:21).

A outra importante contribuição de Thompson (1995) permite articularmos as contribuições de diversos autores anteriormente mencionados, quando ele se aprofunda nos processos de propagação das mensagens ideológicas, identificando um eixo fundamental para a universalização da propagação destas mensagens, como são, por exemplo, aquelas que impõem ao consumo, conseguindo-se criar deste modo, desejos globais em torno de determinadas marcas: trata-se da mediação.

Para retomarmos a articulação com Castro (1998) tal eixo midiático teria um papel fundamental na transição da centralidade da produção para uma centralidade do consumo. Uma boa comparação seria pensar em uma conta de adição onde consideramos o primeiro termo distribuir, por meio físico (jornais e revistas, por exemplo) a mensagem ideológica de que consumir ou usar tal produto faz você ficar deste ou daquele jeito (sempre melhor) em um bairro (exemplo de mensagem ideológica). O segundo termo da adição é fazer o mesmo em um bairro vizinho, duplicando-se a influência. A mediação permitiria (e tem permitido) passar desta conta de simples soma a uma conta exponencial onde as possibilidades multiplicativas desta mensagem terão a possibilidade de não conhecer fronteiras, tendo um impacto global muito mais importante.

Tanto aqui como no Japão dois jovens poderão valorizar uma mesma marca, como referida e esta ou aquele atributo pessoal (positivo). Observa ainda Thompson (1995:37) que

⁵² Cf. Loius Dumont, 1983. *O Individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna*. (Trad. Brasileira: Ed. Rocco, Rio de Janeiro, 1985).

⁵³ Apresentaremos esta retomada do conceito mais adiante na seção de metodologia.

este tipo de interação, que chama de “quase-interação mediada” (1998:79) é essencialmente assimétrico, monológica (ibid., p.89), estando o receptor como pólo receptivo, embora não passivo, de mensagens que percorrem então uma via de mão única e são ativamente escolhidas para penetrar o mais profundamente possível na psique receptora (ibid., p.103).

É neste sentido que Thompson (1995) diz que a grande narrativa da transformação cultural⁵⁴ trouxe intuições importantes, sendo, por outro lado, também enganadora por não ter contemplado o peso do desenvolvimento dos meios de comunicação de massa, através dos quais as “formas simbólicas mercantilizadas” (ibid., p.21) puderam chegar a número crescente de receptores.

O conceito de mediação, uma das “transformações-chave” no processo de surgimento das sociedades modernas, se aplicado ao que Polanyi chamou de A Grande Transformação (Polanyi, 1944), passa a nos mostrar como pode ter atuado como um multiplicador das mensagens mercantilizadas ideológicas participando de forma decisiva nos processos de transformação e declínio de valores, tema caro a Adorno e Horkheimer⁵⁵ (1966) e fetichização da mercadoria de que falam autores como Baudrillard (1995), Castro (1998), Calligaris (1990), dentre outros.

Thompson distinguiu dois modos de valorização das formas simbólicas: o valor simbólico em si, que se relaciona ao apreço que têm por elas tanto as pessoas que as produzem como aquelas que as recebem, e o econômico, que se refere ao valor de mercado que as formas simbólicas assumem ao serem negociadas, algo como a sua liquidez mercadológica, valor de troca. Refere-se a um processo de valoração econômica de formas simbólicas antes “puras” na sociedade moderna (1995:23).

Em termos weberianos poderíamos dizer que formas simbólicas religiosas puritanas vão sendo substituídas por formas simbólicas capitalistas em sua essência e transformadas em mercadoria, cooptadas nos “moinhos satânicos” de Polanyi (1944). A forma simbólica religiosa que transmitia a mensagem da criação, manutenção e multiplicação das “boas obras” em terra – *base da maioria das religiões protestantes nos Estados Unidos* – *transformava-se* em algo de enorme poder e valor de mercado tendo sido definida por Weber (1947) como o coração da Grande Transformação narrada por Polanyi (1944).

Desvelando os processos de funcionamento da mediação, Thompson (1995) identifica a visibilidade como um dos componentes fundamentais das mensagens transmitidas através

⁵⁴ Refere-se dentro do texto do autor às transformações culturais ligadas ao surgimento das sociedades industriais modernas. O autor explicita que o conceito de ideologia faz parte desta *grande narrativa*.

⁵⁵ Inclusive, em etapa posterior, pelas mensagens da eficiente propaganda oficial nazista de Goebbels.

dos meios de comunicação de massa. Tal ferramenta logo foi apropriada também pelos que estão no poder chamado democrático. Política e administração da imagem e da visibilidade andam hoje de mãos dadas. Se de um lado temos as mercadorias em busca de consumidores, do outro lado temos então os políticos que tentam vender sua imagem aos potenciais eleitores e financiadores das campanhas.

De modo análogo, os traficantes preocupam-se em ter também visibilidade, como uma forma de impressionarem os mais jovens tanto para ter respeito como para que os admirem e queiram ser como eles, o que traz uma dupla recompensa: para a própria vaidade e fazendo com que mais jovens interessem-se em trabalhar para eles, o que é bom para o negócio, já que os “funcionários” costumam durar pouco tempo no serviço, precisando ser continuamente substituídos.

Hodiernamente sabe-se que a ideologia está em todos os lugares, sustentando principalmente as relações de poder assimétricas, de dominação. Neste sentido, podemos ver de um lado mensagens ideológicas imputando na mente das pessoas que o seu próprio sucesso e a sua aceitação pelos pares estariam intimamente ligados à aquisição e uso de certas marcas. De outro, ideologias de gênero levam frequentemente a posturas onde reafirma-se, por exemplo, que para ser homem é preciso não apenas prover, como exercer a dominação não apenas sobre mulheres, como também sobre outros homens “mais fracos” ou outros grupos de homens “mais fracos”. O grande perigo da(s) ideologia(s) é que de tanto ser repetida, massificada, *midiada*, atuada, transmitida e reproduzida, acaba tornando-se ou mantendo-se socialmente real, tendendo a perpetuar-se. Vejamos então as ideologias ligadas ao gênero.

II.6. GÊNERO E IDEOLOGIA

Tendo abordado acima a importância da cultura de consumo com suas intrínsecas práticas de consumo e uso de mercadorias como marcas regulatórias importantes nos processos hodiernos de identificação e apresentação ao mundo social, começamos agora a trabalhar com outro não menos importante eixo identificatório altamente *ideologizado*: o gênero.

Deste modo, e articulando com os fins desta pesquisa, podemos pensar em dois importantes eixos de identificação. Primeiro seria a criação de identidade como consumidor identificado a certas marcas e mercadorias sempre que estas são transformadas em “(...)

ícones portáteis (...) objetos *fetichizados* que se convertem no critério absoluto de definição de valor subjetivo” (Castro, 1998:63). O segundo eixo é constituído a partir das ideologias de gênero, as quais, no entanto, guardam íntima relação com a promoção do consumo.

O conceito de gênero, segundo Magdalena León (1994) apareceu em meio ao debate que buscava entender a subordinação da mulher, diante da ausência de teorias sociológicas que explicassem as desigualdades entre homens e mulheres. Após o recurso a explicações históricas ligadas ao patriarcado ser descartado por ter esta palavra (patriarcado) perdido sua capacidade explicativa, chegou-se ao conceito de gênero: “enquanto categoria analítica contém, mas transcende a definição biológica de sexo, situando homens e mulheres como categorias de análise socialmente construídas. É um modo de se referir à organização social das relações entre os sexos.” (León, 1994:30, trad. minha).

De Lauretis (1987) procura evitar meandros e idas e vindas na definição do conceito de gênero clareando os espaços em que poderia atuar a mistificação e domínio de instrumentos ideológicos:

Gênero não é sexo, é a representação de cada indivíduo em termos de uma relação social pré-existente ao próprio indivíduo e predicada sobre a oposição “conceitual” e rígida (estrutural) dos dois sexos biológicos. Esta estrutura conceitual é o que os cientistas sociais feministas denominaram “o sistema sexo-gênero”. (De Lauretis, 1987:211)

Refere-se a seguir à assimetria de todos os sistemas de gênero que está ligada à própria desigualdade social. Para ela o sistema sexo-gênero vai além da caracterização de parte da construção social dos indivíduos, firmando-se como *aparato semiótico*, que funciona como sistema de representação capaz de atribuir significados de identidade, valor, prestígio, posição de parentesco, status, dentre outros, aos indivíduos, influenciando assim diretamente na construção e cristalização das hierarquias sociais. Isso seria um exemplo do próprio funcionamento da ideologia, que segundo Althusser, citado por De Lauretis “representa não o sistema de relações reais que governam a existência de indivíduos e sim *a relação imaginária daqueles indivíduos com as relações reais em que vivem*” (apud De Lauretis, 1987:212, grifos nossos).

Anyon (1984) contribui para aprofundar a visão deste processo ao discordar da tese predominante da unilateralidade de imposição de papéis de gênero. Concordando parcialmente com Thompson (1995:37) que acredita que o receptor das mensagens de mídia não é apenas um pólo passivo de uma transmissão, esta autora crê na coexistência de recepção passiva e de resposta ativa às contradições sociais. Recorre a Genovese (1972) para importar

os conceitos de acomodação e resistência – usados por este autor em um estudo sobre os escravos – ao campo de gênero, enfocando principalmente as ideologias de gênero femininas, embora muito do que argumenta seja também válido para os meninos.

A idéia principal – e a inovação trazida por ela – é a de que é comum existir nas pessoas em geral um movimento cotidiano ora de resistência tanto à imposição de estereótipos quanto às formas simbólicas impregnadas de mensagens ideológicas, ora de acomodação aos mesmos. Por fim, Anyon mostra como acomodação e resistência diante de expectativas de papéis sexuais estereotipados ou ideologias de gênero fazem parte integrante da totalidade dos processos que todas as crianças usam para construir suas identidades sociais, embora nem sempre seja fácil distingui-las empiricamente.

Segundo Giffin et al. (2002), em consonância com as idéias de Thompson (1995), os estereótipos de gênero devem ser situados como um *componente da ordem social dos significados* (Giffin et al. 2002). Grupos de reflexão femininos foram um importante ponto de partida de um percurso que permite agora chegar a conclusões como essa. Tais grupos têm sido um exemplo palpável das possibilidades reais dos processos de contestação e resistência e testemunham também a possibilidade de (re) constituição da (auto) identidade.

Estes grupos que deram origem ao feminismo nasceram da possibilidade instituinte, alcançada em determinado momento, de estranhamento de algo que estava naturalizado. Algumas mulheres puderam perceber a construção social do lugar da mulher como uma função política, de manter a reprodução de certa hierarquia de gênero, através da realização da função ideológica de transmissão e manutenção destes estereótipos como naturais.

A partir deste ponto passaram à tarefa de fazer a desconstrução e a desnaturalização desta (auto) identidade de gênero. Percebeu-se que a auto-identidade é coletivamente construída, e dentro de um novo paradigma que vai sendo elaborado, coletivamente, criam as condições para a construção de um novo sujeito do conhecimento. Se por um lado, neste processo, o poder do saber legitimado é dividido (como indica, por exemplo, o espaço conquistado pelo feminismo na academia), sendo possível a transformação da consciência e da auto-identidade, por outro lado, permanecem os efeitos nocivos de uma globalização que exclui mulheres, homens e crianças (Giffin et al., 2002).

Embora haja pesquisas que mencionem a existência de uma minoria de homens jovens mais progressistas em relação ao gênero – Barker (2000:2), por exemplo – as ideologias do gênero masculino produzem e contribuem para perpetuar a imagem de um homem positivo, ativo e afirmativo, sempre no sentido de um aumento de assertividade, dominação e exercício

assimétrico de poder quando comparados com as ideologias do gênero feminino, ou seja, representam um ser poderoso e competitivo, apto a “vencer na vida” em uma sociedade de consumo, não importando muito o custo disso, “vencer a qualquer custo”.

Por outro lado, o que temos a chance de perceber teoricamente aqui – e na prática nos grupos de reflexão masculinos realizados com jovens e com adultos (Giffin et al., 2002), bem como na parte de campo da presente pesquisa – é a possibilidade de desenvolver uma capacidade crítica que permita resistir a aos estereótipos e construir alternativas aos imperativos ideológicos vigentes. Pensamos que ceder ao papel sexual estereotipado masculino, de ser necessariamente o provedor forte e destemido, custe o que custar, mesmo levando a romper com outros limites – dentre eles, a própria lei – é um exemplo claro de nefasta acomodação ao papel (estereotipado) de homem – macho – provedor – agressivo – sem medo – dominador (Lopes et al., 2001).

Em relação a este machismo exacerbado, entendemos que algumas das características básicas da masculinidade ocidental aplicam-se também à especificidade das masculinidades brasileiras. Recorremos a estudos importantes na construção deste processo histórico de crítica, como, por exemplo, Brannon e David que em 1976 (apud Garcia, 1998:41-42) identificaram e analisaram na sociedade norte-americana expressões que sintetizam pontos nevrálgicos da masculinidade dominante que, embora presentes na linguagem há bastante tempo, permanecem muito atuais.

Segundo estes autores (Brannon e David, 1976) a idéia contida na difundida expressão *No Sissy Stuff*⁵⁶, é a de que os homens não podem fazer nada que possa sugerir feminilidade, a masculinidade sendo vivida como oposta ao feminino; já a idéia contida em *Be a big Wheel*, vem ao encontro da discussão anterior sobre o consumo, sendo a masculinidade medida por indicadores de poder como riqueza e sucesso que, portanto se junta aos outros *imperativos*⁵⁷ que empurram os homens nesta direção, de enriquecer⁵⁸, tornar-se poderoso; já a expressão *Be*

⁵⁶Tendo em vista que existe certa universalidade do machismo no mundo ocidental, oferecemos aproximações em português para estas expressões, embora a tradução direta possa, de início, não fazer sentido: *No sissy stuff* aproximar-se-ia de “nada de coisa (stuff) de mulherzinha (sissy) ou garoto fraco ou afeminado”; *Be a big Wheel* refere-se a ser alguém importante; *Be a sturdy oak* a “ser um carvalho forte e inflexível”, enquanto finalmente, *give them hell* a “dê-lhes o inferno”.

⁵⁷ O uso desta palavra denota que não se trata de uma escolha, a ideologia é quase um mandamento, uma voz que ordena, e que é obedecida (sem que a pessoa se dê conta disso) sempre que não se tem como resistir, criticar, pensar sobre a ideologia. Atos cada vez mais raros no mundo moderno e contemporâneo, conforme já dizia Nietzsche: “o homem moderno perdeu a capacidade de ruminar” (aforismo 17 em *Além do Bem e do Mal*): “Os meus escritos são compostos de tal maneira que interpretá-los exige uma faculdade muito especial, que os homens modernos não têm, uma faculdade de ruminar; para entender os meus escritos precisa ser de alguma forma vaca, isto é, precisa ter capacidade de ruminar e perder tempo com eles”.

⁵⁸ O estudo da obra de Weber (1947) nos permite aprofundar nossa análise ao identificarmos, ao menos na história muito recente dos EUA, um importante eixo ideológico religioso sustentando este aspecto (obrigação de

a *Sturdy Oak*, remete ao conhecido fechamento afetivo do homem, que deve manter-se sempre reservado, calado, procurando não revelar nada de seus sentimentos, o que poderia denunciar aos que o cercam certa dependência em momentos de crise, o que – eles assim pensam – seria inadmissível para um homem (com H, maiúsculo); por último, e mais importante para a presente pesquisa, *Give ‘Em Hell* que expressa a necessidade de se emitir respostas e ações violentas a situações de conflito: *deve-se correr riscos*, mesmo oferecendo riscos ou causando danos a terceiros.

Em nosso Estado ocorre que a pressão para corresponder a determinados estereótipos de força e poder está contribuindo para levar muitos destes *jovens homens reais* a caminhos tortuosos e de difícil saída. Um bom exemplo deste processo é aproximação destes adolescentes pobres ao trabalho nos “quadros” do tráfico de drogas, onde provavelmente vão desumanizar-se, especializando-se no ofício da violência, aprendendo a achacar, violentar, machucar, mutilar, a matar e morrer.

O fato de os meninos sentirem-se pressionados a serem homens que têm que prover, sendo fortes, viris, dentre tantas outras qualificações que denotem potência (Garcia, 1998:41-42; Nolasco, 1993:11, 1995:27) parece ser um dos elementos da complexa trama a empurrar / atrair o jovem para atividades à margem da lei. Pode querer, por exemplo, ser como o traficante que ele vê ir e vir na favela onde mora, quase sempre portando símbolos fálicos, seja a arma, sejam garotas, sejam marcas e ou mercadorias socialmente valorizadas (Zaluar, 1994:79, 2004:64). Zilah Meirelles (1988:86) retrata a mesma cena de modo mais dramático: para ela as armas são como fetiches nas cinturas de jovens adolescentes franzinos, mas com gatilhos mortíferos “revólver na cintura impõe respeito, a gente aprende a ser matador” diz um dos jovens traficantes entrevistados. Fama, prestígio, respeito entre os bandidos, pode significar subir na hierarquia do tráfico.

Mais recentemente, os próprios homens passaram a questionar estereótipos de gênero masculino a partir do tema da saúde reprodutiva (Giffin e Cavalcanti, 1999). Este processo instituinte tem propiciado as condições para a emergência de um novo campo no trabalho com

enriquecer), como vimos anteriormente: segundo importantes dogmas das religiões protestantes (fortemente estabelecidas nos EUA) o homem tinha o dever de esmerar-se ao máximo em suas obras terrenas (produção e acumulação) para garantir seu lugar no céu. Assim podemos perceber como vão se formando as ideologias, com composições muitas vezes complexas, podendo incluir – dentre os elementos que pudemos ver até agora – mensagens ideológicas diversas, como as de mercado (obrigação de consumir, por exemplo), de gênero, e religiosas. A estas marcações ideológicas somam-se outras que no momento não estão sendo diretamente abordadas no momento, como de cor e classe social e que, todas juntas “marcam” o lugar do sujeito na cultura. Em última instância, o que estamos a questionar é a fixidez desta marcação. Questionar as ideologias, filtrar as mensagens é o mesmo que flexibilizar estas marcações e poder desprender-se um pouco (ou muito) dos estereótipos e livrar-se dos grilhões da rigidez da mencionada fixação. Os estudos feministas, como (por exemplo Garcia, 1998:36,45) destacam o gênero como um organizador central.

grupos de homens onde se pode perceber, a partir das vivências no cotidiano, como estes estereótipos estão visceralmente ligados às (re)ações violentas em situações de conflito, algumas com desfechos trágicos – *para eles*, para outros homens, mulheres e crianças (Giffin et al., 2002). E um ciclo vicioso instala-se quando o homem que foi de alguma forma vítima da violência *aprende* que deve ser violento também para defender a si próprio e aos seus. No caso de não ter sido vítima de violência – o que é raro – o uso da violência pode ser preventivo: atacar primeiro para não se tornar vítima.

Voltando aos jovens em questão, pensamos que estão em situação não apenas de vulnerabilidade nos termos de Castel (1991), mas muitos já vivendo o extremo da exclusão, que é a desfiliação, chegando ao ponto em que se torna pouco dizer que vivem uma situação de risco social ou risco psicossocial por morarem em áreas urbanas pobres dominadas por tráfico de drogas organizado. Segundo Meirelles (1998) a pobreza seria um dos fatores que levaria à vulnerabilidade através da exposição pela adoção do chamado comportamento de risco.

Um indicador de risco social seria a pressão para a entrada precoce de adolescentes no mercado de trabalho, que é tida como estressante, difícil de ser bem sucedida, sem representar, na maioria das vezes, oportunidade de crescimento para os jovens. Meirelles (1998) menciona ainda como a *indústria do tráfico* acaba recriando as relações sociais dentro da favela para garantir o seu funcionamento. E nessa recriação “reduz a pó o movimento comunitário na favela, aniquilando qualquer possibilidade de a comunidade reivindicar melhores condições de vida”. (Meirelles, 1998:xviii). Menciona ainda uma cultura emanando do tráfico de drogas operando sobre a constituição da identidade dos jovens, cultura que valoriza a violência nas relações interpessoais (ibid., 78, 89), e a sobrevalorização de certos bens que são transformados em insígnias de poder, a mais representativa destas, a arma de fogo em si.

III. OBJETIVOS

Nosso objetivo principal é o de chegar a uma compreensão mais aprofundada dos processos psíquicos e sociais envolvidos na aproximação de um número crescente de crianças

e adolescentes pobres de nosso Estado ao tráfico de drogas entendendo que estes processos ocorrem inseridos em complexa trama de fluxos que vão desde aspectos microssociológicos a fatores macroestruturais passando por determinações inconscientes e aspectos individuais e circunstanciais.

Pretende-se chegar a esta compreensão mais aprofundada utilizando-se uma abordagem interdisciplinar – ou mesmo transdisciplinar – constituindo como nosso núcleo disciplinar inicial conceitos e técnicas da sociologia, da antropologia das sociedades complexas e da psicanálise. Podemos dizer que mantemos como ponto de fuga a nos orientar no conjunto total da pesquisa a idéia de complexidade.

Como segundo objetivo mais imediato, pretende-se que as conclusões e resultados obtidos neste trabalho possam produzir informações que subsidiem políticas públicas tanto abrangentes como locais / focais para lidar com o fato social pesquisado. Neste sentido adiantamos que nossa contribuição reforça e suporta a idéia da necessidade de abrangentes e profundas ações de intervenção / apoio psicossocial voltadas aos jovens e famílias em situação de grave risco psicossocial. Ações que precisam ser construídas sobre os alicerces de uma compreensão profunda ou complexa das vicissitudes das vidas destes jovens. Compreensão que temos aqui buscado.

Objetivamos ainda, em terceiro lugar, que o conhecimento produzido por esta pesquisa possa contribuir para profunda mudança de concepção no modelo de preparação dos agentes sociais (incluindo aí educadores, monitores, técnicos e outros que convivem diretamente com os jovens no dia-a-dia) que lidam com estes jovens e suas famílias, destacando-se a adoção de reflexões capazes de favorecer uma (auto) conscientização da importância de cada agente social, dando-se prioridade à capacitação mais subjetiva e humana que propriamente técnica. Tal trabalho requer a disponibilidade e a responsabilidade de aceitar a por vezes pesada carga de ser referência para estes jovens. E que os gestores saibam que o jovem só os elegerá como referência, condição *sine qua non* para o trabalho, se eles tiverem a disponibilidade interna e a noção da grandiosidade do trabalho confiado a eles, abraçando, com garra e com amor o seu ofício.

O objetivo neste momento seria prover recursos para conscientizá-los profundamente (aos agentes sociais) para que possam *rever sua inserção neste campo*, entrar em contato com seus atravessamentos⁵⁹ e redimensionar subjetivamente a influência que podem ou poderiam

⁵⁹ Segundo Baremblytt (1992) “*o atravessamento está a serviço da perpetuação dos instituídos dos mais conservadores*”, enquanto a transversalidade seria o elemento determinante na passagem de um grupo sujeito a um grupo sujeito, que para Kamkhagi (1982) “*se esforça em influir, tenta conhecer seu objetivo, ouve e é*

ter na vida destas crianças e adolescentes, no sentido do que argumentei em outro momento: “... que podem por vezes assumir a estatura de um pai...”⁶⁰. Tal reposicionamento subjetivo é reforçado pelas idéias do educador Paulo Freire, que “ao exercer a atividade de professor se sentia próximo a um *exercício efetivo da paternidade*” (Instituto Paulo Freire, apud Silveira, 1998). Partindo deste ponto, acreditamos poder fornecer subsídios ao Estado (incluindo aí União, Estado, Município, representantes do poder público em geral) para que possa criar e operacionalizar formas instituintes⁶¹ de chegar a estas crianças e jovens.

Um quarto objetivo baseia-se na recomendação que fazemos de que os resultados deste trabalho possam servir como subsídios à criação e multiplicação de grupos de sensibilização / discussão da condição masculina / machismo, envolvendo jovens e adultos com ou sem filhos. Alguns dos homens que participaram dos grupos de projetos já existentes⁶² relataram a diminuição da frequência do recurso ao uso de violência na solução de conflitos, apenas por poderem falar de si em um ambiente onde puderam ouvir outros homens fazendo o mesmo em um grupo solidário (Giffin et al. 2002; Lopes et al., 2001). Seriam grupos onde se poderia basicamente exercer a capacidade de reflexão sobre a própria experiência e pensamento, podendo-se iniciar a desconstrução de ideologias, dando uma chance aos jovens para que possam fazer o estranhamento, por exemplo, da ladainha monocórdia de certos caldos de cultura, como é aquele da violência, em que, por vezes podem ver-se capturados.

Na escolha de jovens abrigados (ex) moradores de favelas como sujeitos desta pesquisa⁶³, recorreremos à vertente marxista da sociologia urbana brasileira, influenciada por Manuel Castells (2000), que percebe a favela como momento importante da reprodução da desigualdade social. No Brasil Lucio Kowarick (2000) cunha o importante conceito de “espoliação urbana”, que seria:

ouvido e, por este fato, sobrepõe-se a uma hierarquia das estruturas, permitindo uma abertura que vai além dos interesses do grupo. O grupo sujeito, por outro lado, se conforma com sua hierarquização em relação aos demais grupos” Baremlitt (1992:36-38, 156).

⁶⁰ Cf. dissertação de mestrado *A Constituição da lei nas famílias chefiadas por mulheres*, na PUC-RJ, em 1999.

⁶¹ Baremlitt (1992:31-32, 178).

⁶² Localizamos apenas a título de exemplo, algumas iniciativas isoladas em 2005, como a da Macrofunção de Crianças e Adolescentes da Sub-Prefeitura de Campo Grande e Santa Cruz ligada a Secretaria Municipal da Saúde do Adolescente do Rio de Janeiro, priorizando atividades que envolvem os próprios adolescentes em discussões sobre gênero, paternidade, etc. Outro bom exemplo é o projeto *Homens, Saúde e Vida Cotidiana*, que envolveu homens em situação de exclusão social de diversas localidades do Rio de Janeiro, propiciando-lhes um espaço solidário para se pensarem e refletirem sobre sua própria experiência (Lopes et al, 2001).

⁶³ Escolhemos, conforme será melhor esclarecido na parte de campo, fazer a pesquisa com jovens abrigados, já tendo em vista que quase todos foram em algum momento de sua vida (e possivelmente voltarão a ser) moradores de favelas.

(...) a somatória de todas as extorsões que se opera pela inexistência ou precariedade de serviços de consumo coletivo, que juntamente com o acesso à terra e à moradia apresentam-se como socialmente necessários para a reprodução dos trabalhadores e aguçam ainda mais a dilapidação decorrente da exploração do trabalho, ou, o que é pior, da falta deste” (Kowarick, 2000:22).

Pode-se perceber, diante da inexistência / precariedade de oportunidades de trabalho e de serviços de consumo coletivo, que não existe um plano integrado de ações para fazer frente ao grave problema da aproximação de crianças e adolescentes ao tráfico de drogas. Percebemos, ao contrário, que mesmo as ações isoladas encontradas aqui e ali estão sujeitas ao fantasma da descontinuidade mediante, principalmente as nefastas conveniências políticas que ainda (apesar da absoluta prioridade à criança e ao adolescente prevista no ECA) sobrepõem-se aos interesses da infância e adolescência pobre, de modo que é possível diagnosticar, como o fazem também Cruz Neto, Moreira e Sucena (2001:181) que só será possível encaminhar uma gradual solução através de uma ação integrada, planejada e contínua, que deve ocorrer em várias frentes, muitas das quais estruturais⁶⁴.

Embora não tenhamos a pretensão aqui de inventariar as políticas públicas existentes em relação ao tema ora pesquisado, destacamos um programa: “Ações de protagonismo juvenil”, que fez parte de um conjunto de programas do PROAP (social) II, proposto pela Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro no ano de 2000⁶⁵ que, pelo menos em seu texto, converge com vários pontos indicados por Cruz Neto et al., dentre os quais destacamos: “inclusão social; ênfase na rede familiar (...) estímulo à valorização da auto-estima; valorização da participação dos jovens como protagonistas das ações” (Cruz Neto et al., 2001:186). Outra proposta de extrema importância levantada pelos autores é a da implantação de uma Rede Integrada de Atendimento (ibid.), sendo crucial para que tal rede funcione que

⁶⁴ Em relação às ações estruturais, concordamos com os autores citados em relação à sua necessidade, entretanto, acreditamos que o início da realização desta solução integrada deve incluir o reforço ao movimento individual e ou coletivo (mesmo que em pequenos grupos) de reivindicação de direitos por parte dos jovens e por parte da sociedade civil organizada, como, por exemplo, as ONGs que têm trabalhado junto a eles.

⁶⁵ Trecho do texto do Programa: “*Formação de Agente Jovem*: (...) É uma ação destinada a implantar o conceito de *protagonismo juvenil* através da organização de um processo de formação e capacitação de jovens para atuarem em comunidades (...) Estes agentes jovens estarão não só contribuindo, na sua comunidade, para a reversão de indicadores sociais problemáticos como, paralelamente, para o *desenvolvimento de projetos pessoais de suas próprias vidas*. OBJETIVOS: Fornecer instrumentos conceituais que permitam ao jovem superar-se, preparar-se para atuar de modo cooperativo e contribuir para a transformação da própria comunidade onde está inserido; Ajudar o jovem adolescente a compreender que é *possível planejar o seu próprio futuro*; Resgatar vínculos familiares, comunitários e sociais; (...)”. (PROAP II, 2000).

haja transparente comunicação entre as instituições a compô-la⁶⁶. O problema que examinamos já mobiliza a esfera federal, o que pode ser percebido pela proposta do Ministério da Justiça à Fundação para a Infância e Adolescência (FIA) para que, em cooperação, *combatam o aliciamento de jovens para o tráfico*⁶⁷.

IV. CAMPO EPISTEMOLÓGICO E MÉTODOS

IV.1. EPISTEMOLOGIAS

Diante de estudos abrangentes, como os de Dowdney (2003), entendemos que embora já exista material considerável produzido versando sobre as representações de jovens traficantes e jovens não envolvidos, moradores de áreas sob influência de comandos e crime organizado, a relevância e particularidade deste trabalho está ligada à possibilidade de pesquisar, a partir do núcleo conceitual formado no entrecruzamento possível (e paradoxalmente também impossível, cf. Soares, 2005) dos campos da sociologia e da psicanálise, as motivações, as perspectivas e uma multiplicidade de fatores que amarram a complexa trama sobre a qual percebemos jovens que estão no limiar, na tênue fronteira entre *estar envolvido* ou não.

Alanen (1999) enriquece a discussão epistemológica com a proposta da criação de uma sociologia das crianças (Alanen, 1999:73). Ela considera que as crianças também constituem uma categoria social que não tem sido reconhecida – *como durante muito tempo*

⁶⁶ Entrevistas realizadas pelo pesquisador em outubro de 2003 em Brent, bairro periférico de Londres, (uma delas com Anju Bhatt, do **BrAVA** (Brent Association for Voluntary Action) situado em 25 Harlesden High Street London NW10 4NE), demonstrou que o que aqui no Brasil pode aparecer ainda como uma proposta avançada de atendimento integrado, no Reino Unido já é lei. O atendimento integrado intersetorial aos adolescentes em situação de risco social está previsto em lei, e já é executado normalmente, de modo que o(a) adolescente será sempre atendido simultaneamente pela Secretaria de Saúde, Secretaria de Habitação, Secretaria de Assistência Social, bem como estando sujeito aos órgãos repressivos, incluindo a polícia, que faz parte da rede. Esta forma integrada de atendimento ajuda a evitar situações comuns em nossas metrópoles quando se sabe que um adolescente que fôra envolvido com o crime está tendo progressos em mudar sua vida (desintoxicação, reintegração social e no trabalho, etc.) encontra com um policial que o tinha “marcado” como bandido (irrecuperável), corre grande risco de ser executado.

⁶⁷ Tal informação pode ser obtida em diversas fontes, uma delas é o RELATÓRIO da I Conferência Intermunicipal da Criança e do Adolescente do Estado RJ, 1995.

as mulheres não foram reconhecidas em seu valor – *ficando então* as crianças à mercê da construção de seu lugar sempre por outrem, estando sujeitas a distorções e à *invisibilização* de suas contribuições. Esta sociologia das crianças em muito se aproxima à sociologia feminista, pois parte da construção de um objeto, (ou, melhor dizendo, de um sujeito) que era *invisibilizado*, sendo, de certa forma, ignorado pela sociologia tradicional.

Segundo Alanen, as crianças chegaram mesmo a serem descritas como não-sociais ou em processo de se tornarem sociais. A idéia básica da autora é a de incluir na sociologia tanto as crianças como seus pontos de vista, valorizando o fato de que as crianças são agentes sociais por elas mesmas. Sob esta perspectiva é possível perceber que as construções sociais da infância não apenas estruturam a vida das crianças, mas são também estruturadas pelas atividades das próprias crianças. A partir daí a autora preocupa-se em explicitar e explicar as competências sociais das crianças nos seus diversos espaços de atuação e interação, como novos sujeitos do conhecimento.

Um forte elo que nos leva a evocar a proposta epistemológica desta autora é o fato de pensarmos, também como Honneth (2003a), que processo semelhante de invisibilização e indiferença ocorre especialmente com as crianças e adolescentes em situação de exclusão e de desfiliação. Indiferença que por vezes só é rompida quando passam a ser considerados ameaça para a sociedade com o conseqüente aumento da pressão de exclusão e mesmo de extermínio. Sugerimos então uma extensão do rol de grupos merecedores de reconhecimento de sua plena existência sociológica. Epistemologicamente este trabalho aponta para esta direção.

Esta ótica ganha importância a partir do fato de que, embora não tenhamos entrevistado crianças, estamos igualmente preocupados com elas. Além disso, constatamos que muitos adolescentes, apesar de poderem ter, ou não, uma aparência endurecida, são, ainda, crianças que não tiveram o seu tempo de brincar.

Como psicanalista defendo a idéia de que a psicanálise deve interagir com outros saberes. Recorrendo a Geertz (1997), procurando aproximar o tema pelo lado da sociologia, percebemos que, se existem há algum tempo questionamentos em relação à cientificidade das próprias ciências sociais, estes não podem ser resolvidos por uma problemática substituição de uma abordagem macro por uma abordagem micro:

“Abandonar a tentativa de explicar fenômenos sociais através de uma metodologia que os tece em redes gigantescas de causas e efeitos, e, em vez disso, tentar explicá-los colocando-os em estruturas locais de saber, é trocar uma série de dificuldades bem mapeadas, por outra de dificuldades quase desconhecidas”.(Geertz, 1997:13).

Por outro lado, embora acreditemos que as mazelas sociais – dentre elas o tráfico de drogas – estão de modo geral ligadas aos vícios estruturais de nossa sociedade, este caminho explicativo / contestador pode ser paralisante e simplificador sempre que este modo de ler a realidade levar à diminuição do repertório de possibilidades de enfrentamento dos problemas, podendo levar-nos a um beco sem saída, já que não é de uma hora para outra que se pode redistribuir a riqueza, mudar a ideologia, ou o sistema econômico de uma sociedade⁶⁸. Acreditamos e defendemos a idéia de que dentro do contexto de uma crítica ampla a um macro modelo gerador e perpetuador de desigualdade perversa e excludente sejam inventadas, operacionalizadas, defendidas e difundidas ações microssociais de resistência e de atenção local / focal aos problemas identificados, sob a perspectiva da possibilidade de uma silenciosa, mas poderosa revolução (ou criação de rede de resistência) molecular (Guattari, 1987).

Neste sentido, nossa pesquisa aponta para o caminho de conjugar o diagnóstico macro-estrutural com as micro-circunstâncias e micro-processos de emergência do problema de adolescentes entrando, morrendo e matando no tráfico de drogas. Procuramos avançar também em relação ao diagnóstico feito, por exemplo, por Cruz Neto, Moreira e Sucena (2001:52-53) no qual estratégias de sobrevivência material ganham destaque no complexo conjunto de elementos envolvidos na entrada de crianças e jovens no tráfico de drogas. Acreditamos que, entrelaçadas com as estratégias de sobrevivência material estão tortuosos caminhos de sobrevivência psíquica, dos quais voltaremos a falar mais adiante.

A antropologia e a sociologia, em especial a microsociologia, podem também incorporar uma dimensão psicológica para ampliar a abrangência ou a profundidade de sua análise, principalmente no que concerne aos atos e comportamentos de indivíduos entre si e em relação às instituições e grupos. Os cientistas sociais da primeira Escola de Chicago recorriam, por exemplo, ao interacionismo simbólico e à psicologia social (reconhecida como

⁶⁸ Devemos deixar clara nossa posição crítica em relação às situações em que tal diagnóstico é utilizado para paralisar segundo o discurso: ‘o problema é estrutural, logo não podemos fazer muita coisa...’ Que é muito comum em nosso dia-a-dia. Outra utilização para nós inaceitável deste diagnóstico é quando é transformado em justificativa para a ação violenta de jovens, que estariam encontrando na violência uma forma de reagir à perversidade das desigualdades sociais, segundo o discurso: ‘pelo menos estão reagindo de alguma forma, não estão passivos...’. Destacamos que já houve quem visse os traficantes como revolucionários, fazendo à força certa redistribuição de riqueza tal qual Robin Hood. Contra o que argumentamos que estão exatamente esmagados pelo sistema capitalista, *servindo ao mercado* talvez do pior lugar possível (se julgamentos de valor forem possíveis aqui), porque não estão apenas a perder coisas materiais, mas submetidos a regimes e regras em que perdem sua própria humanidade. Por outro lado destacamos como positivas as iniciativas que questionam estas desigualdades estruturais, procurando criar ações de transformação e de resistência às diversas formas de dominação, como, por exemplo, o Fórum Social Mundial (em sua última edição, porém, fazemos nossas as palavras de Saramago que incita à ação urgente no lugar de uma utopia que pode nunca realizar-se). Tradicionalmente, programas de educação popular têm incidido contra a perpetuação de macro-desigualdades agindo desde as bases.

um campo intermediário entre a psicologia e as ciências sociais) criticando, por outro lado, o recurso à psicanálise. Na opinião deles, esta forma de compreensão dos processos psicológicos levaria a um constrangimento da possibilidade de mudanças dos indivíduos ao dar muito peso aos traumas infantis (ver, por exemplo, Velho, 1999:14-15). Por outro lado, vimos que alguns intelectuais da Escola de Frankfurt recorreram justamente à psicanálise – embora muitos a considerem ultrapassando os limites do conjunto das psicologias – para melhor instrumentarem-se para a análise crítica da sociedade.

Geertz (1997:9) permite-nos outra aproximação ao incluir Freud, o pai da psicanálise, entre os vários autores responsáveis pela rejeição da idéia de uma ciência social tecnológica. Segundo ele, as originalidades das produções de autores que incluem desde Kuhn a Foucault, passando por Weber, contribuíram profundamente para que a ciência da sociedade ao enredar-se nestas novas produções, estivesse no ponto de tornar-se profundamente irregular:

(...) não é mais a irmandade interdisciplinar, ou sequer o ecletismo erudito que se tornam necessários. É um reconhecimento, por todas as partes envolvidas de que as linhas que agrupavam acadêmicos em várias comunidades intelectuais, ou (o que tem mais ou menos o mesmo resultado) os dividiam em comunidades diferentes, estão se cruzando em ângulos muito excêntricos hoje em dia.” (Geertz, 1999:39-40).

Geertz (1997:9) apresenta-nos uma interessante imagem que acreditamos possa ajudar o leitor a visualizar o que pretende a presente pesquisa. Para ilustrar a idéia de como se pode constituir uma sociologia interpretativa das culturas ele diz que: “(...) uma espécie de cruzamento entre a fraqueza que um *connoisseur* tem pelo detalhe e um exegeta pela comparação – tornou-se popular nas ciências sociais”. Embora tal frase esteja aplicada às ciências sociais, creio que permite uma analogia consistente com a proposta do presente estudo, sendo que a fraqueza pelo detalhe do *connoisseur* seria análoga à atenta escuta psicanalítica aos sinais manifestos indicativos de elementos da subjetividade latente, inconsciente. Por outro lado a fraqueza pela comparação do exegeta seria, grosso modo, análoga ao próprio modo de trabalho da sociologia, na tarefa, por exemplo, de agrupar os dados. Neste mesmo sentido, sentimos que de alguma forma a idéia de “descrição densa”, veiculada por Geertz cabe à ousadia de nossa empreitada.

Creemos ser mais adequado, portanto, não apenas tomar o paradigma da complexidade como um ponto de fuga, mas de fato situar esta pesquisa dentro desta perspectiva, que, sendo mais abrangente, inclui a idéia de *inter* e da trans-disciplinaridade e é vista, por exemplo, por Plastino (2001:30-31) dentro de um recorte epistemológico no qual a realidade, antes de ser vista como uma ordem sustentada por princípios lógicos ou racionais, apresenta-se constituída por uma “pluralidade de regiões e modalidades do ser – respondendo a lógicas diferentes e nem sempre coerentes entre si (...)” (ibid:30).

Desta forma, segundo Plastino, o ser fugiria de um aprisionamento estabelecido pela razão meramente conceitual, podendo situar-se e ser pensado segundo a *imagem de um real*⁶⁹ *heterogêneo* (ibid:30) onde fazem sentido – em importância não hierarquizada – as idéias de historicidade, imprevisibilidade, interpenetração, auto-organização, criatividade e acidente e, ainda segundo este autor, dentro de um *processo de conhecimento complexo*.

Fazendo agora uma ruptura com o pensamento do autor acima citado, não excluiria, nem colocaria em outro patamar ou outra ética, a possibilidade de entendimento do ser proporcionada pela psicanálise, uma vez inserida em um contexto em que o real (enquanto fatos da realidade passíveis de alguma forma de apreensão, mesmo que diferenciada por diferentes sujeitos) já está sendo pensado como eminentemente complexo. Ela, a psicanálise, deve ser pensada, para os fins desta pesquisa, mais do que como uma teoria do sujeito do inconsciente, de uma forma mais ampla, como uma teoria da própria subjetividade.

O mistério, citado pelo autor (Plastino, 2001:31), pode ser entrevisto por cada ângulo de refração de um prisma. E fazem parte das luzes que incidem sobre este as ciências que inventam o homem como objeto do conhecimento a partir do século XIX (Foucault, 1995:362 [1966]), e, precisamente indo ao encontro de nossa proposta, a psicologia e a sociologia são ciências que possibilitariam uma abordagem intrínseca sobre este objeto recém instituído e ao mesmo tempo tão complexo.

Em suma, defendo a idéia de que, se olharmos sabedores de que estamos em uma realidade complexa e multifacetada, a psicanálise, citada como uma terceira ferida narcísica, ao permitir o desvelamento de uma outra determinação das motivações e atos humanos, para além da consciência, pode ser complementar às outras ciências que estudam o homem e a sociedade, mesmo tendo feito um corte com a pretensa auto-determinação do homem e com a ciência social e a psicologia positivistas.

⁶⁹ Neste contexto real refere-se à realidade e não aos três registros – real, simbólico e imaginário – *postulados* por Lacan (Seminário 22, RSI, 1974-75).

Cabe aqui aprofundar um pouco as formas através das quais a psicanálise pode associar-se às ciências sociais, e qual pode ser sua contribuição. Podemos dizer que especialmente a sociologia compreensiva está preocupada (cf. Becker, 1999), com a interpretação, a descoberta e atribuição de significados feitas pelos próprios atores, tanto para suas ações, como para as de outros de seu grupo e de outros grupos. Poderíamos iniciar uma discussão mais profunda pensando que, se de um lado está o significado, de outro lado temos o significante, que é bem a matéria-prima com a qual vai trabalhar a psicanálise, e que importa sobremaneira às análises que ensaiaremos neste trabalho. Por aí já teríamos uma aproximação profícua entre sociologia e psicanálise. Voltaremos a ela mais tarde.

No momento seguimos por um caminho mais direto, recorrendo às palavras do psicanalista Olivier Douville (2004) quando este diz que mesmo sendo sujeitos do inconsciente, não deixamos de ser seres da cultura ou de ser cidadãos de uma determinada cidade. Seria impossível ser sujeito falante e desejante destacado de uma ordem social, sem laços, sem a ritualização que (nem sempre⁷⁰) precede o nascimento. Sugere deixar de lado a idéia abstrata de um puro sujeito estruturalista, que seria apenas uma variável lógica, pois “... ele está preso a operações de ruptura/laço que envolvem sua densidade social e cultural” (Douville, 2004:140).

A partir daí o autor enfatiza que não se pode deixar de lado esta dimensão de sujeitos (do inconsciente) inseridos no social chegando a propor que o encontro dos dois registros, do inconsciente e do social, são pauta para o projeto de um encontro entre antropólogos e psicanalistas. Já que este encontro envolveria: “toda a análise antropológica (ou sociológica) do simbólico do sujeito em sua sociedade” (Douville, 2004:140).

Ressaltamos ainda o fato da experiência/formação do pesquisador/entrevistador, que ora se debruça sobre os dizeres dos jovens, ser em psicologia clínica e psicanálise, campos onde se busca além da história que é contada, uma outra história, inconsciente, a ser procurada não apenas nas narrativas, mas também nas entrelinhas, nos detalhes e nas ausências, nos sonhos e desenhos. Buscamos apreender o componente que talvez possamos

⁷⁰ A ausência de um mínimo desta preparação para receber um novo ser é problemática e pode ser um importante elemento em uma vida que poderá vir a ter mais chances de desviar-se / ser desviada para caminhos à margem do reconhecimento pessoal e social. Tomamos como exemplo deste desinvestimento, a representação do filho como “uma boca para alimentar” transmitida ao pesquisador por uma mãe em uma favela da Zona Oeste do Rio de Janeiro. Em outras palavras, podemos dizer que o filho desinvestido afetivamente, como mera boca onde mecanicamente deve ser colocada comida, em área sob controle de facções do crime organizado, envolvidas com o tráfico de drogas provavelmente acabará recebendo outro tipo de alimento que lhe proporcionará o *a mais* (objeto *a*, perdido para sempre) que não teve de sua mãe, um *a mais* ilusório e alucinatório. Uma vez recebendo este tipo de alimento, alimentará, por sua vez, outra boca, também sem um investimento afetivo positivo e produtivo, muito pelo contrário, dando seqüência ao seu processo de desumanização.

nomear como o mais importante da intrincada e complexa trama da motivação dos sujeitos, procuramos nos aproximar do conhecimento daquilo que desperta seus desejos e participa de modo decisivo na decisão de agir desta ou daquela forma.

Colocando em outras palavras, poderíamos dizer que o pesquisador está voltado para tentar apreender uma realidade mais profunda a partir do que Freud chamou de *formações do inconsciente*, que são a via, as portas para se chegar aos conteúdos inconscientes. São elas os sonhos (via régia), o brincar, os chistes (inclui as piadas, os trocadilhos, os risos), os atos falhos (inclui os lapsos), os desenhos (bastante usados na psicanálise de crianças), além daquilo passível de ser reconhecido como uma omissão ou ausência no discurso, algo que por algum motivo não pode aparecer (esperava-se, mas não aparece na entrevista ou em uma conversa), podendo estar recalcado⁷¹.

Cogitamos ainda a possibilidade de o entrevistado entrar em contato, durante a realização da entrevista, com momentos de auto-reflexão que talvez nunca tenha experimentado antes, podendo chegar a certos *insights* durante o processo. Neste sentido a técnica se aproxima a um dos aspectos fundamentais da psicanálise que é o processo muito comum de o paciente saber mais de si, ao falar de si para o analista.

Em termos epistemológicos é o momento em que o entrevistado ou o analisando lança a si próprio um novo tipo de olhar, um olhar observador e perguntador sobre si mesmo. Destacamos que tal quadro de emergência de possibilidades e (auto) percepções inusitadas, na situação de uma entrevista não-diretiva, em muito se aproxima com o que se observa na técnica de entrevistas semi-estruturadas quando estas são bem executadas, por um entrevistador sensível e que saiba ouvir, principalmente se dentro de um desenho de pesquisa que esteja informado pelas diretrizes tanto da pesquisa-ação como da associação livre.

Devemos esclarecer que a possibilidade de (auto) consciência propiciada por entrevistas semi-estruturadas não é uma característica apenas desta técnica ou da psicanálise. Mais do que a técnica em si (que é apenas uma ferramenta), importam a escolha epistemológica que está por trás dela e o sentido ideológico que deve nortear a pesquisa e a

⁷¹ Uma referência interessante e original para análise de material em pesquisa social seguindo princípios psicanalíticos pode ser encontrada em Thiollent (1982) e Michelat (1982). Sugerem técnicas como o “retardamento de categorização”, a “impregnação” pelo material levantado, levando em conta fatores eminentemente psicanalíticos, como a seqüência de enunciações. Fazendo analogia aos mecanismos de produção dos sonhos, os processos de condensação, acreditam que podem coexistir diferentes interpretações de um mesmo elemento, situação ou indivíduo. Informações sintomáticas seriam reveladoras das *culturas* e *subculturas* por onde transita o indivíduo. Acreditam poder, através de entrevistas não-diretivas, chegar ao “(...) mais profundo, mais significativo e mais determinante dos comportamentos do que o que é mais intelectualizado.” (Thiollent, 1982:194). Embora acreditemos que muito dos pontos desenvolvidos por estes autores sejam próprios também à nossa pesquisa, não os utilizaremos, por não haver plena concordância em pontos nodais (definição de ideologia, por exemplo) e por estarmos usando entrevistas semi-estruturadas (ao invés de entrevistas não-diretivas).

postura do entrevistador. E neste sentido, embora a psicanálise tenha estado historicamente associada aos setores mais ricos da sociedade em consultórios requintados, ela tem estado, quando não deturpada (como quando foi usada em prol de um adaptacionismo nos EUA, por exemplo) a serviço da transformação, e tem levado muitos sujeitos destas classes⁷² a depararem com questões de seu dia-a-dia, com remetimentos éticos importantes. Hoje, como exposto adiante, a realidade da inserção da psicanálise na sociedade é outra, e tem se modificado cada vez mais.

Podemos dizer então que nossa implicação e engajamento são com a transformação social e com a luta contra as opressões, no que acabamos por nos ver afinados com a posição crítica de análise da sociedade.

IV.2. IDEOLOGIAS

Consoante com a visão dos múltiplos significados das formas simbólicas, e sua relação com a perpetuação da desigualdade e injustiça social, Thompson (1995) toma a si, como vimos, a tarefa de re-valorizar o conceito de *ideologia*, refinando sua capacidade crítica (do conceito), preocupado em poder ler nas formas simbólicas onde e como o sentido pode ser percebido como estando a serviço do poder assimétrico, da dominação. Sua releitura do conceito expõe uma “*concepção crítica da ideologia (... que) liga a análise da ideologia à questão da crítica*” (Thompson, 1995:15, grifos do autor).

Thompson (1995) procurou re-enfocar problemas ligados à articulação entre sentido e poder, podendo o primeiro servir para sustentar sistemática assimetria nas relações de poder, sustentando assim todos os tipos de dominação. Deste modo, vemos a importância de não se perder de vista como os sentidos / significados que vão sendo atribuídos servem à criação e manutenção de relações de dominação. Logo, para perguntar sobre a ideologia, é preciso primeiro inquirir sobre a forma como os significados são construídos no mundo (social) tanto nas interações simples, como nos textos complexos. A partir daí, podemos dizer que, sob o viés proposto por Thompson, a investigação dos significados passa a ser feita sob uma

⁷² Com exceção dos pacientes que estão no registro da perversão, que, inclusive, dificilmente procuram um psicanalista ou qualquer outro tipo de terapia, ou quando procuram, não permanecem em tratamento.

pergunta organizadora voltada a descobrir até que ponto e de que forma aqueles estão a serviço da manutenção de poderes que querem se perpetuar e dominar.

Devemos enfatizar também a importância atribuída pelo autor ao fato de que um campo de estudo objetivo (e subjetivo) com pessoas não apenas interagindo permanentemente com as formas simbólicas, mas também as interpretando. Mais ainda, que estas formas simbólicas são significativas tanto para os sujeitos que estão no campo a ser investigado, como para o pesquisador. Podemos dizer então que Thompson está referindo-se aqui ao que podemos chamar de implicação do pesquisador. Esta se não for bem analisada pode causar vieses que prejudicarão o resultado final da pesquisa tornando-a parcial em um grau muito alto, e com resultados que estarão referidos antes à subjetividade do pesquisador do que ao próprio objeto (sujeito) (cf. Baremlitt, 1992:72, 73).

Como vimos, Thompson (1995) situa a ação das ideologias no campo social de forma ampla, incluindo os tempos e espaços onde as pessoas passam a maior parte de seu tempo, falando, ouvindo, conversando, buscando seus objetivos e seguindo os objetivos dos outros – o que em psicanálise poderíamos conceituar, dependendo do nível em que este processo ocorre, como pessoas identificando-se a outras. São locais como o trabalho, a casa, entre os amigos, salas de aula, dentre outros, exatamente nas interações cotidianas, cujo estudo como constituinte *princeps* do mundo e da vida social também é defendido por autores identificados ao interacionismo simbólico como Berger e Luckman (1967).

Giffin et al. (2002) recorrem a Paulo Freire para demonstrar que é na opacidade⁷³ do cotidiano que a ideologia tende a dominar. Diante deste ponto defendem a necessidade de que cada um possa problematizar e refletir em cima do seu cotidiano, atitude afinada à idéia que durante muito tempo animou o movimento feminista, de que *o pessoal é político*.

Thompson (1995) lembra que as interações presentes na vida cotidiana estão referidas em maior ou menor grau aos contextos macro-estruturais, assim como o inverso também é verdadeiro. A ideologia também faz cortes transversais, ou seja, ela está em todo lugar e em todos os sentidos e planos. A visibilização e superação da ideologia – ou o estabelecimento de um processo de sucessivas desconstruções – dar-se-ia pela busca de uma ação social questionadora das hierarquias fechadas e do poder autocrático desestabilizando-os de seu plano vertical (onde fluiria sempre de cima para baixo) para uma configuração cada vez mais transversal⁷⁴ e transparente.

⁷³ No sentido do ocultamento de outras possíveis interpretações, da naturalização das “coisas do mundo” e do dia-a-dia (‘é porque é assim’; ‘isso sempre foi assim’, e por aí vai). Fechamento.

⁷⁴ Ver também conceito de transversalidade em Baremlitt, 1992:37, 195.

Como marco referencial de análise, Thompson (1995) apóia-se na hermenêutica, enfatizando o que chama de “condições hermenêuticas da pesquisa sócio-histórica”, que podem ajudar a definir um campo-objeto diferenciado do campo-objeto das ciências naturais, já que o campo da sociologia sob este ponto de vista é também um campo subjetivo, que inclui sujeitos, muitos dos quais interessados na auto-compreensão e na compreensão do próximo. Poderíamos resumir, seguindo as idéias do autor, que se trata de um campo *pré-interpretado*, o que o diferencia de modo inequívoco do mundo das ciências naturais.

Seguir esta proposta significa tomar o caminho de re-interpretar uma realidade pré-interpretada pelos sujeitos/agentes presentes nela. Através da utilização do que nomeia *referencial metodológico da hermenêutica profunda*, que está baseado na hermenêutica de – principalmente – Paul Ricoeur, Thompson (1995) mostra-nos como pode obter (re)interpretações da realidade social capazes de articularem-se e ligarem-se tanto às características estruturais da realidade estudada, quanto às compreensões sócio-históricas da mesma, passando pela análise (formal ou discursiva) das mensagens em si.

Este procedimento metodológico descrito por Thompson (1995) destina-se, agora sim, à *análise dos fenômenos culturais – que o autor chama também de formas simbólicas* – em contextos estruturados. Tal análise é composta de três momentos distintos que descreveremos de forma abreviada. O primeiro momento consiste em análise sócio-histórica onde procura-se levantar as condições sociais e históricas dos ciclos e interações das formas simbólicas. Como foram produzidas, de que modo circularam e como foram ou têm sido recebidas. Para esta fase podem ser utilizados meios empíricos, observacionais ou documentais. Poderão ser levantados nesta fase os campos onde ocorrem as interações, as regras, convenções e “esquemas” flexíveis e nem tão fáceis de identificar, além das *instituições sociais*, incluindo as regras, a história e desenvolvimento das mesmas, além de observar-se como funcionam as pessoas dentro destas instituições. Por fim, convém levantar os meios técnicos e as formas de transmissão destas das mensagens sob análise (Thompson, 1995:366-368).

A segunda fase do método hermenêutico profundo – análise formal ou discursiva das formas simbólicas – torna-se imprescindível quando se está lidando com objetos e expressões que possam ser caracterizados como *construções simbólicas complexas* (Thompson, 1995:369) dotadas de estrutura articulada.

Nesta segunda etapa faz-se uma análise formal ou discursiva das formas simbólicas percebidas, observando-se cuidadosamente a complexidade das mesmas, bem como suas

interações, procurando também delinear do modo mais preciso possível o que estas formas simbólicas dizem sobre o que. Há que se verificar a organização interna de tais formas sem deixar de considerar as características estruturais. O perigo neste momento, segundo Thompson (1995) é, ao fixar-se o pesquisador apenas nesta fase, incorrendo na inobservância dos princípios da análise hermenêutica em profundidade, o processo se torne um exercício abstrato desligado do contexto onde vivem as formas simbólicas. Esta parte da análise não pode tornar-se um fim em si mesma. Esta seria, segundo o autor, a *falácia do internalismo* (ibid., 377).

Acreditamos que esta fase constitui importante instrumento para fazer face não apenas à crescente codificação de formas simbólicas com grande carga ideológica, como também ao crescente recurso a formatos / conteúdos passíveis de serem transmitidos de forma subliminar aos receptores.

O terceiro momento é o de interpretação ou *reinterpretação*. A partir dos resultados obtidos anteriormente, procura-se, neste momento, chegar de forma criativa à construção de significados possíveis. A idéia de *reinterpretação* surge do fato de se estar analisando e construindo significados para formas simbólicas já previamente interpretadas pelos sujeitos, de modo que o que acontece é uma nova interpretação, processo que envolve não somente o pesquisador, mas também o pesquisado.

Embora venhamos a proceder a uma análise mais livre dos dados obtidos dentro do contexto global da pesquisa, consideramos o roteiro proposto por Thompson (1995) como um referente produtivo de análise e interpretação. Citamos como exemplo, dentre os fenômenos culturais (formas simbólicas) ideologizados que pudemos levantar, este a que nos referimos como *cultura de comando*, que tem como um dos importantes eixos de sustentação uma ideologia de gênero hipermachista. Adiante abordaremos os outros aspectos que circunscrevem esta idéia, como valores, linguagem, comportamentos, leis.

Pudemos perceber no contato com o campo e com os entrevistados o modo como estas formas simbólicas são recebidas, reproduzidas, “interagidas”, operacionalizadas e perpetuadas pelos sujeitos, devendo ser atentamente analisadas suas conexões com as ideologias vigentes e a dominação. Neste sentido, para além dos propósitos tradicionais da produção do conhecimento acadêmico, a possibilidade de re-interpretar a ideologia coloca-se, ainda segundo Thompson (1995), à serviço da auto-reflexão e da abertura de possibilidades de auto-transformação.

Este seria segundo o autor um dos pontos mais importantes: oferecer às pessoas estudadas a possibilidade de reverem, através da comparação com outras interpretações, o modo como entendem as formas simbólicas, possibilidade de reverem, inclusive, o modo como se vêem e aos outros. Uma vez que as pessoas envolvidas no processo considerem as interpretações como justificáveis tanto para os analistas (pesquisadores) como para os sujeitos, elas poderão contribuir na prática para estimular a reflexão entre estes sujeitos sobre si próprios e sobre a realidade em que vivem. A partir desta auto-reflexão podem, vendo-se de forma diferente, dar início a um processo de auto-transformação.

Emana deste movimento a oportunidade de desvelar – e questionar – o contexto de relações de poder e dominação vigentes no mundo em que vivem estes atores sociais. Trata-se de exercitar outra postura produzida na / pela pesquisa: o estranhamento do que costumava ser tomado como natural através da interpretação cotidiana dos atores.

Giffin et al. (2002), ao abordarem o processo de pesquisa-ação, apontam caminhos metodológicos e princípios epistemológico-ideológicos semelhantes em muitos aspectos às propostas de Thompson, mesmo percorrendo caminhos e estando informadas por autores por vezes diferentes. Podemos pensar os dois conjuntos de idéias, propostas e técnicas como idéias e posições complementares. Enquanto Thompson diz que a interpretação do pesquisador é sempre uma re-interpretação, aqueles autores dizem que a realidade é sempre interpretada. Compreendem a subjetividade humana como uma propriedade emergente da interação entre as pessoas, sendo mister incluir os pesquisadores como também participantes desta interação. Logo tanto a realidade social como os sujeitos estão sendo mutuamente construídos em um processo constante de *vir-a-ser*:

Este processo, apesar de dinâmico e passando por uma diversidade de perspectivas individuais, constitui *ordens sociais de significado* que definem o que é re/conhecido como ‘o real’, permitindo a interação. Aqui tanto a realidade como a auto-identidade emergem (e se transformam) em um processo social que é interativo e coletivo.

Giffin et al. (2002)

Vemos então que, se Thompson (1995) fala em *auto-transformação* dos sujeitos da pesquisa, Giffin et al. (2002) afirmam que a realidade e auto-identidade emergem e transformam-se em um processo social que é coletivo, interativo e contínuo. A experiência

vivida no cotidiano é vista como âmbito de transformação através de um processo reflexivo, sendo impossível separar conhecimento e ação. De novo aproximando-se às idéias de Thompson em relação à compreensão das formas simbólicas como prenes de ideologia, estes autores (Giffin et al., 2002) entendem – *em sintonia com Paulo Freire, citado por eles* – a natureza da realidade concreta como problema político e ideológico, não apenas epistemológico ou pedagógico, confrontando nesse entrecruzamento de campos educadores, cientistas sociais, bem como pensadores em geral que estejam implicados em analisar e criticar a sociedade. Novamente confluindo com Thompson (ibid.), consideram, convocam o pensamento de Paulo Freire para afirmar que é apenas a partir de uma relação dialética entre objetividade e subjetividade que pode emergir a realidade concreta. A partir daí podemos entender melhor o papel de protagonismo que o sujeito / objeto do conhecimento tem no conhecimento de si e do mundo que o cerca. Cabe aí ao educador a tarefa de ensinar a perguntar. Dentro deste contexto compreendem a *não-problematização* (análoga à naturalização mencionada acima) do cotidiano como uma produção ideológica em si, e a serviço da dominação.

Neste sentido, e fazendo uma preliminar costura com nossa pesquisa, observamos que o uso de entrevistas não-diretivas é um passo inicial e apenas abre um campo de potencialidades em relação aos sujeitos pesquisados chegarem a importantes tomadas de consciência sobre sua própria condição. Terá que haver um movimento ativo destes em direção a aceitarem o exercício de *saberem sobre si* e sobre a realidade em que vivem. Outras formas de pesquisa social utilizando, por exemplo, grupos focais ou pesquisa-ação, inspiradas nas idéias de Paulo Freire, procuram ensinar ao entrevistado a perguntar sobre sua realidade, e a indagar sobre sua inserção nela. Estas formas de pesquisa contribuem de forma decisiva para que o entrevistado possa ter insights importantes acerca de sua vida, da realidade que o cerca, insatisfações, possibilidades de mudança, dentre outros tantos pontos fundamentais para que possa reencaminhar sua vida caso descubra que assim o deseja fazer (Giffin et al., 2002).

Tomando como objeto o próprio trabalho de campo desenvolvido por nós, em um olhar *a posteriori*, é gratificante perceber que criamos as condições para que os jovens pudessem, ao longo das entrevistas, fazer profundas reflexões sobre muito dos fatos por eles narrados, incluindo sua vida pregressa mais recente, do período de envolvimento com o tráfico de drogas. Mais do que nos propormos um tratado sobre o tema, ensaiamos aqui a possibilidade de avançar pelos caminhos dos significados, interações, motivações, costumes e cultura dentre os outros inúmeros aspectos por onde transitam estes jovens.

Em contato com o campo, percebemos de um modo geral que adolescentes ao serem abrigados parecem ficar em condição de assujeitamento⁷⁵, sem serem ouvidos (empaticamente) sobre o seu passado, presente, frustrações, felicidades, expectativas, perspectivas, limitações e dificuldades para o futuro, dentre outros pontos. Algo que a conversa com estes adolescentes nos mostrou é que talvez a única chance que eles têm de não voltarem a caminhos que já andaram trilhando é a de serem reconhecidos e ouvidos como sujeitos de direitos e sujeitos de desejo, com reais possibilidades de mudança. E o abrigo deve funcionar como um refúgio também em relação à mensagem – ideológica – produzida e reproduzida por grande parte da sociedade, qual seja: *é melhor que não estivessem...* Uma mensagem de exclusão, uma mensagem de extermínio. Propomos ao leitor a análise desta forma simbólica que aparece cristalizada, por exemplo, na ação de grupos de extermínio, como um primeiro exercício de análise das formas simbólicas, como sugere Thompson (1995).

Embora nossa participação na vida institucional do abrigo onde transcorreu a pesquisa tenha sido pontual, estendendo-se por um período de cerca de quatro meses, podemos dizer que, inspirados na idéia de pesquisa-ação (Giffin e Barbosa, 2004:1), procuramos propiciar aos jovens um ambiente de acolhimento das suas palavras, idéias e afetos, possibilitando que chegassem a reflexões que muitos nunca tinham feito; procurando – através do processo de perguntar sobre a vida deles e pedindo a opinião deles – o estranhamento do seu lugar (socialmente construído), em especial, do lugar que estiveram ocupando há pouco tempo nas engrenagens do tráfico de drogas. Percebemos, neste sentido, a importância da reflexão em cima da própria vida cotidiana deles no sentido pensado pelas autoras (ibid., pp.1, 3), como espaço ao mesmo tempo ideológico, mas que oferece, dialeticamente, resistência às ideologias (como vimos com Anyon e Genovese, através dos mecanismos de acomodação e resistência).

Seguindo as diretrizes de uma sociologia compreensiva no que ela reconhece que a realidade é sempre uma realidade interpretada (Giffin e Barbosa, 2004:2), procuramos ouvir como estes jovens viam e entendiam (interpretavam) o seu estar no mundo, de modo que a entrevista acabava por encaminhar-se para a problematização da realidade, estranhamento deste cotidiano que, não obstante as resistências mencionadas acima, a princípio é não

⁷⁵ Termo utilizado em Análise Institucional e que se refere ao grupo ou pessoa que perdeu, mesmo que temporariamente, sua capacidade de ser sujeito de seus atos, de enunciar dizeres próprios. Na situação de assujeitamento não são cidadãos, agem segundo algum Outro que naquele momento os domina. Outro que pode ser um Comando (do tráfico). Obedecem então a este comando que os faz autômatos de imperativos e ordens externas e eles.

problematizado e por isso aberto às ideologias, que normalmente estão a serviço da dominação.

Pensamos, sob esta perspectiva, ter atingido o objetivo de, ao mesmo tempo em que pesquisávamos com os jovens buscando um patamar diferenciado de compreensão de sua subjetividade e inserção social, colocar em prática outro elemento ético presente no conjunto de idéias que sustenta as técnicas de pesquisa afinadas à pesquisa-ação, que diz respeito ao transformar no / pelo próprio processo de perguntar. Fazer a pesquisa já era uma intervenção neste sentido, podendo ser experimentado por nós o gratificante processo de *conhecer transformando* (Giffin e Barbosa, 2004:3), questionando e ao mesmo tempo estimulando o questionamento dos caminhos trilhados e dos estereótipos encontrados pelos / nos sujeitos da pesquisa.

V. O CAMPO: MÉTODOS E TÉCNICAS NA APROXIMAÇÃO AO CAMPO

Embora nosso principal instrumento de trabalho tenha sido um conjunto de entrevistas semi-estruturadas, realizamos pesquisa de campo qualitativa tendo como um dos referenciais o que Becker (1999) chamou de “mosaico científico”, estratégia que tem como eixo a história de vida, mas que procura englobar outras técnicas para compor um quadro final mais fidedigno. Elegemos este referencial teórico em maior parte pela idéia de mosaico, que pela centralidade da técnica de história de vida. Ressaltamos o cuidado deste autor em priorizar a busca de um relato fiel e da valorização da interpretação dada pelo próprio ator a seus atos, a sua própria vida e ao mundo que o cerca. Para o autor o que parece manifestar-se como dado (informação colhida) deve ajustar-se a outras evidências⁷⁶.

Caso tenha o leitor identificado uma contradição entre a hermenêutica profunda de Thompson onde ocorre uma *re-interpretação* das mensagens ideológicas pelo pesquisador e a

⁷⁶ Um aspecto importante que pudemos observar no momento de pré-teste das técnicas (cf. entrevista no anexo 1) refere-se à credibilidade dos informantes (cf. Becker, 1999:52). Tendo entrevistado a mãe de um ex-traficante tive a informação de que ela não aceitava “nem um centavo daquele dinheiro sujo”. Argumentei sobre como deve ser difícil manter esta posição quando se está passando por privações de todo tipo. A senhora entrevistada foi então categórica: “nem se estivéssemos a pão e água, não aceitaria nenhum centavo deste dinheiro”. A entrevista feita posteriormente com seu filho sugere que a situação não era assim tão inequívoca: quando perguntei sobre a reação de sua mãe à sua entrada para o tráfico, e como funcionava a questão do dinheiro na família, ele descreveu um ambiente festivo e farto, “que todo dia tinha estrogonofe, a gente fazia sempre churrasco, e agora tudo isso acabou, estou pobre de novo...” e aponta para o seu tênis rasgado.

postura de Becker de privilegiar a interpretação dos próprios atores sujeitos da pesquisa, lembramos que em psicanálise privilegiamos sempre os conteúdos trazidos pelo paciente, evitando o deslize de introduzir algo que não tenha sido trazido pelo próprio paciente ou que não esteja presente naquilo que chamamos de campo de interação que se cria entre o paciente e o analista (Bleger, 1979:14 e ss.).

Isto não significa que não haja interpretações feitas pelo analista. Interpretar quando a situação o convoca a isso faz parte do seu ofício (para Freud impossível, junto com educar). As interpretações, no entanto, serão ouvidas ou não pelo paciente, seja porque não fazem sentido, seja porque fazem sentido mas foram feitas no tempo (*timing*) errado, ou, no caso de *causarem* o paciente, porque foram precisas dentro de uma atmosfera em que houve uma empatia inconsciente e *fazem questão* ao paciente.

De modo análogo, nos parece que quando Thompson diz que as interpretações precisam ser justificáveis tanto para o pesquisador como – e principalmente (tomamos a liberdade de acrescentar o advérbio) – para os sujeitos da pesquisa, está valorizando, como Becker, a importância de como o próprio ator se vê e aos seus atos e cotidiano. Pensamos que Thompson, ao propor esta necessidade de “validação” pelo sujeito da pesquisa, consegue erigir uma importante defesa contra o perigo de os próprios pesquisadores fazerem interpretações a partir de um lugar também assimétrico em termos de poder (do saber), e neste sentido estarem reproduzindo na própria pesquisa que deveria desconstruir os esquemas de dominação, outra forma de dominação.

Acreditamos que deve-se pensar os dados coletados nas entrevistas semi-estruturadas dentro de um fluxo próprio, que é o fluxo da vida enquanto processo embebido em inalienável conjuntura sócio-histórica de cada sujeito entrevistado. Neste sentido apresentaremos fragmentos de entrevistas dentro do contexto em que foram produzidas, que podemos pensar como a forma global do desenho que se delineia no curso da montagem de um quebra cabeças, para usar a imagem de Becker (1999).

Realizamos também grupos focais com os adolescentes antes de convidá-los para a entrevista individual, com o objetivo de maior aproximação entre o pesquisador e os adolescentes, bem como o de permitir acesso à palavra em grupo, como será visto melhor mais adiante. Dentre os grupos realizados dois foram gravados, e as gravações posteriormente transcritas.

Outro recurso utilizado em menor grau foi a pesquisa documental. O pesquisador pediu autorização a um grupo de expressão⁷⁷ para olhar as produções deles. Tendo uma resposta positiva, passou a avaliar os desenhos feitos no período de alguns meses. Em uma análise preliminar destacamos a presença da inscrição em vários desenhos, inclusive feitos por meninas, do dizer: ‘Paz, Amor e Liberdade’, principal palavra de ordem do Comando Vermelho.

V.1. VICISSITUDES DE UMA PESQUISA DE CAMPO - EM BUSCA DA PALAVRA DOS JOVENS

Não obstante uma cuidadosa preparação teórica e prática do pesquisador, buscando conhecer técnicas de pesquisa de campo tanto do ponto de vista da antropologia urbana (Velho, Becker, dentre outros), como segundo a sociologia (diversos autores), com entrevistas piloto, incursões prévias ao campo, dentre outras atividades, o campo nunca deixa de surpreender.

Foi graças a este aprendizado teórico que pudemos manter a calma e a capacidade de reagir diante do aparecimento de inúmeras e variadas dificuldades para a consecução do objetivo de entrevistar os jovens desta pesquisa. Dificuldades que foram desde promessas não cumpridas de colaboração até uma sala que depois de ser oferecida – e aguardada – durante mais de um mês, mostrou-se inútil, quando finalmente pronta, gerando uma primeira transcrição interminável, devido ao eco pela ausência de móveis, dentre outras.

Inicialmente pensávamos fazer as entrevistas em favelas do Rio de Janeiro, procurando apoio em projetos sociais que estivessem já interagindo com jovens que seriam ouvidos por nós, e que acreditávamos, poderiam nos indicar outros jovens, que não estivessem freqüentando o projeto, e que tivessem um grau maior de envolvimento com o tráfico de drogas. No entanto, experimentamos sérias dificuldades em nossa inserção nas instituições onde buscamos este apoio, em função do tema ser extremamente sensível, para não dizer perigoso, para os que atuam dentro das favelas. Após várias dificuldades e negativas, senti-me próximo, talvez mesmo levemente identificado – diante do quanto eu

⁷⁷ Este grupo contava com duas coordenadoras e tratava semanalmente de diferentes temas trazidos pelo próprio grupo. O objetivo principal era o de dar vazão à capacidade de os adolescentes se expressarem através de suas falas, de desenhos e de outras formas que pudessem inventar.

mesmo sentia-me rejeitado – a alguns dos jovens com quem conversei, quando falaram em suas próprias palavras que se sentem como clandestinos, como forasteiros, tendo que ficar sempre escondido.

Tal rejeição em um primeiro momento foi bastante clara e objetiva, quando a primeira ONG consultada informou claramente que não aceitava trabalhar com pesquisadores voltados a este tema. Por razões estratégicas ou de segurança, eles evitavam tocar diretamente neste assunto. Depois soubemos que eles mesmos desenvolviam uma abrangente pesquisa com o mapeamento do contingente de jovens e crianças envolvidos no tráfico de drogas.

Em um segundo momento outra instituição mostrou-se de portas abertas para conversar, passando a impressão ao pesquisador de que encontraria ali o apoio necessário para levar adiante a idéia de trabalho de campo pretendido. Apenas após algumas reuniões, chegava finalmente à conclusão de que não seria possível fazer a pesquisa com eles, sendo que falta de clareza na resposta tinha contribuído para um considerável atraso em um cronograma de trabalho já apertado.

Acabou sendo passada uma dupla mensagem: as portas estavam abertas, mas, ao final de várias reuniões e conversas o resultado foi: ‘você pode pesquisar na favela onde estamos, só que você não pode dizer que tem algo a ver com o projeto que estamos desenvolvendo’. Eu que procurasse a associação de moradores ou outros lugares e pessoas que talvez pudessem ajudar-me. Resumindo ainda mais: ‘você é muito bem-vindo, só não pode dizer que está com a gente, nem ficar com a gente, que pode ser perigoso para o nosso Programa...’.

A solução surgiu de onde menos se a esperava. Tendo o pesquisador contato com pessoas que trabalham com crianças e adolescentes em diversos tipos de programas sociais, conversando sobre os problemas de alguns adolescentes de abrigo com uma destas pessoas, começou a ficar claro que muitos jovens abrigados já tinham estado no tráfico de drogas. Assim surgia a idéia de fazer as entrevistas em um espaço mais institucional tutelado pelo Estado. E assim, como veremos mais adiante, foi feito.

Uma primeira análise da mudança no desenho da pesquisa de campo prenunciava a possibilidade de superação tanto de problemas constituídos como de problemas potenciais, quais sejam: em primeiro lugar garantiu a possibilidade da realização em si da pesquisa em tempo hábil, haja vista que a identificação da instituição onde seria feita a pesquisa era pré-requisito nas informações a serem enviadas ao comitê de ética da instituição (ENSP-FIOCRUZ) para autorização da pesquisa. Uma terceira recusa poderia inviabilizar a pesquisa.

Por outro lado, ir sozinho a uma favela carioca com intuito de fazer as entrevistas, sem o apoio de uma instituição baseada no local não foi considerada uma possibilidade, tendo em

vista o alto grau de risco pessoal para o pesquisador e para os possíveis entrevistados. Deste modo nos encaminhávamos para a solução do problema potencial ligado à certa impotência em relação à preservação da segurança do entrevistador e dos entrevistados, sendo que os jovens, por estarem em um território “neutro”⁷⁸, provavelmente sentiram-se muito mais seguro para falar de suas vidas do que se estivessem na favela, em plena atividade ilegal, onde paredes, postes e ruas têm ouvidos.

Um terceiro ponto positivo refere-se ao fato de o jovem estando naquele momento mesmo que parcialmente ou temporariamente afastado das atividades ligadas ao tráfico de drogas poderia – *o que, na opinião* do pesquisador, ocorreu de fato – *ter um olhar mais crítico* sobre esse momento de sua vida em que esteve *envolvido*. Poderia falar mais livremente sem estar tão atravessado, por exemplo, pela maciça influência de grupos criminosos organizados – incluindo pessoas, instituições e práticas ligadas a eles – existente nas áreas de risco onde percebemos a presença de um caldo de cultura com características próprias onde vicejam os comandos, em especial o Comando Vermelho. Este terceiro ponto foi um dos principais ganhos pela mudança de local de realização das entrevistas para um ambiente fora da favela.

Deste modo, vemos que a proposta de trabalho de campo acabou mudando bastante em relação à proposta inicial. Se antes o roteiro era conversar com jovens (alguns envolvidos no tráfico de drogas e outros não) em alguma favela da Cidade do Rio de Janeiro, passamos a nos dedicar a compor novo roteiro baseado em entrevistas semi-estruturadas com adolescentes abrigados, contando com a particularidade de serem entrevistas realizadas por um psicanalista, com uma escuta também voltada também à subjetividade em sua porção inconsciente.

Em uma apresentação inicial destes adolescentes e da instituição, podemos dizer que os cinco adolescentes do sexo masculino entrevistados tinham entre 14 e 17 anos, quatro deles na faixa superior de idade, quatro deles tendo participado do tráfico, e abrigados, quase todos eles, por estarem tendo problemas com o tráfico ou polícia nas comunidades em que viviam. O abrigo era misto, do poder público estatal e abrigava cerca de 35 adolescentes no momento de realização da pesquisa, que foi de maio a agosto de 2005. Saídas eram permitidas normalmente nos fins de semana, com rígidos horários de retorno.

⁷⁸ Estamos cientes de que uma das superações da maior parte das ciências sociais, dentre elas a sociologia compreensiva foi perceber que não existe neutralidade no mundo social, sendo, pois impossível, por exemplo, a neutralidade do pesquisador. Não obstante optamos por manter este termo aqui para referir a uma neutralidade específica em termos de estarem livres em grande parte do controle e coerção diretos dos grupos de traficantes aos quais muitos pertenceram.

Para chegar a este local de pesquisa foi fundamental a colaboração de um técnico do abrigo que fez a intermediação entre o pesquisador e a direção do mesmo. Podemos dizer ainda que este técnico auxiliou de certa forma, pelo menos inicialmente, na mediação (cf. Velho, 2001:20, 25) entre o pesquisador e os jovens do abrigo. Destacamos ainda uma possibilidade de distanciamento institucional experimentada pelo técnico em questão, devido ao fato de estar há pouco tempo na instituição pesquisada, o que permitiu que não estivesse impregnado da cultura institucional e em especial pelos instituídos que acabam *aculturando* profissionais de longo tempo de pertencimento institucional, principalmente em instituições difíceis como esta.

Podemos dizer que este técnico acabou por assumir também a função de informante privilegiado do pesquisador: proporcionou, por exemplo, um relato de que permitiu visualizar nitidamente a especificidade do local onde transcorreu a pesquisa.

A predominância de profissionais do sexo feminino nesta instituição demonstra a continuidade da divisão profissional por gênero, o que, pensando em formas simbólicas e em ideologia de gênero, nos remete ao fato de permanecer ainda a mulher mais ligada às profissões do cuidar, da assistência (no caso aqui tratado, os técnicos são do serviço social e da psicologia). No entanto, referir-nos-emos aos profissionais técnicos da instituição sempre como profissionais sem revelar o gênero, o que faz parte das estratégias para manutenção do sigilo podendo tanto o profissional ser do sexo masculino, como feminino, sendo mantido o masculino padrão (também ideológico) para falar de profissionais de ambos os gêneros.

O sigilo foi preservado em relação ao local onde se realizou a pesquisa de campo, em relação aos nomes e identidades dos entrevistados, bem como em relação à descrição de situações que possam permitir a identificação dos mesmos, tendo sido seus nomes trocados bem como os nomes de locais e datas mencionados por eles.

Aqui o pesquisador teve que manejar-se da melhor forma possível sob o dilema de, por um lado preservar de modo inequívoco o sigilo em relação aos dados e informações colhidas, e, por outro lado, manter em maior grau possível a verossimilhança do que lhe foi relatado como tendo ocorrido. Tal dilema só pôde ser resolvido principalmente através do bom senso, tendo chegado um conjunto de informações coerente e fidedigno, ao mesmo tempo preservando a identidade dos entrevistados, do local, bem como das outras pessoas envolvidas.

O motivo da necessidade de máximo sigilo está ligado diretamente à natureza das informações relatadas, retratando por diversas vezes situações em desacordo com nossas leis, bem como de garantir a preservação dos entrevistados face ao desrespeito à lei de silêncio

vigente no crime organizado e em especial dentro dos comandos. Ou seja, o relato deles continha elementos que os indispunham tanto com a lei do Estado, como com a lei do tráfico. A literatura sobre o tráfico de drogas mostra, bem como as entrevistas e até mesmo os jornais diários, que ao chamado alcagüete, vulgo X-9, estão reservados os piores castigos por parte dos traficantes, envolvendo tortura, mutilação, e mortes violentas seguidas da destruição dos cadáveres.

V.1.1. *CONTEXTUALIZAÇÃO DO AMBIENTE*⁷⁹

A instituição escolhida para o trabalho de campo destina-se de modo geral a compor uma estrutura de recepção e abrigo a adolescentes (13 a 18 anos incompletos) em situação de desvinculação familiar e / ou impossibilidade de retorno as casas.

Estes adolescentes não são necessariamente infratores, sendo a característica mais comum entre eles a de estarem em situação de rua ou ‘pista’, como gostam de chamar. Muitos tiveram problemas com os traficantes e/ou com a polícia da favela onde moravam não podendo voltar a estes lugares. Dentre nossos entrevistados, um chegou a ficar antes em regime de liberdade assistida e outro teve o pai ameaçado e o irmão espancado pelos traficantes da favela onde morava. Um terceiro entrevistado foi espancado pela polícia, ficando vários meses no hospital. Muitos deles vinham de uma central de triagem (também recorriam em menor escala ao pedido de encaminhamentos em um juizado de infância e adolescência), enquanto outros vinham de outros abrigos ou por vontade própria, apresentando-se à central de triagem, sendo que podem ter chegado até a central também através de operações de abordagem de rua quando são recolhidos. O regime do abrigo era de tempo integral com saídas para atividades programadas ou nos fins de semana para atividades livre (quando podem ir desacompanhados) com hora limite de retorno. O não cumprimento deste horário caracterizava evasão do abrigo, sendo necessário termo de encaminhamento para que pudessem retornar ao mesmo.

⁷⁹ Tal contextualização contou com a participação do técnico “informante”.

No caso dos infratores, embora não tenha sido feita uma consulta formal, as conversas com técnicos e com os próprios adolescentes indicaram que as infrações mais comuns eram a prática de furtos e envolvimento no tráfico de drogas.

A equipe de trabalho era composta por direção com uma ou duas pessoas, administrativo, uma equipe de técnicos psicólogos e assistentes sociais, monitores, responsáveis pela limpeza, equipe de cozinha e guardas que se revezavam. Os monitores eram designados a acompanhar mais de perto o dia-a-dia dos jovens, teoricamente apoiando-os na consecução das atividades internas e externas, acompanhando-os nestas. Talvez pudéssemos pensá-los como funcionando como uma espécie de ego auxiliar dos jovens. Os técnicos deviam conhecer as histórias e os problemas dos jovens procurando desenvolver atividades e encaminhar soluções tanto dentro do abrigo como recorrendo à rede de apoio. À direção cabia coordenar todo este esforço, sendo que o administrativo acabava assumindo grande importância como referência na instituição, em especial nos momentos de crise. As tarefas de limpeza pareciam estar terceirizadas e realizadas a contento, enquanto a equipe de cozinha era responsável por preparar e servir as quatro refeições diárias com horários definidos: café da manhã, almoço, lanche e ceia.

No momento do início da pesquisa este abrigo passava por uma crise de identidade ligada a dúvidas em relação a sua função dentro do panorama mais amplo das políticas públicas, o que se refletia na consecução de sua missão institucional, ressonando nos jovens atendidos. Estes se mostravam inseguros por não saberem ao certo se ficariam na casa por um período mais prolongado ou por um período menor de tempo, com implicações importantes em relação ao seu posicionamento diante do local. A pergunta que surgia era: posso chamar aqui de casa ou não? Tal dúvida poderia alimentar o sentimento de estarem vulneráveis à intensa arbitrariedade e a vivência de uma insegurança fundamental, sentimentos característicos de quem vive na rua e / ou não teve uma base familiar e de casa estável e com continuidade e regularidades.

Outra característica desta instituição era a de por vezes ficar com os adolescentes que não eram aceitos em outros locais e que não podiam ser re-inseridos em suas famílias. Muitas vezes tais impossibilidades estavam ligadas à divisão do espaço das favelas em territórios controlados por este ou por aquele comando, especialmente entre o Comando Vermelho e Terceiro Comando. Quando ocorre a troca de comando em uma favela muitos moradores são expulsos enquanto outros são impedidos de circular, principalmente aqueles que tinham algum envolvimento com o comando que anteriormente tinha o controle.

Um pequeno histórico da instituição permite saber que a mesma foi sacudida por algumas rebeliões, chegando a ser fechada por este motivo, sendo os jovens encaminhados na ocasião para outros locais. É importante relatar que a última rebelião está aparentemente ligada ao uso excessivo de drogas e ao não atendimento de uma série de reivindicações por melhorias da qualidade de vida no local como melhor limpeza, alimentação e acomodação; roupas de cama para todos. Pontuamos que o espaço chegou a ter 65 adolescentes, enquanto estava projetado para abrigar um máximo de 30 adolescentes em condições mais ou menos dignas. Tal fato estava gerando grande revolta principalmente nas meninas adolescentes que reivindicavam e faziam repetidas ameaças de quebra-quebra ao não serem atendidas. Houve então passagens ao ato chegando a quebrar móveis e partes estruturais do local.

Esta rebelião foi significada por nós como fazendo parte da reprodução de um quadro bem próximo à realidade e às regras de convivência a que estes jovens estão submetidos na “pista” e nas favelas. Dentre estas regras não escritas e comportamentos esperados podemos enumerar: a) a necessidade de respostas muito agressivas a qualquer ultrapassagem de limites bem definidos⁸⁰, b) a necessidade de resposta pública e consistente a qualquer agressão / invasão do espaço, mesmo que por um mal-entendido podendo tais reações atingir monitores, técnicos, administrativo e até mesmo a direção.

Embora seja difícil saber ao certo se estes adolescentes poderiam estar pedindo limites institucionais capazes de contê-los, normalmente uma série de agressões como estas tem como sentido latente um pedido de limites. Outra característica que entendemos ser possível perceber na eclosão deste momento disruptivo de violência é a não aceitação da diferença: tal série de agressões teria sido deflagrada pela invasão inadvertida ao espaço de uma das meninas antigas, atingindo inicialmente a menina que a protagonizara, nova na casa e com problemas psiquiátricos, e culminando com agressão física à própria diretora.⁸¹

Uma das situações que ajudaram a evidenciar o grau de envolvimento de muitos adolescentes do abrigo com grupos ligados ao tráfico de drogas foi o assassinato de Ciro, um

⁸⁰ Um bom exemplo desta dinâmica aconteceu com a psicanalista e autora Sônia Altoé que relatou um episódio ocorrido com ela quando ocupava importante cargo de assessora da FEEM (Fundação Estadual de Educação do Menor no RJ) durante o governo Brizola. Durante uma assembléia estava sendo agredida a todo o momento por uma adolescente, que, por fim, lhe dirigiu palavrões, xingando-a. Antes que pudesse dar-se conta viu que havia dado automaticamente (espécie de ato?) um tapa na boca da menina. Altoé compreendeu que ela acabou fugindo do Santos Dumont para não ter que dar o troco (violento) a ela, que promovia uma mudança de paradigma na instituição, possibilitando que as internas experimentassem ser tratadas como sujeitos (relato oral no 1º Encontro Franco-Brasileiro de Psicanálise e Direito, Mesa I – Limites e Possibilidades da Instituição Penal, em 11 de agosto de 2005).

⁸¹ Mais uma vez observamos a reprodução de um comportamento masculino de “não levar desaforo para casa”. Uma vez que na rua certos comportamentos podem se tornar necessários para a sobrevivência. Neste momento tais comportamentos fazem pensar que estão se identificando ao modo masculino de reagir.

dos moradores da casa. Morte ligada a outros adolescentes da mesma casa. Dentre várias narrativas conflitantes sobre este homicídio, a versão mais aceita era a de que o rapaz assassinado teria sido jurado de morte por outro adolescente que estivera com ele em uma instituição de privação de liberdade. Relatou-se ainda que os rapazes do abrigo teriam sido obrigados a participar deste homicídio para que não fossem executados também. Caso se recusassem a participar do “justiçamento” seriam vistos como coniventes com o ato de suposta delação do adolescente assassinado.

Após esta grave ocorrência os adolescentes foram encaminhados para outras instituições e projetos, sendo o abrigo fechado. Durante o tempo de fechamento decidiu-se por mudar sua missão institucional: passaria a ser um local de curta permanência visando o encaminhamento para a família ou para outras instituições.

V.1.2. *UMA APRESENTAÇÃO... AO PRÉDIO*

Depois de visitar a instituição algumas vezes, finalmente alguém decide apresentar a casa de modo mais formal. Concordo e vamos então circulando enquanto o profissional vai apresentando o espaço físico da casa, ignorando, para o meu constrangimento, os jovens que ocupavam alguns dos ambientes, como, por exemplo, o quarto dos meninos, e o quarto das meninas.

Isso fez com que me sentisse bastante mal, como um intruso mesmo, invadindo o espaço deles ao não ser pedido nenhum tipo de licença para circular naqueles espaços, que pensamos como situados entre o público e o privado, em tensão constante. Acabava de ser apresentado à estrutura física do local e não àqueles que são o seu principal objetivo da instituição e que lá residem. Os sujeitos, os jovens cidadãos, crianças e adolescentes abrigados. A dificuldade em ler, falar, enunciar e pensar nesta última frase (sem verbo) como correta faz parte da dificuldade de darmos uma chance de reintegração destes jovens em nossa sociedade.

Algum tempo depois conversei com o profissional que me apresentara a casa sobre isso, tendo sido informado que “não era nada disso”, que eles já estão acostumados, e que ele já tinha falado com os jovens, por isso não se preocupou em cumprimentar de novo. Devo dizer que esta explicação não acabou com a sensação que descrevi acima e não posso deixar de considerar um analisador (ver nota 27) para o funcionamento da instituição e para o olhar que é dispensado aos jovens.

Analisador que serve também para pensar sobre o peculiar manejo entre o público e o privado no local, sendo que os jovens parecem atrair o olhar sobre os espaços que seriam mais privados, através de atos proibidos, como por exemplo, usar drogas, o que atrai os olhares dos cuidadores a todos os espaços tornando tudo devassado e público, tendendo a eliminar a possibilidade de ilhas de vida privada na casa. É possível entender tal atitude como uma afirmação paradoxal de que reconhecem inconscientemente não poderem ser independentes e de precisarem do acompanhamento dos agentes sociais (monitores, técnicos, diretor, dentre os outros) em todos os seus passos.

V.2. CONVERSANDO COM OS JOVENS: APRESENTANDO-ME AO GRUPO

Chegar ao local sem ser informado aos jovens quem eu era e o que eu estava fazendo ali alimentou a curiosidade dos jovens. Para finalmente apresentar-me, pedi permissão aos responsáveis por uma atividade em grupo (grupo de expressão, descrito na nota 78), bem como permissão aos demais componentes deste para participar, sendo atendido.

Das fantasias que fizeram a meu respeito, a que mais chamou minha atenção foi a de um jovem que acabara de chegar a casa e me viu digitando algo no computador da instituição. A todo o momento ele, bastante nervoso, ia olhar-me, tentando descobrir quem eu era e o que eu estava fazendo. Chegou, por conta própria, à conclusão de que eu era um oficial de justiça e que estava redigindo um mandado de apreensão para levá-lo preso para algum outro lugar, provavelmente de privação de liberdade. Perguntou-me sobre isso. Tive a impressão de que ele sentia-se culpado por algo que tenha feito ou de que tenha sido acusado.

Apresentei-me falando exatamente o que era: pesquisador da ENSP – FIOCRUZ – explicando o que significava – e o que eu desejava ali, que era conhecê-los melhor, conversando com eles e que queria marcar um grupo meu com eles para falar com mais calma a respeito do meu trabalho e da proposta que queria fazer a eles.

V.2.1. PUNTO DE ANCORAGEM NA INSTITUIÇÃO

Por outro lado, escolhi este grupo de expressão que se reunia uma vez por semana como uma espécie de marca formal de meu pertencimento à instituição naquele momento, comprometendo-me com o mesmo durante o período da pesquisa, com os objetivos de integrar-me à vida institucional, ao seu dia-a-dia e ao mesmo tempo de aproximar-me aos moradores e trabalhadores do lugar. Devo relatar que ao participar deste grupo por vezes sentia-me mais motivado que as próprias técnicas que o conduziam. Tal percepção não representa uma crítica a elas, mas a marcação de um ponto de análise das dificuldades desta instituição e de instituições deste tipo em geral, que lidam com crianças e adolescentes difíceis.

O compromisso com esse grupo marcava um lugar de inserção mais formal na instituição, de modo que não ficaria apenas rondando, conversando aqui e ali, observando enquanto fizesse os grupos e as entrevistas. Todo dia tal em horário tal eu estaria lá procurando contribuir com as tarefas deste grupo que acabou mostrando-se bastante flutuante. Um dos momentos mais produtivos dele foi o de ponto de partida para a preparação da decoração da festa junina de 2004. Trabalhamos juntos, trocando técnicas para acelerar o trabalho de preparação de bandeirinhas, conseguindo levar adiante um interessante trabalho em conjunto, dividindo bem as tarefas sob um espírito colaborativo.

V.2.2. ENTRADA EM CAMPO: GRUPO DE APRESENTAÇÃO E ACORDO DE REGRAS DE CONVIVÊNCIA: UM EXEMPLO

Apresentei-me então tentando falar no código deles mesmo, “mandando um papo reto e direto”, contando a eles que eu estava ali para conhecer melhor eles, ouvir o que eles têm a dizer e que eu ia apresentar-me para eles e que depois gostaria que cada um se apresentasse. Chamei este tipo de grupo de ‘grupo de apresentação e de acordo sobre regras de convivência’. Contava do meu próprio projeto de investigação até aquele momento, que se ocupava com a possibilidade de jovens com menores redes de apoio e recursos, mais pobres, poderem desenvolver projetos de vida que os deixassem mais realizados, ou que dessem a eles maiores possibilidades de alargar um estreito horizonte de possibilidades dentre as quais se apresentava com força o caminho do tráfico de drogas. Que um passo importante para prosseguir neste projeto era conhecê-los melhor. Considerei que estava sendo sincero ao enfocar esta parte da pesquisa, mais ligada aos resultados, pois trazia o que projeto ofereceria

a eles como contrapartida, mesmo que de forma genérica, podendo vir a beneficiar outros jovens como eles. Eles pareceram entender e concordar.

Uma conversa anterior com uma psicóloga foi bastante importante no sentido de que, com sua longa experiência de campo, pôde passar-me ensinamentos fundamentais: ser bastante sincero, procurar surpreendê-los com algo bastante direto, pois que já não agüentam mais os discursos vazios. Fizeram poucas perguntas, interessando-se, por exemplo, em saber onde exatamente era a FIOCRUZ, se era onde eles imaginavam mesmo, ou se eu estava ganhando para desenvolver aquele trabalho. Respondo prontamente, defendendo o direito deles de perguntarem, já que o menino que perguntou se eu recebia ou não foi logo criticado por outros do grupo e taxado de “enxerido”.

Em seguida passamos a uma atividade que tinha por objetivo estabelecer uma situação que provocasse a emergência da subjetividade dos membros do grupo, o pesquisador incluído, de uma forma mais organizada. Era a dinâmica da escolha de palavras: preparara anteriormente uma série de folhas de papel com palavras que representam idéias variadas que considerei serem importantes para os jovens⁸², espalhando estas folhas pelo chão e orientando-os a escolher uma palavra que os interessasse, lhes chamasse a atenção para que pudessem dizer o que ela representava para eles. Se a palavra que quisessem não estivesse lá, haveria folhas em branco para que eles pudessem preparar estas novas palavras não previstas pelo pesquisador.

A palavra escolhida pelo pesquisador foi sempre RESPEITO servindo para apresentar a base do que este queria acordar com o grupo, e que uma vez estabelecido o acordo, seu cumprimento seria exigido por ele. Que ele os respeitaria e que ele esperava então receber o mesmo respeito, bem como que eles respeitassem-se entre si.

O momento seguinte consistia da leitura do TCLE, ou seja, do termo de consentimento livre e esclarecido, para que fosse bem entendido por todos e para que qualquer dúvida pudesse ser prontamente sanada. Neste momento pedia que já assinassem o termo para o futuro grupo focal e ou entrevista. Outro ponto que era apresentado e acordado era referente ao uso do gravador para os encontros seguintes.

⁸² As palavras escolhidas pelo pesquisador foram: verdade, responsabilidade, esperança, respeito, atividade, confiança, realização, silêncio, fofoca, futuro, mentira, desrespeito, limite, desconfiança, esconder, crescer, mostrar, palavra, bagunça, sendo que uma escrita por uma adolescente e incorporada ao rol de palavras foi “apaixonada”. Eram palavras que uma vez escolhidas podiam ser tomadas como significantes para estes jovens.

V.2.3. O PRIMEIRO GRUPO; DE APRESENTAÇÃO

Para dar uma visão geral do que foram meus contatos com os jovens, a partir dos grupos de expressão, dos quais participei por três ou quatro meses, organizei dois grupos de apresentação, dois grupos focais e dez entrevistas, cinco com rapazes e cinco com meninas. Houve, além destas atividades, livre trânsito pela instituição, conversando informalmente com técnicos, guardas, adolescentes dentre outras pessoas que transitavam pelo local e a observação do dia-a-dia dos adolescentes e da vida da instituição.

Este primeiro grupo foi marcado através da combinação prévia com três adolescentes que tinha conhecido no primeiro grupo de expressão de que participei (Zélia, Elena e Cícero). Eles queriam saber do que seria o grupo, disse que falaria no próprio grupo. Acabaram aceitando participar.

Chamo, com a ajuda de uma técnica, primeiro estes com quem já tinha combinado. Uma está deitada e quando me vê se lembra do grupo e vai levantando do colchão onde estava deitada embaixo de cobertas com outros dois adolescentes. Chamo Cícero e Zélia me vê e me cumprimenta, dizendo que está indo. A técnica fala do grupo e pergunta se outros adolescentes têm interesse. Todos querem saber do que se trata. Digo que vou falar no grupo. Acabam chegando sete adolescentes. Depois chega mais um que vai sentando sem se dirigir a mim (é um dos que leva um pilot e depois se envolve em evasão e roubo).

Abaixo está qual palavra cada adolescente escolheu na dinâmica com palavras e informações sobre o paradeiro (quando conhecido, em junho de 2005) dos jovens. Estão destacados em negrito os que foram entrevistados individualmente depois e que tiveram suas entrevistas utilizadas neste trabalho (cinco meninas foram entrevistadas mas este material não foi usado agora):

Zélia – 14 (atividade),

Elena – 16 (desconfiança) – Começou um firme namoro com um dos adolescentes do grupo e estavam morando com a mãe dela, de quem esteve muito afastada. Houve relato de agressões do namorado contra ela.

Cícero – 16 (não lembro) – voltou para a cidade do interior em outro Estado de onde tinha saído para tentar a sorte na cidade grande,

Otávio – 14 (presente e futuro) – segundo relato de um dos adolescentes (que não sabemos se é verdadeiro) pode ter sido morto por ter ‘x-novado’ uma situação de rebelião que ia ocorrer, mas teria sido denunciada por ele.

Vagner – 17 (responsabilidade) – evadiu da instituição,

Natalia – 17 (confiança) – procurava estabelecer-se trabalhando como manicure. Reencontrou parte de sua família. Estava grávida e afirmava que o pai era um educador do abrigo.

Wellington – 16 (respeito) – envolveu-se em um namoro que parece estável, e ao final acabou fazendo diferente do que pretendia e envolveu-se em brigas sendo transferido desta instituição. Foi morar com a namorada. Estava progredindo em um curso de desenho e pintura, tendo sido promovido a monitor. Fomos informados que às vezes caminha(va) longas distâncias de um curso para outro por não ter dinheiro para passagem. A parte negativa refere-se à informação de ter agredido a namorada. Mantém uma ligação com pessoas que foram realmente referência para ele no abrigo, principalmente por telefone.

Vitor - 17 (não escolheu palavra nenhuma) saiu da instituição para outra seguindo o fluxo natural de saída deste sistema de atendimento. Esta outra instituição é considerada porta de saída do sistema e seria para preparar o jovem para esta importante transição. Fui informado informalmente de que foi “adotado” por uma mulher. Não se sabe, porém, as condições desta “adoção”, já que ele já era maior de idade.

A seguir apresentaremos apenas os momentos que consideramos mais importantes no grupo para nossa pesquisa, em especial aqueles em que aparece referência espontânea ao tema do tráfico de drogas. Não obstante o desenho geral deste grupo mostrou-se bastante interessante e rico, de forma que o reproduzimos seu relato integral como o anexo 1.

Zélia foi a terceira a falar sobre a palavra escolhida. Falou sobre “atividade”: gosta muito de estar sempre em atividade, que esta palavra a faz pensar em esportes, em muitas atividades que gosta também de fazer, como desenhar (...). Wellington interrompe-a e explica como atividade serve para outros entendimentos também, como ficar na atividade é ficar tomando conta de uma coisa ou de olho em alguma pessoa, *ficar na atividade na boca, e qualquer coisa soltar os fogos para avisar*.

Vagner quis escrever uma palavra que queria escolher, mas não estava entre as que foram preparadas. Ele mesmo então escreve “responsabilidade”. Diz que tem que ter responsabilidade pelo que se faz, que qualquer coisa que você vai fazer tem que ter responsabilidade. Desenha abaixo da palavra um fuzil com uma bala saindo pelo cano, completando a palavra responsabilidade com o texto “pelo teu”, ficando a idéia “responsabilidade pelo teu”. A alusão a questões do tráfico pareceu de novo bastante clara. Responsabilidade pelo teu posto, por portar uma arma de guerra como o fuzil desenhado. Responsabilidade diante dos superiores para sobreviver neste ambiente.

Depois de Natália, vem Otávio, que já havia comentado o que ele tinha escrito: presente e futuro. Ficou um pouco impaciente pela demora para chegar a sua vez⁸³. Antes já tinha discutido com outro adolescente que tinha colocado uma cadeira ocupando o lugar da sua. Esta fala foi bem interessante e clara. O adolescente disse que tem duas coisas que quer ou que pode fazer. Que a primeira é de estudar, se formar e ser professor de biologia, ou então advogado, ganhar muito dinheiro e ter carros legais⁸⁴... Por outro lado, diz que se isso não desse certo, ele iria pedir trabalho em uma boca, que iriam dar uma arma para ele e ele iria se juntar aos colegas, virar traficante, ganhar muito dinheiro, comprar tudo aquilo que ele queria, juntar-se aos amigos do CV, e tomar os morros que estão sob poder do Terceiro Comando, que mandaria muito tiro para cima deles, dos alemão (inimigos de algum comando ou facção rival).

Wellington fez algum gracejo e Otávio respondeu que quando ele estiver cheio da grana em um carrão, encontraria Wellington no sinal vendendo bala, e daria então cinco reais para o colega⁸⁵. Perguntei a Otávio se ele achava que estava fazendo algo para conseguir concretizar o caminho que estava a escolher, o primeiro caminho, mas ele não respondeu.

Digo ao fim do grupo como seriam as coisas entre nós, que teríamos mais um grupo e depois entrevistas individuais, que queria combinar naquele momento a participação deles nas entrevistas individuais comigo. Todos concordam. Disse que não conseguira lembrar o que todos diriam e precisaria então usar um gravador, e que estas gravações só seriam ouvidas por mim e que depois quando fosse escrever os nomes seriam trocados de modo que ninguém pudesse ser identificado. Reforcei que entendia que o segredo era fundamental e que nada do que falassem para mim seria contado para ninguém, que podiam contar com minha palavra em relação a isso.

Acrescentei que não era funcionário da instituição onde estão, de modo que não poderia ser pressionado a contar algo da vida deles para técnicos e direção da casa. Reforcei que era pesquisador independente, da FIOCRUZ. Que queria construir nossa relação em cima do que falaram e que falei junto com eles, que eles já deviam ter vivido em suas vidas muitas

⁸³ Esta parece ser a sua característica – não poder esperar. Tanto que logo a seguir evadiu da casa, participou de um roubo com outro adolescente, sendo preso e acusado logo a seguir de ter delatado um plano de fuga, como citado anteriormente. Informaram que pode ter sido assassinado. Não esperou para ver se o primeiro caminho, citado por ele mesmo podia dar certo. Pulou imediatamente para a segunda alternativa.

⁸⁴ Provavelmente é por isso perguntava se eu, um cara que ele provavelmente considerava com muito estudo, estava ganhando para fazer aquele trabalho.

⁸⁵ Este é um tipo de insulto que parece ser comum entre traficantes: por ocasião da invasão da Rocinha por uma facção no início de 2004, em conversas gravadas pela polícia entre traficantes um de uma facção começa a insultar o outro dizendo que vai mandar muito tiro para cima dele e, o que parece ser o maior ultraje, que ele vai perder o emprego (no tráfico) e vai passar fome, ter que ficar vendendo bala no sinal. Chama a atenção o fato de o jovem de 14 anos dirigir de forma irônica a mesma ofensa ao colega.

situações de desrespeito e não queria a repetição disso no grupo, devendo respeitar então o colega e me respeitar também, que eu iria respeitá-los e confiar neles. Ao final do grupo alguns saíram logo, enquanto alguns ainda demoram um pouco. Apenas Cícero ficou mais tempo e mostrou-me que dois deles levaram os pilot. Fui atrás e recuperei os dois pilot que faltavam.

Tive que desmarcar o encontro que tinha marcado para terça por estar gripado e sem voz⁸⁶. Pedi que fossem todos avisados do meu impedimento, e informados da transferência do grupo para o dia seguinte. Na verdade, depois vi que isso não era o mais correto já que não deviam ser informados unilateralmente sobre uma transferência, mas consultados sobre sua disponibilidade para o dia seguinte. Resultado: no dia seguinte eu cheguei lá para fazer o grupo e eram eles que não podiam por motivos os mais diversos. Para mim era uma retaliação inconsciente e grupal ao fato de eu ter desmarcado no dia anterior e remarcado sem consultá-los. Uma estava deitada, afirmando estar com cólicas, outro lavava roupa enquanto um terceiro estava fazendo as unhas. Entendi o que estava se passando e remarquei para o dia seguinte de novo, quando enfim fizemos o grupo acontecer. Estávamos quites.

Conquistando a confiança:

Aos poucos, sentia que íamos confiando mais um no outro. Percebia que é uma troca e que para que confiem em mim, era preciso primeiro que eu confiasse neles. São pequenos sinais, a forma como olham, a forma como cumprimentam, o que perguntam, dentre vários outros pequenos sinais.

Houve, porém, uma marca neste processo, que apontava para uma real inclusão no grupo: em uma conversa no alojamento, estava com Elena ao lado do beliche quando chegou uma garota nova no abrigo dizendo que *não sei quem estourou a boa* e comprou uma casa com tudo dentro, não sei quantos mil reais... Eu estava junto conversando antes com Elena e mais alguém. Perguntei então o que é *estourar a boa* e esta menina nova me excluiu grosseiramente do assunto dizendo: - qual é a do cara, aí? Querendo saber demais...

Neste momento, sem que eu esperasse algo do gênero vem a resposta de Elena a ela:

- *Nada a ver. Ele fecha com nós tia. Tamo conversando altas histórias com ele.*

E diante disso a garota nova fica surpreendida, tanto quanto eu, ao perceber o grau de inclusão no grupo. Depois fico sabendo que estourar a boa é ser bem sucedido em um roubo e ficar com bastante dinheiro.

⁸⁶ O que como psicanalista é algo para refletir: quando finalmente eles falam, eu fico sem voz.

V.3. OS GRUPOS FOCAIS

Uma outra idéia que havia surgido para a pesquisa de campo, mas que não foi formalmente apresentada na parte que discutiu os métodos de pesquisa foi de usar a técnica de grupos focais complementando o desenho geral da pesquisa.

O desenho geral da pesquisa de campo primeiro consistia na entrada na instituição e participação em uma atividade da mesma para ir conhecendo as pessoas do local, em especial os adolescentes a serem pesquisados. A seguir haveria o convite para um grupo de apresentação. Depois deste grupo haveria um segundo grupo, agora um grupo focal, seguindo também um roteiro e gravado gerando informações que seriam também formalmente aproveitados como dados levantados para a pesquisa, sendo que a idéia era que todos os que fossem entrevistados individualmente participassem de grupos focais. Por fim, como técnica de base da pesquisa, estariam as entrevistas individuais.

Embora cientes da grande riqueza que significa colher informações em um grupo através da fala em debate, como a definem Cruz Neto et al (2001), não pudemos manter esta técnica como parte objetiva do desenho da pesquisa por motivos ligados ao campo, onde não conseguimos que todos os adolescentes entrevistados tivessem participado antes de um grupo focal, o que geraria uma série de problemas de análise. Deste modo aproveitamos os dois grupos focais realizados apenas como uma fonte a mais de informação, dentro do espírito da composição de um mosaico, como sugere Becker (1995). Sendo que estas partes, os grupos focais seriam apenas mais um elemento a compor o fundo sobre o qual se delinearía a figura, esta sim, constituída a partir das entrevistas semi-estruturadas.

Do campo surgia tanto a vontade de dar seguimento à utilização desta técnica como a certeza da impossibilidade de conferir a ela o mesmo grau de importância das entrevistas individuais. Pude logo perceber a incerteza em relação à permanência dos adolescentes no abrigo, estando um dia, no dia seguinte tendo evadido ou não estando mais por outros motivos, como transferência, ida para casa (não tão comum), dentre outros. Em segundo lugar, o fato de o pesquisador estar desenvolvendo a pesquisa sem a participação de outros pesquisadores trazia algumas limitações em relação à divisão de tarefas que normalmente o

grupo focal demanda. Segundo Cruz Neto et al. (2001) estas funções seriam de mediador, relator, observador, operador de gravação, transcritor de fitas e, por fim, do digitador.

Como uma pesquisa solo, as duas funções enumeradas ao fim (transcritor de fitas e digitador) foram executadas pelo próprio pesquisador, sendo que considero de grande importância que o próprio pesquisador possa transcrever as falas gravadas, como forma de entrar em contato profundo, já em um segundo momento, com o discurso dos entrevistados ou participantes do grupo.

A função de operador de gravação foi em grande parte substituída por um avanço tecnológico, um gravador digital capaz de gravar bem as falas de todos no grupo uma vez tendo sido posicionado em local mais ou menos central, e com o recurso de acionamento por voz: inicia e suspende a gravação automaticamente de acordo com as falas, sem precisar na prática ser operado e não necessitando também de troca de fitas, já que possui tempo de gravação bastante superior ao de fitas cassete armazenando tudo em arquivo digital.

Em relação às outras e mais importantes funções, o pesquisador privilegiou a tarefa de mediador, ficando prejudicadas a do relator e especialmente a do observador, que seria também uma função mais de controle de qualidade da condução do grupo (Cruz Neto et al., 2001). Tentou-se, na medida do possível, dentro do que seria a função do relator, memorizar a expressão facial e corporal dos participantes do grupo, sendo que a função de anotação de falas, dando conta do desenho geral do grupo em parte foi substituída pela gravação integral dos mesmos.

E como último elemento que contribuiu para descontinuar o uso sistemático do grupo focal como técnica de pesquisa, está o fato de o pesquisador começar a perceber a possibilidade de esvaziamento do conteúdo que seria posteriormente abordado nas entrevistas individuais, já que os quatro pontos de pauta do roteiro para o grupo focal (ver anexo 2) seriam abordados posteriormente em entrevistas individuais.

Com a realização do primeiro grupo focal, o pesquisador associou esta sensação de sobreposição de perguntas, guardadas as claras e enormes diferenças, a uma das recomendações técnicas de Freud (1969: 179 [1913]), a de que o paciente que iniciava um processo psicanalítico devia guardar seus assuntos mais íntimos para a hora da sessão, sob o risco de ao compartilhá-los com um amigo, concorrer para o esvaziamento das sessões de análise. Temia que, de modo análogo, estes assuntos ligados a mais profunda intimidade dos jovens fossem mencionados apenas no grupo, perdendo-se a oportunidade de serem aprofundados nas entrevistas individuais. Assim foram realizados apenas dois grupos focais como mais um modo de aproximação aos jovens, bem como para colher as informações no

contexto dinâmico do debate. No anexo 2 mantemos a transcrição completa de um destes grupos, do qual damos alguma notícia abaixo.

V.3.1. RÁPIDA APRESENTAÇÃO DAS CONTRIBUIÇÕES DE UM GRUPO FOCAL PARA A PESQUISA.

Houve dificuldade de iniciar o grupo. Ninguém queria ser o primeiro a chegar. Parece que têm receio de serem vistos como *puxando o saco* de alguém. Decidi então começar e eles iriam chegando para o grupo. A idéia era fazer este grupo com os mesmos adolescentes que participaram do primeiro grupo de apresentação apresentado acima. Porém, dois jovens tinham evadido e não estavam mais no abrigo, o que fornece um exemplo das dificuldades que a todo o momento se renovavam e mostra a necessidade de adaptação ao que o campo traz ao pesquisador.

Fazemos agora um pequeno preâmbulo para situar em que pé estava a vida destes adolescentes: estes jovens tinham visto aparelho de som de carro que poderia ser roubado. Como sabiam onde o carro ficava estacionando, decidiram evadir, fazer este roubo, e *tentar a sorte* na pista. Não tiveram sorte, ou talvez possamos dizer que tiveram sorte, ou pelo menos um deles, Vitor, teve sorte ao ser preso (foi dado a ele um limite), ao ter um plano de fuga frustrado (continuou sob contenção de limites) e ao voltar com uma postura diferente ao abrigo quando passou ao sistema de medida sócio-educativa de liberdade assistida.

Este rapaz exercia certa liderança no abrigo e sua mudança de postura em relação ao pesquisador (inicialmente roubara um pilot, e na volta ao abrigo aceita de imediato ser entrevistado) acabou servindo de exemplo para os demais, facilitando a aceitação dos demais ao pesquisador. Sobre o outro que evadiu, Otávio, paira até agora uma suspeita de que tenha sido assassinado.

Muitas destas informações foram passadas por um dos adolescentes do abrigo que por vezes funcionava como informante pertencente ao próprio grupo de adolescentes. Este adolescente sabia de tudo que se passava no abrigo, funcionando em certa medida como uma referência institucional acolhedora, meio maternal aos outros adolescentes (lembramos que será sempre usado o masculino para ambos os sexos, para dificultar a identificação das pessoas).

Voltando ao grupo, ele já iniciava com dois a menos (Vitor e Otávio). Vagner me manda “*um papo reto e direto*” dizendo que não vai participar. Iniciamos então com os

presentes a leitura do termo de consentimento livre e esclarecido que é então assinado por eles, não havendo muitas perguntas deles sobre o mesmo. Wellington avisa por conta própria a todos que já está sendo gravado.

Dois adolescentes evitam falar muito sobre namoro, e aproveitam o espaço do grupo para trocar insultos que depois percebo serem mais provocações mútuas que ataques em si. O fato é que se os dois jovens não falam muito sobre namoro neste grupo, logo depois começam a namorar, acabando por colocar em prática um dos temas do grupo, com o que pude re-significar a troca de agressões que era antes uma sondagem mútua e uma aproximação entre os dois. Ao longo da pesquisa acompanhei de longe a vida do casal, que me pareceu ser estável durante minha permanência por lá. A seguir elegemos os momentos do grupo que julgamos mais relevante para a pesquisa. A transcrição das falas deste grupo está integralmente reproduzida como anexo:

Bandido X bandaid: Elena disse que Wellington era bandido. Natália diz que era bandaid, aquilo que coloca no machucado. Significa um grande insulto para um bandido, pois quer dizer que ele está amolecendo, deixando de ser mau e que não poderá mais ser bandido⁸⁷:

P.: [Como é esse negócio de bandido e bandaid? (...) Quer dizer o que chamar o cara de bandaid?] ⁸⁸.

W.: *Bandaid é aquilo que coloca no machucado.*

N.: *que o cara não é bandido nada. É bandaid (...) não é nada, né nada, não é nada, não é bandido, não é nada.* (grifos do autor).

Voltando ao ponto anterior, sobre namoro, acabei tentando retomar, perguntando o que faz com que uma menina sinta-se atraída por um rapaz. Dentre várias coisas, logo depois da simpatia, surgiu, na fala franca de uma delas, a importância do *bilau* (gíria para pênis). Em

⁸⁷ Em Barcellos (2003) aparece a mesma polarização: de um lado significantes – bandido, do crime – que simboliza força, virilidade, decisão, impiedade e ação. Outros significantes são opostos a estes em forma de trocadilho (que ocorre tanto no relato de Barcellos como em nosso grupo) – bandaid e creme – em uma visão pejorativa de característica que é atribuída ao feminino, o cuidar: fraqueza, “frescura”, enquanto a segunda palavra (creme) na sua própria polissemia ainda é mais rica para ilustrar esta polarização, podendo significar o creme que as mulheres (consideradas *frescas* pelos adolescentes) passam para tratar da pele, para ficar lisinha, e ainda o creme (doce) que adoça os alimentos.

⁸⁸ Aqui introduzimos uma convenção pensada pelo autor que acompanhará o leitor em muitos momentos: as falas (discurso direto) do entrevistador / pesquisador estarão sempre entre colchetes, para diferenciá-las das enunciadas pelos entrevistados. Evitando a repetitiva identificação do entrevistador como emissor das falas. Com o mesmo objetivo de tornar a apresentação dos relatos e diálogos mais fluidos permitimo-nos identificar de forma clara a emissão do discurso direto sem recorrer ao uso do travessão, como pode ser visto na reprodução deste recorte do grupo. Está a inicial do emissor seguida de dois pontos, com seu discurso direto em itálico. Os travessões indicadores de discurso direto serão usados em geral em trechos onde estiverem intercalados na mesma frase ou parágrafo trechos de discurso direto com trechos de discurso indireto e na transcrição completa do grupo focal, no anexo 2. Nas epígrafes o esquema caractere normal e itálico fica invertido.

outro momento pouco depois a mesma adolescente acrescentou que gosta também da *bundinha*. Ela falou também da necessidade de o cara ser carinhoso, o que fez com que Elena lembrasse de um namorado que a abraçava na hora de dormir, *tampando-a* toda. Referiu-se à proteção oferecida por este abraço com o corpo, protegendo-a da hostilidade do mundo. O namoro acabou com a morte do namorado. “*Morreu de tiro*”.

A questão seguinte – o que eles acham que é ser homem – colocou em cena a polarização criança x homem. Elena comentou que tem muito adolescente que acha que é homem, mas não passa de criança. Foi colocada em questão a falta de responsabilidade dos homens, principalmente diante do momento em que engravidam uma menina. Natália falou em compromisso. Quando tentei retomar esta palavra, Wellington trouxe um exemplo no trabalho do tráfico para ilustrar a palavra, que quando o chefe dá uma carga pro cara, o cara assume ali um compromisso. Começava a aparecer o tema do tráfico de forma mais explícita no grupo.

A resistência em falar se concentrava, mesmo que oscilando, em alguns dos adolescentes, como Wellington e Cícero. O pesquisador via-se obrigado a fazer circular a discussão todo o tempo para não paralisasse nestes pontos resistenciais. Elena, porém, cobrava uma postura mais ativa de Wellington, chegando a dizer que se ele não fosse falar que não devia ficar no grupo, ao que ele retrucou que fazia parte do grupo.

Elena gritou – porra! Da cozinha, que fica ao lado (estávamos na mesa do pequeno refeitório), veio a resposta na língua afiada de uma senhora, funcionária da cozinha: - olha a porra na boca! Enquanto Natália pedia calma à tia (da cozinha), Elena retrucava dizendo que é por isso que ela (a cozinheira ou ajudante) só vivia engasgada. Este trecho chamou nossa atenção pelo tema e o grau de agressividade presente na situação, desde o grito de Elena, a reação da funcionária e finalmente a tréplica. Em nosso entendimento, foi usado primeiramente como interjeição de desagrado (como “pô!”), e re-significado, aproveitando-se a polissemia da palavra como esperma, tendo havido, talvez, uma justaposição de significados por parte da cozinheira entre adolescente que fala palavras obscenas, palavrão, uma adolescente de abrigo, com promiscuidade sexual, insinuando o ato através do possível despecho do mesmo: *boca suja*. Elena devolveu a provável qualificação pejorativa em dose maior, insinuando que a funcionária da cozinha estaria sempre engasgada com porra na boca. Este breve exercício de re-interpretação permite perceber quantos significados podem estar contidos em um diálogo muito curto.

Mais adiante, Cícero se deixou provocar pela questão colocada, dizendo que a característica mais importante envolvida na passagem de menino a homem é a independência.

Na seqüência, falando sobre namoro, Wellington disse que é só “*esvaziar o saco que tá tranqüilo*”, gerando polêmica no grupo, e especial revolta em sua futura namorada, que disse para ele “*não falar merda*”.

Baseados na passagem acima podemos entender como o recurso a uma fala claramente hiper-machista procura moldar uma auto-caracterização do próprio que a enuncia como homem rude, machista, anti-romântico, que só é capaz de ver a mulher como depósito de esperma onde ele pode *esvaziar seu saco*. Percebemos tal postura como uma defesa contra possíveis / prováveis ataques: o sujeito não pode mostrar em grupo nada que sugira fragilidade, sensibilidade ou algo do gênero. Pelo contrário, o ambiente de cultura de violência em que vivem exige sempre que pareçam fechados, impermeáveis, que vistam esta máscara para se protegerem dos demais – que fazem o mesmo (e nisso cria-se e auto-alimenta-se um ciclo de intolerância e violência). O contínuo vestir da máscara pode fazer com que de fato acreditem nela e sejam de fato cada vez parecidos com ela⁸⁹.

Podemos, através deste enunciado, ilustrar a diferença entre a palavra em debate no grupo focal – onde o adolescente quer se caracterizar como um cara duro, mau com as mulheres – e a fala individual, que seguiu-se a este grupo, quando na entrevista semi-estruturada, este mesmo adolescente deixou cair um pouco (ou muito) as defesas, mostrando romantismo e sensibilidade em relação a uma hipotética companheira, e valorizando o ato sexual como algo sublime e de entrega e confiança mútua, bem ao contrário do que dissera no grupo.

Destacamos o modo de enunciação dos adolescentes homens que iam soltando uma ou outra frase, mantendo, porém, uma postura geral resistencial, dizendo que não iam falar, mas falando, o que contribuiu para que suas falas não fossem vazias. Pelo contrário elas irrompiam plenas de sentido e sentimento.

Procurando adentrar outra faceta do que eles acham que é ser homem, o pesquisador perguntou se para ser homem tem que se mostrar violento, ser brigão... Natalia foi enfática: “*Homem acha que para ser homem tem que ter poder*”. Elena já disse que tem horas que o homem tem que ser violento mesmo. Para Cícero, que se distraía desenhando, o importante é o *desenrolo* (desenrolar a situação, palavra usada no tráfico para resolver qualquer problema, inicialmente através de uma conversa podendo ter desfechos violentos). Acrescentou que quando tem confusão não se pode demonstrar medo.

⁸⁹ Para um aprofundamento neste tema, ver, por exemplo, Goffman, 1959:17 e ss.

Perguntei então sobre os diferentes caminhos que o jovem pode tomar. Cícero disse que o caminho de Wellington é a boca de fumo. Wellington apresentou sua visão sobre os dois caminhos:

O outro (caminho) então estudar, não é nem estudar, é arrumar uma profissão, que tem vários neguinho que tá cheio de estudo e não tá trabalhando. Tem que meter uma boca, roubá um banco, botá umas lojas, tá de bobeira, é? Senão ficar esperando o salário mínimo, quando vê não dá nem pra tu comprar porra nenhuma.

Mais adiante Wellington continuou:

O outro (caminho) é meter logo um banco logo, boladão⁹⁰, aí. Estourar vários milhão. ãahmm. Comprar várias padarias, vários açougues, várias casas de material de construção. Ficar só na mata, plantando maconha e aguardando (...) o dinheiro, né? Costelinha do lado, churrasquinho toda semana, cachoeira, piscina, várias frutas, os bichos cantando, vários passarinhos na casa, melhor ficar no mato que na cidade, junto com a natureza, plantá maconha.

P. (pesquisador): [Qual caminho que tu acha melhor?]

W. (Wellington): *Nenhum dos dois. Nenhum dos dois é melhor. O melhor é ficar com dinheiro no bolso. Não quero saber se vou arrumar dinheiro trabalhando ou assaltando banco. (Uma das meninas fala que ele vai tomar tiro).*

W.: *Do jeito que o tiro vim tá bom. Vou tá com dinheiro. Não quero nem saber.*

W.: *Que vou conseguir emprego?! Quando tiver de maior, eu vou é meter um banco. Tenho coragem gordinha (fala se dirigindo a Natalia.).*

E. (Elena): *Vai morrer lá dentro.*

W.: *Morrer? Morrer de tanta felicidade de ficar com tanto dinheiro no bolso.*

A discussão seguiu sendo que Elena defendeu a idéia que se estiver sem dinheiro, tem sua mãe que vai ajudá-la. Wellington diz então que pensava, como Cícero tinha falado, em ele mesmo se alimentar. A seguir Elena afirmou que Wellington é um cara solitário.

⁹⁰ Gíria. Pode significar que está sob efeito de drogas, muitas vezes sentindo-se perseguido e em um estado em que procurará destruir qualquer coisa que o cara que está *bolado* sinta que possa ameaçá-lo, sem nenhuma investigação.

W.: *se eu for depender de minha família aí eu vou me fuder, tá ligado, eu penso é em mim malandro, tá ligado. Eu penso em minha independência porque eu nunca dei sorte com meu pai, meu pai é cheio de neurose comigo.*

O adolescente Wellington continuou a representar para o grupo o perfil de um cara bem resolvido que vai fazer assaltos grandiosos e já até sabe como vai investir todo este dinheiro roubado. Afirma também não precisar de ninguém. Na entrevista individual, como já foi dito, sua postura será outra, bem como as informações obtidas *a posteriori* sobre sua vida. Na sua última frase, porém começa a abrir um pouco suas defesas ao mencionar as dificuldades que sempre teve com o pai.

P.: [C. o que você acha da questão dos caminhos, qual caminho, trabalho honesto ou entrar pra uma boca, na guerra dos comandos?]

C. (Cícero): *A vida, a vida,... A vida normal também é boa, tá ligado?*

P.: [Qual é a vida normal?]

C.: *a vida que a gente leva com papai e mamãe. É escola, é casa, é não sair pra rua, trabalhar é bom, tá ligado?*

P.: [você acha mais legal este caminho então?]

C.: *É, mas tudo proibido é mais gostoso.*

E.: *Claro, a cara dele. Cara tudo de ladrão.*

W.: *Ladrão não tem cara não. E a cara destes políticos aí. Tem que prender os políticos que roubam milhões.*

Pouco depois apareceram dois problemas fazendo com que tenha que apressar o fim do grupo: espaço e tempo. Por falta de um espaço que julgasse mais adequado naquele momento fizemos o grupo ocupando algumas mesas de um pequeno refeitório, espremidos entre a hora em que eles se levantavam (de fato) e a hora do almoço. Os demais adolescentes começaram então a chegar com fome, querendo almoçar fazendo com que tivéssemos que correr para encerrar o grupo, não sem antes uma cena que merece ser descrita:

Elena: *VAI BOTANDO A COMIDA AÍ* (gritando).

Cozinheira ou ajudante de cozinha (da discussão anterior): *NÃO SOU SUA EMPREGADA NÃO.*

E. (gritando): *VAI BOTANDO!*

Pesquisador interveio pedindo respeito.

E. *TU É A COZINHEIRA DO /NOME DA INSTITUIÇÃO/!* E a discussão continuou com troca de insultos.

Embora nosso material principal de análise tenha sido, sem dúvida, o colhido com as entrevistas individuais, consideramos importante a apresentação desta cena em grupo para uma primeira aproximação do leitor aos adolescentes e para destacar a diferença no modo de apresentação em grupo do modo de apresentação na presença apenas do entrevistador. Percebemos extraordinária riqueza neste grupo, permitindo o aparecimento de diversos pares opostos, binarismos profundamente enraizados. Em primeiro lugar apareceram o bom e o mau, só que com sinais trocados, sinal da típica subversão de valores que caracteriza esta cultura de violência que procuramos mapear neste trabalho: o que é defendido como o “bom” é ser bandido, do crime, em oposição à posição fraca, fragilizada, enfim, negativa, do bandaid e do creme.

No relato de Barcellos (2003) aparecem os mesmos significantes – /bandido/, /do crime/ – significando no contexto do relato do autor força, virilidade, decisão, impiedade e ação. A estes significantes são opostos outros dois pelo invento popular (sob influência do caldo de cultura dos comandos) de um trocadilho apoiado na semelhança gráfica e fonética: /bandido/ x /bandaid/ e /crime/ x /creme/. A apresentação conjunta reforça a função destas palavras como significantes, que precisamente cumprem sua função quando referidos a outro(s) significante(s) na cadeia, seu significado emanando em grande parte da própria oposição. Os últimos significantes de cada par que em contextos mais ligados ao cotidiano do cidadão cumpridor da lei, simbolizariam cuidado e doçura (sentimento), naquele contexto, entre as pessoas do tráfico e rede próxima, assumem um significado outro, de fraqueza, e desonra⁹¹. Esta oposição mostra a inexistência de um meio termo: ou o cara é um bandido cruel, frio e decidido, ou *o cara* será um fraco, incapaz de preservar sua honra e imagem.

O que aconteceu em nosso pequeno grupo mantém e reforça a idéia de que o cara será menos que nada se não for bandido cruel (ver frase sublinhada no início do grupo). Bandido, do crime sustenta os significados expostos acima. Podemos acrescentar a idéia de amargo e daquele que machuca ou produz machucados justamente em oposição ao que foi falado da outra dupla significante – /bandaid/ e /creme/. Aparece o significado do cuidado (ação ainda

⁹¹ Em Barcellos (2003): parentes e pessoas do tráfico estão acompanhando a conversa entre VP na rua e uma ex-namorada no segundo andar de um prédio, que tinha passado a namorar outro cara, da polícia. Todos esperavam uma punição exemplar, o que não aconteceu, para decepção geral, sendo ele ofendido por pessoas próximas (irmã, segunda mãe) em uma cena de humilhação pública e perda simbólica de poder em que os significantes bandaid e creme assumem exatamente estes significados. Ele fica publicamente desonrado dentro daquela cultura de valores invertidos.

identificada ao feminino) de um machucado, enquanto a segunda palavra (creme) na sua própria polissemia ainda é mais rica para ilustrar esta polarização, significando tanto o doce (em seus sentidos literal e conotativo), como o que as mulheres (que se cuidam) usam para tratar da pele, para deixá-la saudável e macia.

A frase pronunciada no grupo por um porta-voz enuncia o hipermachismo do macho violento e transgressor, acima da lei: “*se não é bandido, não é nada*”. Vários outros elementos podem ser captados do grupo: a aparecimento de outro binarismo onde ou se é criança, significante sob o qual se condensam todos os tipos de significados negativos, dentre eles a irresponsabilidade, ou homem com o significado atrelado de responsabilidade (mesmo que bandido – como Vagner que desenhou um fuzil abaixo da palavra escrita por ele: responsabilidade) . De novo não existe espaço para o meio termo, para uma transição, para uma adolescência. Dentro da retórica hipermachista, ao falar de namoro, todo o sentimento é banido do discurso do rapaz (bandido não pode ter sentimento) e a mulher vira uma reservatório onde o homem *esvazia o saco*.

Outro dado importante é a diferença entre o posicionamento dos rapazes no grupo e nas entrevistas individuais, o que apenas reforça a idéia de um constrangimento muito forte ao comportamento em grupo. Eles, principalmente os rapazes, têm que corresponder a certos comportamentos e posicionamentos que são esperados deles dentro desta cultura de violência. É interessante notar o aparecimento da palavra cafetão (ver anexo II). Pensamos que se trata de um dos destinos daquele jovem que por um ou outro motivo não consegue prover. Ou ele ficará isolado, tendendo a um caminho pela via da desfiliação, ou se estiver passando por um momento difícil junto a uma companheira, poderá rapidamente ser incluído como um dos destinatários da forte mensagem contida na palavra.

V.4. A ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA: UMA CONVERSA QUE SE ALONGA

As entrevistas semi-estruturadas seguiram um roteiro que permitia uma aproximação à vida do jovem com perguntas versando sobre temas como: a) trabalho e escola, b) como era sua casa, se tinha liberdade, se sofreu violências, e por que saiu de casa, c) infância, d) rede de amizades, e) visão de si, f) expectativas da família, g) sobre o pai e outros possíveis modelos

de identificação, h) comandos do tráfico e a comunidade, i) identidade e relações de gênero, j) drogas, l) consumo, m) valores, n) futuro, o) sobre a instituição, políticas públicas e cidadania, e p) perguntas sobre sonhos e pesadelos e, por fim, a solicitação de um desenho e um pedido para que falasse sobre o que desenhou (exemplo de resposta ao item p disponível no anexo 4) dentre outros.

No início deste percurso pensávamos em atingir um número entre 20 e 25 entrevistas com adolescentes entre 12 e 18 anos incompletos. Porém, a complexidade e a riqueza das conversas logo mostraram a necessidade de uma redefinição do desenho da pesquisa de campo, com a diminuição do número de entrevistas para nove, cinco com adolescentes homens e quatro com meninas, devido à constatação de que era necessário mais tempo para cada jovem, sendo necessárias até três entrevistas com cada jovem em períodos de tempo que chegaram a passar de três horas de entrevista por jovem.

Foram entrevistados nesta ordem: Elena (16 anos), Natalia (17), Vitor (17), Theo (17), Diógenes (17), Ivna (17), Wellington (17), Sônia (17) e Ronaldo (14). Nesta pesquisa privilegamos a análise das entrevistas com os adolescentes do sexo masculino, que foram gravadas e posteriormente transcritas.

Esta redefinição não foi tranqüila e não poupou o pesquisador da angustiante sensação de achar que estava tudo demorando demais, e que não ia dar certo, afinal. Foi gradativamente, com a percepção do grau de profundidade e a riqueza das entrevistas durante as primeiras cuidadosas e penosas transcrições, que tal mudança foi ficando mais clara, impondo-se de forma natural.

O aprofundamento e prolongamento das entrevistas significavam que novamente o campo ditava as regras para se chegar e trabalhar nele: a idéia original de entrevistar apenas os adolescentes que tivessem participado dos grupos teve que ser abandonada, principalmente devido à instabilidade dos adolescentes. Depois de o pesquisador ter percebido certo grau de inclusão no ambiente e entre os adolescentes, pôde-se abrir mão desta regra. A técnica formalmente aplicada e utilizada para saber melhor quem são estes jovens foi a *entrevista semi-estruturada*. Esta é a fonte principal dos dados que serão apresentados.

V.4.1. MUDANÇAS NO DESENHO DO ROTEIRO DE ENTREVISTAS

Qual era nossa proposta inicial e em que acabou consistindo o processo de entrevistas? Como costumam repetir antropólogos e sociólogos, é comum o campo surpreender o

pesquisador e forçá-lo a fazer mudanças em seu desenho de pesquisa. O importante neste tipo de situação é não tentar forçar o trabalho de campo e, principalmente os dados obtidos, para dentro do que foi previamente pensado, mas sim adaptar-se de forma flexível e sensível às particularidades e ao inusitado que os sujeitos e o ambiente apresentam.

Inicialmente pensamos em separar o processo de entrevista em três momentos: primeiro entraríamos em contato com os entrevistados buscando informações mais objetivas segundo um pequeno roteiro com os seguintes pontos: 1) Idade / escolaridade; 2) estado civil / situação familiar; 3) alguma (outra) atividade profissional; 4) composição familiar (principalmente em relação à família de origem); 5) tempo de permanência no tráfico. A seguir procederíamos ao levantamento de informações mais biográficas do entrevistado (etapa semi-estruturada da entrevista): 1) motivo da entrada para o tráfico / por que acha que não entrou; 2) se pensava em deixar / ou em entrar (para) o tráfico / se o entrevistado se sentia bem como estava; 3) relacionamento com o sexo oposto / o que pensava das garotas; 4) demais interesses; 5) sonhos e pesadelos; 6) medos do presente e do futuro / ideal de futuro; 7) optativo: dependendo de como transcorresse a entrevista seria solicitado ao entrevistado um desenho livre.

Em seguida passaríamos a um momento mais livre das entrevistas, que seria aberto com a seguinte pergunta: **o que é pai e família para você?** Opcionalmente, dependendo das condições de segurança percebidas, completariamos o desenho da pesquisa com observação participante, com o objetivo de apreender dados importantes do contexto em que vivem os entrevistados assim como das instituições pelas quais transitam. Consideramos esta parte da pesquisa importante para poder contextualizar as informações de entrevista que seriam obtidas, procurando identificar elementos do caldo de cultura e as condições coletivas em que vivem os entrevistados.

O que foi de fato:

Com o início das entrevistas, percebemos que de dados objetivos a serem colhidos, talvez só mesmo a idade. O resto das perguntas já levava a uma seqüência discursiva eminentemente subjetiva. Assim como é a clínica psicanalítica que vai informando os rumos que a teoria psicanalítica vai seguir, o campo já evidenciava o primeiro equívoco, ainda tributário de resquícios da idéia de ciência binária, quando mostra a inadequação da divisão da entrevista em perguntas para dados objetivos e perguntas para os aspectos subjetivos.

Logo a seguir verificamos a inutilidade da segunda divisão, que separava um momento mais dirigido (semi-estruturado) de um seguinte menos dirigido (livre, com uma pergunta

disparadora, de abertura): o discurso fluía muitas vezes independentemente do roteiro. Este ajudava com um guia e para evitar que algo deixasse de ser perguntado, mas a seqüência discursiva, o fluxo narrativo, ficou a cargo dos entrevistados, sendo praticamente tudo o que falavam relevante para os objetivos da pesquisa. Deste modo, o pesquisador não teve praticamente o trabalho de barrar o fluxo de idéias, pelo contrário, muitas vezes colocando perguntas complementares fora da ordem seqüencial do roteiro (ou mesmo externas ao roteiro) para provocar ainda mais o fluxo de idéias, no sentido sempre de um aprofundamento de questões que iam sendo apresentadas.

O que deveria ser *uma* entrevista não terminava, obrigando que se a desdobrasse em várias sessões de conversa e expondo o trabalho ao risco da incerteza da permanência dos adolescentes no local, já que nada garantia que quando o pesquisador voltasse encontraria lá o adolescente cuja entrevista havia sido iniciada. Tal situação aconteceu com pelo menos dois dos cinco rapazes com cujas entrevistas vamos trabalhar mais diretamente: depois de iniciado o processo de entrevista evadiram deixando o pesquisador frente a outro impasse: entendia que o certo era terminar aquele processo que havia começado, sendo que não podia, por outro lado, paralisar o processo global de entrevistas por não dispor de tempo ilimitado. Muito pelo contrário, o tempo foi tornando-se exíguo em face dos contratempos envolvidos na escolha do campo de pesquisa.

De novo o modo de o campo se apresentar determinava mudanças nos planejamentos iniciais de trabalho de campo: percebi que não poderia seguir o método de fazer a entrevista e logo depois a transcrição, justamente pela instabilidade do campo e dos jovens que, de uma hora para outra poderiam não estar mais lá. Dediquei-me então a fazer todas as entrevistas possíveis, em seqüência, passando a estar mais presente na instituição que os próprios profissionais técnicos da mesma, chegando a ir à mesma em domingos.

A percepção dos elementos que gerariam a outra mudança levou mais tempo e ocorreu através do entendimento de que a pesquisa de campo não estava sendo feita de forma errada, atrasada, demorada, etc. Aquela *era a pesquisa*. Aquelas eram as entrevistas, que se aprofundavam mesmo, e que tinha que ouvir, aceitar e passar a trabalhar em cima deste novo formato, e que ao invés de ter 20 ou 25 entrevistas de 40 minutos ou uma hora, eu teria a metade do número de entrevistas, que, por outro lado chegariam, algumas a passar de três horas, e tendo que ser feitas em mais de um encontro, chegando a ter até quatro encontros.

VI. DESCRIÇÃO DOS DADOS E ALGUMAS PONTUAÇÕES

VI.1. VISADA SOBRE UMA FAMÍLIA QUE FALTA EM UMA SOCIEDADE DESIGUAL

Primeiramente, tio, um trabalho digno, certo? Uma chance no mercado de trabalho, e também um bom estudo, e também uma... Uma família, né? Que família dá mais moral aos jovens. Que o negócio é morar com a família mesmo e tem que ser bem firme naquela hora que você está sem dinheiro, está se sentindo⁹², nesta (...). [*O que você acha que pode atrair um jovem a entrar para o tráfico?*] Em primeiro lugar, a amizade, tá ligado (...), segundo lugar o dinheiro fácil, dinheiro fácil, em terceiro lugar, a diferença, são as três coisas que levam o moleque mais pra vida do crime e tem outra coisa também...⁹³

Diogo, 16 anos

Nesta parte do trabalho passamos a descrever a vida dos cinco jovens do sexo masculino entrevistados, procurando seguir a ordem cronológica de suas vidas e dar ao leitor a melhor possibilidade de mergulhar o mais profundamente possível, como nós mesmos mergulhamos, nestas difíceis e movimentadas histórias de vida⁹⁴, com o desvelamento de importantes pontos da subjetividade de cada um.

Começamos com as palavras de Diogo para destacar a sensibilidade de percepção social de um rapaz que enfrentou desde pequeno e tem enfrentado ainda inúmeras dificuldades. Teve a coragem e a confiança para contar que chegaram ele e sua família a passar fome⁹⁵. Ainda assim (ou talvez por isso mesmo) percebe o mundo social em que está

⁹² Gíria usada pelos adolescentes para dizer que estão cheios de si, com muita energia, sentindo-se o máximo.

⁹³ Conforme informado antes, nestas epígrafes fizemos uma inversão no modo de notação no texto, deixando em formato normal a fala do entrevistado e em itálico as falas do entrevistador, mantendo, no entanto, para evitar qualquer dúvida, o uso dos colchetes destacando estas últimas falas. Defendemos esta forma de citação como um reconhecimento à co-autoria deles neste trabalho. São citados nestes momentos como são citados em trechos mais longos autores publicamente reconhecidos. É um reconhecimento à energia, reflexão e entrega que ofereceram nas entrevistas e a este trabalho.

⁹⁴ No sentido lato da expressão.

⁹⁵ O Presidente da República no período entre 2002 e 2006, Luís Inácio Lula da Silva, disse que as pesquisas capazes de gerar dados sobre a subnutrição e fome acabavam tendo seus resultados distorcidos pelo fato de o brasileiro ter vergonha de dizer que passou ou que passa fome. Analogamente, pudemos perceber, com a

inserido com profunda acuidade. Consideramos sua fala uma importante e autêntica contribuição à tarefa de revelação deste contexto, estando afinada aos nossos principais eixos de pesquisa e análise.

Diogo destacou a importância da família como uma das bases de sustentação que possibilitariam ao adolescente buscar outros caminhos passando ao largo da vi(d)a do crime. Ele disse que a família “*dá mais moral aos jovens*”. Aproveitando a rica polissemia da palavra moral podemos dizer que cabe nos dois sentidos que logo nos vêm à cabeça: primeiro, no sentido pretendido⁹⁶ pelo jovem, onde dar moral seria apoiar para que os jovens sintam-se fortalecidos a partir de seu lugar familiar, como indivíduos, enquanto membros da comunidade, sustentados por uma rede de relações onde a inserção familiar torna-se fundamental para ser um *alguém* no mundo. O outro sentido, mais filosófico, estaria ligado a princípios éticos e civilizatórios e a nosso ver não apenas se aplicaria à situação em questão como também só pode emanar havendo um grupo de indivíduos (a princípio a própria família) que possa sustentar a formação das diretrizes éticas e morais dos seres humanos, *dando uma moral aos seus*.

Família que falta à maioria deles, não sendo, pois capaz de assegurar os primeiros contornos às suas existências, não obstante fosse percebida – inclusive pelos próprios jovens – como fundamental. Neste sentido, uma característica comum às cinco entrevistas foi a marca de história familiar confusa, fragmentada, a maioria deles tendo sofrido maus tratos em menor ou maior grau e instabilidade de local de moradia e de pessoas de referência, de modo que por vezes os adolescentes confundiam-se ao relatarem suas histórias.

Ronaldo trouxe o mais significativo exemplo deste não saber (ou não querer saber) das próprias origens: lembrou-se de forma confusa e vacilante de como foi sua casa, quem os criou (ele e os irmãos). Podemos dizer que oscilaram em uma escala que vai do que teve menor referência familiar, indo cedo morar em um abrigo, Vitor, ao que mais contou com uma estrutura familiar, mesmo que esta se mostrasse muitas vezes violenta, Wellington.

Percebemos então que a história familiar destes jovens apresentou-se fragmentada, dispersa, marcada em diversos pontos por relatos de episódios de violência de seus pais ou padrastos contra eles e contra irmãos, e às vezes contra a mãe ou companheira do pai. Famílias que se mostravam muito pouco acolhedoras em um primeiro momento. Ao invés de cair no lugar comum de dizer que são famílias fragmentadas, preferimos falar, com maior

gravação de conversas (troca de ofensas) entre traficantes rivais na ocasião da tentativa de tomada da favela da Rocinha em 2004, que os traficantes usam como pior ofensa dizer que o outro terá que vender balas em sinais ou que passará ou passa fome. (Jornal O Globo, 12/04/2004).

⁹⁶ Segundo a percepção do entrevistador / pesquisador.

precisão, em famílias com grandes dificuldades de acolher os filhos, não conseguindo, portanto, contê-los, faltando no seu papel de oferecer e garantir os vários tipos de alicerces e limites necessários para que os jovens pudessem contar com uma referência familiar mais estável e equilibrada. Dentre estes alicerces e limites estão o afetivo, o material, o das regras, da inclusão social, dentre outros⁹⁷.

Pelo contrário, a família compareceu muitas vezes com a marca da violência, como no caso de Wellington que contou que o pai batia nele ainda garoto “*que nem gente grande*”. Alguns, como Vitor, praticamente não têm referência familiar, tendo sido levado a um abrigo por sua mãe quando tinha ainda quatro anos, para escapar da negligência do pai com quem foi deixado após a separação do casal.

Em relação a Ronaldo, o mais novo entre eles, com 14 anos⁹⁸, as tantas idas e vindas entre diferentes “cuidadores” parecem ter contribuído para transferir a confusão em suas referências familiares para um relato também confuso, chegando ele a dizer que tem duas famílias. No entanto, baseados nos fragmentos de vida familiar relatados por ele – muitos deles envolvendo violência – diríamos que, menos que duas, ele não tem *uma* família que consiga acolhê-lo.

A família falta (ou apresenta-se) também a Theo de diversas formas: primeiro oferecendo um modelo, no mínimo, inadequado: o do pai bandido: as últimas palavras do pai constituíram um imperativo a que o filho recém nascido seguisse o seu caminho (do pai) para superá-lo onde falhou; continuar de onde parou. A polícia logo matava o pai de Theo, que passou a ser vítima do abandono e da violência da mãe adolescente.

Podemos dizer ainda que a estabilidade e o equilíbrio desejáveis em uma família para um reassuramento mínimo de condições, alicerces e ritmos para a prole também faltavam a Diogo. Ele declarou sua perplexidade diante de reuniões de sua família (família extensa também) que sempre terminavam em briga, depois de beberem bastante cerveja. Acabou então deixando sua família de origem por não suportar as restrições impostas, alegrando-se por não ter se tornado, como o pai, “*um cachaceiro de primeira*”.

Tentando ampliar nossa escala de leitura, autorizamos-nos a propor a existência de uma reprodução de faltas, invisibilizações e exclusões, no sentido de haver de forma culturalmente, politicamente e libidinalmente inconsciente, através de dispositivos também ideológicos. Este

⁹⁷ Como estamos em um momento descritivo do trabalho, e uma vez estabelecidas os limites e problemas em relação à expressão “família fragmentada” utilizaremos tal expressão como uma forma de descrever de forma sintética as idéias apresentadas neste parágrafo. Na parte analítica retomaremos tais pontos com mais detalhe e profundidade.

⁹⁸ Diogo tinha 16, enquanto os outros três tinham 17 anos no momento das entrevistas.

processo se operacionalizaria pelo espelhamento dentro de cada família pobre, contra cada nova criança pobre do mesmo jogo de invisibilização, abandono à fragmentação, ausência de acolhimento e de limites que não sejam arbitrários que também inconscientemente nossa sociedade desigual ao ponto da perversão social cria, recria, reproduz e acirra sobre as famílias, populações e regiões mais pobres. Poderíamos aumentar ainda mais uma vez nossa escala e afirmar que em nível planetário, tal processo de exclusão / exploração que tem sido perpetuado remonta ao jogo também perverso de exclusão, invisibilização enquanto nações soberanas, suspensa apenas para fins de exploração que as nações ricas tem operado, desde o período das colonizações e ainda operam sobre as nações pobres e as nações “em desenvolvimento”, ou ainda mais recentemente chamadas de “emergentes”. Será que estão emergindo, de fato, deste lugar?

Para tentar situar melhor para o leitor quem são estes jovens e como foram ou são suas famílias iniciaremos o relato mostrando como é ou foi, primeiramente de modo mais longitudinal, a família de cada um deles onde ficaram evidenciados tais elementos de fragmentação⁹⁹ e pobreza. Dando início ao exercício de procurar associar nossas referências teóricas com nossos dados, consideramos a idéia de vazão de valores (II.1, Adorno e Horkheimer, 1956) e o conceito de *desfiliação* (II.3, Castel, 1991). Progressivamente isolados de suas famílias e enfrentando grandes dificuldades de conseguirem encontrar pertencimento no mercado de trabalho, vendo rompidos estes importantes eixos existenciais.

VI.1.1. WELLINGTON: PAI PRESENTE, PORÉM...

Teve uma vez que ele me deu uma banda e só soco na cara, que nem gente grande (...)

Wellington, 17 anos

Os relatos de Wellington nos levaram a percebê-lo como oriundo de uma família mais estruturada, com maiores recursos e continuidade. Através das entrevistas feitas com este jovem, podemos dizer ser ele o adolescente que esteve mais inserido no que chamamos de

⁹⁹ Questionamos a capacidade descritiva atual deste termo (fragmentação), devido, principalmente ao uso indiscriminado do mesmo.

família nuclear, desfrutando de uma continuidade em termos de local de criação (“*sou cria do morro*”) e em termos da convivência com os familiares da família (nuclear) de origem: sua mãe, seu pai, um irmão e uma irmã, estes últimos mais novos que ele. Para entender melhor sua trajetória julgamos relevante informar em caráter preliminar sobre sua convivência e interação desde tenra idade com traficantes locais. Nossa compreensão é de que esta convivência teve influencia negativa sobre as possibilidades de ele aproveitar melhor o que havia de positivo em seu núcleo familiar, tendo eleito outra referência concomitante.

Perguntando sobre sua saída de casa, Wellington informou que o afastamento da família deveu-se em grande parte a um conflito que foi estabelecendo-se entre ele e seu pai. Conflito que foi aprofundando-se e agravando-se à medida em que ele crescia, como ilustra o depoimento que se segue:

*Quando eu era menor meu pai me batia muito, me amarrava pra eu pôde não ir pra rua, me batia, qualquer coisa que eu fizesse era motivo para ele me bater. Bebia, fumava, cheirava lá dentro pra agredir nós, eu e meu irmão, até minha mãe ele agredia (...) Teve uma vez que ele me deu uma banda e só soco na cara, que nem gente grande [que idade você tinha?] *tinha uns dez, onze anos.* [qual foi o seu sentimento?] *Ah, cada vez mais me revoltando, eu nunca falei com ele mesmo, cada vez ia me revoltando e esperando buscar coisas que eu era melhor que ele.* [Como você fazia para mostrar-se melhor que seu pai?]. *Ah, procurava ficar sempre certo, né? Pra sempre tá certo, mas ele sempre arrumava um motivo pra mim tá errado.**

Wellington¹⁰⁰

Acabou saindo de casa por incompatibilidade com o pai. Vemos aí um exemplo da incapacidade de a família oferecer acolhimento, limites e contenção aos filhos, o que usualmente tem sido nomeado na literatura como *fragmentação* da família. Um dos elementos que apareceu no caso deste jovem contribuindo de forma importante para a instabilidade familiar tem sido o uso de drogas tanto pelos adultos como pelo filho, desde criança.

Perguntado sobre como era sua família, contou:

Era eu, meu pai, minha mãe, meu irmão e minha irmã. O comportamento da minha família, do meu pai sempre foi agressivo, (...) desde pequeno que eu nunca parei pra conversar como nós tá conversando hoje, (...), eu não me dava bem com ele, (...) Com a minha mãe ela

¹⁰⁰ Todos os trechos destacados em itálico serão reproduções das palavras de Wellington, até iniciarmos a descrição sobre Diogo no subtítulo seguinte. Adotaremos este formato para reprodução das falas mais extensas dos jovens que não estejam sendo usadas como epígrafes dos subseções.

sempre teve comportamento bom comigo e meu irmão, mas meu pai não, nunca fomo... Bom... Aí foi assim né?

Com a saída de casa, até a relação com sua mãe ficou em suspenso, aumentando o isolamento do jovem. Porém, mesmo em face das dificuldades encontradas, ele reconhece a importância da família em sua vida:

[A família em que você cresceu é importante em sua vida?] É. [Como?] Porque foi uma pessoa que me criou. Se hoje eu sou assim nesse caminho quem me deu educação que eu tenho, me ensinou a falar, se eu sei falar foi graças a eles mesmo, eu acho que geral assim não é bom, mas também não é ruim, é razoável, que a gente chama de... Não é bom nem ruim, nem estraga nem melhora também, lá, lá eu aprendi o essencial, o essencial que eles me ensinaram eu aprendi, eu aprendi o necessário, o resto eu não queria aprender. Eeeé importante, né? A família que me criou.

Wellington é também um exemplo de que não basta haver recursos materiais para garantir que as coisas correrão bem em uma família. Ele não só é o que parece ter tido a família mais estruturada e estável, como também o que contou com maiores recursos materiais oriundos da família de origem. No entanto esta capacidade de prover acabava sendo usada como uma das formas de agressão dentro do contexto de conflito entre pai e filho: segundo Wellington o pai usava o fato de custear sua alimentação para “*jogar na cara*”, que ele comia às suas custas (do pai) e que então tinha que obedecer.

Entendemos também a dificuldade de falar sobre sua família, que não foi boa, mas não foi ruim, e a qual consegue atribuir apenas processos mais tangíveis, como o fato de o terem ensinado a ler, como a reedição, respeitando-se as diferenças históricas e geográficas, de um preocupante quadro onde a família deixa de transmitir determinados valores mais concretos – por outro lado também mais abstratos¹⁰¹ – aos filhos. Deixa-os, os valores, de certa forma, em suspenso, parecendo limitar-se a reproduzir alguns estereótipos ideológicos vigentes – tanto em palavras como através de atos – como, por exemplo, os do machismo. Processo semelhante ao percebido pelos autores anteriormente mencionados da Escola de Frankfurt na Alemanha anterior à 2ª Grande Guerra, de esvaziamento ou subversão de determinados valores ligados à boa conduta.

¹⁰¹ Concretos porque se referem a coisas certas e erradas, dentro ou fora da lei, éticas ou não éticas, morais ou que ferem a moral, que os pais devem passar aos filhos. Abstratos, por outro lado, por tratar-se de valores, encontrando-se, pois no campo das idéias que devem estender-se às ações.

VI.1.2. *DIOGO: VIVÊNCIA DA FOME FÍSICA E VONTADE DE SABER*

Tipo sabe como? O filho quer ser o que o pai é. Não é? Se o pai é mecânico, (...) ‘quando crescer vou ser mecânico!’, se o pai é motorista, ‘vou ser igual meu pai, quando crescer vou ser motorista!’, se o pai é o maior bandidão, maior traficante, (...) ‘vou ser igual a meu pai, vou ser traficante!’, sabe como é que é né a criança vai crescendo vendo aquilo, ainda por cima sem o pai, que morreu também na vida do crime (...). Aí Sabe como é que é né? (...) Acaba entrando também ‘Váa!’, aí ele pode também daqui em diante arrumar outra mulher, constituir vários filhos e também acabar morrendo igual à situação do pai dele... (e deixando vários filhos...)¹⁰²

Diogo, 16 anos¹⁰³

Diogo viveu seus primeiros momentos em uma família nuclear onde estavam presentes sua mãe, seu pai e irmãos. No entanto seu pai era bandido, alcoolista, viciado em drogas ilegais: chegou ao ponto de tirar coisas da própria casa, de Diogo ainda bebê, inclusive, para conseguir drogas. O seu relato apresentou um pai que quando não estava atacando o lar, estava ausente.

Não ficou claro em que momento seus pais separam-se, passando a ficar apenas sua mãe como responsável pelos filhos, momento de extrema dificuldade, em que se recorreu aos recursos da rede local de relações para que, por exemplo, uma vizinha olhasse ele e os irmãos enquanto a mãe saía para trabalhar. Posteriormente, o que poderia ser uma ajuda para a família, revelou-se uma nova dificuldade para Diogo, quando sua mãe une-se a novo parceiro,

¹⁰² Esta visão de Diogo é ratificada por um excerto do livro resultante da pesquisa de Barcellos no morro Santa Marta, seguindo os passos de VP (2003):

Um tiro na nuca derrubou Rebelde no chão. Uma rajada de metralhadora nas costas acabou de matá-lo. (...) Nenhum parente estava entre as dezenas de amigos e namoradas que foram ao cemitério São João Batista. (...) Júlia contou 22 meninas da Santa Marta que a chamaram de sogra no enterro. Pelo menos duas, Fabiana e Nicole, estavam grávidas havia mais de meio ano.

(Barcellos, 2003:322, 323)

¹⁰³ Os excertos apresentados posteriormente também serão todos de Diogo até começarmos a falar de Theo na subseção VI.1.3 e assim por diante em todas as subseções da seção VI.1. Grifos não mencionados no fim do trecho por <grifos nossos> servem para facilitar futura referência interna.

com quem Diogo passou a ter grande dificuldade de relacionamento. O fato de a mãe prendê-lo muito em casa, e as dificuldades em relação ao padrasto acabaram fazendo com que o jovem deixasse a casa da família de origem, indo morar com um tio em outro bairro. Apresentou uma impressão positiva em relação a este tio, que acabou sendo prejudicada pelo fato dele achar que também o tio o prendia muito.

Podemos situar Diogo como um exemplo concreto da difícil situação existencial – no sentido da sobrevivência material mesmo – experimentada por muitas famílias. Como discutíamos logo no início deste escrito (II.2), o pai já não estava presente há algum tempo e a mãe viu-se obrigada a ausentar-se da casa para tentar prover a família. Vejamos a descrição do jovem sobre o período em que a mãe tinha que sair para trabalhar para botar *as coisas* (comida) dentro de casa deixando os filhos sozinhos:

[conte um pouco sobre a sua infância, alegrias, dificuldades, relação com os pais] *Pô minha infância sempre foi... Foi... (silêncio) [alegrias, dificuldades, relação com os pais...] Pô, dificuldade... Dificuldade... Alegria mesmo, (a gente) se encontrava na rua... Junto dos outros amigos, pá. Dificuldade é dificuldade mesmo tio, que eu passei [quais foram as dificuldades?] Pô, bagulho de comida em casa, minha mãe saía para trabalhar, sabe como? pra botá parada pra dentro de casa, minha mãe era sozinha, separada do meu pai, meu pai é idoso já tava em bagulho de asilo já, minha mãe era sozinha e aquilo ali também ia como? Ia me arrumando pra casa do meu colega (...)¹⁰⁴ [Como você falou? Comida dentro de casa, como é que é?¹⁰⁵] é, faltava! [faltava comida?] tá ligado que às vezes (...) [isso que fazia você sair de casa também?] É. Saía de casa também pra tipo assim, parava em casa de colega, comia em casa de colega, umas paradas assim, esse bagulho é (...).*

Destacamos que não obstante o quadro bastante adverso em que o jovem foi criado destaca-se nele extrema sensibilidade e acuidade da percepção do funcionamento social, o que é ilustrada pela epígrafe desta seção.

¹⁰⁴ Os trechos assim indicados “(...)” correspondem a curtos trechos, que podem ser apenas uma palavra, que estavam incompreensíveis para transcrição. Já as marcas “(...)” (sem itálico) correspondem a trechos que foram propositalmente omitidos pelo pesquisador por não terem sido considerados relevantes para o tema e dispensáveis para a compreensão global do trecho.

¹⁰⁵ A insistência do autor deve-se ao fato de na hora da entrevista realmente não ter sido perfeitamente compreensível o que falou, ficando mais claro na transcrição. Junte-se a isso não ser compreensível para os seres humanos minimamente sensíveis, que outros seres humanos passem fome. Diogo falou muito baixo neste momento, provavelmente também com vergonha em relatar tamanhas dificuldades. Por isso faltaram alguns trechos.

Disse que sua família é dividida, que a maior parte mora no Rio e sua mãe em São Félix¹⁰⁶. Falou do tamanho da família e de primos que nem conhece. A violência intra-familiar apareceu nele como outra marca, paradoxalmente irrompendo nos momentos de reunião e confraternização. Ele apontou como principal problema familiar a bebida, afirmando de forma contundente que “*quando tem cerveja no meio*” os encontros familiares invariavelmente acabam em briga:

Minha família, meu Deus, é um caso sério, não tem final de semana quando a mãe reúne todos os filhos, faz um almoço, um churrasco, uma brincadeira em família, isso aí. Eu não sei na sua, mas na minha nunca dá certo, quando tem cerveja no meio. E o que me deixa mais chocado, entre elas mesmo, irmã, cara (...) todas as vezes eu me sentia mal pra caramba.

Diogo tem três irmãos por parte de mãe, afastados dele por conta dele não relacionar-se com o padrasto (veremos que Ronaldo também não conseguia conviver com o padrasto, sendo discriminado e agredido por este). Mencionou ainda como referências familiares dois tios de quem gostava muito e foram assassinados por motivos ligados ao tráfico de drogas. Outro tio com quem morou durante um tempo morreu cedo, em decorrência de problemas respiratórios, contribuindo para seu processo de *desfiliação*.

A fragmentação da família de Diogo apresentou-se de diversas formas. Primeiro contribuiu a pobreza material em si, fazendo com que chegassem a passar fome e os filhos experimentassem a repetida experiência de abandono que é a ausência prolongada e diária de algum responsável intra-familiar, sendo a atenção delegada a uma vizinha, que estaria fazendo um favor¹⁰⁷. Dentro deste quadro familiar o pai não foi apresentado como uma possibilidade de apoio. Muito pelo contrário, foi descrito como tendo sido, quando presente, um elemento de desestabilização familiar, como podemos ver no trecho abaixo:

(...) chegava em casa, chegava fumado, tirava as coisas – eu era pequeno, minha mãe falava que eu era pequeno, tipo como? Nenenzinho de colo – ele chegava em casa, tirava as coisas de mim, que minha mãe tinha comprado pra mim, pô, pra comprar tóxico, tirava uma lata de leite minha, tirava sal , essas parada pra vender, pedia pra vizinha, pra comprar droga (Resmungo a seguir) só vacilação. Caraca, minha mãe falou que já tirou várias mamadeiras

¹⁰⁶ Como dissemos antes, não apenas os nomes dos adolescentes, mas também o nome de lugares foram trocados, evitando-se assim a identificação dos mesmos. De modo análogo a descrição de situações muito específicas foi evitada ou um pouco modificada no exercício daquela tensão constante que mencionamos anteriormente (V.1).

¹⁰⁷ Na verdade não fica claro se esta atenção da vizinha à prole desta família era remunerada ou se era em nível da troca de favores, característica principal de redes comunitárias que se estabelecem em algumas comunidades pobres, incluídas aí as favelas, compostas normalmente por parentes, amigos e vizinhos.

de mim, mas eu pô, mas eu, gosto do meu pai.

A chegada de um novo companheiro da mãe a casa acabou contribuindo para dificultar ainda mais a permanência de Diogo em sua família de origem, não existindo um bom relacionamento entre ele e o padrasto. Podemos dizer que em relação ao acolhimento familiar, as coisas também não andaram bem para Diogo, afastando-se ele do que definira como sendo os três elementos fundamentais para sustentar um percurso ao largo do caminho do crime – trabalho, estudo e família. No entanto, em uma avaliação preliminar, pode-se dizer que ele foi capaz de tirar proveito da porção limitada que teve de acolhimento e apoio familiares.

A vida de Theo ilustra – dolorosamente – o processo cíclico descrito por Diogo acima (epígrafe em VI.3): os jovens enveredam pela vida do crime, têm filhos com diversas garotas e acabam morrendo por motivos ligados ao tráfico, deixando muitos filhos órfãos de pai, que possivelmente – ou provavelmente – identificar-se-ão ao pai bandido morto dando continuidade ao ciclo de violência, ilusão, sedução, abandono e morte.

A análise feita por um adolescente pobre de 16 anos morador de favela impacta a realidade que estudamos em academias. Ao menos impactou, pelo seu alto grau de coerência e profundidade, nosso trabalho de pesquisa. O jovem Diogo relacionou-se com grupos de traficantes, primeiro como prestador de serviços. Informal, mas legal. Depois, como trabalhador do tráfico mesmo, ilegal. Ao lançar este olhar analítico sobre o mundo que o cerca, mostrou inusitada capacidade de distanciamento. Não estava mais totalmente imerso, não estava mais tomado por aquela realidade ao ponto de não mais conseguir pensar.

VI.1.3. *THEO: UMA VIDA ATRAVESSADA PELA MORTE*

O relato de Theo nos levou à compreensão de que houve um agravamento da fragmentação de sua família no período posterior à morte de seu pai pela polícia. Embora não possamos considerar realmente estável uma família onde o pai estava na vida do crime (o que foi dito a Theo por sua avó) e a mãe era ainda uma adolescente. Inegável, porém, é que a morte do pai de Theo foi um momento disruptivo que marcou uma importante transição em sua vida.

A orfandade de pai foi precedida pelo vaticínio que este lançou, já moribundo, sobre o recém-nascido Theo: o bebê seguiria os passos do pai, continuaria onde ele falhou dando prosseguimento ao trabalho paterno na vida do crime. A partir daí, se havia ainda algo que se aproximasse da estabilidade, se podíamos falar em uma família não totalmente fragmentada, este pouco que se tinha se perdeu diante da cena, por si só traumática, da morte do pai aliada ao aparecimento de atitudes desequilibradas na mãe adolescente, que passou a abandonar e a maltratar severamente o bebê.

Theo contou que foi “*nascido e criado*” até os 14 anos em um terreno de sua avó onde os parentes foram construindo suas casas, umas 15 casas, morando perto de tias, tios, primos, primas, dentre outros. A família que o criou era composta por sua vó, uma tia e seu padrinho. Theo, ainda bebê, contava com uma família com pai e mãe. Com a morte do seu pai, vimos que sua mãe passou a descuidar dele e a maltratá-lo, sendo acolhido então pela avó paterna, em cuja casa e por quem considera que foi realmente criado, com a presença também da tia e do padrinho.

Viveu bem nesta casa tendo muito respeito e admiração por sua avó que a todo o momento o surpreendia por sua força e determinação: contou, por exemplo, que aos 80 anos a avó não deixava (à época da entrevista) entulho bagunçando o quintal, que em pouco tempo retirava tudo. Contou que não tinha grandes ambições. Não se importava em ser apenas mais um menino brincando no quintal. No entanto, a saída de casa começou a ganhar consistência ao aproximar-se de um primo envolvido¹⁰⁸ que viria a ser executado pela polícia, o que reacendeu nele grande desejo de vingança, enfraquecendo os laços familiares anteriores.

Afastou-se assim da casa da avó e começou outra etapa de sua vida. Durante todo este tempo sua mãe esteve ausente. Quando apareceu foi para tomar Theo de sua avó quando este tinha cerca de quatro anos. Mais uma vez foi negligente com o filho, adoecendo e sendo internado em um hospital, vindo a ser então retomado por sua avó. Contou que, depois disso, só voltou a falar com sua mãe recentemente, ele já com 16 anos.

Theo foi o filho mais velho entre sete irmãos. Segundo seu relato foi o único filho do núcleo familiar composto pela união de seus pais biológicos, já que seu pai morreu quando ainda era recém-nascido. Relatou a existência de um padrasto que se uniu a sua mãe biológica que teve outros filhos com este novo companheiro, que seriam os irmãos de que falou a seguir, e com os quais talvez tenha procurado interagir, mesmo estando com relações cortadas com a mãe.

¹⁰⁸ “Envolvido” significa aqui “envolvido com o tráfico de drogas”, como os moradores áreas tomadas pelo tráfico costumam falar.

Sua história não é simples, muito menos linear: o próprio adolescente repete algumas vezes que a vida dá muitas voltas. Percebemos sua dificuldade em falar de seus laços fraternos como mais uma manifestação da chamada fragmentação da família. Percebemos que, assim como ocorreu com Diogo, seu padrasto não foi uma figura positiva em sua vida¹⁰⁹. Theo mencionou como sendo figuras importantes para ele a avó, um ou dois tios, e o primo, sem nada falar sobre o padrasto.

Ele contou que tem seis irmãos. Dos que chegou conhecer, três estavam em um colégio interno, e uma irmã com o padrasto. Restavam dois irmãos que nunca viu, que estariam em Minas. Disse que a história era comprida para explicar o que houve com estes irmãos:

[Como é a relação com os irmãos?] *Não com todos, que de todos eu só vi quatro. Que é três que está no colégio interno, e a minha irmã, a Esther, que tá com meu padrasto. [E os dois restantes?] Estão em Minas, Nara e Humberto. [São mais velhos?] O mais velho de todos sou eu [como foram parar em Minas?] é porque... Cara, a vida... É muita coisa mesmo que aconteceu. A minha avó me contou isso. Ela já te contou? Foi muita coisa, né, que aconteceu. Diz que nunca conheceu estes irmãos.*

Theo e entrevistador

Como vimos acima, depois de ficar relativamente abandonado e à mercê da mãe, a avó passou a cuidar dele, passando a ser a mais importante referência familiar na vida dele até hoje: “[Como era sua casa?] *Maneiro, é o lugar que eu mais me apeguei, lá na minha avó e em Piratininga, na casa da minha tia*”.

Um sentimento que a avó passava a ele e que confirma a importante capacidade de acolher e dar limites¹¹⁰ a Theo apareceu em seu relato ao descrever os afetos de sua avó em relação a ele. É a definição de algo sólido, capaz de conter qualquer tipo de desastre que possa ocorrer. A certeza de que o outro estará lá por ele, de que o vínculo não será rompido, como tantos outros que foram e têm sido rompidos em sua vida:

[Como você vê hoje sua relação com sua avó] *minha vó falou que, minha avó sempre fala que a minha relação com ela não muda nunca entre eu tando aqui ou tando lá, ela sempre vai gostar de mim, e que ela falou que não ia mudar nunca, enquanto ela tiver viva não vai*

¹⁰⁹ Compreendemos a dificuldade recorrente de padrastos em relação aos filhos anteriores da companheira atual como mais uma manifestação da necessidade de corresponderem a estereótipos hipermachistas. Fecham-se e repudiam os frutos de relações anteriores, opondo-se aos relacionamentos do passado de suas atuais mulheres, como uma tentativa machista e delirante de negar o fato de que houve outros homens em suas vidas.

¹¹⁰ No sentido de conter. Ver Winnicott (1984:121 e ss.).

*mudar nunca a relação. Se for de eu ir para lá eu vou, se for de ficar aqui eu fico, ela me ajuda, tá me ajudando*¹¹¹. (Grifos nossos).

Tamanha era a segurança que esta senhora já idosa, com mais de 90 anos, dá ao neto, que seu maior medo, seu maior pesadelo era que a avó morresse.

De forma semelhante a Diogo, Theo contou que passou por muitas dificuldades, tendo chegado mesmo a ficar sem comida em casa. Relatou ter apenas um tênis, duas camisas e duas bermudas e que naquele momento trabalharia até em troca de cestas básicas:

(...) que estão vendo um trabalho na Bananeiral para mim, que é ligado à obra e que paga duas cestas básicas por mês. Não sei se vai ter dinheiro também, só sei que ganha isso das cestas básicas. Quero fazer um trabalho que dê um dinheiro pra ajudar minha mãe a comprar minhas roupas, tenho duas bermudas e duas camisas certinho. (...) tenho um tênis (...). (Grifos nossos).

Fica clara, através do relato de Theo, em especial o trecho grifado, a precariedade em relação ao outro eixo de pertencimento social discutido por Castel (1991). Consideramos o fato de o jovem estar ansioso à espera da resposta em relação a um trabalho em que acha que ganhará apenas duas destas básicas de comida um importante indicador do grau de dificuldade de conseguirem trabalhos legais (mantendo a polissemia da palavra: trabalhos bons e interessantes [como gíria] e dentro da lei [da legalidade]).

VI.1.4. RONALDO: DE MÃOS EM MÃOS – A CIRCULAÇÃO INFORMAL DE CRIANÇAS

Eu tenho duas famílias que me pegaram pra criar, que foi a minha primeira mãe de criação. Ela me batia também. Ela não gostava de mim. Aí fui criado por outra quando eu tinha um ano, morando de favor. Minha irmã ia fazer 11 anos e outra (*estava*) lá para Minas. Quem me contou foi minha irmã. E ela me batia muito... Ela me batia, e eu também tenho essas marcas no rosto (*mostra as marcas*) que ela ficava me beliscando, minha orelha era toda podre [*Sua orelha era o que?*] – orelha era toda machucada. Aí teve uma moça que pediu pra

¹¹¹ Uma forma bastante winnicottiana de amar. Conter (dando limites) sempre, sem falhar e sem perder a autoridade. A certeza para o jovem de que existe uma contenção afetiva é fundamental. Ver referência nota 110.

minha mãe pra me criar, aí ficou me criando, acho que até que uns seis ou sete anos, aí me trouxe pro Rio, (...) aí que ela ficou grávida do cara que tava no Rio, do ex-marido dela, aí ela foi e ficou grávida, e aí ela me devolveu (*se corrige*) me deu pra minha mãe [?] me deu pra minha mãe, tava morando no Rio.

Ronaldo, 14 anos¹¹²

O depoimento dele é mais expressivo que qualquer palavra que pudéssemos usar para descrever seus sofrimentos e ausência de referências familiares estáveis e sólidas.

Ele é o único que de origem rural: trabalhou na fazenda, no cuidado dos animais, quando criança. Neste adolescente apareceram mais claramente a confusão e provisoriedade envolvendo sua origem e percurso familiar, sendo ele sempre passado adiante *de mãos em mãos*. As mesmas confusão e perplexidade contidas no relato dele acima atravessam a história de sua vida familiar, pontuada de mudanças, violências e rejeições.

Sua própria origem, geração, gestação e nascimentos carregam já uma marca de insensibilidade diante da vida humana, chegando ao desamor e abandono: a primeira reação à notícia de sua existência foi o rompimento de relações entre o seu pai e sua mãe. Ele contou que o pai já estava envolvido com outra mulher antes de conhecer sua mãe:

*O meu pai não me conhece. Porque quando minha mãe falou que tava grávida, aí ele foi e abandonou a minha mãe, sendo que ele estava com outra. Ele tava com outra mulher aí foi teve uma relação com a minha mãe, e quando ela falou, ele não quis mais saber dela [você não conheceu seu pai?] Eu já vi ele, mas ele não me conhece não. Quando eu o vi ele estava dormindo.*¹¹³

Compreendemos o rompimento desta relação como indicador de que o pai de Ronaldo desde que soube de sua existência, não quis saber dele. Deste modo Ronaldo não pôde conhecer o que são a atenção e amor paternos (não apareceu referência paterna em seu relato). Em outro momento relatou que viu o pai acordado, mas este não sabia da relação de filiação que os

¹¹² Os excertos apresentados posteriormente nesta subseção também serão todos de Ronaldo até começarmos a subseção de Vitor mantendo-se esta dinâmica.

¹¹³ O anúncio dos dois momentos relatados por ele de gravidez produziu efeitos nefastos: cronologicamente, primeiro o anúncio de sua existência, ainda na barriga da mãe, fez com que eles (mãe e bebê na barriga) fossem rejeitados pelo pai dele, o que pode já ter gerado sentimento de raiva inconsciente da mãe direcionada ao filho. O outro anúncio de gravidez fez com que fosse rejeitado novamente e mandado embora pela mulher que o criava, que iria constituir uma nova família onde não haveria mais espaço para ele. Indagamos sobre o quanto a representação dele de paternidade e mais especificamente do que seja uma gravidez será afetada por estas vivências.

devia unir. Ronaldo parecia conhecer bem – e resignar-se a – o lugar de não querido, tanto que não apresentou impulso de falar com, de identificar-se diante do pai. Apenas olhou-o parecendo legitimar a mensagem dada pelo pai quando este abandonou sua mãe. Talvez não suportasse a idéia de reviver a rejeição paterna, desta vez sem a proteção do ventre materno.

Convive com o sentimento de rejeição um grande vácuo em relação ao pai e a vivência da paternidade: quando perguntado se o pai representava um modelo para ele, Ronaldo apressou-se em responder que não, deixando transparecer angústia com o tema. Respondendo à pergunta seguinte ele foi mais explícito: [O que significa pai para você?] Nada, porque nunca tive... Tê, teve, que nem um enfeite, mas assim pra ficar comigo assim..., conversar¹¹⁴... Pra...

Em relação à capacidade de a família conter o jovem, de acolhê-lo e, de alguma forma, oferecer limites, um contorno e um entorno aos filhos, podemos dizer que as mudanças constantes e a repetição de episódios de maus tratos e rejeição comprometeram tal capacidade e possibilidade para Ronaldo. E o fio que restava de afeto e persistência parece que vai sendo minado, liquidado, tendo como resultado um Ronaldo totalmente só no abrigo:

[Por que não se reaproxima de sua mãe?] *Ah, antes ela estava vindo. Ela tava me visitando no abrigo, mas só que aí ela parou de vir.* [Por que você acha que ela parou de vir?] *Não sei, com certeza meu padrasto falou que não era pra ela vir. Ele não gosta de mim.*

São muitos os exemplos no relato de Ronaldo que evidenciam esta frouxidão, instabilidade, inconstância e falta de previsibilidade nos laços familiares:

[Como é sua relação com os pais e irmãos atualmente?] (...) *minha irmã sofreu um acidente com um caminhão (...) e tem o meu irmão e ele trabal (se corrige¹¹⁵) e ele mora com uma moça que minha mãe deu pra criar.* (...) [Quem tem mais de filho morando? Só você?] *E meus dois irmãos pequenos.* [Então tem dois irmãos pequenos também?] *Tem minha irmã de 21 anos, a Rita, O Sidnei, que é o mais novo, A Viviane que eu não conheço ela e o Milton (...).* [Tem uma que você não conhece? Qual o nome dela?] *Viviane* [Por que você não conhece?] *Porque minha mãe também deu pra criar. Que minha mãe criou assim, ia criando, deixava pros outros (parece dizer algo como deixava com o vizinho) e o resto ela deu tudo pra criar, e dois morreram* [Morreram de que? Você sabe?] *O Felipe morreu assim no berço. Morreu bebê não sei de que não. O João, ele morreu assim de problemas (...) que minha mãe*

¹¹⁴ Assim como Wellington ele diz que não teve um pai com quem pudesse conversar.

¹¹⁵ Provavelmente ele trabalha mesmo de forma não oficial para a moça e o ato falho de Ronaldo estaria evidenciando isso.

bebe um pouquinho, aí morreu de problemas (...). [Por que ela bebeu na gravidez?] É, ela bebeu na gravidez... Aí ele morreu. [Morreu novinho? Com quantos anos. Você sabe?] Ele não tinha um ano não. Ele tinha semanas. (sobre este último aspecto, ver nota 202).

Ronaldo e entrevistador (grifos nossos)

Quando o entrevistador pergunta o que ele faria diferente em uma família que ele viesse a criar, resume dizendo que não teve, de fato, um lar: *Porque, assim... Não ia querer fazer pro..., no caso não ia querer fazer pra minha esposa e pro meu filho o que foi feito comigo... Eu queria fazer um lar pra mim.*

Procurando mostrar um pouco mais claramente como foi o percurso familiar de Ronaldo, vimos que ele foi fruto de uma relação que terminou com a comunicação ao pai da gravidez. Deduzimos de sua primeira fala na epígrafe deste subtítulo que foi logo dado por sua mãe para sua primeira mãe de criação que não gostava dele, e já batia nele quando ainda não tinha completado um ano de vida. Com um ano teria sido passado a uma segunda mãe de criação com quem ele discrimina que “*morava de favor*”. Um bebê de um ano morando de favor. Esta “*mãe de criação*” também batia muito nele deixando seu rosto todo marcado pelos beliscões e a orelha “*podre*” de tanto a machucarem. Em seguida não se sabe bem com que idade apareceu esta terceira moça (se contarmos com a mãe já será a quarta “*cuidadora*”) que se ofereceu para criá-lo, possivelmente visando protegê-lo dos intensos maus tratos que sofria. Ela teria criado Ronaldo até por volta de seis ou sete anos ficando com ele durante mais tempo (“*aí ficou me criando*”).

Esta mulher levou-o ao Rio de Janeiro para onde se mudou acabando por engravidar, não querendo mais ficar com Ronaldo que foi então devolvido ou dado para sua mãe (ele hesitou entre uma palavra e outra)¹¹⁶. Parece não ter sofrido tão evidentes maus tratos com esta moça embora o desfecho relatado seja uma forma de machucar, pela rejeição, pelo sentimento de estar sendo substituído pelo bebê. Em sua última situação familiar antes de ser abrigado morava com a mãe, o padrasto e dois irmãos menores, filhos deste, vindo a sofrer novos maus tratos, exploração e discriminação.

À escassez de afeto e de cuidados nesta (s) família (s), somava-se a escassez material, sendo relatado por Ronaldo que havia grandes dificuldades para ter as coisas, mesmo roupas para o dia-a-dia:

¹¹⁶ Ele falou primeiro devolver pra minha mãe. Corrigiu-se depois para “*aí a mulher me deu pra minha mãe*”. Ele não é de lugar nenhum, não tem bem uma casa para voltar, ou pelo menos a mãe não representa para ele esta casa. Por isso descartou a palavra devolver (pressupõe ser de alguém, de algum lugar), usando o verbo dar, já que não existe um ambiente de origem para haver esta “*devolução*”. Ser devolvido, como uma coisa já seria ruim e desumano. No presente contexto, *ser dado* é ainda pior.

[E as principais dificuldades?] *Ah... Outra assim, pô, às vezes eu queria... Tem coisa que eu não podia comprar assim (...)* [Coisa que você não podia comprar?] *É* [Tipo o que? Por exemplo?] *Quando em via os garotos assim com... Cheio de roupa assim, e eu só assim de chinelo, moreno, quase sem roupa (...)* [E aí, o que você sentia?] *Ah, Me sentia uma pulga, né* [Se sentia como?] *Me sentia uma formiguinha, uma pulga assim... Sem uma roupa na moral, assim...*

Ronaldo e entrevistador (grifos nossos)

E, quando as coisas estavam bem ruins e parecia haver uma chance de ter algum alívio para o deserto afetivo e material, ainda assim uma nova situação, ainda pior, surpreendia Ronaldo, remetendo-nos à sofrida personagem *Oliver Twist* de Dickens (2003 [1837]):

Eu nasci em Minas. [E depois que você nasceu que sua mãe veio pra cá?] *Não, eu não sei, eu acho que minha mãe trabalhava na cidade São Félix, aí mandava, era seis caixas, seis latas de leite, seis latas de Nescau pra mim e pra minha irmã, aí no dia quando agente ia tomar, aí era o marido dela e os filho dela lá, antes de trabalhar e eu e minha irmã bebia água com açúcar.* [Água com açúcar?] Ele balança a cabeça afirmativamente ficando em silêncio.

Logo, segundo o relato de Ronaldo, mesmo quando a mãe tomou uma atitude para aliviar a desproteção à qual os filhos estão sujeitos (o envio das caixas de leite), compareceram outras variáveis para mostrar que estava realmente desprotegido. Isso ficava evidenciado, por exemplo, pela atitude agressiva, violenta e intolerante de seus supostos cuidadores e pela constatação da falta de critério da mãe na escolha das pessoas para cuidar de sua prole.

Entre os cinco jovens entrevistados, três experimentaram consistentes dificuldades nas relações familiares com padrastos. Chamamos a atenção para tal repetição e compreendemos estas dificuldades e conflitos como ligados a uma nova conformação das tensões edípicas, bem como à necessidade já internalizada destes homens (os padrastos) de corresponderem a estereótipos machistas onde devem rejeitar tudo que remete ao companheiro anterior de suas novas companheiras.

VI.1.5. VITOR: DO ORFANATO AO ABRIGO E AO...¹¹⁷

¹¹⁷ Em um dia de angústia um profissional do abrigo queixou-se da “porta de saída” do sistema de abrigamento, perguntando para onde seria a saída, se o lugar onde fica o prédio com essa função é de difícil acesso, longe das facilidades urbanas e entre dois morros dominados cada um por uma facção diferente.

Não tenho família porque sou órfão desde os quatro anos¹¹⁸.

Vitor, 17 anos

Por fim, falemos de Vitor, jovem que percebemos como tendo menor referência familiar entre os entrevistados.

Talvez por não suportar mais ser espancada pelo companheiro, a mãe de Vitor abandonou a família, ficando os filhos durante um tempo sob a guarda e (des)cuidado do pai. Segundo o relato de Vitor (em parte transmitido a ele por sua mãe) o pai era negligente com ele e as irmãs, não tendo com os filhos nem os cuidados básicos. Diante deste quadro eles acabaram sendo retirados da guarda do pai pela mãe e colocados em um abrigo: “*meu pai não cuidava da gente, deixava a gente de qualquer jeito, não dava banho, não cuidava, foi quando a mãe tomou uma atitude, resolver internar a gente no Colégio Interno*”¹¹⁹. Desde então não esteve mais com os pais, que acreditava terem morrido, passando a morar no orfanato com as irmãs, que foram depois dadas para a adoção deixando-o dolorosamente sozinho no mundo. Esta separação foi o pior momento de sua infância:

[E a pior coisa? (que aconteceu na infância)] *Foi a separação das minhas irmãs. Eu acho que isso foi a pior coisa pra mim. Isso, pô... Destruíu uma família. Com certeza se minha irmã tivesse por aqui tenho certeza de que não estaria mais dentro dum abrigo (...) Não era feliz. Quando eu fiz seis anos, quando eu fiz cinco anos, minha irmã foi adotada e isso me chocou muito, aí eu fiquei sozinho... ”*¹²⁰. [Tem alguma pessoa que te impressionou assim, que te marcou muito?] *Já, minha irmã. [A ida dela?] me impressionou muito, me marcou; só que agora eu tô mais, já com o tempo assim, tô me compreendendo com isso, já. [Hum...] Mas me marcou muito, a minha separação das minhas irmãs, já sofri muito por isso; na minha*

¹¹⁸ Se percebemos o uso de eufemismos ao longo do seu discurso como uma forma de negar a realidade, aqui ele não só encara a realidade de frente como dá um passo adiante ao afirmar a morte dos pais biológicos quando estes não querem mais incumbir-se dos filhos largando-os em uma instituição. Não importando mais tanto se os pais estão de fato mortos ou não, importava aqui saber que estavam mortos para ele, enquanto funções de pai e mãe para ele.

¹¹⁹ Na verdade parece que já era o orfanato. Este jovem teve uma vida tão difícil que recorria a eufemismos para falar das coisas por que passou, transformando, por exemplo, orfanato em colégio interno, como um mecanismo de negação da profundidade de seu abandono.

¹²⁰ Não obstante esta parte do relato não pareça tão dramática quando comparada a outras partes de outros relatos, este foi um dos momentos de maior “mobilização” para o entrevistador / pesquisador, por sentir a emoção no discurso de Vitor, que dizia muito além de seu texto verbal, que ficou totalmente só no mundo, não tinha nada em que se segurar, as últimas referências afetivas (suas irmãs) lhe tinham sido arrancadas uma a uma e ele nada podia fazer para evitar isso.

cabeça isso era uma coisa também, era mais um objetivo que eu tinha que superar; ainda não superei, tô superando ainda, tô me conformando, destino quis assim, mas um dia eu tenho esperança de reencontrar elas ainda.

Vitor e entrevistador

Depois disso ele foi ficando no orfanato, pois nunca foi escolhido para adoção, tendo que sair aos 13 anos, quando a diretora do abrigo (que chama de tia¹²¹) aceitou-o em sua casa, onde permaneceu até os 15 anos. Lá moravam também o marido da tia e dois filhos mais velhos dela. Aos quinze foi finalmente “adotado”... (adoção que veremos adiante).

A história da vida de Vitor é o retrato de uma família fragmentada ao extremo. Trata-se uma família nuclear que foi desfazendo-se, separando-se até sumir totalmente: ele estava só, suas irmãs foram separadas e tudo indicava que não existiria mais comunicação entre os cinco membros da família de origem. Seus pais estavam ou fora de contato ou mortos. Ou seja, aquela família de origem desapareceu deixando fragmentos dispersos pelo mundo.

Cada fragmento (pessoa), assim como Vitor, carregará em maior ou menor grau o ônus de ter perdido esta referência inicial, podendo re-significar tal fato de diversas formas. O que não poderão fazer é negar seus enigmas de origem. A primeira família de Vitor foi marcada pela violência paterna dirigida principalmente contra sua mãe. Esta recorrente agressão, aliada à significativa pobreza são os elementos manifestos (existem outros elementos envolvidos, inclusive estruturais) para entender a incapacidade de acolhimento desta família aos filhos, incapacidade de fornecer limites e fazer-se continente para eles. Neste sentido, vimos que logo após a saída da mãe da família, devido às agressões que sofria, houve um aumento do descuido em relação aos filhos, até que finalmente a mãe percebeu que eles, os pais biológicos, não tinham condições de criá-los, encaminhando-os ao início de uma vida institucionalizada.

Sabemos que as instituições não são o lugar ideal para crianças, e que estas deveriam estar sempre em algum tipo de família. Ocorre que, ao cumprir sua missão institucional de inserir os seus internos em novas famílias, o orfanato em que morava Vitor acabou por desproteger e causar intenso e irrecuperável sofrimento a ele, cuja família restante foi desfeita quando suas duas irmãs foram adotadas, uma de cada vez, ficando ele então totalmente só, tendo como única referência a diretora da instituição, que ele chamava de tia. A história de fragmentação logo se manifestou na saída ou expulsão de Vitor de sua última casa (casa da

¹²¹ O que nos pareceu ser mais um exemplo de um mecanismo de negação da terrível realidade e solidão que o acompanhava. Usava eufemismos como se estes o ajudassem a negar para ele mesmo a dureza da realidade.

tia-diretora¹²²). O jovem disse que a tia passara a ser a sua família: “*Ah, ela serve como pai e ao mesmo tempo como mãe pra mim; ela é a minha família, só que uma família de uma pessoa só (...)*”. Esta, no entanto, chegou ao ponto de não ver outra alternativa senão re-institucionalizá-lo encaminhando-o desta vez ao Conselho Tutelar da região. Neste momento, porém, Vitor estava, concomitantemente em processo de adoção por outra instituição. Instituição que tem tendência a reproduzir características das instituições totais: o tráfico de drogas, representado, neste caso, pelo grupo de traficantes locais.

Sobre o dia-a-dia no orfanato e na casa da tia Vitor pouco falou, mencionando apenas a separação das irmãs e a expulsão da casa da tia¹²³ como os momentos de maior sofrimento. Disse que não teve infância e que não foi feliz. Pareceu não querer prolongar-se sobre estes assuntos.

A única coisa que é possível afirmar com algum grau de certeza ao tentar descrever a história familiar de Vitor é a existência de uma grande lacuna, um hiato. Hiato prolongado que apareceu em palavras pelas quais podemos perceber que sentiu estes momentos como uma fase em que sua vida ficou em suspenso e que se tornou irreversível quando ele foi separado de suas irmãs (“*Pô, destruiu uma família*”):

[E... aí tu disse que você não era feliz? Por que não era feliz?] *Eu não era porque, pô, foi porque quando eu fui ... Pô, fiquei decepcionado, ficava triste, aí comecei a tomar desgosto da vida, não fazia nada, porque também a vida já não me interessava mais; aí agora, como? Já to avançando a idade, vou completar esse ano, vai chegar a época d’eu sair, viver minha vida, já tá próximo de acontecer, não falta muito ainda.*

Respondeu ao entrevistador afirmando que a tia era boa para ele e que hoje sempre a visita nos fins de semana, mostrando compreender que ela não teve alternativa de fazer algo diferente da atitude que tomou. Contou da implicância dos filhos mais velhos da tia por ele ficar em casa sem trabalhar. Chegou a ter discussões com eles e depois com a tia, fato que antecedeu a saída da casa.

Por fim, podemos ainda dizer que dentro de sua desoladora solidão, a pobreza tem sido uma inseparável companheira de Vitor. Em relação a bens materiais, vemos que também praticamente nunca teve nada. Desde a vida com seus pais biológicos, excluídos e pobres, passando pela vida institucional, onde o pouco que existe na instituição é de todos, até a casa da tia de criação que também não podia lhe dar grandes bens: “*Porque realmente a minha tia,*

¹²² Que doravante chamaremos apenas de tia, para simplificar.

¹²³ Em novo eufemismo ele diz que “*escapuliu de lá*”, ao invés de ser mandado embora.

ela não tem, não tem situação pra (...) você vê, quer dizer: (...) pô, (...) de comprar uma roupa, sair final de semana, então eu quis para (...), não tava dando certo porque ela não tinha condição”. Não poder ter coisas foi relatado por ele como sendo um dos motivos de decisões que tomou e pelas quais acabou sendo expulso de casa, entregue no Conselho Tutelar e assim por diante.

Procurando resumir esta parte da descrição da vida dos adolescentes, podemos dizer que em relação a casa, existe uma instabilidade que afeta de forma mais contundente as vidas de Vitor e Ronaldo, e Theo, e de forma menos extrema, embora ainda intensa, as vidas de Wellington e Diogo.

VI.2. INFÂNCIA

Tendo contextualizado acima a vida de cada um dos adolescentes ao longo do tempo, consideramos ser mais fácil agora para o leitor situar os dados que passaremos a relatar de forma transversal, procurando produzir fotografias sobre o grupo em relação a determinados momentos, fases ou temas, comparando internamente como cada um reage diante destes contextos, situações ou assuntos. Embora não seja nossa proposta ficarmos aprisionados a um rigor cronológico, consideramos ser interessante adotar esta referência como um eixo norteador para apresentar os momentos dos jovens uns em relação aos outros. De modo que começamos com os relatos sobre os primeiros momentos da vida destes jovens.

VI.2.1. *INFÂNCIAS PERDIDAS*¹²⁴?

Criança que vai pra vida do crime também não é... não é criança. Que isso pô, só ganha o menino, pô que mente, que pensa, pra fazer um negócio desse, pô tu já tá definindo que é um adulto já cara, uma pessoa de mais idade, uma pessoa de mais idade, mas um negócio que

¹²⁴ Uma pequena homenagem ao importante e corajoso livro de Sônia Altoé (1990).

tu não é. Tem que se pôr no lugar que tu é adolescente ou então uma criança, que tem que estudar...

Theo

Ao falar das famílias dos jovens acabamos naturalmente ora ou outra falando também de suas infâncias. Cabe agora então, retomar mais especificamente, para melhor apresentá-los, um pouco de suas infâncias, que não foram fáceis e felizes como a de muitas crianças que conhecemos.

Vitor e Theo disseram *não* terem tido infância, mesmo que por motivos diferentes. Quando Vitor foi solicitado pelo entrevistador a falar sobre sua infância, disse: “*Não. Acho que eu não tive infância, quando eu era pequeno eu não era feliz.*” Um dos motivos desta infelicidade era a impossibilidade de sair do orfanato. Quando perguntado qual a melhor coisa que aconteceu em sua infância *não conseguiu mencionar nada*. Não hesitou, porém, em dizer que a pior coisa foi ter suas irmãs separadas dele no orfanato, deixando-o só.

Para Theo a melhor coisa foi uma grande festa que teve quando um primo seu fez 15 anos, enquanto a pior que, segundo ele, foi ter entrado para a vida do crime:

“Ah a pior coisa foi eu ter entrado pra vida do crime... que na hora assim, pô, tu vê, na hora tu tá andando com malote, com bolso cheio, mas aí depois lá pra frente, no começo o maior moral, mas depois quando vai chegando mermo lá pra frente mermo, aí vai atrasando e olha onde eu vim pará (no abrigo) ... tô aqui desde o ano passado.”

Theo

Porém, nem tudo é tristeza, aridez, hostilidade e falta na vida destes jovens, e embora inicialmente Diogo dissesse não se lembrar da melhor coisa em sua infância, acabou aparecendo uma imagem lá do fundo de sua mente: “*Ah, a minha primeira bicicleta, minha mãe veio com ela*”, quando ele tinha cerca de 10 anos. Contou que nem esperava por aquilo já que a situação estava difícil, embora estivesse melhorando aos poucos. Ele diz que estava no portão vendo os outros andando de bicicleta, e queria muito dar uma volta, mas como é orgulhoso não ia pedir nada a ninguém. “*Até que quando olhei pra trás vi minha mãe vindo com minha bicicleta, com ela assim na cabeça.*”¹²⁵.

¹²⁵ Embora pontuais, acreditamos que estes pequenos momentos de genuína alegria têm uma importância quase incalculável na marcação de pontos para a trama da própria constituição de um ego estável. É destes momentos de acolhimento, afeto como este que Diogo se estrutura, mesmo com o pouco que teve de estrutura familiar.

E se o melhor momento da infância emociona pelo seu impacto positivo, infelizmente o pior momento também foi impactante e potencialmente traumatizante. Conta a morte de dois tios de quem gostava muito:

(...) mesma situação de sempre, né... Tráfico!... Mas tio, o que mais me revolta é que pegaram eles na covardia, se fosse frente a frente não pegava o cara, pegaram o cara na covardia... Pegaram de costas, o outro eu nem me lembro como foi, dois irmãos, cara, um depois do outro (...).

Diogo

Já na pergunta introdutória, quando indagado sobre alegrias na infância, Ronaldo disse logo não saber e ficou reticente, e assim que respondeu às perguntas diretas: cabisbaixo, falando de forma quase inaudível: não sabia. Não sabia da melhor coisa e não sabia da pior coisa da infância¹²⁶. Quanto a não saber da pior coisa, pensamos que a existência de tantos momentos ruins dificultava eleger o pior de todos, sendo doloroso o próprio exercício de tentar lembrar, comparando-os para ver qual foi pior. De modo semelhante Wellington afirmou categoricamente que não teve melhor momento em sua infância (lembremos que ele foi o que mais cedo envolveu-se com o tráfico). Sobre o pior momento falou da saída de casa¹²⁷:

Pior coisa mesmo foi deixar eles, que sair de casa mesmo, eu... Eu saí mais que eu tava... Eu saí porque... De orgulho mesmo, tá ligado?... Pra mostrar pros outros que meu pai tava falando que eu tô comendo às custas dele, que eu tenho que obedecer ele, tem que fazer o que ele quer... Foi a pior coisa me aconteceu na infância foi sair de casa, deixar minha mãe, meus irmãos.

Wellington

VI.2.2. NA ESCOLA

¹²⁶ Sua resposta mostra-se muito coerente: ele realmente parece não saber da alegria, que, pelo que nos contou, não foi algo presente em sua vida. É neste sentido que pensamos a analogia com a vida e Oliver Twist (Dickens, 1837).

¹²⁷ Paradoxalmente apontou a mesma saída de casa como a sua maior conquista, pois foi quando começou a caminhar para a independência em relação aos pais .

Retomando as sugestões de Diogo, do que ele considerou como alicerce de um percurso que possa passar ao largo do crime, depois de transitarmos um pouco no campo da família com suas dificuldades para oferecer acolhimento e limites para a prole, enfocaremos agora um dos outros dois elementos – *escola* e trabalho – que comporia este caminho “do bem”: O modo como estes jovens vêem e se percebem vistos na vida escolar.

Dois entre os jovens relataram ter parado os estudos na 6ª série, sendo que um deles, Vitor, disse ter parado na 6ª série, mas quando voltou de fato a estudar teve que recomeçar na 4ª série, reclamando que colocaram ele para trás. Parara de estudar aos 16 anos. Outros dois relataram ter estudado até a 5ª série, dentre eles Wellington que parou em 1998 ou 1999. Ronaldo, de 14 anos, estava cursando a 4ª série do ensino fundamental no momento da entrevista. Ronaldo foi o único que nos pareceu preocupado com sua vida escolar a ponto de fazer deveres de casa no abrigo, embora contasse com poucos recursos para auxiliá-lo, sendo, uma ou duas vezes auxiliado pelo pesquisador¹²⁸.

Um dos grandes “vilões” em relação ao sucesso na escola é o abuso de drogas: quatro entre os cinco jovens declararam que as drogas dificultavam o aprendizado na escola: Diogo classificou a droga como “*perda de vida*” e perguntado sobre o que queria dizer com isso, continuou: *Pô, no sentido de, como? Escola, tipo assim não consegue porque fuma e não entende nada, não consegue aprender* (...). Para Theo a situação não era muito diferente embora percebêssemos um grau de envolvimento mais profundo dele com o uso e abuso de drogas, comprometendo de forma mais contundente e direta sua vida escolar, levando-o, inclusive, a abandonar os estudos:

“Tu vai pra escola, diz que vai pra escola, vai lá no morro e fuma e dá aquela onda, quando a onda é boa mesmo tu não enxerga mais nada (...) nós ia lá, acabava que nós fumava e não agüentava nem ir pra escola, e a gente nem ia pra escola. Teve uma vez que eu fui, eu fumei antes de ir, deu ‘teto preto’ dentro da sala, dormi pra caraca.

Theo

Em outro momento o mesmo jovem comparava dois momentos distintos de sua vida deixando claro o quanto as drogas participaram do enfraquecimento de sua capacidade de estudar:

(...) e até hoje eu não esqueço, português, matemática, geografia... Estudava, não fiquei de recuperação uma vez, nunca fiquei de recuperação nenhuma vez, ... Passava direto (...)

¹²⁸ Foi visto sendo auxiliado por um dos monitores, que infelizmente não estava apto para tal.

depois quando eu comecei a ficar andando lá no morro no lugar onde eu moro em Rio Tinto foi que ficou atrapalhando minha mente mermo.

Theo

De modo semelhante, as palavras de Wellington nos permitiram percebê-lo enredado nas mesmas dificuldades relatadas pelos colegas.

Agora eu tô com muita dificuldade para aprender por causa que eu... Que eu usava muita droga quando eu ficava na favela. Eu era da boca, tinha droga toda hora, usava muita droga, foi me dando esquecimento, aí maior dificuldade pra aprender de novo.

Wellington (grifos nossos)

Este jovem, quando perguntado, respondeu se já tentara estudar de novo. Alegou, porém, que teve (e ainda tinha), dificuldade para concentrar-se, dificuldades ligadas ao pensamento mesmo, embora reversível, segundo ele.

Entre os cinco rapazes, dois mencionaram problemas ligados à própria escola como uma das dificuldades de seguirem adiante em suas vidas escolares, como relatou Diogo:

Tinha vez que eu ia que nem tinha aula, aí de novo, eu cheio de vontade de estudar, aí quando eu ia, tava lá placa no portão, estamos em greve aí ficava um tempão em casa. Pô tio, fala aí, não perde o gosto de estudar não? Pessoa, pô, a pessoa vem com a maior empolgação, tava vindo do morro né? Descendo o morro pá, de mochila pá. Eu ia estudar, cara.

Diogo (grifos nossos)

Embora não tenha entrado em detalhes, Wellington explicou, muito desanimado, que não teve aula no dia anterior porque a professora não foi. Depreende-se que a falta de animação em relação à escola está também ligada à precariedade inerente ao sistema de escolas públicas.

Diogo apontou ainda outra dificuldade que vem da escola – o preconceito. Segundo ele este sentimento veio da própria diretora da escola, pelo fato dela ter descoberto que ele atuou no tráfico de drogas. Ronaldo também experimentou o preconceito dos colegas e, desta vez, alimentado pela contingência dele estar morando em abrigo¹²⁹.

Ronaldo foi o outro jovem a apontar o preconceito como um dos problemas que têm dificultado sua ida à escola:

¹²⁹ Mais adiante, quando falarmos das violências cometidas contra os jovens voltaremos a falar do preconceito, recorrendo às palavras dos próprios jovens.

Huum..., às vezes... Às vezes eu tenho sim um pouquinho (percepção de preconceito contra ele)... A pessoa... Ela fica assim, me olhando assim com uma cara assim... Ah... Por exemplo, na escola, de vez em quando (...) eu acho que eles ficam com o pensamento assim: ‘pô, esse menino (...) sei lá porque ele não tem assim’ porque a maioria dos cara, deles mora em apartamento, eu morando no abrigo assim. Sempre tem um, tem problema de a pessoa “se achar” porque mora em um... [se achar?] é porque mora num coisa assim, num apartamento e eu morando em abrigo e tem uns que gosta de judiar. [?] ficar zoando, ficar zoando porque mora... Porque mora em abrigo.

Dois jovens declaram dificuldade para trabalhar e estudar ao mesmo tempo. Vitor, por exemplo, relatou que foi pressionado pelos outros filhos de sua tia de criação para trabalhar, conseguindo então um trabalho que adentrava de modo recorrente o horário do colégio. Acabou interrompendo os estudos:

Aí começaram a falar: ‘Pô, será que tu tem que ficar em casa? Tem que arrumar trabalho e tal’. Só que o trabalho que eu arrumei, eu trabalhava até às sete horas da noite, e o horário que eu pegava na escola era seis horas, seis horas entrava. [?] (...) nunca dava tempo de ir para a escola, chegava lá oito horas; aí não dava tempo (...) quando eu saía da escola era quinze pras dez, nove e quarenta e cinco.

Por outro lado, como veremos com mais detalhe adiante, ele subverte a associação negativa, de incompatibilidade entre estudo e trabalho, ao menos no plano das idéias, quando diz que vai trabalhar para poder comprar muitos livros para estudar seriamente, ressaltando que sabe que isso será importante para o seu futuro.

Também para Diogo as dificuldades em conciliar trabalho e estudo foram determinantes para que parasse de estudar: “*Cheguei a ficar em conflito sim. Trabalho e estudo, mas vi que estava ficando muito pesado pra mim (...) um tem que largar*”.

No entanto foi outro tipo de trabalho que acabou tirando Wellington da escola: “*Quando me envolvi no crime, aí parei de estudar mesmo*”. Bem diferente de Ronaldo, que relatou ter parado de estudar por ter ido para o abrigo.

Para resumir os motivos de saída da escola, podemos perceber na maioria dos casos uma multi-causalidade, onde se destacam o uso, abuso e o vício em drogas, a incapacidade de a família de conter, acolher e de apoiar o jovem, a necessidade de trabalhar cedo, com dificuldade em conciliar o trabalho com o estudo. Contribuem ainda de forma importante as falhas do próprio sistema escolar, com falta de professores, preconceito que vem até da

diretoria. E por fim o próprio apelo que o caminho do crime exerce sobre eles e que é incompatível com a frequência às aulas.

Curiosamente, mas não casualmente, esta seção de descrição sobre a escola acabou parecendo a descrição do envolvimento dos rapazes com as drogas. Podemos dizer que tudo que eles não dirigem ao colégio, tudo o que não investem, acaba ficando na *boca*¹³⁰ mesmo. Instala-se um ciclo que abrange o prazer inicial da droga, a futura dependência, a necessidade de sustentar, com dinheiro, o consumo, concomitante à oferta de dinheiro (através do trabalho na boca). A invasão das drogas na escola é um aspecto da realidade que ora reproduzimos aqui no papel.

As dificuldades de concentração relatadas pelos jovens agravam-se ao serem conjugadas com a baixa auto-estima presente em quase todos os jovens entrevistados. Tais dificuldades demandam um acompanhamento diferenciado para serem superadas. Este tipo de acompanhamento que, infelizmente, sabemos ser bastante raro em nosso sistema escolar público. Quando existe um tratamento diferenciado costuma ser no sentido de alijá-los ainda mais do processo educativo, pelo preconceito, pela descrença, e pela falta de expectativas.

VI.2.3. CRIAÇÃO: *PRENDER OU SOLTAR?*

Ir pra rua às vezes não podia. Queria, sabe como? Curtir uma festa lá, não podia porque tinha que ter horário pra chegar em casa (...). Tá certo, mas tá ligado que os jovens; valeu? hoje em dia tudo gosta disso, então é pior.

Wellington

Vamos focar agora nesta seção um elemento que nos pareceu central na dentre as diversas influências que pesam sobre a decisão do adolescente de seguir por um ou outro caminho: o grau de liberdade que têm em casa.

¹³⁰ De novo aqui não podemos deixar de aproveitar a polissemia do termo: boca de fumo e ao mesmo tempo boca voraz, faminta, ávida, insaciável, que foi condicionada a querer mais e mais sem nunca sentir-se saciada, mais drogas, mais dinheiro, mais mulheres, mais.

[E aqui? (no Rio de Janeiro) Você tinha liberdade quando tava morando aqui?] *Não tinha muita não, porque...* [Seu padrasto não deixava?] *É, meu padrasto me prendia, terminou que eu não ia brincar, minha mãe falava: ‘não vai pra rua, que do jeito que o mundo tá assim (...).’ Ela não deixava eu sair* [Não deixava?] *Não deixava. Só que aí eu fui crescendo e fui saindo, voltava para casa nove horas da manhã, às vezes eu nem voltava, ficava nos bailes...* [Você gostava de baile? Você gosta ainda? Do que você gosta tanto no baile?...] (...) [O que você fazia lá no baile?] *Dançava, ué, ficava ouvindo música, conversando com meus colegas.*

Ronaldo e Entrevistador

Consideramos o diálogo acima útil para demonstrar um ponto delicado e muitas vezes central na compreensão do processo de revolta do jovem, quando ocorre, e concernindo justamente o grau de liberdade dada aos jovens. Decidir se devem ficar presos em suas casas, se podem circular pelos arredores, enfim, o que seus responsáveis permitem ou não permitem que façam, isso quando os responsáveis estão, de fato, preocupados com eles. A conversa reproduzida acima é um exemplo de quando a limitação da movimentação do jovem tem o efeito oposto ao desejado. Não mais suportando ser privado de sua liberdade – que este adolescente em particular tinha, por ter morado anteriormente em área rural – Ronaldo acabou revoltando-se e pouco a pouco foi abandonando a casa.

A situação de Vitor, quase que em oposição à de Ronaldo, o vemos primeiro preso no orfanato, passando depois a ter certa dose de liberdade quando foi morar na casa da diretora do orfanato:

[Você acha que tinha liberdade lá na tua casa?] *Tinha, tinha, eu acho que tinha, sim. Tinha uma certa liberdade, tinha horário de chegar em casa, eu tinha liberdade, sim.* [O que que você não podia fazer,... em casa?] *Não podia fazer? Eu acho que era tudo liberado, (...) liberado, (é) modo de dizer, podendo sair, pode ficar em casa...Tinha liberdade, acho que ela não embarreirava de fazer nada. Tudo que eu ia fazer, ela: ‘a consciência é tua, pensa duas vezes antes de fazer (...) alguma coisa. Ela nunca me impediu de nada; queria fazer eu fazia, ela tava sabendo...* [Entendi.] *Aonde que eu ia, ela sabia da onde que eu ia ...*

A história de Vitor nos mostrou, porém, que a postura de depositar mais confiança no adolescente, estimulando sua autonomia e capacidade de discernir, não impediu que ele começasse a andar com o pessoal do tráfico, e até envolver-se. No momento da entrevista, quando se comparou com traficantes, Vitor demonstrou perceber que não era entre eles que estava o sonho da liberdade:

Mas você sabe: tem uma coisa que eles não têm e eles têm uma coisa que eu não tenho: eu tenho minha liberdade, eles não têm; uma coisa que eles têm eu não tenho: dinheiro e mulher, carro, mas é uma coisa que eu não tenho e talvez no futuro eu posso conquistar isso tudo.¹³¹

Vitor (grifos nossos)

Diogo, por sua vez, relatou que era muito preso quando morava com sua mãe, circunstância que o levou a sair de casa, passando a residir com um tio:

[Como era sua casa?] Minha mãe é maneira pra caramba, amo a minha mãe, amo até hoje, pá. Eu gosto da minha mãe pra caramba, mas ela queria me manter muito preso, dentro de casa, aí assim, meu tio me criou por uns tempos e ele não me mantinha preso, foi, pôxa, isso que fez eu também sair de casa também, ela queria muito me prender em casa, tá ligado?

Diogo

Ainda sobre ter sido muito preso durante sua infância e adolescência, ele relatou:

(...) Não tinha liberdade em casa. [O que você não podia fazer?] Não podia sair para curtir os bailes funk, não podia ir na casa de amigos, pá, zoar, parada assim, não podia ir em aniversário, festa de colega. Essas paradas foram me revoltando, sabe qual é? Que eu nunca fui criado assim, fechado, sempre fui criado, como? No mundo mesmo, andando, pá... Sempre fui avoadado, [?] estilo abrigo, estilo rua, pá, estas paradas assim.

Diogo

Theo apresentou uma posição surpreendente em relação à liberdade que tinha em casa: Diz que era muito preso em casa e que isso *era bom*, e que seus responsáveis estavam certos em prendê-lo. Que era mais livre quando não saía do quintal para ir a lugar algum do que quando se tornou traficante sabendo “*rodar tudo por aí*”:

“*Ficava preso sim, ia pra escola e eu não ligava pra sair não, ficava em casa, no quintal... Quintal grandão, pra que que tu vai querer sair pro morro? Lá no quintal soltava pipa, bola de gude, brincava de pião, tudo lá dentro, não tinha nenhum motivo para sair*”.

(...)

¹³¹ A frase de Vitor representa, se sustentada, o rompimento de um paradigma. Significa romper com uma ideologia do imediato, do consumo, do aqui e agora, de “se dar bem” a qualquer custo. Da imagem sobre todas as outras coisas... Tema que retomaremos.

(...) ficava lá brincando com meus primos. Não gostava de sair pra rua, a não ser pra ir pra escola, a não ser tirar foto, comprar roupa. Fora disso não saía, era só no morro. Ficava dando voltinha lá, também quando ia no morro era pra comprar pão, comprar pipa, bola de gude, esses negócios, fora isso não saía¹³². Agora não, agora eu sei andar o Rio de Janeiro todo nesse pouco tempo que eu tô na rua. Sei ir em vários lugares, não consigo me perder, se me botarem em Niterói, no pior lugar de Niterói eu volto, e agora eu sou um vagabundo qualquer cara¹³³.

Theo (grifos nossos)

Wellington nos proporcionou um exemplo consistente e contundente de como uma criança muito cerceada e reprimida pelos pais pode vir a rebelar-se, contribuindo para a discussão sobre o delicado equilíbrio entre prender e soltar os filhos, e, especialmente, como tal dificuldade fica aumentada em áreas dominadas pelo tráfico de drogas.

A partir de sua história familiar podemos aprofundar uma discussão sobre os impasses, dúvidas em relação a este tema marcado pela existência de muitas histórias com desfechos trágicos envolvendo a forma como os pais criam os filhos nas favelas. A postura dos pais oscila entre deixar os filhos livres e a de procurar mantê-los presos em casa para evitar que acabem andando com outros jovens que possam exercer influência negativa sobre eles.

Wellington conta que não tinha liberdade em casa, não podendo fazer quase nada:

*Tá ligado que isso não é o certo, mas sabe que sexta feira o que todo mundo gosta mesmo, até adulto mesmo gosta de curtir uma festa, então, não tem nada a ver isso, se prender ainda é pior ainda, aí que a pessoa já se revolta mais: ‘vai me prender? Falô? Então vou fazer isso, pá. [Fica revoltado quando preso?] Fica revoltado mesmo. [Tenho lido sobre isso em livros e os pais ficam em dúvida se prendem ou se soltam o adolescente, porque se soltam têm medo de que ele se envolva com o pessoal da comunidade, do tráfico, que pense em entrar para o tráfico, nenhuma das duas decisões é simples. Alguns pais da Maré deixam os filhos sair só fora da comunidade, se divertir só fora da Maré, pra não ficar com a galera de rua, se envolvendo.] *Mas todo lugar tem isso, todo lugar tem drogas, tem prostituição, até na Zona Sul no Centro, tudo, qualquer lugar que tu passa agora tu vê. (...)**

¹³² Theo está falando exatamente de como foi bom ser criança durante o tempo em que pôde ser criança. Que todos os ganhos secundários, como conhecer muita gente, saber andar tudo por aí, que nada disso supera ser uma criança inocente no quintal com os jogos de criança: pipa, pião, bola, etc. Sobre ganhos secundários (da doença, ou, neste caso, da tendência anti-social) ver, em especial, Winnicott (1984:265, 266)

¹³³ Como se ele perdesse a individualidade ligada a sua inserção familiar que tinha antes, passando a ser como qualquer outro vagabundo.

Wellington e entrevistador¹³⁴ (grifos nossos)

Procurando organizar os dados sobre esta parte da vida dos jovens, podemos dizer que os cinco já se sentiram muito presos pelos responsáveis em algum momento de suas vidas, sendo que apenas um disse gostar de ficar preso em casa, no quintal (Theo). Os demais demonstraram revolta ao sentirem-se cerceados em sua liberdade, tendo havido um momento anterior de maior liberdade para apenas dois deles: Ronaldo, na área rural, não se adaptando então aos limites mais rígidos que viria a experimentar. No caso de Vitor a seqüência foi invertida, ficando muito preso no orfanato e tendo bastante liberdade a seguir, no período em que morou na casa da diretora do orfanato, sua tia de criação.

Destacamos ainda a possibilidade de mostrar como pode ser determinante para o destino de um jovem o fato de morar em uma área dominada pelo tráfico ou não. Neste sentido, Ronaldo nos proporciona um bom exemplo ao dizer da liberdade que tinha ainda garoto no campo, fazendo com que estranhasse a intensa repressão na favela (mesmo que ligada a outros motivos também, como seu padrasto opressor).

No Rio de Janeiro esta diferença aparece também entre famílias da favela de Rio das Pedras e as das demais favelas (quase todas) onde existe tráfico de drogas. No primeiro espaço as famílias comemoram poderem criar os filhos soltos sem preocuparem-se com uma possível aproximação ao tráfico ou com o uso de drogas¹³⁵, bem diferente das favelas “do” tráfico.

VI.2.4. A PRIMEIRA REGULARIDADE INEQUÍVOCA: OS MAUS TRATOS

(...) foi daí (depois que o pai foi morto pela polícia) que eu recém-nascido ainda, minha mãe começou a me deixar de lado, me amarrava na árvore pra curtir baile, começava a me deixar de lado, tenho até uma queimadura aqui dela, que ela me queimou com ferro, eu ainda tinha um ano de idade. Eu acho que queimou com ferro.

¹³⁴ Nossa idéia aqui ao permitir-se o entrevistador uma exposição mais longa do problema e de uma alternativa encontrada por famílias de determinada favela, foi de realmente aprofundar o debate. Cremos ter tido retorno produtivo com o ensaio desta possibilidade.

¹³⁵ Ver Vaitsman, 1997.

Theo

Se podemos dizer que constatamos algumas regularidades entre as entrevistas realizadas, a prática de maus tratos contra os adolescentes é uma delas. Cinco dos cinco adolescentes entrevistados sofreram maus tratos severos¹³⁶.

Como comentamos anteriormente, a situação de Theo pode ser vista como um exemplo do ciclo exposto por Diogo (ver epígrafe da subseção VI.1.2, grifado¹³⁷), de remodelação contínua dos tecidos familiar, social e humano, e que tenderia a aumentar na velocidade de uma progressão geométrica ou até mais rapidamente: o pai, que era bandido foi assassinado e deixou provavelmente mais de uma adolescente com mais de um filho.

Estas mães adolescentes querem então voltar a sua rotina de antes de terem formado família: ir ao baile, namorar. Começam então ou a ser negligentes com os filhos, como no caso de Theo, ou a deixá-los com suas próprias mães, avós maternas das crianças, avós paternas ou ainda outras pessoas. Provavelmente namorarão outro rapaz do tráfico a quem possam juntar-se satisfazendo o desejo machista do rapaz de ter mais uma namorada e de marcar como dele fazendo nela um filho, de preferência um filho homem com a sua cara. Alimentam deste modo um ciclo interminável de geração de crianças em condições bastante desfavoráveis a que elas possam ter desenvolvimento e formação de valores saudáveis.

Seguiu-se então, contra Theo, uma seqüência de violências cometidas contra o bebê e depois contra a criança. Não obstante os maus tratos que a mãe lhe infligia, esta, depois que sua avó assumiu criá-lo, tentou durante algum tempo pegá-lo de volta, tendo êxito em um destes episódios, que terminou com sua hospitalização, provavelmente por subnutrição por negligência de sua mãe.

Só neste ponto crítico sua avó conseguiu reavê-lo. Se pensarmos que tantos outros casos são parecidos com esse, torna-se útil refletir sobre como é complexa a conjunção de fatores que podem interagir resultando na “decisão” de abraçar a vida criminosa: grandes dificuldades financeiras, chegando ao nível de privações severas, abandono e maus tratos

¹³⁶ E quatro das quatro meninas entrevistadas (cujos dados não estamos aproveitando nesta oportunidade). Uma das meninas, Ivna, contou que sofreu tortura em que foi obrigada pelo pai, que também abusou sexualmente dela, a receber na boca um ovo cozido, recém saído da panela, queimando toda a mucosa interna. Contou que a queimadura fazia sair a pele de dentro da boca (como se descolasse a parte mais externa da mucosa). Tal tipo de tortura foi divulgado no Jornal O GLOBO de 20 de março de 2005.

¹³⁷ Utilizaremos um sistema de referência interna dentro do próprio texto quando nos referirmos a um excerto de entrevista já colocado em outra seção deste trabalho. Sempre que não houver indicação de autor, será uma referência interna. Para facilitar a localização do texto ao qual remetemos o leitor este estará total ou parcialmente grifado (sublinhado) e sem a informação <grifos nossos> (cf. nota 103). Para maior conforto e manuseabilidade do leitor, optamos por usar notas de pé de página ao invés de notas ao fim do capítulo.

recebidos da mãe adolescente, identificação a um pai bandido – que no caso em foco lançou, inclusive, um vaticínio sobre o filho.

Para se ter uma idéia da extensão dos maus tratos sofridos por Theo, quando o entrevistador insistiu na importância de que ele fale sobre isso, ele respondeu: “(...) *eu lembro cara, mas é como eu te falei, é muita coisa mesmo que aconteceu, tem que pegar um tempo mermo, pegar um dia mermo, que tiver tempo mermo, pra contar mermo... muita coisa mermo.*” Durante a entrevista chegou a mostrar a extensa marca de queimadura na côxa, explicando que a mãe o queimou com ferro quando ainda era bebê. Disse que mais recentemente ficou um tempo sem falar com ela, que ela ligava pro abrigo e ele não atendia, e que ele saía se ela viesse visitar, evitando-a. No momento da entrevista disse que não tinha mais ódio dela, mas que ainda não queria ter muito contato. Theo contou com vergonha que houve vários momentos em que não havia comida para se alimentarem. Passou fome. Com ele já são dois em cinco que relatam ter passado fome em algum momento de suas infâncias.

Ronaldo, o mais novo dos entrevistados, também relatou uma série de maus tratos praticados contra ele por uma série de “cuidadores” que se revezaram na sua criação. Começando por sua mãe. Ao lado dos maus tratos já citados, relatou que o que menos gostava em sua comunidade era de ter que, ainda muito novo, acordar cedo para levar os dois irmãos ao colégio antes de ele mesmo poder ir para sua escola. Há pouco era uma criança, e no momento da entrevista, com 14 anos demonstrou vontade de voltar para a sua última casa, sem poder por causa do padrasto e do tráfico de drogas local. Uma criança que foi exposta a vários tipos de violência desde pequeno: trabalho infantil; privação de um seio familiar estável; violência física por parte da mãe e demais mulheres que cuidaram dele, e pelo padrasto; violência psicológica e discriminação praticadas pelo padrasto contra ele ao impedir, por exemplo, que Ronaldo brincasse com o filho deste:

Gostava do meu irmão, só, eu ficava brincando com meu irmão. Mas não podia brincar direito que meu padrasto não deixava eu brincar com meu irmão, quando eu ia brincar com o meu irmão, ele ia e me puxava, não deixava brincar comigo.

Pelo trabalho que fazia no campo recebia leite como pagamento:

[Lá na roça onde você trabalhava, você ganhava algum dinheiro para trabalhar?] *Não.* [Você trabalhava pra quem?] *Ooo, eu ia ajudar os amigos que trabalhava.* [Ia ajudar?] *Aí saía a gente de manhã, de pé, de cavalo e na carroça.* [Aí ele dava leite de pagamento, é isso?] *Isso.* [E qual era o trabalho que você fazia?] *Haann, era assim... Pegar cavalo no pasto, boi, assim dar comida pra boi, tirar leite, (...).*

Ronaldo e entrevistador

Assim ele iniciou sua vida de trabalho, marcado prematuramente com a idéia de que é normal ser explorado. Aprendeu que ele e seu trabalho têm pouco valor. Seu relato revelou ainda que sofria preconceito na escola, os colegas “se achando”¹³⁸, considerando-se melhores que ele pelo fato dele morar em abrigo enquanto os outros moravam em casa ou apartamento.

Vitor foi vítima da negligência de seus pais biológicos, sendo submetido também à violência psicológica ao ver seu pai batendo em sua mãe de forma recorrente. Porém, a maior forma de violência que ainda pesava sobre ele é o profundo abandono que passou a acompanhá-lo, especialmente quando o orfanato onde morava privou-o irremediavelmente de suas últimas referências familiares, levando à completa separação da família.

Diogo foi o único que relatou não ter sofrido violência em casa, mas foi diretamente afetado pela violência simbólica e psicológica contidas no ato, no roubo de um pai que tira o alimento do filho para comprar drogas. A outra violência que o acometeu, que não temos muito como medir ou avaliar, foi a fome. Fora de casa, acabou também tendo seu caminho marcado pela violência, como algoz e como vítima: além dos atos violentos de que participou em sua passagem pelo tráfico, Diogo quase foi morto pela polícia, sendo espancado com uma panela de pressão, situação que veremos mais adiante. No âmbito das violências sociais e institucionais, ele relatou perceber claramente a existência de preconceito contra ele na escola pelo fato de ser de abrigo e de saberem (a diretora da escola pelo menos) que ele esteve envolvido no tráfico:

Só que essa mulher, a diretora da Escola, sabe como é que é né, checou lá a minha ficha (...) e ‘babou’¹³⁹ esse bagulho de abrigo (...) só que eles ficavam com medo de mim, mané, não sei... Era só eu andar no corredor que eles me olhavam assim de rabo de olho, assim, chegava pã, pá, e tipo assim, geral (quase todos) do colégio, geral, como tem casa tem mãe, tem pai. Aí eu tenho mãe, mas já sofri pra caramba na vida dentro de bagulho de abrigo, bagulho de abrigo, é jovem infrator, é vagabundo, é bandido, não sei o que, sabe como é que é né tio. Aí eu sentia isso, esse bagulho. (...) Me sentia estranhão tio, me sentia estranhão cara, me sentia assim: caraca, por que não me olham igual aos outros, cara? Tô aqui como traficante, cara. Não sou nada, não sou nada, me olham como traficante. Por que essa mulher me olha diferente. Trafiquei um pouquinho só, mas não levei à frente¹⁴⁰.

¹³⁸ Gíria. Como vimos antes, significa estar cheio de si, achar-se melhor que os outros.

¹³⁹ Gíria. Significa vazou a informação. Deu problema.

¹⁴⁰ O depoimento de Diogo é importante no sentido de contribuir para desvelar os maniqueísmos e binarismos que vão sendo construídos para isolar e afastar aquilo que é taxado como mau ou negativo. Como ele, muitos

Diogo

Em relação a Wellington, destacamos que às violências físicas cometidas contra ele pelo pai (ver, por exemplo, p.93, grifado), somam-se outras, praticadas em outras ocasiões, como quando ele perdeu o velocípede do irmão:

(...) Lembro, lembro que teve uma vez que eu perdi o velocípede do meu irmão, meu pai me bateu tanto de fio quando eu tinha uns sete anos assim mais ou menos. [machucou muito?] Machucou, me amarrou no berço do meu irmão pra eu não poder ir pra rua.

Wellington

Ao falar de seu próprio comportamento, Wellington mostrou ser uma criança solta no mundo, sem limites que o segurassem, que o contivessem. Não era uma criança calma, meiga e comportada. Envolveu-se com o uso de drogas desde muito cedo, e com os *caras* da boca desde os sete ou oito anos de idade. Pesava sobre este tipo de comportamento o fato de seu pai ser viciado e freqüentador assíduo das bocas como usuário. Talvez pairasse na cabeça do filho a pergunta: *‘que barato é esse que tem na boca que meu pai vive por lá?’*.

(...) ele usava drogas, um bagulho assim, aí quando comecei a usar drogas ele ficou chateado, ele falou que eu usava drogas por causa dele, mas na verdade era porque eu provei e gostei mané...

Wellington

À violência física citada acima se somou a violência psicológica de que era vítima sempre que o pai gritava que ele “não ia *prestar* para nada mesmo”. Por outro lado seu relato sugere que tenha sido sexualmente abusado por uma vizinha que tinha 14 anos¹⁴¹, quando ele tinha apenas sete. Ele não via esta situação como abusiva, por estar atravessado, desde pequeno por valores machistas ou hipermachistas. Argumentou que não houve violência porque ela também era menor (fala rindo, achando engraçado):

Eu pulava com a revista do meu pai lá pro quintal da vizinha, e, como? ela grandona já me ensinava, aí eu ia aprendendo né mané, o mundo ensina, (...) é, e a vizinha me ensinava desde pequeno. [e a vizinha te ensinava como, praticando?] é [a coroa ficava te ensinando?] coroa

jovens que estão caminhando sobre um fio de navalha: podem reagir positivamente a esforços para puxá-los para o lado “do bem”. Porém, o preconceito frequentemente contamina pessoas e instituições que apressam-se em rotulá-los como diferentes (deles próprios) consolidando sua exclusão da sociedade.

¹⁴¹ Embora normalmente atividades ligadas ao sexo entre crianças sejam chamadas de brincadeiras sexuais infantis, de acordo com as teorias psicanalíticas sobre sexualidade infantil, a diferença de idade entre ele e a adolescente, que tinha o dobro da idade de Wellington, provavelmente permitiria caracterizar a natureza da interação entre eles como abusiva.

nada, era filha da vizinha, devia ter uns 14 anos na época, eu tinha uns sete, oito anos, pequenininho, não tinha maldade ainda, aí, às vezes teve uma vez que foi outra lá: ‘vem aqui que eu vou te dar um brinquedo’ fui lá na casa dela, ela botou uma camisola, sentou no meu colo aí! Aí eu fiquei cheio de medo que o irmão dela era bandido de lá e eu menorzinho, aí eu, como? (...) aí ela: ‘amanhã tu vem aqui pra pegar o brinquedo’ eu falei: ‘tá bom’ nunca mais voltei lá (...) E fui aprendendo assim, desde... [O que você achou disso? Dela te assediar, você tão pequeno assim?] Ah, não sei, dava. Eu aproveitava e comia [?] é aproveitava e comia, porque eu não sabia fazer nada. [Isso é um tipo de abuso também, você sabe disso? Ao contrário também é, né? Tipo o cara mais velho abusa de uma menina, uma menina mais velha pode abusar de um menino também, né?] (Ri muito) [Sério, pô!] Mas ela também era criança, cumpadi, com 14 anos também era menor... [...] Pô, cumpadi, tipo como? Tipo tendo um certo jáá afinidade. Que desde cinco anos tu, pá, se envolve com a mulher, então assim tá ligado? Uma figura que tu gosta, trocá as idéias que tu tem, saber as idéias também da mulher (...)

Wellington e entrevistador

VI.3. ADOLESCÊNCIA

Acreditamos que todos os conceitos tratados no Capítulo II são relevantes e importantes para refletirmos como os jovens se mostram nesta parte da descrição de dados. No entanto consideramos que aquele que mais se destaca é o de desfiliação, seguido da questão dos valores tratados por alguns autores da Escola de Frankfurt – vemos que os jovens saem de casa sem levar muita coisa.

Com relação à desfiliação, temos oportunidade de acompanhar detalhes de como se dá o progressivo processo de isolamento do jovem: o processo de afastamento da família e da casa, as dificuldades de conseguirem trabalho, as dificuldades de terem amigos e contarem com uma rede de apoio, e por aí vai. De modo que vemos que nos dois eixos os jovens vão amargando destituições, *das relações* (familiares, sociais, amizades) e *do trabalho* (enormes dificuldades, que vão aumentando com o preconceito de que passam a ser alvo após as primeiras transgressões).

VI.3.1. FAMÍLIAS QUE NÃO CONTÉM: A SAÍDA DE CASA

(...) eu estava brincando e ele (padrasto) ia atrás de mim para bater em mim, me deixava em casa de castigo, me batia com sapato também, aí trancava e escondia a chave debaixo da caixa, aí teve uma vez que eu pedi a um vizinho para pegar a chave lá na caixa, abri a porta, peguei um cobertor, e fui embora.

Ronaldo

E assim mais uma criança está “na pista¹⁴²”. Dos cinco adolescentes, quatro deles saíram de suas casas por briga ou incompatibilidade com seus responsáveis. Sentindo-se presos demais nas casas, tais conflitos foram acirrados pelo ativo envolvimento dos jovens no tráfico de drogas e por problemas com traficantes e/ou polícia que passaram a impedi-los de voltar a suas casas. De modo inverso, em sentidos que acabam convergindo, muitas vezes os conflitos familiares (ligados a outros assuntos, anteriores a discussões ligadas ao tráfico) acabaram contribuindo para o aprofundamento dos vínculos dos jovens com pares já *envolvidos*, assim como com traficantes mais importantes. Um exemplo deste movimento ocorreu com o adolescente Vitor (ver p.128, trecho grifado).

O principal motivo para a saída de Theo de sua casa foi seu envolvimento no tráfico de drogas. Seus responsáveis, ao saberem, reprovaram sua atitude:

Fui ‘plantá’ lá, aí minha avó ficou sabendo, meus tio ficou sabendo [o que é ‘plantar’?] ‘Plantá’ na boca, ‘formar’ com os cara lá. (Mais adiante ao contar sua primeira ação significativa no tráfico, ele continua:) aí fui pra dentro do quintal foi quando eu bati de frente com meu tio, pô cara, na hora que eu bati de frente com meu tio, meu coração acelerou, (...) aí dei uma olhada assim pro meu tio, aí meu tio olhando pra mim, aí eu peguei e fugi de novo (...).

Theo

¹⁴² Gíria dos adolescentes. Significa estar na rua, fora de casa, por conta própria.

No momento em que foi realizada a entrevista ele disse que não podia voltar para casa porque estava tendo *guerra*¹⁴³ no lugar onde morava.

Diogo passou por um processo gradativo de saída de casa. Foram pelo menos duas saídas com contornos mais claramente demarcados: primeiro saiu da casa da mãe que o prendia demais (ver falas de Diogo, p.118, grifado) indo morar com um tio. Este tio morreu (ele acha que foi de tuberculose) algum tempo depois. Como era visto perto de traficantes, passou a sofrer perseguição policial, sendo submetido a torturas para revelar informações sobre o tráfico local, optando por refugiar-se em um abrigo, como relatou:

(...) além do mais, pôxa eu, trabalhador mesmo, chegava à noite só pra dormir mesmo guardar minhas coisas pra de manhã voltar pra pista. Tava ficando muito ruim pra mim, a polícia tava invadindo, tava me esculachando, pô tio, chegaram até a me torturar. Já, tio, pegaram o cinto pra fazer de força, botaram saco plástico na minha cabeça pra me enforcar, pra eu dá¹⁴⁴ os outros. ‘Vô dá quem?’ Não sei quem, mas se soubesse também não ia dar que não sou maluco... (...)

Diogo

Wellington acabou saindo cedo de casa pelos motivos que já conhecemos para ficar sob o jugo do tráfico, um padrasto ainda mais terrível que seu pai. Isso acabou por tornar esta decisão um passo difícil de ser revertido: logo passou a ter problemas com a polícia e com traficantes rivais, que chegaram a ameaçar seu pai e bateram em seu irmão:

(...) expliquei minha situação que eu não podia voltar para casa, e acabei vindo pra cá. [Por que você não podia voltar para casa?] Eu tive problema com os polícia lá da área dos traficantes rivais lá onde que eu morava, invadiram minha casa já duas vezes (...) meu pai foi ameaçado de morte por causa de mim, meu irmão apanhou (da polícia) (...).

Wellington

A saída de casa de Vitor mostrou claramente a profunda interação entre diversos elementos. Vimos anteriormente que houve uma discussão com a tia e com o filho da tia em função dele não estar trabalhando. Um dado material real foi a falta de espaço na casa com o

¹⁴³ Gíria usada entre os traficantes, normalmente para designar disputa entre traficantes pelo domínio de pontos de venda em um morro, ou brigas por desentendimentos com policiais. Dificilmente ocorre *guerra* entre policiais e traficantes como mera e permanente repressão ao tráfico de drogas, com o objetivo de restabelecimento do estado de direito nas favelas dominadas pelos comandos.

¹⁴⁴ Gíria. ‘Dar’ significa delatar neste contexto.

casamento do filho dela¹⁴⁵ e a adoção por ela de uma criança. E o que parece ter contribuído de forma mais definitiva foi a confirmação por sua tia de criação de que ele estava envolvido no tráfico de drogas. Neste momento ela encaminhou-o ao Conselho Tutelar. Embora o seu relato tenha sido hesitante em relação a isso, pareceu-nos que tudo foi acontecendo simultaneamente, a expulsão de casa contribuindo para aprofundar seu envolvimento no tráfico:

(...) aí eu fui se envolvendo, a minha parte de criança, eu já não fazia mais. Comecei a tomar outras atitudes e foi aí que... Essa tia de criação também não pôde mais ficar comigo, aí foi que eu comecei a me envolver com as coisas erradas, conviver com... Conviver com pessoas que não... Que não era pra mim ter me envolvido, aí foi acontecendo e (...).

Vitor

Ronaldo é o único cuja saída de casa não esteve ligada ao envolvimento ativo com o tráfico de drogas, embora ele e outras crianças ajudassem informalmente avisando sobre a chegada da polícia e coisas do gênero, o que parecia ser uma espécie de brincadeira para as crianças. Não saiu devido a envolvimento com o tráfico, mas ficou igualmente impedido de voltar a casa por ter sofrido uma sanção do tráfico local que “escravizou-o” por uma semana até que conseguiu escapar deste *segundo padrasto*. Como podemos ver nas suas palavras (p.126 – epígrafe de VI.3.1) saiu de casa por não suportar os maus tratos e a discriminação infligidos pelo padrasto:

[E como era lá na sua casa?] pagava aluguel, meu padrasto ficava batendo na minha mãe. [?] Ele batia na minha mãe e ele também me batia. [Foi aí que você saiu de casa? Com quantos anos você saiu de casa?] Eu saí de casa não foi uma vez assim direto não... [Saiu várias vezes?] Saí várias vezes, mas antes eu saía de casa e voltava, (...) e agora eu não posso voltar mais.

Ronaldo e entrevistador

Percebemos então a estreita ligação entre alguns elementos e momentos da vida dos jovens: a existência ou não de liberdade em casa, a saída de casa, e a entrada para o tráfico, havendo significativa continuidade entre eles.

Destacamos a tentativa desesperada da tia de Vitor de inserir um novo “tutor” institucional, durante o processo de saída de casa deste jovem, o Conselho Tutelar, sem

¹⁴⁵ Fenômeno típico de populações mais pobres: com os casamentos, muitas vezes ao invés de haver a formação de novas habitações com o novo casal, este se instala, por falta de recursos, na casa de uma das famílias de origem.

conseguir grandes resultados. Embora saibamos das sérias e importantíssimas atribuições destes conselhos, deparamos frequentemente com muitas limitações em sua capacidade de atuar nestes momentos decisivos.

Outro ponto que merecedor de nota refere-se as casas em si. Reparamos que de todos os adolescentes que eram controlados pelos seus responsáveis, com horários de retorno e algumas proibições, sendo mantidos em casa em algumas situações, o único que realmente disse gostar de ficar em casa foi Theo. E em oposição a Vitor, que viu o espaço da casa ficar pequeno demais para ele, a esposa do filho de sua tia, e a nova criança, Theo tinha a sua disposição um grande quintal. Nos parece relevante pontuar que prender um adolescente em um espaço bastante limitado e com poucos recursos é bem mais complicado que prendê-lo em uma casa grande com um grande quintal e maiores possibilidades, ou mesmo uma casa simples, mas com um quintal grande, como era o caso de Theo. De modo que volta a apresentar-se na questão do espaço da casa a o eixo material influenciando na vida dos jovens.

VI.3.2. JOVENS SOLTEIROS, SEM FILHOS, E SUAS INCURSÕES PELOS MUNDOS DO TRABALHO

[O que você acha de trabalhar recebendo um pagamento para isso?]. Pô tio, (...) caraca, aí, é o que eu mais quero agora, é o que eu mais quero pra mim, é um trabalho. (...) é o que eu mais preciso agora, tio.

Diogo

Quatro dos cinco jovens entrevistados declaram-se solteiros e nenhum deles disse ter filhos, embora tenham relatado uma ou outra situação em que ficaram receosos de serem pais sem terem planejado. A única resposta diferente à pergunta sobre o estado civil coube a Theo, que se definiu como “enrolado¹⁴⁶”, que ele disse ser “tipo namorado”. No momento das entrevistas dois dos entrevistados, Wellington e Vitor tinham namoradas dentro do abrigo. O namoro de Diogo estava em suspenso. Theo disse estar enrolado e parecia estar com uma garota do abrigo também, enquanto o único que não estava namorando ou *ficando* era Ronaldo, o mais novo.

¹⁴⁶ Gíria. Significa que está se relacionando com uma (ou mais) garota, mas a situação é ainda indefinida, não sendo ainda, propriamente um namoro assumido e com algum compromisso.

Contrariando a tese de que muitos jovens pobres rejeitam o trabalho assalariado, que normalmente é mal pago e pouco valorizado, todos os jovens entrevistados declararam ter vontade de trabalhar com carteira assinada, mesmo que por pequenos salários e até por menos que isso (cestas básicas). Desejo de trabalhar que esbarra em mais um obstáculo mencionado por Diogo, o preconceito contra os jovens, senão pelo fato de morarem em abrigo, certamente quando se descobre que tiveram envolvimento com atividades criminosas, fato que acaba dificultando um possível plano de mudança de vida e de escolhas:

Não adianta, o cara vai mudar como? Se a ficha já está suja, ele vai num lugar vai levar o currículo: 'Hi! é ex-detento, ex-presidiário'. Aí o cara pára e pensa... Pior se o cara tiver uma mulher, os filhos pra sustentar, o cara precisa de dinheiro, o cara é ex-detento, as portas não se abrem...

Diogo

A reação de Theo à pergunta também foi contundente:

[O que você acha de trabalhar recebendo um pagamento para isso? O que pensa de um trabalho com carteira assinada?] *Pô, é o que eu mais quero cara... É o que eu mais quero, é o que eu mais peço aqui pra técnica, é o que eu mais peço pra ela vê um trabalho pra mim poder ajudar minha mãe.*

Theo (grifos nossos)

Ele seguiu dizendo que podia ser até um trabalho em que ele recebesse apenas cestas básicas como pagamento. Que o importante era fazer um esforço.

A resposta de Wellington, embora não tão eloquente, pareceu estar no mesmo sentido da dos outros entrevistados:

Pô, aí é bom né, tu tem teu dinheirinho pra fazer as coisas que tu quer, se não trabalhar já fica com mais dificuldade de arrumar um dinheiro, se locomover, ter um dinheiro pra comprar um cigarro, às vezes tu quer comer um bagulho e não tem dinheiro pra comprar. É bom, né, trabalhar, com seu salariozinho dá pra tu fazer o que quer fica tudo mais fácil de fazer tudo que tu quer.

Wellington

Vitor disse não ter grandes ambições. Queria algo com que pudesse sobreviver: “*Bom, eu espero que eu arrume um trabalho, um trabalho que não pague muito mas que dê pra sustentar minha família, pagar minha contas.*”

Estes jovens, de modo geral, estiveram em trabalhos na maior parte informais, como camelô, venda de quentinhas, bicos, estágios em programas de inclusão dos jovens no trabalho, estofador, dentre outros.

De modo preliminar podemos considerar as informações trazidas por estes jovens como se opondo a estudos que dizem que os jovens fogem do modelo – para eles *patético* – do trabalhador com baixo salário¹⁴⁷. Esta foi a postura assumida pelo jovem na entrevista piloto, que considerava estes trabalhadores otários e *pela-saco*, afirmando que este seria também o pensamento de quase todos os garotos da favela onde morava. Uma possível chave de entendimento para esta discrepância pode estar ligada ao tempo de experiência e maturidade de cada jovem. Pois estes jovens já tinham visto os limites, os riscos, o vazio e a desumanização envolvidos na vida do crime, o que os parece ter estimulado a buscar alternativas.

Procurando avançar na compreensão sobre o que significava para eles o envolvimento no tráfico e como isso se relacionava com a idéia de emprego ou de trabalho, perguntamos a eles o quanto consideravam o tráfico de drogas como um trabalho. Houve bastante divergência, sendo que Vitor e Ronaldo foram os únicos a responder que não vêem o tráfico como um trabalho, embora um pouco depois, na mesma entrevista, Vitor tenha dito que o tráfico é um trabalho proibido em um trecho em que se mostrou bastante confuso:

Bom, eu acho que não é um trabalho, como também não é uma profissão. [Hum] É um tipo de uma coisa que pra mim não é um trabalho porque a lei não permite isso... É um tipo, não é um tipo de trabalho porque não é legalizado, diretamente a lei não permite, então é proibido, então é um tipo de trabalho proibido. (...) Mas um trabalho totalmente diferente dos outros trabalhos. Eu acho, eu acho que não é um trabalho, e não é uma profissão, você tá ali por tá ali mesmo, é porque você quer, tu tá fazendo aquelas, tu tá ciente de que aquilo é proibido de fazer aquilo ali. E muitos consideram como trabalho.

Vitor

Ronaldo não considerou o tráfico como trabalho, apresentando uma justificativa inusitada que nos permite pensar que ele pode estar revelando, no que resta de sua inocência, uma forma de controle exercida pelo tráfico através de mensagens ideológicas que são assimiladas e reproduzidas por membros da comunidade, como ele mesmo.

¹⁴⁷ Ver, por exemplo, Velho, 1996:20.

Isso não é um tipo de trabalho não, isso aí eles fazem pra muitos não morrer... [Pra não...?] não morrer porque quando a polícia sobe o morro a polícia atira a gente fica pra ver, pra avisar os outros, mas isso não é trabalho não.

Ronaldo (grifos nossos)

Diogo via o tráfico como um trabalho:

[...] ¹⁴⁸ *É um tipo de trabalho, mas, é um trabalho, mas não incorreto, certo, [?] é incorreto, é um trabalho, porque quando você faz uma coisa e ganha um dinheiro, por mais que seja droga, mas se você tá ali, tipo suando, pá, correndo, pá, é um trabalho. Chega final do mês, fim de semana, pegando firme, é um trabalho.* ¹⁴⁹

Theo pensava de modo semelhante a Diogo, aparecendo agora certa ambigüidade em sua fala, ora defendendo que é melhor trabalhar todo o mês para ganhar pouco dinheiro honesto, ora se fixando nos impressionantes ganhos semanais de um bandido mais alto na hierarquia do tráfico:

“É, porque você ganha dinheiro, você recebe uma dinheirama, porra! Quando tu trabalha tu rala, tu rala, tu rala, mas é melhor ralar por mês, ganhar teu dinheiro honesto do que ganhar por semana, mas tu rala, rala e rala por mês e ganha o que? 240, às vezes 400, por aí, pô tu trabalha num morro desses aí, por exemplo na favela do Índio, tu fica uma semana, bandido ‘peixe grande’, tu ganha 3.000 (três mil reais), por semana, chega sexta feira tu ganha 3.000 (três mil reais), 2.000 (dois mil reais), toda semana.

Theo

Do mesmo modo posicionou-se Wellington, ao dizer que o trabalho no tráfico é como um trabalho mesmo:

O tráfico é igual um trabalho também, que no tráfico tu recebe ordens, tem que cumprir, mas se tiver certo também pagam. Todo mundo é que nem um trabalho mesmo, cada um vai pra uma posição.

E chega a comparar o Comando Vermelho com uma empresa, fazendo a seguir uma analogia entre o organograma do tráfico e o organograma do abrigo:

Comando Vermelho é tipo uma firma, tipo uma firma mesmo que trabalha, uma empresa que os caras acham que ali vão receber um dinheiro mais fácil, não pagam imposto, não paga o

¹⁴⁸ Fala do entrevistador suprimida propositalmente. Neste caso é a pergunta que abre esta discussão.

¹⁴⁹ Que corresponde à definição do capitalismo aventureiro (Polanyi, 1944, Weber, 2001:11 [1947]) que era praticado sem limites éticos ou morais que estivessem alinhados com as leis existentes.

governo, não paga prefeito, não paga nada, então eles acham que pá, o que nós levanta aqui é nosso mesmo, vamos lutar contra a polícia, pá, eles não quer legalizar nós então faz um trabalho pá arranjar o dinheiro necessário que eles querem. [É... Gostariam de ser legalizados, é isso?] Não. É um bagulho assim, né? Eles acham que não tem como arrumar emprego fácil, então, eles como, eles mesmo fazem o seu emprego, igual tem: tem o dono, tem o gerente, aqui tem... tem o dono, tem o gerente, tem o vapor, que vende, então é vendedor, pá, tem os que fica só olhando os polícia, igual aqui, não tem também o vigia ali, a diretora, a supervisora, os técnicos, cada um vai baixando um nível, sempre vai baixando cada um e vai aumentando cada um igual na favela tio, todo trabalho tem o patrão, tem o de frente¹⁵⁰ e tem o que? Tem o principal, que é o conteúdo pra vender, que faz o dinheiro deles

Wellington

Este adolescente lembrou também de outro aspecto importante para que possa ser considerado como um trabalho. Organização. Para ele o tráfico é bem organizado, com uma contabilidade eficiente, e com pagamentos feitos sem maiores problemas, conforme relatou:

Igual no tráfico, nada tu faz de graça, tudo: ‘ó, o pagamento é tal, toda semana’. Tudo vem certinho: ‘ó tudo anotado’, igual na boca: ‘ó não sei quantas cargas’. Anotado, ‘dá o dinheiro pra não sei quem’. Anotado. Tudo tem anotações, então é tipo um trabalho mesmo. Tem que ter muita responsabilidade, se o cara te der aquilo ali, tem que devolver aquilo certinho pro cara.

Wellington

Em relação à resposta de Ronaldo (p.132, grifado), vemos que mesmo este jovem de 14 anos que se diz não envolvido acaba dando um importante sinal de que participava de alguma forma do esquema do tráfico, ficando para ver (a chegada de inimigos) e avisando os outros (traficantes). O final da primeira frase de sua resposta “eles (os traficantes) fazem isso (o controle e a guerra) para muitos não morrer”, deve ser tomado como um analisador, pois indica – tanto se olharmos sob a ótica thompsoniana das mensagens ideológicas, e mesmo da propaganda ideológica, como pela ótica da análise institucional – uma importante subversão da realidade. É veiculada uma mensagem segundo a qual a mortalidade por armas de fogo deve ser atribuída apenas aos outros, sejam eles policiais ou “alemão”. Eximem-se assim da autoria da constante produção de cadáveres, outorgando-se ainda a função de protetores da

¹⁵⁰ O *frente* é o que fica de frente em um morro, responsável por aquela área e tendo um dono por trás, que às vezes está preso.

vida e da comunidade. Lembremos que sempre que alguma “bala perdida” atinge algum morador, todos apressam-se em dizer que a bala veio da polícia¹⁵¹

VI.3.3. AMIGOS E REDE: AMIGO MESMO, SÓ DEUS

Amigo, (...) tem não tio. Tipo assim, amigo que eu tenho, tá ligado? É eu. Deus mesmo que me guia. Que, pô, no meio de maluco assim, pra tá comigo agora é mole, é meu amigo, pá, mas depois é foda tio (...) nessa vida ninguém tem amigo.

Diogo

[Quem você procura quando precisa de ajuda?] “*Ah, eu procuro a Deus. [A Deus?] Falo com Deus*”.

Wellington

Aqui deparamos com outra regularidade no relato dos jovens, ao dizerem que não têm amigos, mas sim colegas. A possibilidade de confiar ou não determina como o outro será chamado: o amigo é aquele em quem você pode confiar, o que já não é possível com o colega com quem se pode jogar conversa fora, divertir-se, mas nunca abrir-se e falar da vida com sinceridade.

Dois entre os cinco jovens (Wellington, Diogo) citaram Deus como único amigo deles, como alguém em quem podiam confiar; e que não iria traí-los. Wellington foi categórico neste ponto: “[Você tem amigos?] *Não... Meu único amigo é Deus. Único que conta é Deus*”. Falou também que os outros adolescentes são apenas colegas, só para se distrair mesmo, que se fosse pensar que são amigos, ocorreria a traição.

¹⁵¹ Alguns autores, como Barcellos (2003) relataram o uso pelos traficantes dos altos falantes das associações de moradores para comunicarem-se com a comunidade. Este trabalho mostrará outras formas utilizadas pelos traficantes para manterem o controle ideológico sobre os moradores, como a prática de vestir os (moradores) que vão executar com fardas da polícia, para que os outros moradores não percebam o que está acontecendo e não passem a fazer algum tipo de oposição (mesmo que pela diminuição da convivência, pelo muro de silêncio, por exemplo) a eles.

A resposta de Wellington destacou-se no conjunto como original e profunda. Ele dissertou sobre a particularidade do relacionamento com cada um, dizendo que a relação variava de colega para colega: dependendo do temperamento, da personalidade de cada um:

[Como é a relação com os amigos?] *Cada um é uma relação, cada um tem um sentimento, né? Com uma pessoa você pode se dar bem, com outra você já não se dá, que se fosse tudo mundo igual, né? Todo mundo, não ia ter como ter um errado, um certo, um com um defeito, outro sem um defeito. Então cada relação com um é uma, né? Com um é mais carinhosa, com outro já é uma relação mais agressiva, pra não dar muita confiança. E assim vai indo. Mas aquela coisa de amizade mesmo, de parceiro mesmo, que nunca vai te trair, às vezes tu tá, tu pensa que o cara é teu amigo mesmo: ‘pá é meu amigo mesmo, pá, meu braço’, e ele mesmo tá, tipo como? Te queimando por trás, pá. Diz que é amigo, mas na hora que menos (espera) vira as costas pra tu. Quando tu mais precisa dá as costas.*

Wellington

Indagado sobre o que gosta de fazer com os amigos (colegas) convergiu com as preferências da maioria dos outros adolescentes: conversar sobre futebol, sobre mulher, armas¹⁵². Vejamos seu relato sobre como comentavam entre eles o dia-a-dia dos acontecimentos da localidade e do mundo:

[Sobre o que mais gosta de conversar?] *Gostava mais de conversar de mulher... De futebol, bagulho de filme, arma, nós conversava sobre esse bagulho mesmo, na minha comunidade era assim, conversava vários bagulhos sobre arma, futebol, o que acontecia num dia, no outro nós tava conversando: ‘pá caramba, tu viu?’ No dia que derrubaram as torres gêmeas: ‘Alá maluco, sabe como? Derrubaram as torres gêmeas.’ O que que tinha pra nós conversar no momento que acontecia nós tava conversando.*

Wellington

Em relação ao que gostavam de fazer juntos, disseram todos gostar de conversar. Dois deles mencionaram jogar bola. Mencionaram ainda andar de moto, ir à cachoeira, e Ronaldo disse gostar de brincar, conversar sobre as coisas pelas quais cada um já passou. Este adolescente chegou a afirmar que não tinha relação com os outros, mas que ninguém podia ficar isolado. Pontuou que sempre tem aquele que estraga os momentos que estavam sendo agradáveis, aquele que vai meter-se na conversa, vai zoar, agredir, dentre outras atitudes negativas. Outro afirmou gostar de “dar rolé, curtir baile” e ser conhecido e bem recebido em

¹⁵² Só ele mencionou este tema de conversa.

todo lugar (devido a um esporte que praticava). Este adolescente disse que na relação entre eles tem que ter respeito, que não podia ficar xingando a mãe, nem abusar. Não soube dizer, porém, se os colegas exercem influência sobre ele.

Sobre a importância dos amigos, Wellington respondeu:

Aã, importância sempre tem né? Tipo tu ter uma pessoa pra tu como... Se distrair, e se importar mais com o que tu vai falar assim com as pessoas... Uma amizade, pô, uma amizade mesmo tu se importa mesmo com sua vida pô. Se aconteceu algum bagulho de mau com ele, tu vai lá e como? Dá um conselho pra ele, pá que tem amizade que como? Nada, é meu amigo, mas como nós mal se fala, ele pra lá e eu pra cá e esse bagulho dele também, mas tu também se envolve, lá na favela também era assim, às vezes falava contigo, mas , ah, vô nem se importar, né? Tá fazendo aí o que ele sabe o que ele quer pra ele. Muita gente falava pra mim: 'é contigo mesmo, pá.'

Wellington

Foi significativo que, embora as falas mostrassem que eles sabiam bem o que é ser amigo e o que é ter um amigo, a realidade parecia não permitir que este tipo de relacionamento positivo e franco se concretizasse.

Vitor disse ser possível saber se o cara é amigo ou não, através da observação de como ele lida com drogas e comida. Disse que poucos faziam como ele já fez várias vezes, de deixar de comprar uma droga para comprar e dividir um lanche com o amigo:

Hoje em dia eu falo que não tenho amigo, (...)... Tenho colega, não posso considerar como amigo, que hoje em dia ninguém tem amigo; tenho, mas são poucos, são poucos os que te ajudam, porque eu acho que é o seguinte na hora de tu chegar (...) e se tu chegar e perguntar pra ele 'pô, em vez de tu comprar uma maconha, por que tu não compra um lanche aí pra mim comer?' Vai deixar de fumar a droga dele para poder comprar alguma coisa pra outros comerem?¹⁵³

Ronaldo demonstrou ter uma postura semelhante à Vitor neste campo:

Não (não tem amigos). Brinco, converso, só que amigo mesmo... Eu sei porque todo mundo tem maldade. [Todo mundo tem maldade?] Não tem ninguém que vai fazer assim: por

¹⁵³ Significativo pelo valor simbólico dos elementos comparados. Um, a droga, simbolizando um prazer supérfluo, individual e egoísta. Do outro lado, a comida, representando aquilo de mais básico, mais necessário e imprescindível para a sobrevivência, e que ao ser compartilhada representa a preocupação com a sobrevivência e o bem-estar do outro.

exemplo, você está precisando de um negócio pra comprar. Aí ninguém tem, agora, quando você tem todo mundo deita em cima.

Retomando as reflexões de Diogo, podemos dizer que ele é um dos que mostrou reconhecer a influência dos amigos, ou dos colegas sobre as escolhas: “*influenciar influencia, né. (...) foi o que eu tava falando com o senhor, o caso lá de São Félix, eu tava no abrigo, mas sempre eu ia na casa de neguinho, jogando bola, filava uns churrascos, pá, aí acabou... me revoltando, tio*”. Acabou revoltando-se ao ver seus colegas que estavam envolvidos ganhando muito dinheiro enquanto ele nada ganhava.

Estas influências somaram-se ao pedido de sua namorada de então que embora soubesse que ele não tinha dinheiro, insistia em ser presenteada por ele, sendo motivadores importantes em direção da sua decisão de buscar caminhos fora da legalidade:

Pô chegou um dia que me agoniou, ela chegou assim pra mim e falou: ‘pô Diogo, já vai fazer três meses que nós tá namorando e tu ainda não me deu nada’, aí aquilo bateu na minha cabeça, fiquei sem graçaõ, (...) aí a mina foi pra casa, aí quando ela foi pra casa eu não conseguia tirar isso da cabeça. Aí, pra completar, eu com aquilo na cabeça, eu já conhecia uns malucos que morava num morro chamado Morro do Castelo. Aí acabei de indo, né sabe como é que é? Bagulho de você ir pra comunidade, voltar, aí eu ia pra casa dos meus amigos e voltava pro abrigo (repete) sabe como é que é né bagulho de ir, você colar com os caras que você conhecia, fazer vários conchavos, aí eu dei mole, rodei, rodei...

Diogo (grifos nossos)

Este adolescente ainda trouxe um relato que demonstra como comportamentos e atitudes machistas – e mesmo o hipermachistas – são praticamente exigidos como ferramentas de sociabilidade, passe de entrada para muitos grupos de rapazes:

É outra história, tio, homem é foda tio, tipo assim já tá ligado? Tipo como? ‘Sou homem, pá, não tem mais essa história’, mas na nossa idade ainda acaba tipo como: o cara comeu a mulher, no outro dia tá na roda de amigos: ‘panhei aquela mina, aí, pô aquela mina é foda, aquela mina é de matar, meu irmão’.

No momento da entrevista ele demonstrou ter uma opinião contrária a este tipo de comportamento: “*O cara ali (que relata suas aventuras sexuais) não tá sendo sujeito homem*”. Porém, aquele que está sempre na roda de colegas e é perguntado sobre suas histórias com mulheres e nunca conta nada acaba virando motivo de chacota, deixando pouca alternativa a outros comportamentos.

Ainda dentro da rede de amigos, ou colegas, as informações sobre sexo, Diogo relata tê-las aprendido em grande parte com eles. Percebemos desta forma que o próprio aprendizado sobre sexo tem grande probabilidade de acontecer em um ambiente altamente machista e coercitivo em relação à cobrança do exercício deste (machismo), contribuindo para a manutenção dos estereótipos de gênero.

Em relação à rede de sociabilidade e apoio com que os jovens contam, podemos dizer que eles estão em sua maioria mais sós que acompanhados. Dois deles disseram recorrer a Deus quando precisam de ajuda. Em segundo lugar, um deles falou, recorreria à mãe. Outro jovem disse que pediria a ajuda a quem tivessem maior possibilidade de ajudá-lo. Ronaldo disse que recorreria ao monitor do estabelecimento, enquanto o último, Theo, disse que contava com sua avó em primeiro lugar e secundariamente com sua técnica, a única em quem disse confiar.

Observando as vidas de cada um dos adolescentes, vimos logo que um deles destacava-se, por ter tido uma rede de relações sociais e afetos potencialmente promissora. Tratava-se de Vitor, que começou a fazer parte de uma rede para ajudar outros que precisavam mais que ele. Vitor é alto, tem ombros largos, destacando-se também fisicamente entre os demais adolescentes. Tinha facilidade para tornar-se referência para os jovens. Embora não seja algo consolidado, ele relatou sentir responsabilidade em relação aos que estão abandonados como um dia ele foi. Acabou situando-se no meio de uma rede onde sua tia (diretora do orfanato) servia de exemplo de dedicação e de luta para ele e ele acabava se tornando exemplo para as crianças de quem cuidavam.

No entanto oscilava entre uma liderança positiva, quando procurava ajudar os outros e uma negativa quando encarnava a referência para o “outro caminho” como na ocasião em que evadiram do abrigo para roubar o som de um carro, chegando a montar um plano de fuga para sair do local de privação de liberdade onde foram parar, após serem pegos pela polícia.

Vitor afirmou que quando ele precisava de ajuda ele procurava quem considerava que teria possibilidade para tal, podendo ser a diretora do abrigo, a equipe técnica. Com relação à rede de relações, ele mostrou-se muito descrente, dizendo que tal rede funcionava em grande parte por interesse, em percepção bastante parecida com a de Ronaldo:

Quer dizer, nisso aí pô, tendo uma coisa que ninguém tinha, pô. ‘O Vitor tem aquilo...’. Se você tem um dinheiro, todo mundo é teu amigo, agora, se você não tem um real no bolso, pede pros outros, pede pra pagar uma coisa, ninguém paga; você vê, Pô, tá com dinheiro no

bolso vem aquele monte de gente... ‘Não, o Vitor é meu amigo, pede pro Vitor, pá...’ [Entendi] aquilo outro...é nisso que eles aproveitavam (...).

Eu via (eles) namorando, eu não tinha uma namorada: ‘Pô, eu também quero ter uma namorada dessas também, também quero fazer o que eles fazem também; foi aí que eu comecei a desenvolver esse outro lado também, de namoro, de já ter compromisso, tanto é que eu sou um cara que me apego muito às pessoas, ainda mais as pessoas que convivem ao meu redor, eu me apego muito às pessoas.

Vitor

Coincidindo com a resposta dos demais adolescentes, Diogo afirmou que recorria a Deus quando precisava de ajuda. Admitiu, porém, que, secundariamente, recorria a sua mãe: “[você estiver precisando de ajuda, quem você procura?] *Primeiramente a Deus, segundo, dou um papo na minha mãe.*”

Theo afirmou que contava com o apoio da avó: “*Pra minha avó, peço ajuda para minha avó (...)* [Para quem você pede ajuda dentro da casa] *Para minha técnica, é a única que me escuta*”.

Estabeleceu, por outro lado forte pareceria com outro adolescente do abrigo ao descobrir que atuaram praticamente juntos no tráfico, conhecendo-se pelos vulgos (apelidos). Um então passou a cuidar do outro, mesmo que ao modo deles:

(...) aí o Aldo olhou pra mim eu olhei pra ele, eu era regadão¹⁵⁴ aí não sei o que lá, foi quando ele falou: ‘tu plantava onde?’ Aí eu ‘plantava lá, era da Varginha (ou algo assim). Aí ele: ‘qual era o seu vulgo lá?’ Tinho, Tinho lá da Seara (...) Tinho lá da Seara. Aí pô: ‘Tu era o Tinho cara¹⁵⁵!’? Aí eu: ‘é claro que sou’ aí ele: ‘sabe quem eu sou?’ ‘Não’ ‘pô eu sou o Breu cara’ aí pô, depois que eu (lembrei) foi... Que eu já tinha falado com o Breu no telefone, mas só que eu não sabia quem era (no período em que estavam ambos no tráfico). [?] Aldo era o Breu e eu era o Tinho. Pô depois desse dia eu e o Aldo nós era apegado, nós só vivia apegado um com o outro, aí depois desse dia nós começamo a se apegar mais a ter mais confiança um no outro. [Aldo está querendo mudar de vida também?] Tá ele tá lá no Catete, tá estudando lá começando a trabalhar [?] aí ele também não deixava não cara, eu ficava bolado assim, dizia que ia pulá, voltá pro morro. Ele não deixava não deixava pular não,

¹⁵⁴ Gíria muito usada no tráfico e indica situação de abundância de coisas materiais, em especial, dinheiro.

¹⁵⁵ Theo pareceu querer destacar o quão impressionado Aldo ficou ao saber que ele era esta personagem do tráfico. O modo de Theo narrar a reação do colega indica que este ficou não só surpreso como impressionado com a revelação. E a forma como Theo contou a reação de Aldo nos deixa ver a satisfação, que pode estar bem no nível do ganho secundário, em ver o espanto do colega, provavelmente pelo fato da personagem Tinho ser falada como figura forte, talvez impiedosa, que *fez nome* no tráfico local.

falava que se eu pulasse, ele ia pular atrás de mim e quebrar minhas duas pernas [Você acha que Aldo ia fazer isso mesmo?] (Eu) nem tentava a sorte, do jeito que ele é... Coração de bandido é na sola do pé, tio¹⁵⁶.

Theo e entrevistador

Wellington também disse recorrer a Deus quando precisava de ajuda, que era sua uma forma de dizer que estava só neste mundo, contando apenas consigo. Contribuíam para seu isolamento as dificuldades de longa data com o pai e as agressões de traficantes contra sua família: a ameaça de morte feita ao pai e a surra dada em seu irmão.

Ronaldo mostrou-se também bastante isolado, respondendo que recorria ao monitor do abrigo quando precisava de ajuda. Demonstrou ter grande dificuldade de estabelecer outras redes devido ao preconceito, do qual se dizia vítima, como ocorreu em relação ao colégio.

A sociabilidade e a rede de relações conformam um dos eixos centrais utilizados por Castel para explicar o mecanismo de desfiliação, uma progressiva exclusão social levando ao isolamento. O reconhecimento dos próprios jovens de que estão cercados por colegas e não por amigos permitirá compreender adiante como podem estar isolados se parecem estar adequadamente sociabilizados, conhecendo e interagindo com vários outros adolescentes. Destacamos aqui o relacionamento entre Theo e Aldo, que, se tinha a marca da impossibilidade de plena confiança na época do tráfico, quando foi retomado no abrigo mostrou que podia assumir a qualidade de real amizade e solidariedade entre os dois, mesmo que sob ameaça de violências.

Com relação a inimizades e dificuldades de relacionamentos, três deles disseram não ter dificuldades de relacionamento especificamente com ninguém. Neste sentido, Vitor disse ser um cara tranquilo que até seria capaz de se aborrecer, xingar, mas que depois se acalmava, pediria desculpas, sem guardar mágoa de ninguém. Diogo disse que não tem pessoas com quem tem dificuldades de se relacionar, mas quando foi lembrado pelo entrevistador, concordou que não se dava bem com algumas tias e com o padrasto. Theo também disse se dar bem com todos. Contou ter sido avisado por seu tio que passaria por maus bocados no abrigo, podendo até ser vítima de grupo de extermínio, precisando cair nas boas graças de alguém para ficar protegido. Descobriu, porém, que não era nada disso, que podia brincar com todo mundo lá e “estava na boa”. Já no caso de Wellington o problema era com seu próprio pai: “*Só tenho dificuldade de me relacionar com meu pai porque acho que não bate comigo*

¹⁵⁶ Um exemplo de real solidariedade entre eles, mesmo que se operacionalizando de forma violenta. E a seguir o reconhecimento de que o amigo é bandido, ao mencionar o coração na sola do pé.

não o gênio dele não, acho que o gênio dele é forte e o meu também, não consigo me relacionar bem com ele mesmo.” Para Ronaldo suas dificuldades de relacionar-se estavam ligadas ao preconceito contra ele que percebia existir contra ele.

VI.3.4. DEIXANDO DE SER CRIANÇA

[Vitor, pra você, quando é que... Quando você acha que um menino deixa de ser criança?] A partir desde o momento que ele, ele no próprio convívio dele, ele vai desenvolvendo, ele vai vendo que não já é mais criança, ele vai..., como no meu caso, eu peguei quatro anos de Abrigo, eu perdi a minha criança eu tinha dois anos de idade, foi quando eu comecei colocando maldade na mente, fui crescendo com aquilo ali...

Vitor

O que aconteceu com Vitor aos dois anos de idade, quando teria perdido a sua criança, não sabemos ao certo, pois esta importante informação passou despercebida pelo entrevistador, que só entendeu claramente a frase no momento de transcrição. Podemos, porém, supor que esse algo terrível, capaz de fazer com que um ser humano ainda bebê, perca sua inocência, seja algo violento, possivelmente ligado aos conflitos, brigas físicas e negligência entre seus pais.

Em relação ao processo de transição da infância para a adolescência, Vitor deixou claro que se deu em um ambiente determinado, cercado por pessoas ligadas a atividades ilegais, pessoas que chama de “já convividas”, o que ilustra de forma clara uma das idéias levantadas por essa pesquisa, que é como o ambiente, as pessoas, enfim, como algo que podemos chamar de um caldo de cultura intimamente ligado ao tráfico de drogas e ao crime organizado influencia o rumo do bebê, dos pais do bebê, da criança, do adolescentes que nele estão imersos, ou próximos. Prosseguimos com as palavras de Vitor:

(...) fui criado no meio de pessoas que já eram convividas, já tinham experiência... [Já tinham convivido, experiência do que, do tráfico?] É, que era convívio do tráfico, já tinham

*envolvimento no tráfico, e já tinham, tinham parado*¹⁵⁷, e sempre no caso que... Pegavam, alguém falava alguma coisa eles berrava aquilo (...) aí ficava com aquilo na minha cabeça.

Vemos então que a resposta de Vitor à pergunta encaminhou-se pela via da autopercepção da criança de que algo mudou nela, e, no caso dele, estas mudanças estavam ligadas ao grupo de pessoas com quem convivia.

Para situar primeiro como era a vida deles na favela, pedimos que relatassem aquilo de que mais gostavam e do que menos gostavam deste período de infância e transição para adolescência¹⁵⁸. Entre as coisas boas prevaleceu o futebol, escolhido por pelo menos três dos jovens como a atividade preferida. Outras atividades mencionadas foram estar com os colegas, conversar sobre mulheres, brincar com o irmão (embora o padrasto de Ronaldo o impedisse), freqüentar as festas, brincar. Vitor falou ainda da praia, que gostava de ir à praia. Falou de sua admiração pelo trabalho de sua tia, de acolher crianças órfãs, ele mesmo ajudando neste trabalho. Wellington listou dentre as coisas que mais apreciava o espaço geográfico em si: “*Aã, de tá lá, brincar, assim do local mesmo da comunidade onde eu morava, o que eu mais gostava era de lá mesmo*”.

Por outro lado, pelo menos três deles descreveram fatos e processos ligados à ação dos comandos e de grupos de traficantes como aquilo de que menos gostavam. O único que falou algo mais prosaico, não relacionado ao tráfico de drogas, embora também violento, foi Ronaldo, que não gostava de ter que acordar muito cedo para levar os irmãos ao colégio. Violento porque parecia ser explorado pela família, em especial pelo padrasto.

E como eles viam o processo de deixar de ser criança? Para três dos adolescentes entrevistados significava passar a ter responsabilidade, sendo apresentadas situações diferentes para ilustrar este processo: Diogo falou em enfrentar as situações de peito aberto, enquanto Ronaldo mencionou refazer, reparar aquilo que fez errado. A responsabilidade que Theo via nesta passagem, ele a associou a ter uma profissão, fazer menos bagunça e gerenciar de forma mais organizada o tempo. Por fim, apesar de não ter sido perguntado especificamente a Wellington¹⁵⁹, este disse que deixou de fazer parte do mundo das “outras crianças” quando era ainda novo, com seis, sete anos, aproximando-se da resposta de Vitor:

Eu já cresci no meio (do tráfico) e tal, dono mandava: ‘vai ali comprar uma linha, pá’, soltava pipa junto dos bandidos, ficava jogando bola lá, ficava lá vendo, pegava vários

¹⁵⁷ Não entendi o que tinham parado.

¹⁵⁸ Embora esta pergunta pareça já ter sido feita, não foi. A pergunta anterior indagava como eles eram em grupo de amigos. Indagava especificamente sobre o que gostavam de fazer com os amigos em VI.3.3.

¹⁵⁹ Por falha do entrevistador.

bagulhos e já fui, como? Mais crescendo com a mente, tipo não tava no mesmo mundo que as outras crianças, já tava num mundo diferente...

Wellington

Retomando agora a visão de Diogo em suas próprias palavras: “(Deixa de ser criança) *desde quando o cara,... A atitude dele, o jeito dele, tá ligado? Tipo assim, de encarar a situação, de não sair correndo, como criança. Encarar de peito aberto: ‘vamo desenrolar, pá, pum’, aí sim o cara passa a ser sujeito homem, sujeito de palavra.*”

Enquanto Theo, como vimos, remeteu a passagem a adolescente ao mundo do trabalho:

(...) quando ele começa a ter mais responsabilidade por si... Deixa de ser criança assim quando ele vai, tá numa profissão assim, tá numa profissão, é mais quieto não fica fazendo algazarra, fica assim zoando, sempre procura tirar, separa um tempo tudo, estudar, brincar, reclamar.

Theo

Por fim temos o depoimento de Ronaldo em que ele pareceu repetir frases que provavelmente já foram faladas para ele por algum adulto, como que tem que ‘parar de ficar de brincadeira’:

[Quando você acha que um menino deixa de ser criança?] *Desde quando ele cria responsabilidade (se interrompe) Desde quando ele faz uma coisa e tem que (se interrompe) se ele faz uma coisa errada assim ele vai ter que, se ele sabe fazer uma coisa errada, aí ele também vai ter que saber parar de ficar de brincadeira... Ele tem que saber consertar a coisa errada que ele fez.*

Ronaldo

Ronaldo foi pressionado a deixar de ser criança ao imputarem-lhe tarefas que deveriam caber a adultos, como a de levar os irmãos ao colégio. Deparamos com um exemplo da difícil situação descrita na parte introdutória deste trabalho, onde ambos os pais ou responsáveis ausentavam-se do ambiente familiar diariamente e por períodos prolongados.

Principalmente no relato de Ronaldo percebemos como a marca da personalidade de cada um manifesta-se de modo coerente em relação a diferentes assuntos. Ronaldo apresentava baixa auto-estima, o que não parecia aplicar-se a Diogo. Neste sentido ao falarem da mesma transição dão encaminhamento opostos, o primeiro com o viés negativo de que vai errar e vai ter que consertar a besteira que fez, enquanto o segundo, de modo positivo,

destacando a assertividade de encarar o mundo, sem receios de sair para o mundo com os recursos que tem para ir resolvendo as situações e eventuais conflitos. E um terceiro, Theo, já associou também de forma diferente, correlacionando a responsabilidade inerente a esta passagem ao mundo do trabalho.

VI.3.5. ADOLESCÊNCIA: CATALISA-DOR

Adolescência? Ah, nem eu sei, pra mim mesmo cara, eu com 17 anos, pra mim eu não pareço um adolescente. [*Com que você acha que se parece?*] Ah um adulto já, cara, porque, adolescente, adolescente pô que já vai pra vida do crime não é adolescente cara, não é, cara...

Theo

Adolescência. Vemos aqui a ação de um poderoso – e potencialmente perigoso¹⁶⁰ – elemento compondo o complexo processo de desenvolvimento de cada pessoa. Apenas por ser a fase da transição da socialização primária, ligada às figuras dos pais, para a socialização secundária, quando o jovem liga-se horizontalmente aos pares, nos termos de Berger e Luckman (1967), já seria suficiente a ilustrar seu dinamismo.

Cremos que dentro do contexto estudado, pelo que temos visto das histórias de vida difíceis, com a existência de maus tratos, fome, falta de liberdade, negligência, e impossibilidade de consumir como tantos outros adolescentes, com maiores recursos financeiros, fazem, a entrada nesta fase pode ter um efeito explosivo e traduzir-se na eclosão de intensa revolta que vem carregada e alimentada por todos os sofrimentos e privações anteriores, como um catalisador que dispara a reação química de determinada mistura que traz elementos originais já bastante explosivos. Processo que *catalisa* a dor experimentada nos anos iniciais, fundantes para a constituição da personalidade das pessoas amalgamando-a à dor do presente:

¹⁶⁰ Principalmente por ser o período mais propício às atuações, que ocorrem quando o jovem, impossibilitado de verbalizar sentimentos acaba atuando-os, expressando-se através de ações, muitas vezes carregadas de agressividade (sobre atuações e agressividade, ver, por exemplo, Winnicott, 1984).

[Por que será que alguns jovens se envolvem com o tráfico e outros não?] (...) *não tem, pô uns são, outros não, uns são ricos, outros são pobre, outros são do tráfico, outros são trabalhador, uns estudam em escola particular, outros estudam em escola pública, cada um tem seu sentido, né, a diferença das classe, diferença de perturbar o pensamento, diferença na educação que os pais deu quando era bem pequeno. Isso vem tudo da adolescência e da família também, né? Eu acho que eu não me envolvi por causa da família, me envolvi mais por causa de... tipo, já tem um ódio mesmo, né? Tudo que meu pai fazia comigo e eu nada, pô.*

Wellington

Embora Wellington não tenha definido especificamente o que é para ele a adolescência, podemos ver que ele atribui a esta fase da vida importância estrutural na formação do ser humano ao dizer que tudo vem da adolescência e da família. Sua análise, no entanto, é mais abrangente e inclui a desigualdade em vários aspectos, como elementos sociais, culturais e familiares, demonstrando afinada sensibilidade, que o possibilita ver além de sua situação particular, o que vemos como um facilitador na criação de possibilidades de mudança. Possibilidade de sair de um lugar para onde uma série de contingências o empurrava. A possibilidade de ser, em certa medida sujeito ativo em sua vida ao invés de estar sujeitado a tais contingências¹⁶¹ e atravessamentos.

Wellington associou ainda a adolescência à vulnerabilidade de poder ser facilmente induzido por outros a fazer coisas que talvez o jovem não fizesse estando só, ou sob influências mais positivas.

Dois dos jovens associaram a adolescência a muita dificuldade. Um destes, Vitor, disse que dava também muito trabalho ser adolescente:

[E que é a adolescência para você?] *Adolescência? Adolescência é uma fase muito difícil, acho que essa fase da adolescência é a fase que dá mais trabalho. Porque o adolescente faz o que não deve, faz... Poucos fazem o que devem e muitos fazem o que não deve, entendeu? [Hum hum] E daí, dá-se que a maioria que faz o que não deve já parte pruma pior, e já completam de maior (18 anos) e vão fazendo mais uns crimes, então eu acho que não leva a lugar nenhum; então facilita você panhar o rumo certo aqui dentro (do abrigo).*

¹⁶¹ Follow-up informal em relação ao percurso dos jovens após as entrevistas mostrou ser ele o que concretamente estava sustentando mudanças em sua vida, mesmo que por vezes precisasse caminhar por mais de dez quilômetros, por não ter dinheiro para passagem.

O outro a ver a adolescência como uma fase difícil foi Diogo que afirmou ser esta uma fase sinistra, que exige encarar muitos obstáculos:

(Primeiro ele ri diante da pergunta, para em seguida responder) *É uma fase... Sinistra.* [Sinistra?] *Sinistra...* [Por quê? Quer falar mais um pouco sobre isso? Por que você acha sinistra essa fase?] *Mulher, sexo, drogas, é uma fase difícil pra caramba. É onde entra droga e dinheiro. É o que mais fala.*

Diogo e entrevistador (grifos nossos)

Tanto Theo como Ronaldo responderam à pergunta sobre o que é adolescência tomando a si próprios como referência. Neste sentido, vemos nas palavras de Theo que abrem esta sessão que ele considera impossível ser criança ou adolescente tendo entrado para a vida do crime. Este processo produziria, dentre outros, o efeito de lançar a criança ou o adolescente de imediato ao mundo adulto, não podendo ter uma série de comportamentos e atitudes características destas fases, não podendo, por exemplo, errar. Isso faz com que o que poderia ser apenas uma travessura de criança ou uma atuação adolescente (no sentido psicanalítico) ganhe proporções potencialmente catastróficas para eles e para os que os cercam, causando em última instância a supressão destas fases que são estruturantes do futuro adulto.

Destacamos como Diogo está surpreendentemente consciente de como nesta fase o adolescente depara com uma série de *coisas* que o invadem de uma forma avassaladora. É desta invasão que ele falava. E a sua clareza e consciência em relação a isso advêm do fato de já ter sofrido esta invasão e por ela quase ter morrido. Mulher, sexo, drogas, dinheiro. Como ele diz: droga e dinheiro, o binômio do tráfico, “é o que mais fala” (ao jovem).

VI.4. AS QUESTÕES DE GÊNERO NO CONTEXTO SOCIAL DOS ENTREVISTADOS

Nesta parte da descrição dos dados percebemos como úteis a uma melhor compreensão dos mesmos, conceitos de diversos autores apresentados no capítulo II deste trabalho, em especial as seções de 4 a 6. Percebemos a força da perpetuação da reprodução de formas simbólicas ideológicas no que concerne às diferenças de gênero, estando os lugares sociais de gênero nitidamente demarcados. São importantes neste campo tanto as contribuições teóricas trazidas por De Lauretis (1987), como por Thompson, (1995). Enquanto a primeira explorou a assimetria entre os gêneros, associando-a à própria desigualdade social, que se reproduz, de modo ideológico, na diferença entre os gêneros, o

segundo contribui adentrando as funções, espaços ocupados e mecanismos de funcionamento das mensagens ideológicas e formas simbólicas, mostrando como estas se processam e colocam-se sempre a serviço da dominação.

Indo um pouco além e procurando tecer articulações preliminares entre os dados e conceitos apresentados, poderíamos dizer que as meninas começam a fazer um movimento de resistência ao seu lugar social demarcado (cf. Anyon, 1984), tentando associar-se aos rapazes nos quais elas julgam poder ler signos de prestígio, status e poder, processo que lhes franquearia livre acesso ao consumo, objeto de desejo quase que universalmente desejado, conforme vimos com Castro (1998). Outras idéias trazidas por esta autora que consideramos relevantes aos fatos narrados pelos jovens é um universo onde os corpos podem servir como objeto de troca ou onde o sexo está inserido em uma busca imediata e inconseqüente pelo prazer, imperando então nestes momentos certo hedonismo.

Outro ponto a ser destacado é a *invisibilidade* a que estão sujeitos os jovens que ficam de fora deste sistema de (pseudo)poder em que começam a ter acesso aos signos de prestígio, status, poder e capacidade de consumir. Estes que ficam fora dessa cadeia parecem condenados ao que Honneth chamou de invisibilidade e falta de reconhecimento, ficando igualmente condenados a não constarem do rol de adolescentes considerados desejáveis por um grupo crescente de garotas, tanto da própria classe, como também, mais recentemente, de outras classes sociais.

VI.4.1. NOTAS PRELIMINARES SOBRE A IDENTIDADE MASCULINA DOS ENTREVISTADOS

Ser homem é tu cumprir com tua responsabilidade, manter o seu dizer, saber respeitar para ser respeitado, saber ouvir, saber falar na hora que tem que falar, saber se impor seu lugar de homem. Ser homem (não¹⁶²) é tu mostrar que é bravo, mostrar que é valente. Ser homem é tu saber conversar com as pessoas com educação, saber dialogar direito, ser

¹⁶² O contexto das idéias que está apresentando demonstra que ele comeu a palavra não. Entendemos a omissão da palavra de duas formas: ou faz parte do modo de falar dos garotos do tráfico onde são extremamente “econômicos”, muitas vezes deixando de falar diversas palavras, como em “(sabe) como?” (o sabe é omitido). A outra possibilidade é entender como um ato falho que demonstra sua própria ambigüidade diante de que postura ele de fato assume aí, encontrando-se em processo de transição entre uma criação machista, de convivência e socialização secundária em um grupo hipermachista e novas percepções mais arejadas.

homem é ter a responsabilidade moral de saber assumir os seus atos na hora que tu errou, na hora que tu acertou.

Wellington

Em um primeiro olhar sobre a identidade masculina dos jovens (sobre o que é ser homem), dois deles, Vitor e Wellington destacaram como elemento mais importante a responsabilidade de responder pelos próprios atos. Outro deles, Diogo, assumiu uma posição semelhante indo pelo caminho da valorização da palavra, segundo o qual ser homem é poder sustentar a palavra empenhada, como veremos adiante. Destacou-se também dentre os pontos de vista apresentados por este adolescente a percepção da existência de uma obrigatoriedade de que o adolescente, para ser reconhecido como homem pelo grupo de pares, tenha garotas, e conte sobre suas “conquistas”. Theo e Diogo associaram imediatamente ser homem a estar trabalhando. Por fim, o mais novo dos adolescentes entrevistados, Ronaldo, fazendo jus a sua idade e à falta de modelos em sua vida, respondeu que não sabia o que era ser homem nos dias de hoje. Vejamos um pouco o que cada um disse.

Quando perguntado sobre o que é ser homem hoje, Vitor mencionou não só a responsabilidade, como fator fundamental, mas também a importância de que houvesse muitos tendo esta mesma postura de responsabilidade, pois juntos podem mudar toda uma instituição:

*Ser homem pra mim hoje em dia? Eu acho, tem muitos que falam que são homem, mas eu acho que na verdade mesmo, são até homem fisicamente, mas na parte de responsabilidade eu acho que não tomam uma atitude certa; já... Já é mais moleque, é mais criança, não têm uma certa responsabilidade, porque, pô, se todo mundo pensasse como... Não é só eu não, como só eu penso, como você pensa, como as técnica pensa em pensar em mudar mais um pouquinho, em ter mais responsabilidade, pô, o Gomes Freire vai ser o melhor abrigo que tem, cara, mas assim não, nego, pô, toma atitude de moleque, de criança, de moleque de rua...*¹⁶³

Vitor

¹⁶³ É a proposta de um pacto de responsabilidade e confiabilidade que faria do abrigo em que se encontravam, além do melhor abrigo, uma casa em que poderiam confiar. Faz evocar – e por que não ser um pouco utópico? – o sonho de John Lennon de sonhar e de fato, com todos sonhando juntos, ter um mundo melhor.

Um pouco adiante este jovem deu um claro exemplo do que, para ele, significava não ser homem, referindo à incapacidade de os jovens adiarem um prazer imediato, com vistas a ganhos no futuro:

(...) compra cola, fica cheirando cola na garrafa; isso não é atitude de homem, que homem mermo, que já tem barba na cara, que já pensa, o cara vai e fala: ‘pra que que eu vou me estragá? Em vez de eu pegar esse dinheiro e comprar isso, vou pegar esse dinheiro, vou guardar pra mim poder usar mais na frente, numa coisa que eu sei que vai ser de utilidade’.

Vitor

Quando perguntado pelo entrevistador sobre como ele pensava que a forma do homem relacionar-se com as meninas, com as mulheres, faz parte de ser homem, ele deu uma resposta que apontou para uma posição eqüitativa em seu modo de ver as relações de gênero, criticando os homens que se gabam e se consideram “muito homem” por estarem saindo com esta ou aquela garota:

Ah, porque muitos falam que tão indo pelo prazer né; falam: ‘Não! É porque eu sou homem, eu sou homem’. Deita com a mulher, mas é homem da boca pra fora, fala que é homem só porque tá panhando uma mulher, tá tendo uma relação, tá ali, tá brincando ca mulher, é homem, mas isso aí muitos falam só, mas na hora de eles assumir a responsabilidade: ‘Não, porque num sei o que...’ Eu acho seguinte: que se vai fazer aquilo, tá consciente do que vai fazer; vai; tem uma relação sem camisinha, tá arriscado você pegar uma doença, tá arriscado você botar HIV na garota, aí se acontece isso, você fica numa posição: como que você vai assumir? Aí quer dizer... Você vai abortar a criança? Vai ter que tirar a vida de uma criança e não deu nem condição de nascer a criança?

Vitor

Diogo aproximou-se também da idéia de associar ser homem a ter responsabilidade ao dizer que ser homem é ter uma palavra e ser direto e objetivo, sem mandar recado, falando direto¹⁶⁴:

Diria que, porra, ser sujeito homem agora, tá ligado? Porra, minha palavra, o que eu falo passa a valer mais, tá ligado? Mais que um simples recado, tá ligado? (...) já como sujeito

¹⁶⁴ Uma das expressões centrais em seu vocabulário próprio, que parece quase um dialeto é “dar um papo reto e direto” que é uma perfeita síntese da postura apresentada por ele, que os leva a “desenrolar” (resolver, normalmente conversando primeiro) qualquer situação, mesmo que com desfechos frequentemente violentos.

homem, sabe como? E não mais como sujeito moleque ou criança. Personalidade também, ganha moral, essas paradas.

Diogo

Proporcionou-nos a seguir um exemplo significativo do que consideramos como machismo discriminatório ao falar de sua futura família, descrevendo como ele agiria na criação de uma filha que ele viesse a ter no futuro. Ele como “sujeito homem” informou que agiria de um jeito com as filhas de outros homens, porém, como pai, pretendia agir de modo a evitar que sua filha se relacionasse com outros rapazes como ele. Deixou claro assim que ele não gostaria que fizessem com uma filha dele as “maldades” feitas por ele às filhas de outros homens, reconhecendo não ter sido algo bom para elas:

(...) vai começar a me dar dor de cabeça, vai começar a andar com amiguinhas, e pôxa, o bagulho vai me deixar “cabuloso”¹⁶⁵, e eu como pai, e sujeito homem também, pôxa, eu já fiz várias maldades com as filhas dos outros também, não vou querer que vagabundo faça com a minha. E aí eu vou querer prender ela enquanto ela morar comigo, pô. Não vou deixar ela solta não. O que eu fiz com a filha dos outros não vou querer que façam com a minha: vou fazer igual, trancar ela no quarto.

Diogo

Para as filhas daria este tratamento e para os filhos homens grande liberdade, sem proibições, apenas dando conselhos e orientando-os:

[E como vai ser em relação ao filho?] Vou dar conselho, que não adianta prender filho homem, não adianta, chega mais tarde o moleque sempre arruma um jeito de sair. Filho homem eu vou chegar e dar um papo, ó: ‘tá vendo aquele sujeito ali? Não cola que ele vai te levar pra furada. Não anda com Sicrano que só vai te trazer merda. Quer ir, quer voltar, então saiba voltar, não volte drogado, a ponto de vender as parada pra dentro de casa’, tá ligado tio? Mulher, prender; homem, vou dar mais conselho. [Ao prender a filha, não pode também o tiro sair pela culatra? Ficar revoltada?] (...).

Diogo e entrevistador (grifos nossos)

¹⁶⁵ Gíria. Significa pesado, complicado.

Ele respondeu que não e percebia-se que o tema causava grande comoção nele¹⁶⁶. Depois ele concordou então com o entrevistador (“*apesar que tem isso, né?*”) e disse que vai dar alguma liberdade, “*liberdade entre aspas*”. Iria deixar ficar no portão, e “*vira e mexe vou lá no portão dar uma olhada para ver se está tudo bem*”. Se a filha fosse sair, que marcaria a hora para estar em casa, “*sabe como é que é, né tio?*”.

A postura de Diogo ilustra o quanto persiste um abismo separando o tratamento dispensado a cada gênero. Este jovem falara também da exigência de que o *cara* tenha garotas e que falasse disso na roda de amigos para ser reconhecido como homem (p.137, 2º trecho grifado). Senão podia virar motivo de piada, sendo lançadas suspeitas em relação à sua masculinidade, podendo até ser excluído do grupo¹⁶⁷:

[qual o tipo de gozação que as pessoas fazem aos outros] *Pô, vacilão, não come ninguém, não sei o que, Alain Delon.* [Por que Alain Delon?] *Ele explica que na verdade, chamam assim aquele que pega mulher de amigo, que o outro seria ‘peganínguem’ (que não pega nenhuma garota).*

Diogo

Falou por fim de como o trabalho é importante para o exercício da masculinidade, para que o homem sintasse realizado como tal:

[Em sua opinião existe alguma relação entre ser homem e trabalhar? Qual a ligação?] *Pôxa tio, como é que eu te explico, é muito importante, o cara passa a, sabe como? Levar mais responsabilidade na cabeça, tá ligado? Negócio assim, eu posso ser sujeito homem, tô trabalhando, posso formar uma família, posso (...) comprar um quarto ou alugar. Você passa a ter outra cabeça, certo? Enquanto o cara vai crescendo e também tem outra cabeça, vai esquecendo as coisas ruim (...) que ele fazia, tá ligado? O cara toma responsabilidade.*

¹⁶⁶ No momento da entrevista podia-se perceber o quanto o machismo estava arraigado nele. Mas, por outro lado, sentia-se culpado pelo que disse ter feito com as filhas dos outros. Ficou visivelmente muito mexido com o assunto da educação da filha: prender, não prender, como se estivesse em um beco sem saída.

¹⁶⁷ Bourgois (1995) que fez a mais extensa pesquisa etnográfica sobre o tráfico de drogas (*In Search of Respect: Selling Crack in El Barrio*) narra que adolescentes do Harlem Leste ao começarem a envolver-se com as gangues não só deviam falar de suas conquistas sexuais como também, de fato, mostrar sua virilidade em grupo mantendo relações sexuais, vários ao mesmo tempo, com uma menina, o que constituía uma demonstração pública dos atributos fálicos dos rapazes. Tal ritual ia além do hedonismo, assumindo um valor simbólico importante entre eles ao representar uma reafirmação de valores machistas dentro de um contexto hipermachista. Situação que também acontece no contexto do tráfico no Rio de Janeiro: Wellington relatou (pp.160,161, grifado) situações semelhantes à descrita por Bourgois.

Theo também fez uma ligação direta entre ser homem e trabalhar para ter capacidade de prover a futura família: [Como é para você ser homem hoje?] *Ah, é tu tá trabalhando, é como eu falei, é tu tá trabalhando, e tê uma condição (...) pra educar seus filhos depois.*

A seguir ele passou a falar do que não é, segundo, ele, papel de homem:

Esses dias aí, eu fui pra Casalinda (outro abrigo), nós panhamo um menor lá, menor apanhou tanto que ele nunca mais quis fazê isso. [?] Ele tava se masturbando no nosso quarto, aí nós... Só sei que tinha pá, vassoura, rodo (que usaram para bater no adolescente). (...) [ele tinha que ir pro banheiro para fazer isso?] Nem no banheiro, que isso não é papel de homem não. Dentro de um abrigo onde vai mãe de vagabundo lá dentro lá, já pensou minha mãe entrar dentro do banheiro e sei lá, entra ali e ... pô, e aí a gente já chegou cobrindo ele na porrada, entrou com pá pra cima dele. Não agüentou nem levantar. Nem educador ficou sabendo.

Theo

Wellington além de ter associado ser homem a ter responsabilidade, conforme a epígrafe desta seção, apresentou uma outra perspectiva sobre o que é ser homem, firmando um ponto de vista que se destaca de um pano de fundo ideológico exclusivamente machista. Em relação ao quanto o trabalho está associado com ser homem sua resposta destoou do conjunto das outras respostas:

[Em sua opinião existe alguma relação entre ser homem e trabalhar? Qual é a ligação?] *Não tem essa ligação entre ser homem e trabalhar, porque... Ser mulher e trabalhar, mulher também trabalha, então não tem essa ligação, só porque você é homem você tem essa necessidade. (...) tu tem a necessidade de trabalhar é para se sustentar, porque se tu não trabalhar tu vai comer o que? Então não tem sentido tu... [Mas o homem não é mais cobrado, assim na prática?] Acho que não, o homem é mais cobrado por quê? Porque o homem já é mais bruto que as mulher, mulher já é mais sensível. (...) homem que é a maioria tem que ser mais bruto, desde a época lá de... Não sei quando, mil, novecentos e antigamente, na época do Rio de Portugal, já trabalhava, fazia as obras dele, as construção da própria casa, não era a mulher que construía as obras do Rio de Janeiro inteiro, então o homem já foi visto como isso, pá, construir, né?*

Wellington

Ronaldo, o mais novo dos jovens entrevistados, pareceu não ter ainda muito o que falar em relação à sua identidade masculina: “Como é para você ser homem hoje? *Não sei*”.

VI.4.2. *NAMORANDO: O APELO DO TRÁFICO*

(...) o cara, como? Tem disposição pra, como pagar um bagulho melhor pra ela, dá o que ela... Vestir ela melhor, tá ligado? Como? Sabe que o cara não vai durar muito, aproveita do dinheiro dele, nem aproveita dele mesmo, ela aproveita mais é do dinheiro do cara, mais do que o cara tá portando, mais do que o cara tem, ela não tá com o cara pelo cara (...) pode chamar de mercenária tá ligado, é tipo (...) porque tá mais ligada no dinheiro do cara, do que no cara mesmo [*mercenária?*] É a mina, como, já se atrai mais pelo dinheiro.

Wellington (grifos nossos)

Com relação à importância de os jovens namorarem, “ficarem”, quatro dos cinco jovens responderam que era importante, sendo que um destes, Theo, disse que era bom para distrair a mente do jovem. O quinto adolescente, Ronaldo, disse não saber. Alguns, como Diogo, marcaram a diferença do tipo de garota com que o cara vai relacionar-se sendo importante se: “*a mina for uma mina que dá valor*”. Caso contrário: “*(...) se a mina for qualquer uma tem que esculachar mesmo e não tá nem aí*”.

Em relação ao modo como rapazes e moças encaram o namoro, três afirmaram existir diferença, enquanto dois acharam que ou não existe, ou que a diferença não estava ligada ao gênero, mas ao modo de ser de cada um. Enquanto Vitor disse perceber as meninas como sendo mais apegadas, Theo disse que a diferença entre os gêneros aparece, por exemplo, na hora de uma gravidez, “*Que tem alguns meninos que faz filho e não assumem. A menina não, a menina já quer assumir*”.

Em relação a como o adolescente ou rapaz deveria tratar as moças disse: “*Com educação, (...) (repete) tendo um bom estudo e uma boa profissão pra mostrar pra ela que é uma boa gente. Só isso.*” Já a diferença trazida por Ronaldo está ligada ao fato dele considerar as meninas mais interesseiras que os meninos.

Em relação à vida sexual três consideraram-na importante. O mais enfático dentre eles foi Wellington para quem é muito importante a vida sexual. No outro extremo tivemos Ronaldo que afirmou não ter vida sexual e Theo que associou – e desvalorizou – a vida sexual

na mesma medida em que não via valor nas mulheres que se juntam aos adolescentes apenas por dinheiro:

(...) mulher de morro, que quer sair com bandido, é cachorra (...) é cachorra! Panha ela (transa com a mulher) e bota pra ralar! (manda embora). O que mais tu vê quando tá na vida do crime é a mulher falando que vai sair contigo, mas já em troca de um dinheiro.

Theo

Diogo também diferenciou dois tipos de garota. Com aquelas que considera fáceis, ele foi duro, dizendo, como Theo, que tem que esculachar mesmo. Porém, com as outras ele acredita em outro tipo de tratamento completamente oposto:

Não adianta só o cara chegar lá (faz gesto de relação sexual) chegar tipo como, dar uma moral pra ela e depois esculachá, mulher não gosta disso não. Mulher gosta de carinho, pá, de respeito, respeito em primeiro lugar. Tipo, pra você manter um relacionamento, tem que rolar um respeito.

Diogo

Sobre a importância da vida sexual para um homem ele afirmou:

Muita coisa, né tio, porque assim o cara vai lá se relacionar com uma garota. Bem, eu sou tipo assim, pô tio, tenho um relacionamento com a garota e depois fico como? Acho importante, um seguimento, certo, pá, é sim, é importante. O cara tem que ser interessado a respeito da vida da garota, não pode ser qualquer uma pá, isso aí tem umas paradas, a AIDS, umas paradas assim.

Diogo

Quando perguntados sobre se meninos e meninas encaram o sexo da mesma maneira, três disseram que sim, enquanto dois disseram não saber. Quando foram perguntados se fazia parte de ser homem relacionar-se com mais de uma mulher, dois disseram que sim e os outros três que não.

Diogo foi um dos que se mostrou mais radical em relação ao que significava para ele falar dos relacionamentos com garotas em grupos de colegas: *“panhei aquela mina, aí, pô aquela mina é foda, aquela mina é de matar, meu irmão”* (fala completa na p.137, último parágrafo). Para ele este tipo de situação evidencia justamente o contrário: que o homem que faz isso estaria enganando-se, pois estaria mostrando-se incapaz de ser *“sujeito homem”*.

Theo até brincou ao responder esta pergunta: “*Que nada, uma mulher só tá bom, duas mulher... Uma mulher já dá dor de cabeça, imagine duas*”. Wellington, por outro lado, disse acreditar que o homem que sai com mais de uma mulher não estaria fazendo isso apenas para reafirmar sua masculinidade. Estaria em busca de mais prazer.

As conversas com os adolescentes mostraram que, se por um lado as mulheres são vistas como objeto de consumo, pelo outro lado, elas também – segundo os jovens entrevistados, a maioria delas – têm sido vistas pelos adolescentes como priorizando a criação de oportunidades para consumir. Neste sentido, alguns dos entrevistados chegaram a descrevê-las, por exemplo, como mercenárias, conforme diz Vitor:

[Você acha importante os jovens namorarem?... Ficar? Namorar?] *Eu acho que ficar, namorar, eu acho que não é uma brincadeira assim, isso é um compromisso, entendeu, então tu não vai ficar com uma pessoa assim só por ficar (...) tu vai assumir um compromisso, entendeu? Um compromisso que você não vai mexer com o sentimento de uma pessoa, pra quando você terminar a pessoa ficar sentindo por aquilo (...); isso é muito ruim. [Já terminaram com você? Das meninas ficarem, só quererem ficar por ficar?] Já. [Entendi. Pô. É triste, né?] É, porque eu gostava dela e ela não gostava de mim. Ela gostava pelo que eu tinha, gostava pelos meus pertences, mas no lado assim do envolvimento ela não gostava. [E aí foi quando você tava envolvido?] Foi na época que eu tava envolvido.. [Aí ela parou de ficar com você quando você saiu (do tráfico), foi isso que aconteceu...?] É, foi quando eu tinha, tinha tomado uma certa atitude, eu tava parando, eu tava saindo, aí já ela começou a sair, já querendo ficar com outro; aí acabou; falei: ‘Já que é assim que tu quer ...’ [Aí tu conheceu mesmo como é que era a cabeça dela, não é?¹⁶⁸] É.*

Vitor

Chamou-nos a atenção a unanimidade entre os jovens ao convergirem os cinco na opinião de que frequentemente ou na maioria das vezes as adolescentes relacionam-se por interesse. Wellington introduziu o termo “mercenária”¹⁶⁹, Theo falou em “cachorras” que

¹⁶⁸ Pode parecer que o entrevistador adotou uma postura parcial, mas estava apenas procurando ser solidário ao entrevistado que demonstrou sofrimento ao falar do ocorrido.

¹⁶⁹ De modo algum queremos, ao reproduzir estas informações reproduzir também uma discriminação de gênero ou ataque de gênero. As adolescentes que também foram entrevistadas revelaram histórias que são talvez ainda mais difíceis e dolorosas que a dos adolescentes homens. Apenas para se ter uma noção do grau de sofrimento envolvido, das cinco entrevistadas, quatro foram estupradas, uma delas pelo pai e pelo padrasto. Outra delas sofreu abuso sexual pela primeira vez aos três anos de idade, aos sete tornando-se vítima de exploração sexual. As histórias vividas por elas ensinaram a algumas delas que o único valor que tinham era o corpo. Se um dos caminhos que se apresenta aos meninos aqui entrevistados é o do tráfico. Para as meninas o caminho que as vem assombrar é o da prostituição. Por outro lado não podemos generalizar afirmando que todas as chamadas *mercenárias* têm as atitudes aqui relatadas pelos jovens por terem passado por histórias terríveis. Existem vários

gostam do dinheiro, que gostam de bandido com dinheiro. Diogo havia comentado que um dos motivos de ter entrado para o tráfico foi o fato de sua namorada na época cobrar dele um presente. Além disso, ele relatou um impressionante episódio onde ficou clara a invisibilidade daqueles que não estão “portando” símbolos de poder como armas, ouro, roupas de marca (em suas palavras pp. 202-203, epígrafe VI.7.4). Ronaldo foi o que respondeu de modo mais tímido quando perguntado se meninos e meninas encaravam o namoro da mesma forma, não deixando, porém, de também afirmar que algumas namoram por interesse.

Wellington mostrou-se o mais revoltado e crítico em relação às motivações da maioria das garotas para aproximarem-se dos *caras* do tráfico. Deixou claro, porém, não ser apenas o dinheiro que estaria virando a cabeça das adolescentes, mas também a busca pela emoção¹⁷⁰, ressaltando que a garota procura escolher o *cara* que parece ser o mais forte entre eles:

O cara que não é careta assim, ela vê mais pelo lado doideira mesmo, tá ligado? Fazer merda, várias merda mermo, ela se acha, se acha que o cara é como? Tipo num filme, sempre tem aquele cara que se dá bem, né? Pá. Faz tudo, salva todo mundo, mata geral, então ela assim, como? ‘Pô, será que esse maluco é assim pá, rôba pra caralho, tem vários dinheiro, pá’ tipo no filme, né? Que o cara vem como? Faz várias bravuras¹⁷¹.

Wellington

Wellington concebeu, porém, a possibilidade de haver outros tipos de situação, sendo o adolescente que mais aprofundou o tema da relação entre homem e mulher, conforme podemos ver ao longo dos excertos destacados a seguir:

[Tu falou do cara mais careta, como é que é pro cara mais careta, trabalhador, como é assim as meninas em relação a este cara?] *Hãn, tipo tem as mina assim, como? Que tem os dois lados né? Tem mina também que não é careta e tem... Então (...) os cara que é careta as mina vê mais pro lado, como, simpático do cara, o jeito do cara falar, a conversa do cara (...).*

outros fatores envolvidos que podem fazer com que meninas de famílias mais estruturadas e sem histórico de violências sofridas tenham atitudes compatíveis com aquelas descritas pelos rapazes como de puro interesse.

¹⁷⁰ Na terça-feira do dia 29 de novembro de 2005, no Estado do Rio de Janeiro, traficantes atearam fogo a um ônibus cheio de passageiros, em sua maioria trabalhadores que retornavam do trabalho, mantendo as portas fechadas. Houve cinco mortos e 14 feridos. Uma adolescente de 13 anos foi usada como isca para fazer o coletivo parar. Uma semana depois ela foi encontrada e em seu depoimento no Juizado da Infância e Adolescência disse que participou da operação por ser *aventureira* e gostar muito de *aventura* (fonte dos dados sobre o depoimento da adolescente: Noticiários da Rádio CBN do dia 08/12/2005). Estes dados foram fartamente noticiados por jornais desta semana. Sobre o atentado, ver, por exemplo, o Jornal do Commercio, caderno Rio de Janeiro, A-15, de 1º de dezembro de 2005.

¹⁷¹ Bravuras: palavra usada por uma adolescente de 14 anos, ex-gerente de um moro em conversa (anterior a essa pesquisa) com o pesquisador para designar ações que exigem coragem executadas pelos jovens que querem entrar para o tráfico, para que sejam bem-vistos pelos chefes.

Wellington

Em outro momento afirmou que fora da mesmice e repetição do vício em drogas aparecem várias alternativas de programas diferentes que podem ser compartilhados de forma saudável e criativa:

O cara que usa droga já pega um dinheiro, já fica pensando: 'pô, vou usar uma droga'. O cara careta não, não usa droga. Vai usar o dinheiro com que? 'Pô, vô levar a mina prum cinema, vô leva ela' Tem uns que pensa assim, né? 'Pô, vô levar a mina pra curtir um bagulho diferente, na praia, tem mina que gosta disso, que o cara, como? O cara careta, que leva a mina na praia, pá, leva pra tomar um sorvete, tem mina que gosta disso.

Wellington

Wellington falou também do que ele considera que aproxima um homem de uma mulher, indo além das situações descritas anteriormente, de interesse, incluindo inclusive uma dose do romantismo que às vezes parece ter se perdido nos dias de hoje:

(...) o que ela pensa o que você pensa, o que que tu gosta o que ela gosta, tipo trocar afinidade assim, também tipo o que ela é diferente de tu e o que você é diferente dela (...), se tu se sente melhor, se tu se sente pior quando tá com a mulher, igual viado deve se sentir pior quando tá com uma mulher, homem não, homem já se sente mais atraído, bota uma musica suavezinha, pá, já é, pô, um bagulho mais ... Forte. Acho que tipo pro homem, é um bagulho... Tipo natural, mas com um sentimento maior, fica natural, mas é um sentimento maior que... E o homem, pô, difícil tu ver o homem que consegue ficar sozinho sem uma mulher. Tem mulher que consegue ficar sem homem, mas homem não, a maioria dos homens é tudo, como? Sempre tem que ter uma costelinha, sempre tem que ter uma mulher pra conversar, né?(...).

Wellington

Mencionou também as possíveis dificuldades de interação entre os gêneros no namoro, marcando a importância de que uma pessoa com determinado tipo de gênio possa adaptar-se para conviver com as diferenças, com pessoas com gênios diferentes. O machismo também aparece em seu discurso, ao afirmar a necessidade de o homem sobrepor-se à mulher, ou quando a trata por costelinha:

Então tem que se relacionar com a mulher certa, que eu acho mermo é suave, dependendo da mulher, se a mulher for também uma mulher barraqueira ou uma mulher que (...) tu não vai

poder nunca tratar ela suave, que, como? Ela vai querer ficar em cima de tu, aí tu vai ter que dar um tratamento mais também explosivo pra cima dela, mas se for aquela mulher que é tranqüila mesmo, tu vai ter que tratar ela com carinho (...).

Wellington

Como um comentário final a esta seção, gostaríamos de voltar ao relato de Wellington onde falou da preferência das garotas pelos *caras* mais *doidos*¹⁷². Tal processo nos ajuda a entender em uma análise inicial porque jovens de classe média e até de classes mais altas, cada vez mais novos, estão buscando as drogas e contextos ligados a elas. Entendemos que podem estar procurando fugir da designação *careta* que é associado a certinho, dentro das regras, e, dentro do atual panorama de subversão de valores, *bobo*, ou mesmo inocente ou otário. Estariam buscando aproximar-se a uma idéia oposta: a do cara que associado à *doideira*, emoção, ação, aventura. Querem assim colocar-se no lugar de objeto do desejo das garotas. Neste sentido, temos acompanhado nos jornais (por exemplo, Almeida e Mendes, 2005. Jornal O Globo) que cada vez mais garotas de classes média e alta relacionam-se de forma persistente e crescente com traficantes.

VI.4.3. APRENDENDO SOBRE SEXO, VIVENDO O SEXO.

(...) em casa só ia pegando as fitas pra ver desenho, até que eu achei a fita. [Você ia botar um desenho, mas você pegou uma fita que não era desenho?] É que não era desenho, aí eu tava vendo, querendo tirar, acabei vendo a fita toda.

Ronaldo

No que concerne à forma como os adolescentes aprenderam sobre sexualidade chamou-nos a atenção o fato de nenhum deles ter mencionado algum familiar, o pai, tio, ou mesmo mãe, dentre outros.

¹⁷² Este termo que aceita variantes, como *maluco*, *doidão*, *pancada*, dentre outros tem sido usado entre os jovens com atribuições positivas, passando a designar o cara que tem espírito indomado, que não segue as regras, meio subversivo, podendo ter até o alcance de que estamos tratando aqui, o cara que não segue as leis.

A fonte de aprendizado citada com maior freqüência foi a conversa, seja conversando com amigos como relatou Diogo, sem qualificá-los positivamente ou negativamente, ou através da convivência com jovens *de mente poluída* segundo Theo, referindo-se aos jovens de abrigo ou da “pista” (rua). Contou ainda sobre uma brincadeira de *jogo da verdade*¹⁷³ em um abrigo “com educador e tudo” onde todos contaram suas aventuras, inclusive as meninas falaram das posições sexuais preferidas, em que sentem mais tesão.

A segunda fonte mais citada de informação no campo da sexualidade foram as fitas de vídeo. Em seqüência apareceram as revistas pornográficas do pai de Wellington, a TV, e a vizinha com o dobro da idade de Wellington. Vitor contou ter aprendido sobre sexo vendo outras pessoas namorando, enquanto Diogo foi o único a incluir as palestras na escola como uma fonte de aprendizado sobre assuntos ligados à sexualidade.

Vejamos a resposta de Theo quando perguntado sobre como aprendeu as coisas sobre sexo e sexualidade.

(...) foi quando eu vim aqui pra fora, aqui na pista é tudo mente (gagueja um pouco até acertar a palavra seguinte) poluída... (...) no baile,... por exemplo, uma brincadeira de jogo da verdade. Até educador estava participando. Aí pergunta qual é a posição que te dá mais tesão, (...) pô cara tu ouvia tanta coisa que você ficava até bobo, era mulher falando de quatro, de lado, não sei o que lá, pô, ficava bobo ouvindo esses troços.

Pela resposta de Theo entendemos que ele não teve acesso aos assuntos ligados a sexo no morro. Ao perguntar sobre isso o entrevistador ouviu uma resposta surpreendente, onde o jovem dizia não considerar como relações sexuais as transas rápidas que vivia no morro, quando já estava *envolvido*: “[E no período em que estava no morro, se não tinha relacionamento sexual?] *Não, eu só comia mesmo e botava pra ralar*”.

Wellington contou que aprendeu sobre sexo vendo as revistas do pai, pela televisão e com uma vizinha mais velha. Lembremos que Wellington tinha sete anos quando foi assediado por esta vizinha com o dobro de sua idade, conforme discussão anterior¹⁷⁴. Ao longo da entrevista ele deixou entrever que começou cedo a relacionar-se sexualmente, tendo tido esta iniciação precoce com a vizinha e mencionando estar envolvido com garotas desde cinco anos de idade

¹⁷³ Brincadeira comum entre os jovens em que a cada rodada um deles é sorteado para perguntar e um para responder, devendo responder tudo o que for perguntado, falando sempre a verdade. Acabam abordando assuntos que poderiam ser tratados como tabu, como, por exemplo, sexualidade.

¹⁷⁴ V. pp. 124-125, grifado.

Surpreendeu novamente quando falou do significado do sexo para ele, por apresentar uma opinião diferente dos padrões machistas frequentemente repetidos em nossa sociedade especialmente no contexto social e cultural do crime organizado (ou não):

[O que você diria hoje sobre sua vida sexual? Qual a importância disso para um homem?] *Ah, vida sexual é tipo como? Tu trocar tipo um presente, dá um tipo um prazer pra mulher e a mulher, como? Te devolver tipo prazer, né? E tipo uma vida sexual é, como? Tu se relacionar com a pessoa que tu gosta tá ligado? Tu tá, como? Fazendo aquilo com prazer mesmo, com amor, com carinho, então eu acho que, como? Pro homem a vida sexual é muito importante, porque, tá ligado? Mexe com o sentimento. Pô quando tu, pô, quando tu acaba de transar tu fica, como? Rindo à toa, pô, é um bagulho muito bom, né? Sabe como? Vou produzir também né? Tipo um líquido do amor mesmo que já passa, né? Já sai uma criança dali, um fruto, né? [?] é um bagulho, como? Vida sexual do homem. É... Pra mim é bom... Os viado como que o cara vai perpetuar sua produção, pô, não tem nada a ver maluco [Não entende não, né?] não entendo. [Você tem preconceito assim contra viado?] Não. É eles com eles. [Que tem gente que quer dar porrada em viado...] Não mexendo comigo tá tranqüilo, eles pro lado deles e eu pro meu lado. [E se te abordarem?] Nada, eu dou papo reto, que sou sujeito homem...*

Wellington e entrevistador

Continuando a manter uma postura diferente da maioria dos adolescentes, comentou sobre como as adolescentes podem ter posturas mais agressivas em relação ao sexo.

[você acha que meninos e meninas encaram o sexo da mesma maneira? Quais as diferenças?] *Ah também isso aí depende de cada um pensamento, né? Tem umas garota (...) mais sensível, tem outras que já encara mais: 'que nada, vou fazer sexo mermo, pá, que não sei o que, vamo transar mermo'. Não quer nem saber, sai pra noite, transa com cinco, garota transa com quatro de uma vez só, não quer nem saber, pô [?] já aconteceu isso (fala rindo) pô, parei (...), pô, veio duas minas com quatro caras (...) e as mina não quer nem saber maluco, quer prazer na hora, não quer nem saber.*

Wellington

A seguir ele falou de como está dividido o mundo em relação a isso, e que fica tudo difícil, já que para ele: “(...) pô, sexo é uma coisa frágil pra tu fazer tem que ser com uma pessoa que tu gosta. Todo lugar tem isso, que hoje em dia tá como? Tá muito, muito dividido, mané (...)”.

O entrevistador segue perguntando, tendo ficado impressionado com a declaração de Wellington de que as meninas transam com vários em uma mesma noite e surpreende-se com a confirmação disso:

[e você já viu isso de as meninas ficarem com quatro, cinco caras assim e transar?] *já, várias vezes...* [E você tava participando também?] *várias vezes o dono do morro chamava menina pelo telefone (...) aí ia quatro mermo, geral, [?] galera geral pegava...* [A mina assim prostituta ou...] *É prostituta, às vezes era mina querendo dá pra dois, aí dava pra quatro, dois, fumava um baseado, a menina mente fraca aí fumava um baseado, os cara ia como? Ela ia com os cara, como eles falam que era bacanal, fazer bacanal com as menina.* [E nessa hora se acha que os caras se sentiam mais homem porque estavam ali transando com a mulher?] *Não. Eles queria era sentir prazer, na verdade só queria era sentir prazer, não tava fazendo o bagulho com amor.*

Wellington e entrevistador

Observamos um comportamento das meninas não apenas agressivo, como também auto-destrutivo, já que percebemos alta exposição aos riscos inerentes à promiscuidade relatada, levando-se em conta que a situação leva a crer que não usam preservativos, pela própria situação de sexo grupal e pelo fato da menina encontrar-se sob efeitos de drogas. Parece-nos que as próprias garotas começam a agir seguindo certos aspectos do caldo de cultura ligado ao crime, comportando-se, elas também, de modo hedonista, insaciável, colocando-se como objeto de troca, contracenando nos momentos de exercício da virilidade masculina. A troca do sexo por droga foi narrada também por Bourgois (1995:290,291).

VI.4.4. GRAVIDEZ ADOLESCENTE

Muitas vêm por esse lado da situação financeira. Você é uma pessoa, é um traficante, você tem dinheiro, ela vai querer ter relação contigo e ela vai querer ter um filho teu; e aí se ela tem um filho teu é mais um motivo pra você chegar e bancar ela e o filho. Porque ela fala: 'Não. Vou ficar com ele porque o cara tem dinheiro, tem isso aquilo outro, pode me bancar'. Entendeu? Hoje em dia elas escolhem, escolhem: 'Pô, aquele ali é tal, tal, tal, tal, é aquele!'. Elas não vão nem por amor,

não vão nem por amor, vão pela ganância do que que o cara tem. (...)

[Você acha que a maioria é assim, das meninas?] A maioria.

Vitor

Vitor disse que, indo além da irresponsabilidade, a gravidez adolescente acontece como uma estratégia para segurar o homem, principalmente se o homem tiver condições. Se for do tráfico, e estiver com dinheiro. Diogo concordou em que existe irresponsabilidade neste mesmo ponto, mas apresentou outra alternativa, afirmando que a gravidez adolescente pode ocorrer como uma forma de a menina “tirar onda¹⁷⁵” com as outras, mostrando que já teve filho desde cedo:

Sei lá tio, acho que é irresponsabilidade. A camisinha tá aí (...) que pô, mesmo querendo garota de treze, catorze anos já sabe já, e tem relação sem camisinha, pá, pum, pá e tá tendo filho, já sabe já... Acho que é falta de responsabilidade mesmo, ou senão porque quer ficar grávida novinha que é pra contar mais tarde (repete): ‘tive minha filha com quinze anos’. Mesmo pra tirar onda [Pra tirar onda?] É, pra tirar onda mais tarde: ‘pô, tive minha filha novinha, não sei o que’, mas mal sabe ela que pô (...) nova, nova, tipo como? Que não teve infância, não viveu quase nada, que agora vai ter que se dedicar à garota (ao filho) e a garota acaba se prendendo muito fácil.

Diogo

Além destes dois jovens mencionados acima, Wellington e Ronaldo também falaram da irresponsabilidade das meninas como um dos motivos da gravidez adolescente. Foram citados ainda outros motivos como o de as adolescentes acharem legal a idéia de ter um filho sem terem noção do que está envolvido na criação do mesmo; vontade de tirar onda com as amigas; ser “solta” e curtir baile¹⁷⁶.

Se por um lado Wellington também atribuiu a gravidez adolescentes ao fato de elas quererem curtir apenas o presente esquecendo-se de que existe um futuro a ser construído, chamou nossa atenção, no entanto, ao ser o único, que lembrou da participação do homem no processo, devendo este compartilhar com as garotas a responsabilidade e as eventuais conseqüências da irresponsabilidade:

¹⁷⁵ Achar e demonstrar que tem vantagens, prestígio, como se fosse melhor que as outras naquele momento.

¹⁷⁶ Fica a idéia de que indo ao baile a garota pode engravidar, o que reforça a veracidade de algumas reportagens que falavam de situações de sexo entre adolescentes dentro dos bailes, como por exemplo, nos trezininhos.

Aí elas, como? Não tem responsabilidade, não usa camisinha, não toma uma pílula, aí, como? Não quer nem saber: ‘Ah, quero transar, quero sentir prazer, quero fazer amor’, mas, mermo, se preservar mesmo não sabe, aí fica faltando um pouquinho de responsabilidade pra essa aí nem só com as garota, né? Tem uns cara também que vai detonar as garota (...) na hora, então não é só a garota. A garota vai ficar grávida, mas quem vai ingerir (inserir) o líquido nela é o cara, né?

Wellington

Ronaldo defendeu suas idéias recorrendo a necessidades muito concretas que são negligenciadas pelas meninas: “*Depois ela acha assim que ter filho é uma coisa assim muito boa, só que, depois que nasce ainda tem aqueles problemas de comprar fralda...*” [Problemas de que?] *Pra comprar fralda, comprar remédio assim...*

Theo, que também associou a gravidez adolescente ao fato de as garotas “curtirem muito baile”, foi fruto, ele mesmo, de gravidez adolescente. Contou que sua mãe tinha 16 anos quando ele nasceu. Vimos que após a morte de seu pai sua mãe voltou a freqüentar os bailes, muitas vezes deixando-o amarrado para sair.

Pedro Delgado¹⁷⁷ indicou a necessidade de atentar-se para a questão geracional: filhos de mães adolescentes e de pais que desaparecem, envolvidos em atos infracionais – e depois criminosos – estariam encerrando hoje suas biografias com 20, 25 anos. Aproveitando sua sugestão atentemos para o fato de estes jovens terem nascido entre 1988 e 1991 (Ronaldo). Tomando-se em conta que houve grande expansão do crime organizado a partir de 1980, tantos os primeiros, citados por Delgado, como os nossos entrevistados nasceram em plena vigência deste processo de expansão. De modo análogo vimos que alguns dos pais dos entrevistados participaram e estiveram envolvidos neste movimento, bem como, provavelmente estiveram os pais, especialmente os pais homens dos jovens mencionados por Delgado.

VI.5. IDENTIFICAÇÕES

Em relação aos dados obtidos relacionados ao campo das identificações dos jovens a primeira e imediata referência conceitual pensada é a que dá nome a esta seção. É o próprio

¹⁷⁷ Durante o *I Encontro Franco-Brasileiro de Psicanálise e Direito – Sujeito, Crime e Lei: Psicanálise, Saúde Mental, Direito e Filosofia*, em agosto de 2005, na UERJ.

conceito de identificação trabalhado por Freud em diversos momentos, dos quais selecionamos os estudos de 1920 (b) em que ele apresenta os diferentes processos de identificação nos grupos, e 1923, quando privilegia o estudo dos processos identificatórios intra-familiares e intra-psíquicos. Neste segundo momento ele destacou a importância que assumia a figura do pai como matriz identificatória para as identificações seguintes dos filhos, que poderiam ocorrer com professores e outros cuidadores dentro de determinado conjunto de possíveis figuras de referência.

Nossos dados mostraram uma significativa lacuna no espaço familiar outrora ocupado pelo pai. Tal ausência, podemos pensá-la como mais uma reedição da queda do homem chefe de família no mundo do trabalho que acaba por se fazer acompanhar por uma queda deste homem enquanto função familiar, vindo frequentemente a faltar, possivelmente num movimento também de auto-exclusão, no lugar de função de pai, remetendo-nos aos processos percebidos pelos autores mencionados da Escola de Frankfurt no início do século passado e em terras distantes. Um dado novo revelado pela pesquisa foi, conforme relatado a seguir, na subseção VI.5.2, foi a coexistência junto ao apelo identificatório gerado pela figura dos traficantes, a figura das avós. Estas avós cresceram em momento anterior à expansão e consolidação do tráfico de drogas e da cultura a ele hoje atrelada.

VI.5.1. *DO PAI*

(...) que ele olhou pra mim, aí mandou me levar até ele, aí me deu um beijo no rosto, aí me tirô, que minha tia não queria mais que eu ficasse ali, aí na hora que ele começou a falar mandou me chamar de novo, mandou me trazer de novo perto dele, foi na hora que, foi até na hora que ele falou, falando olhando pra mim: *'eu tô parando aqui, mas quem vai terminar isso tudo, quem vai continuar é meu filho'* aí minha avó até falou que na hora que ele falou isso, que os polícia que tava perto começou a olhar pra minha cara, começou a olhar pro meu rosto, agora pra que eu não sei, começou a olhar pra minha cara.¹⁷⁸

¹⁷⁸ Esta passagem foi relatada para Theo por sua avó, que mesmo considerando que isso seria ruim para ele, não se furtou de passar a última mensagem do pai ao filho.

Theo

Esta foi a última mensagem do pai de Theo ao filho. Ele morreu em seguida. A situação foi narrada para Theo por sua avó, já que ele era um bebê de colo na época e aconteceu logo depois de o pai de Theo ser baleado pela polícia. No momento da comunicação ao filho seu pai agonizava no chão, mortalmente atingido.

Nenhum dos jovens disse ver seus pais como modelo. O pai de Vitor não mantinha contato desde que ele foi levado pela mãe para o orfanato havia 13 anos, sendo forte a hipótese dele ter falecido. O pai de Diogo estava em um asilo sofrendo de problemas decorrentes de alcoolismo, enquanto o pai de Ronaldo nem chegou a saber que ele era seu filho. Theo, como vimos acima, teve o pai morto pela polícia, quando era recém-nascido.

O que ficou para Vitor em relação ao seu pai é um sentimento de falta: *“É, eu acho que também ele faz uma falta, sim. Eu sinto falta, às vezes eu sinto falta, às vezes eu não compreendo muito que ele teve motivos...”*. Somava-se a isso a lembrança de um pai decaído. Seu relato mostrou que ele batia na mãe, foi negligente com os filhos, era beberrão e mulherengo. Teve contato com o pai até os quatro anos, sendo os conflitos do casal e posterior negligência do pai, como já vimos, os principais motivos para terem ido os filhos para o orfanato. Neste local acabou encontrando na diretora uma figura que elegeu como sua nova família, colocando-a, também no lugar de pai, como vimos em suas declarações anteriores, quando disse, por exemplo, que a tia serve como pai e ao mesmo tempo como mãe.

Apesar de tudo que sabe e disse sobre o pai. Acredita que não se pode criticá-lo, já que foi ele que o colocou no mundo, fazendo coro com as idéias de Wellington a serem ainda apresentadas.

Diogo, cujo pai encontrava-se no momento da entrevista em um asilo por apresentar complicações irreversíveis de saúde devidas a vários anos de consumo de álcool e outras drogas, pareceu ter se obrigado a brincar com este assunto, tão grave e tão importante. Brincou dizendo, rindo, que se o pai fosse modelo para ele, ele seria hoje um grande cachaceiro:

É né? Se eu seguisse o exemplo do meu pai eu ia ser um cachaceiro de primeira (...) que meu pai só entornava, meu pai... Meu pai já foi bicho solto também, meu pai já foi bandido (...) só que pô, tipo assim, ele era o tipo de bandido que não ficava lá na favela pá o tempo todo não, só ia lá, tirava os plantão, pá, ficava lá, sabe como? Se tivesse que trocar tiro trocava, mas depois ia pra casa, ele era aquele cara que morava na pista e subia a favela. Esse era o meu pai, só que, pôxa, (...)

Diogo

Mesmo mostrando-se atento e com um viés crítico em relação aos defeitos do pai e a necessidade de não imitá-lo, Diogo, apesar de não saber, valorizava algumas características deste mesmo pai, quando diz, por exemplo, que o pai era “bicho solto”, ou ao dizer que o pai era um bandido diferente.

Identificava-se com o pai e o repetia inconscientemente, usando drogas e tornando-se ele mesmo também um bandido. A agressão que viria a sofrer da polícia o sacudiu de tal forma que encontrou uma chance de buscar outro caminho. Embora arbitrária e podendo ter matado o jovem, a agressão policial acabou podendo ser significada pelo jovem como um limite. E representando uma chance de sair da trilha do pai.

Não apenas o pai de Diogo faltou ao filho como modelo e como pai, mas também vimos que retirava coisas da casa e do filho em seus momentos de crise de abstinência em que trocava qualquer coisa por droga, inclusive itens da alimentação do próprio filho, não correspondendo, assim, ao que Diogo considerava ser pai:

[O que significa pai para você?]

- Pôxa, companheiro, amigo, tá ligado, tipo assim, que saiba chegar pra desenrolar contigo, ombro amigo pro sujeito se consolar, é o famoso braço direito né? Fiel¹⁷⁹, pra mim pai é isso.

Até Theo falar sobre seu pai, até conseguir falar, por exemplo, que não o considerava como modelo, o entrevistador teve que repetir a pergunta. Respondeu mostrando que queria ser um pai diferente do que teve: (...) *que não é essa vida que quero para o meu filho, pra mim também, e como minha avó falou que falou que o que perturba minha mente mesmo, é esse negócio aí, parece que sei lá, fica atentando, me atentando meu corpo, sei lá...* Esse negócio aí era o vaticínio que o pai lançou em relação ao futuro do filho, que o teria marcado, *atentando-o* pelo resto da vida, como marca, inscrição mesmo.

Disse ainda, quando o entrevistador perguntou a idade do pai, que ele não buscava saber nada da vida do pai: “(...) *a história do meu pai eu não busco. A única coisa que eu sei do meu pai é que ele foi da vida do crime que ele falou isso que foi minha avó que falou*”. E terminou de modo coerente esta parte da entrevista ao responder sobre o que significava pai para ele. É algo do que não quer saber:

[O que significa pai para você?]

¹⁷⁹ Gíria dos jovens usada para designar aquele em que se pode confiar sem medo, quase sinônimo de braço-direito.

Pô... Sei lá.

Respondendo à mesma pergunta Ronaldo disse que pai não significa nada para ele, já que nunca teve pai¹⁸⁰:

Wellington, apesar de também ter dito que o pai não é modelo para ele, disse também – como Vitor – que não podia dizer que não gostava do pai, já que existia por causa dele, mas não concordava com o pai, não gostava de sua atitude:

Huumm, tipo uummmm, tipo um cara que era pra como? Tipo tu se exemplar nele, né? Ter o exemplo dele, mas é coisa que tu não pode ter, que é como eu falei, todo mundo é diferente, ninguém é igual, então tu não tem como... Então pai como se fosse uma pessoa que era pra te dar exemplo, mas se ele não te der exemplo, né? Aí você não pode falar nada. Ele te dando o exemplo você faz errado e você ainda vai falar: ‘pô, é meu pai, pá’. Mas pai é uma pessoa muito importante também, né? Que se não fosse meu pai eu não ia tá no mundo. Não vou falar que eu não gosto dele, mas eu não gosto é da atitude que ele vem passar pra mim, do exemplo que ele vem passar pra mim, não acho certo.

Wellington (grifos nossos)

Havia relatado que o pai era usuário de drogas, que fumava, cheirava, sendo cliente conhecido na boca. Segundo o filho, nunca deu uma festa de aniversário para ele.

Ronaldo também respondeu que o pai não era modelo para ele. Que seu pai é como um enfeite. Existe, mas não para ficar com ele, conversar com ele.

VI.5.2. A AVÓ E O TRAFICANTE

Ah, às vezes até os colegas, eu olho assim: ‘Pô, eu quero ser que nem eles e tal’; como teve colegas também que já passaram pelo Abrigo e hoje em dia têm a casa deles, têm a família, têm os filhos deles. Eles trabalham; eu olho assim, eu vejo: ‘Pô, eu quero ser que nem eles’, entendeu? Quando já eu tiver mais velho, tiver mais idade: ‘Pô, eu quero ser que nem eles, quero seguir o mesmo exemplo que eles seguiu’, entendeu? Mais experiência porque nós sabe (...) o que ele

¹⁸⁰ Ver p.104, trecho grifado.

passou, hoje em dia ele superou isso e tá vivendo a vida dele, trabalhando, anda de cabeça erguida, dignidade, tocando a bola pra frente.

Vitor

Mesmo procurando evitar posições maniqueístas, não podemos negar que caminhar sobre a tênue fronteira entre estar *envolvido* ou não significa ser afetado por identificações “do bem”, que atraem para o rumo descrito pelos jovens como o caminho do estudo, do trabalho honesto, e, pelo outro lado, pelas imagens, figuras, pessoas e grupos que se apresentam de forma recorrente sustentando e alimentando identificações que conduzem a caminho oposto, conforme um dos adolescentes contou quando o entrevistador perguntou se ele teve pessoas que foram modelo para ele no caminho “ruim”:

Já, também teve; várias vezes quando eu ia pra baile funk, eu olhava assim: ‘Pô, queria ser que nem eles’. [O que que te impressionava?] *Ah, objetos, cordão, mulheres, meninas; olhava assim: ‘Querida ser que nem eles’ aí depois eu vi que nem tudo era o dinheiro, nem tudo era mulher, nem tudo era o ouro.* [E esses caras eram caras envolvidos?] *Eram envolvidos.*

Vitor (grifos nossos)

Vitor falou e seguiu sobre como o tráfico estava espalhado na favela, dizendo que em “todo canto” tinha atividade. O entrevistador perguntou então sobre como isso influenciava a vida das pessoas na favela:

Eu acho que isso influencia muito a mente das pessoas. [Então, isso que eu vou te perguntar, assim...] (Vitor interrompe o entrevistador) *Influencia a mente das pessoas, porque só de tá ele passando ali, você vê que o cara: Pô, eu quero ser que nem aquele cara ali um dia, quero portar as mesma arma que ele porta, quero pegar as mulheres que ele panha, pô, quero ter aquilo também, que ninguém vai mexer comigo, eu vou poder bater nos outros à vontade que ninguém ...* [Hum, tipo assim: a mesma coisa que você falou do baile, na situação do dia-a-dia ali, tem a mesma situação do cara, dos garotos ficarem impressionados, quererem, elegerem o cara como...] (Ele fala junto e fica inaudível. Está ansioso para falar) *Se o cara vê, você vê uma pessoa do tráfico circulando armado, tá te influenciando, tá te influenciando, ele vai passar, tu vai falar: ‘Pô, manero, também quero aquilo ali também’.*

Vitor e entrevistador (grifos nossos)

Depois do último roubo em que foi pego depois pela polícia, Vitor revoltou-se ainda mais: encabeçaria uma fuga, uma rebelião, que acabou não indo adiante. Depois disso parece ter passado por uma mudança interna, o seu desejo de participar desta entrevista fazendo parte desta mudança. Elaborava naquele momento planos completamente diferentes para si mesmo que incluíam, depois que estivesse encaminhado (para o lado “bom”), servir de exemplo para outros meninos, como alguns serviram de exemplo para ele ao longo de sua vida. Servir de exemplo com seu percurso, contribuindo para que outros jovens desistam da idéia de ficar na vida do crime: “*Ah, eu imagino que eu sirva de exemplo para os que ficam aqui dentro; que um dia eu possa chegar aqui e falar pra eles: ‘Pô, fui que nem vocês’; trabalhando, ter meu filho, ter minha mulher, ter a minha casa...*”¹⁸¹.

Dois dos jovens entrevistados, ao falarem de figuras que os impressionaram, pontuaram a existência tanto das que atraem para um lado, como aquelas que atraem para o outro: umas, como os traficantes, com suas insígnias – roupas de marcas, cordões de ouro, fuzis e mulheres – para o caminho do crime e do tráfico e outras figuras, como as avós citadas, ou como garotos de um abrigo que conseguiram construir uma vida nova dentro da lei. Vitor e Diogo, por exemplo, descreveram a influência de ambos os tipos de figuras sobre eles. Já Theo e Wellington falaram de suas avós como referências marcantes para eles. Diogo mencionou, como outras referências importantes, um primo seu e um rapaz de sua comunidade que catava latinhas sem nunca ter se envolvido no tráfico.

O relato de Theo mostrou que ele tinha como figura importante para ele um tio que o ajudava com os deveres da escola, jogava futebol e brincava como se fosse ainda criança. Porém, quando perguntado especificamente sobre figuras de referência, não o mencionou.

Ronaldo respondeu negativamente a quase todas as perguntas que levantavam informações sobre pessoas importantes para ele. Esta reticência, e silêncio, os vemos ligados ao fato de ter tipo poucas figuras de referência confiáveis em sua vida. Não pensar nisso também é uma forma de afastar-se da dor aí envolvida. A exceção foi a referência à sua segunda mãe de criação que mencionou como pessoa muito importante para ele.

Em relação ao jogo identificatório, percebemos a existência de ambivalência nos jovens em relação ao reconhecimento – ao à assunção deste – de modelos. Exemplo disso foi proporcionado por Diogo que quando mais novo, via *os caras do tráfico* e pensava que queria ser como eles, mas disse, em outro momento da entrevista, que seguir o modelo de outra pessoa não era coisa de “sujeito homem”. Ser como *os caras do tráfico* pressupunha

¹⁸¹ Excerto completo na p.273, epígrafe de VI.8.4.

personalidade forte, o que acabava instaurando uma contradição no jovem, que seria superada apenas ao passar pelos três momentos descritos na subseção VI.7.4.

De modo semelhante, Theo¹⁸² afirmou não ter seguido ninguém para entrar no tráfico, e que teria feito este movimento apenas para vingar o primo que havia sido executado pela polícia. No entanto, disse em outro momento da entrevista que já estava “*andando direto*” com o primo. Estava aprendendo a andar de moto, a dirigir e roubar carro e a atirar, e que “*ia entrar de qualquer jeito*”, ficando clara a influência do primo sobre ele. Outra característica deste primo que impressionava Theo e que fortalece a idéia de sua identificação a ele era a facilidade que o primo tinha com as mulheres, tamanha a quantidade de mulheres que o primo “pegava”: (...) *meu primo... Era muita mulher que ele panhava cara e o trouxa aqui (refere-se a si próprio) sempre falando: ‘joga uma na fita (apresentar, passar uma das mulheres), joga uma na fita’ ... Jogava nada.*

Wellington citou a tia do seu colega, que ia adotá-lo, e a sua avó como pessoas que o marcaram de forma positiva. Afirmou não ter entrado para o tráfico por causa de alguém especificamente. Sabemos, porém, que ele andava com *os caras* da boca desde muito novo, acabando por repetir o comportamento do pai: “*ele ia muito lá*”.

Procurando adentrar o jogo de identificações que cada adolescente tem vivido, voltamos nossos olhos para Diogo, que trouxe elementos de extrema importância em seu relato. Importantes por representarem um olhar perspicaz à realidade que o cerca, penetrando a casca da primeira opacidade. Elementos oriundos das reflexões e indagações do próprio adolescente que vive esta realidade:

Aí fica a criança crescendo sem o pai, a mulher sem o marido, pá, pô tio, sabe o que acontece? [O que acontece?] Agora vê: a criança cresce sem o pai ali na comunidade, aí pá, a criança. Pô tio, lá no morro mesmo cê já vê: a criança tipo assim com seis anos, sete, é muito pequeno, mas sabe como é a criança, a criança quer sempre seguir o adulto né?...

Dessa forma Diogo introduziu um dos trechos mais marcantes dentre todas as entrevistas quando descreveu de forma precisa um ciclo vicioso observado no tráfico de drogas onde a morte de traficantes e a oferta constante de mão-de-obra para o tráfico podem passar a ser vistos de forma complementar, mesmo que pareça paradoxal.

¹⁸² Quando perguntamos a Theo se alguém o havia influenciado na entrada para o tráfico, ele lembrou de um tio seu que estava em vias de entrar para o tráfico. A associação feita a seguir por ele nos levou a pensar que ele é que se sentia, naquele momento, exercendo influência sobre outros, servindo de modelo. Sua avó e sua tia pediram sua ajuda para que não deixasse um primo entrar de fato para a *boca*.

Referia-se ao bandido que morre depois de ter vários filhos com várias mulheres, situação observada por ele e comprovada pela literatura específica. O filho, como ele disse acima, cresce então sem pai e muitas vezes quer ser como ele, que muitas vezes fica como incógnita na narrativa sobre a origem da criança. A criança ou o adolescente acabaria então repetindo a história do pai num movimento interminável, que se auto-alimenta, que será continuado pelo seu filho, pelo neto:

*(...) se o pai é o maior bandidão, maior traficante, (...) ‘vou ser igual a meu pai, vou ser traficante!’, sabe como é que é né a criança vai crescendo vendo aquilo, ainda por cima sem o pai, que morreu também na vida do crime (...) aí ele pode também daqui em diante arrumar outra mulher, constituir vários filhos e também acabar morrendo igual à situação do pai dele...*¹⁸³

Diogo

Ele mesmo já passou por este processo como relatou abaixo. No momento da entrevista já pôde apresentar uma visão crítica sobre este período de sua vida, diferente de quando ficava também muito impressionado¹⁸⁴: “(...) ‘Pô, o cara anda com aquilo ali (fuzil) e ninguém fala nada!’. Ficava naquela: ‘caraca, o cara é sinistro, pô!’, mas nunca a ponto de: ‘quando crescer, quero ser igual a ele’.”

Para ele quando o cara se espelha em outra pessoa o cara não tem caráter: “(...) não é sujeito homem. O cara é ele mesmo, é ele ou não é né tio? Não precisa se espelhar em outra pessoa. E esse outro vai te fuder se você não correr atrás. Vai te fuder. Se for para se dar bem ele vai te fuder.”

Ele alegrou-se por ter conseguido fugir parcialmente da identificação com seu pai bandido e cachaceiro, chegando a ser bandido como ele, mas não alcoolista. Diogo mostra que não existem apenas as figuras de identificação que atraíam para o caminho do crime. Existem também os modelos positivos:

Lá no (Morro do) Parador tem um moleque assim que é chamado de Júlio. Me amarro nesse moleque pra caramba. O moleque, tá ligado? É cria do morro, nasceu no morro, foi criado, viu vários donos morreram. Vários donos vindo e morrendo, vindo e morrendo e o moleque, pô, o moleque nunca, o moleque nunca procurou o caminho do tráfico, pô, vira e mexe eu vou lá no morro e vejo o moleque catando latinha, catando ferro, várias paradas, pra vender, à

¹⁸³ Optamos por reproduzir novamente este trecho pela sua importância e para facilitar o acesso ao leitor. O texto integral encontra-se como epígrafe da subseção VI.1.2, p96.

¹⁸⁴ Os diferentes momentos de relacionamento do jovem com o apelo do tráfico serão aprofundados na subseção VI.7.4.

noite também vendendo refrigerante no baile, pá, mas o moleque aí. Outro também pra me espelhar é esse moleque aí, o moleque nunca foi pelo tráfico, tá ligado, o moleque, pô, mente forte. Não vai pro tráfico.

Diogo

Outra pessoa que apareceu como figura positiva para ele foi o primo que definiu como sendo *responsa*¹⁸⁵, *maneiro, tem cabeça, sabe chegar “nos” lugares sem criar atrito: “não é que nem um espelho que eu quero ser igual a ele, mas ele é responsa”*.

Em relação ao seu tio, Theo disse que seu tio fazia com ele todas as atividades de que gostava: *“Até hoje eu não esqueço. Ele pegava de 7h da manhã até meio dia, até a hora da escola ficava estudando com ele lá, me deu um apoio que me ajudou muito (...)”*. Mais adiante o jovem voltou a falar do tio, descrevendo-o em uma imagem bastante específica e nítida para o jovem. Nós a percebemos como uma imagem importante na sustentação da identificação ao tio: *“(...) meu sonho era servir no quartel. Ficar lá que nem meu tio, que eu sempre via meu tio vindo do quartel, da Marinha. Meu tio serviu no quartel na Marinha! Até hoje tem uniforme da Marinha do quartel que ele fez”*.

Mais para o fim da entrevista voltou a mencionar o tio, dizendo, agora em relação a outro aspecto, do quanto gostaria de fazer as mesmas coisas que ele:

“Daqui a pouco vou ter 18 anos e só vou parar mesmo de brincar das coisas de que gosto, só quando tiver lá para uns 50 e poucos anos. Que até uns 30 continuo fazendo tudo isso: jogar bola, videogame, soltar pipa. Meu tio tem 34 anos e faz isso tudo de que ele também gosta.

Theo

Ainda sobre este tio, e associando-o em sua fala à outra figura importante, sua avó, Theo disse:

(...) é assim, como meu tio, lá na minha avó meu tio sempre tirava um tempo ele ficava estudando e à tarde assim de uma hora às quatro horas, ele soltava pipa com nós, ficava soltando pipa, chegava a noite ele já (...) tomava banho, já tinha, pegava mais um pouco e estudava, minha avó sempre dizia, primeiro vem os deveres e depois vem a brincadeira.

Theo

Seus relatos evidenciaram ainda a figura que pareceu ser de maior importância para ele, e a todo o momento citada em suas respostas: Sua avó. Contou que apesar dela já estar na

¹⁸⁵ Gíria usada para definir um cara muito legal.

faixa dos 90 anos era incapaz de deixar entulho por aí: “*se puser na frente dela, ela carrega (o entulho)*”. Mais adiante, respondendo ao entrevistador: [Tem alguém que é ou foi muito importante para você?] *Minha avó. Hoje ela continua sendo ainda muito especial.*

Mencionou também a sua avó como a pessoa que procurava quando precisava de ajuda. Falou da capacidade de sua avó para curar as pessoas através de rezas e ervas, mostrando-se novamente admirado diante do fato de as pessoas sempre voltarem lá para dizer que ficaram boas de seus males.

Através do exemplo de Theo percebemos a importância que a avó assumia para alguns dos jovens entrevistados¹⁸⁶. A avó foi apontada como a principal referência na vida dele, e ele disse saber, porque ela mesma já disse para ele que não importava o que ele fizesse ou onde ele estivesse, que ela iria sempre gostar dele.

A avó tomou a si também o lugar de narradora dos fatos de sua vida dos quais ele não conseguia lembrar, ajudando-o a recuperar estes momentos. Vimos que foi a avó, por exemplo, que transmitiu a ele a fala do pai antes de morrer: “*eu tô morrendo agora, mas meu filho vai terminar o que eu não terminei.* À fala do pai ao filho, a avó de Theo acrescentou sua própria visão sobre o significado e o peso dela, mostrando compreender tratar-se de um destino inescapável, como vemos nas palavras de Theo: “*Aí ela falou que é isso que perturba a minha mente, pra mim entrar pra vida do crime [Você era recém-nascido?] Tinha acabado de nascer.*”

A avó, porém, não só contou esta importante e trágica passagem para ele. Pareceu, inadvertidamente (ou não, não podemos ter certeza), reforçar o vaticínio:

(...) *até por causa desse negócio que eu falei pra tu do meu pai, minha vó sempre falava, minha vó sempre falava: ‘não vai..., Theo não vai ter jeito. Mesmo que caia um olho não vai ter jeito’* [Essa frase do seu pai, que a avó fica lembrando, é um peso muito grande, né, essa frase?] (ele não entende exatamente o que foi falado pelo entrevistador, mas entende a idéia) *Pode, pode. Pode não! Atrapalha muito!* (fala com ênfase as duas últimas palavras) [Entrevistador interveio: não pode deixar, não pode deixar mais significar a tua morte também, né? O que ele falou quando ele tava morrendo...] *É* [significar a tua morte também, né? Vai, tipo assim: o destino do meu filho continuar o que eu to parando aqui, continuar a coisa do crime, né, se tu sabe não precisa fazer...] *minha vó falou assim, ó: ‘monte de polícia, monte de polícia, minha mãe, meus tios...*

¹⁸⁶ Embora não estejamos tratando de descrever os dados referentes às meninas que também foram entrevistadas, elas também citaram a avó como referência mais importante para elas.

Theo e entrevistador¹⁸⁷ (grifos nossos)

Na seqüência, Theo Interrompeu o entrevistador e contou a história com detalhes¹⁸⁸. A associação seguinte de Theo foi a lembrança do momento de divisão entre os dois caminhos o que pareceu confirmar que estava buscando no momento da entrevista uma possibilidade de recuperação, estando determinado a mudar de vida. Entendemos estas associações como uma forma de responder à intervenção (interpretação) do pesquisador:

Pô, às vezes eu vô cara fico lembrando quando eu tava na vida do crime, tinha vezes que pô, tinha vezes que não dava pra tu sair, cara, aí, pô tu ficava dividido: uma hora tu ficava afastado, aí outra hora já vinha uma revolta muito grande me empurrando mais ainda. [Pra continuar?] É. Aí foi depois que eu vim pra pista, que eu comecei a ficar na pista, conheci esses menor aí, aí me apeguei aqui aí daqui eu não saio. Daqui eu só saio com 18 anos.

Theo

Apareceram também identificações menos específicas, como aos jogadores de futebol famosos. Ele citou o jogador Diego da seleção, que com 18 anos estava indo para a Europa por três milhões de dólares. Ele, que teria que sair do abrigo sem nenhum futuro definido, lembrou-se de algo que o tio dizia a ele, que era para ele acreditar no próprio futebol: “*Eu acredito né cara, quando eu jogava no time dele ele sempre falava comigo: ‘acredita no teu futebol, cara!’ E eu acredito até hoje*”.

O pai de Wellington também não foi modelo para ele. Apareceram como referência a avó, e a mãe. A avó parecia suprir uma lacuna de referência para os jovens. Na outra ponta das identificações e referências ele disse que não houve figura alguma a influenciar sua decisão de entrar para o tráfico.

Como breves pontuações, gostaríamos de destacar alguns elementos desta seção, que é central na arquitetura geral do presente trabalho.

Primeiro destacamos a figura da avó de Theo, que embora já tenha sido exaltada por ele mesmo, para nós aparece sendo mais *guerreira*¹⁸⁹ que os próprios traficantes, e, principalmente como alguém que honra suas palavras. Com ela existia a possibilidade de acordo, de *contrato*, tornando-se para Theo importante elemento para que possa ter chances

¹⁸⁷ Neste trecho houve intervenção do entrevistador, que é também psicanalista, que será discutida adiante. Adiantamos, porém que houve entendimento do último que havia quase que um pedido por esta palavra.

¹⁸⁸ Epígrafe da seção VI.5.1.

¹⁸⁹ Gíria. Significa pessoa batalhadora, que não teme dificuldades e obstáculos. Não esmorece mesmo em face dos maiores desafios.

de ir passando das identificações imaginárias, no campo do ego-ideal, para aquelas mais em nível do simbólico, ideal do ego¹⁹⁰.

Comparando os traços que se oferecem como suporte de identificação apresentam-se de um lado os traficantes com suas insígnias (armas, ouro, mulheres) mundanas e de outro as insígnias formais, a farda da marinha, elemento que fixa também a identificação, referido à força de uma instituição total altamente hierarquizada. Poderíamos então pensar que o jovem teria identificações imaginárias “puxando-o” também para o caminho legal¹⁹¹.

Como dizíamos, a avó representava um ponto possível de ancoragem de Theo no mundo simbólico, na linguagem, na rede social, talvez o único porto seguro, único ponto de fixação em sua difícil e árida vida. Em termos winnicottianos a posição da avó poderia ser compreendida como um elemento de sustentação, de continuidade ambiental¹⁹² possível para Theo, espaço e referência de confiança: a avó garante a Theo, que, não importando o que ele fizer, que ela vai *sempre* gostar dele. Ela parece intuir a necessidade dele saber que tem, pelo menos de uma pessoa, um amor incondicional. Winnicott (ver 1984, por exemplo), referência fundamental no tratamento de crianças e adolescentes difíceis, conhecia bem a característica deles de testarem os ambientes (que podiam ser uma casa, a relação com uma pessoa, ou uma instituição) até os limites mais extremos, para tentarem reassegurar-se de que estes conseguem contê-los, para que possam, só então, confiar. No entanto, na maioria das vezes o teste do ambiente é interpretado pelos responsáveis por estes (pelos jovens e pelas instituições) como mero ataque destrutivo. O jovem vai aprendendo e vendo reforçado o sentimento de que não existem limites para contê-lo. Winnicott (ibid.) dizia que os limites deviam ser sustentados com firmeza, porém nunca sem amor. Em nosso cotidiano percebemos

¹⁹⁰ Sugerimos tomar como guia o título II.2, principalmente Calligaris (1991) e Pellegrino (1987), que embora abordem o tema por caminhos e explicações diferentes parecem adequados para aprofundarmos a compreensão do que ocorria com Theo. Para um aprofundamento sobre ego-ideal e ideal do ego sugerimos a leitura de Costa (1988), cf. nota 42. Remetemos ainda o leitor a Melman (1992), mais especificamente ao capítulo em que discute a delinqüência.

¹⁹¹ Alertamos para a ameaça e o perigo institucional e social em que consiste a infiltração do caldo de cultura ligado ao crime organizado em setores dos quartéis, podendo fazer com que uma decisão de um jovem por um caminho legal possa deixá-lo ainda mais confuso e à mercê de um caminho do crime, ao encontrar o jovem dentro dos quartéis as mesmas ligações criminosas de que procurava afastar-se. Revés para o jovem e para a sociedade em geral. Registramos a necessidade urgente de estudos mais aprofundados que levantem as perigosas ligações entre o crime organizado e as forças armadas.

¹⁹² Tomamos o conceito ampliado de *holding* de Winnicott como referência conceitual subjacente a esta idéia. Tal conceito refere-se inicialmente ao cuidado materno básico. Vimos que Theo não pôde contar com a continuidade destes cuidados vindos de sua mãe biológica, sendo estes assumidos por sua avó. Neste sentido pensamos *holding* aqui tanto como a sustentação que Winnicott amplia da mãe boa o bastante para um ambiente acolhedor o bastante (ao ponto em que a criança possa confiar nele), como também um ambiente em que a criança pudesse experimentar alguma reparação contra ataques que ela tenha sofrido. Neste último sentido o termo é utilizado para qualificar o ambiente terapêutico acolhedor que o analista deve criar quando atende seus pacientes, especialmente aqueles mais prejudicados, muito regredidos, ou mesmo psicóticos. Ver, por exemplo, Winnicott (1988:173-180 e 1984:106).

que muitas vezes os limites acabam sendo colocados de forma brutal e arbitrária perdendo sua capacidade constitutiva e ao contrário fortalecendo o aprendizado dos jovens de que não existem limites claros nem do seu lado nem do lado das instituições e de seus representantes. Os maus tratos sofridos pelos jovens são outra forma de experimentarem esta arbitrariedade.

A dualidade identificatória observada em campo entre traficantes e jogadores de futebol merece destaque como fenômeno recorrente. Além de Theo que se mostrou dividido entre o tráfico e o futebol, Barcellos (2003) demonstra que Marcinho VP também vivia esta divisão, bem como o ex-gerente (do tráfico) que participou da entrevista piloto. Todos eles pareciam ter talento para o futebol, mas não abraçaram com vigor este caminho.

Por fim, sobre a intervenção do pesquisador relatada acima, uma nota: embora este estivesse imbuído do espírito de antes de tudo ouvir os jovens, não percebeu como correto, segundo os próprios princípios da pesquisa-ação, abster-se de fazer uma intervenção, considerando que houve abertura para tal e que a mesma poderia ser terapêutica e que, principalmente, não oferecia perigo ao jovem entrevistado. Neste sentido pôde-se maximizar o caráter já de partida potencialmente terapêutico da pesquisa como um todo, a partir do momento em que permite aos jovens, ao olharem para si chegarem a novas auto-percepções. O pesquisador entendeu como resposta positiva à sua intervenção interpretativa o fato de, na seqüência (logo após a intervenção), o jovem Theo ter passado a contar em detalhes a cena fantasmática que o oprimia e da qual às vezes sentia que não conseguia sair, a revolta o levando mais fundo na vida do crime. No momento da entrevista ele estava afastado do tráfico, decidido a tentar outro caminho.

Quando disse que sentia que não conseguia sair, entendemos como uma forma de falar também da dificuldade de criar outro caminho que não o do imperativo que foi lançado sobre ele.

VI.5.3. *MARCAS N'ALMA*¹⁹³

¹⁹³ Nesta parte procuramos abrir a possibilidade de os jovens falarem das cenas que mais os impressionaram ao longo de seus poucos anos de vida até o momento da entrevista. Alguns poderão ser levados a pensar que esta parte da investigação é desnecessária e dolorosa, podendo ter até um quê de sadismo voyerista por parte do pesquisador. Respondemos a isso que não só é necessária, como é fundamental. Para podermos atingir a profundidade buscada por esta pesquisa, muitas vezes, como o leitor pôde observar, foi necessário tocar em feridas abertas. Tais momentos, no entanto, em sua grande maioria foram dando oportunidade aos jovens iniciarem um processo de elaboração em relação a pontos críticos de suas vidas, podendo ter *insights* ou tomadas de consciência ao longo das conversas. As cenas impressionantes produzem marcas inconscientes nos jovens e são fundamentais para a compreensão de seus processos subjetivos. Mais profundas que as marcas no corpo são as marcas n'alma.

[De tudo o que você já viu até hoje, o que mais te impressionou?] Foi um maluco que morreu na minha frente, assim. Maluco no sangue frio deu só tiro na cabeça dele... [Hum?] me impressionou muito (...). Me impressionou muito também o cara cortar o outro assim com um machado na frente assim ... cortando assim o cara nos braços e as pernas todinha, o cara falando ‘me dá água’. Pá, me impressionou pra caralho, sabe como? Nunca tinha visto, pensava que era só em filme mesmo, aí, mas na realidade tem muitas gente que é ruinzona mesmo, ruim mesmo, tem o capeta no corpo.

Wellington

Enquanto Ronaldo manteve sua linha de respostas, ao dizer que não lembrava de nenhuma cena que o tivesse marcado, Vitor disse ficar chocado com sua própria situação de orfandade, de quase não ter conhecido os pais. Já Diogo relatou uma cena em que um pai mostrava dificuldades de cuidar do filho deficiente, afirmando não querer ser bandido e por isso estava pedindo ajuda. Theo relatou a morte violenta do primo atropelado e o choque de ver o seu corpo mutilado. Também foram corpos mutilados que chocaram Wellington, agora não como acidentes protagonizados por motoristas e automóveis, mas corpos violentamente despedaçados com intenção dos causadores usando não automóveis, mas armas como fuzis e até um machado¹⁹⁴.

Veamos o que disse Vitor sobre sua situação familiar diante da qual acabou reforçando a percepção de que estava só:

Eu até me choco de vez em quando: ‘Pô, meu pai e minha mãe, desaparecidos, não tive oportunidade de conhecer’, como várias pessoas aqui dentro têm pai, mas não dão valor, a mãe vem, vira as costas, não aceita a mãe, aí eu penso: ‘Pô, se eu tivesse uma oportunidade de ter um pai e uma mãe; sei que até, pô, eu mudaria esse quadro bem mais rápido que o meu quadro’; mas infelizmente eu não tenho, eu mesmo tenho que me virar por mim mesmo.

¹⁹⁴ As cenas que os impressionaram acabaram reunindo o conjunto das mortes mais frequentes por causas externas: mortes no trânsito e homicídios.

Diogo falou de como ficou comovido com o pai com o filho deficiente Disse que essa cena e as palavras do pai do menino o comoveram e reforçou que daria o dinheiro mesmo, se tivesse com ele na mão:

Subi no ônibus, sentei no banco de trás, daqui a pouco subiu o cara com a mulher dele e com o filho deficiente físico pedindo dinheiro, tá ligado? (...) A ponto de se eu tivesse, se eu tivesse um dinheiro forte eu pegava e dava ‘vai cuidar do seu filho e da sua mulher, pá, mas aí, é pra tratar mesmo!’ Entende? Diria ainda que se ele fizer outro uso do dinheiro iria saber e iria atrás dele. O filho estava babando, todo ‘assim’, ele dizendo que precisava bastante, que estava com o filho assim, não estava trabalhando, estava desempregado, que não queria vida de vagabundo para ele.

Diogo

Para Theo foi a morte violenta de seu primo que mais o marcou, talvez por ser de um período anterior ao de sua entrada para o tráfico, quando não estava ainda tão *endurecido*.

A morte do meu primo. (...) Quando morava em Costa Barros minha tia pediu a meu primo que comprasse carne. (...) quando foi atravessar o carro pegou ele jogou ele pro alto e depois o caminhão pegou ele. Estourou tudo aqui dele (fala referindo-se a cabeça). Ficou tudo espalhado. ligaram para mim na escola e larguei a escola e tudo para ir lá ver, para ajudar.

Theo

As palavras de Wellington foram as mais fortes e abriram esta parte da apresentação de dados mostrando o recurso dos traficantes à prática da mutilação dos corpos com o objetivo de difundir medo através do terror (cf. nota 179):

[Por que mataram estes dois caras...] *Porque era X9¹⁹⁵, o outro porque tinha fechado com os alemão e depois ficou na favela. Aí mataram ele. (...) Eles picotaram ele porque ele era X9. [picotado é o que?] Picotou em pedaços. [Ah este foi o do machado?] É... Depois tacou fogo...*

Wellington

Veremos em outra seção que os traficantes recorrem à prática da mutilação dos corpos para imprimir terror e medo aos inimigos e moradores das áreas onde atuam. Assim como a imagem de um corpo mutilado marca para sempre um garoto de menos de dez anos, marca também as outras pessoas, mesmo as adultas. Vimos que todas as cenas marcantes relatadas guardavam íntima relação com a vida dos jovens: a relação feita por Diogo é direta e

¹⁹⁵ Alcaçute. Alguém que denuncia ou que passa informações ou para traficantes inimigos, ou para a polícia.

prescinde de comentário. Ronaldo não lembra como parece não lembrar de muitas coisas em sua confusa vida. Diogo enfatizou a necessidade de que o pai do menino deficiente tinha que usar o dinheiro recebido como doação para a família, senão pagaria caro pelo desvio. Lembramos que seu pai não só usava todo o dinheiro da casa para bebida e drogas como até suas mamadeiras eram tomadas com tal propósito. Theo, impressionado com a mutilação do primo, participou ele mesmo de outras cenas em que era o autor da mutilação ligação que se estende a Wellington.

VI.6. FAMÍLIA: FRAGMENTOS E FALTA DE EXPECTATIVAS – ORIGEM E FUTURO

[Quando você constituir uma família sua, que coisas você faria diferente da família em que você cresceu? O que você faria de outra forma, assim?] É, eu mudaria, no caso, eu mudaria o quadro, faria as coisas que minha mãe não fez comigo, teria mais carinho pra minha família, eu poderia falar pros meus filhos que... Poderia contar pra eles a situação que eu passei; aí eu ia mudar esse quadro, ia mudar a história.

Vitor

Nesta parte do trabalho voltam a destacar-se alguns conceitos já evocados anteriormente, tendo sido associados a outros dados. Trata-se da desfiliação e da identificação. Percebemos ao conversar sobre as famílias dos jovens o claro passo-a-passo do processo de isolamento e distanciamento intra-familiar. Contribuem de forma significativa para este processo as dificuldades encontradas em relação à figura paterna, que vão desde a sua falta, passando por heranças simbólicas paternas em frontal inconformidade com uma criação social saudável para os filhos, e por um pai que sempre descreu do filho maltratando-o psicologicamente e fisicamente chegando aos substitutos paternos, os padrastos que parecem não aceitar os filhos dos casamentos anteriores discriminando-os dentro de um padrão aparentemente machista e assim contribuindo para a destruição dos já tênues laços familiares. Um efeito colateral deste estado de coisas é o deslocamento do amor familiar tanto para

peças da geração anterior a dos pais, as avós, como vimos acima, como da própria geração, os próprios irmãos.

Passando aos dados em si, quase todos os jovens responderam considerarem importantes para eles as famílias de origem. Esta valorização, no entanto, não fortalece a perspectiva de retomarem suas vidas com os responsáveis e irmãos¹⁹⁶. Wellington, por exemplo, afirmou que tudo que ele tinha viera da família. Estes laços encontravam-se, no momento das entrevistas, significativamente fragmentados e descontinuados para todos os adolescentes (Vitor, Diogo, Wellington, Ronaldo e Theo). Theo, no entanto, apesar de estar objetivamente um pouco mais afastado de sua avó, afirmou que a relação entre eles superava qualquer coisa que ele fizesse (mesmo sua avó desaprovando). Ao dirigir todo o seu amor para a avó disse temer a morte dela, como a pior coisa que poderia acontecer com ele.

O único dentre os cinco jovens que não conseguiu falar da importância da família para ele foi Ronaldo, que, pelo contrário, passou a falar dos maus tratos recebidos das duas famílias que considerava ter tido. Posicionamento possivelmente ligado aos processos de negação (Freud, 1925). A importância era tão grande, que a falta de família tornava-se impronunciável para ele. Não conseguia representar isso. Conseguiu apontar, no entanto, seu irmão e seu sobrinho como o que havia para ele de mais importante.

Dentro deste panorama dois deles – Diogo e Ronaldo, os únicos que vieram de famílias com padrasto presente – apontaram o padrasto como responsável pelo afastamento de suas famílias de origem. A família de Theo era basicamente a sua avó e o tio, enquanto que para Vitor era a tia. E no caso de Wellington, único que veio de uma família nuclear com ambos os pais biológicos presentes, ele também saiu por causa do “homem da casa”, seu próprio pai biológico. Tal fato, a dificuldade com os “homens da casa”, ajuda a compreender o redirecionamento dos afetos dos pais para os irmãos, como ocorreu nos casos de Diogo e Wellington que deram maior ênfase ao amor aos irmãos que aos pais.

Curiosamente Diogo relatou que procurava esconder dos outros adolescentes o fato de ter uma família, uma mãe, para “*não envolver a mãe com eles*”. Alegou que os adolescentes da casa têm os laços familiares mais fragmentados que os seus: “*Tem neguinho aqui que nunca viu a mãe, não sabe nem quem é. Eu sei quem é minha mãe pô, sei onde ela está*”¹⁹⁷.

¹⁹⁶ A impressão passada por eles é a de que o tempo deles nas famílias de origem já teria acabado, como se não coubessem mais nelas. Faz lembrar o dispositivo jurídico francês da forclusão (posteriormente aproveitado pela psicanálise), que remete a situações em que existe a perda de um direito ou faculdade por não se o /a executar no tempo certo, algo da ordem do irrecuperável quando se considera os tempos deles e os da família de origem.

¹⁹⁷ Pudemos perceber que quanto menos referência familiar tem o jovem, mais ele era discriminado, como se não ter ninguém fosse algo vergonhoso, que o jovem tivesse que esconder. De fato as situações mais graves e envolvendo profundo sofrimento não foram relatadas de pronto, exigindo uma insistência ou maior abertura,

Demonstrou também valorizar a família ao dizer que a família é o mais importante para ele, em especial a sua mãe. Passou então a criticar as mães “mente fraca” da favela que pedem sempre dois papелotes de R\$5,00 e não têm dinheiro para pagar no dia da cobrança vindo a serem ou espancadas, ou expulsas da favela podendo mesmo ser mortas¹⁹⁸.

Vitor e Theo reconheceram sua participação ativa na deterioração dos laços familiares. Foi perguntado a Theo: “[a família em que você cresceu é importante em sua vida? Como?] *Aah, que lá eu tenho educação, tenho quem me ensiná, é como eu falei foi mente fraca minha mesmo*”.

No campo das expectativas das famílias em relação aos jovens, dois disseram que seus responsáveis esperavam que fossem para o quartel. De Diogo, a expectativa era de que desse um neto para sua mãe. Vitor, disse que esperavam que não se envolvesse (com o tráfico) e que pudesse ter um futuro melhor (provavelmente em relação a sua vida pregressa de muito abandono). Wellington, disse que acha que sua família esperava que ele seguisse as regras. Esta pergunta não foi feita a Ronaldo, pois o entrevistador sentiu que poderia ser dolorosa para ele, sem trazer nenhum benefício para o mesmo, até por não saber bem, afinal, quem era a sua família, e pelos mecanismos de auto-proteção que adotou na entrevista, de negação.

Dois dos jovens disseram que suas famílias continuam esperando as mesmas coisas: um futuro melhor no caso de Vitor, e que Diogo possa de fato ir para o quartel e dar um neto à mãe. Theo acreditava que a expectativa familiar de que fosse para o quartel já não se mantinha, mas ainda esperavam que ele saísse do abrigo com uma profissão. Percebemos que mesmo que a expectativa em relação a ele estivesse menor, ainda assim era fundamental que ele soubesse que alguém esperava algo positivo dele. Wellington foi o jovem que mais nos chamou a atenção nesta parte ao responder que já não sabia mais o que a família esperava dele. Vitor concordou com Diogo ao dizer que mudaria mais rápido se contasse com o apoio da família. E Ronaldo, sem surpreender disse apenas não saber.

Perguntados sobre o que fariam diferente nas famílias que pretendem constituir, comparadas às famílias de origem, eles responderam, em linhas gerais, que fariam tudo diferente. Wellington disse que faria quase tudo diferente, mesmo sendo o jovem oriundo da família que nos pareceu mais estruturada. Vitor disse que mudaria o quadro, enquanto Diogo ficou preocupado em enfatizar que prenderia suas filhas, enquanto deixaria soltos os filhos

como por exemplo relatos de fome, de espancamentos, de abandono, etc. Este fenômeno comparece também como um desejo de diferenciar-se da situação de abandonado, cristalizando esta condição no outro, em relação ao qual o jovem esforça-se por mostrar-se diferente.

¹⁹⁸ O que nos remete às *mães do crack* descritas por Bourgois (1995) que iam grávidas para a fila do crack, mesmo sabendo dos prováveis danos que causariam aos fetos em gestação. Em análise ao fim do livro o autor se pergunta se não seria uma forma de matar no ventre os filhos para livrá-los da vida que enfrentariam.

homens, apenas aconselhando-os de vez em quando. Theo concordou com Diogo em relação à necessidade de deixar o filho solto, mas nem tanto quanto Diogo deixaria: procuraria evitar que ele tivesse muita liberdade na rua, evitar que conhecesse muita gente. Theo aprendeu que a grande maioria destes conhecidos não são amigos verdadeiros. A mudança principal para Theo seria mudar-se, evitando o morro, a favela. Preocupar-se-ia ainda em educar e permitir aos seus filhos certo nível de consumo. Ronaldo falou pouco nesta parte, tendo suas palavras, no entanto, grande peso. Resumindo disse que daria ao filho o lar que nunca teve¹⁹⁹.

Tomando Wellington como exemplo no que tange a fragmentação e expectativas familiares, percebemos que estas idéias estão intimamente entrelaçadas: No momento da entrevista ele disse não desejar mais voltar para a casa de sua família (se quisesse – em algum lugar devia querer – não poderia devido a problemas com a polícia e traficantes rivais). Queria ter a sua casa com sua família. Em conflito e afastado do pai falou um pouco sobre a relação com sua mãe:

Ficou tipo uma vírgula, tipo parou um tempo, a gente não conversa, eu não vejo ela; é tipo deu uma parada. [Mas não tem vontade de ver ela?] Tenho vontade de ver ela, mas depois quando já tiver minha vida feita [?] Pra quando aparecer mostrar pra eles que falaram que eu não ia servir pra agir certo. [Sua mãe liga para você, procura?] Não.

Wellington

Este adolescente disse pretender fazer com o próprio filho tudo diferente do que o seu pai fez com ele. O pai nunca proporcionou algum tipo de festa para comemorar o aniversário do filho. Acabou funcionando aí como um anti-modelo.

Ao responder à pergunta seguinte Wellington deixou escapar, mesmo corrigindo-se logo depois, a idéia de que não se sentia uma pessoa normal. Perguntado sobre o que ele achava que a família esperava dele, começou a falar de várias outras possibilidades bem diferentes da sua realidade atual, retomando, inclusive o ponto da liberdade de ir e vir:

Hãn... [minha família] esperava que eu fosse como... , como uma pessoa normal... Normal não, como uma pessoa que estudasse, que trabalhasse, chegasse em casa no horário certo, como se fosse uma pessoa andando por dentro de uma regra, vivesse dentro de uma regra [Então você não ficava muito na regra?] Não ficava muito na regra... Não sei... Parecia que eu não... Não sei... Uma coisa difícil de explicar assim... Direto chegar, eu tinha que chegar àquela hora, se eu não tivesse fazendo aquilo ali eles tivesse passando pra ver se eu tivesse

¹⁹⁹ Ver p.105, grifado.

(se) *eu tava errado, então não dava uma certa liberdade pra mim escolher o que eu queria fazer, era o que eles queriam, não era o que eu queria.*

Wellington

Quando perguntado sobre o que achava que sua família esperava dele hoje, disse não saber: “*Ah, agora eu não sei. Não sei o que que eles esperam de mim.*” E, finalmente, quando perguntado sobre o que faria de diferente em uma família sua, que ele constituísse, disse que quase tudo seria diferente:

Quase tudo [?] não ia deixar meu filho preso, não ia agredir minha esposa, ia sempre fazer de tudo pra sempre tá... Ia fazer de tudo pra ser mais certo do que²⁰⁰... Igual eu, pô, meu pai nunca me deu uma festa de aniversário. Ia fazer festa pro meu filho, (...) o que eu não tive ia dar pro meu filho, o que aconteceu comigo eu ia fazer, mas sempre tando certo, eu ia falar o que é certo e o que é errado pra ele, pá, ‘é isso, isso e isso, pode fazer isso’ Mas também é a mesma coisa, né? Se eu não cumprir as regras, a mesma coisa que aconteceu comigo: umas certas regras que ele botava, eu achava que aquilo não era certo, com meu filho eu ia fazer diferente: ‘se você não acha isso certo você fala comigo, conversa comigo, não vou..., não vou... Como se diz? Forçar e botar ele pra fazer o que ele não quer. Igual eu, ele me botava pra fazer o que eu não queria. Então eu acho que eu vou fazer muita coisa diferente mesmo do que minha família fez comigo, porque foi ruim... Minha família.

Wellington

VI.7. IDENTIDADE NO CONTEXTO DO TRÁFICO

As referências teóricas para esta parte da descrição de dados, indo além do que foi rediscutido na seção VI.5 (identificações), encontram-se nas seções II.4 e II.5 que tratam respectivamente da infância e adolescência vividas hoje em um mundo claramente dominado pela obrigação de consumir e do consumo associado às mensagens ideológicas com as funções que cumprem hodiernamente. Concordamos com Castro quando recorre a alguns

²⁰⁰ Nesta hesitação, nesta parada em sua fala aparece o quanto é difícil falar do pai que ele considera como tendo agido sempre errado com ele. Dá uma parada para depois retomar, falando um pouco das mágoas que ele tem em relação ao pai. Ia tentar continuar a ser mais certo que o seu pai.

autores²⁰¹ para reafirmar a idéia de gradual transferência histórica do eixo da produção ao eixo do consumo. Os dados colhidos demonstram a importância que assumem certos objetos e marcas como signos da identidade da maioria dos rapazes.

Procuramos retomar as contribuições de Thompson (1995) – mensagens ideológicas têm sido construídas e colocadas a serviço, por exemplo, de dispositivos de alcance planetário que impelem ao consumo – dentro da perspectiva mesmo da migração do imperativo de produzir ao imperativo de consumir. O primeiro termo não deixa de estar incluído no segundo, pois para sustentar os níveis crescentes e cada mais exigentes do consumo tem que haver produção também crescente e diversificada especializando-se em marcas e através das sutilezas (nem sempre) das cada vez mais invasivas e intrusivas e envolventes técnicas e estratégias de marketing que produzem a mágica (e ideológica) transformação de supérfluos em necessidades existenciais para as pessoas.

Não podemos, porém, deixar de observar aqui que, se por um lado o apelo à posse de determinadas marcas e objetos é de fato incutido nos jovens desde tenra idade, por outro lado ao nos fixarmos apenas neste argumento, corremos o grave risco de invisibilizar ou de relegar para segundo plano o fato de que grande parte dos rapazes pobres que são objeto desta pesquisa não tem os mínimos materiais e sociais existenciais para sua sobrevivência digna. E estamos falando de alimentação, roupas e teto para habitar. Nossos dados também puderam comprovar que os jovens chegaram a passar fome.

VI.7.1. *OBJETOS A CONSUMIR, CORPOS CONSUMIDOS*

É. Eu tava no Abrigo, e o abrigo era de frente pra favela, então? [*sabe*] como? Saindo, pô. Ia pro baile, voltava, depois saía de novo, aí se envolvia, aí eles tavam com dinheiro eu não tinha dinheiro, aí eles saíam, compravam uma roupa, eu não tinha dinheiro pra comprar aquela roupa, sempre dependendo dos outros, aí eu falei: Não, eu também quero ter meu dinheiro também, quero fazer meu status, quero ser famoso que nem os outros, aí eu comecei por esse caminho,

²⁰¹ Jameson (1993), Vatino (1988) e Baudrillard (1993).

comecei, até que eu me envolvi, depois eu vi que não era aquilo, vi pessoas morrendo ...

Vitor

Em relação ao consumo, quase todos associarem-no à possibilidade de tornarem-se alvos do olhar e do desejo das meninas / mulheres. Todos os jovens, com exceção de Ronaldo falaram da necessidade de consumir, de ostentar coisas boas, principalmente marcas, para atrair as meninas:

Se tu chegar numa festa todo becado, e não falar com ninguém, ficar num canto (...) Chega uma mina puxando assunto. Parece que ninguém olhou pra você, mas que nada! Na verdade ela olhou pra tu de cima a baixo. Maior tenisao, lançamento da Nike, tá ligado? Sabe como? Pô... 'Esse garoto aí, pô, deve ser bandido, se não for bandido não tem' sabe como é né? É a famosa mercenária. [A maioria das meninas é assim?] Não tem nem termos de comparação.

Diogo (grifos nossos)

Se o desejo de ser desejado pelas garotas é importante para os jovens entrevistados, motivando-os a obter recursos financeiros de qualquer forma, mesmo através da atividade ilegal e violenta como o tráfico de drogas, outro fator empurra-os na mesma direção e não deve ser desprezado, constituindo justamente o outro lado da moeda do consumo livre: a privação. Observamos que alguns jovens conseguiram falar da profundidade das dificuldades pelas quais passaram, enfrentando, inclusive, a fome. Relataram também outros tipos de privações, também traumáticas e humilhantes, como a de não ter uma roupa (por simples que seja) para ir a um determinado lugar, ou não ter dinheiro para comprar um desodorante, ou ver-se obrigado ao ato de pedir, como relatou Wellington:

(...) 'pôxa, não tenho nem um desodorante, pô, compra pra mim?' 'Vou comprar'. (Sabe) como? Então, agora é mais fácil tu... (pedir). É melhor que tá fazendo uma coisa como?... Tu não tá tirando nada de ninguém, tá pedindo e uma pessoa te dando, até de coração, às vezes né? Tem muitas pessoas que dá de mau gosto, mas também tem muitas que dá de coração, então é uma coisa boa se tu tiver necessidade de comprar e não tiver dinheiro você pedir ou então você esperar um pouco que sempre aparece um dinheirinho na tua mão. Você faz alguma coisa pros outros você tem dinheiro, mas pro bem.

Wellington

Outra semelhança encontrada no discurso dos jovens foi o apelo, agindo mesmo como imperativo, em direção ao consumo, ao qual todos os jovens com exceção de Ronaldo admitiram estar submetidos. Compreendemos a exclusão de Ronaldo destas duas características associada a sua baixa auto-estima que parece não o permitir desejar nada.

Vitor falou do desejo por “*objetos, cordões, mulheres, meninas...*”. Diogo mencionou o apelo das griffes (marcas de produtos sofisticados, principalmente de vestuário). Theo disse gostar de andar arrumado, dando a seguir um exemplo de como o próprio ato do consumo fascina as meninas: ele chega no bar de um baile e pede um *Redbull* (bebida energética) dando uma nota de R\$50,00, chamando a atenção das meninas próximas. Disse, porém, não prender-se a marcas, comprando suas roupas até em camelô, contanto que ficasse bem arrumado. Por fim, Wellington afirmou que gostava de ter as coisas, roupas, etc., mas que não ligava para a marca, preferindo ter algo barato a não ter nada. Surpreendeu ainda ao incluir um elemento raramente abordado nas discussões teóricas sobre o consumo e o consumismo em sociedade de consumo: a qualidade e durabilidade dos produtos. Indo além da questão da marca em si, argumentava que por vezes compensava comprar um produto mais caro, de marca mais conhecida pelo fato de que ele vai durar mais que outro mais barato e de menor qualidade.

Percebemos pelas entrevistas como o desejo de consumir muitas vezes transformava-se em necessidade inadiável, incidindo fortemente sobre estes jovens e tantos outros como eles, pobres e moradores de favela, impulsionando-os com frequência diretamente para um caminho diferente daquele do estudo. Afastando-os com grande frequência também do trabalho honesto. Vitor relatou que deixou de estudar para trabalhar para poder comprar as coisas que queria: “*aí eu comecei a trabalhar porque também eu ficava só estudando, parado, fazendo curso, então aí que eu, pô! Tinha que trabalhar pra poder comprar umas coisas e ir tocando minha vida pra frente*”. Em seguida, contou ter deixado este trabalho para atuar no tráfico e poder comprar o que queria. O dinheiro ganho com seu trabalho honesto não estava sendo suficiente para ter o que de fato queria (cf. epígrafe desta seção). Convergindo com as percepções de Vitor, Diogo referiu-se ao apelo ao consumo como algo que se impõe, e que dificulta a recuperação dos jovens:

[como é para você a vontade de comprar as coisas, coisas novas?] *Tenho muita vontade, tipo como? Tenho vontade de sair, ir num lugar, mas não tem um tênis esperto pra ir, pá, não tem uma calça, pô! Qualquer um, um camiseta, um bonezinho, pá, pra poder sair. Aí também que tenta pra caramba também... [tenta pra caramba?] Pôoo... [E se não pode comprar, como é*

que fica?] *Fica ruim (...)* [Como que é a tentação?] *Tenta, pô! Tu passa numa vitrine, você passa numa loja, na Di Santini. Pô, a Di Santini vende tênis, vende as roupas da Nike, certo? Aí você passa ali, olha. Você olha e vê uma roupa da Nike... R\$299,00, pô, tênis, R\$250,00, Aí você pega e olha assim, pô!* [reprodução de seu pensamento no momento descrito entre aspas simples]: *‘Quando eu era do bicho metia a mão no bolso, eu tinha R\$550,00, tirava era bolo.’ Hoje eu meto a mão, não tem nada. [E aí?] *Sabe como é que é, né? Se o cara não for forte mesmo, pra LUTAR, o cara cede (...)* pô, quando eu ando na rua passo em varias loja, tipo eu nem paro pra olhar. Nem paro, tem que andar pra frente.*

Diogo

Entretanto, se ele está certo de que tem que andar para frente e desviar-se da tentação. Esta não é pequena, nem insignificante, como o próprio Diogo ilustrou sobre o funcionamento do impulso ao consumo. Forte como um imperativo. Mais forte que a fala da mãe quando esta argumentava, de forma racional, que não podia dar a blusa que o filho tanto desejava, já que precisava comprar comida:

(...) o cara, o moleque, pá, tem pai, tem mãe dentro da comunidade, mas só que mãe e o pai, pô, tá ligado, pô tio, vou falar agora, tá ligado que pô, coisa de marca Nike, Mizuno, (...) São roupa de que, nego fala que é roupa de bandido e bandido usa mesmo, Nike, Kenner. São roupas que bandido usa mesmo, tá ligado? Bota um Kenner no pé... E o moleque vê aquilo, ‘pô! Caraca! Quero uma roupa daquela! Quero uma roupa daquela!’ Chega pra mãe e ‘pô mãe...’ Conversa com a mãe ‘pô mãe, tem condições de você me dar aquela blusa?’ A mãe chega e ‘pô filho, eu não tenho condições de dar essa roupa não, que é muito cara, o dinheiro que eu vou dar nessa blusa é o dinheiro que eu posso fazer uma compra pra casa, pra gente ter o que comer’ E é o caso do moleque se revoltar: ‘pô cumpade, minha mãe não quer me ajudar, vou formar na boca mesmo, vou ganhar dinheiro’ (...).

Diogo (grifos nossos)

O adolescente relatou ainda a segunda etapa deste processo, quando perguntado como o dinheiro recebido do tráfico como pagamento influenciava na mudança dos jovens:

*(...) através do dinheiro que o cara conseguir no tráfico, o cara pode tipo como? Pôxa! Comprar várias coisas. O cara pode chegar na loja, escolher várias roupas caras. Nike, várias coisas, comprar o que ele quiser. Andar de moto, isso aí só vai tipo como, alimentando a fantasia do cara, certo? [Qual fantasia?] *Fantasia do cara tipo como? ‘Tenho condições’ Certo? O cara mesmo vai parar e pensar: ‘pô, cara, antes eu era fudido, pá! Não tinha nada,**

agora eu tô no tráfico, posso fazer isso, isso, isso, e isso, pá, a parada do dinheiro. O dinheiro faz muita polêmica, o dinheiro não engana. Interfere muito também na cabeça dos outros.

Diogo

E diante de tanto apelo, tanto imperativo, quais são as estratégias que os jovens desenvolveram ou estão desenvolvendo para enfrentar este conflito? De modo geral, suas respostas estão ligadas à aprendizagem da capacidade de adiar um prazer, uma gratificação. O que vemos, sob uma compreensão psicanalítica, como a possibilidade de integrar os funcionamentos do princípio do prazer e princípio de realidade, o que só pode acontecer quando o ego se torna capaz de conciliar os impulsos em busca de prazer com os dados da realidade, diferentemente do que ocorre na alienação imaginária em nível ego-ideal. Veremos como funciona este processo de adiamento quando abordarmos a capacidade de o jovem escolher ou não o seu caminho. Marcando apenas, preliminarmente, que ser capaz de escolher adiar algo que se deseja muito, já é uma forma de construir um processo mais consistente de escolha. Se pensarmos em termos de uma construção, seria parte dos alicerces desta.

Seguindo este irresistível apelo do consumo, empurrados para perceber o uso de certas marcas como uma necessidade existencial, ostentando assim certos produtos que acabam funcionando como insígnias, grande parte dos jovens pobres de favela acaba ironicamente oferecendo seus próprios corpos para serem consumidos nos violentos e mortíferos processos do próprio tráfico de drogas.

Corpos que têm preços. São precificados de acordo com as funções que desempenham, as aptidões e níveis de autonomia para agir, parecendo serem mais valorizados aqueles corpos (e mentes) menos humanos, capazes de ações que nos custa atribuir a seres civilizados que em tese habitam dentro da circunscrição geográfica de um Estado de Direito:

[Esses que falam, que consideram como trabalho, eles têm essa coisa toda também de dinheiro, do poder, de mulher?] *Têm.* [Todos têm?] *Todos têm o mesmo direito, o mesmo direito que um tem, a gente tem, a não ser aqueles que são mais rebaixados, que não têm um preço, porque todo mundo tem um preço na favela, todo mundo vale um dinheiro.* [Preço que você diz é o que?] *Todo mundo tem um preço, vamos supor: um cara é um tem um cargo mais alto que o que o outro* [Ah, tá na hierarquia lá?] *Um tem um preço mais alto do que o outro* [Entendi. Como que tu tava envolvido lá? Como é que é? Tu falou no preço, qual era a tua função?] *Ah, minha função era como vapor, vendendo, passando drogas, passando drogas, vendendo.*

Vitor e entrevistador

De modo análogo percebemos como tal apelo, ou mesmo imperativo ao consumo toma também as meninas que, segundo a visão dos rapazes chegam a colocar seus corpos disponíveis – para serem “consumidos” no sentido sexual – aos rapazes, buscando acesso à possibilidade de também consumir representada pelos *caras* do tráfico²⁰². Visualizamos então um sistema cíclico alimentado e impulsionado em diferentes partes e lógicas pelo apelo ou mesmo pelo imperativo ao consumo. Lembremos que quando Vitor respondeu sobre o que mais o impressionava²⁰³ demonstrou que as meninas acabam sendo situadas e situando-se na mesma série em que são colocados, por exemplo, objetos e cordões, coisas materiais que dão status a quem as porta funcionando como signos identitários.

Tal ciclo de consumo de corpos traz-nos à mente a imagem do *moinho satânico*, usada por Polanyi (1944:51) para ilustrar os estranhos modos de funcionamento que assumia o capitalismo, especialmente na Inglaterra de meados do século XIX. O autor perguntava sobre que prodigiosa força teria sido essa capaz de *transformar homens em massa*, se teria sido o progresso ou a dependência econômica a destruir o tecido social. Em nossa pesquisa vemos que nosso tecido social tem sido violentamente esgarçado com o advento, crescimento e profunda penetração do tráfico de drogas nas favelas do Rio de Janeiro, principalmente a partir da década de 1980.

VI.7.2. DISSOLUÇÃO DA, – THINNER, COLA, LOLÓ, MACONHA E COCAÍNA (‘QUANDO A DROGA É BOA, TU NÃO VÊ MAIS NADA’)

[Você usava drogas?] Uso [Ainda usa? Quais?] Thinner, cola, maconha, loló... [Como você percebe o uso de drogas influenciando na entrada de jovens para o tráfico?] Ah, que as drogas levam a pessoa a roubar coisas pra ir comprar mais droga, aí vai roubando, vai roubando... Aí... [E em relação ao tráfico especificamente? Tráfico, você sabe o que eu tô dizendo, né? Trabalhar na boca, essas coisas. Tem alguma ligação também?] Ah, isso aí eles vende pra arrumar dinheiro pra comprar mais. [Arrumar dinheiro pra comprar droga?

²⁰² Cf. subseção VI.4.2.

²⁰³ Ver p.168, grifado.

Trabalhando na boca. É isso que você falou? E você? Já fez isso, de roubar pra comprar droga?] Roubar, assim, eu já roubei já.

Ronaldo

A principal convergência de percepções entre os jovens quando foram abordadas especificamente as drogas verificou-se no modo como eles e outros tantos adolescentes começam a usá-las. Todos falaram que o começo ocorre através dos colegas.

Uns – como Wellington – falaram das amizades, outro falou ainda sobre o jovem ter “mente fraca” deixando-se levar facilmente pela cabeça dos outros. Respondendo à pergunta sobre por que uns começam a usar e outros não, não houve tanto consenso, aparecendo, todavia, dentre os motivos a amizade, ou “colegagem”, “mente fraca” e “pilha” (pressão) do grupo na maioria das respostas. Os dois jovens que apresentaram motivos diferentes, Vitor e Theo, mencionaram, o primeiro, que não tinha amor à vida e que estava só no mundo, enquanto o segundo disse não saber porque uns usam drogas e outros não, argumentando a seguir que parece que todos usam, mencionando os trabalhadores, trocadores de ônibus, playboys, que vão todos lá na boca comprar drogas. Diogo dramatiza uma conversa com um colega ilustrando de forma precisa a influência dos colegas, dos grupos de pares sobre o jovem que nunca usou drogas:

Jovem 1 (usuário): *‘Vamos bater isso irmão!...Ou um charuto, fiel!’*²⁰⁴

Jovem 2 (nunca usou): *‘Batê nada não, cumpadi.’*

Jovem 1: *‘Hiiiiii, alá maior careta, maior vacilão, não fuma não, babacão!’*

Aí o cara, só pra demonstrar que não é careta, que não é babaca:

Jovem 2: *‘eu vou fumar mermo!’*

Aí dá a primeira, a segunda, gostou, começa a gostar. [Esse é o primeiro barato, né? E depois? Tem o barato da própria droga que mantém o cara viciado?] É né, tem também, o cara começa a virar dependente daquela droga, o cara... Sem isso o cara não faz mais nada, tá ligado, o cara vive dependente e outra, no dia que não tiver aquilo, acabou (entendi aqui que o cara fica acabado). [Mesmo com maconha?] Maconha, cocaína. (...).

Diogo

Vitor refletiu sobre como funciona a indução promovida pelos colegas por outro ângulo, enfatizando, mais do que a pressão que percebemos na dramatização feita por Diogo,

²⁰⁴ Gíria: *Bater* significa cheirar cocaína. O charuto em questão é um cigarro grande de maconha.

o comportamento vicário, de querer ter também a mesma sensação, o mesmo prazer que o outro demonstra estar sentindo, ou seja, o jovem inveja e deseja compartilhar neste momento nevrálgico, do imaginado gozo do outro:

[Mas qual que você acha que é o barato assim, o que que atrai o cara pra droga, pra usar droga e tal? Tem um barato assim, tem uma parada assim?] *Cada um pensa de um jeito, você não vai entrar por entrar; você vê os outros fazendo, você vê a reação dos outros, então você também quer aquela reação que os outros tão tendo. Você tá drogado, você tá tendo uma reação que... Aí você já vive as drogas diariamente, a ilusão na tua cabeça – que é só uma ilusão – como se você estivesse olhando prum espelho. Quando você tá ali olhando de frente pro espelho até você...*

Vitor

O modo de início de uso das drogas muitas vezes confunde-se com o início da aproximação ao grupo de traficantes que futuramente resultará no envolvimento do próprio jovem, já usuário de drogas, no esquema do tráfico de drogas. O caso de Wellington ilustra consistentemente este movimento que o tem acompanhado desde muito pequeno:

[Qual você acha que é o barato que atrai os jovens para as drogas?]

Ah! As amizades. Pra mim foi a amizade. Não foi nem... Que dentro de casa eu tinha, que meu pai usava, mas não foi nem dentro de casa que eu usei. Foi mais pelas amizades mesmo que eu fui fazendo, amizade de pequeno, pra tu ver, amizade de pessoa pequena que andava comigo e foi indo, nós não usava, era tipo uma amizade assim: ‘vambora brincar de um pique, vamo brincá de futebol?’ ‘Vamo!’ (resposta da outra criança). Tudo mermo assim mesmo: ‘bora jogá um videogame em casa...’ [Que idade você tinha?] ‘É cinco, seis anos ‘pô, vai lá pra minha casa! Vamo lá, bora joga um videogame, pô’. Depois fui crescendo, né? Ah, saindo com as garota, pá. Demo um trago no cigarro, daqui a pouco quando nós tá vendo nós já tá fumando maconha. Foi tudo com as pessoas assim mermo que foi criado né? [Com que idade estavam fumando] sete anos nós já tava fumando [fumando o que?] Maconha. (Com) sete anos eu roubava o maço de cigarro do meu pai ia pra dentro do mato, e fumava uns cinco cigarros e jogava o maço fora [E você não ficava doidão só de fumar tantos cigarros?] (ele riu) Cigarro não dá onda não. Só no começo, quando tu começa a fumar, dá tontura porque tu não é acostumado. Tu dá um trago assim, fica tonto, porque a fumaça vai, bate direto no teu sangue, né? Vai pro teu pulmão e corre no teu sangue, teu sangue nunca teve aquela substância, a primeira vez que tu dá um trago, sabe como? Já fica tudo girando.

[E porque você acha que uns usam drogas e outros não?] *Ah, também tem certa amizade. Amizade nos bares. Tem um caminho que tu vai, às vezes tu vai num lugar que vende droga, mas tu não consegue ver, às vezes tu vai num lugar que não tem, mas você procura e tem, aí você já gera uma amizade: ‘pô tô com uma amiga aqui mermo (no abrigo), que a gente tá usando. Aí a gente acaba usando, às vezes gosta, às vezes nem gosta, mas quer usar de novo só pra dizer que tá usando: ‘pô, tô usando droga, pá’.* [Só pra tirar onda com os amigos?] *É.*

Wellington e entrevistador

Diogo foi o único a apresentar outro motivo para o uso de drogas pelos jovens, apontando que as drogas fazem parte, junto com dinheiro, mulheres e sexo, de uma fase da vida muito difícil, que é a adolescência²⁰⁵.

Convergiram também em torno da opinião de que o uso de drogas e a necessidade que se estabelece de comprar sempre mais acabava levando o jovem a roubar e ao tráfico de drogas. Uma vez no tráfico a vinculação com as drogas assume um caráter cíclico que torna mais difícil superar o primeiro problema (o vício em drogas) devido ao ambiente e ao acesso muito fácil a grandes quantidades de drogas²⁰⁶. As palavras do jovem Ronaldo (epígrafe desta subseção) ilustram de forma precisa este processo: o vício em drogas e o trabalho no tráfico alimentando-se mutuamente.

Prosseguindo na associação entre droga e crime, Theo também contribuiu para melhor visualizarmos esta relação, quando disse²⁰⁷ que os “menor” do abrigo *é tudo droga e roubo*, que só isso que passa na cabeça deles. Acrescentou ainda um ponto novo à relação entre drogas e crime ao mencionar um sentimento de que aparece nele quando sob efeito das drogas, de desresponsabilização pelos atos:

Dependendo da droga, que só sei da maconha, vê por mim, mim, eu ó eu uso mesmo só pra ficá zoando com esses menor aí, a maconha faz tudo, às vezes faz tu ficar bolado, às vezes faz tu robá, mas se tu souber levá ela, tu não faz nada disso, tu gasta a onda todinha só zoando, é o que eu faço, quando eu fumo, eu gasto a onda todinha, só zoando mesmo com os menor aí, dando rolé na pista, assim, brincando, tem vez que joga futebol, pô...

Theo

Este relato de Theo permite compreender melhor as diversas ações brutais relatadas na literatura referente ao tráfico de drogas cometidas por traficantes, em sua maioria jovens, sob

²⁰⁵ Ver p. 146 (grifado).

²⁰⁶ Ver p. 114 (grifado).

²⁰⁷ Ver p. 213 (grifado).

intenso efeito de drogas, em especial a cocaína. Garotos e homens no tráfico ficam boladões, e paranóicos chegando a assassinar até moradores da favela sem terem recebido qualquer provocação ou ameaça. E como a violência, além de ser tolerada, é valorizada entre eles, e uma das principais ferramentas de trabalho, tais comportamentos são aceitos, geralmente na medida da utilidade do “funcionário” para o esquema do tráfico “empresa”.

Se vimos falando até aqui da questão financeira de começar a trabalhar na boca para poder sustentar o vício, Vitor acrescentou outro aspecto, referente a outro tipo de valor, agora não mais econômico, que o jovem pensa obter ao fazer esta mudança.

[Como que você percebe o uso de drogas influenciando na entrada dos jovens pro tráfico? (...)
Se influencia...?] *Influencia, porque o cara usa droga e fica alucinado com aquilo, aí vai, acaba entrando no ramo do tráfico de droga.* [Mas porque está alucinado, porque tá sem dinheiro pra comprar, qual o motivo?] *Sem dinheiro pra comprar, pra ter sempre...* [Pra ter sempre?] *Pra ter um certo valor na favela.*

Vitor

O trecho do relato de Theo a seguir permite-nos ver a força da droga em levar a atitudes que podem conduzir ao cometimento de crimes. Experimentam momentos de desnorreamento, de turvação da consciência:

(...) aí qualquer coisa eu fico bolado, chega final de semana eu quero sair pra roubar, aí eu nem saio, pra evitar esse negócio eu nem saio, fico o final de semana todinho aqui dentro, eu nem saio. Quando a noite chega, e é que nem peixe espada, que (eu) estava “boladão mesmo” e só depois me acalmei. Cheguei lá fora e aí fumei, veio muita coisa na cabeça, preocupação com minha avó, aí eu já chamei os menor pra roubar eu mesmo chamei [que menores?] menor daqui. Acabaram não roubando, nem tentaram, ficou todo mundo maluco, doidão no meio da rua, aí todo mundo voltou, todo mundo doidão, não sabia nem para onde ia, na praça. Três andando prum lado, três andando pro outro, todo mundo doidão, não sabia nem pra onde ia.

Theo

Este depoimento reforça a idéia de desresponsabilização vista antes no relato de Theo como um dos efeitos das drogas. Aqui, novamente, aparece com clareza o desnorreamento causado nos jovens pelo uso e mesmo abuso de drogas. A cena deles andando na praça sem rumo é forte e acaba funcionando como símbolo para a situação deles em médio, longo prazo (sem rumo na vida).

Embora os jovens admitam que ainda usem drogas, eles já vêm desenvolvendo uma avaliação crítica em relação a elas. Todos eles mencionaram aspectos negativos do uso de drogas, como o poder de destruição da droga, o prejuízo que causa à vida familiar, dificuldades de aprendizagem²⁰⁸, perda de rumo e o perigo de ser morto ao andar pelas áreas onde atuam os traficantes. O discurso de Vitor reforça a idéia de que o jovem, ao escolher as drogas, acaba privando-se de uma série de outras coisas:

(...) pra tu vê! Rogério pulou por motivo de drogas. Foi o que eu dei conselho a ele: ‘Pô, cara, vai pular por causa de droga, vai ficar na rua por causa de drogas? Pô, tu vai usar aquela droga? A droga vai acabar (...) tu vai ficar na rua, chovendo’. Num pode mais entrar pá cá pá dentro, porque já tá ca idade avançada já, já vai fazer dezoito anos, não pode voltar pra casa por causa de motivo de briga, confusão, quer dizer, tá na rua, tá quase com a idade avançando, já vai fazer dezoito anos, qual o rumo que ele vai tomar?

O cara com dezoito anos na cara, sem trabalho, sem escola, sem nada, a única coisa que resta pra ele é o crime, é o crime, se envolver; é a única coisa, a primeira coisa que a gente se vira. Eu num roubei por roubar, pra poder viver, mas isso ele tá plantando, ele tá colhendo o que ele plantou. Pô, todo mundo via pra cá pra dentro o que? Uma oportunidade; se você quer, vou te colocar na escola, vou arrumar um curso pra você, mas só depende de você.

Vitor (Grifos nossos)

Sabemos, no entanto, que em relação aos jovens entrevistados, assim como em relação à grande maioria dos jovens moradores do abrigo, não se trata de uma simples decisão. É necessária não apenas uma significativa mobilização de recursos humanos e institucionais para construir junto com o jovem uma oportunidade de ele livrar-se do vício, mas também a invenção de novos dispositivos para fazer frente a este desafio que não tem sido superado.

Diogo foi um dos jovens que evidenciou claramente como o seu uso e o abuso pode contribuir de forma significativa para a deterioração das mais importantes referências dos adolescentes, a família e o colégio. Depois de dizer que atrapalhava os estudos, ele disse que as drogas podem atrapalhar também as relações familiares:

[Então você até admite que seus filhos usem drogas, mas tem que ser... de forma controlada?] *Vou falar para o meu filho assim ó: ‘não é que eu estou aceitando você usar droga...’ pô, eu já tive a sua idade, já me droguei pra caramba, já fumei vários, pá. Só que eu sempre soube*

²⁰⁸ Cf. página 113 (grifado).

fazer minha cabeça. Quando eu chegava em casa eu caçava minha cama para dormir e senão sentava na cadeira e ficava quieto. Agora, pô, quer fumar, saiba fumar cara, não fique pô, se chegar em casa, bater na mãe, já viu isso tio, que bate na mãe? Pô, se o fumo não dá certo tio, não vai rolar, não vai rolar cara, e que nunca chegue ao ponto de vender as coisas de dentro de casa pra comprar droga. Tipo assim, o cara fumou, saiba fumar, saiba curtir sua onda quieto, tranqüilo.

Diogo

Percebemos pelas palavras de Diogo que ele foi o único que concebeu a possibilidade de um uso “responsável” das drogas, tendo apontado como atitudes inadmissíveis no uso de drogas, apenas as situações-limite, como bater nos pais, vender as coisas da casa.

Theo mostrou que a passagem do círculo familiar a um círculo mediado pelas drogas envolve vários elementos, como os bailes, o novo grupo, uma maior proximidade com os traficantes. Uma mudança de ares que em seu conjunto contribui para uma maior abertura do jovem para a influência de valores ligados ao tráfico de drogas: “*que quando eu fui dar o primeiro trago na maconha, foi daí que comecei a curtir baile, e estragar minha vida mermo*”. Faz parte deste “estragar a vida” a dificuldade com os estudos, expressa por ele (ver p.113, 1^{os} grifos).

De um modo mais geral Ronaldo atribuiu às drogas a dificuldade de seguir um caminho melhor, “do bem”. Respondendo à pergunta do entrevistador sobre o que ele achava que atrapalhava seguir o caminho de estudar, trabalhar, ajudar sua mãe, ter filhos, as coisas que dissera que gostaria de fazer. Respondeu pontualmente: “*As drogas*”.

Quase todos os jovens apresentaram uma consciência crítica em relação às drogas, que pode ser exemplificada pela fala de Vitor: [Então o cara que não se envolve, ele, você acha que tá buscando um mundo...] *Tá buscando um caminho melhor pra ele (...) porque a droga só destrói.* Diogo foi o único que dentro de uma avaliação geral também negativa, concebeu a possibilidade do uso comedido das drogas. De modo geral chamou a atenção a visão crítica em relação à necessidade de afastarem-se das drogas. Vitor falou nas drogas como uma ilusão²⁰⁹. Diogo confirmou que ainda usava maconha, mas que queria parar por achar que não levava a nada. Ronaldo exemplificou a dificuldade em parar de usar compartilhada por todos:

Tinha muitas dificuldades assim... Eu queria, eu queria parar... De usar drogas. Que eu comecei usar drogas quando tava no morro. (...) [Aí você tinha dificuldade de parar de usar isso?] Ainda tenho, ainda uso. [E como você consegue? (as drogas)] Não sei... Pra conseguir

²⁰⁹ Página 191 (grifado).

parar... [Você compra? Eles te dão. Como que é?] (Não quer responder) Não, pô, muitas vezes assim ele me dava. Quando eu tô usando, a única coisa que eu compro é cola, thinner...

Ronaldo

O final da fala de Ronaldo revelou-nos a proliferação das chamadas boquinhas que comercializam drogas “menos nobres” e mais baratas, embora não menos viciantes ou nocivas, como cola de sapateiro e thinner, sendo os usuários garotos mais novos como Ronaldo que tinha 14 anos no momento da entrevista, e como tantas outras crianças e adolescentes que são vistas todos os dias nas ruas. Consideramos a existência de tais locais como um agravante ao problema das drogas no mundo infanto-juvenil. Elas funcionam como porta de entrada precoce para tal mundo.

Segundo informações obtidas com técnicos do abrigo, além do fornecimento destas drogas, os jovens, embora nenhum dos entrevistados tenha falado algo neste sentido, podem fazer bicos, ganhando algum dinheiro ao orbitar em torno de tais locais. Cabe destacar que não houve menção na literatura estudada a tais locais de venda destas drogas, cabendo, pois, maiores estudos sobre os mesmos. O grau de danos à infância e adolescência pobres representado pelas *boquinhas* fica evidenciado quando precisamos que elas atendem principalmente a crianças e adolescentes mais novos, servindo para iniciá-los desde cedo no círculo vicioso do uso de drogas, pequenos furtos, trabalho no tráfico (que pode começar nas boquinhas) e seus desdobramentos. As boquinhas representam ainda mais um espaço sob influência da *cultura de comando* (como visto na seção IV.2), como uma pequena estação repetidora das mensagens e valores inerentes a esta forma simbólica. Tais idéias e valores presentes nesta cultura (de comando) espalham-se e reproduzem-se, encontrando campo fértil nas mentes de adolescentes que imitam os traficantes em uma escala menor, com drogas mais baratas e de acesso mais fácil, como se fizessem um estágio para o trabalho efetivo – nas bocas do tráfico. Descreveremos o que entendemos por *cultura de comando* na subseção VI.8.1 (Territórios comandados – a territorialização pelo tráfico).

VI.7.3. MASCULINIDADE ESTEREOTIPADA

[Você acha que quando o adolescente está envolvido no tráfico ocorre alguma mudança na forma das meninas o verem?] Pô, tipo muda, né?

Tipo o cara, (sabe) como? Cordão de ouro, de fuzil, de pistola, vários celular, tipo o cara como: ‘vai pegar aquilo ali pra mim!’ Vagabundo vai só porque o cara tá com o poder na mão (...) quando ele tem o poder na mão assim, as menina se amarra (...)

Wellington

Esta parte do relato dos dados corresponde à pesquisa sobre o grau de associação entre estar no tráfico e o sentimento de ser homem, sendo provocada principalmente pela seguinte pergunta do roteiro: [Você acha que o jovem se torna mais homem por trabalhar no tráfico?]. Vimos pouco antes (seção VI.4.2, sobre namoro) como o tráfico atravessa as relações entre os gêneros sendo – na maioria das vezes, segundo os jovens entrevistados – determinante que o rapaz esteja envolvido para ser procurado por uma jovem.

Entendemos que esta informação acaba fortalecendo a ligação direta entre ser traficante e sentir-se homem, uma vez que um dos pontos valorizados pelos jovens como parte de ser homem é também (talvez principalmente) a possibilidade de ter garotas. As respostas dos jovens evidenciaram novamente uma opinião crítica deles em relação a um incremento na masculinidade pelo fato de ser ou de *estar traficante*. Eles consideraram que o cara se torna mais homem de fato. Ocorreria uma *auto-ilusão* de tornar-se mais homem.

Com relação à pergunta sobre se ocorre alguma mudança na forma das meninas olharem para o jovem quando ele passa a atuar no tráfico, foram também unânimes em confirmar a existência de mudanças significativas no modo de as meninas olharem para os rapazes. Diogo, Theo e Ronaldo restringiram tais mudanças às garotas mais interesseiras, como veremos abaixo. Vejamos então o que disse Vitor em relação à idéia de incremento na masculinidade:

[Você acha que o jovem se torna mais homem por trabalhar no tráfico?]

Não se torna mais homem, mas ele, ele vendo os outros amig... (ele corrige amigos e passa a colegas) colegas, outras parcerias, eles vê os próprios colegas tomarem uma atitude, ela quer tomar a mesma atitude, então se sente mais alto do que os outros, simplesmente porque porta uma arma de fogo. Eu acho que, ele exibindo uma arma de fogo, ele se sente mais alto do que outros, então ele quer encarar os outros, de uma tal forma que não respeita, qualquer coisa quer bater, quer esculachar porque acha que é melhor do que os outros, eu acho que é isso.

Vitor

Embora o trecho da entrevista abaixo demonstre uma visão crítica neste campo, Vitor deixa escapar como percebe que uma situação (ter mulheres) está, de modo geral, ligada à outra (sentir-se homem):

[E... Você tava falando do pessoal envolvido, aquele cheio de mulher e tal; você acha que, que essa situação, do cara ter um monte de mulher, o cara acha isso é que é ser homem? Ter um monte de mulher assim, isso que acha que é ser homem, como é que você acha que tem alguma ligação nisso?] *De um homem ter um montão de mulher?* [É, dele se achar mais homem, se achar homem porque...] *É, porque eles se acha mais porque ele, pô: ‘tenho mais mulher do que você, então eu sou mais homem do que você!’ Mas eu acho que isso não significa nada. Eu sou homem, ele também é homem, a única vantagem que ele tem, pode até ter mais mulher, pô, mas do mesmo jeito que ele consegue a dele, eu posso conseguir a minha também, entendeu?* [Mas você acha que o cara se sente mais homem por isso?] *Ele se sente mais homem por isso.*

Vitor

A seguir, Vitor começou a falar um pouco mais sobre como ocorrem estes processos em que o jovem passa a ser mais valorizado: “[Você acha que quando o adolescente se envolve, muda a forma das meninas verem o adolescente?] *Muda.* [Em que sentido que muda?] *Muda assim porque ela fica pensando, pô, aquele garoto ali pá, já tem aquilo e aquilo outro...*

Vitor falou de como as meninas ficam atraídas pelo status e poder do traficante, procurando escolher o mais forte dentre eles, para ter dinheiro, poder, status, fama. O que acaba atraindo inclusive, de forma cada vez mais freqüente meninas de classe média e até mais altas²¹⁰.

[Então ela quer tipo participar do poder que o cara tem?] *É... No caso ela quer se envolver; como se fosse no tráfico de drogas; ela vai chegar, ela vai escolher o melhor, ela vai querer escolher o melhor que tem ali. Que tem mais de um que tem condição de bancar ela. Ela vai escolher o melhor pra ficar com aquele; mas aí ela vai pela ganância do dinheiro, por ser famosa, porque ela sabendo que ela vai andar com um traficante, ela vai ficar sendo conhecida: ‘olha a namorada de tal fulano’, porque aí ninguém vai mexer com ela.* [Você acha que a maioria das meninas pensa assim, age assim?] *Hoje em dia eu acho que fica, hoje em dia eu acho que sim.* [Você acha que vem mudando, que antes não era tanto e que agora é mais (...)?] *Eu acho que até filhas de gente que tem situação boa que também tomam essa*

²¹⁰ Conforme, por exemplo, notícia do jornal O Globo de 16 de abril de 2005, p. 15, que trata da situação de uma menina de 17 anos que saiu de casa para morar no morro com um traficante de quem estava gostando.

atitude, de (...) [Você percebia lá aonde você trabalhava?] Percebia, pô. [As meninas iam comprar e acabavam se envolvendo?] Cabava, fumava, ficava... , aí já queria ficar também. [Ficar, ficava com o cara, é isso?] Ficava com o cara. Sabe como? Tem um certo respeito. Às vezes ela não precisava nem de roubar, mas roubava por roubar, só pra tu ficar surpreso e tá sendo falada. [Meninas já com dinheiro?] Já com dinheiro, pô, tem uma situação boa.

Vitor e entrevistador

Entendemos pelas palavras de Vitor que a identidade masculina acaba ficando ligada a um dos elementos fundamentais na sociedade de hoje – a capacidade de ter visibilidade e atrair representantes do sexo oposto – ao status de bandido, que pelo menos tem algum poder, mesmo que pela arma de fogo:

[Você já conviveu com alguém envolvido? Como foi? O que pensava de andar com alguém envolvido? O que pensa agora?] *Sim. Ah, pensava que eu era ‘o cara’, né? Pensava que eu era ‘o cara’, tipo assim tio, tipo assim: esse bagulho também até revolta os moleque na comunidade. Se o cara não é bandido as garotinha não olham: ‘o cara ali não é nada, não vou sair com ele não!’ Agora se o cara é bandido, se chega logo com pistolão, pente até aqui, se o cara chega de fuzil: ‘porra, o cara é bandido, tem condição de me bancar, condição de me dar conforto, de andar de moto’ Isso que cria revolta nesses moleques. É a realidade tio, isso que revolta esses moleques.*

Diogo (Grifos nossos)

Embora Diogo negue veementemente que o cara *se torne* mais homem, o jovem percebe que o cara passa a ser visto com mais moral. O que em nossa sociedade brasileira é um dos atributos inevitavelmente associados ao estereótipo (hiper) masculino: “[Você acha que ele se torna mais homem por trabalhar no tráfico?] *Que isso tio! Ele pode se achar na moral dele, tipo assim, não se torna homem porque nasceu sujeito homem, pá, mas mais moral, o cara fica com mais moral na comunidade*”.

Convergindo com a opinião dos outros adolescentes, Diogo reforçou o idéia de que a entrada de um rapaz para o tráfico de drogas muda de fato a forma das meninas o verem, sem deixar de marcar, também, como os outros, que o interesse delas está mais ligado ao dinheiro de que o cara passa a dispor: “*Sim, as meninas passam a ter mais interesse pelo cara que passa a ser mais visível para elas, que normalmente estão interessadas no dinheiro do cara*”.

Theo, por sua vez, chegou a demonstrar um pouco de raiva em relação às garotas, talvez por ter clareza de que elas procuram os rapazes do tráfico mais por interesse material que por amor, paixão ou algo no nível do sentimento:

[Você acha que quando o adolescente está envolvido no tráfico ocorre alguma mudança na forma das meninas o verem? Qual?] *É que tem algumas mulher que é cachorra, que gosta de dinheiro, que gosta de bandido com dinheiro. E depois que eu entrei cara, pra falar a verdade mesmo, pô, eu ficava até falando cara: ‘vida do crime é a melhor coisa que tem... Chegava dia de baile... Chegava no baile todo arrumadinho, tênis de amortecedor, chegava com cordão maneiro, boné pra trás, (...) aí eu sempre botava, aí quando eu tava assim de calça, tênis maneiro, boné pra trás, botava, só pra ‘marolá’ mesmo, pra abusá da cara delas mesmo, eu puxava assim, chegava, puxava assim o malote aí contava ainda, pegava de ‘galo’ (R\$50,00) botava em cima do balcão ‘Aí, me dá um redbull!’ Aí queria comprá. Aí chamava até uma delas mesmo: ‘toma, busca lá uma maconha lá pra nós fumá. Óh, busca lá’. Aí quando voltava, aí falava, vinha dar o troco, nós falava: ‘fica pra vocês aí’. Aí elas perdia, já queria [Perdia como?] Perdia. Gamava, liberava, e ainda vem aí ó, ainda vem mina aí atrás de mim aí às vezes.*

Theo

Uma informação trazida por Theo nos permitiu pensar sobre a apropriação que determinadas instituições fazem das questões de gênero. Ele contou que a polícia procura desvalorizá-los enquanto homens, quando eles estão envolvidos no tráfico, achacando-os e acusando-os justamente de não serem homens, de não passarem de moleques:

Aí tu pode falar ‘tu tá agredindo um sujeito homem por causa de que?’ Aí ele (policial) sempre fala ‘sujeito homem? Pra mim como eu tô te vendo tu é um moleque’. Tu pode tá limpo, bem arrumado, mas se tu tiver com arma na cintura, cordão, sei lá, boné virado pra trás, aí eles te chamam de moleque. ‘Pra mim tu não é homem, pra mim é um moleque’.

Theo

Em relação às mudanças que a entrada para o tráfico de drogas produz na forma como o jovem é visto pelos outros, Theo, como a maioria dos entrevistados que estiveram no tráfico, confirmou:

[Você acha que o cara começa a ser mais respeitado quando se envolve no trabalho do tráfico?].

Aaah, pô, isso aconteceu comigo lá. Todo mundo lá quando eu ia lá pra casa do meu tio ficava mexendo comigo [?] ficava chamando de filhinho de papai, papai e mamãe, sei lá, aí quando eu entrei pra vida do crime não falava nem bom dia pra mim, que o cara que falasse alguma coisa ia meter-lhe a porrada, e antigamente eu não sabia de nada, não sabia nem como era esse negócio de arma, esse negócio de vida do crime.

Theo

Quando foi perguntado a Wellington se ele via associação entre estar no tráfico e sentir-se mais homem, ele discordou, dizendo que um exemplo disso seria o fato de ter até “viado” no tráfico, fato que o pesquisador desconhecia até aquele momento. Quando o entrevistador confrontou esta informação com a forma como muitos vêem o tráfico de drogas, como sendo um espaço eminentemente machista, perguntando como então os traficantes aceitariam isso, um “viado” entre eles, ele respondeu: *Depende da disposição do cara, né? Se o cara tiver disposição pra encarar, meu irmão. Vai ficar lá*²¹¹.

Ele concordou, porém, que mudava a forma como as meninas vêem os jovens que entram para o tráfico:

Pô, tipo muda, né? Tipo o cara, como? Cordão de ouro, de fuzil, de pistola, vários celular, tipo o cara como? (dramatiza): ‘vai pegar aquilo ali pra mim!’ Vagabundo vai só porque o cara tá com o poder na mão. A menina, como? Tem menina não, que é cabeça, mas têm aquelas que já é mais fraca, já vai se envolvendo mais, nem pelo lado do jeito que o cara é, mas do jeito que ele age mesmo, como? Quando ele tem o poder na mão assim, as menina se amarra (...).

Wellington

Ronaldo também considerou que o jovem não se torna mais homem, mas que muitos têm essa ilusão:

Não. Muitos se acham... Muitos se acham que sim. Isso é só porque pegam na arma de fogo aí vai ficando muito se intimidando as pessoas... [Como é que é? Pega a arma de fogo e?] Aí fica intimidando assim pensando que é mais que os outros. [Ah, intimidando os outros?] Pensando que é mais que os outros.

Ronaldo

²¹¹ Esta informação não está em consonância com a literatura pesquisada e com todos os outros indicativos levantados pelo pesquisador. Pode ser que a pessoa citada por Wellington tivesse um envolvimento em um baixo nível hierárquico, algo que não fosse muito significativo.

Mesmo afirmando não ter participado formalmente do tráfico, Ronaldo concordou, porém, que às vezes mudava a forma das meninas olharem os jovens que entram para o tráfico de drogas:

Às vezes sim, às vezes não... [Qual mudança?] Assim, fica dando... Por exemplo, por exemplo; por exemplo, o garoto não tinha nada. Aí depois que entrou para o tráfico começou a andar com roupa assim de marca, aí as garotas vai fica todo mundo em cima dele pra pegar... Fica de olho no dinheiro dele.

Ronaldo

Destacamos ainda nesta parte declarações de Theo que permitem vislumbrar o tipo de (hiper) machismo vigente e regulador dos relacionamentos dentro do contexto do tráfico de drogas. Theo falou de seu atual relacionamento dentro da instituição:

A Rita, que é a mina que eu tô panhando aqui dentro. Fica muito puta ela quando vem mina aqui atrás de mim. (...) [Você já a conhecia de antes daqui?] não. Conheci quando ela chegou aí. Aí perguntei logo, ó: ‘já ficou na rua?’ Ela falou que não, aí já comecei a falar como é o ritmo da rua, (...) aí falei logo: ‘tu tá bem? Vai querer isso mesmo?’ Eu falei que se der mole, irmão, já falei pra ela, se der mole, eu não tenho coração de pão doce, se me trair, vai ficar, pô, vai ficar fudida aí no chão [você vai bater nela?] Claro. Aí eu já falei. Pô, mais depois que eu comecei a me amarrar na Rita, aí eu já sentei pra conversar com ela de novo. Aí, pô, já conversei com ela, aí ela já jogou assim: e agora, se eu der mole tu me bate? Aí eu falei pra ela: ‘como eu falei pra tu, eu não tenho coração de pão doce, se tu der mole eu não vou nem te bater, vô deixá pras minhas irmãs te bater’ (...).

Theo

VI.7.4. INVISÍVEL / FALADO E DESEJADO / FORAGIDO / ? / OS JOVENS E SEUS VALORES.

(...) a chegar ao ponto de eu estar com os caras aqui e eu to aqui do lado – eu não era nada, desarmado, tranquilão, eu não era nada – chegava aquelas garotas (...) falava com todos os caras de fuzil, de pistola na mão, e quando chegava na minha vez virava a cara e saía. Puxa, esse bagulho me revoltava. (...) Até que um dia eu peguei uma pistola, botei na cintura, aparecendo mesmo, com um pente desse tamanho. Aí ela chegou e veio falar comigo e eu: ‘é agora você veio falar comigo, né? (...) tá vendo aqui a arma na cintura, né?’ (ela:) ‘que

isso, tá me chamando de mercenária é?’ ‘Não é mercenária não, que no outro dia eu tava aqui mesmo, nesse local aqui mesmo tu falou com neguinho tudinho, (cita alguns nomes), todo mundo, menos comigo.’ (ela:) ‘Ah, não te vi. Que isso!’ ‘Era papo até pra te levar pra cima e te dar uma cossa. Não me viu...’

Diogo (grifos nossos)

O relato de Diogo é mais forte que muitas palavras e mostra o violento resultado de uma experiência quase científica realizada por ele. Embora saibamos que ele não teve exatamente esta intenção, ele esteve presente em dois momentos diferentes em situações mais ou menos iguais. Tratava-se do mesmo grupo, o grupo nas mesmas condições – armados – e em relação a ele houve apenas uma diferença: no primeiro momento ele era “um cara chegado ao grupo”, sem envolvimento e sem estar portando armas. No segundo momento a única diferença era que tinha se associado ao grupo e portava armas de modo ostensivo como o restante dos caras. A garota, a mesma nos dois momentos, dispensou a ele um comportamento completamente diferente nas duas oportunidades, o que foi imediatamente observado – e sentido – por ele.

O adolescente Theo, quando perguntado como se via, priorizou a comparação entre os olhares que lança sobre ele mesmo no passado recente, quando atuava no tráfico, e sobre ele na sua infância. O modo como atualmente se vê, diferentemente dos outros três que também trabalharam no tráfico, ainda está fortemente marcado pela sua recente identidade de “*vagabundo*”. No momento da pesquisa Theo definiu-se como “*lixo,... um vagabundo qualquer*”.

Theo descreveu-se em sua fase de criança como um menino desconhecido pela comunidade, quase anônimo, a soltar pipa, jogar bola de gude, rodar pião, dentre outras brincadeiras de criança. Quase não saía de casa e gostava de tudo assim, exatamente como estava. Só que naquele momento ele ainda não sabia que era melhor ser daquele jeito.

Acabou entrando para o tráfico – em circunstâncias que veremos com mais detalhe adiante – “ganhando o mundo”, sabendo andar *tudo por aí*, afirmando, neste sentido, que agora, mesmo se quisesse, não conseguiria mais se perder na cidade. Figura conhecida no morro. Várias meninas desejando estar com ele.

Voltando agora ao exemplo inicial, na epígrafe desta subseção, procuraremos reproduzir quatro momentos de auto-percepção dos jovens sobre suas vidas, começando pelo

momento em que predomina um sentimento de invisibilidade, que é como muitos jovens pobres de favela não envolvidos no tráfico sentem-se no mundo: invisíveis para a sociedade, invisíveis para as garotas, excluídos da sociedade mais ampla. Marcamos nas diversas citações a repetição da palavra “nada” que percebemos como um significante que traduz este sentimento de invisibilidade em toda a sua força, um vazio de visibilidade social que afeta os sentimentos em relação à própria plenitude existencial.

Chamou-nos a atenção e procuramos destacar nos trechos aqui reproduzidos a recorrência de um par antitético. Se diversas vezes o sentimento de invisibilidade surgia sob o significante /nada/, em outros momentos apareceu um sentimento contrário a este, associado à realização, à sensação de liberdade, à ausência de limites, valorização social, sucesso entre as garotas, respeito na comunidade, dentre outros aspectos. Sentimento que percebemos ter tomado consistência sob o significante (também trazido por eles) /tudo/, formando um par polar /nada/ x /tudo/ intrinsecamente ligado às impressionantes mudanças que a entrada para o tráfico de drogas traz para a subjetividade e relações inter-pessoais dos jovens. Este binário também remete a uma característica importante do machismo que consiste na busca de uma objetividade total, que não dê margem ao meio termo sem permitir gradações ou nuances.

Como um refluxo deste segundo momento, detectamos um terceiro momento com um sentimento diferente agregado, que pensamos melhor representado sob o significante /foragido/, palavra que vem do latim *exitu*, que significa (aquele) “que foi para fora”. Se vemos que na prática o jovem acaba por sentir-se preso a espaços e tempos cada vez mais restritos na medida do seu grau de envolvimento e importância no tráfico (um dos jovens, por exemplo, queixou-se de ter que andar só por becos escuros), por outro lado, indo ao encontro do significado etimológico da palavra e preparando o caminho para a discussão que seguir-se-á a este capítulo, ocorre de fato um movimento para fora, para fora do que restava dos vínculos que ainda podiam dar alguma amarração social e familiar aos jovens. Estes vínculos são substituídos por ligações de uma nova qualidade, que, como veremos mais adiante, não são capazes de substituir a família ou a rede social pregressa, por mais débeis que estas tenham sido anteriormente.

Os processos pelos quais Theo passou constituem um exemplo consistente deste terceiro momento: depois de viver o refluxo do segundo momento (puro gozo no tráfico), depois de ter passado pelas duas situações anteriores (“anônimo” x ser “tudo”), o quadro se inverte subjetivamente e ele sente que era Alguém antes de ser marcado pela sua passagem pelo tráfico. Valoriza o menino desconhecido, anônimo (aparentemente invisível para a sociedade) no quintal, que acabou tornando-se, mesmo diante de toda a visibilidade

conquistada, “um vagabundo qualquer”. É dentro desta perspectiva que compreendemos suas palavras contundentes ao lhe ser perguntado como ele se via:

Ah... Uuuuummmm... Uuuuummmm lixo, cara, ummmmmm João Ninguém na vida,... Eu mudei muito... [?] Eu mudei muito cara. [?]... Pô eu era mais... Ficava mais... Era mais calado, ficava mesmo só brincando mesmo, soltando pipa quieto no meu canto (...) Eu era feliz (antes de envolver-se) era mais feliz, era (eu) minha avó, era meus tio lá.

Theo

Após superar a perplexidade inicial surgida da comparação feita pelo próprio jovem entre sua percepção da vida anterior ao tráfico de drogas com a forma como se via no momento da entrevista, pudemos compreender esta aparente contradição como um analisador a evidenciar um processo de suma importância já esboçado por nós de forma preliminar, a ser retomado na discussão sobre o conceito de desfiliação (Castel, 1991).

Destacamos ainda a importância de o jovem introduzir o que tomamos como outro importante significante: /lixo/, passível de ser correlacionado com os outros significantes que emergiram do discurso dos jovens e remetendo-nos de imediato àquilo que sobra em uma sociedade, descartável e descartado, mero refugio imprestável.

Após a descrição feita por Diogo do que é perceber-se invisível, através da seqüência de cenas descritas por ele na epígrafe desta seção, procuramos aprofundarmo-nos nas formas como os jovens vivenciam o sentimento de invisibilidade.

Neste sentido, as palavras de Vitor mostraram o vazio social sendo substituído por um crescente reconhecimento pelas pessoas no seu dia-a-dia na favela. Podemos assim avaliar como é forte a mudança na vida dos jovens, marcada profundamente pela carência, abandono e indiferença social. Poderíamos chegar a perguntar: ‘quem não gostaria disso, de ser conhecido, reconhecido, respeitado e mesmo “paparicado” de uma hora para outra?’:

(...) porque ninguém me considerava como nada, depois que eu entrei (para o tráfico) eu era falado, todo mundo já me conhecia. Neguinho falava comigo, onde que eu passava alguém falava. Às vezes eu parava num ponto tipo assim: ‘Toma um guaraná, bebe aí. Quer dizer, eu não era muito falado, mas eu tinha um preço, eu era conhecido na comunidade; a maioria das pessoas já me conhecia, não tinha problema de casa, tinha casa, não sentia necessidade de...

Vitor (Grifos nossos)

Notemos e guardemos, também para futura análise, o uso da palavra “preço” em oposição a “nada”, que nos remete de modo preliminar a uma mercantilização das pessoas. Ele deixou de ser nada passando a ser precificado (no mercado do tráfico) passando a ‘valer mais’ – qualquer preço ou valor é mais do que “nada” – a ser mais reconhecido pela sociedade local também.

Voltando à conversa com Diogo, este logo nos deixou saber que a entrada para o tráfico não é tão tranqüila como alguns consideram. Não basta entrar, tem que provar que está mesmo dentro, naquela vida de bandido mesmo. Senão, mesmo lá dentro, você continua sendo um nada, podendo até ser morto: “(...) *se não matar não é nada, um merda um bosta; ‘por que eu quero ele no meu bonde?’ (diria o chefe) vou mandar matar ele também’* [?] *Aí mata os dois.* A seguir volta a reforçar a idéia da invisibilidade social do rapaz que não está envolvido: “*Se o cara não é bandido as garotinha não olham: ‘o cara ali não é nada, não vou sair com ele não!’*”²¹²,

Diogo

As palavras de Wellington quando falava dos dois caminhos possíveis ilustram a transição de um lado ao outro, uma incrível passagem do “nada” ao “tudo”. Após referir-se ao caminho “do bem”, envolvendo um percurso dentro da legalidade, com estudo, trabalho, etc. anima-se ao falar do “outro caminho”. O jovem neste momento falou pouco, mas falou muito: “*O outro caminho é tudo, roubar,...*”.

De modo semelhante Theo falou sobre a percepção dos outros jovens do abrigo sobre ele, levando em conta a sua recente participação no tráfico de drogas como um diferencial nesta conceituação. Desta vez as expressões “menor bobo” x “tudo isso” são outra forma de aparecer o par significante subjacente “nada x tudo”:

Pô Nego vê assim parece até que, pô, pensa até que eu sou menor bobo [?]. *Quando nós tá desenrolando (conversando) aqui vagabundo começa a falar como era a vida antes, plantando na vida do crime. Pô! Falava, os menor ficava de boca aberta comigo. Eu sou brincalhão pra caramba aqui. Pô! os menor ficava de boca aberta: ‘que isso, o menor é brincalhão e já fez tudo isso’, aí teve um que até que falou ‘que nada menor teu jeito é de maior criança, maior criança aí, no dia-a-dia tu é o maior criança. E aí até o Aldo, tu conheceu o Aldo? (pergunta ao entrevistador, que confirma) Até o Aldo desmentiu ele na cara. Aí foi nesse dia que nós, aí nós deu um pau nele nesse dia.*

²¹² Este excerto está por inteiro na p.199, grifado.

Theo (grifos nossos)

Outro exemplo neste sentido é proporcionado por Vitor que contou que foi chamado tanto pelos outros garotos, como pelos monitores para resolver problemas ligados a conflitos, impasses dentro da instituição. Quando perguntado pelo entrevistador a que ele atribuía esta convocação, respondeu que já havia um certo respeito por ele, e ali dentro ninguém mexia com ele (respeito ligado ao fato de ter trabalhado no tráfico). Recaía sobre ele uma suposição de autoridade e liderança entre os jovens.

Cabe marcar aqui que o resultado da ação relatada por Theo, em que ele e mais um “menor” (como ele chama) mataram dois policiais, foi ganhar moral na boca, com o dono da boca, ganhando deste duas peças (armas), um fuzil e a pistola 45 que ele tinha usado na ação. Passou a andar “pesadão” (cheio de armas e munição) e incorporou de fato a figura do matador, passando a ser alvo do assédio das meninas e confirmando através de um exemplo concreto o que dizia Diogo alguns parágrafos acima sobre não bastar entrar para o tráfico, tendo que mostrar comprometimento com a posição assumida.

Wellington nos fez atentar para coexistência de momentos que ele considerava como bons com momentos ruins, de tristeza. Percebemos que ainda não tinha conseguido fazer uma crítica mais aprofundada de sua estada e ações no tráfico, ficando muito preso aos fatos concretos, ligados a uma opressão direta, como a presença ou não da polícia (repressão), mostrando não ter internalizado as regras.

(...) certas horas me sentia (bem), mas outras horas não me sentia bem não. Porque tudo tem uma hora de alegria e outra hora de tristeza. Nem tudo era... Às vezes a gente tava rindo à toa. Ia lá e os polícia vêm, aí eu já não tava rindo à toa, porque eu tava como? Apanhando, pá. Então tudo tem seu momento, seu momento de alegria. Dinheiro chuvia, tudo de bom, mulher, tudo vinha fácil, mas também quando os canas pegava. Maluco era aquilo né? Aí tinha o momento de tristeza, então eu me sentia bem fazendo aquilo, mas me sentia bem porque eu tava vivendo ainda.

Wellington

Fazendo parte do processo de construir uma visão crítica a respeito do que significa trabalhar no tráfico, uma frase de Vitor nos fez pensar que cabe bem a expressão popular “ouro de tolo” para ilustrar a sensação momentânea que os jovens experimentam de poder, pertencimento e de serem desejados ao entrarem para o tráfico, servindo também para entender o fim desta ilusão. Ele dizia que “*nem tudo é ouro*”, que apesar de ficar

impressionado com as “vantagens” de estar no tráfico, nem tudo era ouro ou mulheres. Em outro momento falou de como estava sendo sua vida no tráfico nos últimos tempos de seu envolvimento: “(...) *eu só andava pelo escuro. (...) [Andava com que abaixada?] Andava com a cabeça abaixada. Pelo escuro. [Pelo escuro?] Só por aquele caminho da escuridão (...)*”.

Descrevera um pouco antes sua vida no tráfico:

Parece que nós ficamos num campo de guerra: você, você não dorme, você não, qualquer coisa você acorda, dá um tiro, tu já desperta já dando muitos também, é uma... Vida muito doida, não dá nem pra explicar direito, porque, pô, é pra maluco essa vida, cara, uma vida de doido, você entra hoje, hoje mesmo você perde sua vida, semana que vem. Uma coisa que eu acho que não vale à pena. Dá dinheiro, dá, mas não vale à pena você correr esse risco.

Vitor

Em outros momentos da entrevista ele deixou claro que mesmo sua saída do tráfico tendo tido o acordo dos chefes, ele vinha sendo monitorado e poderia ser considerado culpado – e punido até com a morte – se ocorressem determinadas perdas para o tráfico (roubo de armas, drogas) em que considerassem que ele pudesse estar envolvido. Relatou ainda que conseguir sair só porque não tinha um nível de envolvimento tão profundo, que se estivesse “*envolvido legal com todo mundo*” ele não poderia sair.

Diogo fez um depoimento que demonstra claramente que não existem apenas vantagens em entrar para o tráfico de drogas. Respondendo à pergunta do entrevistador sobre se a entrada para o tráfico de drogas modificava a forma de o adolescente se ver, e como, ele disse:

(...) tu se sente né? O maioral, com arma na mão, pôxa, eu não passo mais como um garoto como era antes que a gente andava na rua livre, tranqüilo, pôxa, me sinto tipo como? Um foragido, tipo assim que você tá nessa vida, você deve alguma coisa né? (...) Procurado. Não pode ir a certos lugares.

Diogo

O relato de Theo nos mostrou que a opressão vinha de vários lados: da polícia, dos inimigos (outras facções, desafetos), e dos próprios companheiros: “*Entrar na vida do crime enganado, tu tá pedindo pra morrer, chega o dia de cobrança, chega o dia de matá e tu não vai querer matar [o que acontece nestes casos?] aí eles (os traficantes do próprio grupo) te mata (...)*”.. Foi um dos poucos que conseguiu superar os grilhões do machismo e falar do medo que sentem na hora da *ação*, mostrando que não é tão simples como parece o processo

de tornar-se bandido. Ele explicou que muito garoto entra na vida do crime achando que vai ficar cheio de dinheiro, mas, “*chega na hora de matá, de trocar tiro, troca o furico*²¹³ *legal, tranca* (se corrige) *o furico legal. Não qué matá, não quer fazer nada*”.

Wellington afirmou que passou a ver-se de forma diferente, como “*excluído da sociedade*”. Relatou ainda ter descoberto ao longo do seu próprio processo dentro do tráfico de drogas que dali não iria a lugar nenhum. Não conseguiria evoluir:

Porque eu tava vendo que não era o caminho certo pra mim mesmo, como não é certo pra ninguém. Tava vendo que não tava conseguindo dormir direito. Eram altos bagulhos. Já teve dias que eu fiquei cinco noites acordado, cinco noites e cinco dias acordado, só usando droga. Falei: ‘isso não é pra mim não, nunca vou evoluir, nunca vou poder ir na pista, vou ficar só em cima do morro. Poder ir na pista eu podia, mas não podia andar tranqüilo, sempre tinha um ... Não podia andar tranqüilo no morro, de dia não podia ficar na rua, tem que ir pra rua só de noite.

Wellington (grifos nossos)

Este jovem chegou ao fundo do poço das drogas e do envolvimento e conseguiu olhar lá de baixo e ver que estava afundado. O choque de ser preso ajudou nesta conscientização. Assim como ele esteve em risco de morrer baleado, esteve em risco de morrer de overdose ou exaustão ao extrapolar qualquer limite ficando cinco dias usando drogas sem dormir.

Ronaldo, apesar de não ter participado formalmente do tráfico, falou algo que nos remeteu novamente à expressão “ouro de tolo” ao dizer que o dinheiro do tráfico acaba servindo para comprar drogas e munição, não parando na mão do jovem que está neste trabalho. Dinheiro que acaba alimentando também o comércio formal integrando-se assim ao fluxo global do capital e das mercadorias.

Ao quarto momento, não identificado com exatidão no título da subseção, por ser ainda uma incógnita, correspondia, no momento das entrevistas um sentimento de tranqüilidade ligado à possibilidade de darem uma parada na roda viva de suas vidas. Pararem, pensarem, analisarem, conversarem com outras pessoas (os técnicos, os monitores, o diretor), disporem de um local para ficar relativamente livres da dominação espacial exercida pelos traficantes.

Tranqüilo. Esta foi a forma como três dos adolescentes disseram ver-se no momento da entrevista. Vimos anteriormente que um dos outros dois disse, após hesitação inicial, ver-

²¹³ Gíria usada para designar o ânus.

se como “um lixo” ²¹⁴. E Ronaldo, por fim, definiu-se como normal. Prevaleceu também em três das respostas uma comparação temporal entre como o jovem se via no momento das entrevistas e como ele se percebia – agora sob o filtro de um olhar crítico recém-adquirido – à época em que estava envolvido.

Quando Vitor foi perguntado sobre se participar do tráfico de drogas tinha trazido mudanças na forma dele se ver, ele foi um tempo além e falou da mudança que percebeu entre o período em que esteve no tráfico para aquele momento em que participava da entrevista, respondendo às perguntas:

Hoje em dia, pô, eu me sinto totalmente diferente do que eu era antes. Eu antes não tinha amor à minha vida. Hoje em dia eu já tenho; antigamente eu não pensava no meu futuro. Hoje já penso; já sou um cara totalmente diferente do meu passado, já desenvolvi minha mente (...).

Vitor

Ele foi um dos que se disse tranqüilo em comparação a como ele já foi no passado:

[Como você se vê hoje?] *Mais tranqüilo, mais paciente. Tenho mais amizades, já me desenvolvi mais, já aprendi mais coisa, como quero aprender mais ainda.* [Como você acha que você conseguiu essa mudança?] *Eu consegui essa mudança acho que foi desenvolvendo, diminuindo (...), fui aprendendo com a vida, fui vendo que a vida não era aquela pirilada do outro lado já. A vida são dois rumos assim, então... [A vida o que?] São dois rumos.*

Vitor e entrevistador

Um dos rumos a que se referia era o do crime, do tráfico, facções, etc. O outro rumo é aquele dentro da legalidade, do estudo, do trabalho legal, mesmo que eventualmente informal.

Embora Diogo também se avaliasse naquele momento como tranqüilo, podemos dizer, baseados em informações obtidas no trabalho de pesquisa de campo ampliado, que era uma auto-avaliação sujeita a ressignificação quando confrontada com a realidade observada.

Pudemos observar que nos dias seguintes à entrevista, sua tranqüilidade esvaiu-se e ele agrediu outro adolescente de forma violenta. Não entramos no mérito de saber se houve provocação ou motivo para um ajuste de contas, mas enfocamos, outrossim, a violência da ação de um jovem que acabara de auto-avaliar-se como tranqüilo em relação a como era

²¹⁴ Neste ponto do discurso é importante decompor o enunciado (“um lixo”) da enunciação desta fala, ou seja, a forma como é falado. As palavras irrompem após a referida hesitação inicial. Se o enunciado desta fala – lixo – já é por si forte, ele é ainda mais carregado pela forma de sua enunciação: o silêncio, seguido do quase grito de desabafo, permitindo entrever algo do sujeito do inconsciente que aí se manifestava.

antes. Resta no momento ao leitor a tarefa de imaginar como este jovem era antes, quando inserido no contexto do tráfico de drogas, imagem que não deixaremos de retomar adiante. Por enquanto ficam suas palavras: “*Tranquilo. Me vejo tranquilo. Em vista do que eu era antes, me vejo tranquilo*”.

Outro adolescente a avaliar-se como tranquilo foi Wellington, claramente comparando-se ao passado recente. Este adolescente relatou ter comprado e lido um livro sobre a história do Comando Vermelho, o que compreendemos como uma tentativa de o jovem buscar compreensão do mundo que o cerca e sobre o lugar que ocupa neste contexto saindo de uma situação de apenas estar sem saber (as pessoas imersas em um determinado caldo de cultura tendem a ter um saber estereotipado, com as mesmas informações, opiniões, expectativas, perspectivas, etc.).

Percebemos esta atitude como importante para passar do segundo momento em que os adolescentes estão imersos em uma cultura ligada ao crime organizado, em especial ao tráfico de drogas dominado por grupos ligados ao Comando Vermelho, para outra etapa, de questionamento, podendo perceber como estavam presos naquela situação (de envolvimento no tráfico), bem como ver o caráter ilusório de muitas das almejadas vantagens. Assim poderão, por fim, ter a chance de reconstruírem-se internamente, subjetivamente podendo operar mudanças em suas vidas:

Eu me vejo, sabe como? Tranquilão hoje em dia. Antigamente eu fazia muita merda, não queria saber de nada. Da última vez agora foi pouco tempo quando eu dei... Caí em depressão. Saí do trabalho, da escola, fui pra boca de novo. Então hoje eu tô tranquilão mesmo, querendo mudar de vida mesmo, querendo melhorar, que piorar não dá não. O tráfico é bom, mas... O tráfico é bom. Não!

Wellington

Ronaldo disse que se vê como uma pessoa normal: “*Huum... Sei lá me vejo normal.*” O entrevistador insistiu em perguntar como ele se descreveria: “O Ronaldo é assim ou assim...” Ele respondeu com um silêncio um pouco mais prolongado e o entrevistador passou à pergunta seguinte.

Este momento em que Ronaldo se percebe como normal destoou de outros, como aquele quando disse sentir-se alvo de preconceito no colégio, por ser considerado diferente. Atribuímos a primeira resposta – que pouco parece dizer dele mesmo – a uma grande dificuldade de falar de como ele se vê, já que parece ver-se de forma negativa. A sua segunda resposta foi o silêncio prolongado seguinte à insistência do entrevistador na pergunta e reforça

esta idéia. Ele não quis falar sobre como ele se vê. Ou caminhando um pouco mais para trás: ele pareceu não querer e ter dificuldade em olhar para si próprio.

A seguir os adolescentes foram perguntados sobre o que consideravam suas conquistas até o presente momento. Dois deles, porém, situaram estas conquistas no futuro, pouco conseguindo falar de conquistas na vida vivida até o momento da entrevista. Voltaremos àquelas mais adiante.

Dos três adolescentes que responderam positivamente à pergunta, Vitor falou de sua recentíssima conquista – ter conseguido tomar um rumo. Wellington citou o seu maior erro como sendo também sua maior conquista, o que demonstrou a ambivalência que ainda cercava uma decisão importante em sua vida – de sair de casa: “*Foi ter saído de casa [?] de ter, (sabe) como? Arrumado meu primeiro trabalho sozinho*”. Perguntado pelo entrevistador sobre essa ambigüidade, ele concordou que existe, mas não explicou por que.

O outro adolescente, Ronaldo, de início não se lembrou de nenhuma conquista, ficando em silêncio. Quando estávamos passando à pergunta seguinte lembrou-se de uma conquista: “*única conquista que eu tenho é a escola.*” Sabemos, porém, das dificuldades que enfrenta no bom aproveitamento desta conquista.

Perguntados sobre as principais dificuldades na vida até aquele momento, acabaram associando-as às conquistas. Vitor falou de dificuldades dentro do abrigo. Dificuldades de convivência com os educadores, com o diretor e até com os outros adolescentes do abrigo.

Wellington falou da dificuldade de aprender devido ao uso anterior excessivo de drogas, quando tinha facilidade para obtenção de drogas por ser da boca. Apresentou as drogas como uma dificuldade para conseguir realizar sua conquista de deixar a casa para conseguir fazer-se sozinho, já que a dificuldade no estudo acarretou em baixa escolaridade que por sua vez vinha atrapalhando sua busca por um emprego.

Ronaldo mencionou sentir-se alvo de preconceito, o que vinha dificultando seu progresso na vida escolar. Preconceito que envolvia a pobreza, sua cor e o fato de morar em abrigo, como vimos anteriormente²¹⁵, fazendo com que se sentisse como uma formiguinha.

Estreitando mais os vínculos e conhecendo melhor os jovens procuramos avançar em relação à auto-avaliação deles, procurando entender melhor os seus valores. Neste sentido foi perguntado sobre o que consideravam como sendo o mais importante para eles e para os jovens de modo geral. Ressaltamos que uma vez que trabalhamos com conceitos da Escola de Frankfurt, os valores transmitidos e de fato internalizados pelos jovens assumem decisiva

²¹⁵ Conforme página 106, grifado.

importância em seus percursos e na compreensão mais ampla, mesmo que qualitativa em relação àquele recorte do tecido social, com importantes ressonâncias para o tecido social como um todo.

A resposta mais freqüente à pergunta sobre o que mais valorizavam foi a família. Três dos adolescentes indicaram a família como o que mais valorizavam e outro, Vitor, que não teve muito esta vivência familiar, falou da importância das pessoas. O único que destoou nesta resposta falou em estudar, trabalhar, e evitar agredir pessoas:

[O que você pensa que são as coisas mais importantes na sua vida?] *Trabalhar, estudar, ter uma profissão de bem, e, dependendo das coisas, por exemplo, dependendo das coisas, coisa que eu aprendi agora, dependendo das coisas, nunca ficar contra a pessoa. Se a gente tiver uma mente boa, nunca ficar contra essa pessoa pra não fazer uma merda, pra não ir parar numa Polinter, ir parar numa cadeia dessas.*

Theo

Mostraram-se contra o que chamaram de covardia, como o aliciamento de crianças desde os sete anos pelos traficantes, ou quando vários traficantes espancavam alguma pessoa, normalmente jovem também, torturando-a para depois matar.

Em relação a quais valores achavam que os outros jovens, seus pares, escolhiam, as respostas foram variadas, dois deles afirmando que seriam valores ligados à busca de um futuro melhor. Um deles entendeu diferente a pergunta dando sua opinião sobre o que ele achava importante para os jovens mencionando ser importante dar estudo e que o jovem tenha uma família. Um dos jovens disse não saber o que os jovens consideravam como o mais importante, enquanto os outros dois falaram que os jovens gostam de drogas, e crime: “no meio desses menor aí, cara, é tudo droga, é roubar, fumar e cheirar (...) é difícil tu encontrar um (que fale): ‘é trabalhar’. (...) o que tu escuta mesmo aqui é: ‘vamo matá!, Vamo fumá!’ (...)” (Theo, grifos nossos). O quinto entrevistado mencionou que os adolescentes em geral estão valorizando em primeiro lugar ou drogas ou mulher ou dinheiro ou família, enfatizando ao fim esta última escolha.

Ah, tem uns que pensa que é a droga, tem uns que pensa que é a mulher, tem outros que pensam que é o dinheiro, tem uns que pensa que nem eu, que é a família. Tem vários tipos de pensamento, mas eu acho que em geral mesmo as pessoa pensa que o que é importante na vida é a família mesmo.

Wellington

Debruçando-nos sobre os valores de cada um dos adolescentes, vimos que no momento da entrevista Vitor estava privilegiando ações que contribuiriam para a conquista de um futuro longe do caminho do crime: *“Aí pretendo me conformar (se corrige) já me conformei com isso (ter sido separado das irmãs). Tô aí pra estudar mesmo, pra trabalhar. Pro que der e vier eu tô encarando. Eu sabendo que vai ser bom pro meu futuro”*.

Mostrou-se também contra covardia, que elegeu como uma das coisas de que não gostava. Citou como exemplo um cara que comprou um “pó de cinco” (pacote ou papelote contendo cocaína que custa cinco reais) e acabou não conseguindo um real que faltava para completar o pagamento: *“eu acho que é uma covardia tu tirar a vida de uma pessoa por causa de um real. Você chega... ‘Você tá devendo um real você vai perder sua vida por causa de um real’”*. Percebeu também a violência como cíclica, a primeira violência podendo alimentar um ciclo sem fim: *“(...) tu bate em um hoje, chega um outro amanhã e te bate mais duro ainda. Acho que o que vai volta do mesmo jeito. Se você bater em alguém hoje, vai chegar outro amanhã vai te bater também”*.

Um dos valores que pensamos poder ajudar Vitor em seu caminho para longe do crime e das drogas, talvez pudéssemos nomeá-lo altruísmo:

Eu acho o maior bacana o trabalho que ela (sua tia, diretora do orfanato) faz. Né? Ajudar as crianças órfãs, sem pai e sem mãe, eu acho que é uma coisa muito boa. (...) Eu podendo ajudar eu ajudo; também quando eu tava morando lá eu trabalhava, levava as crianças pra escola, buscava, dava banho, levava os meninos para jogar bola no campo. Eu tinha uma certa responsabilidade como se fosse um emprego mesmo; só que não era um emprego, era para eu poder não ficar parado; quer dizer, então ela não tinha situação de me pagar um salário, então ela me dava um dinheirinho, dava um dinheirinho pra eu poder...

Vitor

Vitor disse depois, agora textualmente, que gostava de ajudar as pessoas, assim como foi ajudado. Sobre o que achava mais importante em sua vida, incluiu novamente as pessoas em sua resposta: *“São as pessoas que convivem ao meu redor; acho que ainda mais as pessoas que tão envolvida na minha vida. Acho que é o mais importante pra mim”*.

Em relação às drogas e ao crime Vitor apresentou (ao menos no nível do discurso) uma visão madura, demonstrando saber como as drogas prejudicam a vida de um jovem, bem como a importância de não ceder às tentações do roubo e do dinheiro fácil, ciente da necessidade de parar este processo desde o início: *“Esse negócio de crime não leva a lugar nenhum, porque se você não começar a cortar de agora, mais pra frente quando você ficar de*

maior, tu não vai conseguir se controlar, porque o roubo é um vício". Além disso, Vitor demonstrou valorizar mais sua liberdade do que bens materiais os quais poderia vir a conseguir no futuro²¹⁶.

Embora Vitor demonstrasse, diante de uma atribuição natural de liderança a ele, relutância em ser um representante formal dentro do abrigo, ele afirmou ter o desejo de que ele também um dia possa ser considerado um exemplo ("do bem") e ser seguido por estes jovens que estiverem querendo sair do caminho do crime, assim como outros jovens funcionaram como bons exemplos para ele.

Em um plano que podemos chamar de político-social, Vitor demonstrou querer ver o mundo e as pessoas de modo menos verticalizado, elitista e materialista, quando afirmou, por exemplo: "*não quero nada de mais, ser rico, não quero ser mais do que ninguém; mas (...); também não quero ser mais do que ninguém, mas também não quero que ninguém seja menos do que eu* (acaba repetindo o mesmo sentido da assimetria em ato falho²¹⁷). *Eu quero tá sempre no mesmo nível que todo mundo*". Neste sentido, dentro de um contexto onde se quer a qualquer custo ser mais que outros, exemplificou criticando a facilidade com que um jovem pode tirar a vida de outra pessoa apenas para subir na hierarquia do tráfico:

Porque é aquilo: se você tá lá em cima e o menor tá lá embaixo, você tem um cargo maior que o diminor. Ele vai querer mostrar pá você que ele é capaz de fazer o que ele (você) faz também; pra conseguir um cargo mais à frente; vamos supor, se ele é fogueteiro o cara dá pra ele matar 'Ah, mata que eu vou te dar isso'; ele vai chegar na merma hora e vai matar.

Vitor

No que concerne aos sentimentos ligados a sua passagem pelo tráfico ele demonstrou também arrependimento por ter participado de alguns "esculachos" seguidos de execução, alegando, porém que se ele não batesse na vítima ele que ia apanhar. Em relação a estes valores, o jovem voltou a afirmar seu desejo de superar suas dificuldades e tomar outros rumos: "*(...) vou sair de cabeça erguida também, vou voltar pra minha casa, como o dia mesmo que eu falei: ' como eu quero sair também como eu quero voltar pra também dar o exemplo pros outros' (...)*".

Diogo, como vimos antes, mostrou-se comovido diante da miséria alheia, ao ver subir para o ônibus um casal com um filho deficiente. Foi o adolescente que se indignou,

²¹⁶ Conforme disse em pp. (117) - 118, grifado.

²¹⁷ Os atos falhos são uma das formas de manifestação do inconsciente, normalmente quando na fala uma palavra é trocada sem que o emissor da fala perceba. Ver Freud (1987 [1901]) *Psicopatologia da Vida Cotidiana*.

qualificando como uma grande covardia o aliciamento para o tráfico de crianças tão pequenas²¹⁸. Neste momento o entrevistador perguntou se a aceitação da convivência de crianças com o bando armado era uma forma de já ir encaminhando as crianças desde cedo para uma vida ligada ao tráfico, responde: “*tá vendo, e o muleque já ficava com aquilo na cabeça, tá ligado?*”.

O adolescente Theo mostrou valorizar o trabalho pesado como algo que faz bem ao espírito. Disse ele, quando perguntado sobre qual tipo de trabalho ele preferia: “*Aaah, obra, sei lá cara. Qualquer um que dê pra me ajudar tá bom, não tem nada melhor do que um esforço*”.

Tendo tido uma experiência conjunta no tráfico com outro adolescente do abrigo, acabaram desenvolvendo uma parceria, criando-se um vínculo de solidariedade entre eles, um cuidando do outro (mesmo que através de ameaças mútuas) para que não voltassem ao caminho do crime, como Theo relatou:

A mesma coisa eu. Quando ele falava que ia pulá, falava que ia pulá, que ia pulá pro crime, falava que ia pulá atrás dele, só não falava que ia quebrar as duas pernas dele, com um negão daqueles, caralho! Falava que ia enchê ele de pedra, aí ele nem tentava pulá (...), ele até tentou pulá, pra vê se era caô²¹⁹ meu uma vez ele tentou pular, caralho, na hora que veio me chamar aqui no quarto, já fui correndo, já catei umas pedra, comecei a largar o dedo²²⁰ em cima dele. Ele desistiu [Alguma pedra acertou?] Não. Aí ele desceu o portão rapidinho, comecei a largá o dedo, mas eu não fui testá não cara. Me deu o maior boladão, negócio que eu liguei pra minha vó lá, falaram que minha vó tava operando, pô fiquei boladão mermo aí eu ia pulá. Quando eu cheguei perto do portão. Ele: ‘se tu der mais um passo pro portão, eu te derrubo e quebro tuas duas pernas!’ Aí eu voltei (...).

Theo

O adolescente Wellington deixou claro que um dos principais valores para ele, depois da família, era o de ter e manter a responsabilidade, cumprindo sempre algo que tivesse combinado²²¹:

²¹⁸ Conforme página 220, adiante, grifado.

²¹⁹ Gíria. Significa uma fala sem consistência, algo que não é sustentado.

²²⁰ A mesma terminologia usada em relação a disparar o gatilho de uma arma na gíria dos bandidos (largar o dedo).

²²¹ Esclareçamos aqui que estamos trabalhando com a idéia de valores de modo abrangente, incluindo então alguns valores que foram apresentados por eles diante da pergunta sobre o que entendiam por ser homem.

Ser homem é tipo um coletivo de responsabilidades, né? Tu lutar pela tua responsabilidade. Porque tu vai, ser homem tu vai ter que assumir teus atos, vai ter que assumir o que tu já faz e o que tu fez. Então eu acho que ser homem é uma responsabilidade muito grande mermo.

Wellington

Mostrou também valorizar mais a forma de resolução pacífica, através de diálogo para os conflitos:

(...) mas se o cara conversa e tal acho o cara também é cabeça, cara. Mais cabeça ainda do que... Pra tu vê ele é tão cabeça que não perde a cabeça e briga, prefere conversar mermo, prefere conversar mermo do que brigar, e eu também sou assim, converso, converso até a última forma. Se eu ver que não tem mais forma aí eu passo pra violência mesmo, mas acho que o cara que conversa mesmo é mais cabeça ainda.

Wellington

Prosseguindo em uma linha de valores coerentes, mais para o final da entrevista o jovem demonstrou entender que em uma democracia é o povo que deve mandar, já conseguindo ele mesmo começar a sentir-se como cidadão. E, contando com a ajuda de sua avó, conseguiu formular uma linha de pensamento que o fortalece no sentido de livrar-se do apelo do consumo, das marcas, procurando criar uma forma própria de pensar para escapar das armadilhas de mensagens ideológicas que vão sendo armadas pelos caminhos, fazendo um processo de desconstrução de valores antigos para construir novos:

Acho que pra cada um... É como eu tô falando já, muito, muito pensar, cada um tem um pensamento mesmo, então eu acho assim: o cara só quer roupa de marca, porque ele vê a pessoa usando. Porque se não existisse roupa de marca, ele ia usar a que tivesse. Então hoje em dia tem as pessoa que gosta muito de se exibir, já gosta de... 'Pô quero comprar o mais caro'. Vai falar: 'Pô, vou comprar o mais caro, vou usar o mais caro, porque, como? Vou tirar onda com os outros'. Porque, 'pô, tu tá com o mais caro, né não?' Pá. Até as mina mermo vai, como? Querê dá mole pra mim que tô com a (...) Que às vezes tem uma roupa muito feia que tu bota, muito barata, que fica como? Muito bem em tu, não depende do 'vestir marca' pra tu... É igual tu, minha vó falava isso pra mim, o negócio é você vestir, o negócio não é você ver a marca. Você prefere andar descalço ou você prefere andar com um chinelo todo... Um chinelo de, de, de dois real. (...) Eu prefiro andar com chinelo de dois real do que andar descalço. Eu prefiro andar com a, com uma blusa de um real que andar sem blusa [...]. Então tem umas..., tem... As pessoas que sente tanta necessidade de comprar roupa cara pra

se mostrar (...) já os próprios ricos já faz isso, já compra roupa cara pra que, pra se exibir pra falar que tá elegante, mas é cara aquilo ali, ele, como? Sente prazer de comprar (...) e tem também porque não adianta nada tu comprar uma coisa muito... Que é barata e não prestar, então às vezes também tu depende de comprar uma coisa de marca porque tu sabe que vai durar mais, sabe que vai durar mais tempo aquilo ali. Uma coisa que tu vai comprar que não tem uma marca, às vezes estraga e você vai como? Vai acabar rápido, vai desfiar, vai descosturar, vai rasgar, vai descolar. Então muitas vezes a pessoa tem necessidade de como? Mesmo sofrendo, tem que comprar o mais caro. Por quê? Que vai usar mais, vai aproveitar mais então acho que tem dois lados assim: tem uns que já compra pra se exibir e tem outros que já compra pela necessidade de comprar.

Wellington

Chegamos por fim a Ronaldo, que trouxe como sua marca de diferença não ter participado do tráfico formalmente, bem como não ter demonstrado desejo de entrar para o mesmo. Está no primeiro momento, de invisibilidade, como ele mesmo disse, “*como uma formiguinha, uma pulga*”.

VI.8. NOS TERRITÓRIOS DO TRÁFICO DE DROGAS

Começando pelos dados epidemiológicos mais concretos, associamos esta parte da descrição dos dados a uma das conseqüências do domínio do tráfico de drogas sobre vastas áreas da Cidade – o inequívoco e claro aumento da mortalidade infanto-juvenil, principalmente por homicídio com uso de arma de fogo.

A territorialização pelo tráfico vai acontecendo em várias frentes simultâneas: espacial, pelos comandos armados de traficantes; subjetiva-social, através dos novos modos e espaços de sociabilidade (ver seção I.2), subjetiva-psicológica, através, por exemplo, das novidades no campo das identificações trazidas pelo aparecimento da figura dos traficantes associada em alguns casos à atribuição, por vezes inconsciente, de pouco valor ou mesmo desvalor às pessoas engajadas em trabalhos honestos e mal remunerados; subjetiva-espacial, pela opressão exercida pelos comandos sobre o modo de as pessoas reconhecerem-se como membros daquela sigla, ao morarem em áreas por eles dominadas.

Remetemos à seção II.1 para vermos atualizadas algumas das conseqüências do declínio do Estado, enquanto um dos representantes da figura do pai em Estados de Direito, abrindo espaço para o surgimento de outras figuras de autoridade, permitindo ressurgir em forma distorcida e sanguinária da figura do antigo patriarca todo-poderoso descrito por Gilberto Freire nos engenhos de açúcar. Só que hoje o produto branco que move esta economia é outro. Ainda a seção II.1 mostra-se relevante para pautar a apresentação desta parte dos dados, pois falaríamos em uma territorialização também subjetiva em relação a mudança de valores, de que tanto trataram os autores da Escola de Frankfurt.

Os conceitos contidos na seção II.2 são bastante relevantes para pensarmos os dados que se seguem. Desde a idéia, já problematizada de início, de ver o tráfico como microsistema totalitário, ou ao menos como organizações tirânicas e autoritárias, passando pelas reflexões de Calligaris a respeito da necessidade de as pessoas neuróticas soldarem-se a uma instituição total em busca de uma falsa promessa de completude e deixando-se instrumentalizar, até a idéia apresentada por Dowdney de uma reciprocidade forçada entre traficantes e população.

Ainda em relação às seções que trataram da ideologia, os dados nos permitem perceber a existência de opressão ideológica no mundo do tráfico, no sentido que apenas determinados tipos de idéias estereotipadas são permitidas estando excluídas a possibilidade da diferença, da discussão, da reflexão e análise. Podemos entender o assassinato de Marcinho VP como um exemplo desta intolerância à diferença. O ex-chefe do tráfico do Dona Marta vinha buscando em livros e em conversas com pessoas de outros setores da sociedade um caminho de escape para sua trajetória como traficante. Terminou morto na lata de lixo, com seus livros jogados por cima dele e uma frase tosca rabiscada sobre um pedaço de papel: ‘este nunca mais vai ler’.

VI.8.1. *TERRITÓRIOS COMANDADOS – A TERRITORIALIZAÇÃO PELO TRÁFICO*

Em Minas eu tinha liberdade sim, podia brincar, sem risco assim de bala perdida como é aqui. E lá o morro que eu falo é que era de subida, né? Não era morro assim de traficante assim, era uma inclinação [O que você acha disso?] Se eu pudesse voltar para Minas eu voltava.

Ronaldo (grifos nossos)

Os donos deixam seus cães soltos nos seus quintais. São da raça pitbull. Eles andam soltos no morro como os garotos novos no tráfico. Ambos, cães e adolescentes são letais e podem atacar a qualquer momento, mesmo sem motivo aparente ou razoável. No asfalto os pitboys levam seus cães, às vezes também soltos, para passear no que consideram suas “áreas”. O nome de um dos cães de um *frente* no morro é “bolado”. Neste nome o cão e o jovem do tráfico são condensados²²² pela criatividade do “frente”: bolado é um adjetivo usado tanto para descrever alguém sob efeito de drogas, como alguém preocupado (Ferreira, 1999 [Dic. Aurélio]). A junção das duas condições nos garotos, catalisada pela percepção paranóica que pode ser despertada pela cocaína, é a receita para freqüentes e estarecedoras cenas observadas no dia-a-dia de muitos morros. E mostram que o dono faz o que quer no quintal de sua casa. Tanto o animal como o adolescente, mesmo quando descontrolados, só são sacrificados quando já atrapalham mais que ajudam a implantar e manter a política do terror.

Ao longo das entrevistas, mesmo antes de entrarmos especificamente no tema do tráfico, percebemos que a todo o momento este assunto infiltrava-se ou mesmo invadia espontaneamente a conversa que se desenrolava, mesmo a entrevista sendo feita sob a forma semi-estruturada. Neste processo os adolescentes acabaram antecipando alguns aspectos do tráfico de drogas ao serem perguntados, por exemplo, sobre o que menos gostavam nas favelas onde moravam. Eles disseram não gostar das restrições à livre circulação na favela devido à aberta hostilidade e intolerância entre facções de criminosos e à perseguição de policiais. Não gostavam de ver crianças muito novas envolvendo-se com os traficantes, conforme nos contou Diogo:

O que eu não gostava era ver esses molequinhos pequenos, tudo já com mente criminosa, cara, pô, tipo assim, no baile, pô os moleques pequenininho (...) muleque segurando a porra de uma pistola que nem agüentavam, ficava assim com o braço assim (mostra o braço esticado em direção ao chão), mas assim, segurando, tá ligado? Do lado dos caras. [Com que idade?] pô, novinho, cara, muleque pequeno... [Sete anos mais ou menos?] Pô, não viveu nada. Isso mesmo, muleque pequenininho, ficava olhando praquilo. Caraca, acho esse bagulho muito errado, cara, pô, se o cara é bandido é pra garantir o dele, sujeito homem, pá, agora ficar botando criança pra (...).

Diogo (grifos nossos)

²²² Condensação é um dos mecanismos para a formação dos sonhos e consiste na criação ou escolha de uma figura – pode ser uma pessoa – que reúna traços de várias pessoas, fazendo assim menção a todas através de uma só.

Theo mencionou o momento em que a polícia subia o morro e tinham que trocar tiros como uma das coisas de que menos gostava. Por vezes balas perdidas acertavam algum morador:

Quando subia polícia no morro, né? Maior troca de tiro, né? Às vezes uma bala perdida acertava em algum morador lá, né? Também é difícil tá num morro sem troca de tiro, se não tiver bem pre²²³... Se não tiver bem protegido, apesar que bala não tem direção, bala quando vai atirar, vai atirar prum lado ela foge pro outro, que é por causa da pressão também. [...] tu atira pra frente, e de repente (...), por exemplo, a 45, tu vai atirar ela se não tiver força, na hora que atirar ela vai fazer assim (levanta o braço) ela pode ir assim pra cima...”

Theo

Este jovem demonstrou ter ficado marcado por um destes momentos, quando quase foi atingido em uma ação da polícia contra o grupo de traficantes onde atuava. Saiu correndo das balas e acabou perdendo o fuzil que portava.

Vitor referiu-se às crueldades e covardias que testemunhou – protagonizadas por traficantes – como o que menos gostava: “*o que eu mais não gostava era que o pessoal ficava de judiaria com os outros, às vezes passava lá na rua via neguinho batendo nos outros por causa de bobagem.*”

Wellington destacou-se como o único adolescente a falar algo positivo em relação ao tráfico, citando a falsidade de pessoas que falam mal dos traficantes, sem reconhecerem a proteção que, para ele, o tráfico dá ao morro e aos moradores, e acabam x-novando²²⁴ os traficantes e comandos²²⁵.

Consideramos os trechos transcritos e descritos acima referentes àquilo de que os adolescentes menos gostavam em suas comunidades como sendo um indicador de como o tráfico, a presença do crime organizado em comandos e facções, acaba marcando os jovens profundamente. Dentre os dois jovens restantes, um mencionou uma atividade imposta pela família (levar os irmãos à escola), enquanto o outro disse não saber. Os três outros, como pudemos ver acima, detiveram-se em vivências e / ou práticas ligadas ao tráfico de drogas como sendo as piores coisas em suas comunidades.

²²³ Pareceu que ia falar preparado, ele pára e volta a fazer a frase. Era ainda o início da entrevista e dizer preparado seria mostrar sua participação no tráfico. Provavelmente por isso titubeou.

²²⁴ X-novar significa no léxico próprio dos comandos dedurar, entregar alguém através de uma denúncia, por exemplo.

²²⁵ O que traduz uma visão idealizada e romântica dos traficantes, como um Robin Wood, como defensores dos indefesos e pobres moradores da favela, que, por vezes ainda se vê sendo sustentada, até por intelectuais, que vêem a opção pelo crime como uma saída revolucionária contra a desigualdade estrutural.

Embora já tenham falado sobre os limites que acabam sendo impostos aos moradores no que tange à circulação nas favelas, o ‘ir e vir na favela’ voltou a ser mencionado por eles. Devemos lembrar que enfocar como percebem, sentem e vivenciam os espaços de favela onde habitaram durante grande parte de suas vidas é central para nós, na medida em que um dos pontos defendidos neste trabalho é a tese da influência direta e indireta do local de moradia e das atividades ali desenvolvidas sobre as opções de vida de adolescentes pobres moradores de favelas.

As palavras de Diogo quando se referiu a crianças segurando armas de traficantes e tendo plantadas em suas mentes os germens da vida criminosa, são um consistente ponto de partida para começar a apresentar de forma mais sistematizada o que entendemos por *cultura de comando* que refere-se a um caldo de cultura que tem como núcleo o crime organizado radicado nas favelas do Rio de Janeiro, em especial o ligado ao Comando Vermelho.

Esta cultura, que começa a ser discutida contemporaneamente por autores como Soares et al, (2005), que trabalharam com o conceito de subcultura, vem sendo criada e alimentada a partir dos grupos criminosos organizados principalmente a partir da década de 80 com a dinamização do tráfico de drogas no Rio de Janeiro. Neste período começavam a chegar grandes carregamentos de cocaína, substituindo a maconha em importância como produto principal de venda no ainda incipiente comércio ilegal de drogas.

No centro do processo histórico do surgimento da *cultura de comando* está o Comando Vermelho, fundado em 1979 no presídio da Ilha Grande, originalmente sob influência da ideologia da esquerda revolucionária, muito diferente daquela pela qual os integrantes e simpatizantes do Comando Vermelho pautam-se hoje. Na época acreditou-se que os criminosos comuns redirecionariam sua agressividade ao Estado ditatorial, à burguesia e ao capitalismo. Poucos podiam imaginar que estes estariam em pouco tempo reeditando o já anacrônico capitalismo aventureiro (Weber, 2001:11 [1947]), onde o lucro era conquistado pela força e pelas armas, deixando-se de lado os escrúpulos e a civilidade.

Com a deterioração dos princípios firmados à época do surgimento do Primeiro Comando Vermelho, dentre os quais estava previsto certo respeito geral à vida²²⁶, foi surgindo e disseminando-se, especialmente nas favelas do Rio de Janeiro, uma rede própria de crenças, costumes, valores, símbolos, linguagem, códigos e leis. Esta rede era sustentada simbolicamente pelas figuras de alguns importantes líderes, sendo reforçada pela ocupação

²²⁶ Eles viam como grave erro, por exemplo, o assassinato de pessoa inocente.

territorial dos morros pelos grupos de traficantes. Tratava-se da territorialização dos morros fluminenses pelo tráfico de drogas.

Estes e outros elementos estimularam e contaminaram parcialmente produções culturais como o funk e o rap, aumentando sua capacidade de difusão, principalmente entre a população mais pobre e jovem, cristalizando-se, por exemplo, na criação de “leis do morro” ou “leis do tráfico” independentes e conflitantes com as leis do Estado. Tomaram forma concreta também em vários “funks” proibidos. Os jovens relataram nas entrevistas a existência de um CD contendo músicas de apologia ao tráfico conhecido entre eles como “proibidão”. As músicas exaltam o *ethos* da vida bandida, o Comando Vermelho e alguns de seus “heróis”, com palavras de ordem e gritos de guerra e de ameaça contra grupos rivais, polícia e sociedade.

Cabe ressaltar que tal disseminação atravessou barreiras de classe, ocorrendo a aproximação de garotas jovens de classe média alta e alta aos traficantes. Rapazes destas mesmas classes passaram a reproduzir em seus veículos as músicas proibidas, desejando compartilhar de alguma forma aqueles valores disseminados e a fascinação exercida pelos ídolos do crime.

A valorização da marca “Bad boy” pode ser tomada como um analisador para compreender de que forma o capitalismo formal apropriou-se de uma das mensagens desta cultura que valoriza a figura do bandido cruel, inclemente e impiedoso com os supostos inimigos. O mercado pasteurizou esta idéia em uma marca muito valorizada por boa parte dos adolescentes das classes média e alta, colocada em roupas caras que não por coincidência vieram a ser os “uniformes” preferidos dos chamados “pitboys”, os rapazes violentos, agressivos, por vezes impiedosos das classes média, média-alta e alta que também só andam e agem em grupos, frequentemente de forma covarde.

A observação participante na instituição permitiu presenciar momentos em que os grupos de jovens uniam-se para cantavam a plenos pulmões os hinos do tráfico e do Comando Vermelho parecendo entrar em espécie de transe ao comungarem e celebrarem esta mesma idéia.

Era uma forma de rito para celebrar, atualizar um mito, calcado na terrível e mesmo assim fascinante história do nascimento, crescimento e dominação daquele que provavelmente já foi o mais poderoso grupo armado marginal deste país²²⁷. Assim como nos cultos existem os santos e deuses que são reverenciados, entre os símbolos do Comando Vermelho também

²²⁷ Não temos certeza de como está a centralização deste comando hoje. Há indícios de que a ganância e a perda dos princípios mais elementares ajudaram a fragmentar este poder em vários “feudos” menores e subgrupos.

existem as imagens quase santas como a do homem que enfrentou quatrocentos policiais durante onze horas, sob o singelo vulgo de Zé do Bigode, ou como o Professor, fundador e cérebro da organização, capaz de arquitetar os planos mais audaciosos.

Podemos dizer que elegem totens modernos: dentre tantos outros símbolos, o Comando Vermelho escolheu reverenciar a cor vermelha; o grupo (“clã”) liderado por Patrick escolheu como símbolo (totem) a arma do chefe, o machado – com que este esquartejava as vítimas. Trata-se de um retorno tardio a práticas e formas assemelhadas às organização totêmicas (cf. Lévy-Strauss, 1962): organizam-se de modo proto-militar, experimentam forte sentimento de pertencimento ao grupo, onde constroem nova identidade intrinsecamente ligada ao conjunto.

Ser de um comando ou ser de um grupo totêmico significa fundamentalmente ser diferente dos *outros* (grupos e seus membros): precisam diferenciar-se de outros comandos como, por exemplo, o Terceiro Comando. Eles *são* em oposição aos *outros*. A existência dos chamados “alemão” e dos “polícia”, *os outros*, lhes confere, aos grupos do tráfico, maior sentido de realidade (v. também Soares et al, 2005:262,263).

Analogamente vemos ressurgir a participação na construção subjetiva destes jovens de elementos outrora valorizados, como foi o *ethos guerreiro*, na história da construção dos Estados modernos. A nobreza (cf. Elias 1939, 1987) gozava do mais alto status na Europa pré-estatal, constituindo com orgulho a classe dos guerreiros que em meados dos séculos XI e XII assumiu importante papel nos movimentos de unificação dos dispersos territórios europeus.

Elias (1994:176-177 [1987]) observou que em tempos não tão distantes persistia nos Estados Unidos a máfia, uma forma de organização também amplamente respeitada oriunda na Sicília onde muitas vezes superava o próprio Estado como garantia de sobrevivência (ou de morte). Destaca o autor que estas formas de organização pré-estatais, reconhecidas no passado, persistem e intrometem-se no mundo moderno assumindo hodiernamente conotações negativas. Nestas formas de organização, como a máfia siciliana, na balança entre o indivíduo e a família, prevalecia sempre a última. O “nós” era mais importante que os indivíduos isolados. De modo análogo, percebemos sempre a referência grupal nas auto-alusões aos próprios grupos de traficantes (o “bonde”, “é nós”, “os irmão”, dentre outras formas). A negativa em “formar com os amigo” para enfrentar alguma “guerra” (tomar ou defender uma boca ou um morro, por exemplo) geralmente significa a sentença de morte para este que nega.

Mais de um CD proibido foi apreendido no abrigo em que desenvolvemos a pesquisa. Nos seus desenhos colocavam também com freqüência um das principais palavras de ordem

do Comando Vermelho: “paz, justiça e liberdade”. Todos queriam ser ou dizer-se relacionados a tal comando, o que era tomado como um sinal de que aquele jovem deveria ser respeitado, pelo fato de ter amigos muito poderosos e cruéis, pelo fato de pertencer a uma “instituição” (“clã”) maior. Isso até certo ponto, pois como a maioria dos rapazes estivera de fato envolvida, caso estes descobrissem que os garotos que falavam que eram ligados aos grupos do CV estavam mentindo, significaria severas punições para eles.

Amorim (2003) reproduziu na parte central de seu livro sobre a união do Comando Vermelho (Rio de Janeiro) com o Primeiro Comando da Capital (atuante em São Paulo), PCC, um esquema gráfico onde estão assinalados sobre um mapa do Estado do Rio de Janeiro os pontos de venda de drogas. Como comentou o autor, o resultado foi uma figura semelhante a um “paliteiro” quase indecifrável, tantas são as setas, mesmo sendo um mapa incompleto. As setas confundem-se com os tentáculos deste monstro que se espalhou por todo o Estado, em certo sentido, sitiando-o.

Este autor reproduziu em seu livro um rap do grupo *Facção Central*. Segundo ele este rap é um exemplo das letras que são cantadas aos gritos nas festas nas favelas, onde a juventude teria adotado o que ele chamou de *cultura do terror*, expressa através de roupas, gestos, e palavras de ordens, mantendo um próximo parentesco com nossa idéia de *cultura de comando*. Segue o rap (que reproduz a fala de um jovem – pobre – revoltado):

(...) infelizmente o livro não resolve.

O Brasil só me respeita com o revólver.

O juiz se ajoelha, o executivo chora,

Para não sentir o calibre da pistola.

Se eu quero roupa, comida, alguém

tem que sangrar.

Vou enquadrar uma burguesa.

E atirar para matar.

(...) Vai se ferrar, é hora de me vingar.

Votando aos dados que estamos a descrever, segundo relato de alguns dos adolescentes entrevistados, os bailes funk constituem espaço privilegiado para favorecer o descaminho e a disseminação da *cultura de comando*. Diogo, por exemplo, admitiu gostar de

bailes funk, mas conta também que estava procurando evitá-los da mesma forma como alguém procura evitar uma droga:

Gosto de baile funk, mas aos poucos também, tô parando também [tá parando por quê?] no baile rola muita coisa errada. [tipo o que?] tipo assim, como eu disse pro senhor, não escondo do senhor, eu gosto de fumar uma maconha, tá ligado? Mas tô tentando parar, chegar num baile desses, um baile de favela, eu vejo muita coisa errada, já vejo um maluco ali passando de fuzil na mão. Aí passa assim, olha assim, já bate um pó, certo? Pô, tu olha pro lado e vê neguinho fumando um baseado, pá. ‘Caraca, neguinho fumando um baseado!... Que vontade de fumar um baseado!’ E aí isso instiga mais, certo? E aí como você tá querendo parar de usa uma droga, isso aí vicia muito, baile...

Diogo (grifos nossos)

Theo dissera que os valores que dominam a mente dos jovens são relacionados a drogas, violência, agressão e morte, dizendo que quase todos só pensam em fumar, cheirar, matar... Acrescentou sua percepção sobre a frequência aos bailes funk como elemento decisivo no processo de envolvimento de um jovem com o trabalho em bocas de venda de drogas: “*Droga,... Droga, baile, essas coisa, droga e baile, que as pessoa fica indo muito pra baile, e do baile vai começar a usar droga, e da droga vai começar a roubar, e aí quando vê que não dá pra roubar, aí ele vai querer arrumá dinheiro no morro(boca)*”. Ao falar do que significa morar no morro, acabou reforçando a idéia do domínio do tráfico sobre os morros, e da perigosa e provável socialização na vida bandida, referindo-se ao que não desejaria para seu filho:

(...) mas também o que eu quero evitar mesmo é de morar em morro, e também (evitar) de meu filho ter muita liberdade assim na rua, de conhecer muita gente assim. Amigo também ninguém tem. Fala que é amigo e leva lá: ‘vamo lá no morro lá, não sei que lá amigo’ E depois quando você tá na situação mesmo (envolvido)... [e por que você evitaria de morar em morro?] Porque eu sei que se morar em morro o que aconteceu comigo poderia até acontecer com meu filho também (envolvimento no tráfico).

Theo

Wellington disse que, morando em favela, além de existirem poucas oportunidades para o jovem, ele convive intensamente com o tráfico, o que seria para ele o lado negativo: “*e sempre convive na favela 24 horas, né? Ele pode ir pra escola, pode voltar e parar na casa dele assim de noite que ele vai tá vendo o tráfico ali né*”. Acrescentou ainda que o jovem,

mesmo se quiser, não pode ficar alheio. Cada um tem que se posicionar, que não existe a possibilidade de permanecer neutro. Se mora neste ou naquele local você já está marcado em sua identidade por isso. O morador não pode desconhecer a que o local de moradia joga sobre ele:

Um luta pelo Comando; outro luta pelo Terceiro; outro pela ADA. Tu vai se encaixando nesses grupos, e em qual tu tiver se encaixando, você vai lutar pelo seu grupo. É a mesma coisa, às vezes a pessoa não é nem bandido. Só porque mora na área tem que falar que a pessoa é daquela facção que ela mora, ela tá ligada,... Mora onde existe essa facção. [Aí ela é tida como se fosse daquele comando não é?] Então! Agora como um lugar que não tem nada a ver (o abrigo), aí vem o cara e pá: ‘pô! Sou comando, onde eu morava era comando’.

Wellington

Perguntado se sentia-se protegido de alguma forma pelo Comando Vermelho, ele expôs claramente os processos da expansão geo-econômica do tráfico de drogas nos morros do Rio de Janeiro com efeitos sobre as populações:

Na favela, sim por causa que se não tivesse (tráfico de drogas nos morros) ia tá mais protegido ainda, mas ... Tipo aqui, tipo aqui é o morro e não tem nenhuma facção, aqui é outro morro e tem uma facção. Se não tem ninguém tomando conta daqui, aquela facção, é claro, vai vir pra cá, porque vai ter que ter um... Vai arrumar mais um ponto pra vender drogas que vai trazer mais dinheiro. Se aqui tem uma facção e aqui também, e o morador tá aqui precisa de uma proteção. Se eles vêm invadir, os que tá aqui não vão deixar. Então tu se sente... Protegido. Porque no morro nunca vi ficar ali dentro aqueles 300 policiais num morro assim só. Tu nunca viu pá, te dar proteção ali. Então acho que, por um lado os traficantes também traz uma certa segurança, porque se tu é daqui ó, vem uma facção, vamos supor, Comando Vermelho, aqui é Terceiro, você mora aqui, você vai nesse morro aqui, eles não quer saber se tu é bandido, se tu é trabalhador, eles quer saber que tu mora lá. [Aí vão te pegar lá?] É, se tu mora lá, tu também faz parte, eles quer te pegar, então neste caso eu acho protegido, porque os daqui não vai invadir aqui, porque sabe que aqui tem gente, se eles invadir... [Então por um lado protege, e pelo outro lado?] Pelo outro lado já não protege, porque em troca de tiro aí cai um lá com uma bala perdida, pá.

Wellington e entrevistador

Diogo mostrou-nos, que no Instituto Padre Severino²²⁸ o reconhecimento da filiação dos jovens a este ou aquele comando já está legitimado, como podemos ver em sua fala: “*lá no Padre é aquilo né? Tipo como, tu chega lá, tem uma regra né? Pá, e tu tem que seguir as regras, se não seguir as regras eles e tem aquela famosa divisão de Comando Vermelho, Terceiro Comando e a tal da ADA.*”

Este trecho mostra como o caldo de cultura ligado aos comandos em favelas onde tem crime organizado (quase todas) assume efeitos coercitivos diretos sobre os moradores. Caldo de cultura que transcende as áreas dominadas, espalhando-se também pelas instituições do Estado. A adequação do morador a este estado de coisas se torna praticamente obrigatória para garantir sua própria sobrevivência. Ele se vê obrigado a vestir a camisa do comando local, tendo usurpado o direito de apresentar-se ao mundo como ele quiser. Sua própria identidade social acaba sendo tomada. Cada vez que uma instituição do Estado reconhece a necessidade de fazer esta separação de internos ou presos por comando; cada vez que um morador submete-se a coisas que pode ou não fazer, onde pode e onde não pode ir, estão legitimando a autoridade dos comandos.

Então podemos pensar que, indo além do fato de habitar neste ou naquele lugar físico, forçosamente, o morador deverá habitar um lugar “ideológico”, tendo que comungar ou fingir que comunga com os valores, crenças e práticas do comando responsável pela área onde fica sua casa.

Em situações mais extremas o morador vê-se obrigado a vestir a camisa daquele comando ou facção para não ser visto como suspeito aos olhos dos traficantes. Percebemos então que a *cultura de comando* propaga-se de diversas formas. Pode ser pelo contágio a meninos e meninas mais novos que querem imitar ou namorar com os traficantes, como disse Diogo ao citar garotos de sete anos segurando armas em bailes funk, ou pela coação de que tratamos aqui. De tanto a pessoa fingir que é deste ou daquele comando (quando este for o caso), tal pertencimento acaba sendo internalizado e modificando o esquema identitário da pessoa.

Eles me explicaram que os jovens que são mais facilmente envolvidos pelos comandos são os que têm “cabeça fraca” ou “mente fraca”. Theo, por exemplo, depois de dizer que queria trabalhar, para evitar terminar em uma cadeia, disse:

(...) porém, minha mente é fraca: igual à música: ‘quem vai pela cabeça dos outros é piolho’. Eu vou pela cabeça dos outros porque minha mente é fraca. Minha mente não é maldosa.

²²⁸ Instituição de privação de liberdade para menores de 18 anos que tenham cometido atos infracionais graves recebendo a medida sócio-educativa mais dura prevista no ECA, a de privação de liberdade.

*Minha mente é fraca. [Como você, sabendo disso, ainda vai pela cabeça dos outros?] É uma coisa que aprendi também na pista: se tu não cobra, tu é cobrado. É uma coisa que os muleque também não entende: se alguém der uma mancada, por mais que tu tá na casa (no abrigo) tem que cobrar, senão tu é padrinho, tu vira padrinho, e padrinho toma porrada. Por isso que quando tem cobrança eu sempre estou no meio. [Por que você precisa cobrar? Se você não está envolvido na história? Não vira padrinho não. Deixa pra quem quer cobrar.] É isso que eu ainda não entendi... [Aí os caras tão te usando, pô] *Nnnãao, acho que tu também não entendeu...* [Então explica melhor] Olha só, por exemplo: tô eu e você na casa, aí tu dá um mole. Chega a noite tem uma reunião. Eu já tô certo que eu vou tomar umas porrada aí você tá no seu canto. Se eles te chamar e se tu disser que não vai, eles não vão te chamar de novo não, mas quando tu sair pra fora, eles aguarda ficar uma multidão. Então quando ficar uma maioria de menor já fala logo: ‘olha esse aqui apadrinhô e quer ficar no meio do nosso bonde, aí é na hora que (bate) [porque eles precisam fazer bonde? Você não falou que esse negócio de comando é uma palhaçada? Mesma coisa, pô. É como se vocês quisessem imitar o comando aqui, fazer o bonde entendeu? Fazer a mesma coisa que eles...] Mas é por isso mesmo que eu falo, não tem mesmo saída, ficar numa casa de custódia assim, não tem como tu escapar.*

Theo e entrevistador (grifos nossos)

Este exemplo de comportamento vicário em relação às práticas dos traficantes ajuda a tornar visíveis os processos de identificação individual e grupal dos adolescentes aos modos dos comandos. Reproduzem dentro dos abrigos a forma de atuar dos comandos, inclusive com ênfase no aspecto coercitivo e compulsório segundo o qual quem não estiver com eles, estará contra.

Fazendo-nos recordar da obrigatoriedade de posicionamento em função de morar em área dominada por este ou por aquele comando, a neutralidade não é uma opção para o jovem. Em caso de confusão, de *corregimento*²²⁹ e brigas, ele deve juntar-se obrigatoriamente ao “bonde” sob pena de ser considerado “padrinho” e ser o próximo a ser espancado, como foi didaticamente explicado por Theo, gerando reação de surpresa e perplexidade do entrevistador. A lógica que é seguida é outra. É a lógica de uma grupalidade compulsória de força que não aceita a diferença, bem como não aceita a possibilidade de escolhas individuais que possam ir além dos interesses do grupo.

²²⁹ Gíria. Nome dado à aplicação de “corretivo” (surra) em algum adolescente que tenha feito algo contra suas regras, que por sua vez inspiram-se nas regras do Comando Vermelho.

Outro importante elemento para análise foi fornecido por Theo quando este se auto-avaliou como não tendo mente criminosa, mas uma mente fraca, dizendo que ia pela cabeça dos outros. Demonstrou aí claramente que não se percebia um bandido cruel de nascença: demonstrava não ter forças para resistir à grande pressão social que era exercida sobre ele pelo grupo próximo.

Perguntado se ele percebia o tráfico influenciando o dia-a-dia da favela onde morou e sobre como seria esta influência, Vitor respondeu dando uma noção da ocupação espacial ostensiva que o tráfico mantém nas favelas: “*É, porque são diversos pontos, então ele (o tráfico) fica na comunidade toda: hoje tá aqui, amanhã tá ali, depois tá lá, depois tá cá. Ele... não tem paradeiro, cada canto é um canto, onde rola alguma coisa*”.

Diogo apresentou outro exemplo sobre a onipresença do tráfico no morro. Quando perguntado pelo entrevistador se ele gostava de andar com “*os caras*” (do tráfico), respondeu que não gostava: “*comunidade sabe como é que é né tio?*”, querendo dizer que não tem muito jeito de manter-se distante do tráfico e dos traficantes. Contou que sabia que tinha uma casa vazia no morro e pediu ao *frente* (responsável) do morro para ocupar a casa, seguindo-se o diálogo que reproduzimos abaixo:

Frente do morro: ‘*só tem duas coisa, ou você sai de sua casa, sai do morro e vai morar com parentes, ou senão você forma com nós aqui*’.

Diogo: ‘*pô cara, eu não quero vida de vagabundo para mim*’.

De modo semelhante Theo relatou que não podia voltar para casa devido ao tráfico:

[Por que não volta para casa?] *Porque agora lá tá difícil, porque lá tá em guerra, que minha vó falou: ‘eu sei. Aqui tá em guerra, eu sei que se tu voltar pra cá não vai prestar muito tempo, que tu vai querer entrar nesse meio aí também’.* Ela sabe que eu entro mermo.

Theo

A resposta de Wellington à pergunta sobre a existência ou não de influência do tráfico na comunidade e como esta se daria ajudou a confirmar a capacidade de análise mais profunda que este jovem tem, com uma excepcional capacidade de ler os detalhes que vão acontecendo no dia-a-dia. Para ele a ligação entre o tráfico e a comunidade vai se dando através dos pequenos favores que vão sendo feitos, numa sociabilidade bem inicial entre traficantes e moradores (fora a situação em que o traficante é *cria*²³⁰ do morro), firmando-se em relações de troca, onde cada um tem um interesse:

²³⁰ Gíria: nascido e criado no morro.

O tráfico só se influencia na comunidade... Já é uummm, é necessário, é tipo uummm... Tipo o que? Tipo aquele negócio que tem nos filmes de faroeste. Tinha as pessoas normais, mas tinha os caras que era, como,... Fora da lei, né? Mas o fora da lei não vai viver sozinho, vai ter que se comunicar com outras pessoas também. Então o tráfico se influencia assim: vai na conversa primeiro: 'Aã, me dá um copo d'água', daqui a pouco já tá me dando um café, aí você tá precisado disso, aí o cara da boca mesmo: 'ó, toma'. E é assim por causa de que, porque você sempre dá uma água, um café, aí daqui a pouco ele: 'pô, acabou o gás? Vai lá na favela, pega um gás lá'. Então se influencia, mas não na intimidade mesmo, mais nas precisões, na hora (em que o morador) precisa que o tráfico se influencia na comunidade.

Wellington

Aí parece estar a semente, o germe do modo do tráfico ir se inscrevendo no coração das comunidades. Através dos favores os traficantes vão ganhando o favorecimento da população local. Este é um modelo que ajuda a explicar muitas ligações que acabam invadindo, contaminando o espaço maior de associativismo das populações das favelas: a Associação dos Moradores.

Diversos levantamentos estatísticos²³¹ têm revelado que as associações ficam, com importante frequência, submissas, coniventes ou ameaçadas diante dos interesses do tráfico. Em outras situações o tráfico age com força letal contra os líderes comunitários. Um dado que ilustra isso é o registro de um número muito grande de presidentes de associações de moradores assassinados, ou seja: ou se compra a parceria através de trocas interessadas de favores – que por vezes podem parecer desinteressadas – ou pela mão férrea do tráfico, a linguagem do terror.

Uma frase de Vitor nos ajuda a compreender como os grupos organizados, em especial os ligados ao Comando Vermelho foram deteriorando-se em certo sentido, ao deixarem de seguir os princípios presentes no processo de fundação. Os membros dos comandos foram tornando-se mais violentos e menos seletivos em relação àqueles a quem as violências deviam ser dirigidas. Vitor afirmou que o adolescente que entra para o tráfico ou para o crime “*se sente mais alto do que os outros simplesmente porque porta uma arma de fogo*”.

Este sentimento individual de ser mais alto que os outros quando é sentido por um grande número de jovens acaba sendo multiplicado, levando à criação de grupos que,

²³¹ Como, por exemplo, o feito pelo deputado Carlos Minc baseado em dados referentes ao período de 10 anos analisando 3200 associações de comunidades (favelas), encontrando-se em 1200 delas (mais de 1/3) influência do tráfico, seja por conivência, medo ou cumplicidade (ALMEIDA, G. em reportagem do JB de 27 de março de 2005).

institucionalmente, sentem-se mais altos que outras pessoas, instituições e representantes do poder público, dentre outros. Este sentimento de superioridade dos grupos ligados aos comandos vem alimentando e potencializando, como temos visto, uma profunda interferência destes na vida da comunidade, comprometendo um princípio básico da democracia.

O elemento fundamental para o diagnóstico do problema político da convivência entre traficantes e demais moradores está justo aí: na marcada assimetria que favorece a tirania destes poucos sobre a grande maioria da população local²³². Vitor falou tal frase com conhecimento de causa, pois essa mudança que disse acontecer com os outros aconteceu com ele exatamente da forma como descreveu:

[...] e quando você tava lá no Abrigo e você começou a trabalhar no tráfico? Você começou a se ver diferente também naquele momento?] *Me vi, me vi diferente. Achava, sempre achando que eu era melhor do que os outros. Aí eu comecei a ter coisas que os outros não tinham (...).*

Vitor

A significativa frase do jovem “se sentem mais altos que os outros”, nos obriga recordar uma das mais consagradas frases do autor inglês George Orwell em seu brilhante *Animal Farm* (1983:114[1945]). Os animais, representados pelos porcos haviam feito uma revolução na fazenda para defenderem-se da crueldade e opressão dos humanos contra eles, assumindo então o poder e o controle da fazenda. Tudo ia muito bem, todos os animais felizes com as possibilidades nunca imaginadas pelo advento da liberdade democrática. No entanto em determinado momento, no crescer da trama, os próprios porcos começaram a mudar as regras igualitárias que passara a reger a vida dos animais na fazenda. As mudanças foram ficando mais claras, mostrando a identificação dos porcos com os antigos opressores, culminando com o apagamento dos Sete Mandamentos que garantiam a nova liberdade, sendo estes substituídos por apenas um: “all animals are equal but some animals are more equal than others”. Qualquer semelhança com a história do Comando Vermelho não é mera coincidência²³³, mesmo sabendo que desde o início eles não foram “bonzinhos” como uma vez foram os porcos revolucionários-conservadores de Orwell.

Se nos orientarmos pelos fundamentos da análise institucional podemos pensar no jovem que está imerso na *cultura de comando* como alguém que está atravessado em um nível

²³² Fato que gera histórias surpreendentes e geralmente trágicas. Os jovens quando entram para o tráfico normalmente saem do lado “mais fraco”, muitas vezes vindo a atacar – à maneira do tráfico – com letalidade, aqueles com quem antes conviviam. Estes muitas vezes não entendem a profundidade da mudança identitária que se processa com aqueles jovens, especialmente quando os ganhos secundários já estão consolidados.

²³³ A analogia é ainda mais precisa para aqueles que ainda insistem em ver os traficantes e o tráfico como uma resposta revolucionária a um pacto social iníquo e profundamente desigual e excludente.

muito alto por tudo que temos descrito como elementos desta cultura. À medida que o adolescente por um motivo ou outro vai conseguindo questionar onde está, o que está fazendo, de quem está próximo, para onde está indo e sobre quais são os seus objetivos, consegue levantar-se gradativamente deste emaranhado legal, político, ético, social e financeiro onde se encontrava. A isso chamamos em análise institucional aumentar o coeficiente de transversalidade, abrindo-se a possibilidade de tornar-se crítico diante do fechamento de mensagens ideológicas ou tensões institucionais e grupais que atravessam, invadem, tomam o sujeito de forma avassaladora, sem permitir filtros críticos. A transversalidade produziria a possibilidade do que Baremlitt (1992:195) chamou de efeitos inventivos e libertários. Reproduzimos uma frase de Diogo a seguir que consideramos lapidar para ilustrar o que resta de Comando Vermelho para um jovem que conseguiu sair do lugar assujeitado em que era tomado de assalto pelos atravessamentos:

[o que é o Comando Vermelho? E o que ele representa para você?]

Posso dar um papo reto, tio? Não significa nada. É apenas uma maneira dos caras ganharem o deles. Corruptamente, fazendo merda.

Diogo

Theo por sua vez, deixou transparecer em seu relato sobre a execução de um morador que foi vestido pelos traficantes com uma farda policial, como o tráfico²³⁴ preocupa-se em parecer bom para a comunidade, tentando, por vezes, enganá-la: O entrevistador perguntou se o cara executado era morador e policial, ao que ele respondeu que era só morador. Seguindo-se: [Por que então ele estava de farda de policial?] Theo respondeu: “*quando eles mata cana, guarda a farda para quando panhá (matar) morador eles bota a farda pra morador, pros outro morador não saber que é morador do morro*”.

Os motivos para essa atitude do tráfico são diversos, indo desde a vaidade pessoal de sentirem-se queridos (ou pelo menos acharem que são) pela comunidade, como vimos no segundo momento (falados e desejados) do jovem no tráfico, até a possibilidade de usar a população como massa de manobra contra ações policiais, mantendo grande poder político junto ou através das Associações de Moradores.

Outro motivo foi explicitado por Theo, que mencionou a impossibilidade de roubar carga (certa quantidade de drogas) dos traficantes, dizendo que o cara seria logo pego até

²³⁴ Convencionamos que quanto falarmos de ‘o tráfico’ estaremos referindo-nos aos traficantes, aos grupos de traficantes, aos comandos e ao conjunto dos processos envolvidos na atividade de traficar drogas, tomados conjuntamente como organização.

porque “*Que no morro é morador, morador fecha com bandido e vapor*”. Porém o mesmo jovem acrescentou adiante como passou a ver os grupos criminosos organizados de forma negativa. Percebemos, no entanto, persistir alguma ambivalência no jovem, que disse – antes de descrever o Comando Vermelho como um bando de palhaços – que entoava seus hinos (do Comando Vermelho) só para distrair-se.

Tal ambivalência nos leva a pensar que na ausência de valores mais sólidos na base identitária destes jovens, qualquer coisa, qualquer mensagem, qualquer ídolo pode consolidar-se como importante para eles, como na Alemanha da década de 1930. Acreditamos que quando ele disse que entoava os hinos do Comando Vermelho só para distrair-se está dizendo que não encontra outros valores ou causas para abraçar e eleger como importantes, com exceção da Assembléia de Deus:

[você se identifica com alguma facção, grupo, ou comando?] *Não. Só canto mesmo só pra distrair, só, pra distrair a mente mesmo, mas minha facção mesmo é Deus. Como eu já fui da Igreja, Assembléia de Deus lá em...* [o que pensa sobre os comandos, em especial o Comando Vermelho?] *Nada. Falando assim parece até mentira, mas pra mim cara, é tremenda palhaçada este negócio de Comando, Terceiro, ADA, tremenda palhaçada (...). Por exemplo, divide os lugares, certo? Tem um lugar que é comando, tem lugar que é terceiro, tem lugar que é ADA, ali o outro já é Terceiro, não sei o que lá. Ai pô, divide os lugar, tem lugar que tu pode ir, tem outros lugar que tu não pode ir. Esse bagulho é uma tremenda palhaçada. Só pra atrasar mais.*

Theo

Wellington também demonstrou ter estado sob domínio “ideológico” do Comando Vermelho podendo, porém, ver a situação de outra forma no momento das entrevistas. Fez analogia entre vestir a camisa de um comando e vestir a camisa de um trabalho ou de um país. O exemplo ao qual recorreu incluiu os EUA e Iraque, e a guerra entre os dois, na qual sabemos que no auge do extremo nacionalismo e religiosidade quase dogmática, o recurso ao auto-sacrifício como arma de defesa do país e do Deus deles tornou-se corriqueiro. O jovem falava então de uma entrega, de uma devoção sem limites, o que torna a analogia a nosso ver mais interessante e apropriada:

[você se identifica com alguma facção, grupo, ou comando?]

Eu não. Minha facção é Jesus. Já tive né? Quando era pequeno, aí sempre (sabe) como? Lutar pela aquela facção que tu é, que nem um trabalho numa empresa, que nem o Brasil e

um outro país, o Iraque e o Estados Unidos vão à guerra. Não são dois países? Os americanos luta pelo Estados Unidos e os iraquianos luta pelo Iraque, é igual na guerra de facção.

Wellington

Quando perguntamos a Ronaldo se ele se identificava com algum destes grupos criminosos organizados, ele respondeu o que se segue:

Não. Eu falo assim, só que... [O que você fala?] Fico falando o que todo mundo fala [Mas o que todo mundo fala?] fica gritando, 'é nós! vermelhou! [?] fica gritando é nós! vermelhou...

Ronaldo

A resposta de Ronaldo, embora ele tenha um percurso no tráfico completamente diferente do envolvimento de Theo, aproximou-se do que este afirmou, quando disse que cantava os hinos do Comando Vermelho só para distrair a mente. Ronaldo, analogamente, disse não se identificar com nenhum comando ou facção, mas apresentava um comportamento que se mostrava diferente do que falava, pois de fato, quando estava com os outros adolescentes, cantava junto com eles e repetia as palavras de ordem do Comando Vermelho.

Vamos então confirmando a percepção acerca da característica fortemente grupal do fenômeno da exaltação dos comandos, em especial do Comando Vermelho. São jovens que mesmo dizendo não se identificarem a ele cantam seus hinos, exaltando-o, como vimos acima. Sob essa ótica, vejamos como este adolescente de 14 anos descreveu os morros do Rio de Janeiro e o motivo que alegou para não ter entrado no tráfico: Afirmou que acha que as facções brigam “por uma palavra”:

[brigando por uma?] *Por uma palavra, porque tudo é morro, aí eles dão o nome de Terceiro Comando... Comando Vermelho...* [Como você percebe a questão das drogas e do tráfico lá?] *Ah, mesma coisa... Tiroteio, eles vende, usa. (...)* [Por que motivos você acha que conseguiu se manter afastado do tráfico de drogas?] *Porque eu saí da favela.* [Porque você saiu da favela?] *Se eu não tivesse saído... Eu já teria entrado...* [Já teria envolvido... e você saiu por quê?] *Por causa da mulher lá²³⁵* [Mas você tinha vontade de entrar pro tráfico?] *Muitas vezes eu já tive, me chamavam,... Só que aí eu nunca entrava.* [E você não entrou por quê? O que você acha?] *Ah, não sei.*

Ronaldo e entrevistador (grifos nossos)

²³⁵ Ele estava brincando de polícia e ladrão portando uma arma de brinquedo. Ia passando uma senhora que o viu e deu queixa dele ao dono do morro, sendo punido por este. Segundo ela, ele a teria intimidado com a tal arma.

Foi significativa também a resposta deste jovem adolescente sobre o que era o Comando Vermelho para ele, quando associou de forma direta ser bandido e escolher um comando:

[Você sabe o que que é Comando Vermelho?] *É uma facção que eles escolhem... [É uma facção que...?] Por exemplo, quando é bandido assim, quando é bandido, que é assim que se fala, aí eles escolhem, aí, por exemplo, se é Comando Vermelho se o Terceiro Comando invadir fica passando a ser Terceiro Comando.*

Ronaldo e entrevistador

VI.8.2. *RELAÇÕES INTER-PESSOAIS NO TRÁFICO E COM A COMUNIDADE: MAIS MEDO QUE RESPEITO*

Vitor - Foi um morador, morador da comunidade mesmo...

Vitor - Tinha, tinha um contexto²³⁶ assim com o pessoal, então ele pegou a droga, ele pegou a droga por cinco reais, só que faltava um real, e ele falou que depois ia retornar aquele dinheiro, ia retornar o dinheiro pro...

Vitor - Ia devolver o dinheiro praquele cara; só que acabou que ele não devolveu; e ele (traficante) deu até um certo período pra ele devolver, e acabou que ele não devolveu.

Vitor - Quatro reais. No caso ficou faltando um real; então ele não tinha como pagar aquele um real. Aí mataram ele por causa de um real.

Entrevistador: - Pô, não acredito nisso...

Este é um dos exemplos de como ao longo de décadas o tráfico foi transformando-se e assumindo feições cada vez mais desumanas. Desde o início do seu rápido crescimento a partir da década de 80, com a introdução em larga escala da cocaína no Rio de Janeiro, houve

²³⁶ Gíria. Conhecimento, amizade.

uma deterioração nas relações inter-pessoais no trabalho (do tráfico) e entre os traficantes ou membros de comandos em geral (inclui também assaltantes) com a população, tanto de moradores como de usuários. Os princípios que caracterizaram o primeiro momento do Comando Vermelho que garantiam até certo ponto o respeito à vida e à população foram sendo esquecidos também devido à morte ou prisão de figuras importantes, deixando muitas vezes esta primeira edição da organização acéfala.

Dentro do contexto de um capitalismo assemelhado ao do tipo aventureiro (Weber, 1947), onde os escrúpulos são esquecidos ou nunca estiveram presentes, o juvenescimento dos traficantes, e a explosão de ganância desenfreada, ajudaram a agravar o quadro. O exemplo trazido por Vitor ilustra esta progressiva deterioração operacional e moral dos criminosos²³⁷ (continuação do relato da epígrafe):

Parece mentira, mas não é mentira [?] se você ficasse vendo ia ver que isso tá acontecendo, por causa de um real o cara perde a vida dele. [...] E o cara era conhecido ainda?] Era conhecido assim: ele era praticamente... Era um mendigo. Ele ficava tomando conta de carro. Só que o pessoal já conhecia ele, aí o pessoal deu (...) então, quer dizer, o cara (traficante) tava vendendo a mercadoria, ele (traficante) gastou tanto dele e ficou faltando um real, aí ele (traficante) chegou e foi exigir do outro cara (guardador) que não pagou ele. Aí no caso ele tirou a vida dele. [E, que que você acha disso? Você acha que é para dar exemplo, por maldade, o que você acha que motiva isso?] Não, eu acho que eles fazem isso é pra poder as pessoas terem mais respeito por eles. Porque se um cara chegar e fizer isso, as pessoas vão respeitar mais ele vão até ficar com medo dele, entendeu, até ficar com medo dele.

Vitor e entrevistador (grifos nossos)

Vitor trouxe outros exemplos que demonstram como funciona a política do tráfico de dominar o espaço e as pessoas através da instilação do medo:

[E que que você pensa sobre os Comandos, sobre o Comando Vermelho, por exemplo?] *Eu acho que ninguém comanda nada, apenas, só pelo fato de eles colocarem terror nos outros, os outros confiam neles, dão então um... , as pessoas ficam com medo, começam a respeitar, tudo que eles falam, comando, que eles tendo..., eles colocando ... Vamos supor: eles matam uma pessoa. Aquelas pessoas fica com medo, eles assumem o comando de toda a Favela, porque sabem que ninguém vai querer mexer com eles, não vai querer entr...por isso que eles colocam: Comando. Tem, tem um certo comando entre eles.*

²³⁷ Pensando na idéia de que pode haver sempre alguma ética, como existe uma ética para a guerra. Não queremos alçar criminosos ao posto de paladinos da moralidade.

Vitor (grifos nossos)

Vejam os outros exemplos trazidos por este jovem ilustrativa da política do terror e medo do tráfico, mostrando como os traficantes podem impedir e se tornaram um risco para a circulação (ir-e-vir) das pessoas, mesmo que estas não estejam envolvidas no tráfico de drogas:

Tá. Porque se tu vê aquilo, assim, tu... (se) O cara falar contigo tu já tem que ter a resposta na ponta da língua:

Traficante: *Onde tu mora?*

Morador: *Em tal lugar.*

Traficante: *Conhece quem?*

Morador: *Conheço Fulano*

Traficante: *Tu fica onde?*

Morador: *Em tal lugar.*

Você sempre na merma, na merma eficiência. Se você se embolar, o cara vai começar a suspeitar de você; aí tu demorou a primeira vez, demorou a segunda, já na terceira..., aí já te bate e você fala: ‘Não, eu tô morando em tal lugar, mas eu tô, já tô de viciado’, viciado em comprar droga, viciado não tem rumo de favela, onde tem (droga) ele tá indo; tem aqui, tem outra facção, onde tem ele tá indo, aqui não tem, mas a outra facção tem? Tem. Aí vem um vapor desses, chega, enquadra o viciado: ‘onde tu mora?’ Aí vai enquadrar, matar o viciado, o cara é viciado, tá indo comprar droga.

Vitor

Percebe-se desta forma que a pessoa, ao circular pela favela e arredores, é obrigada a saber dar algumas respostas “certas” (de acordo com o esperado pelos traficantes) para que possa provar que mora em tal lugar, que é dominado por tal facção. Se esquecer ou se for novo na área, estará correndo risco de vida. Se fizermos uma analogia entre este tipo de procedimento e um dos princípios básicos do direito “*in dubio, pro reu*”, vemos que o tráfico em sua auto-outorgada função de investigador e juiz a subverte para “*in dubio, per cova*”.

Diogo também demonstrou acreditar que o que acontecia na relação entre os traficantes e a comunidade passava muito mais pelo medo que pelo respeito:

[Você acha que o cara começa a ser mais respeitado quando se envolve no trabalho do tráfico? Pode dar algum exemplo?]

O cara está numa comunidade, todo mundo conhece o cara, o cara começa a andar de pistola: o cara não é mais olhado como morador, o cara é olhado como traficante, bandido (...) o cara já é olhado com outros olhares. Olhar de medo, não com olhar de morador 'vamo lá jogar uma bola com nós, pá?' [?] a polícia sobe o morro de FAL, o bandido foge, esconde a arma, a polícia vem pergunta para o morador:

Policial: 'pô, tu viu alguém passar aqui?'

Morador: ' não, não vi não'.

Policial: 'pô, mas ele acabou de passar... '.

Morador: 'não, não vi meu senhor, não vi! Acabei de vim pra cá agora... '.

É medo de falar...

Diogo

No relato de uma experiência própria em que puniu um homem que tentou abusar de seu irmão, Diogo demonstrou também conhecer e ser adepto do uso do detector de mentiras do tráfico, assim como das práticas do julgamento e punição sumários, recorrendo neste caso às madeiradas.

Diogo confirmou a necessidade de que, uma vez na vida do crime, vem a necessidade de agir até mesmo para não ser morto, além de ter que estar na atividade para manter-se senhor do poder que tem:

Primeiramente, se o cara tá nessa vida ele já sabe que é matar ou morrer, e tipo assim, sabe qual é, o cara tá lá porque pô... É que nem aquele ditado: antes de chorar minha mãe, chora a sua primeiro, hãh? O cara tá lá (no) poder (sabe) como? Se manter, pô o cara não vai dar mole né tio de tomar um tiro (...)

Diogo

Este adolescente contou ainda sobre os meios utilizados pelo tráfico para manter uma permanente intimidação contra eventuais descontentamentos, desobediências e traições, contando que já presenciou várias execuções:

(...) cortar, bagulho de cortar os outros, queimar os outros [?] queima, queima vivo, queima picotado, tipo um exemplo, tá ligado, o cara tá numa comunidade, o cara ficou forte, foi lá e deu golpe de estado. Foi lá e roubou a boca. Porra tio (...) só a morte mesmo.

Diogo (grifos nossos)

Por este trecho vemos a precisão das palavras. Não precisa analisar muito. Está dito. Mas está dito de forma tão clara e óbvia que foi passando despercebido seguidas vezes. O óbvio muitas vezes não é percebido. Mas, vamos então às palavras. O roubo da boca é o Golpe de Estado. Eles em sua gíria intuem, adivinham, e confirmam: para eles o tráfico é Estado.

Theo, identificado com o lugar de bandido, afirmou que “*bandido não escolhe nem nada pra bater, qualquer coisa que tiver bate*”, falando sobre sua participação na surra aplicada sobre um jovem do abrigo. Em sua passagem pelo tráfico protagonizou uma destas cenas de terror. Embora a idéia não tenha partido dele, recebeu a ordem de proceder da forma como descreveu abaixo:

Aí chegou de madrugada, todo mundo curtiu. Aí eu tô vendo um cara vindo amarrado, um cara vindo amarrado com a farda de polícia. Aí eu ‘pô que isso?’ Aí eu olhei assim pro cara e comecei a rir (...). Aí ele (seu chefe) falou, nós vai subir lá pro alto da caixa, nós vai jogar ele, antes dele chegar aqui embaixo eu quero que ele já esteja morto (...) Ele botou aí e pô, sem mentira nenhuma, sabe o que que eu fiz com o corpo do cara? (Na verdade o cara estava vivo ainda) Rasguei o corpo do cara assim antes dele chegar lá embaixo... Na hora que ele largou cara, foi o tempo de levantar o AK e cantar, botar o AK pra cantar, quando eles chegaram lá embaixo, quando eles chegaram perto do corpo eles viram assim, aí o corpo do cara separado assim, pois é, a bala de AK o que pode fazer [?] foi rajada (...) ... [o cara era morador?] era morador [Era morador e policial?] só morador, [Por que então estava de farda?] quando eles mata cara, guarda a farda para quando panhá morador eles bota a farda pra morador, pros outro morador não sabê que é morador do morro.

Theo e entrevistador

O adolescente Wellington relatou duas execuções como as coisas que mais o impressionaram²³⁸. Se deixaram tamanha impressão em um ex-membro do tráfico, que dizer da impressão causada nos moradores da favela não envolvidos com o crime. Ainda sobre estas execuções o adolescente continuou relatando, respondendo à pergunta do entrevistador

²³⁸ Ver epígrafe de VI.5.3.

(atônito neste momento) se o cara que estava sendo esquartejado ainda estava vivo (ele dissera que o cara pedia água): “*Depois que ele já tinha picotado é que eles tacaram fogo. [E o cara que morreu com tiros na cabeça, foi por quê?] Foi porque ele tinha fechado com os traficantes da outra facção.*

Quando perguntado se ele mesmo já teve que participar de alguma execução, se teve que matar alguém. Ele respondeu que não, mas que tinha que ficar vendo, podendo participar se quisesse:

Já tive que participar, tive que participar, ficar lá, não tive exatamente que picotar o cara, mas pelo menos ficar lá eu tive que ficar né? [Estar junto lá com a galera? Mas teve que fazer alguma coisa também, atirar?... não?] Só se eu quisesse [Só fazer o apoio, só?] só se eu quisesse, eu tinha que ficar lá vendo. [Mas eles falaram pra tu ficar junto pra ir acostumando logo?] Que sempre tem aquela desconfiança: eu tô ali vendo, tá todo mundo ali. É pra mim tá ali também se eu sair já desconfia: ‘pá, deve tá x-novando, pá’ Eu tenho que mostrar pra eles, tá ligado que eu sou junto com eles. [E qual foi o teu sentimento nessa hora?...] (silêncio) Nem passava nada na minha cabeça, só passava aquela cena, tá ligado, o cara, como? Cortando o maluco vivo, sabe como, é impressionante, (...) Uma vez também (fala quase sussurrando, incompreensível) um bagulho assim como? Pensava que não acontecia, mas, na verdade acontecia mesmo.

Wellington e entrevistador

O relato que se segue refere-se ainda a Wellington e não transcorreu sem emoção. Muito pelo contrário, o jovem o contou pesaroso, alternando um ou outro riso nervoso, e em um tom baixo, mas firme, um tom que parecia confessional. Lembremos que foi o único que quis saber a fundo do que tratava a pesquisa, para onde iria o material das entrevistas e com quem ficaria guardado. Se os trechos imediatamente anteriores foram fortes, estes que se seguem são ainda mais pesados. Por que relatar então algo tão violento? A violência tem que ser conhecida para poder ser combatida. As formas de proceder do tráfico têm que ser desnudadas para que se possa pensar melhor como enfrentá-las. E, mais importante, temos que saber da natureza das situações que os jovens de nosso Estado têm vivenciado para refletir sobre as melhores formas de chegar até eles, de realmente podermos ajudá-los.

Segue-se então um trecho longo onde também o entrevistador ficou mobilizado, fazendo algumas perguntas de forma acelerada, como uma reação ou tipo de defesa de negação, como se não estivesse afetado pelas histórias violentas que ouvia:

[Você mataria uma pessoa?] *Ah, dependendo da situação... se fosse eu ou ela ou então uma pessoa que, como? Matou, tá ligado? Uma pessoa da minha família porque morrer (...) por alguma injustiça, tá ligado? Ou polícia, maluco do tráfico matar minha família toda acho que matava mesmo.* [E na situação de execução, se o cara falar agora tu tem que matar o cara aí?] *Vai fazer também, porque tá naquilo maluco, era pra matar ou morrer, então... Como? Eu não ia preferir morrer e deixar o cara vivo, então é matar o cara.* [mas não aconteceu nenhuma situação desse tipo de ter que matar ninguém, nem em assalto, nem nada?] *já aconteceu de dar tiro, mas matar mesmo acho que...* [Dar tiro assim quando?] *Dar tiro em cima pra assustar, na perna, mas matar assim...* [Mas em quem? Em situação de assalto?] *Situação de assalto, situação na boca assim, de maluco queria passar na tua falta assim, pô, dei um tiro na mão do maluco.* [Deu tiro na mão?] *já o outro, como? Foi só com o bujão de gás na cabeça dele e ele morreu.* [Matou ele com o bujão?...] (Silêncio) *dá tiro assim, matar assim, dá um tiro assim e ver que o maluco morreu, nunca matei não.* [E a situação de dar tiro na perna. Como é que foi?] *Foi tipo que o maluco tinha x-novado, né? Aí tinha falado que não. Aí os malucos, como? Neste dia que eu tinha plantado a primeira vez que subiu (com o 'suspeito'). Os maluco foi lá na boca levar ele: 'aí, tá x-novando, pá'. Aí começamo a desenrolar, né mané? Eu e os maluco da boca assim. Tipo eu andava sempre com o dono, era tipo um dos braços do dono. Tinha mais maluco, mas eu também era assim, andava junto com ele, tipo que eu tava portando uma AK né mane? Era o maluco, era o maluco (ele era 'o cara'), como? O mais responsável que tava lá na boca, aí eu: 'maluco, vô dá um papo reto pra tu, x-novou não? Pá que não sei o que, pá, pá. O maluco tonteou, como? Já destravei o AK e dei um tiro na perna dele aqui assim.* [ele tonteou. Tonteou é o que?] *Ele tonte... Tipo ele ficou, como? Sem palavra pra falar... [Gaguejou?] É, como? Botei um (dei um tiro) na perna dele e o maluco veio de pistola e botou na outra perna e ele: 'pô, sou eu mesmo, pá, fui eu que x-novei mesmo' aí o maluco, como? Deu com a AK [hum] aí deu cinco pentadas (pentes de balas) de AK nele, como? [Quem deu?] o maluco lá. Era um dos donos lá do morro também.* [Ele confessou que era X-9?] *maluco deu cinco, botou cinco pentes de AK (imita o barulho da arma baixinho)... Só rajadão, como? [Quantas balas em cada pente?] Depende do pente, tem pente de 40, pente de 90 [esse era de quanto?] 40 [Ele deu 200 tiros no cara?] (Ele confirma) [Pô!] (Wellington ri. Parece ser um riso de nervoso) [Acabou com o cara, não sobrou nada, né?] *munição na favela é o que tem mais, tem casas assim (aponta para a sala onde estamos), só de munição...* [É mesmo? Não te impressionou esta cena não? O cara estraçalhando o outro de, de fuzil?] *Eu vi piores já, o cara em pé assim, o cara botou assim na cara do cara, o cara caiu, ele nem, como? Foi só assim prararará, tava com pente, eu**

tava ali, deu na cara. Quer acabar a cara do cara? Ficar só essa parte aqui? (aponta para a base do pescoço). Acabou a cara do cara. Ficou só os pedacinhos de cabelo assim. [Mas não dá ricochete da bala não? Era chão de terra assim?] Não. Dava pô, era asfalto mesmo, mas batia no chão e ia tudo pro alto, o cara batia assim (demonstra a posição do atirador). [Só na cara do cara?] De vez em quando ela batia e voltava. [E esse cara, aconteceu o que com ele, para eles fazerem isso?] Ele X-novou lá no... [era X-9 também?] E tipo que ele era também era tipo do tráfico. Lá tinha um mototáxi, ele era tipo dono do mototáxi, ele que levava arrego pros cana. Aí descobriram no telefone dele assim, tipo desse aqui (aponta para o gravador digital) tipo um telefone assim pra ver o que aparece, esse visor aqui com os números, o dele não tinha não, os números não, ele conseguiu tirar tipo esse processador que tem aqui que faz aparecer esses números aqui. [É o display que chama]. É. Ele conseguiu tirar o display, pra poder quando ele discasse o número dos canas e falar o que tá acontecendo na favela não ficar gravado os número dos polícia, aí os caras descobriram no dia que picotaram o outro cara, quebraram ele também. [Descobriram como?] Primeiro porque mandaram uma piadinha pra ele lá, (...) foi lá e o dono do morro mandou uma piadinha pra ele e aí o dono do morro começou a desconfiar dele mandou tipo, falou pá, não sei o que. Tem mais entre nós, pá [Tem mais entre nós?] É, tem mais X-9 entre nós [Ah, tá, depois que tinha matado um?] É. [Aí ele mesmo que matou, foi o dono que matou ele?] Não. [Foi outro lá?] Foi [Quer dizer que os caras gostam de trucidar os caras logo, né?] Se vacilar pode ser quem for, dono, ...[Isso aí é pra que? É pra dar exemplo...?] Pra num se criar. Pra dá exemplo também pros outros; é igual o ... (entrevistador interrompe) [porque não precisa dar tantos tiros...] É igual aquele ditado: manda quem pode, obedece quem tem juízo, se for de... Se vai ficar de exemplo praqueles que têm juízo. Aquele prejuízo que o cara teve vai ficar de exemplo. Manda quem pode, só manda quem pode, obedece aqueles que tem juízo. Se, se, der mole vai ficar no prejuízo mesmo. [E esse cara que tu deu um tiro no joelho dele de AK, se tu não tivesse dado o tiro ele não morreria ou ele já ia morrer de qualquer jeito?] Nada, já tomou 200 na carocha depois. [já o que?] Tomou 200 na carocha. [Eu digo assim: se você não tivesse dado o primeiro tiro, você acha que tinha chance dele não morrer?] Não, já, já tava já pra morrer já. Um tiro só não fez efeito num ... [só estourou o joelho dele só?] só o joelho só.

Wellington e entrevistador

Nesta parte da entrevista aparecem de forma brutal os modos de funcionamento do tráfico em relação às punições que são praticadas contra qualquer um de quem desconfiem. Aparece também a forma como o jovem vai sendo envolvido desde tenra idade com estes

episódios nos quais atenta-se contra a vida de outras pessoas, e destrói-se fisicamente o corpo, com o agravante da tortura que precede à execução em si. Tal envolvimento e vivências precoces confundem o processo de formação psíquica destes jovens, podendo comprometê-los de tal forma com a atividade criminosa a ponto de tornar muito mais difícil a recuperação, ou mudança de rumo. A cada execução algo do próprio psiquismo do executor é destruído junto, aos poucos. Ao invés ocorrer uma progressiva internalização da lei simbólica, baseada primeiramente na figura dos pais, e depois em seus sucessores (como os professores), e ligada à formação dos valores que permitem o próprio processo civilizatório, são internalizados a transgressão à lei e o arbítrio. O contrato com o tráfico não permite sustentação na rede social, e no mundo simbólico.

Este trecho deixa claro o modo como o tráfico atua nestes tipos de situação. Trata-se de um ritual de execução cuidadosamente realizado e que consiste basicamente em três etapas: “Esculacho” (violenta agressão verbal e física), a famosa surra, seguido da tortura em si, podendo nesta etapa haver ou não a prática de mutilação com a vítima ainda viva, conforme descreveu Wellington, para passar então à execução propriamente dita e coroada com a destruição física do corpo, parte fundamental para assegurar a desintegração total daquele que há pouco tempo era um ser vivo²³⁹. A destruição física do corpo impede que aquele que foi destruído tenha um mínimo de dignidade inclusive no momento de sua morte, podendo ficar inviabilizado o enterro da pessoa. Restando apenas a marca do horror.

Estes exemplos da política do terror do tráfico são semelhantes aos testes de sobrevivência que os cientistas nazistas faziam com os judeus. Tortura, mutilação, morte cruel, e destruição do corpo são os métodos do tráfico. Tal modo de tratar outros seres humanos é análogo ao tipo de situação ocorrida principalmente durante a expansão nazista, quando setores expressivos de populações deixaram de existir enquanto cidadãos, ficando privados dos direitos humanos mais elementares, como o direito à vida, direito a uma terra. Arendt (1949) nomeou este fenômeno como estado de superfluidade, onde alguns seres humanos simplesmente são transformados em supérfluos.

A reorganização geo-político-econômica do espaço e do poder entre os diferentes grupos de traficantes contribui para costurar mais um ponto de aproximação entre o tráfico de drogas e as experiências totalitárias. Tal reorganização submete os moradores ao imprevisível e ao arbítrio de serem hostilizados, espancados, achacados, humilhados, violentados,

²³⁹ Acreditamos que o objetivo de ocultação de prova de crime é secundário neste processo. Parece-nos que o importante é o espetáculo do terror para dar exemplo.

assassinados e expulsos de suas casas conforme os avanços e recuos de cada grupo, de cada facção. Desterritorializados. Supérfluos.

Aparece como um agravante ao caráter arbitrário dos tribunais do tráfico os modos rudimentares de detecção de alguma traição, mentira, ou qualquer coisa que os traficantes considerem que esteja concorrendo contra eles: pelo menos três dos quatro jovens que estiveram envolvidos no tráfico mencionaram como principal aferidor de que algo não está bem o fato de o jovem sob suspeita gaguejar. Ou seja: gaguejou, hesitou, titubeou estando sob algum tipo de suspeita, normalmente o destino do jovem é a execução sem chance de contradita, sem chance de nada.

Isso contribui para que aos tantos que sob os olhos dos rapazes do tráfico seriam realmente culpados, juntem-se muitos outros que não fizeram aquilo pelo que foram acusados pelos traficantes. A execução pura e simples de alguém que descumpriu algo do código de conduta vigente entre traficantes já é algo inadmissível para nós, embora se perceba aí uma lógica, mesmo que perversa. A execução de inocentes tem acontecido com crescente frequência e desafia qualquer lógica que não a de insuflar o terror e satisfazer a paranóia do criminoso. Acaba servindo para alimentar o ciclo vicioso de ódios devidos a injustiças e violências cometidas que alimentam a formação, a renovação e a ampliação do exército de traficantes.

Perguntado especificamente sobre se os traficantes são mais respeitados ou mais temidos, Wellington foi bem específico ao desfazer o mito de respeito à pessoa do traficante, afirmando que o que se teme é a arma que ele porta. Que qualquer um que portar arma e colocar a vida de outro em risco terá um poder sobre este outro. Trata-se antes de tudo então de medo ligado às armas que carrega:

Não respeita o cara, respeita o poder que ele tem na mão. Até o próprio cara quando entra pra uma polícia, ele se sente mais poderoso porque tá com uma arma na mão. Então ele (uma pessoa) não respeita ele (traficante ou policial), respeita o que ele tá portando. Não respeita ele [?] Igual tu. Se eu pegar uma faca e puser na tua frente o que que eu falar contigo tu vai me ouvir [uma faca?] É, que tu vai tá o que? Tu vai tá com o poder ali na mão, né? ... Uma coisa que pode tirar tua vida, tu já fica mais oprimido, né? (...) 'é só o cara querer que ele vai tirar minha vida, vai me ferir, pode me machucar'. Então eu tenho que respeitar mais ele. Mesmo eu tando quieto, eu te respeitando, só que é tua vida que tá indo embora, então tem um respeito aí, né? Respeito pelo que ele tá na mão.

Wellington (grifos nossos)

Uma frase em particular deste trecho nos chamou a atenção, quando ele disse que se ele tiver uma faca apontada para o entrevistador – no exemplo que formulou – este iria ouvi-lo apenas pelo fato de Wellington estar portando uma arma a ameaçar a vida do entrevistador. O exemplo remete-nos para a questão abordada anteriormente, condensada em uma experiência narrada por Diogo²⁴⁰, acerca da invisibilidade social do jovem pobre de favela. De alguma forma Wellington estava dizendo que uma faca em sua mão e uma ameaça sobre uma pessoa de outra classe, no caso o entrevistador, forçariam este a vê-lo e a ouvi-lo. Tratamento semelhante a este tema é dado por Soares et al. (2005: 215-219).

Novamente Wellington apresentou uma visão crítica sobre o significado para ele da agressividade e beligerância demonstrada pelos adolescentes do tráfico ao reafirmar que valoriza muito mais um jovem que consegue resolver as coisas conversando, que evita brigas e soluções violentas para os conflitos em que porventura esteja envolvido:

Que nada, não corre o risco de ser chamado de frouxo porque ele não é frouxo, ele é mais valente que o que bate. Que o que bate que é frouxo, porque ele não consegue manter a cabeça dele. [Mas as pessoas vêem isso?] As pessoas não vêem isso, mas esse é o lado certo. A pessoa que chega e conversa é a que tem mais coragem, porque fala o que tá sentido, ele não... Desconta logo em porrada. Ele não chega agredindo verbalmente, prefere falar, conversar até se resolver. Então o verdadeiro cara porque fala na cara, que conversa mermo, dá o papo reto, então não acho que o cara é frouxo não, o cara é valente mesmo. Conversar, ter a coragem de falar na cara o que tá sentindo.

Wellington

Estes, porém, são mais difíceis de serem encontrados. Encontra-se com mais frequência o cara que quer firmar-se por ser “durão”, impiedoso, partindo logo para a violência, comportamento, que segundo Wellington começava a não ficar restrito aos homens das quadrilhas, disseminando-se também entre as garotas que procuram andar com os traficantes. A irmã e a *segunda mãe* de VP (Barcellos, 2003) são bons exemplos de como estas características de violência e intolerância começam a ser compartilhadas pelas mulheres:

(...) vai querer comer do bom e do melhor todo dia, vai querer andar de táxi, carro toda hora. Então ela se vê mais, como? Se vê entre as outra mulher, que é as mulher dos outro, mais caída. Ela se vê a mais forte, porque sai com o dono, pá, como? Tá envolvido, é sinistro, bate

²⁴⁰ Ver epígrafe da subseção VI.7.4, onde falou da jovem que não o cumprimentava até ele se armar.

também: 'se mexer comigo, vai metê bala mermo, não tem essa' (fala da mulher do traficante) (...).

[Existe alguma mudança na forma como as meninas são vistas pelas amigas quando estão namorando ou ficando com um cara do tráfico?] (...) *Muda... Já vê ela com outros olhos (...) não vê mais como amiga, vê como? Tá ligado? Ela já vai, como? Passar a ter medo, ter medo dessa mina, (...) era solteira, já via de outra forma, depois que passa a viver com bandido já vai tipo pegando a mente também do bandido, já vai, como? Tendo na mesma neurose, qualquer coisinha que acontecer com ela na rua, ela já vai querer partir pra cima dele, conversar com ele. Se ela discutir com uma amiga dela, não vai querer conversar com a amiga dela, já vai querer falar pra ele, quando eles tá junto ela vai falar né? Aí as menina já fica vendo que ela tá mudando.*

Cabe aqui uma palavra do próprio pesquisador com o intuito de relatar o que está sendo discutido sobre o lugar em que a garota ou a mulher do traficante pode colocar-se. Estava o pesquisador caminhando nas imediações da subida do morro do Índio, quando foi abordado por uma mulher com bebê de colo, perguntando se ele era morador. Ela estava também acompanhada por uma adolescente que parecia ser sua filha. O pesquisador perguntou se estava havendo tiroteio. Ela disse que estava ruim para ela: “*pra mim tá ruim, sou cargueira e mulher de bandido*”. Estava ali se afastando da polícia e avisando compradores para que não subissem (serviço de proteção ao consumidor do tráfico). Moradores podiam subir.

Dois aspectos devem ser pontuados. Primeiro a autoridade tomada emprestada do marido bandido, que vai ao encontro do que os adolescentes vinham falando, embora esta demonstrasse ela mesma já ter um percurso no crime. Em segundo lugar vemos que assim como os traficantes recorrem a fardas para executar moradores, escondendo assim a identidade e a condição da vítima, usam mulheres com crianças de colo para transportar drogas sem serem abordadas, o que mostra a característica do uso das pessoas, seja a mulher grávida, seja enganando as pessoas da comunidade. Cremos que o conceito de mistificação²⁴¹ do institucionalismo é apropriado para a situação.

²⁴¹ Segundo Baremlitt (1992:180) mistificação envolve “processos mais ou menos deliberados de produção, difusão e assimilação de representações, crenças, convicções e valores, que deformam, encobrem ou falsificam a realidade natural ou social com a finalidade de enganar as forças e agentes instituintes e organizantes (...)”. A mistificação está a serviço da perpetuação da exploração e da dominação. Mesmo que haja uma produção de mistificação em um nível mais alto, estrutural. Isso não impede que esta prática reproduza-se em outros níveis, como este de que ora tratamos. Muitas vezes esta reprodução da mistificação pode ser entendida como fenômeno de identificação ao agressor. No caso a estrutura social, política e econômica perversa.

A mudança na forma de as meninas se verem e na forma como são vistas pelas outras quando estão namorando um traficante, leva, como vimos acima, a uma mudança na sociabilidade e no padrão de resolução de conflitos utilizado por elas, tendendo a adotarem padrões mais violentos, com menor tolerância e menor observação das leis do Estado.

A partir daí apontamos para a importância que as mulheres por vezes assumem na difusão e perpetuação de comportamentos mais violentos através de seu papel de mãe, passando determinados valores e exemplos aos filhos. Não estaria ocorrendo apenas a possível identificação a um pai bandido, mas as próprias mulheres e mães poderiam estar funcionando como reprodutoras de modos de socialização ligados às características do que temos chamado de *cultura de comando*²⁴².

O conhecimento do jovem Ronaldo, de apenas 14 anos, sobre o medo, ajuda a termos uma idéia de como a cultura instituída a partir dos comandos está sedimentada. As percepções dele sobre o assunto convergiram – ele como adolescente que não participou do tráfico – com as dos outros jovens, ex-traficantes, que podiam ter uma visão muito parcial do assunto. Então, segundo Ronaldo:

[você pode dar algum exemplo sobre isso de ser mais respeitado, menos respeitado... depois que entrou para o tráfico?] *Se não respeitar sabe que morre... Que bandido assim que já tem muito tempo na favela eles respeitam... [Senão?] Morre. [Morre, se não respeitar morre?] Morre, cortam alguma parte do corpo.*

Ronaldo e entrevistador

Devemos acrescentar que além dos maus tratos que este jovem relatou ter sofrido de seus cuidadores, sofreu outros tantos durante alguns dias nas mãos do chefe do tráfico da favela onde morou: Após este ter recebido a reclamação de uma moradora de que ele estaria assustando os moradores da favela (segundo ele houve um mal-entendido envolvendo uma arma de brinquedo), ele foi obrigado, junto a outros garotos que também brincavam, a obedecer ao traficante. Este passou a lhes impor tarefas, como, por exemplo, ficar varrendo a rua todos os dias durante uma semana. Tudo isso sob um clima de tortura psicológica, o traficante dizendo que ia bater neles, que ia furar a mão. Um dos garotos chegou a passar mal com a situação, bem como a mãe, já idosa, de outro garoto:

²⁴² O utilitarismo é outro aspecto que acaba se destacando entre os valores percebidos nas jovens, tanto através do olhar dos adolescentes entrevistados, como pelas palavras delas próprias: “o que ele vai me dar em troca?”. Tem que existir algo material em troca, pensamento que está na base da concepção de prostituição, que não deixa de estar associada à idéia da menina-mulher mercenária.

“(...) ficou me mandando varrer a rua uma semana direto, eu e mais... eu e mais três garotos (...) e aí os garotos tinha que ir trabalhar, tinha um deles que tava passando mal (...) a mãe dos garotos já era de idade e tava passando mal, porque ia bater na gente, ia furar nossa mão, aí eu fui e saí do morro²⁴³.”

Ronaldo

Outra característica do modo de funcionar do tráfico que foi trazida e confirmada pelos jovens entrevistados refere-se à impossibilidade de descumprir ordens, especialmente quando estas são ordens ligadas a espancamentos, torturas, execuções, dentre outras punições e ataques. Se cumprir estas ordens é considerado pelos traficantes como prova de pertencimento ao grupo, negar-se é o mesmo que dizer que não faz parte do grupo, podendo, na seqüência vir a ser executado.

Percebe-se assim, claramente a natureza coercitiva e autoritária da gestão do tráfico de drogas, como os exemplos abaixo ilustram, começando por uma afirmação de Vitor, quando referia-se ao arrependimento de ter participado de algumas violências em sua época como trabalhador do tráfico:

Já, já senti muita coisa já, de ter batido, às vezes eu batia; eu batia porque era assim: se eu não batesse me batiam, entendeu? Então eu batia, mas batia obrigado, batia contra a minha vontade, mas eu batia. (...) aí depois eu parava num canto e ficava: ‘pô, bati no cara à toa. Podia ter sido eu’. Às vezes até perdia a vida à toa por causa disso. [Até o que? Como é que é?] quando batia, batia, batia, aí depois ia e matava. Eles, no caso, eles não vão chegar e te matar de primeira, vão querer te esculachar pra depois eles te matar... [tipo tortura mais ou menos?] tortura.

Vitor e entrevistador

Embora Vitor tenha tido a sorte de ter uma saída relativamente tranqüila do seu grupo de traficantes, esta não foi tão fácil assim, permanecendo o jovem sob monitoração durante bastante tempo, tendo que informar sempre onde está morando, passar lá para ver os antigos companheiros. Mesmo assim, se algo de estranho ocorrer no grupo, suspeições recairão sobre o membro que saiu, podendo significar sua morte, conforme ele disse:

²⁴³ Se fizemos menção à história de Oliver Twist na subseção VI.1.4 (p.106, grifado), é justamente pela seqüência de situações insuportáveis a que ele vai sendo submetido, das quais acaba tendo que fugir, mas parece que vai piorando a cada movimento, como alguém que afunda em uma areia movediça, vai perdendo as referências, que mesmo sendo ruins eram parte nuclear do mundo que conhecia, passando a experimentar o sentimento de arbitrariedade de estar solto em mundo desconhecido. Sem poder voltar para os locais que conhece, ficando impedido como os demais entrevistados (quase todos).

‘Não. Tá tranquilo. Pode ir. Só não some. De vez em quando vem aqui pra ver e tal’, (...) [E você pretende passar lá de vez em quando?] Eu passo assim, é difícil de eu ir, é difícil, muito difícil de eu ir. [Quer dizer, se eles falam pra passar, não é obrigação não, só pra...] Não, não é obrigação, é pra saber que você tá, tá aí ainda. Como é que você tá, se você tá bem... [Para não perder o contato... a amizade?] Eu não perdi; também pra ninguém falar que você tá... Vamos supor: se você saiu hoje, aí chega amanhã o cara perde uma arma, aí polícia vai lá, vai naquele mesmo local onde tava a arma. Aí então foi você que falou (...): ‘Pô, o cara saiu ontem, e ontem a polícia veio prender uma arma’; eles pensam desse jeito e se te pegarem eles vão querer tirar sua vida na certa, numa boa...é certo isso de acontecer.

Vitor (grifos nossos)

Do mesmo modo respondeu Diogo, quando perguntado sobre o que faria se lhe fosse pedido que executasse alguém como teste para fazer parte do grupo de traficantes: *“tinha que matar, né (...)”*, afirmando a seguir que será execrado pelo grupo e provavelmente morto²⁴⁴ se não o fizesse.

A percepção de Theo a esse respeito confluiu com a dos demais adolescentes, indo além e trazendo outro ponto importante, que é o fato de os traficantes mais antigos não apenas exigirem a participação em execuções e torturas, mas também que o jovem pareça estar bem com isso. O que significa que após ter protagonizado alguma destas situações violentas o jovem não pode parecer triste, culpado, pesaroso, ou demonstrar qualquer sentimento análogo. Tais sinais são interpretados como fraqueza.

Levando em conta que Theo não foi o único adolescente a falar de um monitoramento do estado de espírito dos membros do grupo, em especial daqueles que acabaram de entrar no grupo, impõe-se outra analogia com a obra de Orwell (1949). Em sua ficção futurista – 1984 – este autor prevê a criação da *thought police*, encarregada de complementar o acompanhamento dos movimentos dos corpos – levado a cargo pelo *onipresente Big Brother* – com o monitoramento constante dos pensamentos pensados pelos indivíduos no sombrio mundo concebido pelo autor. Parece que os traficantes aprimoraram um tipo rudimentar de psicologia que os permite acreditar que podem ler com precisão os sentimentos dos colegas, usando esta leitura para determinar o destino destes no grupo.

O adolescente Wellington referiu-se à obrigatoriedade de protagonizar certas ações no tráfico como algo natural que faz parte do “pacote” que o jovem compra quando decide entrar

²⁴⁴ Conforme sua fala à página 206, onde diz que se não matar será considerado um *bosta*. Subseção VI.7.4. um dos trechos grifados.

para o tráfico, tendo que fazer tudo o que lhe for pedido, ficando submetido ao código de conduta do grupo, deixando claro o regime: se não matar, quando assim for ordenado, será ele o que será executado:

Eu acho que tem que fazer o que é certo, né? Que se tá naquele é pra, como? Ele fazer o certo. Se ele tá ali, maluco, é porque ele quer. Então se o cara fala 'Ó, tá errado' O cara tem que fazer maluco. Se ele não quisesse fazer, ele não tava aí, no meio, então eu acho uma coisa muito, tá ligado, se for de fazer mesmo, tem que fazer, se o cara for de matar, tem que matar mermo, que ou é ele ou é o cara.

Wellington

VI.8.3. TRÁFICO E OS ENTREVISTADOS: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A (IM) POSSIBILIDADE DE ESCOLHA DOS JOVENS

Tráfico como alternativa para todos:

Outra unanimidade entre os entrevistados do sexo masculino foi o fato de não encontrarmos um que repelisse a escolha de trabalhar no tráfico de drogas como impensável. Surpreendeu-nos entrar em contato com uma realidade diferente do que pensávamos encontrar após a redefinição do campo, passando este a ser um universo mais restrito, composto por adolescentes abrigados. Vimos que quatro estiveram de fato trabalhando no tráfico, enquanto o outro adolescente, o mais novo esteve também próximo ao tráfico, afirmando que só não entrou porque teve que sair do morro.

O elemento irônico – e ao mesmo tempo dramático – do trabalho no tráfico de drogas é o fato de não serem colocadas muitas barreiras à entrada dos jovens e muito jovens. Ele é, de certa forma, democrático na entrada, sendo exigido, por vezes, apenas que o jovem tenha protagonizado alguma ação contra a lei. Depois que o jovem entra tem que mostrar aptidão para atos cruéis e frieza humana, algo em que a maioria dos jovens está escolada, embora do outro lado, tendo sido, até aquele momento, eles as vítimas, os que sofreram maus tratos, os quais agora passarão a infligir a outros. O único elemento que lembra algo de democrático acaba aí. Daí em diante o jovem tende a tornar-se tirânico, reproduzindo a gestão tirânica a que está submetido em um duplo fenômeno de identificação com os agressores (de antes – os

responsáveis – e de agora – os chefes). Sair do tráfico é muito mais difícil e menos “democrático” que entrar.

Depois de apresentarmos: a) a deterioração dos vínculos familiares e institucionais que tem ocorrido com estes jovens, sobressaindo-se terem sofrido b) maus tratos, sob um contexto social em que predomina a c) influência da cultura de consumo, que opera sobre os jovens como apelo senão imperativo a consumir; d) a entrada no mundo das drogas contribuindo para dissolver seus egos, já fragmentariamente constituídos, afastando-os da escola e aproximando-os ao e) caldo de cultura dos comandos, imersos também em f) uma ideologia machista que, além de empurrá-los em direção a padrões de comportamento violentos em situação de conflito, os dirige para a obrigatoriedade de desempenharem papéis que sua situação econômico-social a princípio não permitiria: como prover uma família? Como ter várias mulheres? Como ter visibilidade social? Depois de apresentarmos estes pontos principais, lançamos a pergunta: afinal, o jovem escolhe entrar para o tráfico?

Responderemos de forma preliminar que sim. No entanto, avançando na associação entre os campos da sociologia e da psicanálise, recorreremos à equação etiológica das neuroses de Freud (1896) para, através dela, fazermos um exercício de pensamento e análise em que percorrendo uma analogia entre a formação das neuroses e a entrada para o tráfico (assemelhada aqui a uma opção neurótica), vemos que todos os pontos contemplados pela equação proposta por Freud comparecem na vida dos jovens em forma de situações e disposições problemáticas.

Freud (1896) mencionou quatro elementos concorrentes para o surgimento das neuroses: a) predisposição, b) causa específica, c) causas concorrentes e por fim, d) causas precipitantes.

Nossa proposta com esta analogia não se direciona à patologização do movimento de entrada para o crime organizado. O recurso a tal formulação de Freud serve, didaticamente para compreendermos que será produzido algum desequilíbrio no psiquismo e no encaixe social dos jovens quando vários elementos de diferente natureza conspiram para tal. Não pensamos em diagnóstico, muito menos em um diagnóstico fechado.

As indicações que surgem são aproveitadas para pensarmos a melhor forma de se chegar a eles através de políticas públicas envolvendo tanto medidas de promoção de saúde psicossocial, como de melhoria dos abrigos ou mesmo de reformulação da arquitetura do sistema de abrigamento em nosso Cidade ou Estado. Queremos demonstrar também que o resultado no sentido da ocorrência da neurose ou da entrada para o crime organizado, pode ocorrer à revelia dos adolescentes, pelo menos no nível da escolha consciente, assim como as

neuroses surgem à revelia das escolhas conscientes dos indivíduos. O neurótico goza com seu sintoma mormente de forma inconsciente. As psicoanálises servem para mostrar isso a ele e oferecer uma oportunidade de rompimento com tal estado de coisas. Ele (a pessoa acometida por neurose) precisa querer este rompimento.

Para ilustrarmos a idéia, pensemos então no caso de Theo: a) como predisposição, que para Freud deve ser da qualidade de estados duradouros e pouco mutáveis, mencionamos a transmissão transgeracional intra-familiar de pai para filho. Embora normalmente não falada, no caso de Theo houve um dito, um imperativo (ou comando), um vaticínio, do pai sobre o filho. Outro elemento, agora em nível macro social (estrutural), é a invisibilidade social deste jovem em sua infância; b) como causa específica recorreríamos ao que os próprios jovens falaram como determinante: morar *em morro de traficante* (expressão de Ronaldo), ou seja, estar sujeito à *cultura de comando*, operando sobre Theo junto a uma privação afetiva e material a que foi submetido, com a negligência da mãe e sob o açoitado da pobreza, que o castigou até com períodos de fome; c) como causas concorrentes, em um recorte mais específico situaríamos o apelo ao consumo, e a pressão social para que o jovem aproxime-se de modelos machistas (ou mesmo hipermachistas), onde ele deve ao menos ser provedor. Existe uma cobrança social dirigida a eles (adolescentes pobres de favela) neste sentido e não responder a isso significa aprofundar a invisibilidade social, e ser considerado um *nada*²⁴⁵. Sabemos que esta pressão vem acompanhada de condições objetivas de fechamento do mercado de trabalho legal para eles (mão-de-obra não qualificada) quase impossibilitando que atinja tudo que lhe é cobrado (prover, consumir, vestir marcas, etc.). Outra causa concorrente importante são os maus tratos graves aos quais o jovem foi submetido desde tenra idade; d) por fim, como causa precipitante no caso de Theo, está a execução do seu primo e o acirramento da revolta que o jovem já carregava em seu coração por toda a vida, desde que foi privado do pai.

Adiante veremos com mais detalhe outro conceito complementar a esta forma de análise, a *desfiliação*, proposto por Castel (1991) (seção II.3) baseado na falência dos eixos do trabalho e das relações sociais.

Entre os motivos mais importantes alegados pelos jovens para eles terem entrado para o tráfico estão o que chamaram de “colegagem” (forte influência de colegas), falta de dinheiro, vingar a morte do primo, ódio ao pai e às coisas que o pai fazia. Ronaldo afirmou não ter entrado para o tráfico por ter saído do morro.

²⁴⁵ O que pode ter de fato um correspondente no fato social do agravamento do grau de desfiliação e isolamento dos jovens em questão, chegando à assunção de uma vida próxima à mendicância.

Indo além destes primeiros motivos apresentados, estão a quase confissão do rapaz que teve o primo assassinado de que entraria de qualquer jeito para o tráfico de drogas, o vaticínio feito pelo pai moribundo ao recém-nascido Theo: ele o sucederia no crime, a diferença de classe, o vício em drogas, a certeza de que vendendo umas latinhas de refrigerante não iria conseguir comprar o short desejado e por fim, a facilidade pela proximidade e insistência do tráfico, cujas tarefas começam da forma mais inocente e corruptora: o *cara* pede para a criança: ‘leva esse pacote em tal lugar que eu te dou cinco reais’ e por aí vai.

Em relação aos motivos apresentados por nossos entrevistados para a entrada dos jovens em geral para o tráfico os entrevistados enumeraram em primeiro lugar o envolvimento com drogas, com o agravante de que estes recém usuários passam a roubar e depois buscam uma vaga na boca para ter dinheiro para comprar mais drogas. Logo em segundo plano foram citadas as amizades. Em seguida falaram da idéia de que o dinheiro vindo do tráfico seria um dinheiro fácil de conseguir, o fato de o jovem querer sentir-se diferente em relação aos outros, a freqüência a bailes funk, a impossibilidade de comprar determinada marca muito desejada pelo jovem e a diferença de classe.

Quando perguntados o que fazia um jovem entrar no tráfico e outro não, responderam quase unanimemente que se envolviam os que têm “mente fraca”, que “entram na pilha” (respondem a provocações), que não tiveram cabeça ou amor à própria vida. A única resposta destoante foi de Wellington afirmando que as pessoas têm cabeças diferentes: ou o cara pode ter nascido para aquilo (vida do crime), ou ter colocado aquilo na cabeça (*‘quero ser bandido’*), igual a um cara que coloca na cabeça que quer ser médico e não mede esforços para consegui-lo.

Voltando à postura adotada no início da descrição dos dados, retomamos agora o modelo sincrônico de descrição, detendo-nos – em maior ou menor profundidade – na trajetória percorrida por cada um depois do rompimento dos laços familiares, historiando a formação dos novos laços com o núcleo duro do crime organizado do Rio de Janeiro, o tráfico de drogas.

Consideramos este modo de narrar – mais longitudinal – útil no sentido de complementar a visão transversal da vida deles, superando o sentimento de dispersão que o corte horizontal por vezes suscita. Assim como eles precisam de integração em suas vidas, tratamos então de integrar aqui o texto sobre a vida deles²⁴⁶.

²⁴⁶ Algumas partes já apresentadas possivelmente constarão, mesmo correndo o risco de estarem sendo repetidas, para dar visão global ao relato.

Após esta parte, transmitiremos ao leitor a opinião dos jovens sobre a entrada para o tráfico de drogas de outros rapazes: as causas apontadas e o que eles acham que poderia ser feito para evitá-la.

Começamos compartilhando algumas situações ocorridas com Vitor após sua saída de casa:

VITOR

Algo que permaneceu para nós como enigma aconteceu com ele aos dois anos de idade, quando ele disse ter perdido a criançice, e ter passado a colocar maldade na cabeça²⁴⁷. Sua história com os pais e depois no orfanato já está descrita no início deste capítulo (VI.1.5). Aos 13 já não podia mais ficar no orfanato indo para a casa da diretora do mesmo (que considerava como tia de criação). Aos 15 anos, no auge da adolescência, discutiu com o filho da diretora-tia e com a própria. Tais discussões foram a gota d'água de um processo que culminava então com a necessidade de sair da casa, para a pista / abrigos.

Acabou parando em um abrigo situado em frente a uma favela, passando a ver diariamente rapazes parecidos com ele podendo, aparentemente, ter tudo o que queriam. Compravam, dentre outras coisas, as roupas que queriam, andando sempre bem vestidos. Chegou à decisão de que podia ser como eles, dando-se esse direito também e juntando-se a eles no tráfico. Conheceu então o que chamou de *gente convivida*, com experiência, “que berram as criançices para fora da cabeça” de crianças e adolescentes. Relatou que estava só e assim acabou envolvendo-se com estas pessoas. Reconheceu também a importância das drogas para a entrada no tráfico. Particularmente ele estava em um momento de especial fragilidade:

É, porque eu acho que, que os que se envolvem com as drogas, como eu: eu não tinha amor à vida. Pra mim o mundo tinha acabado, era só eu sozinho e aí? E pronto. Agora eu já acho assim: se o cara não quer conhecer as drogas... É porque ele quer seguir algum objetivo, quer chegar em algum lugar. Ele quer crescer, quer mudar, quer chegar a algum lugar, quer seguir um rumo.

Vitor

²⁴⁷ A associação com o documentário *Falcão – meninos do tráfico* (MV Bill e Celso Athayde – apresentado pela Rede Globo de Televisão, Programa Fantástico de 19 de junho de 2006 sobre a edição de 90 horas de gravações feitas pela dupla) é inevitável. O bebê de dois anos que já sabia identificar vários elementos importantes do mundo do tráfico, inclusive cheiro de maconha, papelote de R\$5,00, etc. ainda mamando o peito da mãe.

Foi logo pego no exercício de sua nova atividade. O policial colocou uma arma em sua cabeça: “[Como foi teu primeiro envolvimento?] *É, foi bastante ruim porque no primeiro dia eu fui pego, os caras me pegaram, e eu apanhei muito, apanhei, só que eu não tomei vergonha na cara e continuei*”. Foi pego e encaminhado ao juiz, que não estava, por ser uma sexta-feira. Foi então para um CRIAM de onde evadiu. Teve então expedido contra ele um mandado de busca, que foi revogado mediante a assinatura de um Termo de Responsabilidade por sua tia, voltando ele então a casa da tia.

Isso, porém, não foi suficiente para que ele se mantivesse longe do tráfico. Só quando morreram três de seus colegas, e outro foi preso é que acabou decidindo não continuar trabalhando no tráfico, vendo que podia ser o próximo: “[Morrendo lá na troca de tiros?] *Troca de tiros. Tanto é que eu tenho um só, tinha cinco, nós éramos cinco, só tem, só são dois que sobrou: tem eu e o Heitor (...) foi aí que eu comecei a tomar mais amor à minha vida.*”

Neste momento, porém, Vitor já não contava mais com o apoio da tia que vinha tendo repetidas decepções com ele.

Em seu percurso no tráfico Vitor afirmou nunca ter matado ninguém e ter portado uma pistola, mas não durante todo o tempo de trabalho. Perguntado sobre o que achava da prática comum no tráfico, de matar pessoas, respondeu: “(...) *eu nunca matei ninguém, e também quando alguém ia matar alguém, eu saía de perto, ia pra outro lugar, ia prum canto e eles ficavam. E eu terminei me afastando disso, eu tava ali só pra ganhar dinheiro mesmo, saía, curtia a vida*”.

Sobre sua saída do tráfico afirmou que podia ter se tornado um caminho sem volta mesmo, embora ele tenha conseguido sair:

É um caminho sem volta (...) Um caminho sem volta, porque você entra, aí depois não pode sair; aí você diz: ‘Pô, podia ter saído dessa numa boa e se você entra, você não pode mais sair. [E não pode sair por quê?] Porque você é envolvido, sabe de alguma coisa, deve ter guardado alguma mercadoria, ou então tá guardado que você tem um, um porte de arma pra você portar... Então... Pra você ficar pensando (...) Pô, o cara vai embora, vai querer voltar pra podê panhá alguma arma nossa, se você for querer sair, (sabe) como? Que eles vão querer tirar sua vida porque você tá sabendo, por mais que você fale: ‘Não, vou fazer, vou fazer, eles não... ’ (...) [Então é difícil sair mesmo? E como que você conseguiu sair? Conseguiu sair numa boa?] Ah, eu saí numa boa: cheguei, conversei, e até me compreenderam.

Ainda sobre o seu processo de saída afirmou que não era tão envolvido como os outros e falou sobre a “avaliação psicológica” feita pelo seu chefe ao concordar com sua saída:

(...) cara, eu era um traficante diferente dos outros. Eu não curtia muito baile. Eu não ficava muito envolvido, não ficava muito na área deles. Então isso até me ajudou preu sair. Porque senão, se eu me envolvesse legal com todo mundo, eu não poderia sair. Então como o próprio dono da favela falou: ‘Pô, já vi que você não tem estrutura pra poder ser um traficante. Você não tem um mau coração. Ele aí chegou, me deu uma idéia. Ele mesmo chegou: ‘Tudo bem, pode ir embora, você pode ir, contanto que você não faça nada, não venha contra a gente (...)

Vitor

Sua saída esteve ligada ao fato de estar vendo os amigos serem mortos, pensando quando seria sua vez, além de relatar não compartilhar do perfil do bandido cruel. A última notícia que tivemos de Vitor foi que o abrigo, cumprindo sua missão institucional de acolhida temporária, encaminhou-o para um novo local, porta de saída deste sistema. O comentário de um técnico, no entanto, deixou claro que pode ser a porta de retorno ao o tráfico (é um lugar distante de facilidades urbanas espremido entre três favelas).

DIOGO

Diogo trabalhava com um de seus tios desenvolvendo uma atividade informal através da qual acabava tendo muito contato com os moradores do morro em geral, incluindo os traficantes. Esta atividade era informal, porém legal. Contou que por conta desta atividade e da proximidade com traficantes começou a ser perseguido pela polícia até em sua própria casa ocorrendo momentos de tortura, de enforcamento, e sufocação com saco na cabeça. Estas agressões persistiram por uma semana até que teve que sair de lá, não suportando a pressão. Esta perseguição da polícia contribuiu para seu envolvimento no tráfico:

[Teve mais alguma situação de violência, desrespeito, abuso?] Violência assim comigo, agressão? [É] É, teve sim, tio, mas aí fui eu que procurei mermo [Hum, como é que foi?] Eu fiquei internado no Hospital Urídio Costa por sete meses [Como é que foi?] Uma coronhada que eu tomei na cabeça. Levei uma coronhada na cabeça e de panela de pressão de fazer feijão, tomei na cara, sete paneladas na cara [Que que aconteceu?] estava no morro lá aí a polícia...

(a entrevista é interrompida durante alguns momentos por uma adolescente que cobrava ser entrevistada também, reclamando dele estar sendo entrevistado na frente dela)

[então, como é que foi essa história?] *Então! Fui eu que procurei mesmo tio. Estava lá em Reluz, aí eu acabei saindo, que queriam me prender muito. Acabei caindo em outro abrigo lá (...)* *Aí eu tava ali, namorando umas garotas, mas sempre com aquilo na cabeça, tio: dinheiro, dinheiro, dinheiro. Você sabe como é abrigo né tio, passei por vários perrengues: você às vezes precisa de um Kenner, de uma sandália pra ficar, precisa de alguma coisa, essas paradas né tio (...)* *Aí tava no abrigo lá, namorando uma garota, né? E sabe como que é? Mulher quer sempre ser agradada, né? Um presentinho...*

Ela cobrou o presente com três meses de namoro e ele começou então a andar com uns “malucos” que conhecia de um morro para conseguir dinheiro para poder comprar²⁴⁸, até “rodar” (ser pego pela polícia). “(...) *aí fiquei internado no (Hospital) Urídio Costa. Enfaixaram minha cabeça. Por isso que quando o cara falou (em um momento posterior): tu quer formar aqui comigo, veio aquele negócio na minha cabeça, um sofrimento do caralho...*”

Seu trabalho no tráfico foi inicialmente como fogueteiro:

(...) *ficava num local alto, tá ligado, e ficava assim, na atividade. Aí ficava ali até a noite, virava a noite e chegava outro em meu lugar. Aí de dia era eu, de noite era outro, aí eu ficava ali observando*²⁴⁹. *Ou seja, os cana, os polícia ia subir de Blazer, aí quando subia, eu pegava os fogos 12 por 1 (tipo de fogos de artifício com 12 explosões médias e uma mais forte) PÁAA POOMM, sabe como? Aí a galera que tava na pista era a primeira a saber que a polícia tava subindo o morro. Aí o pessoal se entocava. A polícia subia, mas não achava ninguém. Aí teve um dia que eu dei mole... A polícia subiu por trás (...) aí (policia falando para ele): ‘não tenta nada, nem risca os fogos que eu vou panhá geral agora’, mas o neguinho da outra ponta já deu um “fraaa” (o som que imita o som das bombas saindo do morteiro) já. Eu não dei o meu, mas o neguinho deu o dele. [por que se chama “fraaa”?] É o famoso fogos pô! É o famoso sinal (repete de novo o barulho dos fogos mostrando a semelhança do som de partida dos fogos para o céu). (...) (policia fala a seguir) ‘panhei ele aqui, mas o colega viu, deu o sinal já, vamo fuder ele mesmo, só vai ter ele pra nós panhá mesmo, aí foi aquilo, né. (...) [Mas como é que foi? O cara tinha uma panela de pressão e te bateu, ou te levou para outro lugar?] Que é sempre assim, se te pegá na parte baixa do morro, eles anda contigo, pra ver se agarra alguém, pra ver se você dá (entrega) alguém aí se você não deu ninguém, eles te leva pra parte mais alta do morro e lá ó! (faz um sinal indicando*

²⁴⁸ Em suas palavras conta a pressão da namorada, a aproximação com o grupo de “amigos”, “vários conchavos” e finalmente a entrada para o grupo de traficantes, na página 137. Trecho grifado.

²⁴⁹ O que sugere um trabalho ininterrupto, com vários turnos, de dia e de noite, como as empresas que tem que alcançar seu patamar máximo de produção, passando a funcionar em três turnos.

que matam, passando o dedo em seu próprio pescoço). [Mata?] (Ele confirma que sim) (...) *Aí parece que ficou uma Blazer segurando os morador pra não deixar os morador vê, (não deixar os moradores) andar perto, porque senão os morador fica : ‘Solta aí, solta aí’²⁵⁰. Só que nesse dia eu não tava com sorte. A Blazer segurou todos os moradores. Fizeram um cordão de isolamento, aí subiram comigo. Aí não sei de onde cara, o cara me botou no chão e Pum, Pum, esculachou mesmo. Eu não sei da onde o cara tirou aquela panela de pressão, tô até querendo saber daonde ele tirou aquilo, da onde veio aquela panela de pressão. [?] Eu desmaiei, né? [?] Foi sete paneladas...*

Depois que saiu do hospital ele ficou preso no Padre Severino. Comentou sobre a dificuldade de conseguir um trabalho depois de sair de uma instituição deste tipo, concomitantemente à imensa pressão para conseguir algum dinheiro para a própria sobrevivência:

Fala aí tio, o cara fica com aquilo na cabeça: ‘pô cara, ninguém me quer pra trabalhar. Onde eu vou arrumar dinheiro? Pô meu filho tá chorando, querendo comida, mamadeira e minha mulher não tem comida em casa’. Aí o cara volta. Vai pro morro de novo aí é tudo a mesma coisa, ou seja, pô: cana (prisão), ou senão a morte... (morte quando a polícia pega a mesma pessoa de novo).

Sua saída do tráfico acabou ficando ligada de modo pontual à violenta repressão que sofreu da polícia e ao receio de que tudo viesse a ocorrer novamente. Além disso, demonstrou ao longo da entrevista ter dado novo significado ao que representa para ele estar na vida do crime.

Diogo foi transferido do abrigo depois de ter batido em outro adolescente. O pesquisador não teve mais acesso a notícias sobre ele em uma primeira busca informal.

THEO

Voltaremos nossa atenção agora para os fatos ocorridos na vida de Theo concomitantemente ao afrouxamento dos laços familiares ainda restantes. Seu relato foi dos mais marcantes e pode ser tomado como resposta à pergunta que hoje tanto nos fazemos: Como estes jovens podem tornar-se tão violentos, vindo até a matar?.

Como a sua história existem várias outras parecidas e que dificilmente poderão ser ouvidas, pelo simples fato de seus protagonistas não estarem mais entre nós. É um relato extenso tão importante quanto impactante.

²⁵⁰ O que é bem mostrado em cenas reais no documentário carioca *Notícias de uma guerra particular* de João Moreira Salles e Kátia Lund (1999).

A etapa de Theo na vida do crime foi precipitada pela execução de seu primo pela polícia. Este rapaz que estava envolvido no tráfico de drogas era bastante próximo de Theo. No momento em que mataram seu pai na sua frente ele ainda era um bebê de colo. Agora ele já era um adolescente. Percebemos que a morte de seu primo atualizava a morte violenta do pai, impressa de forma traumática em seu inconsciente. Reavivou as últimas palavras do pai: que ele daria continuidade ao que o ele não tinha conseguido concluir.

MATAM SEU PRIMO:

Nós foi lá pra ver por que que ia matar ele, como todos familiar faz (...) aí falaram. Foi o que o cana falou que ele matou um cana. Tinha matado um polícia na troca de tiro.

DESEJO DE VINGANÇA:

(...) mas eu já entrei na intenção de... Já não queria saber de nada que pudesse acontecer comigo entrei pensando em 'panhá' (matar) esse cara que matou meu primo. (...) Aí foi lá dentro de casa e panharam ele, né? (seu primo) aí chegou à noite eu fui lá no dono do morro, e subi lá. Ele perguntou quem eu era, aí eu falei que era o primo do cara que morreu. Aí ele perguntou o que eu queria lá, aí eu só falei que esse cara que matou ele, ele passava lá em frente da minha casa, perto da minha rua direto e que era fácil de panhar ele, e ainda falei cheio de marra. Olha como eu falei com os cara: 'que não sei como vocês não panharam ele ainda? Que é fácil' Aí ele falou 'vamos ver o que é fácil então' Aí ele pegou e me deu uma 45 (um tipo de pistola de alto impacto e calibre grosso). Foi na hora que tava até tendo baile. Tava tudo curtindo baile e ele tava querendo invadir o morro (o policial), sendo que aí eu já peguei a moto aí dei a volta lá pela pista, nem fui pelo morro, fui pela pista rapidinho, lá por trás saí peguei uma rua e só aguardei ele passar no beco. Fiquei aguardando ele, ele tava pilotando. Aí tinha que ir lá pro outro lado, pro lado do piloto. Na hora que ele passou foi a hora que eu larguei o prego em cima dele [?] atirei do lado, conforme eu falei que era fácil panhá ele, era só não deixar ele ver, aí fui parei do lado dele [?] estava ele e mais quatro. Aí na hora que eu dei o primeiro ele já tinha se ligado. O primeiro eu errei. Aí quando eu olhei pra cara dele e quando ele olhou pra mim, a lágrima desceu. Foi na hora que me deu mais raiva ainda. Aí eu saí descarregando tudo (entrevistador pergunta por que desceu a lágrima) veio logo o meu primo na mente, a lágrima desceu, eu larguei o dedo em cima dele, na hora que os outro ia panhar a arma. Aí eu prestei atenção, porque no tiroteio tu tem que prestar atenção né? (ensinando o entrevistador), que eu vi que a viatura bateu na mesa de sinuca, que eu já tinha acertado ele. Na hora em que ela bateu, eu saí correndo aí nós fomo tudo pro alto aguardando os outros, aí geral se dividiu. Pô nesse dia cara, nesse dia cara, nesse dia...

Panhei dois, ia mata só um e cabei que panhei dois. Na hora que nós dividimos, dois prum lado, dois pro outro pra cercar o morro. Veio ônibus, veio blazer, bolinha, veio um monte pra cercar o morro, aí todo mundo ó vamo lá pro outro lado. Aí fomo lá pro outro lado do morro que tem dois morros lá do Comando, os (morros do) Índio e o Gume, 'vamo lá pro Gume' aí foi todo mundo pro Gume e o (morro do) Índio ficou lá, cheio de polícia. (disse que o confronto entre policiais e traficantes durou das 16:00 até as 22:00 neste dia).

MATA-DOR

Antes de matar desceu uma lágrima dos olhos de Theo. Seria uma última manifestação de sua humanidade? Perguntamos se ao disparar contra o policial, não estava disparava contra a dor que sentia, contra a execução do seu pai numa tentativa de matar a dor que o inundava. Atentava contra sua própria sensibilidade, desumanizando-se, já que o mundo das emoções humanas é tão sofrido.

MUNICIADOR: LOGÍSTICA DE GUERRA URBANA

Foi aí que o cara pegou confiança em mim. Falou que eu tinha disposição mesmo. Aí eles botaram duas peças (armas, especialmente fuzil) no meu porte (sob sua responsabilidade). Botaram um fuzil e a 45 que eu matei [como pode no dia em que você pegou a arma trocar tiro e matar dois policia, como é isso? Tu tinha treino?] É esse bagu (se interrompe) negócio que eu falei contigo, do meu primo, ele me ensinou a roubar carro e ele me ensinou a mexer na peça já... [Mas tu treinava tiro em algum lugar?] Ele responde que tinha um local no morro que usavam só para isso. [Então antes de se envolver você já ficava lá treinando? Mas a bala não é muito cara pra ficar treinando] Mas meu primo era da boca... [Ele tinha lá muita?] É muito cara uma bala de fuzil... [?] uma bala de fuzil está quatro reais, uma só! É muito dinheiro que gasta cara (...) Tu vai no morro tu vê assim mochilas nas costas. Como eu já andei com mochila, um monte de bala, aquelas caixinhas de bala assim, porra... É muita bala cara... (...) Só começou o problema mesmo quando eu comecei a andar com mochila: Andar com mochila, botava... Aí eu dividia: botava a mochila nas costas, botava a 45 aqui (vai mostrando os lugares), o pente aqui, e o fuzil do lado, na mão, e pá [E na troca de tiro?] Única coisa, que a dificuldade mesmo na troca de tiro, é quando tu é chamado pelo rádio, quando tu é chamado pelo rádio, tu não tá na troca de tiro e tem que atravessar para ir lá levar bala, pra levar munição. Porra... Coisa de tomar um tiro e o caramba.

BANALIZAÇÃO DA MORTE

[Você já matou alguma outra pessoa?]

Ah sei lá, matar de polícia acho que foi só esses dois. Já matei alemão. Já matei até mesmo morador de lá mesmo, que dá mole, aí dá mole no morro, aí eles fala que não pode apadrinhar. Pô um negócio que eu nunca usei, nem sabia nem a pressão. Aí teve um dia que eu tava, tinha chegado, tinha tomado um monte antes de chegar no morro, aí quando eu peguei o fuzil eu fui chamado pelo rádio. Aí eu fiquei sem entender nada: ‘vai lá pro alto do morro’. Aí me mandô lá pro alto do morro lá para a caixa d’água perto da Assembléia, aí falô²⁵¹: ‘Vai lá pra perto Assembléia lá, vai lá pro paredão’ e eu aí: ‘Caralho, já vi que é vagabundo morrendo’, aí eu falei com eles: ‘Então tranqüilo, tô partindo pra lá já então’. ‘Tá com a moto?’ Aí eu falei ‘não’ ‘então mando o moto-táxi te buscar aí embaixo’. Aí o moto-táxi veio me buscar lá embaixo. Aí chego lá em cima, (...) ele me deu... Aí ele botou uuuumm... Botou uuuumm... Mandou eu largar o fuzil aí me deu um AK na mão pra ver se eu sabia atirar com AK, se eu tinha força pra ficar com AK [AK – 47?] É. Aí ele me deu o AK. Pôrra, quando eu dei um tiro com o AK, pôrra eu voei como uma distância como daqui até a cabine do guarda (voou para trás mais ou menos três metros de distância). Nem ele sabia que tava com tanta pressão assim, tava no ‘level 3’, nem ele sabia. Aí foi um cara do exército lá, aí desmontou o AK todinho e diminuiu. Foi então que ele me deu. Aí no mermo dia de madrugada: ‘vai vir uma equipe aí. Espalha que vai vir uma equipe (de DJs) aí. Aí chegou de madrugada, todo mundo curtiu...

A continuação deste trecho, reproduzida em outra seção²⁵², mostra como ele é instado a participar de uma execução, partindo uma pessoa em duas partes com uma rajada do fuzil.

Este relato reforça a idéia de que existe um processo de desumanização em que a importância e valor da vida vão sendo desconstruídos pela repetição de situações como essa, processo que resulta em tratar o assassinato como uma coisa banal, como mero cumprimento de uma ordem dada. Trata-se de uma perversão da (já condenável) maquinização do homem a partir da Revolução Industrial. Só que ao invés de apertar-se mecanicamente porcas ou parafusos, criam máquinas humanas de matar para garantir o bom andamento dos trabalhos da empresa do tráfico de drogas.

GANHOS SECUNDÁRIOS: PROMOÇÃO.

²⁵¹ Como se fosse uma voz de comando que o ordena.

²⁵² Continua a partir do 2º trecho grifado, p. 240.

(...) *que assim que depois que eu fiz isso pro cana (matar o policial), aí eles me deram uma moral: me deram a maconha de 5 (reais) e o pó de 10 pra vendê, mas não era eu que vendia não, era vapor por aí, por exemplo. Toda semana saía um dinheiro maneiro (...) era mais ou menos 2.000 (reais) por semana, 2500, por aí. Também eu nem ligava pra dinheiro. Se minha tia vinha me perguntar o que eu fazia com dinheiro, se ela te falar tu vai achar que era mentira [?]. Pegava dinheiro no dia das crianças, subia na caixa d'água lá no morro, aí subia lá em cima e jogava um monte de dinheiro pras crianças*²⁵³.

Por fim, questionado novamente pelo entrevistador, ele admitiu que já estava, não apenas treinando tiro com o primo, mas aprendendo também a roubar carro, e que na verdade ia entrar mesmo até – ele achava – por conta daquilo que seu pai tinha falado. Acabou entrelaçando fatos reais com uma revolta também real para justificar – em princípio para ele mesmo – sua entrada no crime organizado.

Sua saída do tráfico esteve também ligada ao fato de ter sido pego pela polícia. No seu caso, por roubo de carro. Ficou menos de um mês no Padre Severino. Disse que no abrigo começou a receber visitas de sua avó que insistia para que ele deixasse a vida do crime, optando então por isso.

Soubemos que Theo acabou participando de um *corregimento* (corretivo) sério no abrigo, havendo a entrada da polícia no mesmo para punir²⁵⁴ os responsáveis. Ele se escondeu da polícia e acabou não sendo entregue à mesma depois, que consideramos seria o correto para marcar a ancoragem dele na lei.

Consta que acabou sendo transferido para outro abrigo. Completou dezoito anos pouco depois indo morar com sua mãe, que estaria vivendo em uma situação de miséria, não tendo como alimentá-lo, segundo as informações obtidas. Foi relatado que seu passo seguinte foi passar a orbitar em torno da boquinha próxima ao abrigo, tendo invadido o mesmo para participar de outro *corregimento* a um adolescente que lá estava.

Entendemos seu pulo para dentro do abrigo já não como um pedido, mas um grito por limites e por ajuda, naquele local onde pôde respirar e contar com regularidades e atenção que estavam sendo, mesmo que tardiamente, constituintes para ele tendo sido tão escassas ao longo de sua vida.

²⁵³ Interessante o provável valor simbólico deste ato para ele. Lá no local mesmo da execução, usar o dinheiro ganho às custas de tanto sangue para proporcionar alegria às crianças do morro. Talvez como uma forma de tentar redimir-se. Expiar a culpa.

²⁵⁴ A idéia do abrigo ao recorrer à polícia é marcar que os jovens foram além dos limites do abrigo, precisando lidar com outros limites, no caso a polícia, que os levará a um juiz da infância e adolescência que aplicará a eles alguma medida sócio-educativa.

WELLINGTON

No momento da entrevista Wellington podia afirmar que estava escolhendo o seu caminho. Estava ativamente escolhendo permanecer no abrigo, conforme disse, comparando-se à postura de outros jovens:

(...) apesar que nem todo mundo pensa assim: 'Ah vou ficar lá pra passar o tempo, vou ficar de maior, vou pra outro lugar, vou pro morro, pro abrigo, mas não né? Não sei o pensamento dos outros. O meu, eu sei que eu tô aqui porque eu tô querendo melhorar mesmo. Se eu não tivesse querendo melhorar eu tava aí na rua roubando aí, fazendo tudo aí que tem direito.

Wellington (grifos nossos)

Não podemos deixar de ressaltar um fato que tem nos chamado a atenção, que é a amarração, consistência e coerência interna do que Michelat (1982) chamou de corpo das entrevistas. As falas dos adolescentes completam-se e confirmam-se umas às outras. Um exemplo neste sentido é que o percurso de Wellington mostrou-se um consistente exemplo da situação que tanta indignação causava a Diogo, onde crianças estavam sendo cooptadas ao crime desde tenras idades pelos traficantes, tendo já moldada uma mente criminosa, segurando armas com a anuência e estímulo deles.

No caso de Wellington existia uma diferença no processo descrito acima, provavelmente ligada ao fato de os traficantes conhecerem o seu pai e saberem da desaprovação deste a que o filho convivesse com eles. Isso fazia com que procurassem desestimular a presença do Wellington ainda criança na boca, esforço que se mostrou inconsistente e ambivalente como poderemos ver a seguir. Devemos atentar para a frase do traficante que indica que eles percebem um pedido de filiação de Wellington em relação a eles, marcando, em resposta, que ele tinha um pai, e que não era para procurar isso (pai) na boca (ver texto grifado a seguir):

Desde sete, seis anos, eu já fui me envolvendo aos poucos, aí o cara: 'Vambora ali' aí me chamou, eu fui lá, primeira vez que eu me misturei aos traficantes mesmo, fui lá, né? Os caras com vários bagulhos de maconha assim, começaram a amarrar: 'amarra meu irmão!²⁵⁵'. Pô. Comecei a amarrar... Aí fui me envolvendo, aí pequenininho eu ia pra boca, aí os maluco: 'rala daqui' e me dava cascudo. [...] Os maluco da boca: 'rala daqui'. (...) 'sai daqui moleque, vai com teu pai'.

Wellington (grifos nossos)

²⁵⁵ De novo vem a voz de comando que ordena a ação não permitindo hesitação.

Passamos a acompanhar então o passo a passo do envolvimento dele com o tráfico de drogas:

[Com que idade você começou a usar a primeira arma? (...)] *Primeira vez que eu meti a mão numa arma foi com dez anos. [Mas para usar já ou só pra ver?] Só andei só, usar só usei com uns 11, que eu fui aprendendo a dar tiro, a mexer... [E com fuzil?] Com fuzil eu já comecei também com 12 anos, 11 anos e pouco, eu já tava... [Mas não era muito pesado não?] Não é nada, pesa só (...) sete, oito quilos.*

Wellington

As informações que Wellington trouxe sobre seu percurso nos colocaram diante da possibilidade de aprofundar um momento que não foi tão discutido pelos rapazes que entrevistamos e também não o é pela literatura em geral: as grandes dificuldades experimentadas na entrada do adolescente para o trabalho no tráfico de drogas. O relato de Wellington nos permite saber que tal etapa passa longe de ser um momento menor dando cores e contornos a uma transição constituída pela aniquilação gradual da humanidade e dos valores positivos que ainda pudessem persistir nos jovens que enveredam por este caminho, um esmagamento daquilo que entendemos como característico do ser humano.

Os modos de operacionalização deste processo são bem definidos pelo adjetivo inusitado escolhido pelo jovem – *escaldante* – e os elementos sobre os quais temos nos debruçado aparecem de forma inequívoca ao longo do mesmo. O uso de drogas funcionando como uma espécie de solvente do espírito, como um embotador dos afetos mais permanentes, um turvador do pensamento anestesiando a frágil consciência ética e moral do jovem. Este pode assustar-se ao deparar com as fronteiras que rompeu e com aquilo no que pode ter se transformado, ao retomar um nível mínimo de consciência, como quem quer acordar – e não consegue – do pior pesadelo. O último elemento acelerando este processo é compulsão a *apenas gozar*, como vimos no início deste trabalho (seção II.1) com Zizek (1990), impulsionando o jovem de forma vertiginosa e imperativa rumo ao mundo das mercadorias e das marcas. O jovem se pergunta: ‘O que fazer se o trabalho honesto que eu fizer não me permitir comprar aquela marca?’ Pergunta-se em solitário desespero de quem sente que ficará excluído, invisível, se não puder portar aquela credencial, aquele passaporte (insígnia). Vejamos então o que ele disse neste sentido:

No começo era como? Escaldante, mas depois eu fui me acostumando, me envolvia com os cara, tudo pesadão, de bico (fuzil), granada, do meu lado, e o primeiro dia sempre aquela neurose: será que o cara vai me pegar dormindo, vai, pá; fazer uma maldade comigo?’ [Escaldante? Como é que é esse escaldante?] Porque era aquela cisma, mané, se tá dormindo

assim, perturbado, não consegue nem dormir direito, mas depois já vai se acostumando. [Já estava envolvido nessa hora ou só andando com eles?] Já tava envolvido mesmo... Eu comecei de endola, que era amarrar a maconha, colocar no saquinho... Fui começando aos poucos. [O que você acha que pode atrair um jovem a entrar para o tráfico?] A falta de dinheiro, a diferença de classe também, o vício, o vício bota o adolescente a te induzir, a pessoa te induz, uma pessoa fala ‘vamo vender?(drogas)’: ‘Ah, não, vou nada, pá, pá não vou nada’, mas depois tu: ‘pô, eu tô sem dinheiro, tô precisando de uma, uma bermuda, um chinelo’ tu não tem condições de comprar tu já: ‘vô vê o meio mais fácil de arrumar dinheiro’. Eu ia jogar flipper quando era menor e não tinha dinheiro, ia lá pegava umas latas de guaraná, vendia na barraca aí jogava flipper. É a mesma coisa: ‘pô, quero comprar um short e não tenho dinheiro, vou pegar aquela garrafa ali, será que vai dar pra mim comprar o short? Não vai... Vou encontrar um meio mais fácil de arrumar um dinheiro’. ‘Não quer vender um bagulho ali não? Não quer segurar isso aqui não? Pá’. É assim que tu vai se envolvendo, tá ligado? No meu caso não, no meu caso, desde pequeno mesmo, né?...

Wellington e entrevistador

Diante da pergunta do entrevistador sobre porque alguns acabam envolvendo-se e outros não, o jovem apresentou uma resposta que novamente destoou das demais, afirmando que existe algo que é de cada um mesmo que influi nesta decisão:

Porque é aquilo, né? Cada um tem tua mente, diferença de, das classes, mas tem muitos também que maluco também que tem classe alta, mas já faz aquilo ali porque gosta. É a mente do maluco já... O maluco já nasce pra ser aquilo mesmo ou então... Ele bota aquilo na cabeça dele: ‘Pô, eu vou ser’. Igual uma pessoa, pô, o cara quer ser médico, a pessoa bota aquilo na cabeça: ‘eu quero ser médico, eu quero ser médico. Vou estudar’. Igual o menor, pá: ‘Eu quero ser bandido’²⁵⁶, eu quero ser bandido, eu quero ser bandido, de qualquer jeito, pá’. Já vai, já faz amizade, dessa amizade já...

Mencionou também, um pouco adiante, a forte influência do morro, capaz de, diante de um jovem com tempo sobrando, puxar ele para o tráfico. Disse que o jovem tem que ter “Mais... Tipo oportunidade pra ele... Fazer uma coisa que ele gosta senão ele acaba ficando sem tempo e acaba sendo puxado pro morro. [Acaba ficando sem tempo?] É acaba ficando sem tempo e entrando pro tráfico mermo”.

²⁵⁶ Conforme mostrado no documentário *Falcão* de MV Bill e Celso Athayde.

Ele insistiu no ato falho trocando o ‘*com tempo*’ (ocioso) por ‘*sem tempo*’. Entendemos a insistência como o indicativo de que o jovem *invisível* nos termos aqui discutidos, pode ter uma vivência diferente do tempo. Uma vez *invisível*, pode ter a sensação de que não vive. O tempo a passar e ele sem aproveitar a vida. Sem tempo de viver, de aproveitar. Sente que apenas aquele que tem mais recursos está vivendo, aproveitando e gozando. A inveja neurótica ao imaginado gozo perverso do outro aumentando em importância em seu psiquismo, levando-o a esta paralisia em que diz ficar *sem tempo*.

À abundância de munição soma-se uma grande variedade e quantidade de armas à disposição dos grupos de traficantes. Com grande frequência o acesso a estas armas é franqueado a crianças e adolescentes desde bem pequenos. Wellington, que mostrou uma visão empresarial sobre o tráfico, elogiou os esforços e o êxito do tráfico em conseguir os melhores equipamentos de trabalho. Equipamentos manuseados por adolescentes que passam de repente da realidade virtual dos jogos de guerra dos fliperamas à realidade concreta das armas reais, com balas reais, provocando mortes também reais:

Ah, já portei muita arma. Pistola, AK, fuzil, vários fuzil mesmo. [AK?] Ak 47 Kalish (fuzil de fabricação russa), Grock (Glock), 45, 380, 9, vários tipos de armas mermo eu já portei, que nem no Brasil não tem, mas eu já portei, várias armas, tá ligado? Que o tráfico é sinistro, o tráfico vai longe pra conseguir as melhores coisas. O tráfico quer o melhor pra ele, tá ligado? E teve várias situações que eu usei, usei no meu aniversário também, de felicidade, dando tiro pro alto, usei em cima de polícia, usei em cima de outros traficantes em guerra (...).

Embora reconheçamos que as perguntas da entrevista semi-estruturada não indagavam diretamente sobre a influência da mídia, chamou-nos a atenção este tema ter aparecido pouco no relato dos jovens. Wellington foi um dos poucos a mencionar algo neste sentido, começando pelo relato das bravuras. Um pouco antes deste trecho ele mencionara os filmes onde o *cara* sempre se dá bem:

[que é esse negócio de bravura que você falou, que o cara faz várias bravuras?] *Várias bravuras é assalto, vários bagulhos, é cadeia, robá aqui, robá ali, vai não sei aonde. Ah várias bravuras* [Noto que volta e meia você fala que parece um filme, o cara faz as coisas igual de filme. Você acha que tem a ver com videogame também? Imitar videogame, assim?] (responde negativamente com a cabeça) [É tipo um filme mesmo?] *Tipo um filme mesmo. No fim ele já. Como? Já bota tipo um bagulho pros cara aprender, tem vários filme que os cara assalta carro, vários bagulho. Os menor vê aquilo ali e pô: ‘Vou fazer igual, vou fazer igual*

*mané!’ E pá, já mete várias bravuras. Que aquilo ali, como? É filme, mermão, aquilo fica ali mermo, pô. É só, pô, uma ação que os outro aprecia e não se basear naquilo, mas o menor já se baseia, né? As pessoa já se baseia no filme e já quer fazer também. [Então você acha que o filme tem uma influência grande...] É, o filme influencia pra caraca, televisão influencia muito, também. (Respondendo ao entrevistador, citou os filmes *Pixote*²⁵⁷ e *Quem matou Pixote*²⁵⁸).*

Vários foram os fatores determinantes para a saída de Wellington do tráfico de drogas. A vontade que ele alega ter sentido de sair baseou-se na percepção de que não iria a lugar nenhum permanecendo no tráfico. Contribuíram também o fato de ter se drogado de forma tão intensa a ponto de perceber que aquilo não estava sendo bom para ele²⁵⁹, e a percepção de que não tinha mais liberdade para andar pela cidade. Porém, diferentemente dos outros jovens, Wellington não mencionou como motivador da saída da vida do crime, sua prisão pela polícia²⁶⁰. Disse, por fim, que para não voltar ao crime tem que ter muita força de vontade, e que ele tem conseguido.

PODENDO ESCOLHER

Consideramos a relação dos jovens pesquisados com o consumo um importante analisador de até que ponto eles conseguiram fazer o percurso descrito acima. Consideramos ainda que ser capaz de adiar o momento da satisfação é uma forma de escolher, de modo que aquela relação (do jovem com o consumo) diz também da capacidade de escolher dos jovens. A possibilidade de adiar o momento e escolher a forma do consumo é uma forma de escolher o que eles querem para suas vidas, conforme podemos ver nos excertos a seguir.

Todos eles falaram da possibilidade atual de adiar o momento prazeroso, de consumo, ou de ser capaz de ter humildade de reconhecer a impossibilidade de ter algo, de resignar-se, posição esta que ficou mais evidenciada no discurso de Ronaldo. Vitor ilustrou esta transição quando disse perceber, após referir-se aos símbolos de potência (cordões [de prata ou ouro], mulheres, etc.), que “*nem tudo é ouro, nem tudo é mulher*”. Inaugurava assim, pelo menos no nível do discurso, a possibilidade de adiar uma ação que iria proporcionar-lhe prazer e gratificação. Inaugurava também no plano das idéias a aceitação da necessidade ou da possibilidade de trabalhar (honestamente) para conseguir os bens ou executar a ação desejada:

²⁵⁷ Filme de Hector Babenco, 1981 (ver bibliografia).

²⁵⁸ Baseado no livro de Louzeiro (1993). Direção de José Joffily, 1996.

²⁵⁹ Quando contou ter ficado acordado cinco dias e noites se drogando sem parar. Página 209 (grifado).

²⁶⁰ Consideramos que a prisão, quando não é desperdiçada ou mesmo transformada em algo contra o jovem quando feita de forma arbitrária e excessivamente truculenta, pode transformar-se em importante momento de tomada de consciência, fazendo o jovem deparar com limites capazes de contê-lo.

[Como está isso pra você hoje, assim: quando você quer comprar, como é que fica a situação? Você falou...] (...) *Pô, eu compreendo; pô, se eu não posso comprar agora, eu espero mais um pouco porque nem... Nem tudo tem na hora que a gente quer, do jeito que a gente quer; pô, se eu quero ganhar um computador, ninguém vai me dar um computador: 'Tá, vamos lá buscar o dinheiro'. Não, você vai conseguir com o tempo: 'Vou trabalhar, eu quero o objetivo, vou trabalhar pra comprar o computador, vou trabalhar pra comprar uma casa, vou trabalhar pra viver minha vida'; ninguém vai chegar e vai me dar nada.*

Vitor e entrevistador

Wellington não apenas falou de sua capacidade de naquele momento adiar a conquista daquilo que desejava, como também deu um exemplo de como este processo vinha ocorrendo com ele:

[E se você não pode comprar as coisas que você quer comprar, como é que fica a situação?] *Ah, Antigamente quando eu não podia comprar uma coisa que eu queria comprar eu ia roubar ou arrumar algum jeito de arrumar o dinheiro pra mim comprar, mas hoje em dia não. 'Pô, quero comprar aquilo ali, pô, mas eu sei aguardar. Eu peço ali: 'pô, tem como me ajudar? Tô a fim disso' pá, não sei o que. Converso, pá: 'Pô, tem como comprar pra mim?' 'Tem'. Às vezes eu quero o que? Quero um perfume...²⁶¹. Então eu acho assim: 'pôxa, se eu não tiver um dinheiro pra comprar, eu aguardo assim. Hoje em dia eu aguardo assim, que, esses dias mesmo, pô, tava afinzão mesmo de comer uma lasanha ali, quatro real, eu falei: 'pô, tenho que comer, mané'. Aí, sabe como? Fiz um quadro neurótico, uma das garotas (técnicas do abrigo) comprou, como? Aí fui lá e como? Comi a lasanha. (Entrevistador elogia a forma como ele resolveu a situação) Até a mina também queria comer também. (...) Fui lá e comprei também. Trouxe pra cá, comi aqui. O quadro vai ficar ali, depois tu vai ver.*

Wellington

Vimos, por outro lado, em Ronaldo a marca da resignação diante da impossibilidade: [e se não pode comprar, como é que fica?]

Ah, a pessoa fica... Não sei... Sei lá... Tem que se contentar, né? Com o que tem.

De um olhar sobre o conjunto das entrevistas emergiu a percepção de que os parágrafos precedentes expõem uma tênue e frágil fronteira onde os jovens têm transitado, tornando-se por um lado mais vulneráveis e por outro lado mais sabedores da vida (e da

²⁶¹ Este trecho segue-se na narrativa do jovem ao que está na página 185, do trecho grifado em diante, onde se referia às dificuldades enfrentadas diante da necessidade de comprar um desodorante.

morte) que os demais adolescentes. A experiência de viver na marginalidade faz com que circulem entre diferentes territórios, tornando-se conhecedores dos meandros e áreas fronteiriças desta difícil e tortuosa caminhada.

Eles mesmos denominam-se vagabundos quando estão envolvidos. Etimologicamente vagabundo é aquele que anda, que vaga pelo mundo, aquele que leva uma vida errante. O *quantum* de liberdade que acaba associada a esta forma de estar no mundo acaba trazendo para a discussão outra dificuldade, que é a de eles efetivamente quererem deixar a situação de rua.

Fábio, em sua época de menino de rua era conhecido como Mosca e no momento da realização desta pesquisa estava, já como Fábio, à frente de uma rádio comunitária, servindo como exemplo para muitos outros jovens em situação de rua. Em entrevista ao programa jornalístico da TV Globo, *RJ-TV* em 15 de abril de 2005, ele foi esclarecedor: “*Não é difícil tirar o adolescente da rua, é difícil tirar a rua de dentro do adolescente. Sem horários. Drogas a hora que quiser, sem nenhum limite, sem nenhuma cobrança, tipo ‘vai fazer o dever de casa’*”. Sem lei nenhuma.

Wellington, por exemplo, viajou mais longe neste sentimento inicial de liberdade, chegando a conhecer alguns Estados brasileiros. Theo disse que andava por toda a cidade, “sem conseguir se perder”.

Tal situação, de viverem sobre uma linha fronteiriça, ora lá, ora aqui acaba os assemelhando, enquanto função, ao lugar ocupado mediador (Velho, 2001:20 e 25) entre pelo menos dois universos, o da adolescência dentro da lei, e da adolescência imersa no mundo do crime. Estar em lugar tão difícil ajuda a desenvolver neles um potencial para ajudar outros adolescentes que, como eles, também andam sobre esta perigosa e tênue linha entre mundos que podem ser tão diferentes e trazer conseqüências tão díspares para suas vidas. Assumir tal lugar pode ser decisivo na “recuperação” dos que conseguem disponibilizar-se para tal.

Voltando à descrição dos dados, procuramos saber sobre os sentimentos dos jovens em relação à morte. Tanto com eles na condição de possíveis matadores, como enquanto possíveis vítimas de morte violenta no tráfico. Lembramos que um dos elementos importantes enquanto provocador deste trabalho são as taxas anormalmente altas de homicídios por arma de fogo entre os jovens fluminenses.

Ronaldo foi enfático em dizer que não mataria uma pessoa, respondendo como se fosse algo que nunca passaria por sua cabeça. Vitor disse considerar que foi um tipo diferente de traficante e que sempre evitou este momento de ter que matar alguém. Já os outros três disseram que matariam, seguindo a idéia já defendida por eles de que uma vez tendo feito esta

escolha de participar do crime, teriam que dançar conforme a música: Wellington, por exemplo, disse que é matar ou morrer, enquanto Theo e Diogo disseram que tem determinadas situações (execução, roubo de carro) em que o cara tem que atirar senão acaba sua trajetória, ou, dependendo da situação, sua vida.

Em relação à possibilidade deles serem mortos, três deles responderam que vêm concretamente esta possibilidade. Por um rival de outra facção com quem tenham já trocado tiro, ou pela polícia. Os outros dois falaram do susto e ameaça permanentes, como mostram as palavras de Diogo: “*na época, né? Era uma situação de medo, pá, situação de coração batendo. Situação de... Como? De assustado, olhando em becos e vielas, correndo prá lá, e pra cá. Hoje não...*”.

Wellington foi o outro que não afirmou explicitamente que se vê morrendo, embora sua resposta mostre como ele se percebe próximo da morte:

Já... Já tomei um tiro de raspão na perna [Hum] Já vi várias vezes assim gente morrer assim pertinho de mim [Tipo colega assim?] (concordou com a cabeça) [em troca de tiro?] Já tomei um tiro assim eu a cem metros do lado do polícia assim, eu corri, mandava tiro de fuzil e pegava de raspão na minha perna [hum] aí eu nem senti, quando eu parei que eu senti legal [E em relação à possibilidade de ser morto?] Ahn, se eu fosse morto eu não sei não maluco, não sei pra onde a gente vai quando morre, não sei se eles pagam, não sei o que acontece quando a gente morre, mas já vi várias vezes a morte na minha frente.

Wellington

Em relação à responsabilidade e sentimento de culpa diante de seus atos, três dos cinco adolescentes disseram sentir-se culpados por algo que fizeram a alguém. Theo disse não sentir-se culpado, uma vez que entrou em busca de vingança. Enquanto Ronaldo disse depender de quem é a pessoa afetada para poder dizer se sente-se culpado ou não. Voltaram a argumentar que uma vez na vida do crime e nas ações do crime eles têm que obedecer a ordens e que uma desobediência poderia significar a morte deles. A resposta de Diogo nos deixou entrever um pouco este drama: “*Sentir, eu me sinto sim tio. (...) Atirar, gente chorando, confusão, tenho certeza de que várias mães choraram. Eu fiz muita gente chorar sim.*” Perguntado pelo entrevistador sobre alguma situação em que acabou sentindo-se culpado, Wellington acabou relatando um assalto em que ele e outro rapaz estavam roubando uma moto e atiraram na vítima:

[E já teve situação do cara reagir?] *já* [E aí o que tu fez?] *Meti bala, eu meti bala não, o amigo que tava comigo meteu bala.* [E matou o cara?] *Não. Tipo o cara numas de reagir, né?*

O cara. Nós tava, peguei uma moto, né? Aí o cara, como? (...) ele tava assim né? Aí eu já tava em cima da moto, pá, com a moto ligada, né? Pra sair, aí meu amigo tava ali perto assim, aí o maluco: ‘dá...’ (se corrige) Aí o amigo: ‘dá logo o segredo, dá logo o segredo’.

A vítima do assalto: *‘Calma aí que eu vou dar.’*

Aí no que ele levantou assim (...) no braço (...) tinha arma (...) aí meu amigo empurrou assim botou na cara veio estilhaço assim na mão do amigo. (Neste trecho não foi possível entender se a vítima do assalto tinha uma arma de fato ou se foi impressão do “amigo” de Wellington) [Atirou na mão dele, é isso?] Atirou assim, tá ligado, só que os estilhaço foi na mão dele, aquele fogo do oitão. (o amigo de Wellington atirou na cara da vítima, queimando a mão quando atirou) [Ah, na mão do seu amigo?] É [E acertou o cara?] Acertou o cara, o cara ficou, como? O cara ficou se batendo pra caraca... [Mas não sabe se matou ou não?] Não sabe se matou, porque nós metemos o pé e o cara ficou lá deitado no chão.

Wellington e entrevistador

Foi perguntado a seguir aos jovens o que eles achavam que poderia ser feito para evitar que muitos garotos entrassem para o tráfico de drogas. Um deles, o mais novo disse não saber o que poderia ser feito neste sentido. Entre as outras posições destacou-se a opinião de dois deles sobre a necessidade de ter mais conversa com os jovens. Mencionaram também a importância do jovem ter um trabalho, estudo, família.

Wellington falou da importância de fazerem um trabalho de que gostassem para não ficarem com tanto tempo ocioso quando o jovem “(...) acaba ficando com tempo vago, sem nada pra fazer e acaba indo pro tráfico mermo.” Outras opiniões incluíram acabar “(...) esse negócio aí de morro”, pois aí acabaria também com a droga e não teria dinheiro para comprar armas e por aí vai. Resistir à tentação nos momentos difíceis, poder trabalhar no que gosta e oferecer mais atividades para o jovem que está em um abrigo, pois ele fica muito parado nestes.

Destacamos a seguir a opinião de Diogo com relação a esta discussão, por parecer muito equilibrada e útil, além de fornecer elementos para iniciarmos a discussão de um conceito de extrema importância neste campo.

Pouco depois de relatar a agressão que sofreu da polícia e o período de internação no hospital, Diogo retomou o tema da possibilidade ou impossibilidade de escolher, desde o momento em que o jovem decidiu entrar para o tráfico. Perguntado sobre o que ele achava

que poderia ser feito para evitar que um jovem enveredasse pelo tráfico de drogas, ele mencionou três “coisas”: a chance de um bom trabalho, estudo e uma família que suporte²⁶².

Lembrou que o jovem ao entrar para o tráfico fica “(...) *se sentindo né? Se sentindo, pá, depois vem os esculachos. Tá arriscado, se o cara não tiver sorte até a morte. Essas três coisas, acho que leva o jovem a isso não (...)*”. A seguir, tentando ver até que ponto Diogo acreditava na possibilidade de o jovem escolher de fato, refletimos sobre capacidade de o jovem escolher o caminho que quer seguir na ausência do tripé família, estudo, trabalho, postulado por Diogo como tão importante:

[Quer dizer uma família, educação e trabalho, essas três coisas aí? E se não tiver uma destas três coisas? Que tipo de intervenção, que tipo de trabalho poderia ser feito com o jovem? Você tem alguma sugestão?]

Pô, isso aí tipo assim cada um tem sua cabeça, certo? O moleque não teve uma chifra, não teve uma chance, não teve escola, trabalho, o moleque não teve uma chance nestas três coisas, mas se o moleque for guerreiro, não for um teleguiado, se for assim, tipo assim, cabeça feita, moleque inteligente, pô, ele com certeza vai procurar um outro jeito de arrumar dinheiro, catando ferro, camelô, vender refrigerante na praia, várias paradas, entendeu?

[Sim. Você está dizendo que tem como usar a criatividade...?] *É isso.*

Diogo e entrevistador

VI.8.4. A BUSCA POR UM NOVO CAMINHO. VOLTAR AO CRIME? APENAS SE NADA MAIS TIVEREM A PERDER

[Como você imagina a tua vida no futuro, em relação a trabalho, filhos?] Ah, eu imagino que eu sirva de exemplo para os que ficam aqui dentro; que um dia eu possa chegar aqui e falar pra eles: ‘Pô, fui que nem vocês’. Trabalhando, ter meu filho, ter minha mulher, ter a minha casa, quer dizer, eu quero ser um exemplo pra eles aqui de dentro, dar o exemplo pros próximos que vierem atrás de mim.

²⁶² Conforme epígrafe da seção VI.1.

Vitor

Os dois adolescentes que responderam não terem ainda obtido conquistas falaram do que desejam conquistar no futuro: Diogo falou em constituir família, enquanto Theo falou do seu desejo e seu sonho de ser jogador de futebol de um grande clube carioca. Embora Vitor tenha falado da sua conquista como já consumada “*tomar um rumo*”, como ela era muito recente trataremos dela aqui também. Disse Vitor: “*Tomar um rumo (...) Quer dizer, ter um já... Ter um futuro programado, eu acho que de antigamente pra cá eu mudei muito, eu tô pensando mais no meu futuro, daqui a, como vai ser, já tô quase com a idade avançando, dezessete anos*”.

O principal problema apontado por ele era de relacionamento com as outras pessoas do abrigo:

Confusão, briga, discussão, um xingando o outro, dando brincadeira de tapinha, esses negócios, cuspir no outro. É sempre um saco, um se aborrece, depois já revida de novo, (...) já tá tendo briga, aí a Diretora se mete, aí a gente quando tá de cabeça quente também a gente já não fala direito, aí começa a xingar ela, é assim

Vitor

Diogo falou da dificuldade de conseguir emprego. Queixou-se também da forma como as garotas se comportam em abrigos: “*porque em abrigo todas elas são erradas, são sujas, [?] suja! Suja! Tipo assim, não há o respeito, elas mesmas não se respeitam*²⁶³”.

As dificuldades de cada um foram coerentemente apresentadas em relação direta com a conquista pretendida. Assim é que a dificuldade relatada por Theo foi justo no campo da saúde, já que disse apresentar um problema de saúde não muito bem identificado. Contou que antes recebia tratamento de sua avó com ervas. Não estava tendo acompanhamento médico do problema no momento da entrevista.

Procurando consolidar sua “conquista”, Vitor demonstrou não ver mais o seu futuro passando pelos caminhos do tráfico ou dos comandos, afirmando de forma bastante lúcida que o jovem pode até conseguir algo do tráfico ou dos comandos, mas terá que pagar em troca:

[E você se identifica com alguma facção ou grupo ou comando?] *Não, eu acho, já até que já me identifiquei, mas agora eu acho que isso é uma coisa que não vai garantir o meu futuro (...) não vai me dar dinheiro, casa. Podem até dar, mas esperando alguma coisa em troca,*

²⁶³ Note-se que ele estava naquele momento rompendo um relacionamento com uma adolescente do abrigo e sentia-se revoltado com a situação.

mas eu acho que pra mim não vale à pena; eu mesmo prefiro conquistar o meu, é pouco, é meu. Tudo certo.

Vitor

Em relação ao futuro considerado ideal para eles todos mencionaram o trabalho. Três deles falaram em ter uma casa. Vitor mencionou ainda, como vimos acima, seu desejo de ser exemplo positivo para outros jovens. Diogo falou do desejo de “*Ser alguém na vida*”, enquanto Theo mencionou a cena de estar no estádio de futebol entre grandes jogadores com todos gritando o seu nome. Já Ronaldo mostrou um desejo menos ambicioso, de trabalhar para ajudar sua mãe. Wellington expressou seu desejo de ser um cidadão normal, sendo bem visto pela sociedade: “*Trabalhar... e ter uma vida digna, de respeito, um cidadão normal, andar em qualquer lugar. Ser visto como? Da melhor forma pela sociedade*”.

Destacamos ainda o desejo de poderem ter liberdade de circulação e de não mais corresponderem ao estereótipo de “envolvido” que o preconceito social e a associação entre local de moradia e pertencimento aos comandos alimentam.

Associamos o desejo de Wellington de ser apenas um cidadão normal ao olhar lançado por Theo a sua vida pregressa quando acabou percebendo que era melhor quando era apenas um garoto anônimo no quintal do que traficante conhecido. Não queriam mais nem estar excluídos em miséria total, nem queriam mais ter tudo, muito dinheiro, muitas mulheres, armas, marcas, drogas, aventuras, dentre outras coisas em excesso. Já conseguiam perceber um meio termo, como bem foi verbalizado por Vitor ao dizer que lhe bastava um emprego, mesmo que não pagasse muito.

Temos então mais um exemplo da transição de comportamentos que estariam regidos por uma dinâmica psíquica regredida, funcionando de forma análoga ao momento da vida em que somos regidos pelo princípio do prazer. Vitor, ao declarar que desejava um emprego legal, mesmo que o salário fosse pequeno, demonstrou estar passando a uma forma de funcionar menos regredida, mais próxima dos processos regidos pelo princípio de realidade. Associamos tal mudança ao fato de alguém ter imposto limites a ele. A prisão dele o coloca diante de outra lei capaz de funcionar como limite. Diferente da lei dos traficantes que não pode funcionar como limite dada a sua intensa arbitrariedade.

Percebemos que o Estado deve e pode comparecer de forma positiva, mesmo que na repressão, quando esta é feita dentro da lei. A uma retaliação descabida e desmedida, provavelmente corresponderá uma revolta crescente que será dirigida contra o tecido social, contra os representantes do Estado e contra os próprios adolescentes. O posicionamento do

psicanalista inglês, Donald Winnicott nos é precioso e preciso neste sentido, quando diz que os limites que darão a contenção a uma criança ou a um jovem vão desde os braços da mãe até as barras de uma prisão²⁶⁴. Vejamos como o próprio Vitor descreveu a sua mudança de atitude:

São dois rumos: você escolhe o caminho certo ou o caminho errado. Apesar que já passei pelo caminho errado, mas agora o quadro mudou. Agora eu tô começando uma nova vida. Vou voltar a estudar agora depois das férias, aí vou começar a estudar, e vou levando, tocando a minha vida pra frente (...) [E essa mudança é recente, Vitor?] (...) Foi, foi quando aí eu então comecei a aprender com a vida mesmo... (...) Foi quando eu tava preso, aí de lá, lá dentro mesmo fui aprendendo coisas que não..., eu mesmo tomei uma atitude, eu falei, pensei. Lá dentro eu pensei: ‘Vou fazer isso, isso e isso. Vou mudar de vida, não quero mais dessa vida’, e é isso que eu tô fazendo.

Vitor

Dentre as inúmeras contribuições de Winnicott (1984) em relação ao trato com adolescentes difíceis destacamos a discussão em relação à reação por vezes excessiva da polícia que, quando ocorre, muitas vezes representa, mais que a defesa das instituições e o cumprimento da lei, um sentimento público de vingança da sociedade contra aquele que está esgarçando com seus atos o tecido social. Esquecem de que ele provém e foi afetado pelo mesmo tecido tanto estruturalmente como localmente esgarçado antes por forças alheias a ele.

Deter-nos-emos um pouco mais adiante na questão da polícia, mas adiantamos que a cultura organizacional total da instituição acaba encontrando indivíduos com aptidão pessoal para captarem este desejo de vingança da sociedade, dando-lhes corpo e materialidade. Ironicamente percebe-se que muitos destes policiais têm origem social semelhante a dos traficantes. Winnicott foi árduo defensor da posição de que os abrigos para crianças difíceis deveriam ser administrados pelo Ministério da Saúde e não pelo Ministério que tivesse a função de manutenção da ordem pública²⁶⁵. Seria uma forma de evitar dentre outros males, que fosse colocada em prática, de forma recorrente, a vingança pública mencionada.

Resumindo, a idéia que queremos passar com o exemplo proporcionado por Vitor é que o Estado pode – e deve – ter um importante papel funcionando como lei – e em grande medida também como lei simbólica – onde faltou a transmissão da lei pelos próprios pais, e

²⁶⁴ Ver, por exemplo, Winnicott (1984:125).

²⁶⁵ No Reino Unido, o Ministério do Interior.

pelos demais representantes da geração dos pais e da cultura. Por outro lado, a arbitrariedade das mensagens do Estado, através da frequentemente criminosa truculência policial, muitas vezes anula a possibilidade de haver um efetivo funcionamento psíquico da lei como limite, que poderia ter levado a uma mudança de posição subjetiva nos jovens, como parece ter ocorrido com Vitor.

Um juiz, este importante representante do Estado, parece não ter sabido da importância que assumiu para Vitor, que assistido de perto na LA (liberdade assistida), parecia sentir-se acompanhado pela primeira vez. Este jovem chegou a comunicar ao entrevistador sua vontade de comprar muitos livros, seguir uma carreira militar e se formar na faculdade de direito. Essa “assistência” que não teve quando bebê e criança pequena pensamos que funcionava naquele momento de forma reparadora, substituindo, mesmo que muito diferido no tempo, aquele cuidado inicial. Na falta da Lei do pai, da qual Vitor muito se ressentia²⁶⁶, ele pareceu tentar uma substituição, fazendo endereçamento à figura do juiz, um representante da Lei, e alguém que estaria acompanhando os seus passos. Infelizmente o juiz parece não ter percebido este movimento, e não conseguiu desenvolver ou manter uma sensibilidade humana para perceber importantes conseqüências dos seus atos e do seu poder enquanto representante do Estado e da lei (Lei) diante de Vitor.

Vitor, “pego” algumas semanas depois com uma carteira teve a potencialmente devastadora experiência de ouvir da boca do mesmo juiz que ele “adotou” ele não precisava responder a ele se tinha roubado ou não, já que o juiz considerou – e disse a ele – que pela sua cara percebia que ele era ladrão mesmo. Pontuamos que no caso dele realmente ter roubado ou receptado a carteira, tal comportamento poderia ser entendido como uma atuação e visto como um pedido de reforço do limite, e também como um teste para ver se realmente o estavam assistindo ou “tomando conta” dele, sob o ponto de vista da teoria winnicottiana.

Quando os adolescentes disseram querer uma casa para eles (apenas Vitor falou em voltar para a casa da tia, embora achasse difícil), referiam-se também a famílias que gostariam de constituir. Poderíamos então resumir o ideal de futuro deles naquele momento como o de serem homens com uma casa, esposa, filhos e um trabalho legal. Vitor disse ser também muito importante para ele encontrar suas irmãs, e saber do destino de seus pais biológicos. Trata-se do inelutável desejo de saber do enigma de origem que todos temos e é mais forte em crianças adotadas, ou de orfanato, que normalmente tiveram pouco ou nenhum contato com seus pais.

²⁶⁶ Na página 165 ele falou da falta que sente de pai, e a incompreensão diante do abandono que sofreu.

Diogo também parecia estar tomado pela atitude positiva de quem estava realmente disposto a mudar de vida: “*Pô, não quero essa vida para mim. Sei que sou novão ainda, tem muita vida pela frente. Quero construir uma família, tio, quero ser um homem digno para a sociedade*”. Disse ainda que tinha ficha limpa. Poderia trabalhar em qualquer lugar. Acrescentou adiante sobre o futuro que deseja: “*Ter minha casa com minha família, pô. Ter filhos [?] um filho só, senão... um filho só e se tiver uma situação maneira teria um casal*”.

Quando questionado sobre o que estava fazendo no dia-a-dia para caminhar no sentido do futuro que almejava agora, Diogo foi contundente, demonstrando naquele momento ter garra para conseguir atingir seus objetivos: “*Agora exatamente mesmo eu tô aqui, mas o que pintá pra mim eu vou agarrar com tudo e vou pra cima*”.

Poderia aqui o leitor ver enfraquecida a tese do autor de que a repressão excessiva, vingativa, destruidora não é construtiva, recorrendo ao caso do próprio Diogo, que foi espancado pela polícia com uma panela de pressão ficando internado por vários meses em virtude de tal espancamento. A pergunta seria: ‘Como então ele decidiu abandonar o tráfico com projeto de se tornar um trabalhador honesto e formar família, se sofreu tal violência?’. Para responder a este aparente paradoxo temos dois caminhos que podem ou não serem considerados complementares: primeiramente dizemos que não acreditamos que tal surra tenha sido terapêutica para ele, considerando que poderia ter tido avanços muito maiores se tivesse tido outros tipos de limite, não arbitrários. Um dos efeitos do espancamento é o aumento da revolta de Diogo, que relatou ter espancado com pedaço de pau um jornaleiro que supostamente tentou abusar de seu irmão.

O outro caminho para responder à pergunta colocada passa pelo conceito de resiliência²⁶⁷. Como dissemos estas duas respostas não são mutuamente excludentes, e falando superficialmente, acreditamos que a resiliência pode ajudar a organizar de forma positiva a (pulsão de) agressividade acelerada pelas violências sofridas. Poucos dias após a entrevista Diogo protagonizou um severo *corregimento* contra outro rapaz do abrigo.

A busca de Wellington por caminhos diferentes nos pareceu consistente e convincente, além de realista, já que ele não procurou negar que o outro caminho estava sempre presente

²⁶⁷ Conceito muito importante na compreensão – e tratamento – pessoas com histórias de vida surpreendentes, onde embora todo o histórico e conjunção de elementos apontem para a perspectiva de uma existência sofrida, fracassada e adoecida, a resposta destas pessoas tem uma resultante positiva de crescimento, equilíbrio e capacidade para amar e trabalhar. Trata-se da resiliência, termo importado da física para as ciências humanas e que em seu contexto de origem refere-se à capacidade dos corpos de resistirem ao choque ou mesmo de devolver a energia gerada pela deformação do impacto. Normalmente tais pessoas tiveram uma referência afetiva positiva e importante, mesmo que esta não apareça claramente na história delas.

como possibilidade, sempre “tentando” o espírito nos momentos de fraqueza. Para falar de Wellington devemos recorrer à clareza com que expôs sua própria situação:

Mas o que, pô, agora eu quero uma coisa melhor pra mim. Já passei muita coisa na vida já, já passei muita coisa mesmo. Passei fome, passei frio, já passei vários bagulhos. Eu quero mudar pra melhor mesmo, quero ter minha casa, trabalhar, poder andar em qualquer lugar aí, como? Nenhum polícia botar a mão em mim falando que eu sou um marginal que eu tô com droga, que eu tô usando alguma coisa. Eu quero mudar mesmo.

(...)

Ah, eu imagino uma vida em paz, podendo acordar todo dia ir pro meu trabalho, recebendo meu dinheiro, fazendo compra, minhas roupa, minhas coisas que eu sempre quis, meu carrinho (...)

Perguntado sobre as dificuldades para seguir este caminho ele ressaltou que não eram poucas: *Ah, várias dificuldades, injustiça num país que é... Por causa da cor, a nossa cor, a cor escura ela é mais... Mais certo um preconceito, mais dificuldade pra tu arrumar... Se tu for uma pessoa magrinha, de olho verdinho, de cabelo lisinho, tu vai numa agência de modelos se inscreve, eles já te bota, (...) tu vê na televisão que a maioria das pessoas que trabalha na televisão é tudo branco [os artistas, né?] é, a maioria dos próprios repórter de televisão, tu pode ver que é tudo branco, de cabelo liso, então você tem que, tudo você tem que lutar na vida, mas pra os outro, tem que lutar mais ainda que tu já tá num país que tem o maior preconceito com a sua cor, e é um dos país que tem mais raça misturada é o nosso. Ainda tem, ainda tem isso, pra disputar tem que disputar com outras pessoas que são vista melhor pela sociedade que você ainda. (...) (Entrevistador tenta falar, sendo interrompido): ou então você vai pelo caminho errado, se você não for pro lado bom, você vai pro lado errado. Vai, assalta um banco, fica com um dinheiro maneiro, ou então você tem sorte, joga na loteria e ganha,... Se não for nesse caso, né? Muita luta, muito trabalho, estuda muito pra ver se ainda tem chance de ter um emprego bom, que hoje não basta estudar, tem que os outro te contratar também, vai depender dos outro ainda.*

E em sintonia com a postura mais realista que percebemos em Wellington, ele foi o que percebemos como mais ativo para no seu dia-a-dia modificar-se, construindo assim mais chances de ter o futuro que almejava: “[Atualmente você está fazendo alguma coisa para caminhar nesta direção?] Ah, tô fazendo curso, vou começar a estudar agora, já fiz vários cursos mesmo, e vou procurando melhorar meu vocabulário”.

Vitor, embora tivesse no momento das entrevistas uma postura muito positiva, compartilhava o modo de percepção realista de Wellington em relação à possibilidade de que as coisas em sua vida não dessem certo, sendo este um de seus maiores temores: “*É, eu tenho até um certo medo de não dar certo, mas as minhas esperanças são mais, são mais positiva do que negativa, então por isso que eu tô achando que eu não tenho o que temer*”.

Esta recaída na vida do crime é especialmente preocupante. Se Diogo nos ensinou que os policiais não costumam ser “complacentes” com os jovens que surpreendem pela segunda vez em atividades criminosas, podendo chegar a executá-los, também pareceu-nos que não foram complacentes os próprios jovens com eles mesmos quando o assunto foi a recaída na vida do crime. Vários deles falaram que se voltarem é porque nada mais terão a perder. É como se assim estivessem avisando que já terão perdido a humanidade que ainda conservavam. Serão – na hipótese desta recaída – mais máquinas de matar e morrer, do que pessoas propriamente.

Vitor e Theo descreveram que quando estiveram no tráfico passavam em suas vidas pessoais por um momento em que tinham perdido o amor à vida. Wellington também disse que não queria saber de nada. Diogo resumiu bem esta disposição, que significa que não existe um “plano B”. Eles parecem estar indicando que se tudo der errado eles vão usar o caminho do crime para cometer um tipo de suicídio, mas vão matar muitos outros no processo, atendendo à perversa demanda da indústria globalizada do tráfico de drogas. Diogo disse:

Se chegar ao ponto de voltar pra esta vida é que chegou ao ponto de não querer mais nada, tio, de jogar pro alto: ‘CHEGA! Tô fudido mesmo, fudido e meio, mas enquanto eu posso ainda, vou correr atrás.

Ronaldo esteve em sintonia com os outros jovens ao dizer que o seu futuro ideal era ele trabalhando para poder ajudar sua mãe, e comprando uma casa para eles. Devemos reparar que apenas os dois jovens que menos tiveram acesso ao que se poderia chamar de uma casa segura, Vitor e Ronaldo, falaram do desejo de voltar para casas ligadas ao que identificavam com uma família de origem mais segura. Tal fato pode ser melhor compreendido à luz do que postula Winnicott (1987) em relação aos jovens: enquanto não estiverem já com ganhos secundários ligados ao seu comportamento anti-social fortemente estabelecidos, buscarão a chance de reparar aquele momento onde algo começou a dar errado. Em relação a Ronaldo, chamou-nos a atenção o fato dele não saber como poderia contribuir com ações no presente

para a consecução do objetivo que procurava atingir, embora soubesse nomear as dificuldades envolvidas: as drogas.

Ronaldo, acompanhado por Diogo, disse nada temer para o futuro, enquanto os outros dois disseram temer perder membros importantes de suas famílias, em especial suas avós, destacadas em primeiro plano de importância por Theo e Wellington. Logo depois Ronaldo reformulou sua resposta, dizendo que na verdade não gostava de pensar nas coisas que ele não queria que acontecessem com ele. Vitor disse que seu maior temor era que ele, sua vida, não desse certo.

Nesta seção vimos que ao refletir sobre o futuro dos jovens somos levados a abordar, mesmo que ainda de modo tangencial algumas instituições. Vimos a importância dos representantes da lei, como juízes e polícia. Antes de adentrarmos as instituições (e o inconsciente institucional) acompanhemos uma breve nota sobre a (im) possibilidade de acesso ao inconsciente dos jovens.

VI.8.4.1. *NOTA SOBRE POSSIBILIDADES E IMPOSSIBILIDADES DE ACESSO AO INCONSCIENTE*

Privilegiamos neste trabalho o convite aos jovens a mostrarem sobre si. Neste convite privilegiamos modos através dos quais pudessem deixar entrever neugas do conteúdo latente de suas constelações subjetivas, seja através da forma e conteúdo do discurso, onde apareceram, por exemplo, os mecanismos de defesa, seja através dos tropeços no discurso – os atos falhos – ou ainda através das nuances na forma de apresentação do discurso – a enunciação.

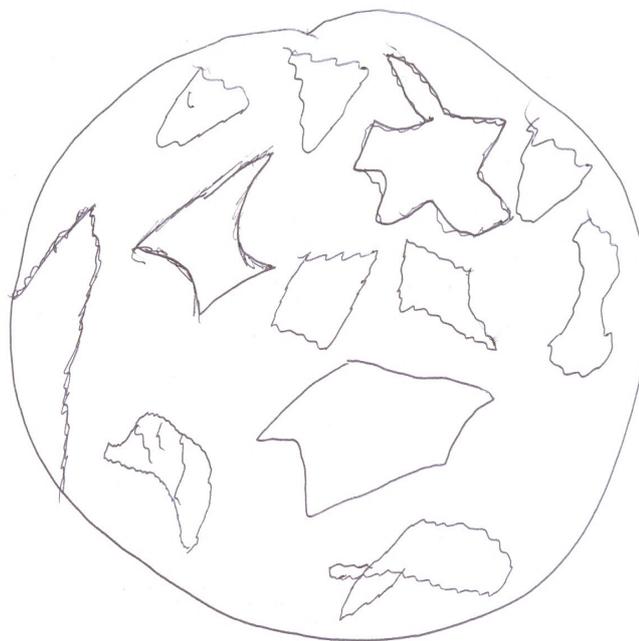
Pudemos perceber que Vitor apelava com alguma frequência a formas eufemísticas de olhar e narrar sua própria vida, desviando-se assim da do difícil processo de encarar a sua realidade em toda a sua dureza e desolação. Recorremos ainda ao convite a relatarmos seus sonhos, considerados por Freud (1900), a via régia de acesso ao inconsciente. Da mesma forma, convidamo-los também a desenhar a respeito da primeira idéia que estivesse passando por suas cabeças. Desenhos, que podemos ler como importante formação do inconsciente, especialmente sob a ótica da psicanálise com crianças e adolescentes.

Embora exista uma corrente de autores que não subscreva a possibilidade de acesso às manifestações do inconsciente fora da situação formalmente analítica, como, por exemplo, Elia (2004:8-9), existem outras formas de posicionamento diante do tema, como a dos autores pós-freudianos que acreditam na possibilidade da psicanálise em extensão, provavelmente inspirados em indicativos deixados pelo próprio Freud (Freud 1930, por exemplo, com seu

Mal Estar na Civilização), e mesmo aqueles que acreditam e tem experiência consolidada em torno do trabalho analítico baseado em poucas ou mesmo em uma única sessão, como Winnicott (1971 – *Consultas Terapêuticas em Psiquiatria Infantil*) que em suas sessões terapêuticas com crianças e adolescentes recorria frequentemente ao jogo do rabisco, tornando-se a dupla – Winnicott e o paciente – autora do desenho. Winnicott estava convicto de que com determinados pacientes uma entrevista poderia produzir rica recompensa.

Deve ficar claro aqui que não nos propusemos a *trabalho analítico*. Nossa proposta foi a de uma pesquisa que pudesse aprofundar-se com a escuta, por um psicanalista, de aspectos inconscientes dos adolescentes em questão. A consecução no de pelo menos quatro condições de possibilidade em momento prévio às entrevistas foi fundamental para o êxito do processo: 1) suposição de saber dos jovens ao pesquisador, 2) endereçamento, 3) o convite a falar, e a 3) a definição – que ocorreu naturalmente – de que o *setting* das entrevistas era precisamente uma dupla que sabia que tinha um trabalho importante a fazer. Neste sentido chegamos a ficar duas horas juntos, perdendo o início do almoço. Resumindo, podemos dizer que houve confiança, que por sua vez pôde embasar movimentos transferenciais. Muitas vezes falaram por cima das palavras do entrevistador-psicanalista. Falaram e associaram (não obstante o roteiro). O que vinha à mente era verbalizado, e (porque) houve escuta a isso. Embora não estivéssemos em franco trabalho analítico, o sintoma do entrevistado não deixou de ser indagado, quando se percebeu possibilidade de benefício terapêutico para o entrevistado. Sobre os desenhos, sabemos que é uma das formas de dizer o não dito, superando barreiras de censura, portador de semiótica própria, não havendo a necessidade de sempre serem (re) significados verbalmente.

Voltando nossa atenção a Diogo veremos, sob a perspectiva de um exercício hermenêutico analítico preliminar, como podemos entender seus processos psíquicos recorrendo ao auxílio do desenho feito por ele dentro de um contexto em que estamos considerando todos os elementos citados nos parágrafos anteriores. Detectamos através do discurso, de sua história, e de seus atos a existência de significativa agressividade que acreditamos estava associada ao grau de revolta e ódio que permeava seus sentimentos e dificultava a obtenção de certo grau de estabilidade em sua dinâmica psíquica. Entendemos que tal turbulência psíquica insiste e reaparece no desenho que lhe foi pedido ao final da entrevista. Ele representa graficamente um mundo com coisas “*tortas, todo bagunçado*”:



Eu espero um Mundo melhor!

Eu desenhei um mundo melhor, estas paradas assim tortas, pá, é o mundo como tá, todo bagunçado. Alguém tem que botar ordem na parada. Pô tio sabe como é tio, a fome a miséria, a pobreza, isso tá errado. (Diogo)

Embora apareça uma linha de contenção no desenho, a fragmentação é que chama mais a atenção, levando-nos a associar com a permanência de características presentes na fase esquizo-paranóide descrita por Melanie Klein²⁶⁸, onde não existe integração entre os objetos, fase também mencionada por Mitscherlich (1970) no início deste trabalho. Acreditamos que

²⁶⁸ Klein (1982:313-339). Neste texto ela descreve a fase esquizoparanóide como sendo momento constitutivo do desenvolvimento normal de todo ser humano, tendendo a ser naturalmente substituída de forma gradativa pela fase depressiva, caracterizada pela possibilidade de finalmente integrar os aspectos bons e maus dos objetos, que antes se encontravam dissociados. Embora a autora associe a permanência de aspectos esquizóides – ligados à fase esquizoparanóide – ao quadro de esquizofrenia, e nós não estendamos esta conexão a Diogo, acreditamos ainda válida a referência desencadeada pelo desenho de Diogo no contexto do que foi possível apreender de sua personalidade no decorrer do tempo de contato e de conversas, com ênfase no aspecto da fragmentação.

Diogo refere a si próprio, a seu próprio ego fragmentado, cheio de coisas tortas. Elegemos com aspecto positivo a capacidade de mostrar esse estado, de simbolizar isso, concomitantemente ao desejo manifesto – e latente – de arrumar estes pedaços. A frase colocada condensa em primeiro lugar o desejo de um mundo interno melhor, mais integrado, para, a partir daí desejar também situar-se melhor na rede social que é o mundo que o cerca. Refere à possibilidade de ver-se melhor integrado em um mundo que o têm excluído como fragmento ou aresta a ser desbastada.

A culpa que aparece em seus sonhos (ver pesadelo no anexo 4) reforça a idéia da possibilidade de que venha a superar a fragmentação.

Ao sonho consciente de Theo de ser aclamado como um grande jogador de um grande time de futebol converge com seu sonho sonhado onde ele é descoberto durante um treino e chamado para um grande time de futebol. Embora tenha falado no início da entrevista que o que mais desejava era ter um trabalho com carteira assinada, estava já fixado na idéia de sucesso no futebol. Uma vez que percebemos esta fixação operando em nível imaginário, do ego ideal, na acepção em que discutimos anteriormente estes conceitos, o vemos correndo sério risco de ficar tomado e paralisado por essa idéia quase obsessiva.

Theo afirmou ainda em diversos outros momentos ter “*mente fraca*”, o que nos levou a pensar que a expressão remete ao seu próprio ego, ainda não totalmente estabelecido, logo ainda fragmentado, incompleto. Fragmentação que apareceu no desenho que lhe foi pedido ao final da entrevista onde parece estar um grande cérebro exposto – *mente fraca*:



Este semicírculo que percebemos como o cérebro foi desenhado por ele representando a favela, o que nos faz pensar no trabalho do inconsciente condensando sentidos sobre esta mesma figura, e permitindo desvelar uma importante conexão entre eles: a *mente fraca*, o cérebro exposto e à mercê da dominação ideológico-cultural que vier é também o morro, a favela onde domina, de fato, a *cultura de comando*. Aos maus tratos severos sofridos na infância somam-se as atrocidades cometidas durante o período em que esteve no tráfico, acirrando o estado de fragmentação egóica em que se encontrava, sempre reforçado e mantido intocado pelos esforços também inconstantes – dos profissionais do abrigo, por exemplo – para mudar seu quadro, pelo abuso de drogas.

Estas, de tempos em tempos, ainda tiravam-no do ar, colocando-o – imaginariamente – em contato mais próximo com seus sonhos. Como dizia ele: “*quando a droga é boa, tu não vê mais nada*”. Desaparece. Dá “*teto preto*”. Assim como a sua mente vinha sendo exposta à *cultura de comando*, era também exposta – como mostrou o desenho – à ação das drogas. Os pontos que pudemos ver como positivos no jovem foram a valorização – embora ambivalente – do grupo de jovens que encontrou no abrigo, de onde dizia que não sairia mais até fazer 18 anos. O outro ponto potencialmente positivo em seu pesadelo recorrente refere-se à probabilidade deste estar demonstrando a existência de sentimento de culpa em relação a determinados atos praticados por ele.

VI.9. INSTITUIÇÕES

Devido especialmente à desigualdade estrutural, e fragmentação das famílias, dentro do contexto social em que ainda prevalece uma cultura de consumo e conseqüente esgarçamento do tecido social, cria-se uma enorme demanda por uma tarefa reparadora e compensadora, que recai, especialmente, e de forma dramática, sobre o sistema de abrigos, que são, muitas vezes, a última fronteira a separar a maioria dos rapazes que lá estão da franca criminalidade.

Sem querermos ser maniqueístas ou alarmistas e correndo o risco de sermos acusados de nos outorgar o lugar de prescrever o bom trabalho nos abrigos como panacéia universal, acreditamos que hoje ou os formuladores das políticas públicas não estão cientes da enorme importância que têm os abrigos no trabalho de resgate social de um grande número de vidas ou algo tem se perdido de forma recorrente na cadeia de transmissão entre as percepções e idéias e a execução dos projetos e programas.

Seguindo ainda a indicação de Winnicott (1984) neste tema, e sintonizando nossa posição às diretrizes presentes no Estatuto da Criança e do Adolescente, consideramos que a mudança mais importante seria o redesenho da arquitetura do sistema de abrigo, com a criação de unidades bem menores com até dez adolescentes, coordenados por responsáveis comprometidos com o trabalho e a função, preparados para o projeto de estarem ali por um longo tempo, assemelhando-se mais a uma família substituta constituída pelo Estado.

Enquanto esta mudança mais estrutural não for analisada, discutida, pensada e quem sabe implementada, percebemos que um dos pontos nevrálgicos de melhoria no

funcionamento do atual desenho é a reorganização do modo de escolha, preparação e avaliação (permanente) dos agentes sociais que mantém contato direto com os jovens.

Percebemos também a necessidade de existir uma pessoa que acompanhe o adolescente independentemente da instituição em que estiver. Seria uma espécie de tutor, que deve ter todas as informações sobre alguns poucos adolescentes que foi designado que acompanhe, procurando ser figura transicional e integradora diante da circulação dos jovens por diferentes instituições. Tal circulação, do modo como ocorre hoje, acaba dando seqüência à fragmentação presente na vida do jovem. E uma boa *transferência*²⁶⁹ entre um agente social e o jovem é algo que em hipótese alguma deveria ser desperdiçado no momento limítrofe que este vive. Procuraremos aprofundar, ainda que pontualmente, o papel das instituições.

VI.9.1. ALGUMAS PALAVRAS SOBRE INSTITUIÇÕES

[O que você acha da posição dos educadores e técnicos que interagem com você? Você confia neles? Acha que eles estão preocupados com o seu presente e futuro? Por quê?] *Tem uns que até que tão, né? Mas tem aqueles que já... Tão no trabalho por necessidade mesmo de ganhar o dinheiro e sustentar a família também, mas tem uns que já, que... Que eles convive com nós muito tempo sempre, assim... Sempre tem uma amizade que tu faz mais forte, sempre tem aquele que tu se apega menos, igual na própria família.*

Wellington

A primeira instituição a ser abordada é o próprio abrigo onde foi realizada a pesquisa. Além de perguntar sobre qual o sentimento dos jovens em relação a real preocupação de técnicos e monitores com eles, perguntamos se eles achavam que os programas de

²⁶⁹ Em psicanálise tal palavra descreve o endereçamento ao psicanalista de sentimentos e afetos do passado, buscando o paciente repetir determinadas relações (que podem ter envolvido o pai ou a mãe, por exemplo) que não foram resolvidas no sentido da constituição das pessoas como sujeitos de desejo. Ao fazer estas reedições a pessoa busca, de modo inconsciente, um desfecho mais saudável, mas, também inconscientemente, sabotar-se, tendendo a repetir o desfecho (ou a falta dele) pouco saudável. Estão em embate então na transferência as forças da pulsão de vida e pulsão de morte. Uma transferência dirigida a um agente social comprometido com os jovens pode ser a oportunidade de sair-se da repetição à serviço da morte (embotamento da criatividade, dos afetos, da capacidade de trabalhar; produção de atos violentos), rumo à capacidade de brincar, amar e trabalhar.

atendimento lhes proporcionavam oportunidade de seguir um caminho que fosse bom para eles.

Três dos adolescentes responderam positivamente em relação aos programas de atendimento e às instituições não sendo, porém, tão positivos ao falarem dos agentes sociais²⁷⁰. Acrescentaram ainda à primeira resposta a necessidade de implicação do adolescente, frisando que ele tem que querer senão nenhum trabalho é possível, como disse Vitor:

Bom, eu acho que eles estão aqui. Não tão pra me atrapalhar, eles estão aqui pra me ajudar. Isso depende muito do adolescente, se o adolescente quer uma ajuda. Se ele quiser ajuda, a equipe vai te ajudar, agora, se você não quiser, como que ela vai te ajudar? Isso depende muito do adolescente.

Vitor

Não resta dúvida de que os jovens identificaram um ponto fundamental para que qualquer processo de mudança tome corpo. Tal ponto nos remete à fala de Fábio (VI.8.3), quando falou que a maior dificuldade não é tirar o jovem da rua, mas a rua – e tudo que esta representa em termos, por exemplo, de liberdade para o jovem. O contraponto que fazemos a esta postura é o de não desistir, mesmo diante do não querer do jovem, já que a resistência à mudança, a insistência no comportamento anti-social, como bem percebido por Winnicott (1987) faz parte exatamente do quadro de adoecimento do jovem e da sociedade. É importante entendermos que o jovem delinqüente está (socialmente) adoecido, e que a delinqüência é um dos principais sintomas de seu quadro, cuja etiologia está profundamente ligada às diversas privações que sofreu.

Dos três jovens que concordaram que os programas e instituições dão reais oportunidades de mudanças para os jovens, apenas um – Vitor – demonstrou confiar plenamente em técnicos e monitores. Um dos jovens ainda não tinha tido tempo para avaliar, e o outro (ver epígrafe), fazia a importante distinção entre dois tipos de agentes sociais, uns muito comprometidos e outros mais interessados em apenas garantir o salário:

(...) então é assim, tem esses que se importa com o nosso futuro o nosso presente, mas tem uns que só se importa com o dinheiro mesmo. [Aí você confia nestes que você vê que se importam?] É. Os outros não. Poucos que eu confio.

²⁷⁰ Ao utilizarmos estas palavras estaremos sempre designando os profissionais que atuam junto com os jovens, sejam eles monitores, educadores, psicólogos, assistentes sociais, os diretores das instituições, inclusive.

Wellington

Um quarto jovem, Ronaldo, apresentou uma resposta que nos pareceu contraditória, merecendo ser destacada: disse achar que o abrigo e os programas de atendimento funcionavam bem, mas que ele não confiava nos agentes sociais. Confiava em apenas um deles, de quem não lembrava o nome, apenas que era negro. Ao ser perguntado titubeou, hesitou, com dificuldades para responder. Para nós a enunciação, a forma como algo é falado é importante para ajudar a significar ou mesmo ressignificar o enunciado. As hesitações de Ronaldo para responder à segunda pergunta nos mostraram que o que falava estava ligado de forma profunda aos seus sentimentos. Disse ele que “*O único que eu confio aqui dentro é aquele tio, o tio pretinho do plantão de hoje*”.

Por fim, Theo mostrou-se revoltado ao falar de seu sentimento de estar sendo logrado pelo abrigo: o abrigo prometeria coisas para ele sem cumprir tais promessas. Sentia ainda que o problema era localizado nos educadores. Nestes, dizia que realmente não podia confiar.

O adolescente Vitor enunciou como o abrigo pode desempenhar importantíssima função junto aos jovens, provendo a eles uma oportunidade de reconstrução diante da intensa privação que alguns – como ele – sofreram. O modo como Vitor demonstrou perceber e sentir o abrigo converge com a tese winnicottiana (1984:111-117, por exemplo) segundo a qual oferecer um ambiente saudável a um jovem que nunca o tenha tido ou que o tenha tido, e em algum momento o perdeu pode ser a única forma de o jovem recuperar algo disso que foi perdido, ou que *desandou*. Vejamos então o que disse Vitor:

Você não tem nada. Não tem casa. Você vai querer roubar pra ficar com tudo, vai querer roubar. Aqui dentro você tem, tu tem a equipe, tem uma equipe técnica tá acompanhando você, precisa de uma escola particular, um curso, tudo para quando chegar no teu futuro, tu tem tudo nas tuas mãos, tu pode, pra arrumar um trabalho, você tem lá atrás os cursos que você fez, você pode ser funcionário em cima daquele curso que você fez, trabalhar, viver sua vida numa boa.

Vitor (grifos nossos)

Esta forma de ver o abrigo não impede, porém, que haja uma série de dificuldades envolvendo os jovens – Vitor inclusive – e os profissionais do abrigo. Pudemos compreender melhor que não bastava o abrigo estar lá a sua disposição com diversos recursos. O jovem precisa reassurar-se o tempo todo de que tudo continua indo bem, precisa perceber que o abrigo e as pessoas responsáveis podem oferecer limites para ele. Ele disse que suas principais dificuldades estavam no próprio abrigo: “*problema com os educadores ou então com a*

Diretora, até com os próprios adolescentes da casa mesmo, a gente quando tem um aborrecimento e tudo, mas dá pra gente apagar com a borracha e ir levando”.

Se por um lado Vitor reconheceu as suas dificuldades, ele não deixou de apontar algumas das deficiências percebidas por ele em relação à proposta de ação do abrigo, permitindo-nos ver como uma proposta possivelmente boa chega a eles de forma, no mínimo, precária. Referia-se ao pouco tempo destinado a atividades dentro do abrigo. Para Vitor a solução para os adolescentes é terem o tempo todo ocupado:

(...) você, um garoto na rua, você (profissional) chama ele prum Abrigo, pô, o cara: ‘Pô, que que eu vou fazer lá? Ficar parado?’ Eu acho que nessa área tinha que ter mais esportividade, mais curso, mais, mais ação, mais... Pô, pra tu ver, a gente passa a semana toda praticamente sem fazer nada, só curso duas vezes na semana, quer dizer, a gente passa a maioria do tempo parado, sem fazer nada. Tanto é que muitos entra aqui dentro com droga, fuma maconha, porque não tem um esporte, não tem uma regra certa; porque?

Vitor (grifos nossos)

Segundo ele, naquele momento havia apenas três adolescentes fazendo atividades regulares. Quando perguntado ao adolescente Diogo se ele estava fazendo algo em seu dia-a-dia para galgar os passos em direção ao futuro que desejava para si, respondeu: “*Acho que não tio, aqui so tou por ficar mesmo, tou aqui, pá*”. Vimos assim que sua própria situação confirmava o que mostrava como problema.

Outra queixa que consideramos importante discutir aqui se refere aos limites entre a utilização da liderança do jovem que está no abrigo entre seus pares. Acreditamos que tal protagonismo pode ter um aspecto bastante positivo em termos de estimular o protagonismo do jovem em prol de ações socialmente construtivas, onde tanto ele como o ambiente que o circunda tenderiam a melhorar. Cremos, por outro lado, que o aspecto potencialmente ruim – e aí situaríamos o limite de tal prática – seria o uso de tal recurso em face da incapacidade dos agentes sociais de lidarem com os conflitos que a todo momento pipocam nas instituições, recorrendo sempre a estes “líderes”, conforme reclamou Vitor quando falava das novas responsabilidades do jovem que se envolve no tráfico:

Ele é diferente dos adolescentes; vamos supor: você sendo responsável por, você tomando uma responsabilidade dessa, você tem que se controlar, tanto do seu lado de adolescente, como você também tem uma responsabilidade ali. Se ocorrer um ato de briga, como acontece aqui dentro aqui, pô, o educador não se mete. Ele chama o adolescente: ‘Pô, dá uma idéia no Fulano lá, num sei o que’; porque, pô, tem horas aí, pô, que o adolescente dá um soco na

cara do educador. Tem educador que não se mete. Pra isso tem que ter um adolescente, o adolescente chega: Pô. Vou fazer isso, aquilo outro. Vamos supor: o cara brigou com a Diretora aí agora...

Vitor

Tudo isso, porém é menos importante que a confiança que Vitor depositava nos agentes sociais, confiança que depende da disponibilidade subjetiva e afetiva de pessoas. Vitor disse neste sentido que confiava por que: *“Eles mostram, conversando, você percebe a pessoa conversando com você que a pessoa tá querendo te ajudar, tá correndo atrás, isso. Eles mostram no dia-a-dia como eles são”*.

A contribuição de Diogo para discutir as instituições abrangeu tanto o abrigo, sobre o qual ora nos debruçamos, como duas outras instituições – o tráfico e a polícia – que abordaremos a seguir.

Sobre a possibilidade de confiar (ou não) nos agentes sociais Diogo contou que tinha um cara em outro abrigo, que devia ser educador ou algo assim, de quem ele gostava muito, e com quem também conversava muito. Contou que o cara disse algo que foi muito importante para ele (as falas de Diogo foram dirigidas ao entrevistador. As falas do educador foram reproduzidas por Diogo em discurso direto através de dramatização do diálogo que aconteceu em passado não muito remoto. Recolocamo-las, pois, como falas diretas do educador reproduzindo assim a dramatização feita por Diogo):

Diogo: *Eu estava nessa também, pô, bagulho de Comando Vermelho.*

Educador: *Diogo. Vou te dar um papo: pô Diogo que que isso te leva, que que isso tá te levando? Você é bandido? Isso não te leva a nada. Você é o que? Você é Comando Vermelho, né?*

Diogo: *Pôxa nesse dia o cara me botou no chão. Sabe como é que é o cara te botar no chão só com palavras? O cara me botou no chão só com palavras. Eu tava assim mesmo, em pé. Aí chegou pra conversar aí.*

Educador: *Pô, bagulho de Comando Vermelho, que que isso te leva?*

Diogo: *Nesse dia estava descalço, sem camisa.*

Educador: *Pôxa, Comando Vermelho tá te dando alguma coisa? Se Comando Vermelho tivesse te dando alguma coisa você estaria com uma blusa (apontando para Diogo) estaria com uma blusa, com uma bermuda decente. Taria com chinelo calçado. Olha só como você tá, todo fudido. Comando Vermelho te leva o que? (...) Diogo, se você vê algum bandido, bandido, velho que chegou aí na idade de 70 anos, 60 você me conta, você me conta que eu*

vou aí, sem neurose, eu nunca vi bandido velho, nunca vi o cara se aposentar na vida, no mundo do crime, nunca vi, eu nunca vi bandido velho e se tiver velho, tá na cadeia. E tem que se segurar lá, que se sair, vai morrer.

Diogo: *Bagulho que me marcou, tá ligado, o cara mandou papo reto pra mim mesmo.*

Diogo e Educador (fala do educador reproduzida pelo próprio Diogo)

Este é um consistente exemplo de um educador que consegue surpreender o adolescente conquistando seu respeito e admiração. Para nós este é o papel que deve ser construído para o agente social que lida com tais crianças e adolescentes. Adiante veremos a também consistente contribuição de Lancetti (1995) neste campo. Coincidentemente, alguns dias depois de realizada esta entrevista, o ex-trafficante Escadinha foi executado (dia 23 de setembro de 2004) quando ensaiava os primeiros passos fora da prisão onde já cumpria regime semi-aberto. Alguns meses depois Robertinho de Lucas (ex dono do tráfico em Parada de Lucas) foi executado em situação semelhante.

Theo nos ajuda a pensar este abrigo e os abrigos de modo geral ao descrever situações em que percebemos como a *cultura de comando* infiltra-se nos mesmos com tal força que obriga uma estereotipia de comportamento²⁷¹. Tal discurso e comportamento monocórdios restringem a possibilidade de inaugurar-se alguma mudança na forma dos jovens viverem entre si, relacionarem-se com as instituições, com a lei e seus representantes.

Mais adiante, nas conclusões discutiremos a necessidade de se pensar em dispositivos²⁷² eficazes para fazer frente às mensagens estereotipadas ligadas à *cultura de comando*, dando espaço à possibilidade de desconstrução ideológica, através de grupos nos quais circule a palavra e onde se possa pensar de modo mais livre.

Wellington, por outro lado, defendeu as qualidades do abrigo, mostrando que muitas vezes o jovem contará com mais recursos em um abrigo do que se estivesse em sua própria casa:

(...) atendimento, tem que aproveitar bem, porque quando tu tá em casa, nem tu em casa tu tem um atendimento assim, que aqui é várias pessoa lutando por várias pessoa também, mas atendendo uma de cada vez o melhor, fazendo o melhor que elas podem, pra como? Dá, fazer o melhor pra eles pra eles construir um futuro pra eles também. Acho que deveria aproveitar muito a oportunidade.

²⁷¹ Ver, por exemplo, p.229. Trechos grifados.

²⁷² Embora não abracemos aqui em toda a sua extensão a proposta de Baremlitt (1992:74,75,151), podemos tomá-la como um ponto de fuga a orientar nossos esforços em especial a idéia da invenção do Novo Radical

Wellington

Este entusiasmo em relação aos abrigos não inibiu, no entanto, sua capacidade crítica ou sua sensibilidade, mostrando perceber (ver epígrafe VI.9.1) e diferenciar os agentes sociais que estão de fato comprometidos daqueles que estariam ali pelo salário e não para cumprirem sua difícil missão de tentar fazer diferença nas também difíceis histórias dos jovens clientes dos abrigos.

Ainda em relação à sensibilidade deste jovem, foi o único que mencionou ter lido um livro e que tal leitura foi importante para ele melhor situar-se na realidade. Relatou ainda ao entrevistador apreciação por uma atividade desenvolvida em outro abrigo onde assistiam a filmes que funcionavam como disparadores para debates acerca da realidade em que os jovens viviam. Demonstrou ter aprendido e amadurecido com a atividade, mencionando detalhes e o impacto em sua vida produzido por filmes como *Pixote*, e *Quem matou Pixote*.

Diogo mencionou duas instituições que são extremamente relevantes para a vida destes jovens. Poderíamos mesmo dizer que tais instituições são questão de *vida ou morte* para eles: o tráfico de drogas, organizando em comandos, facções, e dividido por áreas de controle nos morros da cidade e a polícia. Estas duas instituições disputam com os abrigos a competência para determinar o destino dos jovens.

Ao falar sobre o tráfico, Diogo mostrou sua incredulidade em relação a uma eventual cessação ou diminuição do problema, mencionando, inclusive pontos de aproximação entre as duas instituições mencionadas, que teoricamente deveriam ser antagônicas, além de apontar para pontos de ancoragem do esquema de tráfico de drogas em altas esferas da instituição maior – o Governo:

Eu acho tio. Eu acho, pô, pra mim, acho que o tráfico não acaba mais não, maluco. Porque pensa comigo, porque atrás do tráfico tem, porra... Vem de fora, vem de fora, vem Secretário não sei o que, vem a polícia que é suja. [o Secretário também está envolvido?] Vem vários neguinho, vários peixes grandes, vários peixes grandes, aí pô tipo assim, vagabundo, PM quer pegar, agora caixeiro, bicheiro. É a Federal, só a Federal que vai pegar esses peixe grande. Acho que o tráfico nunca acaba por causa disso, cara, porque por fora é peixe grande alimentando com tudo, fortalecendo com dinheiro pra comprar armamento, ninguém sabe, fica encubado. [Você sabe da participação de algum secretário?] Não tio, mas passa pela minha mente, não só pela minha como pela de qualquer um, tio, sabe como é que é (...), tipo, por dinheiro o cara perde a cabeça, perde até o posto dele que é bastante respeitado, o cara perde até o posto dele, sabe como é que é né tio? Sempre alimentando, não tem outra.

Outra coisa que você pode perceber que o tráfico não acaba: a polícia sobe o morro aí (faz o som de tiros: pópópópópó...). No tiroteio mata um vagabundo. A população do morro se revolta, se revolta: ‘Alá, sei lá o que, mataram o cara...’ se revolta, aí a polícia sobe o morro de novo, morre um polícia, (...). E fica sempre assim: a polícia tendo ódio dos bandidos e os bandidos tendo ódio da polícia. Por quê? A polícia sobe o morro, quebra um parceiro deles, um colega, pá, e o morro também, a boca, quebram um policial que é respeitado na corporação, no batalhão. Os caras ficam com raiva e já sobem pra ... Não sobem por trabalho, amor à pátria, já sobem com ganância, ódio de matar, tá entendendo o que eu tou falando, aí já sobe com o coração cheio de ódio já (interjeições: pá,...): ‘matou meu colega, pá’. Não sobem em condições de fazer o trabalho deles, que é panhá, pegar e prender não é? Não. Já sobe com ânsia de quebrar mesmo, tio.

Diogo (grifos nossos)

Theo ilustrou outros procedimentos da polícia, que ele conhecia, mas dos quais não foi beneficiário. Contou que ficou menos de um mês em regime de privação de liberdade, quando foi pego roubando um carro, mas que normalmente não ficaria nem esse tempo:

Não fiquei nem um mês, que bandido, bandido mes (se interrompe), quando ele sai do morro assim é difícil ele ficar muito tempo: ou é pago pra ele sair ou então eles põem na mineira²⁷³. Que quando roda assim, eles já pergunta: ‘vai pagar agora ou vai deixar pra pagar mais tarde? Se encontrar vivo.’ Aí eu rodei e sei lá o que aconteceu, mas, pelo que eu fiquei sabendo, eu só não fui solto na hora por causa que não tinha dinheiro²⁷⁴.

Theo

O que estes adolescentes falaram convergiu com o tipo de informação encontrada na literatura especializada sobre crime organizado, e sobre a polícia, onde se denuncia a corrupção policial, principalmente através da conivência com os traficantes em troca de pagamentos regulares dos “arregos”, que constituem uma quantia em dinheiro dada aos policiais para não impeçam (ou para que não tentem impedir) o bom funcionamento das lucrativas atividades do comércio ilegal de drogas nas bocas. Juntando todas as informações

²⁷³ Situação em que a polícia “seqüestra” um bandido pedindo que seu grupo pague um resgate para ter este membro (normalmente alto na hierarquia do tráfico) de volta. Um dos momentos mais absurdos deste incestuoso relacionamento teria ocorrido, segundo Barbosa (1998) quando o tráfico de drogas estava sufocado e a polícia estava então também sufocada (recebendo pouco dinheiro de arrego do tráfico), passando a fazer as *mineiras*. Os criminosos teriam passado então a seqüestrar cidadãos do Rio de Janeiro para levantar dinheiro para libertar os colegas.

²⁷⁴ A filiação ao tráfico em seu aspecto imaginário inclui a certeza de que será amado. Alguém estará preocupado com ele e vai pagar por sua liberdade.

pesquisadas chegamos à preocupante imagem de um quadro onde parte da polícia é uma das principais sócias no esquema do tráfico de drogas.

Os momentos disruptivos desta relação incestuosa e promíscua seriam garantidos pelos excessos cometidos dos dois lados, havendo liberação de um “*ódio para quebrar (matar)*” que acaba alimentando o funcionamento da máquina perversa como um moto-contínuo sempre a se realimentar às vezes de ódio (ver trecho grifado da fala de Diogo acima), às vezes de dinheiro. Mais certo é dizer que dos dois elementos concomitantemente e de modo complementar: ódio e dinheiro, dinheiro e ódio.

Se à polícia caberia a imposição dos limites, afigurando-se, de certa forma, como um pai social, o que dizer dela, quando alguns de seus representantes não apenas furtam-se a este papel primordial, como também agem – no sentido contrário – como corruptores, solventes de limites, mantenedores de pactos “perversos”, o que a transforma em um pai ao contrário, um pai social incapaz de proporcionar qualquer limite a confundir permanentemente os referenciais sociais (sob aspectos legais, éticos, morais, institucionais, dentre outros) e conduzindo tanto os que têm suas vidas afetadas por ela como aqueles que acompanham suas atitudes à vivência de intensa arbitrariedade.

A parte da polícia envolvida com traficantes, bandidos, bem como por vezes organizada em grupos de extermínio faz referência em seu nome ao modo de organização do crime organizado, provavelmente inspirada no mesmo. *Comando Azul*. O nome deste “comando” já havia sido fornecido ao pesquisador por um policial civil em conversa informal e serve para descrever parte da polícia, especialmente na Polícia Militar. Foi dito na ocasião que esta parte da polícia não segue regras, incorrendo não apenas nos desvios que abordamos acima, mas também promovendo achques à população, e execução de bandidos como bem foi mostrado por Barcellos (2003a) ao analisar – e desmascarar – os procedimentos da ROTA (Rondas ostensivas Tobias de Aguiar) paulista. Não tardou que incorporassem no rol de desvios e crimes o assassinato de inocentes em larga escala em uma sucessão de chacinas.

O Comando Azul mostrou – e mostra – que não é só das ações de traficantes que se alimenta o “terror”. O Jornal *O Globo* em 02 de abril de 2005 estampou a matéria: “Só pelo Terror”, seguindo-se a descrição de uma das maiores chacinas já ocorridas no país, onde pelo menos 30 pessoas, entre elas crianças e adolescentes, foram executadas a esmo. As suspeitas de autoria recaíram fortemente sobre maus policiais que estariam fazendo represálias a um choque de ordem em seu Batalhão²⁷⁵. Foram assassinados comerciantes, funcionários

²⁷⁵ 15º Batalhão da Polícia Militar em Duque de Caxias.

públicos, marceneiros, pintores, garçons, além de desempregados, criança e estudantes. Tal manifestação do terror policial foi precedida por outra ação atribuída a maus policiais: em 30 de março de 2005 dois homens foram mortos, decapitados, e a cabeça de um deles lançada dentro do pátio do referido batalhão.

Deixemos, porém, o terror de lado por um momento para encerrar esta seção com uma possibilidade de esperança. Pois foi em um dos momentos mais aterrorizantes da história da humanidade que o psicanalista inglês Donald Winnicott foi nomeado responsável pela supervisão dos lares substitutos para crianças e adolescentes evacuados das metrópoles para o interior do país durante a 2ª Grande Guerra. Neste momento crítico destacou-se ele em suas atribuições, conseguindo levar uma mensagem – acompanhada por ações – de apoio e esperança, sem abrir mão dos limites, especialmente àquelas casas que abrigaram crianças difíceis.

O abrigo deverá superar-se em sua capacidade de oferecer continente e contenção aos jovens para assim mostrar que existem limites que possam tanto acolhê-los como contê-los, já que é disso que precisam e é isso o que buscam estes jovens. Porém, para assegurarem-se disso testarão tais limites ao máximo, assim como antes testaram os limites de suas casas, sem um resultado positivo. Só tendo resposta positiva aos testes que realizam, poderão os jovens usufruir da segurança de que precisam para desenvolverem-se em direções mais saudáveis dando uma chance à possibilidade de soluções criativas aos seus impasses. Uma vez que conquistem esta certeza, poderão deixar de lado os ataques e ir brincar. O brincar, segundo Winnicott, está na base da criatividade e da possibilidade de uma boa relação futura com o trabalho.

Para que as equipes consigam de fato acolher e conter os jovens Winnicott enumera alguns pontos fundamentais: primeiro que ficasse claro que todos eram igualmente importantes, do cozinheiro e jardineiro ao supervisor. Percebeu também a necessidade de que houvesse pessoas dedicadas a eles de forma equilibrada e que os pudessem acompanhar durante o tempo necessário sem substituições freqüentes.

Outra contribuição para a tarefa de pensar sem rodeios a tarefa e as dificuldades dos abrigos, encontramos-la com o analista institucional, Antônio Lancetti (1995), analista institucional, que teve importante atuação como Secretário de Ação Comunitária em Santos em 1993, principalmente à frente do projeto “Meninas e Meninos de Santos”. Ele pôde perceber a ligação entre as dificuldades dos educadores que trabalham em instituições como os abrigos, ao grau de hierarquização já existente entre as crianças e adolescentes, que muitas vezes já chegam organizados em grupos com esquemas de poder definidos, como, por

exemplo, líderes e pais de rua. Como nos comandos, estes grupos são regidos por regras bem definidas e que não podem ser desobedecidas, tanto para os que vivem nas ruas como para as meninas que vivem com cafetões.

Os educadores (ou agentes sociais, para ampliarmos o alcance) têm então que criar estratégias para interferir no que o autor chamou de “configurações codificadas” que incluem as regras e os vínculos intra-grupais citados acima. Se não têm sucesso nesta intervenção, correm o risco de ter que recorrer a instituições repressivas mais violentas e fechadas ou de vulnerabilizarem-se perante os adolescentes, correndo riscos reais de sofrerem ataques físicos dos mesmos. Convém lembrar que dentro do pensamento winnicottiano tais ataques podem ter o significado de um pedido para que a instituição cumpra de fato com o seu papel, de oferecer-lhes algum outro caminho que lhes tem sido negado desde os seus primeiros dias.

Não nos causa surpresa quando Lancetti refere-se aos abrigos como possíveis espaços transicionais, com potencial para promover processos de mudança subjetiva nos jovens, abrindo, talvez pela primeira vez, espaço para a criatividade, para o afeto desinteressado, o auto-cuidado e o trabalho, pela própria “reconstrução do tecido vincular” dentro destes espaços de possibilidades: “Desta maneira, o processo de integração desses mundos solitários, repetitivos e sofrentes não é outra coisa que a construção do tecido vincular, base para ação transformadora do processo grupal” (Lancetti, 1995:110).

Lancetti (1995) levanta dois pontos fundamentais que remetem a temas levantados por nossa pesquisa, quais sejam: a) a necessidade de capacitação subjetiva do agente social, para que esteja implicado e subjetivamente comprometido com a tarefa, com um grau de disponibilidade subjetiva que o permita acolher, dentro de determinados limites, papéis que acabam lhe sendo atribuídos, por vezes até mesmo o papel de pai, ou de irmão mais velho com atribuições semelhantes às de pai. Devemos deixar claro, porém, que nossa última afirmação está em desacordo em relação à percepção de Lancetti neste ponto. Para ele o agente social (ele fala em educador) *não* deve procurar substituir aquilo que falta às crianças e adolescentes.

O que nos leva a sustentar posição oposta a de Lancetti neste ponto é a percepção de que quando a dedicação do agente social é genuína e comprometida, provavelmente será responsável por uma ligação duradoura com o jovem, produzindo possibilidades de que ele venha a identificar-se com uma pessoa comprometida com seu pleno desenvolvimento ao invés de buscar outras apenas interessadas em usar seu potencial de (auto) destrutividade nas tarefas marginais do tráfico de drogas, por exemplo.

Para sustentar o ponto de vista apresentado acima recorreremos a alguns autores: de Freud (1923), retomamos particularmente a idéia de que professores e assemelhados serão os substitutos dos pais na transmissão dos valores e elementos contribuindo para a internalização da lei; de Benjamin (1988) recorreremos à teoria de que os pais podem ser substituídos por *outros significativos* na criação dos filhos e Spitz (1980) que trouxe o dramático relato sobre os bebês em um orfanato: só sobreviviam aqueles que eram *afetivamente* adotados por alguma enfermeira que lhes dava *algo a mais* que o simples cuidado mecânico. É disso que estamos falando, da possibilidade de dar-se este *algo a mais*, que também Balint (1968) descobriu na relação médico-paciente, sendo responsável por grande parte da melhora dos mesmos, descortinando um novo horizonte de possibilidades muito além de medicamentos e procedimentos assépticos e objetivos.

Enfatizamos por outro lado as potencialidades do processo grupal, *locus* possível de criatividade, instaurador de novas possibilidades, inclusive ligadas à civilização tardia. É fundamental para permitir a plena instauração deste processo renovador e instituinte criar algum tipo de dispositivo tipo cunha para a progressiva aliança, abertura e flexibilização, de dentro para fora, dos códigos grupais vigentes, em especial dos poderosos códigos que passam – como dizia Lancetti (1995) – a pautar as ações e a forma de compreensão destes jovens.

Referíamos-nos aos comandos e à *cultura de comando* que encontra campo fértil entre estes jovens. Para usar os termos de Berger e Luckman (1967), é como se tivesse que se abrir uma brecha na socialização secundária – que ocorre dentro da cultura supracitada – que tem se processado por cima de uma socialização primária precária e lacunar. Se nenhuma brecha for aberta, todo o novo e instituinte chocar-se-á contra a intransponível barreira de slogans, palavras de ordens, códigos de conduta repetitivos e mortificantes, leis de silêncio, monocórdias e impregnadas de *pulsão de morte* (ver Freud, 1920 – “Além do Princípio do Prazer”). Por outro lado, Lancetti destaca que os grupos potencialmente instituintes devem ser capazes de dar continência à repetição das experiências traumáticas:

Nos grupos de crianças de rua ou das que estão deixando de ser meninos de rua, os educadores estão condenados ao fracasso quando adotam o modelo da assistência social.

Da mesma maneira que este modo de operar produz assistidos ou dependentes das ações substitutivas no caso da assistência social a adultos, quando se trata de população adolescente e infantil as crianças

tendem a depredar as instalações onde moram, ou lentamente vão transformando-se em pessoas sem combatividade, sem vontade de aprender, de trabalhar. Vão transformando-se em sujeitos sem projeto de vida.

(Lancetti, 1995:117)

Só assim poder-se-á oferecer de fato um terreno acolhedor e um momento de parada na roda viva da vida destes jovens brasileiros.

VI.9.2. *O SER POLÍTICO: CIDADANIA PERDIDA OU NUNCA CONSTRUÍDA. É POSSÍVEL RECUPERAR / CONSTRUIR?*

[O que é pra você ser cidadão?] O que é pra mim ser um cidadão?... Ou o que falta pra mim ser um cidadão? O que é pra mim ser um cidadão? [Não, o que faz você ser cidadão, né, aí eu vou te perguntar: se você se sente um cidadão hoje, e por que que você se sente ou por que você não se sente?] Pô, hoje em dia me sinto um cidadão porque eu posso andar de cabeça erguida; eu acho que antigamente eu não era cidadão, eu não era cidadão como os outros, eu só andava com a cabeça abaixada, (...) hoje em dia, acho que já tenho... A luz já iluminou mais a minha vida, já desenvolvi mais, então eu acho que isso é uma coisa que mudou muito a minha vida. [Então ser cidadão seria poder caminhar de cabeça erguida?] Caminhar de cabeça erguida.

Vitor e entrevistador

Três dentre os cinco jovens mostraram-se bastante desinformados e mesmo sem saber direito o que é a política: [como você vê a política? O que você acha dos políticos?] *Não acho nada, não entendo nada disso, não acho nada.* (repete). *Agora que eu tô parando mesmo pra ver jornal*, respondeu Vitor. Os outros dois que se mostraram mais informados e interessados no assunto mostraram desconfiança e desilusão: um deles afirmou que os políticos são ladrões e egoístas:

Político acho que é uma máfia de... Ladrão e só querem, como? Só querem saber deles mesmo. Da sociedade mesmo eles não querem saber nada. Só querem pensar neles, no bolso deles, na família deles. Só querem a proteção da família deles. Que quando o cara é político o cara fica com mais de não sei quantos seguranças. (...) E a própria sociedade entra aí com várias violências na rua. Então acho que os político é muito ambicioso. Só entra pra política pra arrumar um dinheiro mais fácil.

Wellington (grifos nossos)

Diogo fez coro com Wellington, mostrando também raiva em relação àqueles que deveriam representar a população: “*O que eu acho, tio... um bando de safado, um bando de safado, não estão nem aí para a sociedade (...)”.* (grifos nossos). Um dos jovens que se disse desinformado e desinteressado pela política acabou associando a pergunta ao nome de um juiz da infância e adolescência bastante conhecido no Estado do Rio de Janeiro reconhecendo que foi ajudado por ele em alguns momentos.

Em relação ao reconhecimento das autoridades nas esferas federal e estadual as respostas variaram bastante. Enquanto Vitor respondeu que cada um mandava em si mesmo, Wellington disse que é a população quem manda no país, mostrando conhecer a idéia de democracia. Porém quando perguntado sobre quem mandava no Rio de Janeiro apresentou uma resposta mais complexa que incluiu o poder dos traficantes:

É uma pergunta assim estranha porque quem você acha que hoje em dia tem o poder pra decidir as coisas? Porque tem muitas coisas que uma pessoa decide, o prefeito decide, tem outras que o governo já decide, e tem outras que os traficante já decide dentro da favela. Que se o prefeito falar: ‘ó vou fazer isso na favela’. E os cara falar não vai fazer... Então quem decide é um pouquinho de cada um que decide no Rio de Janeiro, um pouquinho de cada um.

Wellington

Fomos surpreendidos por respostas que mostravam inusitada sensibilidade dos jovens para a realidade ao seu redor. A análise de Diogo em relação à questão do poder também contemplou o poder de mando dos traficantes:

[Quem você acha que manda no país?] *Primeiramente Deus...* (silêncio) [?] *em segundo lugar, a corrupção*²⁷⁶. [E no Rio de Janeiro, quem tem mais poder de decidir as coisas?] *Primeiramente, pra te responder, tem o tóxico. Você sabe como é né? Os caras que estão na*

²⁷⁶ Coincidentemente, cerca de dez meses depois explodiu entre políticos e autoridade federais o que foi considerado por alguns analistas como um dos maiores escândalos de corrupção na história do Brasil.

cadeia falam: ‘ó fecha tudo, no Estado não vai funcionar nada’. E não funciona mesmo (...) pra ninguém andar, os ônibus quebrado, apedrejado, queimado. É o tráfico, tio, no Rio de Janeiro quem manda é o tráfico.

Diogo (grifos nossos)

A resposta de Theo, embora não explícita como as de Wellington e de Diogo, também acabou remetendo ao tráfico, mostrando que a estrutura de poder que ele conhecem bem e tem como referência é a desta instituição: disse não saber “*quem é o homem no Rio de Janeiro*”. “O homem” é expressão normalmente usada no tráfico para designar o cara que tem poder em determinada área geográfica.

Em relação à cidadania, dois deles demonstraram não saber o que é. Uma vez explicado pelo entrevistador um deles disse então que era cidadão enquanto o outro disse que não era, porque estava na rua, estava no abrigo (espaços de exclusão), mas que estava tentando ser.

Os outros três deram resposta positiva à pergunta: Vitor aproveitou para falar novamente de como o jovem ficava realmente excluído da sociedade em geral ao estar no tráfico, conforme a epígrafe desta seção. A resposta de Diogo seguiu a mesma lógica de raciocínio: agora ele podia sentir-se um cidadão. Antes, atuando no tráfico, percebia-se como um excluído:

[O que é para você ser cidadão?] *Tudo. Ter respeito... Ter dignidade (repete).* [Você se sente um cidadão? Por quê?] *Agora, agora? Eu me sinto cidadão, né? Sou gente, né? Sou um ser humano, não ainda com emprego com trabalho, com escola, com família.* [O que o faz sentir-se agora um cidadão?] *Pô, as coisas erradas que eu fazia antes.* [Por não fazer estas coisas (erradas) hoje você se sente um cidadão?] *Pô antes eu me sentia um fora da lei. (...) todos os dia.*

Diogo e entrevistador (grifo nosso)

Reparemos que ele disse sentir-se um cidadão justamente por ter se afastado do tráfico. Podemos, porém, perceber que não se sente ainda um cidadão por completo, pois ainda lhe faltam atributos que ele mesmo elege como fazendo parte da cidadania, como emprego, escola e família.

Encerramos então esta subseção com a descrição de Wellington sobre como ele se sente enquanto cidadão:

Me sinto cidadão por poder ir em qualquer lugar, falar qualquer coisa. Pô, não sei nem explicar. Ser cidadão é tu trabalhar, tá com as tuas conta em dia, sempre fazer o melhor.

Neste sentido destacamos o novo sentido atribuído ao significante /tudo/: lembremos que antes na subseção VI.7.4 o sentido atribuído a /tudo/ era ter todos os ganhos advindos da vida bandida, dinheiro, mulheres, status, poder e por aí vai. Agora /tudo/ é ressignificado como tendo todas as coisas boas advindas da cidadania. O /tudo/ X /nada/ é substituído agora pelos dois sentidos de /tudo/. Estamos falando aqui então da possibilidade de deslocar-se, pelo menos em termos de vivência subjetiva pessoal, da invisibilidade do nada para o vislumbre da possibilidade da plena vivência desta nova acepção de /tudo/.

Por outro lado, destacamos a coincidência de formulação até mesmo da forma discursiva para descrever o descompromisso daqueles que deviam representar os interesses do povo com o próprio povo. A frase, grifada por nós acima, merece ser repetida: *não estão nem aí para a sociedade*. Recorremos a alguns dos conceitos usados neste trabalho para pensar a relação subjetiva dos jovens com traficantes com grande visibilidade nos morros para pensar a influência destes políticos sobre a população em geral: se por um lado a percepção do descompromisso social de muitos pode gerar um sentimento consciente de repúdio, por outro lado, em nível inconsciente, acreditamos que os maus políticos – que legislam mais em causa própria do que para a sociedade – exercem um pernicioso efeito multiplicativo de suas posturas mais nefastas através dos mecanismos de identificação.

VII. DISCUSSÃO: FILIADOS, DESFILIADOS: O PARADOXO DA SOCIABILIDADE NO TRÁFICO DE DROGAS

Após percorrermos junto com os jovens algumas das situações mais importantes de suas vidas procurando sempre saber como eles viam e sentiam as situações em que estiveram envolvidos podemos dizer que um dos conceitos mais apropriados para analisar seus diversos momentos é o de *desfiliação*, apresentado no início deste trabalho (II.3). Castel (1991) baseou sua análise, como vimos anteriormente, nos eixos do trabalho e das relações sociais. Postulou que quando falham estes dois eixos chega-se à situação (ou zona) de *vulnerabilidade*. Com o

agravamento das condições de sustentação dos dois eixos, sem trabalho e isolado socialmente, adentra-se a situação (ou zona) de *desfiliação*.

Não percorreremos neste momento a análise histórica feita por Castel (1991) em relação aos sinais de fragmentação da família e precarização do trabalho. Entendemos ser suficiente retomar as mudanças na família e no trabalho discutidas no início deste trabalho (I.2) para compreendermos o importante nível de aplicabilidade das reflexões deste autor à nossa realidade, dentro do contexto de uma sociedade cada vez mais globalizada. Não apenas acertadas, como também visionárias, haja vista que com o passar dos anos parecem aplicar-se à realidade de forma cada vez mais precisa.

Infelizmente, o retrato do pequeno pedaço do mundo que pudemos fazer através de nossa pesquisa de campo parece coincidir com o pior dos cenários concebíveis a partir dos dados e reflexões de Castel (1991), que encerrava sua discussão alertando para a necessidade de ações preventivas e reparadoras para evitar um acirramento da miséria e solidão de pessoas soltas, sem vínculos sociais no mundo, presas fáceis diante da falsa saída pela violência.

Concentrados espacialmente nos morros, foram ficando os moradores das favelas cada vez mais sujeitos a uma nova espécie de guetificação à medida que o domínio dos traficantes nestes espaços ia aumentando rapidamente. Aos poucos a consciência de classe trabalhadora e da origem nordestina que poderíamos assemelhar ao *caldeirão cultural – locus* da união e de reafirmação da identidade – descrito pelo autor como característico do antigo bairro operário argelino foram sendo infiltradas e sufocadas pelo caldo de cultura do crime organizado, especialmente do Comando Vermelho.

Os jovens entrevistados por nós são precisamente fruto deste contexto. Afetados de forma tão violenta que já nem podem estar em casas que possam chamar de suas. Resta a eles a rua, a facção ou o abrigo. São jovens sem trabalho, sem relações sociais consistentes que lhes dêem algum suporte social. Tais como os jovens descritos por Castel, que em suas bagagens pouco traziam de vivências positivas familiares, culturais, escolares e de trabalho. Pelo contrário, aproximam-se aos jovens de que fala o autor ao apresentarem os mesmos determinantes negativos da identidade mencionados por este: baixo desempenho escolar, ausência de qualificação profissional, dificuldade de habitação. O fio de esperança que resta a eles quanto ao porvir pode ser representado por uma palavra: resiliência.

Castel (1991) diria que são jovens que não têm um plano. Seriam então exemplo de jovens que Castel designou como tendo *trajetórias cassadas*. Jovens à deriva.

Mais que isso os jovens pesquisados por nós nos permitem atentar para o perigo de uma visão maniqueísta do mundo. Perigo de querermos rapidamente categorizar em preto ou

branco, bonito ou feio, bom ou mal. A situação de deriva de que falava Castel ajuda a superar tais dualismos. O que podemos dizer com mais certeza sobre os jovens que entrevistamos é que eles estão precisamente à deriva, flutuando em uma tênue fronteira entre não medir esforços para trilharem o custoso caminho que eles mesmos chamam de certo, ou, ao serem fustigados por novas decepções, transtornos, fraquezas, injustiças, preconceitos, e dificuldades fazerem a escolha de retornarem ao crime organizado e provavelmente já de forma mais definitiva e sem limites (cf. VI.8.4).

Devemos compreender que os quatro jovens mais velhos já transitaram por diversas fases, o que pode ser bem entendido através dos momentos descritos na subseção VI.7.4 . O acompanhamento de perto do percurso trilhado pelos jovens nos trouxe diversos ensinamentos e oportunidades para aprofundar a compreensão dos meandros de suas vidas. No afã de se tornarem visíveis, de saírem de certo vazio identitário, acabaram vivendo momentos marcadamente diferentes sobre os quais nos deteremos agora.

Se no momento da entrevista era possível perceber que se encontravam em situação de desfiliação, dois elementos, no entanto, contrapunham-se a esta idéia, amenizando a imagem de absoluta desfiliação: em primeiro lugar, um suporte institucional que ia até certo ponto, e em segundo lugar, e muito mais importante, uma bagagem que traziam no campo dos valores proveniente da sua capacidade de, ao olharem para a sua estada no tráfico de drogas, fazerem uma crítica da mesma, reconhecendo uma série de elementos negativos ligadas a essa “escolha”. Desta forma passamos a afirmar que trazem uma bagagem ainda limitada, mas diferenciados valores recém-internalizados.

Quando estiveram então sem bagagem alguma? Pensamos que no momento anterior à entrada deles para o tráfico de drogas. Pudemos ver que muito cedo os jovens já se encontravam com os laços familiares fortemente deteriorados, sem trabalho ou sem estudo (já que alguns ainda eram crianças) ou com trabalhos ou atividades escolares precárias, atendendo às características pontuadas por Castel (1991) para a zona de desfiliação.

Neste momento o porvir destes jovens, como escreveu o autor, realmente era muito incerto e em sua deriva pelo mundo, não precisando afastar-se muito da porta de casa, aproximaram-se de grupos de pares ou de possíveis pares. Deste modo tentavam, inconscientemente, substituir as relações sociais importantes (familiares e rede social de apoio – parentes, vizinhança, dentre outros) que estavam rompidas, enfraquecidas ou sob questionamento, por outros vínculos sociais, ao mesmo tempo em que resolviam (em grande estilo) o problema do trabalho precário, ou do desemprego.

Resolviam ainda, ao vincularem-se a traficantes de drogas e iniciarem-se neste trabalho, vários outros problemas bem como possíveis complexos psicológicos: garantiam visibilidade perante os adolescentes em geral, em especial diante das adolescentes, iniciando também a solução do problema de não estarem conseguindo até aquele momento atender ao modelo hipermachista de performance, cobrado dos jovens pela sociedade. Resolviam um problema adicional ligado a poder corresponder a este modelo, que é, para além de serem capazes de prover, desenvolver a capacidade de consumir as marcas que asseguram visibilidade e status social. Ao mesmo tempo podiam desta forma distanciar-se das cobranças em relação a seu fraco desempenho escolar (posteriormente agravado pelas drogas) que os fazia sentirem-se diminuídos: no tráfico não lhes era exigido grandes contas ou redações. Outro problema magicamente resolvido de um dia para o outro era o das diversas assimetrias: de repente deixavam de ser aquele sempre mais fraco, que levava a pior e não podia reclamar; podiam também experimentar a inusitada possibilidade de subverter, mesmo que por alguns momentos a assimetria da diferença de classe, uma vez que de posse da arma de fogo o poder e a superioridade passavam para o lado deles e não mais sempre com os outros *playboys*, empresários, executivos, *peruas*, etc. Este último tipo de situação foi discutido de forma interessante por Soares et al (2005:215-216). Descrevia o primeiro a cena em que pela primeira vez em que um jovem apontava uma arma para um outro – no sentido da assimetria mencionada acima – como o momento em que um quase fantasma estaria ganhando densidade de homem, densidade antropológica nas palavras do autor.

Como então compreender que algum jovem, uma vez no tráfico, queira sair do mesmo se tantos problemas existenciais sérios parecem resolver-se de uma hora para outra? Medo de morrer? A escuta aos rapazes, bem como nossa pesquisa prévia não apontam para esta direção. Para tentar responder a essa pergunta vamos sublinhar a expressão de um dos entrevistados: “*nem tudo é ouro*”.

Estes jovens ensinaram-nos que o tráfico de drogas é um campo cheio de engodos e de aparentes paradoxos. No centro de todo o processo está o dinheiro e o poder que vem atrelado a este capital que circula de forma rápida e violenta. Uma vez fragmentadas e descosturadas as relações dos jovens com suas famílias de origem, eles elegeram e voltaram-se para determinado grupo de pares, mais especificamente aos colegas que tinham já algum envolvimento com o tráfico que os apresentaram a novos colegas.

Percebemos neste processo que ocorre na cabeça do jovem não uma socialização secundária complementar à socialização primária operada sob influência da família de origem, mas quase que uma substituição da primeira socialização por esta. Onde estaria então

o elemento destoante neste processo? O adolescente teria se livrado de relações duvidosas com a família de origem e ganho várias novas relações sociais, com jovens prontos para qualquer aventura, dispostos a “curtir a vida a doidado”?

A resposta a esta pergunta foi dada pelos jovens, quando afirmaram em uníssono que não tinham amigos e que não era possível confiar em ninguém, só em Deus. Para Ronaldo, a maldade que todos os meninos têm (uma vez inseridos na *cultura de comando*) não permite que sejam amigos de verdade, apenas colegas. Não é possível confiar um no outro inteiramente.

Diferente do que afirma Barbosa (1998) em seu *Um abraço para todos os amigos*, não existe esta profusão de relações de amizade no tráfico. O medo ronda, atrapalha o sono, alimenta um comportamento paranóico e não é infundado. O seu companheiro de hoje pode ser o seu assassino de amanhã. A própria história do tráfico de drogas é costurada com fios de sangue derramado em traições históricas. *Money talks*. E quando fala os outros escutam e calam fundo. As informações apontam então para uma sociabilidade do / no tráfico de drogas que parece ser de fachada, como visto na subseção VI.3.3 (“*amigo mesmo só Deus*”). As trocas, mais que interessadas, são obrigatórias, modelo que contamina a cultura institucional do abrigo, onde aquele que não “*formar com os parceiros no bonde do corregimento*” será ele mesmo posteriormente alvo de um novo *corregimento*. Assim, cai por terra para os jovens do *bonde* um dos eixos trabalhados por Castel em seus estudos sobre a desfiliação. Para onde vai este *bonde*? O entusiasmo inicial com o novo grupo de pares pode cegar o jovem em sua sensação de independência fazendo com que acelere o processo de rompimento de laços com a família de origem. *Os filiados estão desfiliados*.

Ironicamente os jovens usam a palavra *plantar* para informar que trabalharam no tráfico em determinado lugar: “*Plantei em tal lugar*”. E a palavra *formar* para dizer que se associaram com outros traficantes: “*Aí formei com eles lá do morro tal*”. Ajudando a conformar um espaço cultural à parte, as facções do crime organizado gozam de uma semiótica própria tanto no que concerne aos neologismos e novos sentidos atribuídos a palavras já existentes, como na acepção militar já em desuso que refere a sinais em manobras militares para substituir palavras. Então, *bonde*, *plantar* e *formar*, palavras que poderíamos tomar com sentidos positivos, de movimento, de investir, de juntar, e todas foram apropriadas no léxico do tráfico com sentidos negativos: o “*bonde*” é “do mal”; *plantar* significando participar do processo de venda de drogas, semeando o vício e a destruição alheias; *formar* assume o sentido de associar-se, muitas vezes para fazer guerra contra um grupo inimigo.

Outra pergunta que devemos nos fazer então é: como podem estar desfilados se têm tantas garotas interessadas neles agora que estão trabalhando (no tráfico), com dinheiro? De novo recorreremos às falas dos jovens para entender o caráter ilusório de tais relacionamentos. Na subseção VI.4.2 (*Namorando: o apelo do tráfico*) eles foram unânimes em denunciar a atração das garotas pelos traficantes como mero interesse em desfrutar das benesses que o dinheiro abundante poderia lhes proporcionar, além das prerrogativas por estar ao lado de alguém que tem poder de vida ou morte sobre a maioria das outras pessoas, que está de algum modo em um nível superior.

Vemos, pois, que até a relação social mais íntima, aquela entre o casal, entre o homem e a mulher, é atravessada pelos vetores dinheiro e poder, falseando-a, tirando sua solidez e minando a possibilidade de solidariedade entre os casais, fazendo com que o jovem não possa contar de fato com a companheira, como exemplificou um dos jovens, logo abandonado pela companheira após ter decidido deixar o tráfico. Vejamos então que o jovem vai ficando de fato cada vez mais só: laços deteriorados com a família de origem, sem amigos e agora, na maioria das vezes, sem uma companheira que o ame, ou que o valorize pelo que ele é. A sensação de euforia por estar desempenhando e correspondendo a um modelo de virilidade (tendo outras mulheres também) ajuda a encobrir a real situação dos afetos.

Em relação ao eixo trabalho, lembramos que os adolescentes mostraram-se divididos em relação a classificar o tráfico de drogas como um tipo de trabalho ou não. Lembramos que inicialmente apenas dois deles disseram não ser um trabalho. Logo, os outros três afirmaram ser um tipo de trabalho, pois que *o cara* tem que comparecer ao seu posto, tem que cumprir um horário, tem que seguir regras e o pagamento é feito de forma regular ao fim do mês ou semana. O adolescente Wellington chegou a comparar o tráfico de drogas com uma firma.

Dentre as diversas posições destacou-se a de Vitor, que disse que o jovem está ali (no tráfico, entre os traficantes) “por estar mesmo”, aproximando-se da noção de Castel (1991) quando menciona que o jovem com trajetória “cassada” acaba ficando à deriva, flutuando entre os grupos, e flertando em maior ou menor grau com a delinquência e as drogas. A principal diferença é que nas situações que ora abordando o jovem dificilmente poderá flertar com o tráfico sem comprometer-se. Em pouco tempo é cobrada uma definição do jovem passando-se aos desumanizadores testes de pertencimento e confiabilidade. Se ele quiser ficar ali terá que demonstrar aptidão sujando as mãos e demonstrando crueldade contra “inimigos” por vezes nem tão distantes.

Entendemos que o trabalho no tráfico não se sustenta como um eixo trabalho positivo no modelo de Castel (1991) porque se o jovem consegue através da decisão de trabalhar no

tráfico fazer parte de obscuras cadeias sociais e econômicas, tal condição perdura por um curtíssimo tempo, assemelhando-se a própria trajetória do jovem ao efêmero brilho das marcas que são muito desejadas, adquiridas e logo descartadas.

Novamente recorreremos à visão dos jovens sobre sua trajetória no tráfico para sustentar o argumento de que é um vôo curto, com uma aterrissagem forçada marcada pelo aumento da guetificação, e por outro tipo de invisibilidade, agora forçada – o jovem tem que se esconder da sociedade mais abrangente. Invisibiliza-se agora propositalmente, na vigência de sua participação no tráfico – e frequentemente depois. A lei que passa a controlar o ir e vir do jovem marcado pela polícia e rivais é a lei do tráfico local. Ele começa a ficar restrito ao espaço onde o seu Comando, ou ainda de forma mais restritiva, o seu grupo de influência, tem poder.

Compreendemos então que embora alguns adolescentes tenham insistido afirmado ver a prestação de serviços para o tráfico de drogas como um trabalho como outro qualquer, os próprios adolescentes sabem, alguns implicitamente, outros explicitamente, da dificuldade em sustentar esta posição. A expressão “ouro de tolo” e a palavra “ilusão”, por exemplo, foram associadas por alguns dos jovens às supostas vantagens de prestar serviços ao tráfico de drogas, mostrando a maior complexidade da questão.

Ao perguntarmos se prestar (e se prestar a) serviços que ferem a lei, que desumanizam em níveis profundos o responsável pelo trabalho (como exemplos, o matador, o torturador, o aliciador de crianças), que aterrorizam a comunidade local e a sociedade em geral, poderia ser considerado elemento positivo em análise (de Castel) que está discutindo justamente o pertencimento social saudável, concluímos pela prevalência de uma idéia geral negativa na análise do que significa de um modo mais amplo o trabalho no tráfico. não conferindo, pois solidez ao eixo trabalho, bem pelo contrário,.

Pelo contrário, estamos convictos de que o trabalho no tráfico não apenas deixa de atender ao eixo trabalho na análise de Castel, pois deixa de conferir solidez ao mesmo, e afasta as possibilidades de uma boa relação e vivência neste campo, como também produz o efeito de acirrar a ruptura com o vínculo social até um ponto quase irrecuperável, podendo chegar-se ao completo isolamento.

Se, por um lado a “decisão” de prestar serviços ligados à compra e venda de drogas ilícitas é “recompensada” por uma série de ganhos secundários, que, não obstante se apoiarem em ganhos materiais concretos, vão muito além destes, entendemos, pelo outro lado, que tal decisão consiste, em grande parte dos casos, possivelmente em reação maníaca frente à privação afetiva que continua existindo. Sentimento acirrado pela percepção por alguns

jovens de que se é “respeitado” apenas pelo que se porta (arma), e amado apenas pelo que se tem (dinheiro e poder). Outros jovens podem mergulhar em um quadro de profunda e crescente alienação e negação até como forma de desumanizar-se sem tanta culpa consciente.

Contrastando com este cenário destacamos a atribuição de valor positivo por Diogo ao trabalho de um jovem que vem se mantendo durante muito tempo quase que imune ao apelo do caminho do tráfico, tendo assistido à subida e queda de vários “frentes de morro”, próximo do tráfico e ao mesmo tempo distante do tráfico. Trabalhava catando latinhas, ferro, vendendo refrigerantes e procurando, como disse Diogo, usar a criatividade na busca de outros caminhos que lhe propiciassem a sobrevivência econômica e social.

O reconhecimento de Diogo – um ex-traficante – ao modesto trabalho do jovem mencionado acima – que poderia ser apenas mais um jovem invisível – justamente o tira do campo da invisibilidade. Ele ganha aos olhos de Diogo – e provavelmente também aos olhos de outros adolescentes menos “dominados” – destaque e admiração.

Consideramos que a valorização por Diogo do trabalho deste jovem, que executa atividades socialmente ainda pouco valorizadas, ajuda a adicionar importante elemento na discussão com Castel (1991). Podemos então pensar que, dependendo da maturidade de quem olha, mais vale para o pertencimento social e institucional um trabalho ainda marginal²⁷⁷, embora legal, e legítimo, do que o trabalho marginal e transgressor no tráfico. O rapaz das latinhas, neste sentido estaria então muito mais dentro do vínculo social sólido do que o rapaz das drogas.

Devemos então re-significar, relativizar a fala do jovem da entrevista piloto para o trabalho de campo (ver nota 3). Dizia este jovem que para ele – e para todos os garotos da favela – “trabalhador é *pela sacco*”. Explicou em seguida ao entrevistador que *pela sacco* é otário, mané. As entrevistas e o trabalho de campo realizado permitem perceber a existência não apenas de diversos tipos de pessoa e modos de pensar nos grupos sociais, mas também momentos diferentes, com formas de pensar também diferentes alternando-se em cada pessoa. Exemplo disso é a sucessão de fases e sentimentos dos jovens que entrevistamos em relação ao que é o tráfico de drogas e o que significa a inserção deles naquela teia, série que vimos começar pela idéia de invisibilidade e terminando com o significante /foragido/.

Os jovens passaram momentos em que desvalorizaram o trabalho modesto e honesto. Após viverem intensamente a ilusória ascensão enquanto traficantes, conscientizaram-se aos poucos do caráter enganoso do processo, desiludindo-se com as promessas e vivências no

²⁷⁷ Hodiernamente os trabalhos envolvidos em algumas etapas dos ciclos de reciclagem têm sido menos desvalorizados em alguns lugares, e muitas vezes trazidos à formalidade, através, por exemplo, de cooperativas.

tráfico. Convergiram então em torno da recuperação da possibilidade de valorizar o trabalho honesto, trabalho com carteira assinada, mesmo ganhando muito menos do que ganhavam no tráfico. Estavam vivendo a descoberta recente sobre algo que não tem como ser precificado: a possibilidade de deixarem os becos sombrios da marginalidade criminosa²⁷⁸, para poderem andar à luz do dia com suas cabeças erguidas, sem nada dever a ninguém. Neste sentido relativizamos também a afirmação feita por Velho (1996:20) no que concerne à desvalorização dos jovens em relação ao tipo de vida de trabalhador modesto de pais e avós, para quererem, em oposição a estes, destacarem-se. Esta desvalorização estaria ligada à cultura em que o jovem está inserido e ao momento por que passa o jovem, sem ser passível de generalização.

VIII. CONCLUSÃO

O desenho da pesquisa reflete a mensagem que queremos passar – não se trata de números, quantidade. Trata-se sim de qualidade, de nomes próprios, de vidas individuais. Nosso trabalho cuidadoso reflete isso. Assim como a polícia conhece cada rapaz que anda sobre o fio da navalha, esperando um escorregão para confirmar sua profecia que se auto-realiza (“*tu é peça ruim mesmo!*”) e acabar de liquidar o jovem. Uma pequena amostra do quanto podemos avançar em termos de buscarmos e termos uma polícia melhor, reproduzimos a informação de que no Reino Unido adolescentes difíceis (com tendências anti-sociais) confiam mais nos policiais que nas assistentes sociais – estas têm a fama de serem implacáveis e insensíveis com os pais. A polícia que desejamos não é uma que possa tornar-se sócia do tráfico, mas uma que possa fazer coro com a frase de Luiz Eduardo Soares em Soares et al. (2005): “vamos disputar menino a menino com o tráfico”.

Sem querermos nos alçar à condição de heróis, ou buscar qualquer sensacionalismo, assumimos o risco de vermos nossa tomada de posição desqualificada como panfletária ao afirmar que estamos convictos de que já há muito tempo não existe lugar para meias palavras

²⁷⁸ Estamos cientes de que o termo marginalidade criminosa não se aplica somente a eles. Os que acabam mantidos à margem da sociedade, que não são incluídos, como muitos destes jovens não foram, jovens que experimentam o tormento da fome, que experimentam o estado de miséria também estão na marginalidade criminosa. Com a diferença de ser o Estado que está incorrendo em crime ao negligenciar estes cidadãos. Por este raciocínio podemos pensar que passaram de um lado para o outro, permanecendo no mesmo campo: da marginalidade criminosa a partir da negligência criminosa do poder público.

neste sensível campo. O problema está claramente colocado, mesmo que descortine infinita complexidade própria do humano. Do mesmo modo tem que estar claramente colocados o debate, as propostas e possíveis formas de operacionalização das mesmas. Com segurança, sim. Mas sem meias palavras. Sem procurar contornar. A situação – humanamente insustentável – tem que ser tomada em diversas frentes.

No Reino Unido o atendimento intersetorial está previsto em lei. No ano de 2003, em um subúrbio de Londres chamado Brent a polícia enfrentava crise institucional porque tinha havido três assassinatos no município ao longo daquele ano. Lá no momento em que o pesquisador fez entrevistas com responsáveis por alguns projetos (outubro de 2003) o tráfico era um problema crescente ligado principalmente à chegada de refugiados vindos das guerras na Somália. Vemos aí que a globalização é “includente”: tudo é globalizado, tanto produtos e práticas comerciais legais e economicamente interessantes aos países, como produtos e práticas ilegais e socialmente destrutivas.

A questão torna-se mais interessante quando lembramos que a partir do século XIX a Inglaterra garantiu a exportação de grande quantidade de ópio para a China através das Guerras do Ópio, colocando por terra as proteções implementadas pelo mandarim Lin Zexu, seguindo orientação do imperador Daoguang para proteger o povo chinês dos efeitos nefasto do ópio: confisco, expulsão e prisão de traficantes de ópio. A Alemanha era a maior refinadora de cocaína antes da 1ª Guerra Mundial (Barbosa, 1998:71). Hoje o gigante chinês, outrora sedado pelo ópio, e vendo sua produção artesanal desestabilizada e arruinada pela invasão dos produtos industriais europeus desperta e sacode o mundo com sua força, invadindo países de todos os continentes com produtos em escalas de produção antes impensáveis reconfigurando radicalmente o desenho da economia mundial.

Voltando-nos agora à exportação da lógica de guerra. Foi isso que alguns entrevistados em Brent informaram fazerem os somali que aderiam ao tráfico local. Colocavam a serviço do comércio ilegal de drogas sua experiência de guerra. Lá, como no Brasil, havia um grande número de adolescentes grávidas que não se importavam de serem rapidamente trocadas. Queriam, mesmo que por um breve período de tempo, estar no banco do carona dos traficantes locais, compartilhando de sua “prosperidade”.

Uma das iniciativas do poder público londrino em andamento para enfrentar o problema do tráfico em Brent era a demolição dos grandes prédios de apartamentos populares, onde os traficantes facilmente se escondem, confundidos com a grande massa de trabalhadores honestos. Embora este trabalho não se proponha a uma sociologia

comparada²⁷⁹, acreditamos que podemos aprender com os sucessos localizados que vêm tendo representantes do poder público e sociedade civil organizada em Brent com a abordagem integral ao jovem, facilitada pelo recurso a um dos princípios áureos do paradigma da promoção da saúde: a intersetorialidade. Além deste, parece-nos que vários outros princípios deveriam ser colocados em prática, como, por exemplo, políticas que possibilitem o empoderamento dos jovens e / ou de seus pais ou políticas de co-gestão entre poder público e comunidade na busca da sustentabilidade econômica destas.

Voltando ao foco específico desta pesquisa que queremos como um tijolo em um amplo programa a ser construído ou reconstruído, enfocamos a pernicioso propagação daquilo que chamamos de *cultura de comando*, já não apenas enraizada e propagando-se a partir da quase totalidade das favelas (em determinados pontos das mesmas), mas também presente na sociedade como um todo especialmente em instituições do Estado como abrigos, presídios (seu nascedouro e lugar de persistência e articulação), e polícias, influência não apenas restrita ao chamado Comando Azul, mas também atravessando a cultura organizacional das mesmas²⁸⁰.

Em relação às drogas concluímos pela necessidade de inaugurarem-se outras formas para enfrentar-se o vício em crianças e adolescentes pobres. Embora não tenhamos feito nenhuma pesquisa quantitativa específica sobre este tema, os quatro meses que o pesquisador passou freqüentando um abrigo ensinaram-lhe que de modo geral as atuais formas de abordar o problema não têm tido sucesso. E não por falta de vontade dos rapazes. Muitos parecem realmente querer deixar as drogas, mas não conseguem. Acreditamos que grupos terapêuticos com circulação da palavra facilitada por psicanalistas poderiam ter caráter instituinte com interessante (embora não garantida) possibilidade de êxito nesta frente de combate.

Em relação aos abrigos entendemos ser necessário sua valorização dentro do conjunto das políticas públicas, considerando-se, como vimos acima, mesmo a possibilidade ou necessidade de redesenho da arquitetura dos sistemas de abrigamento municipal e estadual. Pensamos como uma direção adequada a busca de vinculação do jovem a instituições específicas, sendo necessário um grande esforço para que ele possa passar a de fato ter e ver tal lugar como sua própria casa. E – mais importante – como uma casa em que possa confiar. À referência de casa deve somar-se uma referência de pessoa que deve acompanhar o jovem

²⁷⁹ Outra contribuição a partir deste tipo de abordagem viria da idéia de que também existem manifestações culturais como, por exemplo, a *street culture*, que estabelecem diversos tipos de ligação de proximidade com a idéia de *cultura de comando*. Percebemos através da etnografia sobre o tráfico de drogas feita por Bourgois (1995) no Harlem Leste que a *street culture* elevava exponencialmente o grau de violência e agressividade existente naquele bairro, analogamente à *cultura de comando*.

²⁸⁰ Para maiores e atuais informações sobre a polícia ver de Soares et. al (2006), *Elite da Tropa*, ed. Objetiva.

como um tutor ou como um pai substituto. Dentro das casas para os jovens devem ser criados dispositivos para questionar de dentro para fora a *cultura de comando*, propagando questionamentos em nível local e molecular como, por exemplo, os que nossos jovens entrevistados fizeram.

Se esse trabalho procura propagar a voz deles dentro da comunidade acadêmica, esta mesma voz deve ser conhecida entre seus pares, de forma organizada, supervisionada e apoiada. Devemos buscar a oportunidade de abrir um espaço para que os próprios jovens tenham a chance de desconstruírem eles mesmos esta mensagem homogênea, monocórdia, massificadora e estereotipada veiculada na *cultura de comando*.

Grupos onde estão um ou dois psicanalistas ou profissionais com sensibilidade para as questões do inconsciente, onde possa circular a palavra, como sugeriu o psicanalista uruguaio Marcelo de Viñar (1999), são uma tentativa ativa de precipitar esta possibilidade. O importante é a criação de dispositivos não ideológicos que possam contribuir para arejar a reprodução discursiva criando possibilidade de aumento do coeficiente de transversalidade diante do fechamento ideológico e cultural presente na *cultura de comando*. Grupos para pensar o que até agora tem se mostrado impensável.

Se sugerimos por um lado, um repensar macroestrutural em torno dos abrigos, com o aumento da importância que lhes tem sido dada. Sabemos, por outro lado, que dentro destes trabalham os agentes sociais (técnicos e não técnicos) que devem ser revalorizados, pois um abrigo, mesmo em sua melhor concepção formal, só pode funcionar com técnicos aptos.

Em uma capacitação a agentes sociais de entidades públicas e privadas, realizada em 1998, na qual o pesquisador era um dos coordenadores de grupo, dispositivos psicanalíticos e psicodramáticos permitiram a emergência de importantes frustrações que vinham sendo experimentadas por estes agentes, que se sentiam tão ou mais abandonados e desprestigiados que a população que atendiam. Tal frustração pôde ser condensada na expressão “recolhedores de lixo”, e estava ligada à existência e recorrência de um processo inverso ao processo desejado, ou desejável: digamos que ao invés de os técnicos serem tomados como possíveis modelos de identificação por aqueles a quem atendiam, ocorria que os próprios técnicos acabavam identificando-se com a miséria da população atendida.

Deparamos novamente com o significante /lixo/, não mais em uma autoqualificação feita por um adolescente, mas agora portando o significado de autopercepção reprimida – emergiu como efeito do processo grupal desenvolvido – de desvalor do agente social, o que nos mostra um ponto de encontro aí no lugar do excluído, descartado, imprestável. Sob o mesmo significante amarram-se então o adolescente pobre, invisível e excluído e o agente

social que dele deveria cuidar, vendo-se também desvalorizado e excluído – um lixeiro social. Como recuperar lixo?

Em um dia de especial irrupção agressiva no abrigo, uma técnica comentou que parecia que só tinha bicho ali. Um adolescente ouviu e começou a interpelá-la, com raiva, pois se ofendera com o seu dizer. Respondeu a ela que então aquilo era um zoológico e que ela estava também neste zôo – ou seja, era bicho também. Por diversas vezes em situações de maior conflito, com maior irrupção agressiva no ambiente do abrigo, o pesquisador ouviu em campo o desabafo de técnicos dizendo que não tinham estudado tanto para *aquilo* e que não iriam “aturar” determinadas coisas.

Tanto na situação da capacitação mencionada, como no dia-a-dia do abrigo as falas dos agentes sociais evidenciaram alto nível de atravessamento. O processo de capacitação²⁸¹ foi impactante tanto para os técnicos como para os coordenadores que conduziram o processo. Presenciamos, por exemplo, o relato de uma psicóloga durante uma dinâmica em que contou que voltava a respirar pelo nariz, após quatro anos de *bloqueio* desta via. Este é o tipo de trabalho que acreditamos ser necessário para os agentes sociais, mesmo que do processo surja a percepção de momentânea (ou não) de indisponibilidade interna para o trabalho ao qual estavam propondo-se. O importante é que se crie um contexto em que ele possa deparar-se profundamente consigo próprio, podendo avaliar seu nível de satisfação, de comprometimento, de crença no que faz. As chances dos jovens nos abrigos dependem disso em uma proporcionalidade direta.

Poder-se-ia apontar certa redundância em relação ao formato deste trabalho, já que os jovens entrevistados são de abrigo e conseqüentemente seria de se esperar que viessem de famílias fragmentadas. Dizemos, no entanto, que eles são muito mais do que isso. São legítimos representantes de grande parte da juventude metropolitana brasileira pobre. Eles *estavam* no abrigo no momento da entrevista. Se existem outros tantos que estão “melhor” que eles, seguindo uma vida mais reta, com suas famílias de origem, existem muitos outros também que não tiveram a oportunidade de abrigo: alguns já estão mortos, outros estão em privação de liberdade no Padre Severino, enquanto muitos outros que estão em plena atividade no tráfico de drogas, esvaziando-se no processo de desumanização e cada vez mais profundamente capturados pelo crescimento dos ganhos secundários. Maquinizando-se e afastando-se cada vez mais da possibilidade de “recuperação”.

²⁸¹ Um relato mais abrangente da experiência pode ser consultado através de documento interno da SOBEPI de 1998.

Impossibilitados no momento de fazer mais extensas articulações teóricas entre os dados e alguns autores citados no capítulo II, encerramos este trabalho com a percepção de que continuam atuais e necessárias a proposta e as idéias dos autores da Escola de Frankfurt que um dia lançaram-se ao projeto de entrelaçar as ciências sociais – em especial sob leituras marxistas – e a psicanálise, associando as profundas mudanças no marco sócio-econômico ao profundo desequilíbrio psíquico-afetivo dentro das famílias.

Hodiernamente, com o agravamento – principalmente em países de Terceiro Mundo e nos países em desenvolvimento – da iniquidade das condições de trabalho e de sobrevivência, o desequilíbrio e a fragmentação não apenas das famílias, mas nas pessoas e da sociedade como um todo têm se aprofundado. Se não estamos assistindo a uma guerra declarada como ocorreu em meados do século XX, com o extermínio de milhões de pessoas, assistimos a uma guerra branca que é diretamente alimentada pela violenta desigualdade, exterminando aos poucos, dia-a-dia, significativo contingente populacional de jovens pobres.

BIBLIOGRAFIA:

ADORNO, T W. e HORKHEIMER, M. 1944. *Dialética do Esclarecimento – Fragmentos Filosóficos*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1985, traduzido do original alemão por Guido Antonio de Almeida.

_____, 1956. Tradução consultada: 1969. *La Sociedad – Lecciones de sociologia*. Buenos Aires: Editorial Proteo. 2ª ed. 1971. Traduzido do original em alemão: *Sociologische Exkurse* de 1956 por Floreal Mazía e Irene Cussien.

ALANEN, L. 1999. Estudos feministas / estudos da infância: paralelos, ligações e perspectivas. Agora In Castro, L. R. 2001. *Crianças e Jovens na construção da cultura*. Rio de Janeiro. Editora Nau. (Trad. bras. do artigo original em inglês): 69-92.

ALMEIDA, G. 2005. A Ponte partida do Rio – Líderes Comunitários que se dividem entre coniventes e ameaçados ficam no limbo entre a favela e o asfalto. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 27 de março. Caderno Cidade, p. A17 e A18.

ALMEIDA, M. e MENDES, T. 2005. Mais quatro garotas de classe média no tráfico. *O Globo*, Rio de Janeiro, 16 abr. Caderno Rio, p. 15.

ALVITO, M. 2001. *As Cores de Acari*. Rio de Janeiro: Editora FGV.

ALTOÉ, S. 1990. *Infâncias Perdidas*. Rio de Janeiro: Editora Xenon. 2ª ed.

AMORA, D. e MENDES, T. 2005. Só Pelo Terror. *O Globo*, Rio de Janeiro, 02 abr. Caderno Rio, p. 13.

ARIÈS, P. 1960. *História Social da Família e da Criança*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 2ª ed., 1981.

ARENDT, H. 1949. *As Origens do Totalitarismo*. (Trad. Bras. de *The origins of totalitarianism*) São Paulo: Editora Schwarcz. 2000.

ARILLA, M. 1998. Homens: entre a “zoeira” e a responsabilidade In ARILHA, M. et ali (orgs.) 1998. *Homens e Masculinidades – outras palavras*. São Paulo: Editora 34: 51-77.

Pixote, a Lei do Mais Fraco. Brasil, 1981, 127 min. Direção: Hector Babenko. Distribuição: Embrafilme.

BALINT, M. 1968. *The Basic Fault*. Evanston, Illinois. 1996.

BAREMBLITT, G., 1992. *Compêndio de Análise Institucional*. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 2ª ed., 1994.

BARBOSA, A. C. R. 1998. *Um abraço para todos os amigos: algumas considerações sobre o tráfico de drogas no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro - Niterói: EDUFF

BARCELLOS, C. 2003. *Abusado: O Dono do Morro Dona Marta*. Rio de Janeiro: Editora Record.

_____. 2003a. *Rota 66 A História da Polícia que Mata*. Rio de Janeiro: Editora Record. 2ª ed.

BAREMBLITT, G., 1992. *Compêndio de Análise Institucional*. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 2ª ed., 1994,

BARKER, G. 1998. Non-Violent Males in Violent Settings: An Exploratory Qualitative Study of Pro-social Low Income Adolescent Males in Two Chicago (USA) Neighborhoods. In *Childhood: A global journal of child research*, Vol. 5, Number 4, 437-461.

_____. 2000. Gender Equitable Boys in a Gender Inequitable World: Reflections from Qualitative Research and Program Development with Young Men in Rio de Janeiro, Brazil In *Revista Sexual and Relationship Therapy*, vol. 15, n. 3: 263-282. Carfax Publishing. Londres.

BAUDRILLARD, J. 1970. *A Sociedade de Consumo*. (Trad. Bras.) Rio de Janeiro: Editora Elfos, 1995.

_____. 1993. *À Sombra das maiorias silenciosas: o fim do social e o surgimento das massas*. São Paulo: Editora Brasiliense.

BECKER, H., 1999. *Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais*. São Paulo: Hucitec.

_____. 1963. Outsiders in *Outsiders: studies in sociology of deviance*. New York: The Free Press: 1-18.

BENJAMIN, J. 1988. *Bonds of Love*. New York: Editora Pantheon Books.

BERGER E LUCKMAN, 1967. *A Construção Social Da Realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. (Trad. Bras.) Petrópolis: Editora Vozes. 1985.

BLEGER, 1979. *Temas de Psicologia – Entrevistas e grupos*. São Paulo: Editora Martins Fontes. 5ª ed. 1991.

BOURDIEU, P. 1977. *O Desencantamento do Mundo: estruturas econômicas e estruturas temporais*. Trad. bras. de *Algérie 60*. São Paulo: Perspectiva. 1979.

BRANNON, R. e DAVID, D. 1976. *The Forty-nine percent majority*. Reading, MA: Addison-Wesley.

BURGOS, M. 2002. Favela, cidade e cidadania em Rio das Pedras In BURGOS, M. (org.) 2002. *A Utopia da Comunidade: Rio das Pedras, uma favela carioca*. Rio de Janeiro: PUC-Rio: Loyola.

_____ (org.) 2002. *A Utopia da Comunidade: Rio das Pedras, uma favela carioca*. Rio de Janeiro: PUC-Rio: Loyola.

CALLIGARIS, C. 1991. A sedução totalitária In Aragão, L. T. (org.) *Clínica do Social: Ensaio*. São Paulo: Editora Escuta: 105-118.

CAMERINI, F. 1996. A importância do contexto histórico-social e relacional na estruturação psíquica da criança e na formação do seu sintoma. Rio de Janeiro: Dissertação de Mestrado, PUC - RJ, Depto. de Psicologia.

CANCLINI, N. G. 1995. *Consumidores e Cidadãos: Conflitos multiculturais da globalização*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.

CANEVACCI, M. 1976. *Dialética da Família*. (Trad. Bras.) São Paulo: Editora Brasiliense 1981. 2ª ed. (consultada) 1982: 13-52.

_____ 1993. *A Cidade Polifônica – Ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana*. São Paulo: Editora Livros Studio Nobel, 2ªed., 1997.

CARVALHO, M. A. 2002. Prefácio In BURGOS, M. (org.) 2002. *A Utopia da Comunidade: Rio das Pedras, uma favela carioca*. Rio de Janeiro: PUC-Rio: Loyola.

CÁSSIA, C. de. 2005. Meninos da Rocinha brincam de guerra de facões. *O Globo*, Rio de Janeiro, 26 de março. Caderno Rio, p. 13.

CASTEL, R., 1991. Da Indigência à Exclusão, A Desfiliação – precariedade no trabalho e vulnerabilidade relacional. *Saúde e Loucura*, 4. São Paulo: Editora Hucitec: 21-47.

CASTELLS, M. 2000. *A Questão Urbana*. São Paulo: Editora Paz e Terra.

CASTRO, L. R. 2001. *Crianças e Jovens na construção da cultura*, Rio de Janeiro: Editora NAU.

_____. 1998. *Infância e Adolescência na Sociedade de Consumo*. Rio de Janeiro. Editora Nau.

CORSO, D. 1997. Parentalidade envergonhada In FLEIG, M. 1993. Org. *Psicanálise e Sintoma Social*, São Leopoldo: Editora UNISINOS: 169-182.

COSTA, J. F. 1984. *Violência e Psicanálise*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1986.

_____. 1988. Narcisismo em Tempos Sombrios In Fernandes, H. (org.). 1988. *Tempos do Desejo – Sociologia e Psicanálise*. São Paulo: Editora Brasiliense, 2ª ed. 1991. pp.109-136.

_____. 1991. Resposta a Octávio de Souza In Aragão, L. T. (org.) *Clínica do Social: Ensaios*. São Paulo: Editora Escuta: pp.93-103.

CRUZ NETO, O; MOREIRA, M.; SUCENA, L. 2001. *Nem Soldados Nem Inocentes. Juventude e Tráfico de Drogas no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro. Editora Fiocruz.

CRUZ NETO et al, 2001. *Grupos Focais e Pesquisa Social: O Debate Orientado com Técnica de Investigação*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz.

DAMATTA, R. 1987. A Família como valor: considerações não-familiares sobre a família brasileira In Almeida et al. *Pensando a Família no Brasil; Da Colônia à Modernidade*. Rio de Janeiro, Editora Espaço e Tempo UFRRJ.

DE LAURETIS, T. 1987. A tecnologia do gênero. Agora In BUARQUE DE HOLANDA, H. (org.) *Tendências e Impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Editora Rocco. 1994: 206-242.

DICKENS, C. 1837. *Oliver Twist*. Londres: Editora Penguin Books. 2003.

DOUVILLE, O. 2004. Para Apresentar Algumas Idéias de Pierre Legendre sobre Nossa Modernidade. Palavras de um Psicanalista Ocidental In ALTOÉ, S. *Sujeito do Direito, Sujeito do Desejo*. Rio de Janeiro: Editora Revinter. 2004: 133-144.

DOWDNEY, L. 2003. *Crianças do tráfico: um estudo de caso de crianças em violência armada organizada no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Editora 7 letras.

DUBET, F. 1987. *La Galère: jeunes en survie*. Paris: Editora Fayard.

DUMONT, L. 1983. *O Individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna*. (Trad. Brasileira) Editora Rocco, Rio de Janeiro, 1985.

DURHAM, E. 1982. Família operária e casamento. Terceiro Encontro Nacional da ABEP, São Paulo.

ELIA, L. 2004. *O Conceito de sujeito*. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar.

ELIAS, N. 1939. *O Processo Civilizador- Formação do Estado e Civilização*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores. 1993.

_____. 1987. *A Sociedade dos Indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores. 1994.

EXTRA, 2002. A Constituição do Crime: bandidos do Comando Vermelho se unem aos do PCC, de São Paulo, e criam até estatuto. *Extra*, Rio de Janeiro, 9 set., p. 3.

FERREIRA, A.B.de H. 1999. *Aurélio. Dicionário Eletrônico Séc. XXI*. Editora Nova Fronteira / Lexicon Informática Ltda.

FLEIG, M. 1993. Org. *Psicanálise e Sintoma Social*, São Leopoldo: Editora UNISINOS, 1997: 59-69.

FREUD, S. 1896. A Hereditariedade e a Etiologia das Neuroses. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas (E.S.B.)* vol. III, Rio de Janeiro, Imago Editora, 1986.

_____. 1900. A Interpretação dos Sonhos. *E.S.B.* Vols. IV e V, Rio de Janeiro, Imago Editora, 1987.

_____. 1901. *Psicopatologia da Vida Cotidiana*. *E.S.B.* Vol. VI, Rio de Janeiro: Imago Editora, 2ª ed. 1987.

_____. 1913. Sobre o Início do Tratamento (Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise 1). *E.S.B.*, v. XII, 1969: 163-187.

_____. 1920. Além do Princípio do Prazer. *E.S.B.*, v. XVIII, 1969: 17-85.

_____. 1920b. Psicologia de Grupo e Análise do Ego. *E.S.B.*, v. XVIII, 1969: 91-179.

_____. 1923. O Ego e o Id. *E.S.B.*, v. XIX, 1969: 23-83.

_____. 1924. A Dissolução do Complexo de Édipo. *E.S.B.* v. XIX, 1969: 217-224.

_____. 1925. A Negativa. *E.S.B.* v. XIX, 1976:295-300.

_____. 1930. Mal-Estar na Civilização. *E.S.B.*, v. XXI, 1974: 81-171.

FROMM, E. 1967. Autoridade e Superego. In CANEVACCI, M. (org.), 1976. *Dialética da Família*. São Paulo, Editora Brasiliense, 2ª ed.1982:165-175.

GARCIA, S. M. 1998. Conhecer os homens a partir do gênero e para além do gênero In ARILHA, M. (org.) 1998. *Homens e Masculinidades – outras palavras*. São Paulo: Editora 34: 31-50.

GEERTZ, C. 1997. *O Saber Local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. Rio de Janeiro: Editora Petrópolis. 3ª ed. 2000.

GIFFIN, K., CAVALCANTI, C., 1999. Homens e Reprodução no Brasil. *Revista Estudos Feministas*, 7, (1,2): 53-71.

GIFFIN, Karen; BAUMGARTEN, W.; BARBOSA, Regina Helena Simões; CAVALCANTI, C.; BAPTISTA, L.; LOEWENSTEIN, I.; COSTA, L. S. 2002. Homens, Saúde e Vida Cotidiana. *Ação Anti Aids*, Rio de Janeiro, v. 47, p. 4.

GIFFIN, K. 2002. Pobreza, desigualdade e equidade em saúde: considerações a partir de uma perspectiva de gênero transversal. *Cad. Saúde Pública*, 2002, vol.18, p.103-112.

GIFFIN, K e BARBOSA, R. 2004. *Sujeitos do Conhecimento do Gênero*. Artigo ainda não publicado. Contato com o autor para maiores informações (claudiah@sobepi.org.br).

O GLOBO, jornal. 2004. Fantástico mostra conversa entre traficantes. *O Globo*, Rio de Janeiro, 12 abr. Caderno Rio, p. 09.

GOFFMAN, E. 1959. *The Presentation of the Self in Everyday Life*. New York, Doubleday: Anchor Books.

_____.1961. *Manicômios, Prisões e Conventos*. (Trad. Bras. de *Asylums – Essays on the social situation of mental patients and other inmates*.). São Paulo: Editora Perspectiva, 7ª ed.

GUATTARI, F. 1986. *Micropolítica: Cartografias do Desejo*. Petrópolis: Editora Vozes.

_____. 1987. *Revolução Molecular*. São Paulo: Editora Brasiliense.

GUDMAN, S. e RIVERA, A. 1990. *Conversations in Colombia – the domestic economy in life and text*. Cambridge University Press. 1994.

HONNETH, A. 2003a. “Invisibility: On the Epistemology of Recognition”. Conferencia no CEBRAB (Centro Brasileiro de Análise e Planejamento), São Paulo, 15 de outubro de 2003

HUGUET, C., 1999. *A Constituição da Lei nas Famílias Chefiadas por Mulheres*. Dissertação de Mestrado, Rio de Janeiro, PUC - RJ.

JACOBY, R. 1975. *Social Amnesia – a critique of conformist psychology from Adler to Laing*. Boston: Editora Beacon Press.

JAGGAR, A. 1997. Amor e conhecimento na epistemologia feminista In JAGGAR, A. e BORDO, S. 1997. *Gênero / Corpo / Conhecimento*. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos:157-183.

JAMESON, F. 1993. Pós-modernismo e a sociedade de consumo In KAPLAN, A. (org.) *O Mal-estar no Pós-modernismo*. Rio de Janeiro: Editora Zahar: 25-44.

KAMKHAGI, 1982 In Baremlitt, G. 1986 (org.) *Grupos Teoria e Técnica*. Rio de Janeiro: Editora Graal.

KEHL, M. R. 1990. Imaginar e Pensar In NOVAES, A (org.) *Rede Imaginaria*. São Paulo: Cia. das Letras: 60-73.

KLEIN, M. et al.1952. *Os Progressos da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara. 1982. Pp. 216 a 343. Tradução brasileira do original em inglês *Developments in Psycho-Analysis*.

KOWARICK, L. 2000. *Escritos Urbanos*. São Paulo: Editora 34.

LANCETTI, A.1995. Três questões a respeito dos grupos terapêuticos com crianças In VOLNOVICH, J. e HUGUET, C. Orgs. 1995. *Grupos, Infância e Subjetividade*. Rio de Janeiro: Editora Relume-Dumará.

LASCH, C. 1977. *Refúgio num Mundo sem Coração - A Família: Santuário ou Instituição Sitiada?* São Paulo, Editora Paz e Terra, 1991.

LEEDS, E. 1998. Cocaína e poderes paralelos na periferia urbana brasileira: ameaças à democratização em nível local. In ZALUAR, A. e ALVITO, M. 2003. *Século de Favela*. Rio de Janeiro: Editora FGV. 3ª ed.: 233-276.

LÉVY-STRAUSS, C. 1962. *O Totemismo Hoje*. Lisboa: Editora Edições 70, 1986.

LEÓN, M. 1994. La identidad se construye en la familia? In *Famílias siglo XXI*. Ediciones de las mujeres, no 20, noviembre, 1994: 29-42.

LOPES, A. et al., 2001. *Palavra de Homem*. Rio de Janeiro: NESC/UFRJ, ENSP/FIOCRUZ.

LOUZEIRO, J. 1993. *Pixote, a Lei do Mais Forte*. Rio de Janeiro: Editora Civilizações Brasileiras, 1993.

MELMAN, C. 1992. *Alcoolismo, delinqüência, toxicomania – uma outra forma de gozar*. São Paulo: escuta. 2ª ed. 2000.

MEIRELLES, Z., 1998. Vida e trabalho de adolescentes no narcotráfico em uma favela do Rio de Janeiro. Dissertação de Mestrado, Rio de Janeiro, ENSP – FIOCRUZ.

MICHELAT, G, 1982. Sobre a Utilização da Entrevista Não-diretiva em Sociologia In THIOLENT, J.M. (Org.), 1982. *Crítica Metodológica, Investigação Social & Enquete Operária*. Editora Polis: 191-211.

MINAYO, C. e SOUZA, E., 1999. É Possível Prevenir a Violência? Reflexões a partir do campo da saúde pública. *Revista Saúde & Ciência Coletiva*. V. 4, 1:7-23.

MITSCHERLICH, A. 1970. A ausência do pai In CANEVACCI, M. (org.), *Dialética da Família*, São Paulo: Editora Brasiliense, 1982: 236-243.

_____, 1969. *Vers la société sans pères: essai de psychologie sociale*. Paris: Editora Gallimard. A., 1969 (traduzida do original alemão): 156-165.

MOUTINHO, L. 2002. Considerações sobre raça, gênero e cor em Rio das Pedras. In BURGOS, M. (org.) 2002. *A Utopia da Comunidade: Rio das Pedras, uma favela carioca*. Rio de Janeiro: PUC-Rio: Loyola.

NIETZSCHE, F. *Para além do bem e do mal*. Prelúdio a uma filosofia do futuro. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

NOLASCO, S., 1995. *A Desconstrução do Masculino*. Rio de Janeiro: Editora Rocco: 15-29.

_____, 1993. *O mito da masculinidade*. Rio de Janeiro: Editora Rocco.

O GLOBO, Jornal. 2005. Onde Paris é Miserável e A França optou por fechar os olhos. 06/11/2005. 2ª ed. Pela correspondente em Paris, Deborah Berlinck.

_____, 2005. Violência já atinge outras cidades da França. 05/11/2005. 2ª ed. Pela correspondente em Paris, Deborah Berlinck.

ORWELL, G. 1945. *Animal Farm A Fairy Story*. England: Penguin Books. 1951. 2ª Reimpressão de 1983.

_____, 1949. Nineteen Eight-Four. In *The Penguin Complete Novels of George Orwell*. England: Penguin Books. 1983.

PELLEGRINO, H. 1987. Pacto Edípico e Pacto Social, In PY, Luiz Alberto et al. (1987), *Grupo Sobre Grupo* Rio de Janeiro: Editora Rocco.

POLANYI, K. 1944. *A Grande Transformação*. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1980 (tradução Bras.). Original *The Great Transformation*.

Programa de Urbanização de Assentamentos Populares do Rio de Janeiro – 2ª etapa – PROAP II (favela bairro) componente social: atenção a crianças e adolescentes - SMDS/BID – PROAP II [favela bairro] 2000”.

Quem Matou Pixote? Brasil, 1996. 116 min. Direção: José Joffily (baseado em livro de José Loureiro). Distribuição: Columbia Pictures do Brasil.

RODRIGUES, S. B. 1994. Banditismo e o eclipse dos movimentos urbanos no Rio de Janeiro. *Cadernos do Instituto de Ciências Humanas e Filosofia / IFCH da Universidade Federal Fluminense* 64 (módulo 3), “não paginada”.

SALLES, J.M. e LUND, K. 1999. *Notícias de uma Guerra Particular*. Documentário. Rio de Janeiro: Videofilmes.

SCOTT, R. P., QUADROS, M. & LONGHI, M. 2002. Jovens Populares Urbanos e Gênero na Identificação de Demandas de Saúde Reprodutiva. Trabalho apresentado no XIII Encontro da ABEP, Ouro Preto, nov. de 2002.

_____, 1990. O Homem na matrifocalidade: gênero, percepção e experiências do domínio doméstico. *Cadernos de Pesquisa*. 73: 38-47. São Paulo.

SILVEIRA, P. 1998. Org. *Exercício da Paternidade*. Porto Alegre, Editora Artes Médicas: 27-39.

SHAW, C. 1931. *The Jack-Roller: a delinquent's boy own story*. Chicago: Paperback.

SOARES, L. E., MV BILL e ATHAYDE, C. 2005. *Cabeça de Porco*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva.

SOARES, L. E. 2005, *Legalidade Libertária*. Rio de Janeiro: Editora Lumen Juris, no prelo.

SOBEPI (HUGUET, C. [1998]) *Manual de apoio à ação e formação de agentes multiplicadores no trabalho com crianças, adolescentes e famílias em situação de risco*. Doc. interno SOBEPI e o CMDCA-RJ, 1º projeto de capacitação desenvolvido pela SOBEPI.

SODRÉ, M, 1992. *O Social Irrradiado: violência urbana, neogrotesco e mídia*. São Paulo: Editora Cortez.

SOUZA, O. 1991. Reflexão sobre a Extensão dos Conceitos e da Prática Psicanalítica In ARAGÃO, L.T. (org.) 1991. *Clínica do Social: ensaios*. São Paulo, Editora Escuta: 75-92.

SPEER, A. 1977. *Spandau o diário secreto*. (Trad. Bras.) Rio de Janeiro: Editora Artenova.

SPITZ, R.A. 1980. *O Primeiro Ano de Vida*. São Paulo: Editora Martins fontes.

STRAUSS, A e VELHO, G. 1999. Anselm Stauss: indivíduo e vida social In *Espelhos e Máscaras: a busca da identidade*. São Paulo: Editora Edusp: 11-19.

SZARCWALD, C. L. e LEAL, M. C. 1998. Sobrevivência ameaçada dos jovens brasileiros: a dimensão da mortalidade por armas de fogo In *Jovens acontecendo nas políticas públicas*.

THIOLLENT, J.M., 1982. O Processo de Entrevista In THIOLLENT, J.M. (Org.), 1982. *Crítica Metodológica, Investigação Social & Enquete Operária*. Editora Polis: 79-99.

THOMPSON, J. B. 1995. *Ideologia e Cultura Moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 5ª ed. 2000.

_____.1998. *A Mídia e a Modernidade: uma teoria social da mídia*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes. 6ª ed. 2004.

VAITSMAN, J. 1997. Pluralidade de Mundos entre Mulheres Urbanas de Baixa Renda In *Estudos Feministas*, Vol. 5 (2): 303-20.

VATTIMO, G. 1988. *As Aventuras da Diferença*. Lisboa: Editora Edições 70.

VELHO, G. 2001. Biografia, trajetória e mediação In VELHO, G. e KUSCHNIR, K. 2001 (Orgs.) *Mediação, cultura e política*. Rio de Janeiro: Editora Aeroplano.

VELHO, G. 1996. Violência, reciprocidade e desigualdade: uma perspectiva antropológica / debate. In VELHO, G. 1996 (org.) *Cidadania e Violência*. Rio de Janeiro, eds. UFRJ e FGV: 10-24.

VERMELHO, L., 1997. Mortalidade de Jovens Por Causas Externas Na Cidade do Rio de Janeiro e São Paulo - Análise do Período 1930 A 1991. *Cadernos Saúde Coletiva*. Rio de Janeiro: NESC/UFRJ, v.5, 1:13 – 32.

VIÑAR, M. 1999. Sobre Violencia Social: A propósito de una experiencia con Minoridad Desamparada e Infractora abordada con instrumental psicoanalítico - Un lugar para el Psicoanálisis y el Psicoanalista. In Jornadas Regionales da IPA em Montevideu, Abril de 1999.

ZALUAR, A, 1993. A criminalização de drogas e o reencantamento do mal. In *Condomínio do Diabo* (ZALUAR, A., 1994). Rio de Janeiro: Editora Revan / UFRJ: 235-254.

WAIZBORT, L. 1998. Questões não só alemãs. *Rev. bras. Ci. Soc.*, Junho 1998, vol.13, no.37, p.185-190.

WEBER, M. 1947. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. São Paulo Editora Pioneira, 2001, 2a ed. (trad. Bras.).

WIGGERHAUS, R. 1986 (2002). *A Escola de Frankfurt: história, desenvolvimento teórico, significação política*. Rio de Janeiro: Difel. 2002. Traduzido do original em alemão (1986).

WINNICOTT, D.W. 1971. *Consultas Terapêuticas em Psiquiatria Infantil*. Rio de Janeiro: Editora Imago. 1984.

_____. 1984. *Privação e Delinqüência*. São Paulo, Editora Martins Fontes, 1987.

_____. 1988. *Natureza Humana*. Rio de Janeiro: Editora Imago. 1990.

ZALUAR A. 1985. *A Máquina e a Revolta: as organizações populares e o significado da pobreza*. São Paulo: Editora Brasiliense.

_____. 2004. *Integração Perversa. Pobreza e Tráfico de drogas*. Rio de Janeiro: Editora FGV.

ZIZEK, S. 1990. *Eles Não Sabem o que Fazem – O Sublime Objeto da Ideologia*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1992.

ANEXO 1. GRUPO DE APRESENTAÇÃO: ROTEIRO E RELATO

Início dizendo qual é a pauta que preparei para o grupo, em cima do que vamos trabalhar:

- 1) Quem sou eu.
 - minha preocupação.
 - meu projeto de pesquisa e como os envolve.
- 2) Quem são vocês.
 - Apresentação cruzada (acabam não gostando da idéia e cada um se apresenta).
- 3) Acordo de convivência
 - dinâmica com as palavras / valores
- 4) Acordo em relação ao encontro do pesquisador com os jovens.
 - Uso do gravador / entre nós (sigilo) e assinatura do TCLE (termo de consentimento livre e esclarecido).
- 5) No fim um momento livre ou para discutir sobre violência.

Relato do 1º Grupo de Apresentação:

Apresento-me falando sobre minha preocupação com crianças e adolescentes como eles mais de 10 anos, que tenho estudado e lido muito sobre adolescentes e crianças pobres de favela e de outros lugares. Que o objetivo do meu estudo, que faço na FIOCRUZ (e mostro minha carteira de identificação), é conhecer eles muito bem para que os lugares e as atividades propostas para eles sejam cada vez mais adequadas a eles para que funcionem e que tanto eles como várias outras crianças e adolescentes como eles possam ser realmente ajudados.

Otávio pergunta se ganho para fazer este trabalho. Todos o criticam dizendo que está sendo intrometido, pois mal me conhece e já quer saber quanto que eu ganho. Eu respondo a pergunta dizendo que recebo sim para fazer este trabalho, que recebo uma bolsa para isso. Digo ainda que ele pode perguntar isso sim e que é certo as pessoas receberem para fazer os trabalhos. Eles lembram que a FIOCRUZ fica em Manguinhos e perguntam animados querendo ter certeza se é mesma essa instituição que fica em Manguinhos, como se fosse um lugar muito familiar a eles. Intuo que se mostram animados assim pela intensa atividade do tráfico e do Comando Vermelho na área.

Cada um então vai apresentando-se. Peço que digam também a idade e algo sobre eles. Não falando então o que gostam de fazer, de desenhar, de jogar bola, de namorar, um dos meninos fala que gosta de transar. Neste momento uma das meninas mexe com ele dizendo que aqui dentro ele fica na mão. Ele diz que elas não agüentam (faz com a mão mostrando certo comprimento) tal tamanho no cú, estabelece-se uma discussão sobre se eles não transam ali porque as meninas não agüentam (tese dos meninos) ou se é porque as meninas não dão bola para eles (tese das meninas). Ao longo deste momento da apresentação surgem brincadeiras ligadas às drogas e às bocas para a venda de drogas, tipo um dizendo que o outro gosta de algo ligado a esta ou àquela atividade. Através do chiste, da brincadeira, começam a falar do que é mais sério, do envolvimento de muitos deles com o tráfico.

Wellington escolhe respeito. Diz que para ele o respeito tem que ser a base de tudo, que uma pessoa tem que respeitar a outra. Que tem cara que não respeita e aí fica complicada a convivência. Que escolheu esta palavra por que é como quer ser tratado (...).

Elena começa falando de desconfiança, dizendo que não se pode confiar em ninguém ali, que quando confiou se deu mal, que só pode confiar em algumas técnicas. Faço algumas perguntas e ela diz que se sente mal estando em um ambiente assim, que é ruim não poder confiar nos outros. Tal fala introduz um ponto fundamental que será visto adiante: a dificuldade de confiarem em outras pessoas em geral, entre eles, em educadores, profissionais, etc.

Zélia fala de atividade, que gosta muito de estar sempre em atividade, que esta palavra a faz pensar em esportes, em muitas atividades que gosta também de fazer, como desenhar (...). Wellington interrompe-a e explica como atividade serve para outros entendimentos também, como ficar na atividade é ficar tomando conta de uma coisa ou de olho em alguma pessoa, *ficar na atividade na boca, e qualquer coisa soltar os fogos para avisar*.

Vagner quis escrever uma palavra que queria escolher, mas não estava entre as que foram preparadas, escrevendo ele mesmo então responsabilidade. Diz que tem que ter responsabilidade pelo que se faz, que qualquer coisa que você vai fazer tem que ter responsabilidade. Desenha abaixo da palavra um fuzil com uma bala saindo pelo cano, completando a palavra responsabilidade com “pelo teu”, ficando a idéia “responsabilidade pelo teu”. A alusão a questões do tráfico parece de novo bastante clara. Responsabilidade pelo teu posto, por portar uma arma de guerra como o fuzil desenhado. Responsabilidade diante dos superiores para sobreviver neste ambiente.

Natalia escolheu confiança e começa a falar em como confia nas pessoas dali, em especial nos meninos, que brinca com eles, deita com eles para esquentar e nunca foi desrespeitada, que eles a tratam muito bem (embora já a tivessem xingado de *bola de fogo* no início do grupo). Fala do seu namorado, que ele não deixou os amigos na mão, que assumiu mesmo algo que não tinha feito e acabou livrando os amigos. Todos parecem concordar com o que ela está falando e tenho a impressão que este menino já está se destacando como uma figura que começa a ficar meio que idealizada entre os outros adolescentes. Pergunto se ele está preso no Santos Dumont e todos caem na gargalhada, já que o Santos Dumont é um local de privação de liberdade só para as meninas.

Otávio já havia comentado o que ele tinha escrito: presente e futuro. Fica um pouco impaciente pela demora para chegar a sua vez. Antes já tinha discutido com outro adolescente que tinha colocado uma cadeira meio que no lugar da sua. Esta fala é bem interessante e bem clara. O adolescente diz que tem duas coisas que quer ou que pode fazer. Que a primeira é de estudar, se formar e ser professor de biologia, ou então advogado, ganhar muito dinheiro e ter carros legais... Por outro lado, diz que se isso não der certo, ele vai pedir trabalho em uma boca, que vão dar uma arma para ele e ele vai se juntar aos colegas, virar traficante, ganhar muito dinheiro, comprar tudo aquilo que ele quer, juntar-se aos amigos do CV, e vai tomar os morros que estão sob poder do Terceiro Comando, que vai mandar muito tiro para cima deles, dos alemão (inimigos de algum comando ou facção rival).

Wellington faz algum gracejo e Otávio responde que quando ele estiver cheio da grana e em um carrão, vai encontrar com Wellington no sinal vendendo bala, e que ele vai dar então cinco reais para o colega. Pergunto a Otávio se ele achava que estava fazendo algo para conseguir concretizar o caminho que estava a escolher, o primeiro caminho, mas ele não responde.

Usaram muito a expressão “colocar o outro na bola ou me colocar na bola”, que significa colocar o outro em situação ruim, entregar o outro, não proteger o outro, demonstrando como não podem confiar. Porque se confiam são expostos e colocados em situações difíceis.

Ocorrem algumas confusões durante o grupo, princípio de confusão, que procuro contornar, lembrando inclusive o que estamos combinando como valores que queremos para o grupo. Alguns jovens que chegam durante o grupo e digo que já começamos e não dá mais para participar deste grupo.

Digo então como serão as coisas entre nós, que devemos ter mais um grupo e depois passar às entrevistas individuais, que quero combinar naquele momento a participação deles nas entrevistas individuais comigo. Todos concordam. Digo que não consigo lembrar o que todos dizem e que vou precisar então usar um gravador, e que estas gravações só serão ouvidas por mim e que depois quando for escrever sobre isso os nomes serão trocados de

modo que ninguém possa ser identificado. O segredo é fundamental e que nada do que falarem para mim será contado para ninguém, que podem contar com minha palavra em relação a isso. Acrescento que não sou funcionário da instituição onde estão, de modo que não posso ser pressionado a contar algo da vida deles para técnicos e direção da casa. Reforço que sou pesquisador da FIOCRUZ independente. Que quero construir nossa relação em cima do que falaram e que falo junto com eles, que eles já devem ter vivido em suas vidas muitas situações de desrespeito e não quero a repetição disso no grupo, devendo respeitar então o colega e me respeitar também, que eu vou respeitá-los e confiar neles.

Ao final da dinâmica das palavras alguns dos integrantes já demonstravam certa impaciência com a demora em passar para outra parte. Ao final agradeço a presença deles e marco o encontro seguinte para terça feira de manhã e digo que temos um tempo livre agora para quem quiser discutir algum tema, como, por exemplo, a violência. Tema que não acabou não sendo discutido no grupo semanal deles, pois eles acabaram, ao invés de discutir o assunto usando palavras, reproduzindo a violência em atos no exato momento do grupo. Podiam desenhar também. Alguns saem logo, alguns ainda demoram um pouco, apenas Cícero fica mais tempo e me mostra que dois deles levaram os pilot. Vou atrás e recupero os dois pilot que faltavam.

ANEXO 2. GRUPO FOCAL: ROTEIRO E RELATO DO PRIMEIRO GRUPO

Roteiro especificamente para este grupo:

Este roteiro será apresentado aqui semelhante ao roteiro físico usado pelo pesquisador em campo, mantendo-se seqüência dos temas e, de modo aproximado, o tamanho das letras.

Apresentar o **TCLE**, ler junto e pedir que assinem e me entreguem se estiverem de acordo.

Lembrar que vou **gravar** e que todos concordaram com isso e que a essa gravação só eu terei acesso, e ficará em **sigilo**.

Salientar a importância da **participação de todos**.

Lembrar as **regras de convivência** que estamos estabelecemos e que estamos procurando seguir: **respeito, confiança, palavra, futuro**.

Em relação ao respeito lembrar os fatos ocorridos no outro grupo dos pilot, que este material é para eles todos usarem e que se um ou outro levarem para usarem sozinhos prejudica todo o grupo e os outros que vão participar também. Que neste encontro um tem que ouvir o que o outro está falando para poder debater depois.

Primeiro ouvir todos, depois propor o debate em cima de cada questão, procurando aprofundar principalmente as diretivas. Procurar perguntar sempre para aprofundar a discussão e motivar os participantes (qual?, o que?, como?, onde?, por que?).

Namoro: (cerca de 15 minutos para cada tema)

(perguntar primeiro para os meninos e depois para as meninas).

- O que em um menino ou adolescente atrai a menina?
- Qual a importância de namorar na vida de um menino ou adolescente?

O que é ser homem?

(dirigir a pergunta primeiro para as meninas e depois para os meninos, invertendo, desta vez, a ordem).

- Qual o ponto mais importante que mostra que um menino ou adolescente é homem?
- Para ser homem um adolescente ou menino tem que ter uma ou mais namoradas ou casos?
- Relação entre ser homem e violência e brigar.
- Uma palavra sobre ser homem.

Caminhos:

(perguntar primeiro para os meninos e depois para as meninas)

- Grupo passado. Um dos participantes falou em dois caminhos, um pelo estudo e trabalho legal e outro fora da lei em uma guerra entre grupos e ligado ao tráfico. Como cada um aqui vê estes diferentes caminhos.
- Existe alguma outra possibilidade de caminho?

Figura importante

- Tem alguma pessoa que você acha que pesa quando você pensa que caminho escolher?
- Figura importante na família. Ou entre amigos.

Ao final perguntar o que acharam e se tem algo que acham que não foi falado sobre o tema. E marcar os dias para as entrevistas. Duas por dia 10:00 e 14:00 3^a, 4^a, 5^a e 6^a ...

RELATÓRIO DO GRUPO FOCAL REALIZADO EM 10 DE JUNHO DE 2004

Compreendi a dificuldade de fazer o grupo ontem, no dia 9 de junho, como uma retaliação em parte inconsciente ao fato de eu ter faltado no dia anterior por estar muito gripado e praticamente sem voz. No dia 9 cheguei e fui falando com os adolescentes, depois

de arrumar a mesa, passar um pano, etc. Um estava lavando roupa, outro estava fazendo a unha²⁸², dois tinham evadido (Otávio e Vitor), uma estava deitada, segundo ela, com cólicas, ou seja, cada um estava entretido em uma atividade e não queriam parar as atividades naquele momento, de modo que remarquei para o dia seguinte, que é o grupo que passarei a relatar embaixo.

Cheguei ao abrigo, ajeitei a mesa e cadeiras e fui chamar. Todos ficaram demorando, não respondiam direito, não queriam ser os primeiros a chegar ao local do grupo. Vagner diz finalmente que vai mandar um papo reto e direto, dizendo que não vai participar. Nem pergunto por que. Chamo os outros e vêm três. Esqueço-me de Cícero, que acaba chegando depois, ou seja, temos metade do grupo presente. Zélia também não quis participar:

Transcrição do primeiro grupo focal realizado em 10 de junho de 2004.

Leitura conjunta do TCLE simplificado e peço que assinem. Sugiro que a cópia deles fique guardada lá dentro, mas eles primeiro aceitam, depois não gostam mais da idéia e não aceitam.

Wellington avisa que está gravando.

P. (pesquisador) - vamos começar. Hoje vamos falar sobre namoro. Queria perguntar primeiro pro Wellington, Cícero e depois para as meninas. O que acha que num menino, ou num adolescente atrai uma menina.

Wellington - não vou responder essa pergunta não.

P. - responde aí cara, sem problema. Quer que elas respondam primeiro?

Wellington - não quero responder não.

P. - vou mudar a pergunta aqui: Tu não gosta de atrair as meninas?

Elena - brincando. Esse cara atrai quem, meu deus? É o maior otário.

(pesquisado não entendeu o que ela falou e ela esclarece)

Wellington - Vou meter-lhe a porrada.

(ficam brigando. Chega Cícero no grupo).

P. - E aí não vai falar nada então?

Wellington - Você não disse que respondia só se quisesse?

P. - digo que ninguém é obrigado, mas que seria bom se respondesse.

(Acho que Elena diz que o cara é bandido, e Natalia diz que não é bandido, que é bandaid, aquele negócio que coloca no machucado).

P. - Como é esse negócio de bandido e bandaid? (...) Quer dizer o que chamar o cara de bandaid?

Wellington - Bandaid é aquilo que coloca no machucado.

Natalia - que o cara não é bandido nada, é bandaid.

Natalia - não é nada, né nada, não é nada, não é bandido, não é nada.

Elena - Eu não sei o que me atrai nos homens, é mais fácil os outros falar.

Momento de interrupção. Chega mais um dos adolescentes, se aproximando do grupo. Pergunto se quer deixar o nome para o outro grupo. Diz que não eu explico que este grupo já está formado e que não dá para participar agora.

Natalia - os meninos que estavam aqui saíram tudo.

Natalia - pede para andar logo, eu peço um pouco de tempo para Cícero ler e assinar o TCLE.

P. - Wellington às vezes agente tem dificuldade de falar as coisas, mas só começa a conseguir avançar quando faz este esforço, entendeu, de tentar se expor e tal.

Wellington diz que não quer se expor não, ou que não quer falar nada não.

P. para Elena - o que você acha que num menino ou adolescente atrai a outra menina? O que, por exemplo, você acha que te atrai, atrai a Natalia e suas amigas nos caras?

Elena repete a pergunta, rindo. Ah, sei lá, muita coisa...

²⁸² Chamou minha atenção o fato de ser um rapaz de 17 anos, tendo suas unhas feitas por uma adolescente, sem o menor constrangimento. W.

P. – vai falando, pô...

Elena – Ah, sei lá, o olhar, gosto muito do olhar, o jeito da pessoa, tem cara que é carinhoso pra caraca, sabe? O jeito de pegar.

P. – O olhar, carinho, jeito de pegar, que mais?

Elena e Natalia falam juntas, rindo

Natalia (entra no meio da fala de Elena) – o cara tem que ser simpático. Gosta de várias coisas num homem, que não pode ser nojentinho, tem que ser simpático. Tem outra coisa também, mas que fica assim de falar.

Wellington diz que é para falar tudo...

P. – digo também que não tem problema nenhum não, que pode falar. Que pode falar, que aqui pode falar de tudo, que fica só entre nós aqui.

Natalia (rindo) – o bilau.

Todos riem e comentam. Confusa a gravação, não dá para ouvir bem.²⁸³

Chega outro jovem e peço para que não fique por ali, que a reunião é só daquele grupo.

Elena - que gosta de homem que pega assim e esquenta, que não gosta de homem frio não.

P. – caloroso, que gosta de homem caloroso então. Você está namorando alguém aqui?

Elena – meu namorado não é daqui não, aqui é só colega. Meu namorado tá por aí...

P. – dirige a pergunta para Cícero a mesma pergunta.

Cícero – que não quer falar não.

Elena – diz que tirando a cara ele tem um corpo bonitinho.

P. intervém dizendo que elas estão gozando o cara, e digo que estou perguntado em geral, que não é uma pergunta específica sobre ele. Que estou perguntando o quem em geral atrai.

Elena continua zoando: - que se colocar um saco na cabeça fica tranqüilo.

Cícero não quero falar nada não.

P. - concorda que as mulheres fica atraídas pelos caras e os caras ficam atraídos pelas mulheres? A pergunta é o que que nos caras atrai as meninas.

Cícero – É normal, faz parte.

P. para Wellington – não estou falando de você, estou falando em geral, o que você acha, nunca pensou nisso? E aí Wellington nunca pensou nisso?

Wellington – já, pô. (mas não quer falar sobre isso)

P. - e você Luana, o que você acha? Você falou pouquinho. (diz que já falou) Lembro que falou da simpatia, falou do bilau, (todos riem). Que mais? Que mais que você acha?

Natalia depois de rir também: - a bundinha. Adoro uma bundinha, que tem um menino aqui, que é muito boa a bunda dele.

P. – e o que mais assim...

Natalia também o corte de cabelo que eles fazem...

P. – corte de cabelo? Corte de cabelo radical? Vocês tão falando de coisa mais... [ia dizer física, mas lembrei que não só] se bem que ela falou de carinho...

Natalia interrompendo: - Ah, homem para mim tem que ser carinhoso...

Elena interrompendo: - Eu tinha um namorado que quando nós ia dormir, caralho, ele me abraçava que ele me tampava toda, (risos) muito bom cara,... muito bom mané.

P. – Aí você se sentia como?

Elena repete a pergunta e diz: - bem (risos). Quando a gente tava junto, porra, era muito bom.

P. – parece que você tava falando de algo de proteção também, né?

Elena – Pô, quando agente tava junto era fantástico, era muito bom, né?

P. – acabou o namoro, o relacionamento?

²⁸³ Neste momento deve entrar o operador de som / observador para tomar notas do que foi falado nestes momentos porque fica quase impossível transcrever.

Elena – não, não é nem por isso, é que ele morreu. Ele era tudo, cara, ele era muito lindo. O cara mais perfeito que eu achei na minha vida foi ele. Aí ele era um paraibinha, mas aí ele era muito lindo.

Todos riem dirigindo-se para Cícero alguém esclarece que ele é mineiro e não paraíba.

Wellington- Paraíba!

P. – Olha o respeito galera, lembra o que a gente combinou... Ele morreu de que?

Wellington – morreu de panela.

Elena – ele morreu de tiro.

Wellington – ele foi atravessar a rua e PÁ-NELA.

P. – entendi.

P. – vamos passar para outra pergunta. Eu queria que as meninas falassem primeiro desta vez. O que para você é ser homem? O que você considera que o cara precisa para ser homem?

Elena – Ah aqui tem muita criança. Eles falam que são homem né, então homem pra mim, homem pra mim...ai homem...

Wellington – fala aí pô tá gastando o gravador do cara!

Natalia – pra mim o homem tem que ter uma responsabilidade maior, que tem homem que pega as meninas e depois fica esculachando elas, isso não é coisa de homem, isso é coisa de criança.

P. – esculachando como? Contando o que fez?

Natalia – É, fica contando as coisas que fez...

Elena interrompendo: - que fez não, porque às vezes diz que fez e não faz nada.

Natalia – isso não é papel de homem.

P. – vocês tão falando o que não é ser homem e o que é ser homem?

Natalia- acho que ser homem é ter responsabilidade, né? Levar no namoro, né, sem maltratar a menina, né? Levar na moral. Assumir seus compromissos, né, que muitos faz filho aí né e “meu???” (falam juntas as duas adolescentes, aparentemente concordando com a última fala). Acho que só.

Elena – que não pode ficar de caozada.

P. – Caozada, o que é caozada.

Elena – Caozada é assim. O cara vai e deixa a menina grávida... (incompreensível) que tem que ter muita responsabilidade. Mas tipo assim, se eu pegar e o cara não quiser assumir, vou mostrar na prática pra ele, tá ligado (incompreensível, falam juntas as meninas, certa comoção com o tema). Que o filho tem que nascer com a cara do pai pra colocar na prática, que meu filho vai andar como? Vai andar só becadinho (arrumado), becadinho, pra quando o pai chegar e falar “- meu filho”, “- teu filho, teu filho desde quando? Não é teu não, é daquele de lá, ó, que tá sustentando”, tá nessa, quando tá gordinho, bonitinho: “é meu” (risos).

P. volta a pergunta para Natalia lembrando que ela tinha falado em compromisso:

P - Compromisso em que?

Natalia – Ah, em tudo, né...

Elena fala, interrompendo a fala de Natalia:

E – O cara tá na boca, né, então o patrão vai e dá uma carga pra ele, tá ligado, tá na responsabilidade dele, porque se ele perder ele vai ser cobrado, ele deu mole porque o bagulho tava na responsa dele, não é?

P. – que mais? Querem falar mais alguma coisa (...)?²⁸⁴

Natalia – Não.

P. – Falaram de compromisso, responsabilidade, e pergunto para as meninas: como é que acham que é em relação a isso, para ser homem tem que trabalhar, tem que ter dinheiro? Como que é isso?

²⁸⁴ Devido à urgência do tempo, o pesquisador, mediador começa a ficar preocupado em que dê tempo para avaliar todas as diretivas para cada tema chave.

Elena – Ah, eu acho que pra isso o homem tem que ter força de vontade, que aí também melhora muuuuito. Que tá ligado, se o cara não ligar. O que que ele é? Ah não vou nem falar. Fala aí um pouco Natalia

Natalia – Ah. Fala aí um pouco. Eu já falei.

P. – O que você ia falar? Pode falar.

Elena – Ah não quero falar mais nada não.

P. – Então tá. Então vou passar para Wellington e Cícero o que vocês acham que é ser homem?

Elena – Ele não quer falar nada.

Wellington – Eu não vou responder não. (risos de Elena).

Cícero – pra que isso aqui (apontando para o TCLE). Digo que é uma autorização para a entrevista, para a conversa.

Cícero – Eita, então tira esta autoridade.

P. – Autorização.

Wellington – Fala aí Maneiro. Tu assinou o papel. Tu assinou o papel, agora tem que falar.

Elena – Ah, é criança.

Wellington – E você vai fazer o que? Vai me obrigar a responder?

Elena – Não, mas para ficar se escondendo é melhor não ficar.

Wellington – Problema. Eu faço parte do grupo.

P. – Por que você não pode falar?

Wellington – Não é obrigado a responder às perguntas.

Elena – Se você faz parte você colabora, né?

Wellington – Que que eu tô fazendo?

Elena – Colabora, mas não atrapalha.

Wellington – Eu tô atrapalhando, por acaso? Você que tá se engasgando.

Elena – Porra, sou eu? Você que só vive engasgado lá dentro, parceiro.

Cícero – Tu tá se engasgando.

Wellington – Não quero mais falar

P. – Ela tá falando legal, pô. As meninas tão falando. Vocês têm esse espaço pra falar, né? É difícil falar sobre isso, será?

Wellington – não é não, pô, que não tô a fim de falar mesmo.

P. – Algum motivo em particular?

Wellington – Claro.

P. – Qual motivo?

Elena – Ele tem vergonha (risos).

Wellington – (inaudível)

(pesquisador lembra que fica tudo entre o grupo).

P. – E você Cícero? Por que não quer falar?

O grupo faz brincadeiras e diz que ele fala pra caralho.

P. – Aí, vou passar para um assunto mais específico aqui.

Natalia – Esse é o menino que eu falei (apontando para um rapaz que se aproximou, Diogo). Eu viajo na bundinha dele.

P. – qual é o ponto mais importante que caracteriza um menino, um adolescente como homem?

Natalia – Eles que devem saber.

Outro menino aproxima-se, senta em uma cadeira próxima ao grupo. Pergunto se ele quer participar do outro grupo. Ele diz que não. Então explico que este grupo já está fechado. O rapaz sai.

Elena – Porra!

Da cozinha que fica ao lado da mesa (eles podem ouvir partes da conversa do grupo). Vem o grito:

Cozinheira ou auxiliar de cozinha – olha a porra na boca.

Natalia grita de volta: – calma tia!

Elena – por isso que ela só vive engasgada.

Cícero – tem que responder à pergunta.

Natalia – tem que fazer pergunta para vocês agora, né (se dirigindo aos adolescentes).

P. repete a pergunta: - o que é a característica, a coisa mais importante que mostra que um menino é homem?

Cícero – não depender de ninguém

P. - Independência?

Cícero – tá ligado.

P. tentando motivar que os outros respondam e para que ouçam o que o colega falou: - Oh, ele já falou independência aqui. E como que é ser independente?

Cícero – não quero falar mais nada não.

P. – Vamos passar para outra pergunta: para ser homem, o adolescente precisa ter uma ou mais namoradas ou casos?

Cícero fala algo dizendo que não, mas incompreensível.

Natalia diz que vai falar uma frase aqui: - Que o verdadeiro homem não é o que conquista várias mulheres, mas o que conquista a mesma mulher várias vezes.

P. repete a pergunta para o resto do grupo.

Natalia fala algo incompreensível sendo cortado por Elena que diz: - Hum, eu acho que homem que faz isso é escroto.

Natalia – Ser o garanhão...

Elena – Fala sério, não tô brincando não.

Natalia falando junto com Elena – Viu vocês são escrotos.

P. – E vocês? (dirigindo-se aos adolescentes).

Wellington – Ih, não vou responder nada não... é só esvaziar o saco que tá tranquilo.

Natalia – Pra mostrar que é homem?

P. – Acha que ser homem é isso: esvaziar o saco?

Wellington – Não quero responder...

Elena – Então não fala merda...

P. – E você? Dirigindo-se a Cícero

Cícero – Aí parceiro, tá ligado?

P. – Tô ligado.

Cícero – uma mulher basta, tá ligado? Tem que ter aquela mulher, né?

P. – Uma em especial?

Cícero – Tá ligado. Igual uma geladeira.

Natalia (risos) – Tem muito homem geladeira aí também,

Elena incompreensível. – É mesmo, (...) e fica lá paradinho.

Natalia – Cafetão. É, tem muito homem cafetão por aí.

P. – Cafetão, como é homem cafetão

Natalia – Enquanto a mulher trabalha, o homem fica dentro de casa, esperando a mulher chegar para dar o dinheiro na mão dele.²⁸⁵

Elena – Caralho. O quê? Eu dou é porrada. Eu vou querer homem que me dá.

P. – Cafetão é o homem que explora prostituta, né?

²⁸⁵ Aqui acho que podia ter trabalhado a questão do trabalho e de como é visto o homem que não trabalha ou que não recebe dinheiro suficiente. Se sempre as mulheres vão ter este tipo de entendimento, mesmo quando for uma coisa que não depende dele, do homem, como as dificuldades de colocação no mercado de trabalho e semelhantes.

Elena – Mesma coisa.

Natalia – A mulher trabalha e o homem não trabalha.

P. – Ah, entendi, chama de cafetão também, né?

Elena – É cafetão de puta pobre.

P. – E aí Cícero? Vai falar mais?

Elena começa a cantar:

o cordão que ele usa é chapeado,

vale pouco,

só tem aparência,

este cara é esnobe,

de quem eu tô falando

é o cafetão da puta pobre.

(risos)

P. – É um funk?

Elena – É

P. – Qual é nome?

Elena – Cafetão da puta pobre.

P. – Para as meninas primeiro. Vocês acham que tem alguma relação entre ser homem e brigar, ser violento?

Elena ãh?

P. – Se tem alguma relação entre o cara ser homem e ser brigão, o cara brigar muito? Tem alguma coisa a ver?

Elena – Tá perguntando pra gente?

P. – Tô perguntando pra vocês. Peço que deixem pra desenhar depois.

Elena – Dependendo do lance.

P. – Então explica melhor pra eu poder entender. Dependendo do lance como?

Elena – Como assim que você tá falando?

P. – Se um adolescente... Tem gente que acha. Não tou falando que são vocês não. Mas tem gente que acha que para o cara ser homem tem que ser violento, brigão, eu tô perguntando o que vocês acham disso. Como é que é?

Elena – Eu acho super errado.

Natalia – Homem acha que pra ser homem tem que ter poder.

P. pede para que Cícero devolva um lápis, ele reclama. P. diz que é pra desenhar depois. Voltando-se para Natalia: - explica aí Natalia

Natalia – Ele acha que a mulher gosta de apanhar, a mulher isso, a mulher aquilo, que isso pra ele é que é ser homem. Não. Vai querer que a mulher fique, mas pelo contrário, aí que a mulher vai. Que o homem acha que tem que ter poder...

P. – Você está falando da violência do homem contra a mulher, e em geral, violência em geral? (pede para que deixem o desenho para o final).

P. para Elena – Você falou que depende do contexto, né? Como assim, que depende do contexto?

Elena – Depende da situação, tem que ver o que aconteceu, o que que houve, dependendo disso vai ver se ele tá errado ou se ele tá certo.

P. – Então dependendo do contexto o cara pode ser violento?

Elena – Se tiver que bater vai bater então. Vai bater.

P. – Então você acha que se for o caso de bater, tem que bater, é isso?

Elena – Ah, claro. Tá ligado, tu tá numa encrenca a mina vai querer te bater e você vai ficar parado?

P. – Ah você tá falando de vocês meninas?

Elena – Eu tô falando tipo eles mesmo.

Cícero – Eles quem?

Elena – homens, homens,...

Cícero está desenhando e pede o giz de cera vermelho.

P. pede água. Eles falam que só tem água quente. Um deles grita para a cozinha para darem água do filtro. A senhora da cozinha diz que só tem quente, mas acaba dando um copo de água gelada.

P. – Então se o cara estiver numa situação o cara não pode sair fora da situação, tipo: deixa pra lá, fica por isso mesmo...

Elena – Que tem que ter o desenrolo, né, na conversa, mas se ele não aceitar.

P. – se o outro não aceitar?

Elena – É.

Cícero – Porrada vai (incompreensível). Mas a frase quer dizer que vai começar a porrada.

Cantam uma música inaudível.

P. – Mas vamos supor uma situação assim: o outro cara tá errado, fez uma parada errada, aí pra resolver, conversa com o cara, deixa o cara ir embora ou tem que brigar com o cara, bater no cara ou fazer qualquer outra coisa com o cara que tava errado?

Cícero – Como que é?

P. – Tem uma confusão entre dois caras e um cara tá errado, deu um mole qualquer. Aí o outro cara pode só conversar com o cara, dizer que ele errou e deixar o cara ir embora ou o cara tem que bater no outro, tem que...

Cícero interrompe: - Tem que desenrolar.

P. dirige a mesma pergunta agora aos adolescentes.

Cícero – Tem uns gracistas, tá ligado

P. – Que é gracista?

Cícero – Gosta de tá metido nas confusões. Mas quando tem a confusão agente não pode demonstrar medo. Tá ligado?

P. – Não pode demonstrar medo?

Elena – Quinze pra meio dia.

Cícero – Isso não é legal pra nós. (P. pede que continue). Cícero – É, vai demonstrar medo para outro homem? (P. o que acontece?).

P. – E você, Wellington, o que acha?

Wellington – Não acho nada.

P. – Também não quer falar sobre isso? Só quer ouvir hoje?

Wellington – Só. (P. – porque não quer falar?). Wellington – Tô a fim de falar não.

P. – E aí pessoal, o Cícero disse que um homem não pode demonstrar medo e tal. O que vocês acham disso? Vocês concordam com isso?

Elena – Ah. Eu nem sei.

Cícero – Concordo geral.

P. – O que vocês achariam de um cara que demonstrasse medo em uma situação?

Elena – Ah, nem sei falar, não quero falar mais nada não. Que essa conversa tá chata.

P. – tá chata? (Elena diz que sim). P. – Então pra passar desta parte aqui uma palavra sobre ser homem. Em uma palavra só dizer o que vocês acham que é. (repete a solicitação, tentando esclarecer melhor).

Elena – Eles é que tem que falar. Eles é que são homem.

P. dirige a pergunta para Cícero

Cícero – Fiel.

Elena – Eu acho que o cara tem que ser sério, não muito brincalhão.

P. – Uma palavra. Sério, então? (ela concorda.).

P. – Natalia?

P. – Wellington pensou numa palavra? (o grupo cobra que ele fale alguma coisa).

P. – Passar para outra então. Sobre caminhos. Primeiro para Wellington e Cícero depois para vocês (Elena e Natalia). No grupo passado um dos participantes falou em dois caminhos diferentes, um do estudo, do trabalho legal, e outro fora da lei, participando de guerra de grupos, ligado ao tráfico. Como que vocês vêem estes caminhos.

Elena – Ah, Wellington fala aí.

Cícero – O caminho dele (referindo-se a Wellington) é a boca de fumo.

Wellington – O outro caminho é tudo, roubar,...

Wellington – O outro então estudar, não é nem estudar, é arrumar uma profissão, que tem vários neguinho que tá cheio de estudo e não tá trabalhando. Tem que meter uma boca, roubá um banco, botá umas lojas, tá de bobeira, é? Senão ficar esperando o salário mínimo, quando vê não dá nem pra tu comprar porra nenhuma.

P. – Então o caminho do trabalho é um caminho difícil?

Wellington – Craro. Eu trabalhei num lugar e ganhava 130 por mês. O quê, tá maluco? Meti o pé logo (saiu). Não era nem um salário mínimo.

P. – Que lugar era esse em que você estava trabalhando?

Wellington – Lá no centro da cidade.

P. – Fazia o que?

Wellington – Era tipo um estágio.

P. – Estágio? Estava aprendendo também, ou só trabalhava?

Wellington – Tava aprendendo também. O cara me ensinava negócio de computador.

P. – Então, não valia à pena, não, já que estava aprendendo.

Wellington – Valia a pena? Esse negócio tem que estudar pra caralho. Minha chefe era auxiliar de procuradoria. (P. pergunta se era ligado à justiça) Wellington – Era lá na (...).

P. – Então você tá dizendo que o caminho do estudo é mais difícil. E o outro caminho? Como é o outro caminho?

Wellington – O outro é meter logo um banco logo, boladão, aí. Estourar vários milhão. Áahhm. Comprar várias padarias, vários açougues, várias casas de material de construção. Ficar só na mata, plantando maconha e aguardando (...) o dinheiro, né. Costelinha do lado, churrasquinho toda semana, cachoeira, piscina, várias frutas, os bichos cantando, vários passarinhos na casa, melhor ficar no mato que na cidade, junto com a natureza, planta maconha.

P. – Qual caminho que tu acha melhor?

Wellington – Nenhum dos dois. Nenhum dos dois é melhor. O melhor é ficar com dinheiro no bolso. Não quero saber se vou arrumar dinheiro trabalhando ou assaltando banco.

Uma das meninas fala que ele vai tomar tiro.

Wellington – Do jeito que o tiro vim tá bom. Vou tá com dinheiro. Não quero nem saber.

Cícero – Como é que foi a pergunta?

P. responde. (Elena diz que está cansada).

Wellington – Que vou conseguir emprego? Quando tiver de maior, eu vou é meter um banco. Tenho coragem gordinha (fala se dirigindo a Natalia).

Elena – Vai morrer lá dentro.

Wellington - Morrer? Morrer de tanta felicidade de ficar com tanto dinheiro no bolso.

P. – E essa parada aí que ela falou. Perigo de morrer...

Wellington – Dinheiro não é tudo mas é quase tudo. Sem dinheiro tu come? Tu consegue ir pra outra cidade?

Elena – Eu como, porque minha mãe me sustenta.

Wellington – Mas com o dinheiro dela.

Elena – Dela não, que antes de meu pai morrer ele deixou alguma coisa pra ela que ele não foi desses caras que não deixa nada não.

Wellington - Você pensa assim, eu não penso assim não, eu penso em mim me alimentar.

Elena - Ah, eu penso muito em minha mãe. Ele é um cara sozinho, solitário.

Wellington – Se eu for depender de minha família aí eu vou me fuder, tá ligado, eu penso é em mim malandro, tá ligado. Eu penso em minha independência porque eu nunca dei sorte com meu pai, meu pai é cheio de neurose comigo.

P. – Você morava com seu pai?

Wellington – Você responder essa pergunta não, maluco.

P. – Cheio de neurose como? Não batia, batia de frente?

Wellington – Batia, não falava com meu pai não. Meu pai, quando ele fumava maconha batia neurose comigo.

P. – Aí na hora que vocês fumavam vocês brigavam, é isso?

Wellington – Vocês, aí, é ruim, hein, agente não fumava junto não.

P. – Batia neurose era o que, ficar discutindo, como que era isso?

Wellington – Fumava e começava a falar no meu ouvido.

P. – E ele falava o que?

Wellington – Falava altos bagulho.

P. – Parada que você não gostava, pelo visto.

Wellington – Craro

(Risos, ruídos, comentários incompreensíveis).

Wellington – Quero mostrar na prática que tudo que ele falou pra mim não serviu de nada. Quero dinheiro pra me alimentar, quero viver a minha vida.

P. – Parece que você quer mostrar pro seu pai que você consegue...

Elena – E você não depende dele.

Wellington – Eu não dependo dele.

P. – Cícero o que você acha da questão dos caminhos, qual caminho, trabalho honesto ou entrar pra uma boca, na guerra dos comandos?

Elena – Ah, eu vou sair daqui.

Cícero – A vida, a vida... A vida normal também e boa, tá ligado?

P. – Qual é a vida normal?

Cícero – A vida que a gente leva com papai e mamãe. É escola, é casa, é não sair pra rua, trabalhar é bom, tá ligado?

P. – Você acha mais legal este caminho então?

Cícero – É, mas tudo proibido é mais gostoso.

P. – Tudo que é proibido é mais gostoso?

Wellington – Trabalhar é bom, mas tem que vagar a vez também (...). É bom, tá ligado, se tu chegasse do outro lado, mas mesmo assim, vou trabalhar (...) porra, (...) pra roubar aí.

Elena – Claro, a cara dele. Cara tudo de ladrão.

Wellington – Ladrão não tem cara não. E a cara destes políticos aí. Tem que prender os políticos que roubam milhões.

P. – É. Bandido não tem cara, como é que é cara de bandido?

Elena – Tem que prender eles e tem que levar vocês juntos com eles.

Wellington – Como é que é aí cara de ladrão?

Elena – Ah, pelo amor de Deus.

P. – Bandido tem cara?

Elena – Claro. Tem várias faces, se ele não tiver cara como é que vai ver. (risos).

P. – Você olha a cara do cara e diz que é ladrão, é assim?

Elena – Ele é.

Wellington – Hi, a lá!

Elena - Roubou meu vale.

Wellington Contesta a acusação e avisa que vai ao banheiro.

P. – Está acabando.

Wellington – Vou no banheiro! (irritado).

P. – O que acham então dos caminhos?

Natalia – Os dois caminhos são bom.

Wellington – Se tem dinheiro, tem que ter dinheiro. Dinheiro hoje em dia movimenta tudo.

P. – Você acha melhor um dos caminhos?

Natalia – Todos os dois. (P. – o fora da lei e o do estudo também?) isso.

Todos falam junto (...).

Cícero – Se pudesse ter um emprego maneiro, tá ligado, ir estudando, fazendo um curso.

Elena grita algo (...) repete. Dirijo a pergunta agora para ela.

Natalia quer passar para a última pergunta e fala para o grupo: - figura importante.

P. diz que está acabando.

Elena pede que fale de novo a pergunta. (P. repete).

Natalia responde que os dois e tenta explicar porque os dois. Falando em cima.

Elena – Seria muito bom, né, arrumar um emprego digno, mas também, né, mas (...). Vai pra roubar, vai pro tráfico, sem dinheiro ninguém vive.

P. – Então você está dizendo que seria bom ter um trabalho legal, mas que teria que pagar bem. É isso?

Elena – É, né?

P. – Senão não tem jeito?

Elena – Senão vai ficar fraco.

Natalia – Senão não adianta.

Elena – Dependendo da situação.

P. – E tem outro caminho?

Respondem que não.

P. comenta que tem também o caminho artístico, mas tem que estudar também... Agora figuras importantes: para quem quiser responder primeiro.

P. – Tem alguma pessoa que pesa para você quando você pensa qual caminho vai escolher? Pede para Elena responder primeiro.

Elena – Eu penso, penso na minha mãe. Na minha mãe e nos meus irmãos. Só.

Natalia – Eu penso nos meus irmãos e no meu namorado.

Elena – Eu faço várias coisas, tá entendendo, mas o que eu faço eu acho errado, não acho certo não. Que vai prejudicar tipo a minha mãe, pô.

P. – Várias coisas tipo o que que você faz? Roubar? Que tipo de coisa?

Elena – Não, roubar não. Roubar nunca roubei não. Tipo assim, quando morava com a minha mãe fumava muito. Às vezes minha mãe chorava assim, sabe. Aí quando eu ia fumar, falava assim, pô não vou fumar não por causa da minha mãe. Mas sendo que eu não conseguia parar de fumar, não conseguia e não consigo.

P. – Mas aqui você não parou?

Elena – Aqui, só aqui dentro, que quando eu saio, eu fumo. Aqui dentro eu não tenho não, lá fora eu tenho.

P. – Mas tem que sair pra fumar ou você consegue ficar sem fumar.

Elena – Ah! Tem que sair. E quando eu chegava em casa com os olhos todos vermelhos. “Cristina que olhos são esses?” que tô fumando o que mãe, e eu cheia de fome. Posso tá com qualquer problema que a única que vai tá ali para me receber vai ser ela. Mesmo que... Entendeu. (nessa hora um dos adolescentes canta tipo uma música que fica ao fundo, mas que não dá para entender o que ele está falando).

P. usa o exemplo da resposta de Elena para ilustrar para o grupo como é esta última pergunta. Também para que o grupo preste mais atenção.

P. – O que mais Elena?

Cícero – Se a mãe dela puxa ela para o caminho certo, por que ela está pelo caminho errado?

P. – Que ela estava explicando que a mãe puxa, mas ela não responde muito...

Elena – Eu é que gosto mesmo de ficar na pista aí ó. Olha eu fiquei seis meses fora de casa aí falaram pra minha mãe que me viram que eu tavo grávida de seis meses, caralho aí minha mãe ficou maluca [P. – mas você ficou longe dela seis meses, sem vê-la?] Fiquei, seis meses sem ver ela, sem vê. Aí teve um tempo que minha colega falou que minha mãe chorava muito, tentava me procurar e, pô minha mãe já rodou esse Rio de Janeiro aí todo atrás de mim, já foi em todos os abrigo de menor, em todas as instituição [P. – ela sabe que você está aqui?] eu falo para ela “não fica me procurando não.” Eu não gosto não, pô, me amarro na minha mãe, mas ela gosta muito de mandar, eu gosto de ser liberal, gosto de sair, gosto de curtir, pô, e a minha mãe, ela não deixava, e sabe que hora que fechava o portão lá, dez horas. Dez horas. Esperava todo mundo dormir, tomava banho, botava a roupa, abria a porta, deixava a porta encostada e ia pro baile, voltava só às cinco horas da manhã, com todo mundo dormindo. Às vezes meu padrasto acordava, fechava a porta e já sabia que eu tinha saído. Várias vezes a minha mãe já me pegou na infração assim chegando do baile.

P. dirige a pergunta a outro participante e repete a explicação. Neste momento aproxima-se do grupo Zélia, que participou do primeiro grupo, mas não quis participar deste. Ela pergunta se o gravador é um celular. Digo que não, que é um gravador. Pergunta quanto tempo grava. Respondo. Perguntam se é meu. Digo que sim e explico que vou ter que devolver. Elena diz que deve ser caro. Diz para dar para ela. Repito que vou ter que devolver para pegar o dinheiro de volta. Volto a dirigir a pergunta.

Natalia – Minha mãe. (neste momento os adolescentes já estão pedindo o almoço).

Falam: o mineira, não está na hora não, um dos adolescentes fala: ocê tá muito abusada viu. Repete. (acho que nessa hora Zélia pegou o gravador e eu nem tinha visto, só depois que sinto falta dele e fico bastante preocupado achando-o na mão de Zélia, pegando-o de volta.).

Começa neste momento a ter um pouco de conversas paralelas. Já está na hora do almoço e o grupo está reunido no refeitório, começam a ficar com fome e a ter certa pressão para que termine o grupo. Depois uma das componentes diz para uma das funcionárias da cozinha para ir botando logo a comida na outra mesa, já que ela havia dito que não colocava porque estava esperando terminar o grupo.

P. dirige a pergunta para Wellington

Wellington – Minha avó.

Natalia – Meu tio, irmãos e namorado.

P. – Para qual caminho?

Natalia – Pro caminho bom. (P. – o namorado também?). – para os dois caminhos.

P. faz a mesma pergunta agora com pessoa fora da família, querendo saber se tem alguma pessoa fora da família importante para puxar para um ou outro caminho, incluindo o do crime e tal.

– Tipo alguém assim que se deu bem e quero ser como ele, como é isso pra vocês?

Natalia diz que não.

P. repete a pergunta para Wellington e quando fala que o cara se dá bem, umas das meninas corrige:

– Parece, né, parece que se dá bem.

Wellington – Não quero ser como ninguém. (discute com Natalia por causa de papel).

Natalia – Ih, fala direito.

Wellington – Fala direito é o caralho.

P. dirige a pergunta para Cícero que pede que repita a pergunta (parece que se dispersou um pouco desenhando).

Cícero – Parceiro, vou te dar um papo reto e direto. Diz que não queria ser como ninguém não.

Elena – Vai botando a comida aí (gritando)

Cozinha: – Não sou sua empregada não.

Elena (gritando) – Vai botando.

P. intervém pedindo respeito.

Elena – Tu é a cozinheira da casa. (discussão continua).

P. dirige a pergunta agora a Elena

Elena – Não quero ser como ninguém, não sou melhor nem pior, eu me garanto.

P. termina então o grupo combinando as entrevistas:

ANEXO 3. ROTEIRO DE ENTREVISTA

A) DADOS OBJETIVOS (O):**O1) Idade.**

Quantos anos você tem?

O2) Escolaridade:

Estuda? Em que série está? Até que ano estudou?

B) ETAPA SEMI-ESTRUTURADA DA ENTREVISTA (S):**S1) estado civil / situação.**

Qual é seu estado civil? Solteiro? Casado? Alguma outra situação? Tem filhos?

S2) atividade profissional:

S2.1) Já trabalhou? Qual o último trabalho?

S2.2) O que você acha de trabalhar recebendo um pagamento para isso? O que pensa de um trabalho com carteira assinada?

S2.3) De que tipo de trabalho você gosta? O que você espera do futuro em relação a trabalho?

S3) experiências com o estudo:

S3.1) Gosta de estudar? (O que você acha do colégio?.)

S3.2) Parou de estudar? Por que?

S4) composição familiar (família de origem):

Como é composta a sua família? Quem mora na casa com você?

A numeração segue diminuindo sempre 1

S6) casaⁱ / violências:

S6.1) Como era sua casa?

S6.2) Por que você saiu de lá? Como você acabou vindo morar aqui?

S6.3) Houve alguma situação em que sofreu alguma violência, algum tipo de desrespeito, de abuso? Como foi?

S6.4) Tem vontade de voltar para casa?

S6.5) Por que não volta?

Dependendo da resposta seguir na seqüência ou ir para S7.

S6.6) Está fazendo algum movimento para reaproximar-se de seus responsáveis / familiares?

S6.7) Por que não? (se a resposta de S6.6 for não).

S6.8) E fora de casa. Você já sofreu algum tipo de violência, injustiça, ou preconceito? De Que tipo? Como foi?

S7) Liberdade em casa:

S7.1) Você acha que tinha liberdade em casa? O que você não podia fazer?

S7.3) Você acha que seus pais estavam certos em não deixar você fazer estas coisas?

S8) Infância:

S8.1) conte um pouco sobre a sua infância (alegrias, dificuldades, relação com os pais).

S8.2) Qual foi a melhor coisa que te aconteceu na infância?

S8.3) Qual foi a pior coisa que te aconteceu na infância?

S9) Vida na comunidade: (Como vê a vida na sua comunidade)

S9.1) Do que você mais gostava?

S9.2) do que não gostava no dia-a-dia da sua comunidade?

S10) Amigos:

S10.1) Você tem amigos? O que costumam fazer juntos na comunidade?

S10.2) como é a relação com os amigos. Sobre o que mais gosta de conversar?

S10.3) Qual a importância que você acha que tem para você a relação com seus amigos?

S11) Visão de si:

S11.1) quais são suas principais conquistas na vida?

S11.2) e as principais dificuldades?

S11.3) Como você se vê hoje?

S12) Rituais de Passagem Infância – adolescência:

S12.1) Quando é que um menino deixa de ser criança? (D.128)

S12.2) o que é a adolescência para você?

S13) Vínculos familiares atuais e expectativas de antes e agora:

S13.1) como é sua relação com os pais e irmãos atualmente?

S13.3) a família em que você cresceu é importante em sua vida? Como?

S13.4) O que pensa que a família esperava de você?

S13.5) O que você pensa que a família espera de você agora?

S13.6) Que coisas seriam na família que você constituir seriam diferentes do modo como é a família em que você cresceu?

S14) Pai:

S14.1) O quanto você acha que seu pai funciona como modelo para você?

S14.2) Tem alguém que é ou foi muito importante para você?

S14.3) O que significa pai para você?

S15) Pessoas que impressionam / fatos que deixaram impressão profunda:

S15.1) Alguma pessoa já te impressionou, te marcou muito?

S15.2) Quem?

S15.3) Porque você acha que ficou tão impressionado, ou por que esta pessoa foi tão marcante para você?

S15.4) Você considera alguma destas pessoas como sendo modelos para você?

S15.5) De tudo o que você já viu até hoje, o que mais te impressionou?

S16) Ajuda / Rede:

S9.1) se você estiver precisando de ajuda, quem você procura?

S18) Inimizades / dificuldades com pessoas:

S18.1) existe algum grupo ou pessoa com quem você tem dificuldade de se relacionar? Por que motivo?

S19) Comandos:

S19.1) você se identifica com alguma facção, grupo, ou comando?

S19.2) qual e por que?

S19.3) o que pensam sobre os comandos, em especial o Comando Vermelho:

S19.4) o que é o Comando Vermelho? E o que ele representa para você?

S19.5) você conhece algum outro comando? Quais? E o que você pensa deles?

S19.6) você se sente, de alguma forma, protegido pelos grupos do CV que atuam em sua comunidade?

S19.7) se sim. Do que precisaria ser protegido?

S20) Tráfico e o entrevistado:

S20.1) Qual a sua comunidade? Como é a questão das drogas e do tráfico lá? Percebe o tráfico influenciando na vida da comunidade? Como?

S20.2) Você já conviveu com alguém envolvido? Como foi? O que pensava de andar com alguém envolvido? O que pensa agora?

S20.3) O que você acha que pode atrair um jovem a entrar para o tráfico?

S20.4) Por que será que alguns jovens se envolvem com o tráfico e outros não?

S20.5) Acha que fazer algumas tarefas para o tráfico de drogas é um tipo de trabalho?

S20.6) Você acha que ele se torna mais homem por trabalhar no tráfico?

Respeito:

S20.7) Você acha que o cara começa a ser mais respeitado quando se envolve no trabalho do tráfico?

S20.8) Pode dar algum exemplo?

S20.9) Como você está envolvido nesta questão (do tráfico)? Como via / vê esta situação?

S20.10) Como foi seu primeiro envolvimento com o tráfico de drogas? Por que acha que entrou? Se sente bem fazendo este trabalho?

S20.11) tem alguma figura que influenciou a decisão de entrar para o tráfico?

formação do bandido:

S20.12) Existe algum caminho que a criança ou o adolescente tem que seguir para se tornar parte do tráfico ou ser um bandido? É uma espécie de formação?

Drogas:

S20.13) Você usava drogas? Ainda usa? Quais? Como você percebe o uso de drogas influenciando na entrada de jovens para o tráfico?

S20.14) Qual você acha que é o barato que atrai os jovens para as drogas?

S20.15) Por que será que alguns jovens se envolvem com as drogas e outros não?

Morte:

S20.16) Você já portou armas? Usou? Como foi? O que você acha de um jovem matar uma pessoa em alguma circunstância do tráfico?

S20.17) Você mataria uma pessoa?

S20.18) Você vê a possibilidade de ser morto também? O que sente em relação a isso?

S20.19) Por que acha que saiu? Por que motivos você acha que conseguiu se manter afastado do tráfico de drogas? Futuro? (se quer acrescentar mais alguma coisa?)

(Só para envolvidos: S20.191) Você pensa em deixar de trabalhar no tráfico de drogas?

Responsabilidade e culpa:

S20.20) Você se sente responsável pelo sofrimento causado por alguma de suas ações.

S20.21) E culpado?

Planos para entrada ou saída do tráfico / O que pode ajudar a não se envolver:

S20.22) o que você acha que poderia ser feito para evitar que muitos garotos entrem para o tráfico de drogas?

S21) atuar no tráfico e auto-imagem. (algumas destas perguntas já podem estar respondidas em 20.3, o que faz o rapaz entrar para o tráfico. Verificar antes de perguntar):

S21.1) Como você acha que estar envolvido no tráfico modifica a forma de você (ou de o rapaz) se ver? Você (ou o rapaz) passa a se ver de forma diferente? Em que sentido? Como dinheiro recebido neste trabalho participa desta mudança?

S21.2) Você acha que quando o adolescente está envolvido no tráfico ocorre alguma mudança na forma das meninas o verem? Qual? (se não tiver ainda falado do dinheiro) O dinheiro recebido neste trabalho influi nesta forma das meninas o verem? De que modo?

S21.3) Existe alguma mudança na forma como as meninas são vistas pelas amigas quando estão namorando / ficando com um cara do tráfico? (Cruz e Neto, 129).

S22) Gênero / sexualidade:

S22.1) Como aprendeu as coisas sobre sexo e sexualidade?

S22.2) O quanto você acha importante os jovens namorem (ficar, namorar)? Por quê?

S22.3) você acha que meninos e meninas encaram o namoro da mesma forma? Qual a diferença? Como o homem ou o adolescente de hoje deve relacionar-se com as mulheres ou meninas?

S22.4) O que você diria hoje sobre sua vida sexual? Qual a importância disso para um homem?

S22.5) você acha que meninos e meninas encaram o sexo da mesma maneira? Quais as diferenças?

S22.6) Isso (relacionar-se com o sexo oposto) faz parte de ser homem? Como?

S22.7) na sua opinião, por que tantas meninas estão engravidando?

S23) Gênero / Masculinidade (como é ser homem hoje e como a relação com as meninas entra aí):

S23.1) Como é para você ser homem hoje? Para as meninas: (o que você acha que os adolescentes homens acham que é ser homem hoje?)

S23.2) O que você acha de um jovem que não é violento, que prefere resolver as coisas na conversa, que evita brigar, sair na porrada?

S23.3) Na sua opinião existe alguma relação entre ser homem e trabalhar? Qual é a ligação?

S24) demais interesses:

S24.1) Que outras coisas você gosta de fazer?

S25) Consumo:

S25.1) como é para você a vontade de comprar as coisas, coisas novas? (caso a entrevista seja feita com menina, perguntar como ela vê a situação em relação ao menino).

S25.2) e se não pode comprar, como é que fica?

S25.3) qual você acha que é a importância de roupa nova e de marca na forma de um adolescente se mostrar ao mundo?

S26) sonhos e pesadelos:

S26.1) Quais são seus sonhos (no sentido onírico mesmo)?

S26.2) Quais são seus pesadelos (sentido onírico e figurado)?

S26.3) Que medos você tem em relação ao presente? E em relação ao futuro?

S27) ideal de futuro:

S27.1) Qual o seu ideal de futuro? Como você imagina sua vida no futuro? (trabalho, filhos).

S27.2) E ideal de presente? Qual seria a melhor forma de viver o dia-a-dia em que você está inserido agora? S17.4) Atualmente você está fazendo alguma coisa para caminhar nesta direção?

S17.3) Quais as dificuldades para seguir este caminho? (Foi retirada uma duplicidade de pergunta)

S28) Hierarquia de valores:

S28.1) O que você pensa que são as coisas mais importantes na sua vida? E para um adolescente em geral?

S29) qual a visão que tem da religião:

S29.1) O que pensa da religião? Segue alguma? Tem alguma crença? E seus pais?

S30) Políticas públicas e agentes sociais:

S30.1) o que você acha dos programas de atendimento a adolescentes como você? (te atendem bem? Te dão oportunidade de seguir um caminho que seja legal para você? Quer falar sobre este caminho?).

S30.2) o que você acha da posição dos educadores e técnicos que interagem com você? Você confia neles? Acha que eles estão preocupados com o seu presente e futuro? Por que?

S31) Política e cidadania:

S31.1) como você vê a política? O que você acha dos políticos?

S31.2) quem você acha que manda no país? E no Rio de Janeiro, quem tem mais poder de decidir as coisas?

S31.3) o que é para você ser cidadão? Você se sente um cidadão? Por quê?

C) DESENHO LIVRE.

ANEXO 4. DIOGO – SONHOS E PESADELÓS:

S26.1) Quais são seus sonhos (no sentido onírico mesmo)?

Ser alguém na vida. (E. pede que conte um sonho mesmo, mais significativo que tenha tido ou que tenha de vez em quando). *Pô vários tipos de sonho: sonho que tá se dando bem, sonhei até fantasias sexuais, e o restante é tipo assim como pesadelo, é tipo loucura, é tudo bicho, tá ligado, tem outras paradas, tô dormindo, sonhando pá, trocando tiro, matando os outros, aí já acordo logo, pá, pra ver o que tá acontecendo pá, pô, estranho tio,* relata que às vezes está tendo sonhos com garotas e não tem nem vontade de acordar, sendo acordado pelo tio (educador) para tomar café da manhã, diz que olha para a cara de quem o acordou com a maior cara feia. (E. pergunta se os sonhos são só estes sexuais) Conta que já sonhou que achava dinheiro, andando na praia, uma sacola em seu pé e dentro vários malotes. Conta que estava em outro abrigo e freqüentava a praia de Ipanema. Aí sonhou que o tio os pegava para jogar bola, sonhou então que estava jogando bola, começava a sentir muito calor e dizia que ia para o mar tomar banho, chamando os colegas, mas ninguém queria ir, continuavam a jogar bola, aí foi sozinho. Então estava andando, olhando para o chão até que viu uma sacola, que olhou a sacola assim e pensou que devia ser macumba, mas aquilo despertou seu interesse e curiosidade de saber o que era, que ele é muito curioso, então queria ver o que era, então chegou bem perto, deu aquele chutinho com medo, deu outro, olhou assim até que meteu a mão e quando fez isso viu que era só nota de cem, maços, pegou, juntou tudo, botou nas costas, estava indo embora, e quando estava quase indo embora o educador acordou-o, e foi aquela decepção: *Qual é tio, quando eu ia mudar de vida, pelo menos no sonho! Aí foi essa parada mesmo. Nossa vida é uma comédia, tio (...).* (E. pergunta se lembra de algum outro sonho).

S26.2) Quais são seus pesadelos (sentido onírico e figurado)?

Sonhou que o jornaleiro tinha montado um grupo de extermínio atrás dele e que ele estava parado no bar jogando flipper com um colega e o grupo chega “madeirando” (bater com pedaços de madeira) dando paulada na cabeça nas pernas, que correu, ele e mais três. Um se escondeu e outro correu também, aí tinha uma casa e ele ficou lá agachado, e o moleque, correu e eles foram de carro atrás dele, e quando ele foi pular eles colocaram uma arma na cabeça dele: ‘*pára, pára, pára*’. Ele parou. Aí Diogo levanta a cabeça para olhar e vê o que está acontecendo e vê o cara matando ele: ‘*tau, tau, tau*’. Ele diz para si: ‘*caraca vou morrer*’. Nisso que o cara atirou, o cara olhou pra cima (...) e diz que tem mais um lá em cima, atrás do muro, aí quando o cara ia matá-lo ele acordou: *caraca meu irmão, porra, Deus me livre. Foi essa situação aí que me fez...*
